

J. R. Ward

Amante Liberado

Série Adaga Negra - Vol. 5

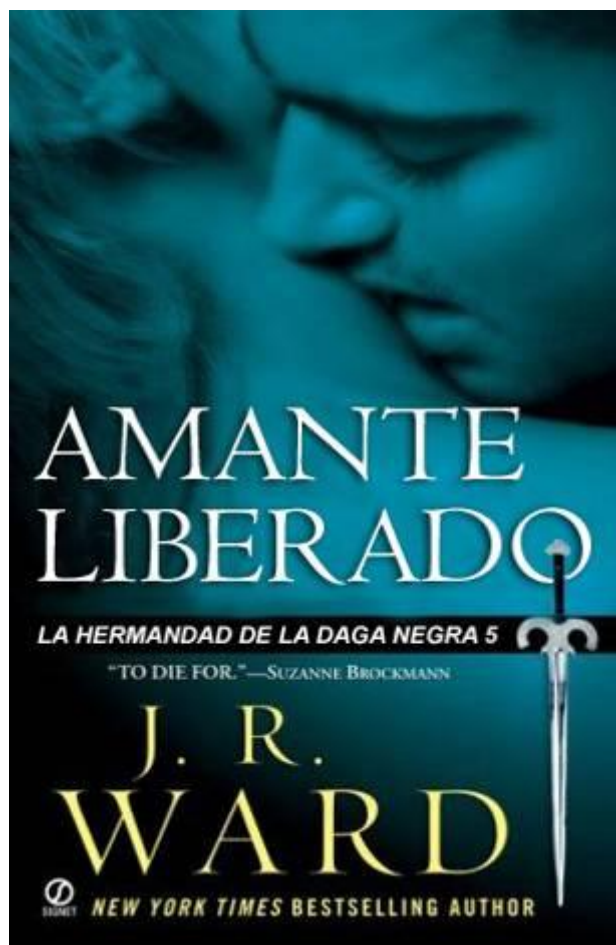
Disponibilização/Tradução/Pesquisa: Yuna, Gisa, Mare e Rosie

Revisão Inicial: Lu Avanço

Revisão Final: Danielle Aguiar

Formatação: Gisa

PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES



A doutora Jane Whitman, chefe da equipe de trauma cardíaco, está a ponto de ir para sua casa ao final de seu turno como toda noite quando chega uma emergência ao centro médico; um homem que levou um tiro no coração. Enquanto Jane o examina, começa a abrigar a suspeita de que seu novo paciente, um homem de aspecto perigoso e sexy, não é de tudo humano. Enquanto se encontra em recuperação, o desconhecido não para de procurar o contato da doutora, pois parece que a presença da mulher o tranqüiliza. E ela, por sua vez, sente-se extramamente fascinada por ele. Jane não demora a descobrir que seu paciente não é outro, senão Vishous, a quem muitos chamam de «V», o vampiro mais inteligente da Irmandade da adaga negra. Mas o torturado passado deste homem levou-o a evitar todo tipo de intimidade com outro ser. A natureza de V o impede de deixar que alguém veja seu lado vulnerável, com exceção de Jane, pois tem a estranha sensação de que ela, e apenas ela, pode compreender...



GLOSSÁRIO

A Irmandade da Adaga Negra

Guerreiros vampiros altamente treinados que protegem aos de sua espécie contra a Lessening Society. Como consequência da seleção genética de sua raça, os Irmãos possuem uma imensa força física e mental, assim como uma extraordinária capacidade regenerativa —podendo recuperar-se de suas feridas de uma maneira assombrosamente rápida. Normalmente não estão unidos por vínculos de parentesco, e são introduzidos na Irmandade mediante a proposta de outros Irmãos. Agressivos, auto-suficientes e reservados, vivem separados do resto dos civis, mantendo apenas contato com os membros de outras classes, exceto quando precisam alimentar-se. São objeto de lenda e reverência dentro do mundo dos vampiros.

Escravo de sangue.

Homem ou mulher vampiro que sujeita sua existência às necessidades alimentícias de outro vampiro. O costume de possuir escravos de sangue foi suspensa há muito tempo, mas ainda não foi abolida.

Escolhida.

Mulher vampiro que foi criada para servir à Virgem Escriba. São consideradas membros da aristocracia, embora seu enfoque seja mais espiritual que temporário. Sua interação com os homens é virtualmente inexistente, mas podem emparelhar-se por ordem da Virgem Escriba para propagar sua espécie. Possuem o dom da vidência.

Doggen.

Constituem a servidão do mundo vampírico. São fiéis a estritas tradições a respeito de como servir a seus superiores e obedecem a um conservador código de comportamento e vestuário. Podem caminhar sob a luz do sol mas envelhecem relativamente rápido. Sua média de vida é de uns quinhentos anos.

O Fade.

Reino atemporal onde os mortos se reúnem com seus entes queridos para passar juntos o resto da eternidade.

Família Principal.

Composta pelo Rei e a Rinha dos vampiros e sua descendência.

Hellren.

Vampiro macho que se emparelhou com uma fêmea. Está permitido que os homens possam ter mais de uma companheira.

Leelan.

Adjetivo carinhoso que se traduz como o/a mais querido/a.

Lessening Society.

Ordem ou organização de assassinos reunida pelo Omega com o propósito de erradicar as espécies vampíricas.

Lesser.

Humanos sem alma, membros da Lessening Society, que se dedicam a exterminar os vampiros. Permanecem eternamente jovens e só pode lhes matar cravando uma adaga no peito. Não comem nem bebem e são impotentes. À medida que passa o tempo, sua pele, cabelo e olhos, perdem pigmentação até que ficam completamente albinos. Soltam um aroma muito parecido ao talco. Quando ingressam na Sociedade — introduzidos pelo Omega— ele lhes extrai o coração e o conserva em um pote de cerâmica.

Período de zelo.

Período de fertilidade das mulheres vampiro. Dura em torno de dois dias e é acompanhado de um forte desejo sexual. Produz-se, aproximadamente, cinco anos depois da transição feminina e, posteriormente, uma vez a cada dez anos. Durante o período de zelo, todos os machos respondem, em maior ou menor medida, à chamada da fêmea o que pode provocar conflitos e brigas entre os mesmos, especialmente quando a fêmea não está emparelhada.

O Omega.

Ente místico e malévolo que quer exterminar a raça vampírica pelo ressentimento que tem para com a Virgem Escriba. Existe em um reino atemporal e possui enormes poderes, embora não o da criação.

Princeps.

A casta mais alta da aristocracia vampírica, só superado pelos membros da Família Principal ou pela do Eleito da Virgem Escriba. É uma casta que se tem por nascimento, sem que possa ser concedido com posterioridade.

Pyrocant.

Termo referido à debilidade vital que pode sofrer todo indivíduo. Esta debilidade pode ser interna, como por exemplo um vício, ou externa, como um amante.

Rythe.

Rito pelo que se tenta apaziguar aquele/aquela cuja honra foi ofendido. Se o rythe é aceito, o ofendido escolhe arma e golpeará com ela ao ofensor, que acudirá desarmado.

A Virgem Escriba.

Força mística conselheira do Rei, guardiã dos arquivos vampíricos e dispensadora de privilégios. Existe em um reino atemporal e tem enormes poderes. Lhe concedeu o dom um único ato de criação que foi o que utilizou para dar vida aos vampiros.

Shellan.

Vampiro fêmea que se emparelhou com um macho. As mulheres vampiros não podem emparelhar-se com mais de um companheiro devido à natureza dominante e territorial destes.

A Tumba.

Cripta sagrada da Irmandade da Adaga Negra. Utilizada como convocação cerimoniosa e como armazém para os potes dos lessers. As cerimônias ali realizadas incluem iniciações, funerais e ações disciplinadoras contra os Irmãos. Ninguém pode entrar, exceto os membros da Irmandade, a Virgem Escriba, ou os candidatos à iniciação.

Transição.

Momento crítico na vida de um vampiro no qual ele ou ela se transforma em adulto. Depois da transição, o novo vampiro deve beber sangue do sexo oposto para sobreviver e, a partir desse momento, não pode suportar a luz do sol. Geralmente ocorre na idade de vinte e cinco anos. Alguns vampiros não sobrevivem a este momento, especialmente os varões. Previamente à transição, os vampiros são fracos fisicamente, sexualmente ignorantes e incapazes de desmaterializarse.

Vampiro.

Membro de uma espécie diferente da humana. Para sobreviver devem beber sangue do sexo oposto. O sangue humano os mantém com vida, embora a força que lhes outorga não dura muito tempo. Uma vez que superam a transição, são incapazes de expor-se à luz do sol e devem alimentar-se obtendo o sangue diretamente da veia. Os vampiros não podem transformar aos humanos com uma mordida ou através de uma transfusão, e em raras ocasiões podem reproduzir-se com membros de outras espécies. Podem desmaterializar-se a vontade, mas para isso devem estar calmos, concentrados e não vestir ou carregar nada pesado. São capazes de apagar as lembranças dos humanos, sempre que essas lembranças não sejam distantes. Alguns vampiros podem ler a mente. A esperança de vida é indeterminável.

PRÓLOGO

*Greenwich Country Day School
Greenwich, Connecticut
Vinte anos atrás.*

— Pegue-a já Jane.

Jane Whitcomb pegou a mochila.

— Vem, não é?

— Disse-lhe isso esta manhã. Sim.

— OK. — Jane olhou sua amiga dirigir-se abaixo pela calçada até que soou uma buzina. Endireitando a jaqueta, ergueu os ombros e se voltou para o Mercedes-benz. Sua mãe estava olhando fixamente pelo vidro do acompanhante, com o cenho franzido.

Jane se apressou a cruzar a rua, a chamativa mochila que continha o contrabando fazendo muito ruído, em sua opinião. Saltou para o assento traseiro e escondeu a coisa sob seus pés. O carro começou a rodar antes que tivesse fechado a porta.

— Seu pai virá para casa esta noite.

— O que? — Jane subiu os óculos sobre o nariz — Quando?

— Esta noite. Assim temo que...

— Não! Prometeu!

Sua mãe olhou por cima do ombro.

— Espero suas desculpas, juvenzinha.

Jane exclamou.

— Prometeu isso para meu aniversário de treze anos, supunha-se que Katie e Lucy...

— Já liguei para suas mães.

Jane se deixou cair contra assento do carro.

A mãe levantou os olhos para o espelho retrovisor.

— Tira essa expressão de seu rosto, por favor. Crê que é mais importante que seu pai? Realmente?

— É obvio que não. Ele é Deus.

O Mercedes se desviou para a sarjeta com uma sacudida e os freios chiaram. Sua mãe se virou, levantou a mão, e sustentou a pose, com o braço tremendo.

Jane se encolheu aterrada.

Depois de um momento de indecisa violência, sua mãe se voltou, alisando o cabelo perfeitamente penteado com a palma de sua mão, que se via tão firme como a água fervente.

— Você... não se reunirá conosco para o jantar desta noite. E me desfarei do bolo.

O carro começou a andar novamente.

Jane enxugou as bochechas e baixou a vista para a mochila. Nunca tinha dormido fora de casa antes. Tinha rogado por meses.

Arruinado. Agora tudo estava arruinado.

Permaneceram em silêncio todo o caminho de volta para casa, e quando o Mercedes estacionou na garagem a mãe de Jane saiu do carro e caminhou para a casa sem olhar para trás.

— Já sabe aonde ir. — foi tudo o que disse.

Jane ficou no carro, tratando de recompor-se. Logo pegou a mochila e os livros e se arrastou através da cozinha. Richard, o cozinheiro, estava inclinado sobre a lata do lixo atirando um bolo decorado com uma cobertura de açúcar e flores de cor vermelha e amarela.

Não disse nada a Richard porque tinha a garganta apertada como um punho. Richard não lhe disse nada porque não a apreciava. Não apreciava ninguém à exceção de Hannah.

Enquanto Jane passava pela porta de serviço dirigindo-se a sala de jantar, não queria encontrar-se com sua irmã mais nova e rezou para que Hannah estivesse na cama. Havia se sentido doente essa manhã. Provavelmente porque tinha que fazer um resumo a respeito de um livro.

No caminho para a escada, Jane viu sua mãe na sala.

As almofadas da poltrona. Outra vez.

Sua mãe ainda usava o casaco de lã azul pálido e tinha o cachecol de seda na mão, e sem lugar a dúvida ia ficar vestida assim até que estivesse satisfeita com a forma que luziam as almofadas. O que poderia demorar um pouco. Os padrões com os quais as comparavam eram os mesmos padrões que para o cabelo: suavidade total.

Jane subiu a seu quarto. A única esperança a estas alturas era que seu pai chegasse depois do jantar. Dessa maneira, embora se inteirasse de que fora castigada, ao menos não teria que observar seu assento vazio. Como sua mãe, odiava algo desconjurado, e que Jane não estar na mesa de jantar era algo totalmente desconjurado.

A extensão do sermão que ouviria dele seria mais maior dessa forma, porque teria que incluir ambas as coisas, tanto a decepção que lhe causava à família com sua ausência no jantar, como também o fato de que tinha sido mal educada com sua mãe.

No segundo andar, o quarto amarelo dourado de Jane era como todo o resto da casa: suave como o cabelo e as almofadas da poltrona e a forma como falavam as pessoas. Nada desconjurado. Tudo era de classe de congelada perfeição como o que se via nas revistas sobre casas.

A única que não se encaixava era Hannah.

Colocou a mochila no armário, sobre os mocassins e os Mary Janes¹, logo Jane trocou o uniforme do instituto por uma camisola de flanela Lanz. Não havia razão para vestir-se. Não ia a nenhum lugar.

Levou a pilha de livros para a branca mesa. Tinha lição de inglês. Álgebra. Francês.

Olhou para seu mesinha de cabeceira. Noites da Arábia a esperavam.

Não podia pensar em uma forma melhor de passar o castigo, mas os deveres vinham primeiro. Tinha que ser assim. Se não, se sentiria muito culpada.

Duas horas depois estava na cama com Noites sobre o colo quando se abriu a porta e apareceu a cabeça de Hannah. Seu encaracolado cabelo ruivo era outra raridade. O resto deles eram loiros.

—Trouxe comida.

Jane se sentou, preocupada com sua irmã mais nova.

—se meterá em problemas.

—Não, isso não ocorrerá. —Hannah deslizou para dentro, levando uma pequena cesta na mão com um guardanapo de tecido, um sanduiche, uma maçã e uma bolacha— Richard me deu isso para que pudesse tomar um lanche durante a noite.

—E o que tem você?

—Não tenho fome. Aqui tem muito.

—Obrigada, então. —Jane tomou a cesta enquanto Hannah se sentava ao pé da cama.

—Então o que foi o que fez?

Jane sacudiu a cabeça e mordeu o sanduiche de rosbife.

—Zanguei-me com mamãe.

¹ Tipo de sapato escolar

—Porque não podia ter sua festa?

—Uh-huh.

—Bom... tenho algo para animar você. —Hannah deslizou um pedaço de cartolina dobrada sobre o edredom— feliz aniversário!

Jane olhou o cartão e piscou rapidamente um par de vezes.

—Obrigada....

—Não fique triste, eu estou aqui. Olhe seu cartão! Fiz-o para você.

No frente, desenhadas com a torpe mão de sua irmã, havia duas figuras juntas. Alguém tinha cabelo murcho e loiro e a palavra Jane escrita debaixo. A outra tinha cabelo ruivo encaracolado e tinha o nome Hannah a seus pés. Estavam de mãos dadas e tinham amplos sorrisos sobre os redondos rostos.

Justo quando Jane ia abrir o cartão, um par de faróis deslizaram pelo frente da casa e começaram a avançar pela entrada de carros.

—Papai está em casa —vaiou Jane— Será melhor que saia daqui.

Hannah não parecia tão preocupada como estaria habitualmente, provavelmente porque não se sentia bem. Ou talvez estivesse distraída com... bom, com o que fosse que Hannah se distraí. Passava a maior parte do tempo sonhando acordada, provavelmente era por isso que estava feliz todo o tempo.

—Vai, sério.

—Certo. Mas realmente lamento que tenha ficado sem sua festa. —Hannah se arrastou para a porta.

—Hey. Eu gostei do cartão.

—Não olhou dentro ainda.

—Não tenho que fazê-lo. Eu gosto porque você o fez para mim.

O rosto da Hannah revelou um de seus sorrisos de margarida, do tipo que lembrava a Jane os dias ensolarados.

—É a respeito de você e de mim.

Enquanto a porta se fechava, Jane escutou as vozes de seus pais que subiam o vestíbulo. Velozmente comeu o lanche da Hannah, colocou a cesta entre as dobras das cortinas próximas à cama, e foi para a pilha de livros escolar. Pegou o livro Memórias do Clube Pickwick de Charles Dickens e o levou para cama com ela. imaginava que se estivesse trabalhando em coisas do instituto quando seu pai entrasse, ganharia alguns pontos a seu favor.

Seus pais subiram uma hora depois e se esticou, esperando que seu pai a chamasse. Não o fez.

O que era estranho. Era, em seu caráter dominante, tão confiável como um relógio, e havia um estranho consolo em seu caráter previsível, embora não gostasse de lidar com ele.

Deixou de lado Pickwick, apagou a luz, e colocou as pernas sob o edredom com babados. Deitada sob o dossel da cama não podia dormir, e eventualmente escutou o relógio do avô que estava na parte superior da escada tocar doze vezes.

Meia-noite.

Saindo da cama, foi para o armário, tirou a mochila e a abriu. O tabuleiro da Ouija caiu para fora, abrindo-se e aterrissando de barriga para cima sobre o chão. Pegou-o com rapidez, como se pudesse haver quebrado algo e logo tomou o ponteiro.

Ela e seus amigas tinham estado esperando para jogar esse jogo porque todas queriam saber com quem iriam se casar. Jane gostava de um menino chamado Victor Browne, que estava em sua classe de matemática. Ultimamente tinham conversado um pouco, e realmente pensava que

poderiam formar um casal. O problema era que não estava certa do que ele sentia por ela. Talvez só o agradasse porque lhe dava todas as respostas.

Jane deixou o tabuleiro sobre a cama, descansou as mãos no ponteiro e deu uma profunda inspiração.

—Qual é o nome do menino com o que vou casar?

Não esperava que a coisa se movesse. E não o fez.

Depois de tentá-lo um par de vezes mais se recostou para trás frustrada. Depois de um minuto bateu a parede atrás da cabeceira. Sua irmã devolveu o golpe, e um pouco depois Hannah entrava às escondidas através da porta. Quando viu o jogo, entusiasmou-se e saltou sobre a cama, fazendo ricochetear o ponteiro no ar.

—Como se joga?

—Shhh! —Deus, se as apanhavam assim, seriam realmente castigadas. Por toda vida.

—Sinto muito. —Hannah subiu as pernas e se abraçou a elas para evitar voltar a colocar a mão— Como...?

—Faz perguntas e ele diz as respostas.

—O que podemos perguntar?

—Com quem vamos nos casar. —Certo, agora Jane estava nervosa. O que aconteceria se resposta não fosse Víctor?— Começemos com você. Ponha os dedos sobre o ponteiro, mas não empurre nem nada. Só... assim, sim. OK... Com quem vai casar a Hannah?

O ponteiro não se moveu. Mesmo depois de Jane repetir a pergunta.

—Está quebrado. —disse Hannah, tirando as mãos.

—Me deixe provar com outra pergunta. Ponha as mãos outra vez. —Jane inspirou profundamente— Com quem eu vou casar?

Um leve som de chiaso se elevou do tabuleiro quando o ponteiro começou a mover-se. Quando descansou sobre a letra V, Jane tremeu. Com o coração na garganta, observou-o mover-se para a letra I.

—É Víctor! —disse Hannah— É Víctor! Vai se casar com Víctor!

Jane não se incomodou em fazer calar sua irmã. Isto era muito bom para ser ver...

O ponteiro aterrissou sobre a letra S. S?

—Isto está errado. —disse Jane tem que estar errado...

—Não pare. Vejam quem é.

Mas se não era Víctor, não sabia quem poderia ser. E que tipo de menino tinha um nome como Vis...

Jane lutou para redireccionar o ponteiro, mas insistia em ir para a letra H. Logo O, U e outra vez a S.

VISHOUS.

O temor revestiu o interior das costelas de Jane.

—Disse a você que estava quebrado. —murmurou Hannah— Quem se chama Vishous?

Jane apartou a vista do tabuleiro, logo se deixou cair para trás sobre os travesseiros. Este era o pior aniversário que tinha tido.

—Talvez deveríamos tentar de novo. —disse Hannah. Quando Jane duvidou, franziu o cenho— Vamos, eu também quero uma resposta. É o justo.

Voltaram a pôr os dedos sobre o ponteiro.

—O que me darão de presente de Natal? —perguntou Hannah.

O ponteiro não se moveu.

—Tenta uma pergunta que implique um sim ou um não para começar.—disse Jane ainda assustada pela palavra que tinha saído a ela. Talvez o tabuleiro não soubesse soletrar?

—Me darão de presente algo no Natal? —disse Hannah.

O ponteiro começou a chiar.

—Espero que seja um cavalo. —murmurou Hannah enquanto o ponteiro fazia um círculo—
Devi ter perguntado isso.

O ponteiro se deteve no não.

Ambas o olharam fixamente.

Hannah abraçou a si mesma.

—Eu também quero presentes.

—É só um jogo. —disse Jane, fechando o tabuleiro— Além disso, a coisa na verdade está quebrada. Ele caiu.

—Quero presentes.

Jane se estirou e abraçou a sua irmã.

—Não se preocupe pelo estúpido tabuleiro. Eu sempre compro algo para você no Natal.

Um momento mais tarde quando Hannah se foi, Jane voltou a meter-se entre os lençóis.

Estúpido tabuleiro. Estúpido aniversário. Estúpido tudo.

Enquanto fechava os olhos, deu-se conta que nunca tinha olhado o cartão de sua irmã. Reacendeu a luz e o recolheu da mesinha de cabeceira. Dentro dizia, Sempre estaremos juntas pelas mãos! Amo você! Hannah!

Essa resposta que lhes tinha dado a respeito do Natal estava completamente equivocado. Todo mundo amava a Hannah e lhe comprava presentes. Em algumas ocasiões até podia influenciar seu pai, e ninguém mais podia fazer isso. Assim era certo que lhe dariam presente.

Estúpido tabuleiro...

Depois de um momento Jane dormiu. Devia havê-lo feito, porque Hannah a despertou.

—Está tudo bem? —disse Jane, sentando-se. Sua irmã estava de pé junto à cama vestindo a camisola de flanela, e com uma estranha expressão no rosto.

—Devo ir. —a voz de Hannah era triste.

—Ao banheiro? Vai vomitar? —Jane apartou as mantas—. Irei com...

—Não pode. —suspirou Hannah— Devo ir.

—Bom, se o desejar, quando terminar de fazer o que tem que fazer, pode voltar aqui para dormir.

Hannah olhou para a porta.

—Estou assustada.

—Estar doente sempre assusta. Mas sempre pode contar comigo.

—Devo ir. —quando Hannah olhou para trás, via-se... maior, de certa forma. Nada há ver com os dez anos que tinha— Tratarei de voltar. Esforçarei-me por fazê-lo.

—Um... certo. —Talvez sua irmã tinha febre ou algo assim?— Quer que vá despertar a mamãe?

Hannah negou com a cabeça.

—Só queria ver você. Volte a dormir.

Quando Hannah se foi, Jane se afundou entre os travesseiros. Pensou em ir ver como estava sua irmã no banheiro, mas o sono a reclamou antes que pudesse seguir esse impulso.

Na manhã seguinte Jane despertou com o som de fortes pisadas correndo pelo corredor. A princípio assumiu que alguém tinha atirado algo que estava deixando uma mancha no tapete ou sobre uma cadeira ou uma colcha. Mas logo ouviu as sirenes da ambulância no caminho de entrada.

Jane saiu da cama, olhou pelas janelas dianteiras, logo colocou a cabeça no corredor. Seu pai estava falando com alguém na parte de baixo, e a porta do quarto de Hannah estava aberta.

Na ponta dos pés, Jane caminhou pelo tapete oriental, pensando que habitualmente sua irmã nunca se levantava tão cedo aos sábados. Devia sentir-se realmente doente.

Deteve-se na porta. Hannah jazia sobre a cama, com os olhos abertos fixos no céu raso, a pele tão branca como os antigos lençóis brancos como a neve sobre as que estava estendida.

Não piscava.

Na canto oposto do quarto, tão longe como lhe era possível de Hannah, sua mãe estava sentada no assento da janela, com o vestido de seda cor marfim formando redemoinhos ao seu redor.

—Volte para a cama. Agora.

Jane correu a seu quarto. Justo quando fechava a porta, viu seu pai subir a escada com dois homens de uniforme azul marinho. Estava falando com autoridade e ouviu as palavras congênita coração algo.

Jane saltou sobre a cama e cobriu a cabeça com os lençóis. Enquanto tremia na escuridão, sentiu-se muito pequena e muito assustada.

O tabuleiro tinha razão. Hannah não teria presentes de Natal e não se casaria com ninguém.

Mas a irmã mais nova de Jane cumpriu sua promessa. Sim, ela retornou.

CAPÍTULO 1

—Não me sinto nada bem com esta calça de couro.

Vishous levantou a vista do grupo de computadores. Butch Ou’Neal estava de pé na sala do Pit com um par de calças de couro sobre as coxas e uma expressão de deve estar brincando no rosto.

—Não ficaram bem? —perguntou V a seu companheiro de quarto.

—Esse não é o problema. Não se ofenda, mas são raros os que gostam de se vestir como os Village People —Butch levantou os fortes braços e caminhou em círculo, a luz refletindo-se em seu peito nu— Quero dizer, olha isso.

—São para lutar, não para estar na moda.

—Também são as saias escocesas, mas não me vê enrolando um tartán.

—E dou graças a Deus por isso. Tem as pernas muito arqueadas para pôr essa merda.

Butch assumiu uma expressão aborrecida.

—Me morda o traseiro.

Eu gostaria, pensou V.

Encolhendo os ombros foi em busca de seu pacote de tabaco turco. Enquanto tirava o papel para enrolar, depositava uma linha, e a atava até transformá-la em um cigarro, fez o que passava muito tempo fazendo: recordou a si mesmo que Butch estava felizmente emparelhado com o amor de sua vida, e que, mesmo que não estivesse, ele não jogava nesse time.

Enquanto o acendia e inalava, tratou de não olhar o poli e falhou. Maldita visão periférica. Sempre acontecia o mesmo.

Homem, era um estranho pervertido. Especialmente dado quão unidos estavam. Nos últimos nove meses se aproximou do Butch mais que a ninguém que tivesse conhecido em seus trezentos anos de vida. Morava com o macho, embebedava-se com ele, exercitava-se com ele. Tinha atravessado a morte, vida, profecias e destino com ele. Tinha-o ajudado a romper as leis da natureza para converter o cara de humano a vampiro, além disso o curava quando usava seu

poder especial com os inimigos da raça. Também o tinha proposto como membro da Irmandade... e esteve a seu lado quando se emparelhou com sua shellan.

Enquanto Butch passeava como se estivesse tratando de acostumar-se às calças de couro, V olhou fixamente as sete letras que estavam gravadas em suas costas em idioma antigo: MARISSA. V tinha gravado os dois A, e tinham ficado bem, apesar do fato de sua mão tremer todo o tempo.

—Sim. —disse Butch— Não estou certo de que me assentam direito.

Depois da cerimônia de emparelhamento, V tinha desocupado o Pit nesse dia para que o feliz casal tivesse privacidade. Foi-se cruzando o pátio do Complexo e se encerrou no quarto de hóspedes da mansão com três garrafas de Grei Goose. Embebedou-se até saturar-se, realmente, alagado como um cultivo de arroz, mas não tinha conseguido alcançar a meta de desmaiar. A verdade o tinha mantido implacavelmente acordado: V estava ligado a seu companheiro de quarto de uma forma que complicava as coisas mas que ainda assim não mudava nada.

Butch sabia o que acontecia. Demônios, eram os melhores amigos, e ele podia ler V melhor que qualquer outra pessoa. E Marissa sabia porque não era estúpida. E a Irmandade sabia porque esses estúpidos fofoqueiros idiotas nunca o deixavam manter segredos.

Todos estavam tranqüilos a respeito disso.

Ele não. Não podia suportar as emoções. Nem a si mesmo.

—Vai provar o resto do equipamento? —perguntou enquanto exalava— Ou quer se queixar um pouco mais pelas calças?

—Não me provoque que soco você.

—Por que se privar de seu passatempo favorito?

—Porque estão começando a doer meus dedos. —Butch caminhou por volta de uma das poltronas e recolheu o arnês para o peito. Ao deslizá-lo pelos amplos ombros, o couro perfilou seu torso à perfeição — Merda, como fazem para que ajuste tão bem?

—Tomei as medidas, lembra?

Butch o fechou em seu lugar, se inclinou e passou a ponta dos dedos ao longo da tampa de uma caixa negra laqueada. Atrasou-se sobre as letras da Irmandade da Adaga Negra, logo riscou os caracteres na Antiga Língua que soletravam Dhestryer, descendente de Wrath, filho de Wrath.

O novo nome de Butch. A antiga e nobre linhagem de Butch.

—OH, merda, abre-o. —V esmagou o cigarro, enrolou outro, e o acendeu. Homem, era bom que os vampiros não pudessem ter câncer. Ultimamente tinha estado fumando um após o outro como um criminoso — De uma vez.

—Ainda não posso acreditar.

—Só abre a condenada coisa.

—Realmente não posso...

—Abre-a. —a estas alturas, V estava suficientemente irritado para sair levitando da maldita cadeira.

O poli acionou o mecanismo de ouro maciço da fechadura e levantou a tampa. Sobre uma base de cetim vermelho havia quatro adagas iguais de lâmina negra, cada uma precisamente calibrada para o físico de Butch, afiadas com um fio mortal.

—Santa María, Mãe de Deus... são lindas.

—Obrigado. —disse V ao exalar— Também faço um pão excelente.

Os olhos cor avelã do poli dispararam ao outro lado da sala.

—As fez para mim?

—Sim, mas não é grande coisa. Fiz para todos nós. —V levantou a mão direita enluvada— Como sabe, sou bom com o calor.

—V... obrigado.

—Não há necessidade. Como disse, sou o homem das espadas. Faço-as todo o tempo.

Sim... só que talvez não com tanta concentração. Para Butch, passou quatro dias seguidos trabalhando nelas. Uma maratona de dezesseis horas trabalhando com sua maldita mão brilhante sobre o aço misto tinham provocado dor nas costas e que se cansassem os olhos, mas maldita seja, tinha estado decidido a obter que cada uma fosse digna do macho que as empunharia.

Ainda não eram o suficientemente boas.

O poli tirou uma das adagas, e enquanto a sustentava na palma da mão seus olhos brilharam.

—Jesus... sente esta coisa. —começou a oscilar a arma para trás e para frente de seu peito— Nunca segurei nada tão bem feito. E o punho. Deus... é perfeito.

A adulação agradou V mais que qualquer outra que tivesse recebido antes.

Por isso o irritou como a merda.

—Sim, bom, supõe-se que são assim, certo? —esmagou o cigarro no cinzeiro, oprimindo o frágil brilho da ponta— Não tem sentido que saia ao campo de batalha com um jogo de Ginsu².

—Obrigado.

—Tudo bem.

—V, sério...

—Que se foda. —Quando não houve uma resposta rápida, levantou a vista.

Merda. Butch estava de pé frente a ele, os olhos cor avelã do poli obscurecidos com um conhecimento do que V não queria que ele fosse consciente.

V baixou a vista para o acendedor.

—Como é, poli, são só facas.

A negra ponta da adaga deslizou sob o queixo de V e lhe empurrou a cabeça para cima. Ao ser forçado a encontrar o olhar de Butch, o corpo de V se esticou. Logo ficou a tremer.

Com a arma unindo-os, Butch disse:

—São perfeitas.

V fechou os olhos, desprezando a si mesmo. Logo deliberadamente se apoiou na folha para que morderse sua garganta. Tragandoa labareda de dor, absorveu-a em suas vísceras, usando-a como um aviso de que era um fodido estranho, e os estranhos se mereciam ser feridos.

—Vishous, me olhe.

—Me deixe em paz.

—Me obrigue.

Por meio segundo V quase se lançou para ele, preparado para bater no bastardo. Mas logo Butch disse:

—Só estou agradecendo por fazer algo bom. Não é a uma grande coisa.

Não era grande puta coisa? Os olhos de V relampejaram e os sentiu flamejar.

—Isso é mentira. Por razões das quais é muito fodidamente consciente.

Butch retirou a lâmina, e quando o braço do macho caiu, V sentiu uma gota de sangue lhe correr pelo pescoço. Era cálida... e suave como um beijo.

—Não diga que sente muito. —murmurou V no silêncio— Sou propenso a me pôr violento.

—Mas é verdade.

—Não há nada pelo que pedir desculpas. —homem, já não podia suportar viver ali com Butch. Entendam isso como Butch e Marissa. O constante aviso do que não podia ter e não devia desejar estava matando-o. E Cristo sabia que já estava em péssima forma. Quando tinha sido a última vez que tinha dormido durante o dia? Não desde fazia semanas e semanas.

² Marca de panelas de cozinha

Butch embainhou a lâmina no arnês do peito, com a ponta para baixo.

—Não quero que se sinta mal...

—De maneira nenhuma vamos discutir mais sobre isto. —ficando o dedo indicador na garganta, V enxaguou o sangue provocado pela lâmina que tinha forjado. Enquanto o lambia, a porta oculta que levava ao túnel subterrâneo se abriu e o aroma do oceano encheu o Pit.

Marissa apareceu em um canto, vendo-se tão bem como Grace Kelly como era habitual. Com o longo cabelo loiro e o rosto perfeitamente formado, era conhecida por ser a grande beleza da raça, e até V, que não gostava do tipo, devia reconhecê-lo.

—Olá, meninos... —Marissa se deteve e olhou fixamente para Butch— Deus... querido... olhe essas calças.

Butch se encolheu.

—Sim, sei. São...

—Pode vir aqui? —começou a retroceder pelo vestíbulo para o corredor que levava a seu dormitório— Preciso que venha comigo um minuto. Ou dez.

O aroma da vinculação de Butch flamejou até transformar-se em um apagado rugido, e V soube perfeitamente bem que o corpo dele estava endurecendo para o sexo.

—Carinho, pode me ter tanto tempo quanto desejar.

Quando estava saindo da sala, o poli lançou um olhar sobre seu ombro.

—Sinto-me muito bem com estas calças de couro. Diga ao Fritz que quero cinquenta dessas, o mais rápido possível.

Quando o deixaram sozinho, Vishous se inclinou sobre o Alpine³ e pôs Music is my Savior do MIM'S. Enquanto o rap ressoava, pensou em como estava acostumado a usar essa merda para afogar os pensamentos das demais pessoas. Agora que suas visões terminaram e todo o assunto de ler a mente tinha feito Poof! Usava esses sons graves para evitar ouvir seu companheiro de quarto fazendo amor.

V esfregou o rosto. Realmente tinha que sair dali. Por um tempo tratou de fazer que se mudassem, mas Marissa sustentava que o Pit era “acolhedor” e que gostava de viver ali. O que tinha que ser mentira. A metade da sala estava ocupada pelo pimbolim, ESPN⁴ estava na TV sem som as vinte e quatro horas dos sete dias da semana, e sempre estava soando o rap duro. O geladeira era uma zona mitralitar marcada com baixas podres de Taco Hell e Arby'S. O Grei Goose e o Lagavulin eram as únicas bebidas que havia na casa. O material de leitura se limitava ao Sports Illustrated e... bom, mais edições do Sports Illustrated.

Assim, sim, por aí não havia um monte de adoráveis patinhos e coelhinhos. O lugar era em parte uma fraternidade e em parte um vestuário. Decorado pelo Derek Jeter⁵.

E no que se referia a Butch? Quando V tinha sugerido um pouco de ação com a compainha de mudança O-Haul⁶, o poli tinha dirigido um olhar imparcial a ele através da poltrona, tinha sacudido a cabeça uma vez, e tinha partido para a cozinha para procurar mais Lagavulin.

V se recusava a acreditar que ficavam porque estavam preocupados com ele ou alguma porcaria assim. A mesma idéia o deixava louco.

³ Marca de equipamentos de áudio

⁴ Canal de esportes

⁵ Jogador de Beisebol dos EUA

⁶ Companhia que aluga caminhões para mudanças.

Ficou de pé. Se ia haver uma separação, ia ter que ser ele a dar o primeiro passo. O problema era, que não ter Butch a seu redor todo o tempo... era impensável. Era melhor a tortura que padecia agora que o exílio.

Olhou o relógio e imaginou que bem poderia tomar o túnel subterrâneo e dirigir-se à casa grande. Embora o resto da Irmandade da Adaga Negra vivesse nesse monstro recoberto de pedra que era a mansão vizinha, havia muitos quartos desocupados. Talvez devesse provar um para ver se se acostumava. Por alguns de dias.

O pensamento fez que lhe revolvesse o estômago.

Em seu caminho à porta, chegou-lhe um pouco do aroma do vínculo que flutuava do quarto de Butch e Marissa. Quando pensou no que estava ocorrendo ali, seu sangue esquentou inclusive enquanto a vergonha fazia que lhe arrepiasse a pele.

Proferindo uma maldição, caminhou para sua jaqueta de couro e tirou o telefone celular. Enquanto discava, seu peito estava tão quente como um refrigerador de carne, mas ao menos sentia como se estivesse fazendo algo a respeito da obsessão que tinha.

Quando a voz feminina respondeu, V cortou o rouco olá.

—Ao anoitecer. Hoje. Sabe como se vestir, e usará o cabelo afastado do pescoço. O que me diz?

A resposta foi um ronrono de submissão.

—Sim, meu lheage.

V pendurou e atirou o celular sobre o escritório, observando como ricocheteava e terminava repousando contra um dos quatro teclados. À fêmea que tinha escolhido para esta noite gostava das coisas especialmente duras. E ia ter isso.

Porra, verdadeiramente era um perverso. Até a medula. Um impenitente desviado sexual... que de alguma forma era famoso dentro da raça pelo que era.

Cara, era absurdo, mas bom, os gostos e motivações das fêmeas sempre tinham sido extravagantes. E sua fantástica reputação não era mais significativa para ele do que o eram suas ajudantes. Tudo o que importava era que tivesse voluntárias para suas necessidades sexuais. O que se dissesse dele, só era uma masturbação oral para bocas que precisavam estar ocupadas de alguma forma.

Enquanto caminhava pelo túnel e se dirigia para a mansão estava completamente de saco cheio. Graças à estúpida rotação dos horários que a Irmandade praticava, não estava permitido sair ao campo de batalha essa noite, e odiava isso. Certamente preferia estar caçando e matando os assassinos não mortos que perseguiam a sua raça que estar sentado sobre seu traseiro.

Mas havia formas de fazer desaparecer um caso de frustração sexual.

Para isso pareciam as restrições e os corpos bem dispostos.

Phury entrou na cozinha tamanho industrial da mansão e congelou da forma que se faz quando se enfrenta a uma ferida acidental do tipo das que são muito sangrentas: a sola de seus sapatos ficaram cravadas no chão, sua respiração parou, e seu coração saltou um batimento e logo disparou.

Antes que pudesse dar marcha ré pela porta de serviço, pegaram-no.

Bela, a shellan de seu gêmeo, elevou a vista e sorriu.

—Olá.

—Olá. —Sai. Agora.

Deus, cheirava tão bem.

Ondeu a faca que tinha na mão sobre o peru assado que tinha estado cortando.

—Quer que te faça um sanduiche?

—O que? —disse como um idiota.

—Um sanduiche. —apontou a lâmina ao pão, o pote de maionese quase vazio, a alface e os tomates— Deve ter fome. Não comeu muito na última refeição.

—Ah, Sim... não, não tenho... —seu estômago danificou a mentira ao grunhir como a besta vazia que era. Bastardo.

Bela sacudiu a cabeça e voltou a trabalhar sobre o peito do peru.

—Pegue um prato e sente-se.

OK, isto era a última coisa que precisava. Era melhor ser enterrado vivo que sentar-se a sós na cozinha enquanto ela preparava a comida com suas lindas mãos.

—Phury. —disse sem levantar a vista— Prato. Assento. Agora.

Acessou porque a pesar do fato de que provinha de uma linhagem de guerreiros, de que era um membro da Irmandade e a ultrapassava em peso por umas boas quarenta quilos, era um inútil e um debiloide quando se tratava dela. A shellan de seu gêmeo... a shellan grávida de seu gêmeo... não era alguém a quem Phury se pudesse negar.

Depois de deslizar um prato perto dela, sentou-se sobre a ilhota de mármore e disse a si mesmo que não olhasse suas mãos. Estaria bem sempre e quando não olhasse seus longos e elegantes dedos e suas unhas curtas e limadas e a forma em que...

Merda.

—Juro a você. —disse isso enquanto cortava mais carne do peito— Zsadist quer que me transforme em uma grande casa. Outros treze meses com ele me importunando para que coma e não caberei na piscina. As calças já quase não me entram.

—Você está bem. —Demônios, estava perfeita, com o longo cabelo escuro e os olhos cor safira e o corpo alto e magro. O filho que tinha dentro não se notava exceto pela camiseta folgada, mas a gravidez era óbvia em sua pele brilhante e na forma em que sua mão freqüentemente se dirigia para a parte baixa do estômago.

Sua condição também se fazia evidente na ansiedade atrás dos olhos de Z quando estava ao seu redor. Como as gravidezes vampíricas tinham altas taxas de mortalidade materno/fetal, eram uma bênção e uma maldição ao mesmo tempo, para os hellren que se vincularam a suas companheiras.

—Sente-se bem? —perguntou Phury. Depois de tudo, Z não era o único que se preocupava com ela.

—Bastante. Canso-me, mas não é tão mau. —lambeu a ponta dos dedos, logo pegou o pote de maionese. Enquanto escavava dentro, a faca fez um ruído de repique, como uma moeda sendo sacudida— Embora Z esteja me deixando louca. nega-se a alimentar-se.

Phury recordou o sabor de seu sangue e desviou o olhar, enquanto alargavam suas presas. Não havia nenhuma nobreza no que sentia por ela, para nada, e como macho que sempre se orgulhou de sua natureza honrável, não podia reconciliar essas emoções com seus princípios.

E o que acontecia de seu lado definitivamente não era recíproco. Tinha-o alimentado uma vez porque precisava desesperadamente e porque era uma fêmea de valor. Não tinha sido porque se sentisse atraída a sustentá-lo ou porque o desejasse.

Não, tudo isso era para seu gêmeo. Desde a primeira noite que tinha conhecido Z, havia-se sentido cativada, e o destino tinha disposto que fosse a que verdadeiramente o salvasse do inferno ao qual tinha estado submetido. Phury podia ter resgatado o corpo de Z desse século em que foi escravo de sangue, mas Bela tinha ressuscitado seu espírito.

O que, é obvio, era uma razão a mais para amá-la.

Demônios, desejava ter um pouco de fumaça vermelha em cima. Tinha deixado o diabólico pacote lá em cima.

—Então, como está? —perguntou enquanto punha finas fatias de peru, e logo empilhava folhas de alface sobre elas— Essa nova prótese ainda está dando problemas?

—Está um pouco melhor, obrigado. —A tecnologia desses dias estava a anos luz de distância do que o tinha sido um século atrás, mas considerando toda a luta que praticava, sua perdida pantorrilha era um constante problema para sua mobilidade.

Perna perdida... sim, está bem, tinha-a perdido. A tinha tirado de um tiro para afastar Z da cadela doente que tinha por Ama. O sacrifício havia valido a pena. Como também o sacrifício de sua felicidade valia a pena para que Z estivesse com a fêmea que ambos amavam.

Bela corou os sanduichees com outra fatia de pão e deslizou o prato pelo mármore para ele.

—Aqui está.

—Isto é justo o que precisava. —saboreou o momento enquanto lhe cravava os dentes, o pão brando cedendo como se fosse pele. Enquanto engolia, foi atacado pela triste alegria de que lhe tivesse preparado essa comida, e o tivesse feito com um certo tipo de amor.

—Bem. Me alegro. —mordeu seu próprio sanduiche.

—É que... quis perguntar algo a você.

—Sim? Que coisa?

—Como sabe, estive trabalhando no Lugar Seguro com Marissa. É uma organização genial, cheia de gente estupenda... —houve uma longa pausa... do tipo que fazia que se animasse— De qualquer maneira, uma nova assistente social veio para dar conselho às fêmeas e seus filhos — limpou a garganta, secou a boca com um guardanapo de papel— É realmente maravilhosa. Cálida, divertida. Estava pensando que talvez...

OH, Deus.

—Obrigado, mas não.

—É realmente agradável.

—Não, obrigado. —Com a pele de galinha por todo o corpo, começou comer às pressas.

—Phury... sei que não é meu assunto, mas, por que se mantém solteiro?

Merda. Mais rápido com o sanduiche.

—Poderíamos mudar de assunto?

—É devido a Z, certo? O porquê de que nunca tenha estado com uma mulher. É seu sacrifício por ele e seu passado.

—Bela... por favor...

—Tem mais de duzentos anos de idade, e já é tempo de que comece a pensar em você mesmo. Z nunca vai ser completamente normal, e ninguém sabe isso melhor que você e eu. Mas agora está mais estável. E com o tempo vai estar ainda melhor.

Era certo, sempre e quando Bela sobrevivesse a gravidez.

Até que saísse do parto saudável, seu gêmeo não ia sair do bosque. E por extensão, tampouco o faria Phury.

—Por favor deixe que lhe apresente...

—Não. —Phury ficou de pé e mastigou como uma vaca. Os maneiras na mesa eram muito importantes, mas esta conversação tinha que terminar antes que lhe explodisse a cabeça.

—Phury...

—Não quero uma fêmea em minha vida.

—Seria um maravilhoso hellren, Phury.

Limpou a boca no guardanapo de cozinha e disse na Antiga Língua:

—Obrigado por esta comida feita por suas mãos. Bendita noite, Bela, amada companheira de meu gêmeo, Zsadi.

Sentindo-se desprezível por não ajudar a limpar, mas imaginando que era melhor que sofrer um aneurisma, empurrou a porta de serviço e saiu da cozinha. A meio caminho, ao longo da mesa de doze metros de extensão, se sentiu exausto, retirou uma cadeira ao acaso, e se deixou cair sobre ela.

Homem, seu coração estava esmurrando seu peito.

Quando elevou a vista, Vishous estava de pé do outro lado da mesa, olhando-o.

—Cristo!

—Está um pouco tenso, irmão? —Desde um metro e noventa de altura, ele era descendente do grande guerreiro conhecido só como o Bloodletter⁷, V era um macho imponente. Com os olhos de íris branca com um rebordo azul, o cabelo negro azeviche, e rosto anguloso e ardiloso, poderia ter sido considerado bonito. Mas o cavanhaque e as tatuagens nas têmporas o faziam parecer malvado.

—Tenso não. Nem um pouco. —Phury estendeu as mãos sobre a lustrosa mesa, pensando no néscio que ia acender no instante em que chegasse a seu quarto— Na realidade, ia buscar você.

—Ah, sim?

—Wrath não gostou das vibrações que sentiu na reunião desta manhã —o que era dizer pouco. V e o Rei tinham terminado queixo a queixo em um par de ocasiões, e esse não era o único argumento que voava por aí— Esta noite nos tirou todos da escala. Disse que precisávamos de algo de D&D⁸, descanso e diversão .

V arqueou as sobrancelhas, parecendo mais inteligente que um grupo de Einsteins. O ar de gênio não era só aparência. O homem falava dezesseis idiomas, desenhava jogos para computador por diversão, e podia recitar os vinte livros das Crônicas de cor. O irmão fazia que Stephen Hawking parecesse um candidato a simples técnico.

—Todos nós? —disse V.

—Sim. Ia ao ZeroSum. Quer vir?

—Acabo de marcar um programa particular.

Ah, sim. A pouco convencional vida sexual de V. Homem, ele e Vishous estavam em extremos opostos do espectro sexual. Ele não sabendo nada, Vishous havendo-o explorado tudo, e a maior parte disso até o extremo... o caminho inacessível e a estrada. E essa não era a única diferença entre eles. Pensando-o bem, não tinham nada em comum.

—Phury?

Sacudiu a si mesmo.

—Sinto muito. O que?

—Disse que sonhei com você uma vez. Faz muitos anos.

OH, Deus. por que não foi direito para seu quarto? Poderia estar acendendo um nesse momento.

—Como foi isso?

V acariciou o cavanhaque.

—Vi você parado em uma encruzilhada sobre um campo imaculado. Era um dia tormentoso... sim, muitas tormentas. Mas quando pegou uma nuvem do céu e a envolveu ao redor do poço, a chuva deixou de cair.

—Sonho poético. —e era um alívio. A maioria das visões de V eram aterradoras como o inferno— Mas carece de sentido.

⁷ O que derrama sangue

⁸ Sigla usada pelo exército americano e pelos voluntários da ONU para referir-se a umas pequenas férias dadas aos agentes.

—Nada do que vejo carece de sentido, e sabe.

—Entendimento então. Como pode alguém envolver um poço? —Phury franziu o cenho—
E por que me diz isso agora?

As escuras sobrancelhas de V baixaram sobre seus olhos semelhantes a espelhos.

—Eu... Deus, não tenho nem idéia. Só tinha que dizê-lo. —Com uma grosseira maldição, dirigiu-se à cozinha—Bela ainda está ali?

—Como sabia que estava...?

—Sempre parece destruído depois de vê-la.

CAPÍTULO 2

Meia hora e um sanduiche de peru depois, V se materializou no terraço de seu apartamento de cobertura particular no centro da cidade. A noite era uma porcaria, com todo o frio de março e a umidade de abril, o amargo vento formando redemoinhos ao seu redor como um bêbado com uma atitude errada. Enquanto permanecia de pé frente ao panorama que ofereciam as pontes gêmeas de Caldwell, a vista de postal da cintilante cidade o aborrecia.

Como também o fazia o projeto que tinha de diversão e jogos para essa noite.

Supunha que era similar ao que ocorria com uma pessoa que tinha sido viciada em cocaína durante muito tempo. No começo o efeito tinha sido intenso, mas agora alimentava seu vício sem nenhum tipo de entusiasmo. Era tudo para acalmar a necessidade e não para obter alívio.

Plantando as palmas das mãos sobre o muro da terraço, apareceu inclinando-se muito para fora e foi golpeado no rosto por uma corrente de ar gelado, seu cabelo voando para trás como um modelo e toda essa merda. Ou talvez... era mais parecido ao super herói das historias. Sim, essa era uma metáfora melhor.

Salvo que ele seria o vilão, não?

Deu-se conta de que suas mãos estavam alisando a plaina pedra sobre a que descansavam, acariciando-a. O muro tinha um metro e meio de altura e percorria ao longo do edifício como o rebordo de uma bandeja de serviço. O bordo era um saliente de um metro de largura rogando ser saltado, para se encontrar com os dez metros de ar que havia do outro lado sendo um perfeito e gracioso prelúdio para que logo a morte o fodesse duramente.

Agora, essa era uma vista que lhe parecia interessante.

Sabia de primeira mão como doce era uma queda livre. Como a força do vento oprimia seu peito, fazendo que fosse difícil respirar. Como choravam os olhos e as lágrimas percorriam suas têmporas, em lugar de descer por suas bochechas. Como a terra se apressava para você para te acolher, uma anfitriã pronta para dar as boas-vindas à festa.

Não estava certo de ter tomado a decisão correta ao decidir salvar-se da vez que tinha saltado. Entretanto, no último momento, havia se desmaterializado para a terraço. De volta... aos braços de Butch.

Maldito Butch. Tudo conduzia sempre para esse filho da puta, isso é o que era.

V deixou de lado o impulso de fazer outro vôo e abriu uma das portas corredeiras com a mente. As três paredes de vidro do apartamento de cobertura eram a prova de balas mas não filtravam a luz do sol. Embora o fizesse, não tinha ficado ali para passar o dia.

Isto não era um lar.

Enquanto entrava, o lugar e o que significava pressionaram sobre ele como se a força da gravidade fosse distinta ali. As paredes, o teto e o chão de mármore da aberta extensão de um só quarto eram negros. Como o eram as centenas de velas que podia acender a vontade. A única coisa que podia ser classificada como movel era uma cama extra grande que nunca usava. O resto

era equipamento. A mesa com os objetos de sujeição. As algemas embutidas na parede. As máscaras, as mordanças, os chicotes, os fortificações e as algemas. A penteadeira cheio de pesos para mamilos e pinzas de aço e ferramentas de aço inoxidável.

Tudo para as fêmeas.

Tirou a jaqueta de couro e a atirou sobre a cama, logo se desfez da camisa. Sempre conservava as calças de couro durante as sessões. As submissas nunca o viam completamente nu. Ninguém o fazia salvo seus irmãos durante as cerimônias na Tumba, e isso era apenas porque os rituais exigiam.

Como era sua parte inferior não era assunto de ninguém mais.

As velas flamejaram quando mandou, a luz líquida ricocheteando sobre o lustroso chão antes de ser absorvida pelo negrume do teto abovedado. Não havia nada romântico no ar. O lugar era uma cova onde voluntariamente se praticavam atos profanos, e a luz era apenas para assegurar que o couro e o metal, as mãos e as presas fossem postos nos lugares adequados.

Além disso, as velas podiam ser usadas para outros propósitos além da iluminação.

Foi para o bar, serviu-se de dois dedos de Grei Goose, e se apoiou contra a curta extensão do balcão. Havia algumas dentro da raça que pensavam que vir aqui e resistir uma relação sexual com ele era um rito de graduação. Logo havia outras que só podiam obter satisfação com ele. E havia ainda mais que desejavam explorar quanto se podiam mesclar a dor e o sexo.

As do tipo Lewis e Clark⁹ eram as que lhe interessavam menos.

Habitualmente não podiam suportá-lo e na metade da sessão, tinham que utilizar a palavra certa ou o gesto da mão certo que lhes proporcionava. Sempre as deixava ir prontamente, embora qualquer lágrima tinham que enxugar elas mesmas, não ele. Nove de cada dez vezes queriam tentá-lo de novo, mas isso não era possível. Se quebravam muito facilmente uma vez, provavelmente o voltassem a fazer, e não estava interessado em adestrar pesos leves em seu estilo de vida.

As que podiam suportá-lo-o chamavam lheage e o adoravam, embora não se importasse uma merda com sua reverência. O bordo nele tinha que mitigar-se, e seus corpos eram a pedra que usava para polir-se. Fim da história.

Foi para a parede, levantou uma das correntes de aço, e a deslizou sobre a palma da mão, elo por elo. Embora fosse um sádico por natureza, não se excitava machucando a suas submissas. Seu lado sádico era sustentado com suas matanças de lessers.

O que procurava era o controle de suas mentes e corpos. As coisas que os fazia sexualmente ou de outra forma, as coisas que dizia, o que os fazia ficar... tudo era calibrado cuidadosamente para obter um efeito. Seguro que envolvia dor, e sim, talvez chorassem pela vulnerabilidade e o medo. Mas lhe rogavam por mais.

E os dava, se se sentia com humor para isso.

Deu uma olhada nas máscaras. Sempre colocava máscaras nelas, e nunca deviam tocá-lo a não ser que lhes dissesse onde, como e com o que. Se tinha um orgasmo durante o transcurso de uma sessão, o que era incomum, era recolhido pelas submissas com grande orgulho. Se se alimentava, era só porque tinha que fazê-lo.

Nunca degradava às que iam a esse lugar, nunca as fazia fazer nenhuma das coisas que sabia endemoniadamente bem que alguns dominadores preferiam. Mas não as consolava no

⁹ Lewis e Clark: refere-se ao Capitão Meriwether Lewis e à Tenente William Clark- Levaram a cabo a primeira expedição que cruzou por terra a Costa do Pacífico dos Estados Unidos ida e volta. Esta expedição também é conhecida como os Corpos de Descobrimento. Imagino que se refere às fêmeas que estão procurando “descobrir” algo novo, “explorar” quanto se pode mesclar o sexo e a dor.

começo, no meio ou no final e as sessões só se levavam a cabo sob seus términos. Dizia-lhes onde e quando, e se lhe saíam com alguma merda de ciúmes de proprietária, estavam fora, para sempre.

Consultou o relógio e levantou o mhis que rodeava o apartamento de cobertura. A fêmea que vinha essa noite podia rastreá-lo já que um par de meses antes tinha bebido de sua veia. Quando terminasse com ela, arrumaria-o de forma que se fosse sem lembranças do lugar onde tinha estado.

Embora lembrasse o que tinha ocorrido. As marcas do sexo estariam por todo seu corpo.

Quando a fêmea se materializou no terraço, deu-se a volta. Através das portas corrediças era uma sombra anônima de curvas vestindo um espartilho de couro negro e uma larga e folgada saia negra. Usava o cabelo negro recolhido alto sobre a cabeça, como tinha solicitado.

Sabia esperar. Sabia que não devia chamar.

Abriu a porta com a mente, mas também sabia que não devia entrar sem ter sido chamada.

Deu-lhe uma olhada e captou seu aroma. Estava completamente excitada.

Lhe alargaram as presas, mas não devido a que estivesse particularmente interessado no úmido sexo entre suas pernas. Precisava alimentar-se, e ela era uma fêmea e tinha muitas veias que podia sangrar. Era algo biológico, não algo encantado.

V estendeu o braço e lhe fez gestos com o dedo, adiantou-se, tremendo, como deveria. Essa noite estava de um humor particularmente cáustico.

—Se desfaz dessa saia —disse— Eu não gosto.

Imediatamente abriu o zíper da roupa e a deixou cair sobre o chão em uma corrente de cetim. Debaixo, usava uma cinta negra e meias rematadas em encaixe negro. Não usava calcinhas.

Hmm... Sim. ia tirar essa lingerie de seus quadris cortando-a com uma adaga. Eventualmente.

V caminhou para a parede e tomou uma máscara com somente uma abertura. Se queria ar, ia ter que respirar pela boca.

Atirando-lhe disse:

—Ponha agora.

Cobriu o rosto sem dizer uma palavra.

—Sobe à mesa.

Não a ajudou quando se adiantou desorientada, somente a observou, sabendo que encontraria o caminho. Sempre o faziam. As fêmeas como ela sempre encontravam o caminho à mesa de tortura.

Para passar o tempo tirou um néscio do bolso traseiro, o pôs entre os lábios, e pegou uma vela negra do candelabro. Enquanto acendia o cigarro, olhou fixamente o pequeno atoleiro de cera líquida que havia ao pé da chama.

Comprovou o progresso da fêmea. Bem feito. colocou-se de barriga para cima, com os braços aos lados e as pernas abertas.

depois de atá-la, soube exatamente por onde começar essa noite.

Manteve a vela na mão enquanto dava um passo à frente.

Debaixo das luzes embutidas do ginásio da Irmandade, John Matthew assumiu a posição de início e se focou em seu oponente no treinamento. Ambos estavam tão bem equilibrados como um par de palitos chineses, ambos magros e insubstanciais, fáceis de quebrar. Como o eram todos os pretrans.

Zsadist, o irmão que estava dando a lição de luta corpo a corpo essa noite, assobiou entre dentes, e John e seu companheiro de classe se saudaram com uma reverência. Seu oponente disse a saudação apropriada na Antiga Língua, e John respondeu à declaração usando a linguagem de

sinais americano. Logo se engancharam. Pequenas mãos e ossudos braços voaram sem obter grande efeito; os golpes eram lançados como aviões de papel, eram esquivados com pouca desenvoltura. Todos seus movimentos e posições eram sombras do que deveriam ter sido, ecos de trovão, não o grave rugido em si mesmo.

O trovão proveio de outra parte no ginásio.

No meio da ronda, sentiu-se um tremendo WHOOMP! quando um sólido corpo bateu os colchonetes como um saco de areia. Ambos John e seu oponente olharam para lá... logo abandonaram seus pobres intentos de artes marciais mistas.

Zsadist estava trabalhando com o Blaylock, um dos dois melhores amigos do John. O ruivo era o único aluno que tinha passado pela mudança até esse momento, assim tinha o dobro do tamanho que todo o resto da classe. E Z acabava de atirá-lo ao chão.

Blaylock saltou a seus pés e novamente carregou como um soldado de cavalaria, mas só para ser chutado no traseiro novamente. Era grande, mas Z era um gigante além de ser membro da Irmandade da Adaga Negra. Assim Blay estava enfrentando um fodido tanque Sherman de experiência em combate.

Homem, Qhuinn deveria estar lá para ver isso. Onde estava esse cara?

Todos, os onze alunos deixaram escapar um Whoa! quando tranqüilamente Z fez que Blay perdesse o equilíbrio, atirou-o de barriga para cima sobre os colchonetes, e o retorceu com uma presa que lhe retorceu os ossos até a submissão. No mesmo instante que Blay deu uma palmada, Z o soltou.

Enquanto Zsadist parava perto do menino, sua voz soou com o tom mais quente que podia chegar a ter alguma vez.

—Por ter passado cinco dias da transição, está fazendo bem.

Blay sorriu, embora sua bochecha estivesse esmagada contra o colchonete como se o tivessem pregado com cola.

—Obrigado... —ofegou— Obrigado senhor.

Z estendeu a mão e içou Blay do chão quando o som de uma porta se abrindo ecoou através do ginásio.

John arregalou os olhos ao ver o que entrou por ela. Bom, isso merda, explicava onde tinha estado Qhuinn toda a tarde.

O macho que se aproximava lentamente através dos colchonetes de aproximadamente um metro e oitenta e cinco de altura e noventa quilos de peso tinha uma certa semelhança com alguém que até ontem tinha pesado tanto como uma bolsa de comida para cães. Qhuinn tinha passado pela transição. Deus, não era para se surpreender que o cara não tivesse estado sujando as mãos ou metido entre os livros nesse dia. Tinha estado ocupado habituando-se com um novo corpo.

Quando John levantou a mão, Qhuinn o saudou com a cabeça como se a tivesse rígida ou talvez como se lhe estivesse pulsando. O homem se via como a merda e se movia como se lhe doesse cada osso do corpo. Também mexia com o pescoço de sua nova sueter tamanho XXL como se senti-lo o incomodasse, e subia as calças uma e outra vez encolhendo-se cada vez. Surpreendeu-lhe ver que tinha um olho arroxeadado, mas talvez bateu contra algo em meio da transição. Dizia-se que se sacudia muito quando estava mudando.

—Alegra-me que tenha vindo. —disse Zsadist.

A voz do Qhuinn era grave quando respondeu, com uma cadência totalmente distinta da anterior.

—Quis vir embora não possa me exercitar.

—Bem feito. Pode descansar por aí.

Enquanto Qhuinn se dirigia para um canto e encontrou o olhar de Blay e ambos sorriram muito lentamente. Logo olharam para John.

Usando o LSA, as mãos do Qhuinn soletraram: depois das aulas iremos a casa do Blay. Tenho um monte de coisas que contar aos dois.

Enquanto John assentia, a voz de Z retumbou no ginásio.

— A pausa para a fofoca terminou, senhoritas. Não façam que lhes chute o traseiro, porque o farei.

John enfrentou a seu pequeno companheiro e ficou na posição de luta.

Embora um dos alunos tinha morrido devido à mudança, John não podia esperar a que o golpeasse a sua. Certo, tinha medo da morte, mas era melhor estar morto que estar no mundo como um pedaço de carne assexuado deixado a mercê de outros.

Estava mais que preparado para transformar-se em um macho.

Tinha assuntos de família que tratar com os lessers.

Duas horas depois, V estava tão satisfeito quanto podia estar. Não era surpreendente que a fêmea não estivesse em forma para desmaterializar-se para sua casa, assim lhe pôs um robe, hipnotizou-a para atordoá-la, e a levou abaixo no elevador de carga do edifício. Fritz estava esperando na calçada com o carro, e o ancião doggen não fez perguntas depois que lhe deu a direção.

Como sempre, esse mordomo era um presente de Deus.

Novamente só no apartamento de cobertura, V se serviu um pouco do Goose e se sentou sobre a cama. A mesa de tortura estava coberta com cera endurecida, sangue, a umidade dela e os resultados de seus orgasmos. Tinha sido uma sessão suja. Mas as boas sempre o eram.

Tomou um longo trago do copo. No denso silêncio, nas seqüelas de suas perversões, na fria bofetada de sua crua realidade, chegou-lhe uma cascata de sensuais imagens. O que tinha visto fazia umas semanas e que agora recordava, tinha sido visto por engano, mas de toda forma, tinha capturado a cena como um ladrão de carteira, escondendo-a em seu lóbulo frontal embora não lhe pertencesse.

Semanas antes tinha visto Butch e Marissa... dormindo juntos. Tinha sido quando o poli estava em quarentena na clínica de Havers. Uma câmara de vídeo estava posta no canto do quarto do hospital, e V os tinha visto no monitor de um computador. Ela usava um vestido de vibrante cor pêssego, ele, uma bata de hospital. Tinham estado beijando-se longa e ardentemente, seus corpos superexcitados sexualmente.

V tinha observado com o coração na garganta como Butch tinha rodado e se montou sobre ela, a bata se abrindo para revelar seus ombros, suas costas e seus quadris. Quando começou a mover-se ritmicamente, sua espinha dorsal se flexionou e afrouxado, enquanto as mãos dela lhe aferravam o traseiro lhe cravando as unhas.

Tinha sido lindo, eles dois juntos. Nada que ver com o sexo de borde afiados que V tinha praticado toda a vida. Tinha havido amor, e intimidade e... afeto.

Vishous deixou que seu corpo se afrouxasse e caiu para trás derrubando-se contra o colchão, inclinando o copo até quase derramá-lo quando se estendeu. Deus, perguntava-se como seria ter esse tipo de sexo. Chegaria a gostar? Talvez lhe desse claustrofobia. Não estava certo de poder estar com alguém que lhe colocasse as mãos por todo o corpo, e não podia imaginar-se estando completamente nu.

Salvo que depois pensou em Butch e decidiu que provavelmente somente dependesse de com quem estivesse.

V cobriu o rosto com a mão boa, desejando como o inferno que seus sentimentos desaparecessem. Odiava-se a si mesmo por esses pensamentos, por sua fixação, por seu inútil adoecer, e a familiar letania de vergonha vinda em uma onda de cansaço. Quando uma onda de esgotamento a lá Tom Sawyer o percorreu dos pés à cabeça, lutou contra ela, sabendo que era perigoso.

Esta vez não ganhou. Nem sequer teve escolha. Seus olhos se fecharam de repente, mesmo enquanto o medo lambia sua espinha dorsal e lhe deixava a pele arrepiada.

OH... merda. Estava dormindo...

Sentindo pânico tratou de abrir as pálpebras, mas era muito tarde. transformaram-se em paredes de alvenaria. Tinha-o pego um redemoinho e estava sendo sugado para baixo sem importar quanto tentasse se libetar.

Afrouxou a mão que sustentava o copo e apenas o escutou bater contra o chão e estilhaçar-se. Seu último pensamento foi que como esse copo de vodca, quebrando-se e derramando-se, incapaz de conter-se dentro de seu corpo.

CAPÍTULO 3

Algumas quadras para oeste, Phury levantava sua taça de martini e descansava sobre uma banquetta de couro no ZeroSum. Ele e Butch tinham estado bastante silenciosos desde que tinham chegado ao clube fazia mais ou menos meia hora, ambos dedicando-se a olhar às pessoas da mesa da Irmandade.

Deus era testemunha que havia muito para ver nesse lugar.

Do outro lado de uma parede pela qual corria uma catarata, a pista de dança do clube se retorcia com a música techno enquanto os humanos remontavam sobre ondas de êxtase e coca e praticavam sujos atos vestidos com roupa de grife. Entretanto, a Irmandade nunca se juntava com o público geral. A pequena porção de sua propriedade estava na seção VIP, uma mesa ao fundo perto da porta de emergência. O clube era um bom lugar para o D&D. As pessoas os deixava em paz, bebidas alcoólicas eram de boa qualidade, e estava situado no centro, a um passo de distância de onde a Irmandade fazia a maior parte das caçadas.

Além disso era propriedade de um familiar, agora que Bela e Z estavam emparelhados. Rehvenge, o macho que o dirigia, era seu irmão.

Casualmente, também era o fornecedor de drogas do Phury.

Tomou um gole longo do bordo de seu agitado-mas-não-volto. Não teria mais remédeio que realizar outra compra essa noite. Seu contrabando estava em baixa outra vez.

Uma mulher loira meneou ao passar perto da mesa, seus seios ricocheteando como maçãs sob lantejoulas chapeadas, a saia do tamanho de um selo de correios relampejando sobre os socos de seu traseiro e o pouco conveniente tanga. O traje a fazia ver como algo mais que simplesmente nua.

Indecente era a palavra que talvez estivesse procurando.

Era algo típico. A maioria das fêmeas humanas na seção VIP estavam a uma polegada de ser presas por atentado ao pudor, mas bom, as damas tendiam a ser ou profissionais ou o equivalente civil a prostitutas. Enquanto a prostituta se sentava na banquetta seguinte, por meio segundo se perguntou como se sentiria comprar um pouco de tempo com alguém como ela.

Tinha sido celibatário portanto tempo, que parecia totalmente desconjurado até pensar dessa maneira, e muito menos levar a cabo a idéia. Mas talvez o ajudasse a tirar Bela da mente.

— Vê algo que você goste? — disse pausadamente Butch.

—Não sei do que está falando.

—OH? Quer dizer que não notou a loira que acaba de passar por aqui? Ou a forma como estava olhando você?

—Não é meu tipo

—Então procura uma castanha de cabelo longo.

—O que seja. —Quando Phury terminou o martini, teve vontade de atirar a taça contra a parede. Merda, não podia acreditar que tivesse pensado em pagar para ter sexo.

Desesperado. Perdedor.

Deus, precisava de um néscio.

—Vamos, Phury, deve saber que todas as garotas daqui lhe jogam o olho quando o vêem. Deveria provar alguma.

Certo, muita gente o estava pressionando esta noite.

—Não, obrigado.

—Só digo que...

—Vai a merda e fecha o bico.

Butch amaldiçoou em voz baixa mas não fez mais comentários. O que fez Phury se sentir como um idiota. Como deveria.

—Sinto muito.

—Nada, está tudo bem.

Phury fez gestos a uma garçonete, que veio em seguida. Enquanto levavam sua taça vazia, murmurou.

—Esta noite tentou me enganchar com alguém.

—Desculpe?

—Bela. —Phury pegou um guardanapo de cocktail e começou a dobrá-lo em quadradinhos— Disse que havia uma assistente social no Lugar Seguro.

—Rhym? OH, é muito simpática...

—Mas eu...

—Não está interessado? —Butch sacudiu a cabeça— Phury, homem, sei que provavelmente me arrancará a cabeça de uma dentada outra vez, mas já é tempo de que comece a se interessar. Essa merda com você e as fêmeas? Deve terminar.

Phury teve que rir.

—Sei direto, por que não o faz?

—Olhe, precisa viver um pouco.

Phury indicou à loira com a cabeça.

—E crie que comprar sexo faz parte de viver um pouco?

—Com a forma com que está olhando você, não teria que pagar. —disse Butch secamente.

Phury forçou seu cérebro para que tratasse de imaginar o cenário. Imaginou a si mesmo levantando-se e caminhando para a mulher. Tomando-a pelo braço e guiando-a por volta de um das cabines privadas. Talvez lhe fizesse uma mamada. Talvez a colocasse sobre o lavabo, separasse-lhe as pernas e bombeasse nela até terminar. Tempo total transcorrido? Quinze minutos, no máximo. Depois de tudo poderia ser virgem, mas a mecânica do sexo era bastante simples. Tudo o que seu corpo precisaria seria um forte apertão, um pouco de fricção e estaria preparado para gozar.

Bom, em teoria. Nesse momento estava frouxo dentro das calças. Assim embora tivesse a intenção de romper com sua virgindade esta noite, não ia acontecer. Ao menos, não com ela.

—Estou bem. —disse quando chegou seu novo martini. Depois de fazer girar a azeitona com o dedo, a meteu na boca—Sério. Estou bem.

Ambos voltaram para a rotina de guardar silêncio, sem nenhum som entre eles à exceção do tênue batimento do coração da música que chegava do outro lado da parede que tinha a catarata. Phury estava a ponto de puxar o assunto dos esportes porque não podia tolerar o silêncio quando Butch ficou rígido.

Uma fêmea que estava do outro lado da área VIP estava olhando em sua direção. Era a chefe de segurança, a que parecia com um macho e tinha o corte de cabelo igual ao de um macho. Falando de tipos duros. Phury a tinha visto bater em homens humanos bêbados como se estivesse açoitando cães com um jornal.

Mas espera, não estava olhando para Phury. Estava absolutamente concentrada em Butch.

—Whoa, fez com ela. —disse Phury— Acertei?

Butch encolheu os ombros e bebeu o Lag que tinha no copo.

—Só uma vez. E foi antes que estivesse com Marissa.

Phury voltou a olhar à fêmea, e teve que perguntar-se como tinha sido esse encontro sexual. Parecia o tipo de mulher que faria ver as estrelas um homem. E não necessariamente de uma forma prazerosa.

—É bom o sexo anônimo? —perguntou, sentindo como se tivesse doze anos.

O sorriso de Butch foi lento. Secreto.

—Estava acostumado a pensar que era. Mas quando isso é tudo o que se conhece, certo que pensa que pizza fria é fantástica.

Phury tomo um gole do Martini. Pizza fria, huh. Assim isso era o que o esperava lá fora. Que estimulante.

—Merda, não quero ser um desmancha-prazeres. É só que é melhor com a pessoa adequada. —Butch terminou o Lag de um gole. Quando a garçonete se aproximou para levar o copo para voltar a enchê-lo, disse— Não, agora paro com dois. Obrigado.

—Espera! —disse Phury, antes que a mulher se fosse— Tomarei outro. Obrigada.

Vishous soube que estava dormido, porque estava contente. O pesadelo sempre começava com ele em um estado de glória. No princípio, sempre estava inteiramente feliz, absolutamente completo, como um cubo do Rubik resolvido.

Logo a arma disparou. E uma brilhante mancha vermelha brotou de sua camisa. E um grito rasgou o ar que parecia denso como um sólido.

A dor o bateu como se tivesse sido esmigalhado por fragmentos de metais, como se tivesse sido orvalhado com gasolina e aceso, como se lhe tivessem arrancado a pele em tiras.

OH, Deus, estava morrendo. Ninguém sobrevivia este tipo de agonia.

Caiu de joelhos e...

V saltou da cama como se o tivessem dado um tapa na cabeça.

Na jaula do apartamento de cobertura com paredes negras e vidros recobertos de noite, sua respiração soou como uma serra atravessando madeira dura. Merda, seu coração estava pulsando tão rápido que sentia como se devesse pôr as mãos em cima para mantê-lo em seu lugar.

Precisava um gole... agora.

Com pernas trêmulas caminhou para o bar, pegou um copo limpo, e se serviu uns quatro dedos de Grei Goose. Quase tinha o longo copo sobre os lábios quando se deu conta de que não estava sozinho.

Desenbaiou uma adaga negra da cintura e se virou rapidamente.

—Sou eu, guerreiro.

Jesus Bendito. A Virgem Escriba estava de pé ante ele envolta em uma túnica negra da cabeça aos pés, o rosto coberto, sua pequena forma dominando o apartamento de cobertura.

Debaixo de sua prega se derramava um resplendor sobre o chão de mármore, brilhante como o sol do meio-dia.

OH, uma audiência, justo o que desejava nesse momento. Yup, yup.

Fez uma reverência e ficou assim. Tratando de imaginar como podia seguir bebendo nessa posição.

—Sinto-me honrado.

—Como me honra. —disse secamente— Se Levante, guerreiro. Verei seu rosto.

V fez o que pôde para afastar um palavrão de sua boca, com a esperança de camuflar o OH-demônios que estava ali. Maldita fosse. Wrath tinha ameaçado entregando-o à Virgem Escriba se não se comportasse. Era de supor que já tinha deixado cair essa moeda.

Enquanto se endireitava, supôs que sorver um pouco do Goose seria percebido como um insulto.

—Sim, seria-o. —disse ela— Mas faz o que tenha que fazer.

Tragou a vodca como se fosse água e deixou o copo no bar. Queria mais, mas tinha esperanças que não ficasse muito tempo.

—O propósito de minha visita não tem nada que ver com seu Rei. —A Virgem Escriba flutuou para diante, detendo-se quando estava a um metro de distância. V lutou contra o impulso de dar um passo para trás, especialmente quando estendeu a brilhante mão e lhe roçou a bochecha. Seu poder era como o de um relâmpago: mortal e preciso. Não queria ser seu alvo.—É a hora.

A hora do que? Mas se conteve. Não se fazia perguntas à Virgem Escriba. Não a menos que desejasse acrescentar ser utilizado para encerrar o chão em seu currículo.

—Aproxima-se seu aniversário.

Era certo, logo cumpriria os trezentos e três anos, mas não lhe ocorria porque isso justificaria uma visita particular de sua parte. Se desejava lhe dar felicitações de aniversário, algo rápido no correio eletrônico serviria da mesma maneira.

Merda, podia enviar uma e-card do Hallmark e dar-se por satisfeita.

—E tenho um presente para você.

—Sinto-me honrado. —E confuso.

—Sua fêmea está preparada.

Vishous sentiu tremer todo o corpo, como se alguém tivesse espetado um cravo no traseiro.

—Sinto muito, que...? —sem perguntas, maldito parvo— Ah... com todo o devido respeito, não tenho fêmea.

—Sim tem. —baixou o brilhante braço— A escolhi entre todas as Escolhidas para ser sua primeira companheira. É a de sangue mais puro, a mais bela —quando V abriu a boca, a Virgem Escriba lhe passou por cima como um rolo compressor.— Certamente se emparelhará, e ambos procriaram, e também procriará com as outras. Suas filhas encherão as filas das Escolhidas. Seus filhos se transformarão em membros da Irmandade. Este é seu destino. Se transformar no Primale das Escolhidas.

A palavra Primale caiu como uma bomba atômica.

—Desculpe, Virgem Escriba... ah... —esclareceu a garganta e se lembrou que se irritasse a Sua Santidade, necessitariam-se pinzas de andaime para recolher seus fumegantes pedaços— Não pretendo ofendê-la, mas não tomarei nenhuma mulher como própria...

—Fará-o. E deitará com ela com o ritual apropriado e engendrará a seus filhos. Como o farão as demais.

Visões de ser apanhado do Outro Lado, rodeado de fêmeas, incapaz de lutar, incapaz de ver seus irmãos... ou... Deus, Butch... arrebataram a mordada de sua boca.

—Meu destino é como guerreiro. Com meus irmãos. Estou onde devo estar.

Além disso, com o que lhe tinham feito, poderia sequer ter filhos?

Esperava que o sacudisse pela insubordinação. Em vez disso disse:

—Que ousadia a sua negar seu lugar. É tão parecido a seu pai.

Engano. Ele e Bloodletter não tinham nada em comum.

—Sua Santidade...

—Deve fazer isto. E deve se submeter por vontade própria.

Sua resposta saiu disparada, dura e fria.

—Necessito um condenado bom motivo.

—É meu filho.

V deixou de respirar, seu peito se tornou de concreto. Seguro que o havia dito no mais amplo sentido da palavra.

—Faz trezentos e três anos nasceu de meu corpo. — O capuz da Virgem Escriba se elevou por própria vontade, revelando uma fantasmal e etérea beleza — Levanta essa maldita palma e conhece nossa verdade.

Com o coração na garganta, V levantou a mão enluvada, logo arrancou o couro com torpes puxões. Com horror olhou fixamente o que havia atrás de sua pele tatuada. O brilho nele era igual ao dela.

Jesus Bendito... por que demônios não tinha visto a semelhança antes?

—Sua cegueira —disse— foi produto de sua negação. Não desejava sabê-lo.

V cambaleou afastando-se dela. Quando bateu no colchão, deixou-se cair sentado e disse a si mesmo que este não era o momento de perder a cabeça...

OH, espera... já a tinha perdido. Bom negócio, do contrário nesse momento estaria absolutamente apavorado.

—Como... isso é possível? —certo que isso era uma pergunta, mas a estas alturas, que merda lhe importava?

—Sim, acredito que por esta vez perdoarei o interrogatório. —A Virgem Escriba flutuou ao redor da quarto, movendo-se sem caminhar, sua roupa não se via afetada pelo movimento, como se estivesse esculpida em pedra. No silêncio pensou nela como em uma peça de xadrez. Rainha, a única entre todas as demais no tabuleiro que podia mover-se em todas direções.

Quando finalmente falou, sua voz era profunda. Autoritária.

—Desejava conhecer a concepção e o nascimento em forma física, assim assumi uma forma adequada para realizar o ato sexual e fui ao Antigo País em minha época fecunda —fez uma pausa ante as portas de vidro que davam a terraço— Escolhi o macho me apoiando no que acreditava eram os atributos masculinos mais desejáveis para a sobrevivência da espécie. Força e engenho, poder, agressividade.

V visualizou a seu pai e tratou de imaginar à Virgem Escriba tendo sexo com o macho. Merda, essa devia ter sido uma experiência brutal.

—Foi —disse— Recebi exatamente o que em grande medida tinha ido procurar. Não havia volta atrás uma vez que começou o zelo, e ele foi fiel a sua natureza. Embora no final, conteve-se. De alguma forma soube que era o que procurava e quem era.

Sim, seu pai tinha se sobressaído em encontrar e explorar as motivações de outros.

—Talvez foi idiotice por minha parte pensar que poderia pretender ser algo que não era ante um macho como ele. Verdadeiramente inteligente —olhou V através do quarto— Me disse que me daria sua semente só se um filho macho lhe fosse entregue. Nunca tinha conseguido ser pai de um filho que sobrevivesse, e sua virilidade de guerreiro queria essa satisfação.

—Eu, entretanto, desejava o meu filho para as Escolhidas. Seu pai podia entender de táticas, mas não era o único. Sabia bem qual era sua debilidade e tinha o poder de garantir o sexo do bebê. Acordamos que teria você três anos depois do nascimento e durante três séculos, e que podia guiá-lo para lutar a seu lado. Desde aí em diante serviria a meus propósitos.

Seus propósitos? Os propósitos de seu pai? Merda, e acaso ele não tinha voto?

A voz da Virgem Escriba se fez mais baixa.

—Tendo chegado a um acordo, forçou-me debaixo dele durante horas, até que a forma que tinha adquirido quase morre por isso. Estava possuído pela necessidade de conceber, e eu o suportei porque me passava o mesmo.

Suportar era o termo adequado. V, como o resto dos machos do acampamento guerreiro, tinha sido forçado a observar seu pai ter sexo. O Bloodletter não distinguia entre lutar e fornicar e não tinha feito concessões ao tamanho das fêmeas nem a sua debilidade.

A Virgem Escriba começou novamente a mover-se ao redor da quarto.

—Deixei você no acampamento em seu terceiro aniversário.

V foi levemente consciente de um zumbido na cabeça, como um trem que estivesse cobrando velocidade. Graças ao pequeno trato de seus pais, estava vivendo uma ruína de vida, apanhado, lutando com as seqüelas da crueldade de seu pai assim como também com as malignas lições do acampamento.

Sua voz se fez um grunhido.

—Sabe o que me fez? O que me fizeram lá?

—Sim.

Enviando todas as regras de etiqueta ao caralho, disse:

—Então por que merda deixou que ficasse lá.

—Tinha dado minha palavra.

V se levantou estalando, levando a mão a genitália.

—Alegra-me saber que sua honra permaneceu intacta, mesmo se eu não. Sim, é um intercâmbio fodidamente justo.

—Posso entender seu aborrecimento...

—Pode, mãe? Isso me faz sentir muito melhor. Passei vinte anos de minha vida lutando por sobreviver nesse poço negro. O que obtive em troca? Uma mente confusa e um corpo fodido. E agora quer que engendre para você? —sorriu friamente— O que acontece se não puder as fecundar? Sabendo o que me passou, não te ocorreu pensar nisso?

—É capaz.

—Como sabe?

—Pensa que há alguma parte de meu filho que não possa ver?

—Você... cadela... —sussurrou.

Uma rajada de calor saiu do corpo dela, suficientemente quente para lhe chamuscar as sobrancelhas, e sua voz estalou em todo o apartamento de cobertura.

—Não se esqueça de quem sou, guerreiro. Escolhi a seu pai imprudentemente, e ambos sofremos por meu engano. Pensa que permaneci ilesa enquanto via que curso tinha tomado sua vida? Pensa que observei você de longe sem me ver afetada? Morro cada dia por você.

—Bom, olhe se não é a maldita Mãe Teresa. —gritou, consciente de que seu próprio corpo tinha começado a esquentar— Se supõe que é todo-poderosa. Se tivesse se importado uma merda, poderia ter intervindo...

—Os destinos não são escolhidos, são outorgados...

—Por quem? Por você? Então, é a você a que devo odiar por toda a merda que me têm feito? —agora estava brilhando por todos lados, nem sequer tinha que olhar para baixo a seus

antebraços para saber que o que estava em sua mão se estendeu por todo seu corpo. Justo. Como. Ela — Deus... te amaldiçoe.

— Meu filho...

Mostrou as presas.

— Não me chame assim. Nunca. Mãe e filho... não somos. Minha mãe teria feito algo. Quando estava desamparado, minha mãe teria estado ali...

— Queria estar...

— Quando estava sangrando, esmigalhado e aterrorizado, minha mãe teria estado lá. Assim não me venha com essa estupidez de meu filhinho.

Houve um longo silêncio. Logo sua voz saiu clara e forte.

— Apresentará-te ante mim depois de meu retiro, que começa esta noite. Apresentará a sua companheira como uma formalidade. Retornará quando estiver adequadamente preparada para que a use, e fará o que esta destinado a fazer desde seu nascimento. E o fará por própria vontade.

— Um inferno que o farei. E foda-se você.

— Vishous filho do Bloodletter, fará-o porque se não o fizer, a raça não sobreviverá. Para poder conservar a esperança de resistir os assaltos da Sociedade Lessening, necessitam-se mais irmãos. Vocês da Irmandade não são mais que um punhado neste momento. Em épocas passadas foram vinte ou trinta. Onde poderíamos conseguir mais sem ser engendrando-os seletivamente?

— Deixou que Butch entrasse na Irmandade, e não era...

— Foi uma dispensa especial ante uma profecia cumprida. Não é o mesmo, e bem sabe. Seu corpo nunca será tão forte como o seu. Se não fosse por seu poder inato, nunca poderia funcionar como um irmão.

V afastou a vista.

A sobrevivência da espécie. A sobrevivência da Irmandade.

Merda.

Passeou pelo lugar e terminou junto à mesa de tortura e sua parede de brinquedos.

— Sou o cara errado para este tipo de coisas. Não sou do tipo heróico. Não estou interessado em salvar o mundo.

— A lógica está na biologia e não pode ser evitada.

Vishous levantou a brilhante mão, pensando a quantidade de vezes que a tinha usado para incendiar coisas. Casas. Carros.

— Que há a respeito disto? Quer uma geração inteira maldita como eu? O que acontece se transiro isto a minha descendência?

— É uma arma excelente.

— Também o é uma adaga, mas não incinera a seus amigos.

— Está bendito, não maldito.

— Ah, sim? Trate de viver com esta coisa.

— O poder requer sacrifícios.

Riu com uma dura gargalhada.

— Bom, então, renunciaria a esta porcaria imediatamente para ser normal

— Apesar de tudo, tem uma responsabilidade com a raça.

— Uh-huh, claro. Como você tinha uma com o filho que tinha dado a luz. Melhor rezar para que eu seja mais escrupuloso com minhas responsabilidades.

Olhou fixamente para a cidade, pensando em quantos civis tinha visto cair, golpeados, mortos nas mãos dos lessers do Omega. Tinha sido séculos de inocentes assassinados por esses bastardos, e a vida já era o suficientemente dura sem ser caçado. Ele deveria sabê-lo.

Homem, odiava que tivesse um pouco de razão no que se referia à lógica. Agora só havia cinco membros na Irmandade, ainda com a associação de Butch. Por lei, Wrath não podia lutar pois era Rei. Tohrment tinha desaparecido. Darius tinha morrido no último verão. Assim eram cinco contra um inimigo que continuamente se multiplicava. Para piorar as coisas, os lessers tinham um interminável fornecimento de humanos para arrastar a suas filas, onde os irmãos deviam nascer e criar-se e sobreviver a suas transições. Certo, a classe de alunos que estava sendo treinada no Complexo eventualmente sairiam como soldados. Mas esses meninos nunca possuiriam o tipo de força, resistência ou capacidades curativas que os machos da linha de sangue da Irmandade tinham.

E a respeito de fazer mais irmãos... era um atoleiro pequeno do qual se podia escolher progenitores. Por lei, Wrath como Rei podia deitar com qualquer fêmea da espécie, mas estava plenamente vinculado a Beth. Como o estavam Rhage e Z com suas fêmeas. Tohr, assumindo que ainda estivesse com vida e voltasse em algum momento, não ia ter o estado de ânimo adequado para engravidar a nenhuma das Escolhidas. Phury era a única outra possibilidade, mas era celibatário e tinha o coração malditamente quebrado. Não era material de prostituição masculina.

—Merda. —Enquanto ruminava a situação, a Virgem Escriba permaneceu em silêncio. Como se soubesse que se dizia uma palavra deixaria todo o assunto de lado e que a raça que fosse ao inferno.

Virou-se para enfrentá-la.

—Farei-o com uma condição.

—Qual é.

—Viverei aqui com meus irmãos. Lutarei junto a meus irmãos. Irei ao Outro Lado e... — Santa merda. OH, Deus... — dormirei com quem for. Mas meu lar está aqui.

—Os Primales vivem...

—Este não, assim pegue ou me deixe —a olhou enfurecido— E que fique claro. Sou um bastardo o suficientemente egoísta para seguir meu caminho se não estiver de acordo, e então o que fará? Depois de tudo, não pode me obrigar a foder com mulheres pelo resto de minha vida, não a menos que deseje trabalhar sobre meu pênis você mesma —sorriu friamente— O que diz a biologia a respeito disso?

Agora era a vez dela de percorrer o quarto. Enquanto a observava e aguardava, odiava o fato de que parecia que se concentravam da mesma maneira... com movimento.

Deteve-se frente à mesa de tortura e estirou a mão brilhante, fazendo-a flutuar sobre a tabela de madeira dura. Os remanescentes do sexo que tinha tido se desvaneceram no ar, a sujeira virou limpeza, como se não tivesse acontecido.

—Pensei que talvez você gostasse de uma vida tranqüila. Uma vida onde fosse protegido e não tivesse que lutar.

—E perder todo esse cuidadoso treinamento que tive com os punhos de meu pai? Não, isso seria uma grande desperdício. Quanto ao amparo pude havê-la necessitado faz uns trezentos anos. Agora não.

—Pensei que talvez... você gostasse de ter uma companheira de sua escolha. A que eu escolhi para você, é a melhor de todas as linhagens de sangue. Um sangue puro elegante e lindo.

—E foi você a que escolheu a meu pai, verdade? Assim desculpe se não me entusiasmar muito.

Seu olhar vagou para seus aparelhos.

—Prefere estes... duros emparelhamentos.

—Sou filho de meu pai. Você mesma o disse.

—Não pode participar destes... jogos sexuais com sua companheira. Seria vergonhoso e aterrador para ela. E não poderá estar com ninguém mais que não seja uma Escolhida. Seria um escândalo.

V tratou de imaginar-se deixando de lado suas afeições.

—Meu monstro precisa sair. Especialmente agora.

—Agora?

—Vamos, mamãe. Sabe tudo a respeito de mim, não é assim? Assim sabe que minhas visões se esgotaram e que estou quase psicótico por falta de sonho. Demônios, deve saber que saltei desde este edifício a semana passada. Quanto mais se alargue isto, pior vou estar, especialmente se não puder ter ...um pouco de exercício.

Ondeou a mão, desprezando-o.

—Não vê nada porque está ante uma encruzilhada em seu próprio caminho. O livre-arbítrio não pode ser exercitado se está informado do resultado final, portanto sua parte precognitiva se reprime naturalmente. Retornará.

Por alguma louca razão isso o tranqüilizou, embora tinha lutado contra a intromissão dos destinos de outras pessoas desde que tinham começado a aparecer séculos antes.

Logo se deu conta de algo.

—Você não sabe o que vai me acontecer, não é assim? Não sabe o que vou fazer.

—Dar-me sua palavra de que cumprirá com seus deveres no Outro Lado. Que fará cargo do que se deve fazer. E me dará isso agora.

—Diga-o. Certo que não sabe o que vê. Se quiser minha promessa, me diga isto.

—Por que?

—Quero saber que está impotente ante algo — cuspiu — Para que saiba como me sinto .

O calor nela se elevou até que o apartamento de cobertura esteve como uma sauna. Mas então disse:

—Seu destino é o meu. Não conheço seu caminho.

V cruzou os braços sobre o peito, sentindo-se como se tivesse um nó corrediço ao redor da garganta e estivesse parado sobre uma desvencilhada cadeira. Foda-se.

—Tem minha palavra o vinculem.

—Toma isto e aceita sua designação como Primale. —lhe estendeu um pesado medalhão de ouro com um cordão de seda negro. Quando tomo o objeto, ela assentiu uma vez, como selando o pacto— Me adiantarei e informarei às Escolhidas. Meu retiro termina dentro de vários dias. Virá para mim nesse momento e será instaurado como Primale.

Seu capuz negro se elevou, sem que utilizasse as mãos. Antes de que esta baixasse sobre o brilhante rosto disse:

—Até que nos voltemos a ver. Que esteja bem.

Desapareceu sem um som de movimento, como uma luz extinguindo-se.

V foi para a cama antes que lhe cedessem os joelhos. Quando o traseiro bateu contra o colchão, olhou fixamente o longo e magro pendente. O ouro era antigo e estava marcado com caracteres na Antiga Língua.

Não desejava filhos. Nunca o tinha feito. Embora supunha que neste cenário, não era mais que um doador de esperma. Não teria que ser um pai para nenhum deles, o que era um alívio. Não seria bom com essa merda.

Metendo o medalhão no bolso traseiro das calças de couro, pôs a cabeça entre as mãos. Chegaram-lhe imagens do que tinha sido crescer no acampamento guerreiro, as lembranças eram claras como a água e afiadas como o cristal. Com uma grosseira maldição na Antiga Língua,

estendeu a mão para a jaqueta, tirou o telefone, e apertou a tecla de discagem rápida. Quando na linha apareceu a voz de Wrath, ouvia-se um vibrante som ao fundo.

— Tem um minuto? — disse V.

— Sim, o que acontece? — quando V não contínuo falando, a voz do Wrath se fez mais forte — Vishous? Está tudo bem?

— Não.

Houve um rangido logo se ouviu a voz de Wrath ao longe.

— Fritz, pode vir mais tarde aspirar? Obrigado, homem. — O som vibrante parou e uma porta se fechou — Me Diga.

— Lembra... ah, lembra a última vez que se embebedou? Mas realmente bêbado?

— Merda... ah... — durante a pausa, V se imaginou as negras sobranceiras do Rei franzindo-se até afundar-se atrás de seus óculos envolventes — Deus, acredito que foi com você. Lá, no início do ano 1900, verdade? Sete garrafas de uísque entre os dois.

— Na realidade, foram nove.

Wrath se pôs a rir.

— Começamos às quatro da tarde e bebei, o que, umas quatorze horas? Estive vomitando todo um dia depois disso. Passaram cem anos e acredito que ainda tenho ressaca.

V fechou os olhos.

— Lembra, quando estava chegando o amanhecer, que eu, ah... disse que nunca tinha conhecido a minha mãe? Que não tinha idéia de quem era ou que tinha acontecido com ela?

— A maior parte está confusa, mas sim, isso eu lembro.

Deus, ambos tinham estado tão poluídos essa noite. Bêbados até o traseiro. E essa tinha sido a única razão pela qual V tinha tagarelado um pouco a respeito do que lhe corroía a mente as vinte e quatro horas dos sete dias da semana.

— V? O que aconteceu? Isto tem algo que ver com sua mahmen?

V se deixou cair para trás sobre a cama. Enquanto aterrissava, o pendente que tinha no bolso lhe beliscou o traseiro.

— Sim... acabo de conhecê-la.

CAPÍTULO 4

No Outro Lado, no santuário das Escolhidas, Cormia estava sentada sobre a cama em seu branca quarto com uma pequena vela branca brilhando junto a ela. Estava vestida com o tradicional vestido branco das Escolhidas, os pés nus sobre o branco mármore, as mãos dobradas sobre a saia.

Esperando.

Estava acostumada a esperar. Era a natureza da vida como Escolhida. Esperava o calendário para que se oferecesse alguma atividade. Esperava que a Virgem Escriba fizesse uma aparição. Esperava uma ordem que desse tarefas para realizar. E esperava com graça, paciência e compreensão, ou envergonhava a integridade da tradição a que servia. Neste lugar nenhuma irmã era mais importante que outra. Como Escolhida, foi parte de um todo, uma simples molécula entre muitas que formava um corpo espiritual funcional... pelo que foi de uma vez indispensável e absolutamente insignificante.

Assim desafortunada era a fêmea que faltasse a seus deveres não iria poluir o resto.

Mas nesse dia, a espera continha uma carga indelével. Cormia tinha pecado, e estava esperando seu castigo.

Por um longo tempo tinha desejado que chegasse a transição, tinha estado secretamente impaciente, embora não para o benefício das Escolhidas. queria se sentir plenamente realizada como ela mesma. Queria sentir que sua respiração e os batimentos de seu coração tinham um significado que pertencia a ela como indivíduo dentro do universo, não como o raio de parte de uma roda. A mudança a tinha sacudido como uma chave para essa liberdade privada.

A mudança lhe tinha sido outorgado recentemente, quando tinha sido convidada a beber da taça do Templo. No princípio havia se sentido triunfante, assumindo que seu desejo clandestino tinha passado desapercebido e que ainda assim, tinha sido realizado. Mas logo tinha chegado o castigo.

Olhando seu corpo, culpava a seus peitos e seus quadris pelo que estava a ponto de passar. Culpava-se a si mesma por desejar ser alguém específico. Devia haver ficado como estava...

A magra cortina de seda que havia na porta deslizou para um lado, para dar passo à Escolhida Amalya, uma das atendentes pessoais da Virgem Escriba.

— Assim parece. — disse Cormia, apertando os dedos até que lhe doeram os nódulos.

Amalya sorriu bondosamente.

— Está-o.

— Quanto falta?

— Virá quando concluir o retiro de Sua Santidade.

O desespero fez que Cormia perguntasse o inconcebível.

— Não pode ser outra das nossas a que seja convocada? Há outras que o desejam.

— Você foi a escolhida. — Enquanto as lágrimas alagavam os olhos de Cormia, Amalya se adiantou, seus pés descalços não faziam nenhum ruído — Será gentil com seu corpo. Ele...

— Não fará tal coisa. É o filho do guerreiro Bloodletter.

Amalya estremeceu.

— O que?

— Acaso a Virgem Escriba não lhe disse isso?

— Sua Santidade só disse que estava tudo arrumado com um integrante da Irmandade, um guerreiro de valor.

Cormia sacudiu a cabeça.

— A mim me disse isso antes, a primeira vez que veio a mim. Pensei que todas sabiam.

A preocupação da Amalya fez que franzisse o cenho. Sem dizer uma palavra, sentou-se sobre a cama e atraiu a Cormia para si

— Não desejo isto. — sussurrou Cormia — Me perdoe, irmã. Mas não o desejo.

A voz da Amalya carecia de convicção quando disse.

— Tudo vai estar bem... de verdade.

— O que está acontecendo aqui? — a afiada voz fez que se separassem de um salto tão efetivamente como um par de mãos.

A Directrix estava parada no vão da porta, com um olhar de suspeita no rosto. Usava um livro de algum tipo em uma mão e um fio de veneradas pérolas negras na outra, era a perfeita representação do apropriado propósito e vocação das Escolhidas.

Amalya se levantou rapidamente, mas não havia forma de negar o momento. Como Escolhida, devia se regozijar por sua condição em todo momento; qualquer outro estado de ânimo era considerado uma falta de hipocrisia pela qual tinha que cumprir uma penitência. E elas tinham sido descobertas.

— Agora devo falar com a Escolhida Cormia — anunciou a Directrix —. A sós.

— Sim, claro. — Amalya foi para a porta com a cabeça baixa —. Se me desculparem, irmãs.

— Vai para o Templo de Expição, não é assim?

—Sim, Directrix.

—Fique ali pelo resto do ciclo. Se te vir nos terrenos, estarei de mais desgostada.

—Sim, Directrix.

Cormia fechou os olhos apertando-os e rezou por seu amiga enquanto esta partia. Um ciclo inteiro no Templo? Podia voltá-la louca pela privação dos sentidos.

As palavras da Directrix foram cortantes.

—Enviaria você para lá também, se não houvesse outras coisas que necessitam sua atenção.

Cormia enxugou as lágrimas.

—Sim, Directrix.

—Agora deve começar os preparativos lendo isto. —O livro forrado em couro aterrisou na cama— Detalha os direitos do Primale e suas obrigações. Quando terminar, começará seu treinamento sexual.

OH, querida Virgem, por favor, com a Directrix não... por favor, com a Directrix não...

—Layla te instruirá. —Quando os ombros da Cormia se afrouxaram, a Directrix disse bruscamente— Devo me ofender ante seu alívio ao ver que não sou eu a que vai instruir você?

—Em absoluto, irmã.

—Agora me ofende sendo hipócrita. Me olhe. Me olhe.

Cormia levantou os olhos e não pôde evitar encolher-se de medo quando a Directrix a fulminou com um duro olhar.

—Cumprirá com seu dever e o fará bem ou a jogarei daqui. Entende? Será expulsa.

Cormia estava tão aturdida que não pôde responder. Jogariam-na? Mandariam-na... ao Outro Lado?

—Me responda. Fica entendido?

—S-sim, Directrix.

—Não se equivoque. A sobrevivência das Escolhidas e a ordem que estabeleci aqui dentro são a única coisa que importa. Qualquer indivíduo que seja um obstáculo será eliminado. Lembra-o quando sentir o impulso de sentir lástima por você mesma. Esta é uma honra e pode ser revogado com as resultantes conseqüências que serão efetuadas por minha mão. Estamos entendidas? Entamos?

Cormia não pôde encontrar a voz, por isso assentiu com a cabeça.

A Directrix sacudiu a cabeça, tinha uma estranha luz emanando de seus olhos.

—Salvo por sua linha sangüínea é totalmente inaceitável. E já que estamos nisso, todo o assunto é absolutamente inaceitável.

A Directrix se foi com um sussurro de roupa, sua túnica branca de seda flutuando ao redor do marco da porta atrás de sua esteira.

Cormia pôs a cabeça entre as mãos e mordeu o lábio inferior enquanto contemplava sua situação. Seu corpo tinha sido prometido a um guerreiro que nunca tinha visto em sua vida... que era filho de um brutal e cruel progenitor... e sobre seus ombros descansava a nobre tradição das Escolhidas.

Honra? Não, isto era um castigo... pela audácia de querer ter algo para si mesma.

Quando chegou outro martini, Phury tratou de lembrar se era o quinto, ou o sexto? Não estava certo.

—Homem, que bom que não tenhamos que lutar esta noite —disse Butch— Está bebendo essa merda como se fosse água.

—Estou sedento.

—Imaginei. —O poli se estirou sobre o banco fixo— Por quanto tempo mais planeja se reidratar, Lawrence da Arábia?

—Não tem porque ficar ...

—Se mova, poli.

Ambos, Phury e Butch levantaram o olhar. V tinha aparecido frente à mesa saído de nenhuma parte, e algo estava errado. Com os olhos dilatados e o rosto pálido, parecia como se tivesse sofrido um acidente, embora não estivesse sangrando.

—Hey, colega. —Butch deslizou para a direita para deixar espaço— Pensei que não o veríamos esta noite.

V se sentou, a jaqueta de couro se inflou para cima fazendo que seus grandes ombros parecessem realmente imensos. Com um movimento pouco habitual nele, começou a tamborilar os dedos sobre a mesa.

Butch franziu o cenho em direção a seu companheiro de quarto.

—Parece como se o tivessem atropelado. O que aconteceu?

Vishous cruzou as mãos.

—Este não é o lugar.

—Então vamos para casa.

—De maneira nenhuma. Vou estar preso lá todo o dia. —V levantou a mão. Quando a garçonete se aproximou, pôs uma nota de cem na bandeja— Faz que flua Goose, tudo bem? E isto é só a gorjeta.

Ela sorriu.

—Será um prazer.

Quando foi para o bar como se estivesse usando patins, os olhos de V percorreram a área VIP, com o cenho franzido. Merda, não estava comprovando a multidão. Estava procurando briga. E era possível que o irmão estivesse... brilhando um poquinho?

Phury olhou para a esquerda e se deu um toque na orelha duas vezes, enviando assim uma solicitude a um dos gorilas que vigiavam a porta privada. O guarda de segurança assentiu e falou contra o relógio bracelete.

Momentos depois saiu um enorme macho com um corte de cabelo uso mohawk. Rehvenge estava vestido com um perfeito traje negro e tinha um bastão negro na mão direita. Enquanto se aproximava lentamente para a mesa da Irmandade, seu guarda-costas se afastaram frente a ele, em parte por respeito a seu tamanho, em parte pelo medo a sua reputação. Todo mundo sabia quem era e do que era capaz. Rehv era o tipo de senhor das drogas que tomava interesse pessoal em seu negócio. Se cruzava com ele terminava talhado em cubos, como algo que se via no canal gastronômico.

O cunhado mestiço de Zsadist estava provando ser um surpreendente aliado para a Irmandade, embora a verdadeira natureza do Rehv complicava tudo. Não era inteligente se colocar na cama de um symphath. Literal ou figuradamente. Por isso era um duvidoso amigo e parente.

Seu tenso sorriso mostrava as presas.

—Boa noite, cavalheiros.

—Incomodaria-se que usássemos seu escritório para um pequeno assunto particular? —perguntou Phury.

—Não vou falar. —disse V chiando os dentes no momento em que chegava sua bebida. Com um giro de pulso a derrubou em sua garganta como se o estivessem incendiando as vísceras e a merda fosse água— Não vou falar.

Phury e Butch trocaram um olhar, e chegaram a um consenso. Ah se, Vishous ia ser inexoravelmente miserável.

—Seu escritório? —disse Phury ao Rehvenge.

Rehv arqueou uma elegante sombrancelha, sobre os ardilosos olhos cor ametista.

—Não estou certo de que queiram usá-la. O lugar está conectado a um sistema de som, e cada sílaba fica gravada. A não ser... é obvio... que eu esteja ali dentro.

Não era o ideal, mas algo que prejudicasse à Irmandade prejudicava à irmã de Rehv, sendo esta a companheira de Z. Assim embora o homem fosse em parte symphath, tinha motivos para ficar calado sobre o que fosse que estivesse ocorrendo.

Phury deslizou da banqueta e olhou fixamente a V.

—Traz sua bebida.

—Não.

Butch ficou de pé.

—Então fica sem ela. Porque se não quiser ir para casa, falaremos aqui.

Os olhos de V brilharam. E não foi o único.

—Merda...

Butch se inclinou sobre a mesa.

—Neste preciso momento está desprendendo um aura como se tivesse o traseiro ligado à parede. Assim que recomendo a você seriamente que deixe de lado essa merda de sou-uma-ilha e leve sua lamentável desculpa de pessoa para o escritório do Rehv antes que demos um espetáculo. Compreendido?

Seguiu um longo espaço de tempo sem que nada ocorresse salvo o troca de olhares entre V e Butch. Logo V ficou de pé e se encaminhou ao escritório de Rehv. No caminho, sua fúria propagava um aroma de químico tóxico, do tipo que faz que pique o nariz.

Homem, o poli era o único que tinha uma oportunidade com V quando o macho estava assim.

Assim demos graças a Deus pelo irlandês.

O grupo passou pela porta vigiada por um par de gorilas e tomaram posse da cova que Rehvenge tinha por escritório. Quando a porta se fechou, Rehv foi para a mesa, moveu algo debaixo dela e um som de assobio deixou de soar.

—Estamos preparados. —disse, sentando-se sobre uma cadeira de couro negro.

Todos olharam fixamente a V... que instantaneamente se converteu em um animal de zoológico, passeando de um lado a outro e parecendo que queria comer a alguém. Finalmente o irmão se deteve do outro lado do aposento em respeito ao Butch. A tênue luz sobre eles não era tão brilhante como a que brilhava debaixo de sua pele.

—Me conte —murmurou Butch.

Sem dizer uma palavra, V tirou algo do bolso traseiro da calça. Quando estendeu o braço, um pesado medalhão de ouro oscilou no extremo de um cordão de seda.

—Parece que tenho um novo trabalho.

—OH... merda —sussurrou Phury.

A organização do dormitório do Blay cumpria os SOP, procedimentos operativos padronizados, para o John e seus amigos. John estava aos pés da cama. Blay estava sentado no chão com as pernas cruzadas. Qhuinn estava estendido em toda sua extensão, com seu novo corpo pendurando metade dentro, metade fora de um puf. Havia garrafas de cerveja abertas, e estavam comendo sacos de Doritos e Ruffles.

—OK, cospe —disse Blay— Como foi sua transição?

—Quem se importa com a mudança. Tive relações. —Enquanto os olhos do Blay e John aumentavam, Qhuinn pôs-se a rir— Sim. Fiz. Para dizer de outra forma no fim me deram a cereja.

—Deixa de brincar. —disse Blay com um suspiro.

—Sério —Qhuinn inclinou a cabeça para trás e se bebeu meia cerveja— Embora deva dizer que a transição... cara... —olhou para John, entrecerrando os olhos—Se Prepare, J-man. É muito duro. Deseja morrer. Reza por isso. E logo a merda fica realmente crítica.

Blay assentiu.

—É espantoso.

Qhuinn terminou a cerveja e atirou a garrafa vazia no cesto de papéis.

—A minha foi presenciada. A sua também, não é? —quando Blay assentiu, Qhuinn abriu o mini refrigerador e tirou outra cerveja— . Sim, quero dizer... foi estranho. Meu pai no quarto. O pai dela, também. Todo o tempo meu corpo estava se sacudindo. Teria me sentido envergonhado, mas estava muito ocupado me sentindo como um idiota.

—A quem utilizou? —perguntou Blay.

—A Marna.

—Liiiinda.

As pálpebras de Qhuinn se tornaram pesadas.

—Sim, é muito bonita.

Blay ficou boquiaberto.

—Ela? Foi a que...

—Sim. —Qhuinn se pôs a rir quando Blay caiu para trás sobre o chão como se tivessem atirado no peito— Marna. Sei. Logo que posso acreditá-lo eu mesmo.

Blay levantou a cabeça.

—Como ocorreu? E que Deus me ajude, chutarei-te o traseiro se omitir algo.

—Certo! Como se você tivesse sido tão eloqüente com sua merda.

—Não se esquive da pergunta. Começa a ladrar como o cão que é, amigo.

Qhuinn se sentou, e John entendeu o sinal, movendo-se para o mesmo bordo da cama.

—Bom, então tudo tinha terminado, sabem? Quero dizer... tinha terminado de beber, o mudança tinha terminado, estava estendido na cama como... Sim, como se tivesse sido atropelado por um trem. Ela estava ali no caso de que eu precisasse beber mais de sua veia, em uma cadeira em uma canto do quarto ou algo assim. Enfim, seu pai e o meu estavam falando e eu como que desmaiei. Depois soube que estava sozinho no quarto. A porta se abriu e Marna entrou. Disse que esqueceu o casaco ou algo assim. Dei-lhe uma olhada e... bem, Blay, sabe que aspecto tem, não é? Me endureceu imediatamente. Pode me culpar?

—Sem chance.

John piscou e se inclinou ainda mais perto.

—De toda forma, estava coberto por um lençol, mas de alguma forma soube. Homem, estava-me olhando e sorrindo, e eu estava como, "OH, Meu deus..." Mas logo seu pai gritou seu nome do vestibulo. Ambos tinham que ficar em casa porque já era de dia quando terminei, mas claramente não queria que se deitasse comigo. Então quando saia, disse-me que logo escapuliria para o meu quarto. Na realidade não acreditei, mas tinha esperanças. Passou uma hora e eu esperando... desejando. Outra hora. Logo pensei bem, não virá. Chamei meu pai pelo telefone interno e lhe disse que tinha que sair. Logo me levantei, fui para o chuveiro, saí... e estava na quarto. Nua. Na cama. Cristo. Tudo o que pude fazer foi olhá-la fixamente. Mas me recuperei rapidamente —os olhos do Qhuinn estavam fixos no chão e sacudiu a cabeça para trás e para frente— Tomei-a três vezes. Uma atrás da outra.

—OH... merda —sussurrou Blay— Você gostou?

—O que você acha? Claro. —Enquanto Blay assentia e levantava a cerveja para os lábios, Qhuinn disse— Quando terminei, coloquei-a no chuveiro, limpei-a, e fiquei de baixo dela durante meia hora.

Blay se engasgou com a cerveja, derramando-a sobre si mesmo.

—OH, Deus...

—Estava como uma ameixa amadurecida. Doce e melosa. —Quando os globos dos olhos do John lhe saíram fora das órbitas, Qhuinn sorriu— A tinha toda sobre meu rosto. Foi fantástico.

O cara tomou um longo gole, como se fosse muito homem, e não tivesse que fazer nenhum esforço por ocultar a reação de seu corpo ao que indubitavelmente estava revivendo em sua mente. Quando seu jeans se esticaram na zona da cremalheira, Blay cobriu os quadris com um sueter.

Não tendo nada que ocultar, John olhou sua garrafa.

—Vai se emparelhar com ela? —perguntou Blay.

—Não, pelo amor de Deus! —Qhuinn levantou a mão e brandamente tocou o olho arroxado— Só foi... algo que aconteceu. Quero dizer, não. Ela e eu? Nunca.

—Mas não era...

—Não, não era virgem. É obvio que não o era. Assim nada de emparelhamento. De todo o modo nunca me aceitaria dessa maneira.

Blay olhou para John.

—Supõe-se que as fêmeas da aristocracia devem ser vírgens antes de emparelhar-se.

—Embora os tempos mudaram —Qhuinn franziu o cenho— Ainda assim, não o digam nada a ninguém, certo? Passamos um bom momento, e não foi nada do outro mundo. É uma boa pessoa.

—Meus lábios estão selados —Blay fez uma profunda inspiração, logo esclareceu garganta— Ah... é melhor fazê-lo com alguém, verdade?

—O sexo? muito melhor, companheiro. Fazê-lo por você mesmo te alivia, mas não há nada como o real. Deus, era tão suave... especialmente entre as pernas, eu adorei estar em cima dela, lhe colocando minha merda profundamente, ouvindo-a gemer. Teria gostado que pudessem ter estado lá. Realmente teriam desfrutado.

Blay fez girar os olhos.

—Olhar enquanto você faz sexo. Sim, certo, isso é algo que realmente eu gostaria de ver.

O sorriso do Qhuinn foi lento e um pouco malicioso.

—Você gosta de me ver lutar, não é?

—Bom, certo, é bom.

—Por que teria que ser diferente com o sexo? Só é algo que faz com seu corpo.

Blay pareceu perplexo.

—Mas... o que há a respeito da privacidade?

—A privacidade é um assunto de contexto —Qhuinn tirou uma terceira cerveja— E, Blay?

—O que?

—Além disso, sou muito bom com o sexo —abriu a tampa e tomou um gole— Assim isto é o que temos que fazer. Vou tomar alguns dias para me fortalecer, e logo vamos a um desses clubes do centro. Quero fazê-lo de novo, mas não pode ser com ela. —Qhuinn olhou ao John— J-man, você também vem conosco ao ZeroSum. Não me importa se for um pretrans. Iremos juntos.

Blay assentiu.

—Os três juntos temos boa onda. Além disso, John, logo será como nós.

Enquanto os dois começavam a fazer planos, John ficou em silêncio. Todo o assunto de transar com garotas era impensável e não só porque a transição ainda não o tinha alcançado.

Sentiu a arma na têmpora. Sentiu como o tiravam os jeans baixando-lhe, sentiu o inconcebível enquanto o estavam fazendo. Lembrou o fôlego arranhando sua garganta ao entrar e sair e os olhos enchendo-se de lágrimas e como mijou em cima, sobre a ponta dos sapatos baratos do homem.

— Este fim de semana — anunciou Qhuinn — Faremos que se encarreguem de você, Blay.

John deixou a cerveja e esfregou as bochechas enquanto as de Blay ficavam vermelhas.

— Sim, Qhuinn... não sei...

— Confia em mim. Farei que ocorra. Então, John? É o próximo.

A primeira resposta de John foi sacudir a cabeça, negando, mas logo se deteve para não parecer um idiota. Já se sentia deixado para trás como a bola oito, todo pequeno e pouco viril. Desprezar uma oferta para ter sexo o colocaria decididamente na terra dos perdedores.

— Então temos um plano? — demandou Qhuinn.

Quando Blay ficou a jogar com a ponta da jaqueta, John teve a clara impressão de que ele ia dizer não. O que fazia que John se sentisse muito melhor...

— Sim. — Blay esclareceu a garganta — Eu... ah, Sim. Estou, assim, interessado como a merda. É quase na única coisa em que posso pensar, sabem? E é algo doloroso, sério.

— Sei exatamente o que quer dizer — os olhos do Qhuinn brilharam — E vamos passar um bom momento. Merda John... Poderia lhe dizer a seu corpo que se apresse?

John somente encolheu de ombros, desejando poder ir-se.

— Assim, chegou a hora de jogar uns Killerz? — perguntou Blay, assinalando a Xbox que estava no chão — John vai ganhar outra vez, mas ainda podemos brigar pelo segundo lugar.

Foi um tremendo alívio mudar de assunto, e os três se deixaram envolver pelo jogo, gritando à TV, atirando pacotes de caramelos e tampas de cerveja um ao outro. Deus, John adorava isto. Na tela competiam como iguais. Ali não era o menor e tampouco ficava para trás. Era melhor que eles. No Killerz, podia ser o guerreiro que desejava ser.

Enquanto os fazia morder o pó, olhou a Blay e soube que ele tinha escolhido esse jogo especificamente para fazer John se sentir melhor. Mas bem, Blay entendia como se sentiam as pessoas e como ser amável sem envergonhar a ninguém. Era um amigo excelente.

Quatro pacotes de seis cervejas, três viagens à cozinha, duas partidas completas de Killerz e um filme de Godzilla depois, John olhou o relógio e desceu da cama. Fritz logo viria buscá-lo, porque cada noite às 4 a.m. tinha uma entrevista a que devia assistir a não ser que quisesse que o tirassem do programa de treinamento.

Vejo-lhes amanhã na classe? disse por gestos.

— Com certeza. — disse Blay.

Qhuinn sorriu.

— No messenger mais tarde, OK?

Veremos. Fez uma pausa na porta. OH, hey, queria perguntar, tocou seu olho e indicou o de Qhuinn. Como ganhou o olho arroxado?

O olhar do Qhuinn ficou absolutamente sem expressão, seu sorriso tão brilhante como sempre.

— OH, não é nada. Somente escorreguei e caí na ducha. Realmente estúpido, huh.

John franziu o cenho e olhou a Blay, cujos olhos se pegaram ao chão e permaneceram ali. OK, algo estava...

— John... — disse Qhuinn firmemente — Os acidentes acontecem.

John não acreditou, especialmente dado que os olhos de Blay continuavam baixos, mas como ele mesmo tinha seus próprios segredos não ia intrometer-se.

Sim, certo, disse por gestos. Logo assobiou uma rápida despedida e se foi.

Quando fechou a porta, escutou as vozes graves e pôs uma mão sobre a madeira. Desejava tanto ser como eles, mas a parte do sexo... Não, sua transição era sobre transformar-se em um macho para poder vingar sua própria morte. Não se tratava de atirar-se sobre as garotas. De fato, talvez devesse tomar uma folha do livro de Phury.

O celibato tinha muitas coisas recomendáveis. Phury tinha estado abstendo-se... por toda a vida, e olha-o. Era absolutamente correto, um cara dos mais centrados.

Não era um mau exemplo a seguir.

CAPÍTULO 5

—O que vai ser o que? —balbuciou Butch.

Ao olhar seu companheiro de quarto, Vishous tentou pronunciar a puta palavra sem engasgar-se.

—O Primale. Das Escolhidas.

—E que demônios é isso?

—Basicamente, um doador de esperma.

—Espera, espera... então fará algo assim como fecundação in vitro?

V passou a mão pelo cabelo e pensou no quão bem se sentiria ao atravessar a parede com o punho.

—Tem que se envolver um pouco mais que isso.

Falando de envolver-se mais, tinha passado muito tempo desde que tinha tido sexo direito com uma fêmea. Poderia gozar durante o sexo formal e ritual que praticavam as Escolhidas?

—Por que você?

—Tem que ser um membro da Irmandade. —V passeou ao redor do escuro escritório, pensando em que por agora manteria oculta a identidade de sua mãe— É um atoleiro limitado onde escolher. Um que se está fazendo cada vez menor.

—Viverá lá? —perguntou Phury.

—Viver lá? —interrompeu Butch— Quer dizer que já não poderá lutar junto a nós? Ou... passar o tempo conosco?

—Não, pus essa condição no acordo.

Quando Butch suspirou com alívio, V tratou de não sonhar a respeito de que a seu companheiro de quarto se preocupasse em vê-lo tanto como ele se importava em ser visto.

—Quando aconteceu?

—Faz uns dias.

Phury elevou a voz.

—Foi informado o Wrath?

—Sim.

Enquanto V pensava no que se colocou, seu coração começou a lhe pulsar no peito como um pássaro batendo as asas tratando de escapar da jaula que formavam as costelas. O fato de ter a dois de seus irmãos e ao Rehvenge lhe dando esses horripilantes olhares intensificou o pânico.

—Escutem, importariam-se de me desculpar um momento? Preciso... merda, preciso sair daqui.

—Vou com você. —disse Butch.

—Não. —O estado de ânimo de V era desesperador. Se alguma vez tinha havido uma noite em que poderia ter se sentido tentado a fazer algo estupidamente inapropriado, era essa. Já era o

suficientemente ruim que o que sentia por seu companheiro de quarto fosse um segredo subentendido. Fazê-lo realidade atuando sem medir as consequências, seria uma catástrofe que nem ele, nem Butch, nem Marissa poderiam confrontar.

—Preciso estar sozinho.

V empurrou o medalhão no bolso traseiro e deixou um esmagador silêncio no escritório. Enquanto saía apressadamente pela porta lateral para o beco, desejava encontrar um lesser. Precisava encontrar um. Rezava à Virgem Escri...

V se deteve em seco. Bom, merda. Estava seguro como o inferno de que não ia lhe rezar mais a essa mãe. Nem a usar essa frase.

Maldita... fosse.

V se reclinou para trás contra o frio tijolo do edifício do ZeroSum, e, por mais que lhe doesse, não pôde evitar pensar em sua vida no acampamento guerreiro.

O acampamento tinha estado situado na Europa central, nas profundidades de uma cova. Uns trinta soldados o tinham usado como base central, mas tinha havido outros ocupantes. Uma dúzia de pretrans tinham sido enviados lá para serem treinados, e outra dúzia mais ou menos de prostitutas que alimentavam e atendiam aos machos.

O Bloodletter o tinha dirigido durante anos e tinha formado a alguns dos melhores guerreiros da espécie. Quatro membros da Irmandade se iniciaram sob o mando do pai de V. Não obstante, muitos outros, de todos os níveis, não tinham conseguido sobreviver.

As primeiras lembranças de V eram de sentir-se faminto e gelado, de observar a outros comer enquanto seu estômago rugia. Ao longo de seus primeiros anos, a fome o tinha impulsionado, e como outros pretrans, sua única motivação tinha sido alimentar-se, sem importar o que tivesse que fazer para consegui-lo.

Vishous esperava oculto nas sombras da cova, permanecendo longe da piscante luz jogada pela fogueira do fosso do acampamento. Sete veados frescos estavam sendo devorados com obsceno frenesi, os soldados cortavam a carne dos ossos e a mastigavam como animais, o sangue lhes sujava os rostos e as mãos. À margem da comida, todos os pretrans tremiam de cobiça.

Como outros, V estava ao fio da inanição. Mas não estava junto a seus jovens companheiros. Esperava na longínqua escuridão, com os olhos fixos em sua presa.

O soldado que estava vigiando era gordo como um porco, com dobras de carne caindo sobre suas calças de couro e as feições imprecisas pelo grande volumoso, a maior parte do tempo, o glutão andava sem túnica, com o bulboso peito e o distendido estômago dançando enquanto desfilava pelos arredores distribuindo patadas aos cães vagabundos que viviam no acampamento ou indo atrás das prostitutas. Apesar de toda sua preguiça, era um malvado assassino, o que lhe faltava de velocidade o compensava com força bruta. Com mãos grandes como a cabeça de um macho adulto, se comentava que arrancava as extremidades dos lessers para comer depois.

Em cada refeição era dos primeiros a chegar à carne, e comia rapidamente, embora o danificava com sua falta de cuidado. Não prestava muita atenção ao que conseguia meter na boca. Partes de carne de veado, jorros de sangue e fragmentos de osso cobriam seu estômago e peito, formando uma sangrenta túnica tecida por sua descuidada tarefa.

Essa noite o macho terminou cedo e se reclinou para trás sobre os quadris, com uma perna de veado no punho. Embora tinha terminado, atrasava-se perto da peça morta da que tinha estado alimentando-se, empurrando a outros soldados para entreter-se.

Quando chegou o momento de que se repartissem os castigos dos treinamentos, os soldados se transladaram da fogueira para a plataforma de Bloodletter. À luz das tochas, os

soldados que tinham sido derrotados nas práticas eram obrigados a inclinar-se aos pés do Bloodletter e eram violentados por aqueles que os tinham derrotado, ante as brincadeiras e desprezo de outros. Enquanto isso, os pretrans caíam sobre as sobras do veado enquanto as fêmeas do acampamento observavam tudo com duros olhos, esperando sua vez.

A presa de V não estava muito interessada nas humilhações. O gordo soldado olhou durante um momento, logo se foi com a perna de carne pendurando em uma de suas mãos. Seu sujo jergón estava em um dos extremos mais afastados de onde dormiam os soldados, porque até seus narizes se viam ofendidos pelo fedor que desprendia.

Estirado, via-se como um campo ondeante, seu corpo era uma série de colinas e vales. A perna de veado que repousava sobre seu estômago era o prêmio no topo da montanha.

V se manteve afastado até que os olhos do soldado estivessem cobertos por suas carnudas pálpebras e seu pesado peito subiu e baixou com um ritmo que cada vez se ia fazendo mais lento. Logo a boca de peixe se abriu, e saiu um ronco, seguido de outro. Foi nesse momento quando V se aproximou com os pés descalços, sem fazer nenhum som sobre o chão de terra.

O repugnante aroma do macho não deteve v, e não se importava com a imundície que havia sobre a fresca coxa do veado, moveu-se para frente, com a pequena mão estendida, aproximando-se da articulação do osso.

Quando a liberou, uma adaga negra passou velozmente junto à orelha do soldado e ao penetrar no atestado chão da cova fez que o macho abrisse os olhos de repente.

O pai de V surgiu como um punho com cota de malha a ponto de cair, as pernas fixadas firmemente, os escuros olhos nivelados. Era o maior dentro do acampamento, se comentava que era o maior macho nascido dentro da espécie, e sua presença inspirava medo por duas razões. Por seu tamanho e por ser imprevisível. Seu humor era sempre volúvel, com caprichos violentos e caprichosos, mas V sabia a verdade atrás de seu volátil temperamento. Não havia nada que não fosse calibrado para obter resultados. O engenho malicioso de seu pai era tão intenso como grossos eram seus músculos.

—Acordade —disse bruscamente o Bloodletter— Enquanto vagueia está sendo roubado por um debiloide.

V foi para longe de seu pai, mas começou a comer, afundando os dentes na carne e mastigando tão rápido como podia. Seria espancado por isso, provavelmente por ambos os homens, assim tinha que consumir a maior quantidade possível antes de que comessem a cair em cima dele.

O gordo começou a dar desculpas até que o Bloodletter o chutou na planta do pé com uma bota de pregos. O rosto do macho ficou cinza mas tinha claro que não devia queixar-se.

—Os porquês deste acontecimento me aborrecem. —O Bloodletter olhou fixamente ao soldado— Eu estou perguntando que fará a respeito.

Sem deter-se para tomar fôlego, o soldado formou um punho com a mão, inclinou-se, e o descarregou contra o flanco do V. V perdeu o bocado que mastigava quando o impacto tirou o ar dos seus pulmões e a carne da boca. Enquanto ofegava, recolheu a parte do pó e voltou a meter-lhe entre os lábios. Sentia salgado pelo chão da cova.

Quando começou a surra, V comeu entre agressões até que sentiu que o osso de sua pantorrilha se dobrava até quase quebrar-se. Deixou escapar um grito e perdeu a peça de carne. Alguém a recolheu e fugiu com ela.

Todo o tempo, o Bloodletter riu sem sorrir, o som saía como um latido de lábios retos e finos como facas. E logo terminou. Sem esforço aparente pegou o gordo soldado pela parte traseira do pescoço e o atirou contra a parede de rocha.

As botas com pregos do Bloodletter se plantaram frente ao rosto do V.

—Recolhe minha adaga.

V piscou e tratou de mover-se.

Houve um rangido de couro, e então o rosto do Bloodletter esteve frente a V.

—Recolhe minha adaga, menino. Ou esta noite farei que tome o lugar das putas no fosso.

Os soldados que se reuniram atrás de seu pai riram, e alguém atirou uma pedra que pegou a V na perna que tinha sido ferida.

—Minha adaga, menino.

Vishous estendeu os pequenos dedos na terra e se arrastou para a arma. Embora estava a só uns dois metros dela, a lâmina parecia estar a milhas de distância. Quando finalmente fechou a palma sobre ela, necessitou ambas as mãos para liberá-la da terra de tão fraco que estava. Tinha o estômago revoltado de dor, e enquanto puxava a lâmina, vomitou a carne que tinha roubado.

Quando as náuseas cessaram, estendeu a adaga a seu pai, que havia tornado a elevar-se em toda sua altura.

—Se coloque de pé —disse o Bloodletter— Ou pensa que deveria me inclinar para o indigno?

V lutou para conseguir sentar-se e não podia imaginar como ia conseguir elevar todo seu corpo se não podia levantar os ombros. Trocou a adaga para a mão esquerda, pôs a direita no chão, e se elevou. A dor foi tão grande que lhe obscureceu a visão... e logo ocorreu algo milagroso, uma espécie de luz radiante o alagou de dentro para fora, como se o sol se derramasse em suas veias e limpou a dor até que esteve livre dela. Sua visão retornou... e viu que sua mão brilhava.

Este não era o momento de assombrar-se, elevou-se do chão, levantando-se enquanto tratava de não depositar o peso na perna ferida. Com mão tremente, apresentou a adaga a seu pai.

O Bloodletter olhou para trás durante um instante, como se nunca tivesse esperado que V conseguisse ficar em pé. Olhou a arma e se voltou.

—Que alguém o faça cair de novo. Seu atrevimento me ofende.

V aterrissou em uma pilha quando a ordem foi cumprida, e então, a radiante luz o abandonou e a agonia retornou. Esperou que chegassem mais golpes, mas quando escutou que a multidão rugia, soube que o castigo dos perdedores seria o entretenimento do dia, e não ele.

Enquanto jazia em uma restinga de miséria, enquanto tratava de respirar através do pulsar de seu golpeado corpo, imaginou uma mulher com uma túnica branca vindo para ele e envolvendo-o em seus braços. Com suaves palavras o embalava e lhe acariciava o cabelo, acalmando-o.

Deu as boas-vindas à visão. Era sua mãe imaginária. A que o amava e desejava que estivesse a salvo, abrigado e alimentado. Verdadeiramente, essa imagem era a que o mantinha com vida, lhe dando a única paz que tinha conhecido em sua vida.

O soldado gordo se inclinou para ele, seu fétido e úmido fôlego invadiu o nariz de Vishous.

—Me roube outra vez e não conseguirá se curar do que irei fazer.

O soldado cuspiu no rosto de V logo o levantou e o jogou para fora do jergón como se fosse um resto inútil.

antes que V desmaiasse, a última coisa que viu foi aos outros pretrans, que estavam terminando de saborear a perna de veado.

CAPÍTULO 6

Com uma maldição, V se livrou de suas lembranças, seus olhos revoaram pelo beco em que se encontrava, como um velho jornal apanhado pelo vento. Homem, estava arruinado. O selo de seu descaramento se quebrou e seus restos se derramaram por todo o lugar.

Fudido. Muito fudido.

O bom era que nesse momento não tinha sabido que tipo de merda era esse assunto de minha-mamãe-me-quer. Isso o teria ferido mais que os abusos aos quais foi submetido.

Tomou o medalhão do Primale do bolso traseiro e ficou a olhá-lo fixamente. Ainda estava olhando-o quando minutos mais tarde o objeto caiu ao chão e ricocheteou como uma moeda. Franziu o cenho... até que se deu conta de que sua mão “normal” estava brilhando e tinha queimado o cordão.

Maldita fosse, sua mãe era uma egomaniaca. Deu a vida à espécie, mas isso não foi suficiente para ela. Demônios, não. Queria tomar parte no baile.

A merda com ela. Não ia lhe dar a satisfação de ter centenas de netos. Fedia como mãe, assim para que lhe dar outra geração a que arruinar.

E além disso, havia outra razão de porquê não deveria ser o Primale. Era, depois de tudo, o filho de seu pai, assim que a crueldade estava em seu DNA. Como podia confiar em si mesmo de que não se descarregaria com as Escolhidas? Essas fêmeas não tinham culpa, e não mereciam o que terminaria entre suas pernas se se convertia em seu par. Não ia fazer.

V acendeu um cigarro encalacrado à mão, levantou o medalhão, e deixou o beco girando à direita pela rua Trade. Precisava desesperadamente uma briga antes que chegasse o amanhecer.

Contava encontrar alguns lessers no labirinto de concreto que era o centro da cidade.

Era uma aposta segura. Na guerra entre a Sociedade Lessening e os vampiros havia uma só regra no combate: Não lutar frente a humanos. A última coisa que precisavam, qualquer das duas partes eram baixas humanas ou testemunhas, assim que as batalhas encobertas eram o distintivo do jogo, e o Caldwell urbano apresentava um bom teatro para combates a baixa escala. Graças ao êxodo em pequenas quantidades por volta dos subúrbios dos anos setenta, havia muitos becos escuros e edifícios desocupados. Além disso, os poucos humanos que estavam na rua estavam primordialmente ocupados servindo-se de vários vícios. O que significava que estavam ocupados em outra coisa, dando muito trabalho à polícia.

Enquanto caminhava, mantinha-se afastado dos atoleiros de luz proporcionados pelo sistema de iluminação guia de ruas e os faróis dos carros. Graças à dura noite, havia poucos pedestres nos arredores, por isso estava sozinho quando passou pelo McGrider e o Screamer e um novo clube de striptease que acabava de abrir. Mais acima, passou em frente ao auto-serviço tex-mex e o restaurante chinês, que estavam ladeados por salões de tatuagens que competiam entre si. Um quadra depois passou perto do edifício de apartamentos sobre a avenida Redd onde estava acostumada a viver Beth antes de conhecer Wrath.

V estava a ponto de dar a volta e voltar para o núcleo principal quando se deteve. Levantou o nariz. Inalou. O aroma de talco de bebê estava no ar, e já que as velhas anciãs e os bebês estavam fora de serviço a esta tardia hora, soube que seu inimigo estava perto.

Mas havia algo mais no ar, algo que fez que seu sangue esfriasse.

V desabotoou a jaqueta para ter as adagas à mão e começou a correr, rastreando os aromas até a rua Vinte. A Vinte estava a uma quadra de distância do Trade, cercada por edifícios de escritórios que estavam adormecidos a esta hora da noite, e enquanto corria por seu desigual e lamacento pavimento, os aromas se fizeram mais fortes.

Tinha o pressentimento que tinha chegado tarde.

Cinco quadras depois viu que tinha razão.

O outro aroma era o do sangue derramado de um vampiro civil, e quando as nuvens se afastaram, a luz da lua caiu sobre o horrível espetáculo. Um macho post transição vestido com roupas rasgadas de sociedade estava além da morte, seu torso retorcido, o rosto tão quebrado que seria impossível de reconhecer. O lesser que tinha executado o assassinato estava revisando os

bolsos do vampiro, sem dúvida com a esperança de encontrar a direção de sua casa como pista que o levasse a fazer outra matança.

O assassino sentiu V e olhou sobre o ombro. O ser era branco como a pedra calcária, seu cabelo pálido, a pele e os olhos decolorados como o giz. Grande, constituído solidamente como um jogador de rugby, fazia tempo que tinha passado pela iniciação e V soube, não só devido ao fato da natural pigmentação do bastardo ter se desvanecido. O lesser já estava preparado quando ficou de pé de um salto, as mãos indo à altura de seu peito, jogando o corpo para frente.

Correram o um para o outro e se encontraram como o fariam dois carros se chocando em um cruzamento: cara a cara, peso a peso, força contra força. E no inicial encontro e saudação, V recebeu um murro de uma mão do tamanho de um presunto na mandíbula, do tipo que faz que seu cérebro se fragmente dentro do crânio. Ficou tonto momentaneamente, mas se arrumou para devolver o favor o suficientemente forte para fazer girar o lesser como um peão. Logo foi atrás de seu oponente. Pegando-o pela jaqueta de couro e lançando-o para o ar fora de suas botas militares.

V gostava de lutar corpo a corpo. E era bom no trabalho de campo.

Embora o assassino foi rápido. Levantou-se do pavimento e lhe lançou um golpe que revolveu os órgãos internos de V como um maço de cartas. Quando V cambaleou para trás, tropeçou em uma garrafa de Coca-Cola, que fez com que seu tornozelo se dobrasse e tomou um assento no expresso que usava para o asfalto. Afrouxando e deixando ir seu corpo, manteve os olhos sobre o assassino, que se moveu depressa. O bastardo foi até o tornozelo de V, pegando-o pela pesada bota e dobrando-a com toda a força de seu grosso peito e braço.

V lançou um grito enquanto girava o rosto ao chão, mas se fechou à dor. Usando seu tornozelo machucado e seus braços como alavanca, empurrou-se sobre o asfalto, levantou sua perna livre para o peito e deu um golpe para trás, atirando no filho da puta uma patada no joelho e lhe quebrando a articulação. O lesser se sustentou sobre uma só perna como um flamingo, com a extremidade dobrada na direção equivocada, enquanto caía sobre as costas do V.

Ambos se sujeitaram fortemente, com os antebraços e os bíceps encolhendo-se enquanto giravam para terminar perto do civil assassinado. Quando a V morderam a orelha, a merda realmente se agitou. Livrando-se dos dentes do lesser, deu-lhe ao bastardo um murro no lóbulo frontal, resultando em ambos os ossos quebrados, mas que aturdiu ao maldito o tempo suficiente para liberar-se.

Ou quase.

A faca entrou em seu flanco quando estava tirando as pernas de debaixo do assassino. O afiado estalo de dor foi como uma picada de abelha, e soube que a lâmina tinha perfurado a pele no lado esquerdo e acessado o músculo debaixo das costelas.

Homem, se tinha perfurado seu intestino, as coisas iam se pôr feias instantaneamente. Assim era hora de terminar a briga.

Vigorizado pela ferida, V pegou o lesser pelo queixo e a nuca e retorceu o filho de puta como se fosse a tampa de uma garrafa de cerveja. O rangido do crânio saindo da medula espinhal foi como o de um ramo partindo-se pela metade e o corpo ficou súbitamente inútil com os braços sacudindo-se sobre o chão, e as pernas ficando imóveis.

V apalpou o flanco enquanto a cúspide de poder se desvanecia. Merda, estava coberto de suor frio e suas mãos tremiam, mas tinha finalizado o trabalho. Apressadamente, apalpou o lesser procurando uma identificação antes de fazer desaparecer ao bastardo.

Os olhos do assassino encontraram os seus, sua boca se moveu lentamente.

—Meu nome... foi Michael uma vez. Faz... oitenta e três... anos. Michael Klosnick.

Abrindo a carteira, V encontrou a carteira de motorista.

—Bom Michael, que tenha uma boa viagem de ida ao inferno.

—Me alegre... que tenha terminado.

—Não o tem feito. Não se inteirou? —merda, o flanco o estava matando— Seu novo lar é o corpo do Omega, amigo. Viverá ali sem pagar aluguel para sempre.

Os pálidos olhos se abriram desmesuradamente.

—Entendeu.

—Por favor. Parece que ia me incomodar em fazê-lo? —V sacudiu a cabeça— Acaso seu chefe não mencionou isso? Vejo que não.

V desembaiou uma das adagas, levantou a arma sobre o ombro e baixou a lâmina em linha reta para o amplo peito. Houve um estalo de luz o suficientemente brilhante para iluminar o beco inteiro, logo se ouviu um pop e... merda, o estalo tinha alcançado ao civil, lhe fazendo arder também graças a uma forte rajada de vento. Quando os dois corpos se consumiram, a única coisa que ficou na fria brisa foi o espesso aroma de talco para bebê.

Foda. Agora como dariam a notícia à família?

Vishous examinou a área, e quando não encontrou outra carteira, apoiou-se contra o contêiner e ficou ali sentado, respirando em ofegos superficiais. Cada inalação o fazia sentir como se estivesse sendo esfaqueado novamente, mas ficar sem oxigênio não era uma opção, assim continuou fazendo-o.

Antes de tirar o telefone para pedir ajuda, olhou a adaga. A negra lâmina estava coberta pela enegrecido sangue do lesser. Rememorou a luta com o assassino e imaginou a outro vampiro em seu lugar, um não tão forte como ele. Um que não tivesse sua linhagem.

Levantou a mão enluvada. Se, sua maldição o tinha definido, a Irmandade e seu nobre propósito tinham dirigido sua vida. E se tivesse morrido essa noite? Se essa lâmina tivesse atravessado seu coração? Seriam só quatro guerreiros.

Merda.

No tabuleiro de xadrez de sua desolada vida, as peças se alinharam, o jogo estava destinado. Homem, muitas vezes na vida não podia escolher seu caminho devido a que já tinha sido decidido por você.

O livre-arbítrio era uma tremenda mentira.

Deixando de lado a sua mãe e seu dramatismo... devia transformar-se no Primale pela Irmandade. O devia à herança a que servia.

Depois de limpar a lâmina em suas calças de couro, voltou a embainhar a arma com o punho para baixo, lutou para ficar de pé, e apalpou a jaqueta. Merda... seu telefone. Onde estava seu telefone? No apartamento de cobertura. Devia tere caído da jaqueta quando a atirou sobre a cama do apartamento de cobertura...

Soou um disparo.

Uma bala entrou no peito.

O impacto o fez elevar-se e o envio em câmara lenta através do ar. Quando caiu de costas sobre o chão, permaneceu ali enquanto uma pressão demolidora fazia saltar seu coração e lhe nublava a mente. Tudo o que podia fazer era ofegar, pequenos fôlegos rápidos saltando para dentro e para fora de sua garganta.

Com o último resquício de força, levantou a cabeça e olhou o corpo. Um tiro. Sangue na camisa. E uma esmagadora dor no peito. O pesadelo feito realidade.

Antes que pudesse entrar em pânico, chegou a escuridão e o bebeu inteiro... uma comida a ser digerida no banheiro ácido da agonia.

—Que demônios pensa que está fazendo, Whitcomb?

A doutora Jane Whitcomb levantou a vista do histórico do paciente que estava assinando e deu um pulo. Manuel Manello, doutor em medicina, chefe de cirurgia do Centro Médico St. Francis, estava avançando como um touro pelo corredor para ela. E sabia por que.

Isto ia ser feio.

Jane rabiscou sua assinatura no final da ordem de farmácia, devolveu o histórico à enfermeira, e observou como a mulher saía correndo. Uma boa manobra defensiva, e nada extraordinária nesse lugar. Quando o chefe estava assim, as gentes começavam a correr... o que era o lógico se tinha meio cérebro e uma bomba estava a ponto de explodir.

Jane o enfrentou.

—Então, se inteirou.

—Aqui. Agora. —Abriu de repente a porta da sala de descanso dos cirurgiões.

Quando entrou com ele, Priesa e Dubois, dois dos melhores cirurgiões gastrointestinais do St. Francis, deram um olhar ao chefe, Pegaram a comida da máquina e saíram da sala. A sua esteira, a porta se fechou brandamente sem apenas o sussurro de um som. Como se ela tampouco quisesse chamar a atenção de Manello.

—Quando iria me dizer isso Whitcomb? Ou pensou que Columbia estava em outro planeta e não ia me inteirar?

Jane cruzou os braços sobre os seios. Era uma mulher alta, mas Manello a superava em alguns centímetros, e parecia com os atletas profissionais que operava. Grandes ombros, grande peito, grandes mãos. Aos quarenta e cinco anos, estava em ótimas condições físicas e era um dos melhores cirurgiões ortopédicos do país.

Tanto como um aterrorador FDP, Filho da puta, quando estava zangado.

Que bom que se sentisse cômoda em situações tensas.

—Sei que tem contatos lá, mas pensei que seriam o suficientemente discretos para esperar que eu decidisse se queria o trabalho...

—É obvio que o quer ou não teria perdido tempo indo lá. É pelo dinheiro?

—Certo, primeiro, não me interrompa. Segundo, vai baixar a voz. —Enquanto Manello se passava a mão pelo espesso cabelo escuro e fazia uma profunda inspiração, sentiu-se mal— Olhe, deveria ter dito. Deve ser desconcertante ter sido pego de surpresa dessa maneira.

Sacudiu a cabeça.

—Receber uma ligação de Manhattan dizendo que uma de minhas melhores cirurgiãs vai fazer uma entrevista com meu mentor em outro hospital, não é uma de minhas coisas preferidas.

—Foi Falcheck que lhe disse isso?

—Não, uns de seus subordinados.

—Sinto muito, Manny. Não sabia como foram as coisas, e não queria dar um passo em falso.

—Por que está pensando em deixar o departamento?

—Sabe que quero mais do que tenho aqui. Será chefe até os sessenta e cinco, a menos que resolva renunciar. Em Columbia, Falcheck já tem cinquenta e oito. Tenho uma boa oportunidade de me transformar em chefe de departamento lá.

—Já nomeei você chefe do setor de Emergências.

—E eu merecia isso.

Seus lábios se separaram em um sorriso.

—É humilde, não?

—Para que me incomodar? Ambos sabemos que é verdade. E no que diz respeito a Columbia? Você gostaria de ser subordinado de alguém nas próximas duas décadas de sua vida?

Suas pálpebras baixaram sobre os olhos cor mogno. Pelo mais breve dos instantes, pensou ver algo cintilante em seu olhar, mas logo colocou as mãos nos quadris, fazendo que a bata branca se estirasse ao alargar-se seus ombros.

— Não quero perder você, Whitcomb. É a melhor cirurgia de emergências que tenho.

— E eu devo considerar meu futuro. — Foi para seu armário — Desejo dirigir meu próprio posto, Manello. É minha forma de ser.

— Quando é a maldita entrevista?

— Amanhã a uma hora da tarde. estou livre todo o fim de semana e não estou de plantão, assim vou ficar na cidade.

— Merda.

Houve um golpe na porta.

— Entre — disseram ambos.

Uma enfermeira apareceu.

— Temos um caso de urgência, tempo estimado de chegada, dois minutos. Homem perto dos trintas. Ferida a bala com provável perfuração da aorta. Paralisou duas vezes na ambulância. Aceita o paciente, doutora Whitcomb, ou deseja que chame o Goldberg?

— Não, aceito-o. Preparem a área quatro no box e diga a Ellen e Jim que vou em um momento.

— Farei isso, doutora Whitcomb.

— Obrigado, Nan.

A porta se fechou brandamente, e olhou ao Manello.

— Voltando para assunto de Columbia. Faria o mesmo que eu se estivesse em meu lugar. Assim não pode dizer que se surpreende.

Houve um momento de silêncio, logo ele se inclinou um pouco para frente.

— Não deixarei você ir sem oferecer resistência. O que tampouco deveria surpreender você.

Deixou a sala, levando a maior parte do oxigênio com ele.

Jane se reclinou para trás contra a porta do armário e olhou ao redor da área da cozinha e para um espelho pendurado da parede. Seu reflexo era claro como a água no cristal, do jaleco branco de médica, o pijama de cirurgia verde e seu curto cabelo loiro.

— Recebeu bem a notícia — disse a si mesma — Tendo tudo em conta.

A porta da sala de descanso se abriu, e Dubois apareceu.

— Área limpa?

— Sim. E eu me dirijo ao box.

Dubois empurrou a porta e entrou, sem fazer ruído ao pisar sobre o linóleo com seus sapatos de cirurgia.

— Não sei como faz. É a única que não deixa sem sentido depois de uma briga.

— Na realidade ele não é nenhum problema.

Dubois soprou.

— Não me interprete mal. Respeito-o muitíssimo, de verdade. Mas eu não gosto que se zangue.

Pôs a mão no ombro de seu colega.

— A pressão desgasta às pessoas. A semana passada te desenquadrrou. Lembra?

— Sim, tem razão. — Dubois sorriu — E ao menos já não atira coisas.

CAPÍTULO 7

O departamento de Emergências T. Wibble Jones do Centro Médico St. Francis era uma obra de arte graças à generosa doação de seu benfeitor homônimo. Inaugurado fazia apenas um ano e meio, o Complexo de vinte mil metros quadrados estava construído em duas partes, cada qual com dezesseis áreas de tratamento. Os pacientes de emergências eram admitidos alternativamente na área A ou B e permaneciam com o grupo que os fora atribuído até que eram dados de alta, admitidos ou enviados ao necrotério.

Com o passar do tempo as instalações estavam o que o pessoal médico chamava o “box”. O box era estritamente para admissões de urgência, das quais havia dois tipos: “roda-os” que chegavam em ambulância e os “tetos” que vinham voando para a pista de aterrissagem que estava onze andares acima. Os tetos tendiam a ser casos mais difíceis e os traziam em helicóptero de um rádio de aproximadamente cento e cinquenta milhas ao redor de Caldwell. Para esses pacientes, havia um elevador exclusivo que os deixava bem no box. Era suficientemente grande para que entrassem duas macas e dez membros do pessoal médico ao mesmo tempo.

As instalações de urgências tinham seis áreas abertas para pacientes, cada uma equipada com raios X, equipe de ecografias, válvulas de oxigênio, fornecimentos médicos e suficiente espaço para mover-se comodamente. O centro de operações, a torre de controle, estava no meio, um conclave de computadores e pessoal que tragicamente, sempre estava esperando. A qualquer hora havia ao menos um médico de admissão, quatro residentes e seis enfermeiras, normalmente tinham dois ou três pacientes no lugar.

Caldwell não era, nem por acaso, tão grande como Manhattan, mas tinha muita violência de grupos, tiroteios relacionados com drogas e acidentes de tráfico. Além disso, com quase três milhões de habitantes, via uma interminável variedade de humanos com enganos de cálculo: uma pistola de pregos disparava no estômago de alguém porque um cara tinha tentado arrumar o zíper de seu jeans com ela; uma flecha atravessava um crânio porque alguém queria provar que tinha uma excelente pontaria e estava equivocado; o marido imaginava que seria admirável reparar o forno e recebia uma descarga de duzentos e quarenta volts porque não o tinha desligado antes.

Jane vivia no box e lhe pertencia. Como chefe do departamento de Trauma, era administrativamente responsável por tudo o que ocorria nessas seis áreas, mas também estava treinada tanto como médica no departamento de Emergências como cirurgiã de urgências, assim tinha muita prática. No transcurso do dia a dia, tomava decisões a respeito de quem devia subir à sala de cirurgia e muitas vezes entrava em fazer o trabalho de linha e agulha.

Enquanto esperava o seu paciente de ferida de bala, revisou as histórias dos dois pacientes que estavam sendo tratados nesse momento e olhou por cima do ombro dos residentes e enfermeiras enquanto trabalhavam. Cada membro da equipe de urgências era escolhido por Jane, e quando recrutava, não ia necessariamente depois dos do tipo Ivy League¹⁰, embora ela mesma tenha estudado em Harvard. O que procurava, eram as qualidades de um bom soldado, ou como gostava de chamá-los, a disposição mental de “Não Fode, Sherlock”. Inteligência, vitalidade e sangue-frio. Especialmente sangue-frio. Tinha que ser capaz de permanecer calmo em uma crise se fosse conhecer o box de A a Z.

Mas isso não significava que a compaixão não fosse necessária em cada coisa que faziam.

Geralmente, a maior parte dos pacientes de urgências não precisavam que lhes segurassem a mão nem que os confortasse. Tendiam a estar narcotizados ou em coma devido ao fato que

¹⁰ Ivy League. Uma associação de oito universidades e colégios do nordeste dos Estados Unidos que compreende ao Brown, Columbia, Cornell, Dartmouth, Harvard, Princeton, a Universidade da Pennsylvania, e Yale.

estavam perdendo sangue como um coador, tinham uma parte de seu corpo congelada em um geladeira ou tinham o setenta e cinco por cento de sua pele queimada. O que os pacientes precisavam eram carros de reanimação com gente bem treinada e sensata para dirigir as paletas.

As famílias e seres queridos, entretanto, sempre precisavam de bondade e simpatia, e ser reconfortados se fosse possível. Vidas eram destruídas ou ressuscitadas todos os dias no box, e não eram só as pessoas que estavam nas macas as que deixavam de respirar ou começavam a fazê-lo novamente. As salas de espera estavam cheias de outras pessoas que se viam afetadas: maridos, esposas, pais, filhos...

Jane sabia o que era perder a alguém que era parte de você mesmo e enquanto trabalhava era muito consciente da parte humana da medicina e a tecnologia. Assegurava-se de que sua gente estivesse na mesma sintonia. Para trabalhar no box, tinha que ser capaz de confrontar os dois aspectos do trabalho, precisava uma mentalidade de campo de batalha e saber empatizar com os pacientes. Como dizia a seu pessoal, sempre havia tempo de estender a mão a alguém, escutar seus problemas ou de oferecer um ombro no qual chorar, porque em um piscar podia estar no outro extremo da conversação. Depois de tudo, a tragédia não discriminava, por isso todo mundo estava sujeito aos mesmos caprichos do destino. Sem importar a cor de pele ou a quantidade de dinheiro que tivesse, se foi homossexual ou heterossexual, um ateu ou um verdadeiro crente. Do lugar que ocupava, via todo mundo como um igual. Que era amado por alguém em algum lugar.

Lhe aproximou uma enfermeira.

—O doutor Goldberg acaba de avisar que está doente.

—É essa gripe?

—Sim, mas pediu ao doutor Harris que o cobrisse.

Deus benza o coração de Goldberg.

—Nosso homem precisa de algo?

A enfermeira sorriu.

—Disse que sua esposa esteve encantada de poder vê-lo quando despertou. Sarah está preparando sopa de frango em um absoluto estado de alvoroço.

—Bem. Precisa de um pouco de tempo livre. pena que não vá desfrutar.

—Sim. Mencionou que ia fazer você ver no DVD todo os filmes diurnos que perderam durante os últimos seis meses.

Jane se pôs a rir.

—Isso o fará ficar pior. OH, escuta, quero fazer uma revisão completa do caso Robinson. Não podíamos fazer nada mais por ele, mas acredito que de qualquer forma precisamos repassar sua morte.

—Tinha o pressentimento de que queria fazer isso. Arrumei-o para o dia depois de que volte de sua viagem.

Jane deu à enfermeira um leve apertão na mão.

—É um amor.

—Não, só que conheço nossa chefe —sorriu— Nunca deixa de ir examinar e voltar a comprovar todo o caso se poderia ter feito algo de forma diferente.

Isso era completamente certo. Jane lembrava a cada paciente que tinha morrido no box, tanto se tinha sido ela a que o tinha admitido como se não e tinha os falecidos catalogados na mente. De noite, quando não podia dormir, os nomes e rostos desfilavam por sua mente como um antigo microfilme até que pensava que ia tornar louca.

Sua lista de mortos era o perfeito estímulo e estava condenada se o paciente ferido de bala que estava chegando se somava a ela.

Jane se aproximou de um computador e reprimiu a tristeza pelo paciente. Isto ia ser uma batalha, estava se falando de uma punhalada e uma bala alojada na cavidade torácica e dado o lugar onde tinha sido encontrado estava disposta a apostar que era ou um traficante de drogas que estava fazendo negócios no território equivocado ou um grande comprador que tinha sido traído. Em qualquer caso, era improvável que tivesse um seguro de saúde, embora isso não importasse. O St. Francis aceitava a todos os pacientes, sem importar se podiam pagar ou não.

Três minutos depois, as portas duplas se abriram e a crise entrou a grande velocidade, como impulsionada por uma mola. O senhor Michael Klosnik estava imobilizado na maca, era um gigante caucásico com grande quantidade de tatuagens, um par de calças de couro e cavanhaque. O paramédico em sua cabeça estava lhe insuflando ar com um respirador, enquanto que outro sustentava a equipe e o apertava.

—Na área quatro —disse Jane aos paramédicos—O que temos?

O que lhe estava dando ar com o balão disse:

—Pusemos duas intravenosas com soro. A pressão arterial é de sessenta por quarenta e baixando. O ritmo cardíaco está em cento e quarenta. A respiração é de quarenta. Esta intubado pela boca. Sofreu fibrilação ventricular a caminho daqui. Demos duzentos joules. O ritmo sinusal é de cento e quarenta.

Na área quatro, os médicos detiveram a maca e puseram o freio enquanto o pessoal do box se unia. Uma enfermeira se sentou em uma pequena mesa para registrar tudo. Outras duas esperavam prontas para entregar os instrumentos a Jane e uma quarta se preparou para cortar as calças de couro do paciente. Um par de residentes perambulavam por ali para observar ou ajudar se fosse necessário.

—Tenho a carteira. —disse o paramédico, entregando-lhe à enfermeira que tinha as tesouras.

—Michael Klosnick, trinta e sete anos —leu— A foto do documento de identidade esta imprecisa, mas... poderia ser ele, assumindo que tingiu o cabelo de negro e deixado crescer o cavanhaque depois que a tiraram.

Entregou a carteira a seu colega que estava tomando notas e logo começou a cortar as calças.

—Verei se estiver no arquivo —disse a outra mulher enquanto teclava no computador— O encontrei... espera, isto... deve ser um engano. Não, a direção é correta, o ano está equivocado.

Jane amaldiçoou em voz baixa.

—Pode ser que haja problemas com o novo sistema de registro informatizado, assim não quero confiar na informação que sai dali. Peguem uma amostra de sangue e uma radiografia do tórax em seguida.

Enquanto tiravam o sangue, Jane fez um rápido exame preliminar. A ferida de bala era um limpo buraco ao lado de uma espécie de cicatriz que tinha no peito. Um riacho de sangue era tudo o que se via, dando poucas pistas do dano que pudesse ter ocasionado no interior. A ferida de faca estava aproximadamente igual. Não havia muito machucado na superfície. Esperava que os intestinos não tivessem sido perfurados.

Deu uma olhada ao resto do corpo, vendo uma enorme quantidade de tatuagens... Wow. Essa era uma tremenda e antiga ferida na virilha.

—Me deixem ver os raios X e quero uma ecografia do coração...

Um gritou rasgou a sala de operações.

Jane virou a cabeça bruscamente para a esquerda. A enfermeira que tinha estado tirando a roupa do paciente estava a um ataque com convulsões, os braços e as pernas se agitavam contra os ladrilhos. Em sua mão tinha a luva negra que usava o paciente.

Por meio segundo todo mundo ficou congelado.

—Só tocou sua mão e caiu —disse alguém.

—De volta à diversão! —cortou Jane— Estevez, se ocupe dela. Quero saber como está imediatamente. O resto, concentrem-se. Agora!

Suas ordens fizeram que o pessoal entrasse em ação. Todo mundo voltou a focar-se enquanto a enfermeira era conduzida para a área contígua e Estevez, um dos residentes, começava a tratá-la.

Os raios X do tórax saíram bastante bem, mas por alguma razão a ecografia do coração era de má qualidade. Não obstante, ambos revelavam exatamente o que Jane esperava. O pericárdio tapado por uma ferida de bala no ventrículo direito, o sangue se filtrou à bolsa do pericárdio e estava comprimindo o coração, comprometendo sua função e causando um bombeamento falho.

—Façam uma ecografia do abdômen enquanto ganho um pouco de tempo com o coração. —Tendo determinado a situação da ferida mais premente, Jane desejava mais informação sobre a punhalada— E assim que terminem com isso, quero que ambas as máquinas sejam revisadas. Algumas destas imagens do tórax têm uma sombra.

Quando um residente ficou a trabalhar sobre o estômago do paciente com a sonda para a ecografia, Jane passou uma agulha para anestesia número vinte e um e a ajustou a uma seringa de cinquenta centímetros cúbicos, depois que a enfermeira tivesse passado Betadine pelo peito do homem, Jane atravessou a pele e navegou pela anatomia óssea, abrindo uma brecha na bolsa do pericárdio e tirando quarenta centímetros cúbicos de sangue para aliviar a pressão do pericárdio.

Enquanto isso, deu ordens de que preparassem o sala de cirurgia dois no andar superior e que lhe dissessem à equipe de marca passo cardíaco que se preparasse.

Deu a seringa à enfermeira para que a atirasse.

—Vejam os abdômen.

A máquina definitivamente estava ruim já que as imagens não eram de todo claras como deviam ser. Entretanto, mostravam boas notícias, o que confirmou ao apalpar o contorno. Nenhum órgão interno parecia estar gravemente afetado.

—OK, o abdômen parece estar bem. Vamos levá-lo para cima imediatamente.

Ao sair do box, apareceu olhou na área onde Estevez estava tratando a enfermeira.

—Como vai?

—Está se recuperando. —Estevez negou com a cabeça— Seu coração se estabilizou depois de lhe dar uma sacudida com as paletas.

—Estava fibrilando? Cristo.

—Igual o cara do telefone que ingressou ontem. Como se a tivesse levado uma descarga elétrica.

—Chamou o Mike?

—Sim, seu marido está a caminho.

—Bem. Cuida de nossa garota.

Estevez assentiu e olhou a sua colega.

—Sempre.

Jane alcançou o paciente que estava sendo trasladado pelo pessoal para o elevador que usava a planta de cirurgia. Já no piso superior se lavou enquanto as enfermeiras o colocavam sobre a mesa. A sua petição, uma equipe de instrumentação cirúrgica cardiotorácica e a máquina de marca passo tinham sido preparadas, enquanto as ecografias e placas feitas na planta baixa brilhavam na tela do computador.

Com ambas as mãos enluvadas e mantidas no alto, separadas do corpo, voltou a revisar as provas torácicas. Para falar a verdade, ambas eram defeituosas, granuladas e com essas sombras,

mas podia ver o suficiente para orientar-se. A bala estava alojada nos músculos das costas e a ia deixar lá. Os riscos inerentes a sua extração eram maiores que se a deixassem em paz, e de fato, a maioria das vítimas de ferida a bala, deixavam o box com o troféu de chumbo no mesmo lugar onde se alojava.

Franziu o cenho e se inclinou mais perto da tela. Interessante bala. Era redonda, não com a forma oblonga típica das balas que estava habituada a ver dentro de seus pacientes. Ainda assim, aparentemente parecia ser feita de chumbo comum.

Jane se aproximou da mesa onde o paciente tinha sido conectado à máquina de anestesia. Seu peito tinha sido preparado, as regiões que o rodeavam estavam cobertas por panos cirúrgicos. A cor alaranjada do Betadine o fazia ver como se tivesse um falso bronzeado mal aplicado.

— Não faremos valvula de desvio. Não quero perder tempo. Temos sangue de seu tipo à mão?

Uma das enfermeiras falou da esquerda.

— Temos, embora não encontremos seu tipología.

Jane olhou por cima do paciente.

— Não o encontraram?

— A leitura da amostra deu como indeterminável. Mas temos oito litros do tipo O.

Jane franziu o cenho.

— OK, mãos à obra.

Usando um escalpelo laser fez uma incisão sobre o peito do paciente, logo curto o esterno e uso um separador de costelas para abrir a cavidade do coração, expondo...

Jane ficou sem respiração.

— Santa...

— ...merda — outra pessoa terminou a frase.

— Sucção. — Quando houve uma pausa, levantou a vista para o enfermeiro que a assistia —. Sucção, Jacques. Não importa como se vê. Posso arrumá-lo... sempre e quando puder ter uma vista clara da endemoninhada coisa.

Houve um som como de vaia quando o sangue foi absorvido e logo pôde lhe dar uma boa olhada a uma anomalia física que nunca tinha visto antes: um coração com seis cavidades em um peito humano. Essa “sombra” que tinha visto nas ecografias era, de fato, um par extra de cavidades.

— Fotos! — gritou — Mas por favor, façam rápido.

Homem, o departamento de Cardiologia vai se voltar louco com isto. Pensou enquanto tiravam as fotografias. Nunca antes tinha visto algo assim... embora o buraco esmigalhado no ventrículo esquerdo lhe era absolutamente familiar. Havia visto muitos destes.

— Sutura — disse.

Jacques lhe pôs um par de pinças na palma da mão, o instrumento de aço usava uma agulha curva com fio negro no extremo. Com a mão esquerda, Jane tomou a parte de atrás do coração, tampou o extremo do buraco com o dedo e costurou o impacto que estava na parte dianteira da área até fechá-lo. O seguinte passo seria levantar o coração tirando-o do saco do pericárdio e fazer o mesmo na parte traseira.

O tempo total transcorrido era menor que seis minutos. Logo soltou o separador de costelas, pô-las onde se supunha que deviam estar e usou arame de aço para unir as duas metades do esterno. Justo quando estava a ponto de grampeá-lo do diafragma até a clavícula, o anestesista falou e a máquina começou a soar.

— A pressão arterial é de sessenta por quarenta e está caindo.

Jane praticou o protocolo de falha cardíaca e se inclinou sobre o paciente.

— Nem sequer pense nisso — lhe disse bruscamente — Se morrer vou me zangar muito.

Do nada, e contra toda lógica médica, os olhos do homem piscaram até abrir-se e focar-se nela.

Jane se afastou bruscamente. Deus querido... sua íris tinham o incolor esplendor dos diamantes, brilhando tanto que a lembravam a lua de inverno em uma noite limpa. E pela primeira vez em sua vida, ficou pasma, incapaz de mover-se. Ao enlaçar seus olhares, era como se estivessem ligados corpo a corpo, enroscados e entrelaçados, indivisíveis...

— Está fibrilando outra vez — ladrrou o anestesista.

Jane voltou bruscamente para a realidade.

— Fica comigo — ordenou ao paciente — Me ouve? Fica comigo.

Teria podido jurar que ele assentiu antes de fechar as pálpebras. E voltou para o trabalho de lhe salvar a vida.

— Deve se tranqüilizar a respeito desse incidente com o lançador de batatas — disse Butch.

Phury pôs os olhos em branco e se reclinou sobre a banquetta.

— Rasgaram minha janela.

— É obvio que o fizemos. V e eu estávamos apontando para ela.

— Duas vezes.

— Isso prova que somos notáveis atiradores.

— A próxima vez, por favor poderiam escolher a de outra pessoa... — Phury franziu o cenho e afastou o martini de seus lábios. Sem nenhuma razão aparente, seus instintos tinham cobrado vida, todos aguçados e soando como uma máquina. Deu uma olhada a seu redor na seção VIP, procurando algo que tivesse aspecto de problemas — Hey, poli, sente...

— Algo não está bem — disse Butch enquanto esfregava o centro do peito, logo tomou a grossa cruz de ouro que tinha debaixo da camisa — Que demônios está acontecendo?

— Não sei. — Phury voltou a percorrer com a vista a multidão que havia na seção VIP. Homem, era como se um repugnante aroma penetrasse no ambiente, colorindo o ar com algo que fazia com que seu nariz quisesse buscar um novo trabalho. E ainda assim não havia nada errado.

Phury pegou o telefone e chamou seu gêmeo. Quando Zsadist atendeu, a primeira coisa que perguntou foi se estava bem.

— Estou bem, Z, mas você também percebeu, huh?

Do outro lado da mesa, Butch levantou o telefone para sua orelha.

— Carinho? Está bem? Está tudo bem? Sim, não sei... Wrath quer falar comigo? Sim, certo, ponha ao... Hey, grande homem. Sim. Phury e eu. Sim. Não. Rhage está com você? Bem. Sei, chamarei Vishous em seguida.

Depois que o poli desligasse, pressionou algumas teclas e o telefone retornou a seu ouvido. O poli franziu as sobrancelhas.

— V? me ligue. Assim que escutar isso.

Terminou a chamada ao mesmo tempo que Phury desligou.

Ambos se reclinaram em seus assentos. Phury ficou a brincar com sua bebida. Butch mexeu com a cruz.

— Talvez foi a seu apartamento de cobertura encontrar-se com uma fêmea — disse Butch.

— Disse-me que ia fazer isso na primeira hora da noite.

— Bem. Então talvez esteja em meio a uma briga.

— Sim. Ligará-nos a qualquer momento.

Embora os telefones da Irmandade tinham chips GPS inseridos, o de V não funcionava se tinha o telefone com ele, assim chamar o Complexo e tratar de rastrear seu celular não ia ser de

muita ajuda. V culpava a sua mão de entorpecer essa função, assegurando que fosse o que fosse o que a fazia brilhar causava uma alteração elétrica ou magnética. Certo que afetava à qualidade das chamadas. Cada vez que ligava para V havia uma interferência na linha, embora estivesse em uma linha de terra.

Phury e Butch duraram um minuto e meio antes de olhar um ao outro e falar ao mesmo tempo.

— Importa-se se dermos uma volta...

— Que tal se formos...

Ambos ficaram de pé e se dirigiram à saída de emergência que estava em uma porta lateral do clube.

Ao chegar ao beco de fora, Phury olhou o céu noturno.

— Quer que me desmaterialize para sua casa imediatamente?

— Sim. Faze-o.

— Preciso da direção. Nunca estive lá antes.

— Commodore. O último piso, na esquina sudoeste. Esperarei aqui.

Para o Phury foi questão de um momento para localizar-se no ventoso terraço do elegante apartamento de cobertura situado umas dez quadras perto do rio. Nem sequer se incomodou em aproximar-se da parede de vidro. Podia perceber que seu irmão não estava dentro e voltou junto de Butch no que levou um batimento de coração.

— Não.

— Então está caçando... — o poli se congelou, uma estranha e fixa expressão bateu seu rosto. Sua cabeça virou bruscamente para a direita — Lessers.

— Quantos? — perguntou Phury, abrindo sua jaqueta. Desde que Butch tinha tido seu encontro com o Omega, tinha sido capaz de detectar aos assassinos como se fossem putas moedas para um detector de metais.

— Um par. Vamos rápido.

— Totalmente de acordo.

Os lessers apareceram na esquina, deram- uma olhada ao Phury e Butch e ficaram em guarda. O beco da parte externa do ZeroSum não era o melhor lugar para lutar, mas com sorte e devido a noite estar muito fria, não haveria humanos nos arredores.

— Estou a cargo da limpeza — disse Butch.

— Entendido.

Ambos arremeteram contra o inimigo.

CAPÍTULO 8

Duas horas mais tarde, Jane abriu a porta da Unidade de Terapia Intensiva Cirúrgica. Já tinha recolhido seus pertences e estava pronta para ir para casa, a bolsa de couro no ombro, as chaves do carro na mão, e a capa de chuva colocada. Mas não iria sem antes ver o paciente ferido por arma de fogo.

Ao chegar ao controle de enfermaria, a mulher do outro lado do computador a olhou.

— Hey doutora Whitcomb, devo controlar seu ingresso?

— Sim, Shalonda. Já me conhece... não posso abandoná-los. Que quarto lhe atribuiu?

— O número seis, Faye está com ele, assegurando-se que esteja confortável.

—Vêm por que lhes amo garotas? O melhor pessoal do UTIC da cidade. Alguém veio lhe ver? Encontramos algum familiar próximo?

—Chamei o número que havia em seu expediente médico. O cara que respondeu disse que tinha vivido nesse apartamento nos últimos dez anos e que nunca tinha escutado falar em Michael Klosnick. Assim o endereço é falso.

Enquanto Shalonda punha os olhos em branco, as duas disseram ao mesmo tempo:

—Drogas.

Jane sacudiu a cabeça.

—Não me surpreende.

—Nem a mim. Essas tatuagens no rosto não combinam com um corretor de seguros.

—Não a menos que trabalhe para um grupo de lutadores profissionais.

Shalonda ainda ria quando Jane a saudou com a mão e começou a descer pelo corredor. O quarto número seis estava no final do corredor a direita, e enquanto caminhava checkou outros dois pacientes que tinha operado, um com o intestino perfurado por uma lipoaspiração que tinha saído errado e outro que tinha ficado preso contra o mediador em um acidente de moto.

Os quartos da UTIC eram de vinte metros quadrados por vinte de pura atividade. Cada uma tinha a frente de vidro, com uma cortina que podia ser fechada para ter intimidade, e não eram o tipo de quarto que contava com uma janela, um pôster de Monet ou uma TV passando Regis e Kelly¹¹ nela. Se estava o bastante bem para preocupar-se pelo que podia ver no aparelho, não pertencia aquele lugar. As únicas telas e imagens eram as da equipe de monitores que rodeavam a cama.

Quando Jane chegou ao número seis, Faye Montgomery, uma verdadeira veterana, que estava checkando o soro do paciente, levantou a vista.

—Boa tarde doutora Whitcomb.

—Como esta Faye? —Jane deixou sua bolsa e pegou o histórico médico que estava em um fichário em forma de bolso pendurado junto à porta.

—Estou bem e antes que pergunte, esta estável, o que é assombroso.

Jane deu uma folheada às estatísticas mais recentes.

—Não me diga.

Estava por fechar o histórico médico quando franziu o cenho ante o número que viu no canto esquerdo. O identificador de dez dígitos atribuído ao paciente tinha milhares e milhares de números de diferença com os que dava às novas admissões. Examinou a data em que o histórico tinha sido criado pela primeira vez: 1974. Folheando-o encontrou duas admissões anteriores no departamento de emergência. Uma por ferida de faca, a outra por overdose de drogas. As datas eram dos anos 71 e 73.

Ah demônios, já tinha visto isto antes. Os erros e os acertos podiam parecer-se quando se escrevia rapidamente. O hospital não tinha informatizado os registros até o final de 2003 e anteriormente tudo se escrevia à mão. Claramente este registro tinha sido transcrito por processadores de texto que tinham interpretado mal os dados. Em vez de 01 e 03 a pessoa havia transcrito a data nos anos setenta.

Salvo que... a data de nascimento não tinha sentido. Com a que figurava ali, o paciente teria completo os trinta e sete anos três décadas atrás.

Fechou o histórico e colocou a mão sobre ele.

—Devemos obter mais precisão do serviço de transcrições.

—Eu sei. Notei o mesmo. Escuta, deseja ficar algum tempo a sós com ele?

¹¹ Programa de variedades

—Sim, seria bom.

Faye se deteve junto à porta.

—Escutei que esteve bastante impressionante no centro cirurgico esta noite.

Jane sorriu um pouco.

—A equipe esteve impressionante. Eu sozinha fiz minha parte. Hey, esqueci de dizer a Shalonda que apostarei pelo UK na Loucura de Primavera¹². Poderia...

—Sim. E antes que o pergunte, sim, apostou de novo em Duke este ano.

—Bem, poderemos nos insultar uma à outra por outras seis semanas.

—É por isso pelo que os escolheu. Está fazendo um serviço público para que o resto de nós possamos brigar. São muito generosas.

Depois que Faye saiu, Jane correu a cortina e se aproximou da cama. A respiração do paciente era assistida pela equipe através da intubação e seus níveis de oxigênio eram aceitáveis. A pressão arterial era estável, embora um pouco baixa. O ritmo cardíaco era lento e refletia uma leitura estranha no monitor, mas bom, tinha seis cavidades pulsando.

Cristo, esse coração.

Inclinou-se sobre ele e estudou seus traços. Caucasiano, provavelmente originário da Europa Central. Bonito, não é que isso importasse, embora a beleza estava um pouco empanada pelas tatuagens que tinha na têmpora. aproximou-se, estudando a tinta em sua pele. Tinha que admitir que estavam belamente feitas, intrincados desenhos pareciam caracteres chineses e hieroglífos misturados. Imaginou que os símbolos deviam estar relacionados com a banda a que pertencia, apesar de que não lembrava um menino que cantasse à guerra; era mais feroz, como um soldado. Talvez as tatuagens fossem relacionado com as artes marciais?

Quando observou o tubo que tinha inserido na boca, notou algo estranho. Empurrou com os polegares seu lábio inferior afastando-o. Seus caninos eram muito pronunciados. Curiosamente afiados

Cosmética, não havia dúvida. Nestes dias as pessoas faziam todo tipo de coisas horripilantes com sua aparência, e ele já tinha marcado seu rosto.

Levantou a magra manta que o cobria. A bandagem da ferida do peito estava bem, assim desceu pelo corpo, afastando as mantas do caminho. Inspeccionou a bandagem da punhalada, logo apalpou a área abdominal. Enquanto apertava brandamente para sentir os órgãos internos, observou as tatuagens que tinha sobre a área púbica, logo se concentrou nas cicatrizes que tinha ao redor da virilha.

Tinha sido parcialmente castrado.

Dada a desastrosa cicatriz não tinha sido uma extirpação cirúrgica, mas bem o resultado de um acidente. Ou ao menos esperava que tivesse sido acidental, por que a única outra explicação seria a tortura.

Olhou fixamente seu rosto enquanto o cobria. Em um impulso, colocou a mão sobre seu antebraço e apertou.

—Teve uma vida dura, não é assim?

—Sim, mas isso tem sido bom.

Jane se virou.

—Jesus Manello, assustou-me.

¹² Loucura da Primavera: No original Spring Madness que é a época do ano em que as equipes de basquete das Universidades tratam de chegar a final. A gente escolhe a equipe que deseja que seja o ganhador e o segue durante toda a temporada. Se entrar em uma aposta e sua equipe ganha no resto então ao final do campeonato ganha todo o dinheiro que se apostou. University of Kentucky (UK) e Duke são duas Universidades.

—Sinto muito, somente queria lhe dar uma olhada. —O chefe foi para o outro lado da cama, percorrendo o paciente com os olhos— Sabe, não acredito que tivesse sobrevivido sob a faca de outro.

—Viu as fotos?

—Do coração? Sim. Quero enviar aos meninos de Columbia para que lhe dêem uma olhada. Poderá lhes perguntar o que pensam quando estiver lá.

Ela deixou passar.

—Não determinamos seu tipo de sangue.

—Sério?

—Se conseguíssemos seu consentimento, acredito que deveríamos fazer um estudo completo, mesmo os cromossomos.

—Ah sei, seu segundo amor. Gens.

Era engraçado que o se lembrasse. Provavelmente tivesse mencionado apenas uma vez como quase terminou sendo investigadora genética.

Com a emoção de um viciado, Jane lembrou o interior do paciente, viu o coração em sua mão, sentiu o órgão em seu punho enquanto salvava sua vida.

—Poderia representar uma fascinante oportunidade clínica. Deus, eu adoraria estudá-lo. Ou ao menos participar do estudo.

O suave assobio dos monitores parecia aumentar no silêncio entre eles até que momentos depois uma espécie de certeza lhe fez cócegas na nuca. Levantou a vista. Manello estava olhando-a fixamente, com o rosto solene, a grossa mandíbula apertada, as sobrancelhas franzidas.

—Manello? —franziu o cenho—. Estas bem?

—Não vá.

Para evitar seus olhos olhou para baixo, para o lençol que tinha dobrado e metido sob o braço do paciente. Ociosamente alisou a branca extensão... até que se lembrou de algo que sua mãe estava acostumada a fazer.

Deteve a mão.

—Pode encontrar outro ciruj...

—Que se foda o departamento. Não quero que vá porque... —Manello passou a mão pelo espesso cabelo negro— Cristo, Jane. Não quero que vá porque sentirei saudades como o inferno, e porque... merda, preciso de você, certo? Preciso de você aqui. Comigo.

Jane pestanejou como uma idiota. Nos últimos quatro anos, nunca tinha havido nenhuma sugestão de que o homem se sentisse atraído por ela. Certo, estavam unidos e tudo isso. E era a única que podia acalmá-lo quando se zangava. E certo, sim, falavam do funcionamento interno do hospital todo o tempo, mesmo depois de hora. E comiam juntos toda noite quando estavam de plantão e... ele tinha contado sobre sua família e ela tinha contado sobre a sua...

Diabos.

Sei, mas o homem era a coisa mais quente em todo o hospital, e ela era tão feminina como... bem, uma mesa de operações.

Certamente tinha tantas curvas como uma.

—Vamos Jane, não é possível que não tenha percebido nada? Se me desse um pequeno indício estaria dentro de seu pijama imediatamente.

—Estas louco? —disse.

—Não. —Apertou os dentes— Estou muito, muito lúcido.

Enfrentado a sensual expressão de noite de verão, o cérebro da Jane foi de férias. Simplesmente saiu voando de seu crânio.

—Não parece correto —balbuciou.

—Seríamos discretos.

—Brigamos. —Que demônios saía de sua boca?

—Eu sei. —Sorrio curvando os lábios carnudos—Eu gosto disso, ninguém me enfrenta, exceto você.

Olhou-o por cima do paciente, até então atônita, que não sabia o que dizer. Deus, tinha passado tanto tempo desde a última vez que tinha havido um homem em sua vida. Em sua cama. Em sua cabeça. Tanto condenado tempo. Eram anos desde que ia para seu lar no condomínio, tomar banho sozinha, deitar-se sozinha, despertar só e ir para o trabalho sozinha. Com ambos os pais mortos, não tinha família e devido às horas que passava no hospital, nenhum círculo externo de amigos. A única pessoa com a que realmente falava era... bom, Manello.

Enquanto o olhava agora, lhe ocorreu que essa era realmente a razão pela qual partia, embora não somente porque se interpunha em seu caminho no departamento. Em algum nível sabia que esta conversa íntima chegaria, e tinha querido correr antes de que o fizesse.

—O silêncio —murmurou Manello— não é algo bom neste momento, a menos que esteja tratando de expressar algo assim como “Manello amei você durante anos, vamos a seu apartamento e passemos os próximos quatro dias na posição horizontal”

—Já é amanhã —disse automaticamente.

—Posso dizer que estou doente. Dizer que tenho essa gripe. E como seu chefe, posso te ordenar que faça o mesmo —se inclinou sobre o paciente— Não vá para Columbia amanhã. Não vá. Vejamos até onde podemos levar isto.

Jane olhou para baixo e compreendeu que estava olhando fixamente as mãos de Manny... suas fortes e largas mãos, que tinham curado tantos quadris, ombros e joelhos, salvando as carreiras e a felicidade tanto de atletas profissionais e aficionados por isso. E não somente operava os jovens e atléticos. Também tinha conservado a mobilidade dos anciões, os feridos e os afetados pelo câncer, ajudando a muitos a manter a função de seus braços e pernas.

Tratou de imaginar essas mãos em sua pele.

—Manny... —murmurou— é uma loucura.

Cruzando a cidade, no beco que estava na parte externa do ZeroSum, Phury se elevou por cima do imóvel corpo de um lesser pálido como um fantasma. Com a adaga negra, tinha aberto uma enorme ferida no pescoço da coisa e o negro sangue bombeava sobre o asfalto coberto por neve semiderretida. Seu instinto era apunhalar à coisa no coração e o enviar de volta ao Omega. Mas essa era a antiga forma. A nova era melhor.

Embora custasse a Butch. Muitíssimo.

—Este está preparado para você. —disse Phury e retrocedeu.

Butch se adiantou, suas botas rangeram ao atravessar os gelados atoleiros. Seu rosto estava sombrio, o nariz alargado. Agora tinha o aroma adocicado de talco de bebê de seus inimigos. Tinha acabado com o assassino com o qual tinha estado lutando, com seu toque especial, e agora o faria novamente.

Quando se ajoelhou, o poli, luzia ao mesmo tempo motivado e dolorido. Plantou as mãos de cada lado do descolorido rosto do lesser, e se inclinou sobre ele. Abrindo a boca, colocou-se sobre os lábios do assassino e começou a inalar larga e lentamente.

Os olhos do lesser flamejaram quando uma névoa negra se elevou de seu corpo e foi absorvida pelos pulmões de Butch. Não houve pausa na inalação, nenhuma pausa na sucção, somente uma firme corrente do mal passando de um recipiente a outro. Ao final, seus inimigos se convertiam em nada mais que cinzas, os corpos paralisavam e logo se fragmentavam transformando-se em fino pó que era levado pelo vento frio.

Butch cambaleou, depois cedeu, caindo de lado sobre o nevado chão do beco. Phury se aproximou e estendeu a mão...

— Não me toque. — a voz do Butch foi um mero fôlego — Ficaré doente.

— Me deixe...

— Não! — Butch se apoiou nos braços empurrando para levantar-se — Somente me dê um minuto.

Phury se manteve de pé perto do poli, cuidando-o e mantendo um olho no beco no caso de aparecerem mais.

— Quer ir para casa? Irei procurar V...

— Merda, não. — o poli elevou os olhos cor avelã — É meu problema. E eu irei buscá-lo.

— Esta seguro?

Butch ficou de pé e apesar de seu corpo ondear como uma bandeira, estava como a luz verde do semáforo.

— Vamos.

Phury ficou em pé ao mesmo tempo e ambos desceram pela rua Trade, mas não o agradava o aspecto do rosto de Butch. O poli tinha a expressão visivelmente perdida de alguém cujo processador congelou, mas não parecia como se fosse renunciar a não ser que desmaiasse.

Enquanto os dois percorriam o perímetro urbano de Caldwell e não encontravam uma puta merda. A situação “ausência-de-V” claramente fazia com que Butch se sentisse pior.

Estavam no limite do centro, perto da avenida Redd, quando Phury parou.

— Deveríamos voltar. Duvido que tivesse vindo tão longe.

Butch se deteve. Olhou a seu redor. E disse com uma voz apagada:

— Hey, olhe. Este é o velho edifício de apartamentos de Beth.

— Temos que voltar.

O poli sacudiu a cabeça e esfregou o peito.

— Temos que continuar.

— Não digo que deixemos de procurar, mas por que se afastaria tanto? Estamos no limite da área residencial. Muitos olhos poderiam ver a luta, assim não viria até aqui procurando-a.

— Phury, cara e se o atacaram? Não vimos outro lesser esta noite, e se aconteceu algo grande como o encurralarem?

— Se estava consciente, isso seria altamente improvável, dada a mão que tem. Uma arma tremenda, mesmo se tivesse sido despojado das adagas.

— E se o derrubaram?

Antes que Phury pudesse responder, a caminhonete de imprensa do Canal Seis de notícias deu volta a uma tremenda velocidade. Duas ruas mais abaixo, as luzes de freio brilharam e a coisa virou à esquerda.

Tudo no que Phury pôde pensar foi merda. As caminhonetes de notícias não apareciam com essa pressa por que o gato de alguma anciã subiu numa árvore. Mesmo assim, possivelmente somente era merda humana, como uma chuva de chumbo entre guangues.

O problema era que, certa e horrível intuição disse a Phury que não era o caso, assim quando Butch começou a caminhar nessa direção, seguiu-o. Não disse nenhuma palavra, o que provavelmente significava que o poli estava pensando exatamente o mesmo que ele: Por favor, Deus, deixa que seja a tragédia de alguém mais, não a nossa.

Quando chegaram aonde a caminhonete estava estacionada, encontraram a típica cena do crime, com duas patrulhas do departamento de Polícia de Caldwell estacionadas à entrada do beco sem saída da Vigésima avenida. Enquanto um repórter permanecia no ponto próximo e

usando uma câmara, homens uniformizados caminhavam no interior de um círculo esboçado por uma cinta amarela e os curiosos se amontoavam juntos alimentando o drama e gritando.

A rajada de vento que descia do beco usava tanto o aroma do sangue de V como o fedor adocicado de talco de bebê dos lesser.

—OH Deus... —a angústia de Butch se filtrou no frio ar da noite, adicionando um agudo gosto a dissolvente à mescla.

O poli caminhou dando tombos para a cinta, mas Phury o pegou pelo braço para o deter. Só para empalidecer. A maldade em Butch era tão evidente que disparou pelo braço de Phury e aterrissou em seu estômago, provocando que ele se revolvesse.

De todo o modo se aferrou a seu amigo.

—Maldição, fica afastado. Provavelmente foi companheiro de algum desses policiais. — Quando o poli abriu a boca, Phury o interrompeu — Levante o pescoço, baixa a viseira de sua boné e fique aqui.

Butch puxou seu boné dos Rede Sox e o baixou até a mandíbula.

—Se esta morto...

—Se cale e preocupa-se em se manter de pé. —O que seria uma provocação por que Butch era um esmigalhado desastre. Jesus... se V estivesse morto, isso não só mataria a todos e cada um dos irmãos, e o poli em particular teria problemas. Depois que realizava essa rotina Dyson¹³, com os assassinos, V era o único que podia tirar o mal dele.

—Vai, Butch. É muita exposição para você. Vai agora.

O poli, caminhou alguns metros e se apoiou contra um carro estacionado nas sombras. Quando pareceu que o homem ia ficar ali, Phury se uniu aos que bisbilhotavam no limite da fita amarela. Inspeccionando a cena, a primeira coisa que notou foram os resíduos onde um lesser tinha sido liquidado. Felizmente a polícia não prestava atenção. Provavelmente pensassem que o brilhante atoleiro era simplesmente óleo derramado por um carro e que o espaço chamuscado que tinha deixado era resultado da fogueira provisória de algum sem teto. Não, os policiais se concentravam no centro da cena. Onde certamente Vishous tinha jazido em um atoleiro de sangue vermelho.

OH... Deus

Phury observou fortuitamente o humano que estava junto a ele.

—O que ocorreu?

O homem encolheu de ombros.

—Tiros. Algum tipo de briga.

Um jovem vestido com roupas rave¹⁴ falou, exagerando tudo, como se isso fosse a coisa mais sensacional.

—Foi no peito, vi acontecer, e fui eu que chamou o 911 —sacudiu o celular como se fosse um troféu— A polícia quer que fique por aqui para que possam me interrogar.

Phury o olhou.

—Que aconteceu?

—Deus, você não teria acreditado. Foi exatamente como se o tivessem tirado do programa Impacto TV. Conhece-o?

—Sim —Phury examinou os edifícios de ambos os lados do beco. Não tinham janelas. Provavelmente este foi a única testemunha.

¹³ Freeman Dyson – físico anglo-americano

¹⁴ Roupas informal usada em tamanho extragrande.

—E então o que aconteceu?

—Bom, tudo o que fazia era caminhar pela rua Trade. Meus amigos me abandonaram no Screamer e não tinha transporte, sabe? De qualquer forma, vim caminhando e vi este brilho de luz diante de mim. Parecia como um grande estroboscópio saindo deste beco. Andei um pouco mais rápido, por que queria ver o que estava acontecendo, e foi quando ouvi o tiro. Foi como o som de uma pequena explosão. Na realidade, nem sequer soube que era um tiro até que cheguei aqui. Pensei que soaria mais alto...

—Quando ligou para o 911?

—Bom, esperei um pouco, por que pensei que alguém poderia sair correndo do beco e não queria que disparassem em mim. Mas como ninguém saiu, acreditei que tinha desaparecido por algum caminho na parte de trás ou algo assim. Depois quando cheguei até aqui vi que não havia outra saída. Assim que talvez ele atirou em si mesmo.

—Como era o homem?

—Vic —o jovem se inclinou, aproximando-se— Vic é como a polícia chama a vítima, escutei-os.

—Obrigado pela elucidação —murmurou Phury— Então que como ele parecia?

—Cabelo escuro. Tinha cavanhaque. Muito couro. Fiquei junto a ele enquanto chamava o 911. Sangrava mas estava vivo.

—Não viu ninguém mais?

—Não, somente ele. Assim, a polícia vai me interrogar, de verdade. Já disse isso?

—Sim, felicidades. Deve estar encantado. —Homem, Phury teve que resistir o impulso de arrebentar os gordos lábios do jovem.

—Hey, não me odeie, isto é bom material.

—Não, para o homem em quem atiraram—Phury olhou novamente a cena. Ao menos V não estava nas mãos dos lessers e não tinha morrido na cena. Era provável que primeiro o assassino tivesse dado um tiro em V e que o irmão tivesse tido ainda suficiente força para arrebentar o bastardo antes de deamaiar.

Da esquerda, Phury escutou uma voz bem modulada.

—Aqui Bethany Choi da equipe líder de notícias do Canal Seis emitindo direto da cena de outro tiroteio no centro da cidade. De acordo com a polícia, a vítima, Michael Klosnick...

Michael Klosnick? O que era provável era que V tivesse tido a documentação do lesser e que a teriam encontrado junto dele.

—... foi levado ao Centro Médico St. Francis em estado crítico com uma ferida a bala no peito...

OK, esta ia ser uma longa noite. Vishous ferido. Em mãos humanas. E só faltavam quatro horas para o amanhecer.

Momento de uma evacuação rápida.

Phury discou o número do Complexo enquanto caminhava para Butch. Ao mesmo tempo em que o celular começava a chamar, dirigiu-se ao poli.

—Está vivo no St. Francis. Atiraram nele.

Butch fraquejou e disse algo que soou como “Obrigado Senhor”.

—Então, vamos até ele?

—Sim —por que não atendia Wrath? Vamos, Wrath...atende— Essas merdas de condenados cirurgiões o devem ter levado e tiveram tido a maior surpresa de suas humanas vidas quando o abriram... Wrath? Temos um problema.

Vishous despertou em um corpo imóvel, recuperando totalmente a consciência apesar de estar preso em uma jaula de carne e osso. Incapaz de mover os braços nem as pernas, e com as pálpebras fortemente fechadas como se tivesse estado chorando cimento líquido, parecia que o ouvido era a única coisa que funcionava. Uma conversa estava acontecendo perto dele. Duas vozes. Uma mulher e um homem, nenhum dos quais reconhecia.

Não, espera. Conhecia um deles. Um que lhe tinha dado ordens. A mulher. Mas, por que? E por que demônios o tinha permitido?

Escutou a conversa sem seguir realmente as palavras. A cadência de suas palavras era parecida com a de um homem. Direta. Autoritária. Dominante.

Quem era ? Quem...?

Sua identidade o pegou como um bofetão, inserindo algum senso de sentido dentro dele. A cirurgia. A cirurgia humana. Jesus Cristo, estava em um hospital humano. Tinha caído em mãos humanas depois... de... Merda. O que tinha acontecido?

O pânico lhe deu energia... e o levou exatamente a lugar nenhum. Seu corpo era uma fatia de carne e tinha a sensação de que o tubo que tinha na garganta significava que uma máquina estava fazendo trabalhar seus pulmões. Estava claro que o tinham sedado até a merda.

OH Deus quão perto estava o amanhecer? Precisava sair dali. Como faria...

Seus planos de fuga chegaram a um demolidor final, quando seus instintos dispararam, tomaram a frente e ficaram com o controle.

Entretanto, não era o guerreiro nele emergindo. Eram todos esses impulsos masculinos possessivos que sempre tinham estado latentes, aqueles sobre os quais tinha lido, escutado, ou visto em outros, mas que tinha assumido nascer sem eles. O detonante foi um aroma no quarto, a essência de um macho que desejava sexo... com a fêmea, com a cirurgia de V.

Minha

A palavra saiu do nada e com ela chegou um instinto assassino. Estava tão enfurecido que abriu os olhos.

Girando a cabeça, viu uma mulher alta, humana com o cabelo curto e loiro. Usava óculos, não usava maquiagem, nem jóias. Um jaleco branco se lia JANE WHITCOMB, MD. CHEFE DA DIVISÃO DE EMERGÊNCIAS em letras negras e em itálico.

—Manny —disse— É uma loucura.

V deslocou o olhar para um macho humano de cabelo escuro. O tipo também usava um jaleco branco com a legenda Manuel MANELLO, MD. CIRURGIÃO CHEFE, DEPARTAMENTO DE CIRURGIA, na lapela direita.

—Não é nenhuma loucura. —A voz do homem era profunda e exigente, seus olhos estavam condenadamente fixos na cirurgia de V—Sei o que quero. E quero você.

Minha, pensou V. Não sua, MINHA.

—Não posso faltar ao Columbia amanhã —disse ela— Mesmo se houvesse algo entre nós, mesmo assim teria que partir se quero dirigir um departamento.

—Algo entre nós —o bastardo sorriu— Significa que já pensou nisso?

—O que?

—Nós.

O lábio superior de V se levantou e mostrou as presas. Enquanto começava a grunhir, essa única palavra girava em seu cérebro, como uma granada sem segurança. Minha.

—Não sei —disse a cirurgia de V.

—Isso não é um não, não é mesmo Jane? Isso não é um não.

—Não...não é.

—Bem —o macho humano olhou em volta de V e pareceu surpreender-se— Alguém despertou.

É foddidamente melhor que acredite, pensou V. E se a tocar morderei seu maldito braço até o arrancar.

CAPÍTULO 9

Faye Montgomery era uma mulher prática, que era o que tinha feito dela uma grande enfermeira. Tinha nascido sensata, tal e como tinha saído com cabelo e olhos escuros, e era excepcional nas crises. Com um marido na Marinha, dois filhos em casa e doze anos trabalhando na UTI, precisava muito para pô-la nervosa.

Sentada atrás do controle de enfermaria da UTIC, agora ela estava.

Três homens do tamanho de um SUV estavam de pé do outro lado do computador. Os primeiro homem tinha o cabelo longo, multicolorido e um par de olhos amarelos que não pareciam ser reais de tão brilhantes. O segundo era tão alucinantemente lindo e tão sexualmente magnético, que teve que lembrar-se que era felizmente casada com um homem que ainda a deixava quente. O terceiro se colocou atrás, nada mais que um boné do Rede Sox, um par de óculos de sol, e um ar de pura maldade que não combinava com seu bonito rosto.

Faria algum deles alguma pergunta? Ela acreditava que sim.

Como nenhuma das outras enfermeiras parecia ser capaz de falar, Faye gaguejou:

—Perdoe-me? O... que foi que disse?

O que tinha o fantástico cabelo —Deus, era de verdade?— sorriu um pouco.

—Estamos procurando Michael Klosnick, que deu entrada na emergência. A recepção nos disse que haviam o trazido aqui depois que foi operado.

Deus... essas íris eram da cor dos botões de ouro ao sol, de um real, reluzente dourado.

—São familiares?

—Somos seus irmãos.

—Certo, mas sinto muito, acabou de sair do centro cirurgico e nós não...

Sem motivo algum, o cérebro de Faye mudou de direção, como se fosse um trem de brinquedo em uma via e o pusesse em outra. Encontrou a si mesma dizendo:

—Está descendo pelo corredor, quarto seis. Mas só pode ir um de vocês e só por um momento. OH, e têm que esperar até que seus médicos...

Nesse momento apareceu o doutor Manello caminhando a passos largos até a mesa. Deu uma olhada nos homens e perguntou:

—Está tudo bem por aqui?

Faye assentiu enquanto sua boca dizia:

—Sim, muito bem.

O doutor Manello franziu o cenho enquanto sustentava o olhar fixamente do homem. Então deu um pulo e esfregou as têmporas como se doesse a cabeça.

—Estarei em meu escritório se precisar, Faye.

—De acordo, doutor Manello. —Voltou a olhar o homem. O que era que estava dizendo? OH, claro— Entretanto tem que esperar até que saia o cirurgião, certo?

—Ele está lá agora?

—Sim. Ela está lá agora.

—Muito bem, obrigado.

Esses olhos amarelos se cravaram nos de Faye... e de repente não podia lembrar se depois de tudo havia um paciente na seis. Havia um ali? Espera...

—Me diga —disse o homem— qual é seu usuário e contra-senha?

—Perdoe-me...?

—Para o computador.

Para que queria...? É obvio, precisava da informação. Absolutamente. E ela devia dar-lhe.—Obrigada.

—FMONT2 em letras maiúsculas é o usuário, e a contra-senha é 11Eddie11. E em letra maiúscula.

—Obrigado.

Estava a ponto de dizer, de nada, quando a noção de que era a hora da reunião de pessoal surgiu em sua cabeça. Certo por que seria? Já tinham tido uma no início da...

Não, definitivamente era a hora da reunião de pessoal. Realmente deviam ter uma reunião de pessoal. Nesse preciso momento...

Faye piscou e se deu conta de que estava olhando fixamente o vazio sobre o balcão do controle de enfermaria. Que estranho, juraria que tinha estado falando com alguém. Um homem e...

Reunião de pessoal. Agora.

Faye massageou as têmporas, sentindo como se tivesse um parafuso solto. Normalmente não tinha dores de cabeça, mas tinha sido um dia frenético, e tinha tomado muita cafeína e não havia comido direito.

Olhou sobre o ombro para as outras três enfermeiras, todas pareciam um pouco confusas.

—Vamos à sala de reuniões, garotas. Temos que fazer uma revisão dos pacientes.

Uma das companheiras de Faye franziu o cenho.

—Não já fizemos isso esta noite?

—Precisamos fazer de novo.

Todas se levantaram e entraram na sala de reuniões. Faye manteve as portas duplas abertas e se sentou na cabeceira da mesa para poder vigiar o vestibulo assim como o monitor que mostrava as estatísticas de cada paciente na planta...

Faye se esticou na cadeira. Que demônios? Havia um homem com cabelo multicolorido depois do controle de enfermaria, inclinando-se sobre o teclado.

Faye começou a levantar-se, preparando-se para chamar a segurança, mas então o homem olhou por cima do ombro. Quando os olhos amarelos encontraram os seus, repentinamente se esqueceu por que estava errado que ele estivesse mexendo em um dos computadores. Também compreendeu que devia falar sobre o paciente do quarto cinco em seguida.

—Vamos revisar o estado do senhor Hauser. —disse com uma voz que captou a atenção de todas.

Depois que Manello partiu, Jane olhou fixamente para baixo, para seu paciente com incredulidade. Apesar de todos os sedativos que corriam por suas veias, tinha os olhos abertos e a olhava fixamente com o rosto duro e tatuado pleno de consciência.

Deus... esses olhos. Não se pareciam com nada que tivesse visto antes, as íris eram antinaturalmente brancas com bordos azul marinho.

Isso não estava bem, pensou. A forma com que a olhava não estava bem. Esse coração com seis cavidades pulsando em seu peito não estava bem. Esses largos dentes na parte dianteira de sua boca não estavam bem.

Não era humano.

Exceto que era ridículo. Primeira regra da medicina? Quando escutar som de cascos, não pense em zebras. Quantas probabilidades tinha que houvesse uma espécie de humanoides sem se detectar aí fora? Um laboratório sensacional pronto que tentava criar Homo Sapiens a partir dos golden retrievers?

Pensou nos dentes do paciente. Sim, possivelmente seria melhor dizer doberman em vez de retriever.

O paciente voltou a olhá-la, arrumando-se e de alguma forma parecendo mais ameaçador apesar de estar deitado, intubado, e tendo passado apenas duas horas de uma operação de urgência.

Como demônios estava este homem consciente?

—Pode me ouvir? —perguntou— Assente se puder.

Sua mão, a que tinha tatuagens, arranhou a garganta, logo segurou o tubo que saía de sua boca.

—Não, isso tem que ficar aí dentro. —Enquanto se inclinava para lhe afastar a mão, ele a separou dela, retirando-a tão longe como o permitiu o braço— Assim está bem. Por favor não me faça amarrar você.

Seus olhos se dilataram completamente pelo terror, simplesmente se abriram de todo enquanto seu grande corpo começava a tremer na cama. Seus lábios se moviam contra o tubo que lhe descia pela garganta como se estivesse gritando, e seu temor a comoveu. Havia uma acuidade semelhante a de um animal em seu desespero, olhava-a da forma em que olharia um lobo se tivesse a pata presa em uma armadilha: me ajude e possivelmente não a matarei quando me deixar livre.

Colocou-lhe a mão no ombro.

—Tudo está bem. Não temos por que seguir essa via. Mas precisamos deste tubo...

A porta do quarto se abriu, e Jane ficou gelada.

Os dois homens que entraram estavam vestidos de couro negro e pareciam do tipo que levariam armas ocultas. O homem era provavelmente o maior, mais magnífico loiro no qual ela tivesse posto os olhos. O outro a atemorizou. Usava um boné do Rede Sox imerso até embaixo e o rodeava um terrível alo de maldade. Não podia ver muito de seu rosto, mas guiando-se por sua cinzenta palidez, parecia estar doente.

Olhando o par, o primeiro pensamento de Jane foi que tinham vindo por seu paciente, e não simplesmente para lhe trazer flores e conversar com ele.

Seu segundo pensamento foi que ia precisar da segurança, imediatamente.

—Saíam —disse— Agora mesmo.

O homem com o boné dos Sox a ignorou completamente e se inclinou sobre a cabeceira. Quando ele e o paciente fizeram contato visual, Rede Sox se estirou e entrelaçaram as mãos.

Com voz rouca, Rede Sox disse:

—Pensei que tinha perdido você, filho da puta.

Os olhos do paciente se aguçaram como se tratasse de comunicar-se. Então simplesmente sacudiu a cabeça de um lado a outro no travesseiro.

—Vamos levar você para casa, certo?

Quando o paciente assentiu, Jane não se incomodou em seguir escutando mais dessa merda de “Cathy-a-faladora-tem-que-ir”.Equilibrou-se sobre o botão de chamada do controle de enfermaria, que indicava uma urgência cardíaca que provavelmente traria metade das enfermeiras e médicos até ela.

Não obteve nada.

O companheiro do Rede Sox, o lindo loiro, moveu-se tão rapidamente que não pôde lhe seguir o rastro. Em um momento estava entrando pela porta, no seguinte a tinha pego por detrás, levantando seus pés do chão. Quando começou a gritar, pô-lhe a mão sobre a boca e a submeteu tão facilmente como se fosse uma menina tendo um assessor de raiva.

Enquanto isso, Rede Sox despojou sistematicamente o paciente de tudo: a intubação, a intravenosa, o cateter, os marcadores cardíacos e o monitor de oxigênio.

Jane foi rápida como uma bala. Enquanto os alarmes das máquinas começavam a soar, virou-se e chutou seu captor na tíbia com o salto. O gigante loiro grunhiu e logo comprimiu suas costelas até que esteve muito ocupada tentando respirar e não pôde chutá-lo mais.

Ao menos os alarmes poderiam...

O agudo assobio se silenciou embora ninguém tocasse nas máquinas. E teve a horrível sensação de que ninguém ia vir pelo corredor.

Jane lutou mais duro, até que se fatigou tanto que lhe umedeceram os olhos.

—Fique tranqüila —disse o loiro ao seu ouvido— Desapareceremos de sua vista em um minuto. Simplesmente relaxe.

Sim, e um inferno se congelaria. Iriam matar seu paciente...

O paciente deu uma profunda inspiração por si mesmo. E outra. E outra. Então esses misteriosos olhos de diamante deslizaram sobre ela, e ela se acalmou como se ele tivesse desejado que o fizesse.

Houve um momento de silêncio. E então com uma voz áspera, o homem cuja vida tinha salvado disse três palavras que mudaram tudo... mudaram sua vida, mudaram seu destino:

—Ela. Vem. Comigo.

Permanecendo no controle de enfermaria, Phury fez um rápido trabalho de pirataria no sistema de informática do hospital. Não era tão fluido nem veloz sobre um teclado como V, mas era o suficientemente bom. Localizou os registros sob o nome Michael Klosnick e adulterou os resultados e as notas pertencentes ao tratamento de Vishous com dados aleatórios. Todos os resultados das provas, os exames, as radiografias, as fotografias digitais, o planejamento, as notas do pós-operatório, tudo se tornou em ilegível. Então introduziu uma breve anotação de que Klosnick era indigente e tinha pedido alta voluntária.

Deus adorava os consolidados e informatizados registros médicos. Que moleza.

Também tinha limpo as lembranças da maioria, se não, de todo o pessoal do sala de cirurgia. No caminho para cima passou pela sala de operações e tinha tido um pequeno tête-à-tête com as enfermeiras de vigia. Tinha tido sorte. O turno não tinha mudado, assim o pessoal que tinha assistido a V estava todo presente e tinha limpado suas mentes. Nenhuma dessas enfermeiras teria lembranças claras do que tinham visto enquanto o irmão tinha sido operado.

Não tinha sido uma limpeza perfeita, é obvio. Havia pessoas às quais não tinha chegado e possivelmente alguns registros auxiliares tinham sido impressos. Mas esse não era seu problema. Qualquer confusão ocorrida depois do desaparecimento de V seria absorvida pelo frenético funcionamento de um hospital urbano tremendamente ocupado. Certamente, poderia haver uma revisão ou duas sobre o cuidado dos pacientes, mas então não poderiam encontrar V, e isso era tudo o que importava.

Quando Phury acabou com o computador, correu pelo andar de terapia intensiva. Enquanto partia, danificou as câmaras de segurança que estavam embutidas no teto a intervalos regulares para que tudo o que mostrassem fosse estática.

Quando chegava ao quarto seis, a porta se abriu. Vishous era um peso morto na calidez dos braços do Butch, o irmão estava pálido, trêmulo e dolorido, a cabeça apoiada no pescoço do policial. Mas estava respirando e tinha os olhos abertos.

— Me deixe levá-lo — disse Phury, pensando que Butch se via quase mau quanto o amigo.

— Ele está seguro. Você se ocupe das conseqüências de nossa entrada e trabalhe com as câmaras de segurança.

— Que conseqüências de entrada?

— Espere por elas — murmurou Butch enquanto se dirigia a porta de incêndios na outra ponta do corredor.

Uma fração de segundo mais tarde, Phury lhe deu uma idéia do problema. Rhage saiu para o corredor sustentando com uma presa asfixiante uma fêmea humana incontrolavelmente irritada. Lutava com unhas e dentes, sufocando gritos que sugeriam que tinha o vocabulário de um caminhoneiro.

— Deve deixá-la inconsciente, irmão — disse Rhage, logo grunhiu — Não quero feri-la, e V disse que ela vinha conosco.

— Não se supunha que isto ia ser uma operação de seqüestro.

— Muito fodidamente tarde. Nocauteia-a, ok? — Rhage grunhiu de novo e estreitou seu aperto, afastando a mão da boca dela para capturar um dos braços que o pegavam.

A voz dela soou alto e claro.

— Ponho Deus como testemunha, vou a...

Phury a pegou pelo queixo com uma mão e a forçou a levantar a cabeça.

— Relaxe — disse brandamente — Simplesmente se tranqüilize.

Fixou seu olhar no dela e começou a obrigá-la a se acalmar com a mente... a obrigá-la a se acalmar... a obrigá-la...

— Foda-se! — cuspiu — Não vou deixar que matem meu paciente!

OK, isto não estava funcionando. Por trás dos óculos olhos de cor verde escura, tinha uma mente formidável, assim com uma maldição tirou a munição pesada, fechando-a mentalmente por completo. Derrubou-a como um trapo.

Tirando os óculos, pegou-os e os meteu no bolso do peito do casaco.

— Sairemos daqui antes de que volte a si de novo.

Rhage virou à mulher, pendurando-a como um xale dos fortes ombros.

— Pegue sua bolsa do quarto.

Phury voltou, pegou a bolsa de couro e a pasta marcada com o nome Klosnick, depois saiu rápido do quarto. Quando voltou para o corredor, Butch mantinha uma discussão com uma enfermeira que tinha saído do quarto de um paciente.

— O que está fazendo! — dizia a mulher.

Phury se plantou na frente dela como uma loja de campanha, saltando ante ela, olhando-a fixamente para atordoá-la, plantando em seu lóbulo frontal a urgente necessidade de chegar à reunião de pessoal. Quando voltou a alcançar o grupo, a mulher que estava nos braços do Rhage já estava se livrando do controle mental, sacudindo a cabeça daqui para lá enquanto se balançava ao ritmo da corrida de Hollywood.

Quando chegaram à porta da escada de incêndios, Phury gritou:

— Agüenta, Rhage.

O irmão se deteve rapidamente e Phury aferrou com a mão um flanco do pescoço da mulher, fazendo com que desmaiasse com um apertão.

— Desmaiou. Está tudo bem.

Chegaram às escadas traseiras e moveram os traseiros rapidamente. A áspera respiração de Vishous era a prova de que tanta ação o estava matando, mas era tão forte como sempre, agüentando, apesar do fato de que se pôs da cor do purê de ervilhas.

Cada vez que chegavam a um patamar, Phury sustentava uma pequena luta com uma câmara de segurança, administrando uma corrente elétrica às coisas para as cegar. Sua maior esperança era chegar ao Escalade sem tropeçar com um grupo de guardas de segurança. Os humanos nunca eram objetivo da Irmandade. Quer dizer, se havia risco de que a raça dos vampiros ficasse exposta, não havia nada que não fizesse. E como hipnotizar grandes grupos de agitados e agressivos humanos tinha uma pequena taxa de êxito, só ficava a luta. E a morte para eles.

Depois de uns oito andares descendo pela escada chegaram à base e Butch se deteve ante uma porta de metal. O suor lhe caía pelo rosto e caminhava em ziguezague, mas sua expressão era decidida. Ia tirar seu companheiro e nada ia se interpor em seu caminho, nem sequer sua própria debilidade.

—Encarregarei-me da porta —disse Phury, saltando à cabeça do grupo. Depois de ocupar-se do alarme, sustentou a prancha de ferro aberta para os outros. Do outro lado, estendiam-se vários corredores.

—OH, merda —murmurou— Onde demônios estamos?

—No porão. —O poli seguiu adiante— O conheço bem. O necrotério está neste nível. Passei muito tempo aqui em meu antigo emprego.

Uns cinquenta metros mais mais à frente, Butch os conduziu a um corredor baixo, que se parecia mais a um túnel repleto de tubos de ventilação e calefação, que a qualquer outra coisa.

E então ali estava. A salvação em forma de saída de emergência.

—O Escalade está aí fora —disse o policial a V— Em uma posição vantajosa.

—Graças a... Deus. —V apertou os lábios de novo, como se estivesse tentando não vomitar.

Phury deu outro salto para frente, então amaldiçoou. A configuração deste alarme era diferente das outras, operando em uma rede de circuitos mais complexa. O que deveria haver esperado. Frequentemente as portas exteriores estavam muito mais protegidas que as interiores. O problema era que suas pequenas mutretas mentais não iam funcionar aqui e não era como se pudesse perder tempo para desarmar a coisa. V tinha o aspecto de um inseto atropelado em uma sarjeta.

—Se preparem para a animação —disse Phury antes de dar um golpe na camera da porta.

O alarme os colocou em marcha como uma banshee, fada irlandesa.

Enquanto saíam precipitadamente na noite, Phury se voltou e olhou para cima no fundo do hospital. Localizou a câmara de segurança sobre a porta, conseguiu que gravasse mau, e a manteve fechada bloqueando seu olho vermelho enquanto V e a fêmea humana eram descarregados dentro do Escalade e Rhage se colocava atrás do volante.

Butch se sentou no assento do co-piloto e Phury saltou à parte traseira junto à carga. Verificou seu relógio. O tempo total transcorrido desde que estacionaram em primeiro lugar aqui até que o pé de Hollywood se cravou a fundo no pedal do acelerador foi de vinte e nove minutos. A operação tinha sido relativamente curta. Tudo o que ficava por fazer agora era levar todo mundo ao Complexo e abandonar o SUV.

Só havia uma complicação.

Phury dirigiu seus olhos à mulher humana.

Uma grande, enorme complicação.

CAPÍTULO 10

John estava inquieto enquanto esperava no brilhantemente colorido vestíbulo da mansão. Ele e Zsadist sempre saíam durante uma hora antes do amanhecer, e pelo que sabia, não havia mudança de planos. Mas o irmão chegava quase meia hora atrasado.

Para matar o tempo, John voltou a percorrer o chão de mosaico, como sempre, sentiu-se como se não pertencesse a toda essa grandeza, mas a amava e a apreciava. O vestíbulo era tão escandalosamente extravagante que era como estar em um joalheiro: colunas de mármore vermelho e uma espécie de pedra verde e negra sujeitavam as paredes enfeitadas com flores de puro ouro e dispositivos de iluminação com cristais. A escada tinha um majestoso tapete vermelho, do tipo em que uma estrela de cinema pararia no início, e logo desceria até uma festa chique. E o desenho sob seus pés era uma macieira em flor, o brilhante paladar da natureza resplandecente e cintilando graças a milhões de peças brilhantes de cristal colorido.

Entretanto, sua parte preferida era o teto. Três andares acima havia um incrível desdobramento de cenas pintadas, com guerreiros voltando para a vida enquanto foram à guerra com adagas negras. Eram tão reais que poderia estirar a mão e tocá-los.

Tão reais como se pudesse ser eles.

Voltou a pensar na primeira vez que os tinha visto. Tohr o levava para conhecer Wrath.

John bebeu. Tinha tido ao Tohrment durante tão pouco tempo. Poucos meses. Depois de uma vida sentindo-se deslocado, deixando-se levar durante duas décadas sem um núcleo familiar que o ancorasse, tinha vislumbrado o que sempre tinha querido. E então com um só tiro seu pai e mãe adotivos se foram.

Gostaria de ser o suficientemente maduro para dizer que estava agradecido por ter conhecido Tohr e Wellsie durante esse tempo, mas era mentira. Desejava não havê-los conhecido. Sua perda era muito mais difícil de agüentar que a amorfa dor que havia sentido quando estava sozinho.

Realmente não era um macho que valesse a pena, não é mesmo?

Sem aviso, Z saiu da porta escondida sob a grande escada, e John ficou tenso. Não pôde evitá-lo. Sem importar as vezes que visse o irmão, a aparência de Zsadist sempre o fazia pensar duas vezes. Não era só a cicatriz no rosto ou a cabeça rapada. Era o ar mortal que não se foi, a pesar de agora ele estar emparelhado e que seria pai.

Além disso, esta noite o rosto de Z estava rígido e tenso, e seu corpo ainda mais tenso.

— Está preparado para sair?

John estreitou os olhos e indicou:

O que está acontecendo?

— Nada pelo que deva preocupar-se. Está preparado. — Não era uma pergunta, a não ser uma ordem.

Quando John assentiu e fechou a parka, os dois saíram atravessando o vestíbulo.

A noite tinha uma cor pérola, as estrelas opacas por uma ligeira saturação de nuvens que se recortavam contra a lua cheia. De acordo com o calendário, estava chegando a primavera, mas isso era só em teoria, se nós olhássemos a paisagem. A fonte diante da mansão permanecia fora de serviço durante o inverno, vazia e esperando ser preenchida. As árvores eram como esqueletos negros estirando-se para o céu, rogando com seus magros braços que o sol se voltasse mais forte. A neve permanecia na grama, tercamente obstinada a um chão que ainda estava totalmente gelado.

O vento trazia um frio que lhes golpeava as bochechas, enquanto ele e Zsadist caminhavam para a direita, com os pedras do pátio movendo-se sob suas botas. Ao longe se via o muro de

segurança do Complexo, um bastão de seis metros de alto e dois metros de grossura, que rodeava a propriedade da Irmandade.

A coisa estava cheia de câmaras de segurança e detectores de movimento, um bom soldado repleto de grande quantidade de munição. Mas tudo eram minúcias, na realidade. O verdadeiro mecanismo para não permitir a entrada eram os 120 volts de carga elétrica que percorriam a parte superior em espirais de arame eletrificado.

Primeiro a segurança. Sempre.

John seguiu Zsadist pelo jardim cheio de neve, passando junto a convalescentes canteiros de flores e a vazia piscina da parte de trás. Depois de uma ligeira descida, alcançaram o limite do bosque. Neste ponto o monstruoso muro realizava um brusco giro à esquerda e descia pela ladeira da montanha. Não o seguiram, mas sim penetraram na linha de árvores.

Sob os grossos pinheiros e os densos ramos dos arces havia um grupo de velhas agulhas e folhas, e não muita beleza. Aí, o ar cheirava como terra e ar frio, uma combinação que fez com que lhe picasse o interior do nariz.

Como era habitual, Zsadist liderou a marcha. Os caminhos que tomavam cada noite eram diferentes e pareciam aleatórios, mas sempre terminavam no mesmo lugar, uma pequena cascata. O arroio que descia pela ladeira da montanha se lançava por um pequeno escarpado, e então formava uma piscina pouco profunda uns três metros mais a frente.

John se aproximou e pôs a mão no gorgoteante corrente. Quando sua palma atravessou a queda, seus dedos se intumesceram pelo frio.

Em silêncio, Zsadist cruzou o arroio, saltando de rocha em rocha. A elegância do irmão era como a da água, fluída e forte, seus passos tão seguros que estava claro que sabia com exatidão como reagiria seu corpo com cada movimento de músculo.

Já do outro lado, caminhou até a cascata, de modo que ficou em frente a John.

Seus olhos se encontraram. OH, cara, Z tinha algo a dizer nesta noite, não?

As caminhadas tinham começado depois que John atacou outro companheiro de estudos e o deixou inconsciente nos chuveiros dos vestiários. Wrath fazia que essa fosse uma condição para que John permanecesse no programa de treinamento, e no início as tinha temido, imaginando que Z ia tentar penetrar em sua cabeça, até agora, entretanto, sempre tinham estado em silêncio.

Esse não ia ser o caso nessa noite.

John retirou o braço, dirigiu-se um pouco corrente abaixo e cruzou para o outro lado sem a confiança ou a destreza de Zsadist.

Quando chegou junto ao irmão, Z disse:

—Lash vai voltar.

John cruzou os braços sobre o peito. OH, genial, o idiota que John tinha posto em uma maca. Certo, Lash tinha estado mais que pedindo-o, indo atrás de John, irritando-o e pressionando-o, voltando-se contra Blay. Mas ainda assim.

—E aconteceu a mudança.

Fenomenal. Nada mais foddidamente melhor. Agora o bastardo o perseguiria com músculos. Quando? indicou John.

—Amanhã. Deixei-lhe claro que se der problemas, não voltará. Se tiver problemas com ele, avise-me, está claro?

Merda. John queria ocupar-se ele mesmo. Não queria que o vigiassem como um menino.

—John? Avise-me. Assente com sua fodida cabeça.

John o fez, devagar.

—Não arremeterá contra o bode. Não me importa o que diga ou o que faça. Só porque o irrite não significa que tenha que reagir.

John assentiu, porque tinha o pressentimento de que Z lhe voltaria a pedir o mesmo se não o fizesse.

—Se o pego atuando como Harry o Sujo, não vai gostar do que acontecerá.

John observou fixamente a corrente de água. Deus... Blay, Qhuinn, agora Lash. Todos mudados.

A paranóia se arraigou e John olhou a Z.

E se a transição não acontecer comigo?

—Fará-o.

Como sabemos com certeza?

—Biologia. —Z fez um sinal com a cabeça para um enorme carvalho— Brotarão folhas dessa árvore quando o sol chegar. Não poderá evitá-lo, e o assunto é o mesmo com você. Seus hormônios vão bater com muita dureza, e então passará. Já a pode sentir, não é?

John encolheu os ombros.

—Sim, pode. Sua alimentação e sono são diferentes. Assim como seu comportamento. Crê que há um ano teria batido em Lash contra os azulejos e golpeado até o fazer sangrar?

Definitivamente não.

—Está faminto, mas você não gosta de comer, certo? Inquieto e cansado. De mau humor.

Jesus, como sabia o irmão tudo isso?

—Passei por tudo isso, lembra.

Quanto tempo falta?Perguntou John.

—Até que ela chegue? Um macho tem tendência a parecer-se com o pai. Darius passou por isso um pouco antes do habitual. Mas realmente nunca se sabe. Algumas pessoas podem estar na fase que está durante anos.

Anos?

Merda. Como foi depois para você? Quando despertou?

No silêncio que seguiu, o irmão sofreu uma mudança das mais horripilantes. Era como se uma névoa deslizesse e ele tivesse desaparecido... apesar de que John ainda podia ver cada detalhe de seu rosto com cicatrizes e seu corpo, com tanta clareza como sempre.

—Fale com o Blay e Qhuinn sobre isso.

Sinto muito. John ruborizou. Não tinha intenção de bisbilhotar.

—Não importa. Olhe, não quero que se preocupe por isso. Temos a Layla esperando para que possa se alimentar dela, e vai estar em um lugar seguro. Não vou deixar que aconteça nada de ruim.

John levantou a vista para a rosto danificada do guerreiro, e pensou no companheiro de classe que tinham perdido.

Entretanto, Hhurt morreu.

—Sim, isso acontece, mas o sangue de Layla é muito puro. É uma Escolhida. Isso vai ajudar você.

John pensou na preciosa loira. E em quando tirou a túnica diante dele para lhe mostrar seu corpo para que o olhasse. Cara, ainda não podia acreditar que tivesse feito isso.

Como saberei o que fazer?

Z estirou o pescoço para trás e olhou o céu.

—Não precisa preocupar-se por isso. Seu corpo tomará o controle. Saberá o que querará e o que precisará. —A cabeça rapada de Z voltou para sua posição normal e ficou observando, seus olhos amarelos atravessando a escuridão, tão seguros como o sol através de um espaço entre as nuvens— Seu corpo possuirá você durante um momento.

Embora o envergonhasse, indicou:

Acredito que tenho medo.

—Quer dizer que é preparado. Isto é uma merda complicada. Mas como disse... não vou deixar que aconteça nada a você.

Z se virou como se se sentisse incômodado, e John estudou o perfil do macho contra a cortina de fundo das árvores.

Enquanto a gratidão emanava, Z cortou os agradecimentos que John estava preparando para falar:

—Melhor que voltemos para casa.

Cruzando de volta o rio e dirigindo-se para casa, John se encontrou pensando sobre o pai biológico que nunca tinha conhecido. Tinha evitado perguntar sobre Darius, porque tinha sido o melhor amigo de Tohr, e algo conectada ao Tohrment era difícil para os irmãos.

Desejaria saber a quem dirigir-se com suas perguntas.

CAPÍTULO 11

Quando Jane despertou, suas linhas nevrálgicas eram como réstias de luzes de Natal, piscando de forma aleatória, e logo entrando em curto. Os sons se registravam e se desintegravam e reapareciam. Seu corpo estava lânguido, depois tenso, logo nervoso. Sua boca estava seca e se sentia muito quente, mas tremia.

Tomando profundas baforadas de ar, deu-se conta que estava parcialmente sentada. E que tinha uma condenada dor de cabeça.

Mas algo cheirava bem. Deus, havia um aroma incrível ao seu redor... era parte tabaco, como o tipo que seu pai havia fumado, e parte especiarias escuras, como se estivesse em uma loja de azeites índios.

Levantou as pálpebras. Não enxergava direito, provavelmente porque não estava com os seus óculos, mas podia ver suficientemente bem para saber que estava em um quarto escuro e vazio, que tinha... Jesus, livros empilhados por toda parte. Também descobriu que o assento no qual estava se encontrava situado ao lado do radiador, o que poderia explicar as rajadas quentes. Além disso, sua cabeça estava virada em um ângulo ruim, o que justificava a dor de cabeça.

Seu primeiro impulso foi sentar-se direito, mas não estava sozinha, por isso ficou quieta. Do outro lado do quarto, o do cabelo multicolorido estava ao lado de uma cama de casal que tinha um corpo deitado. O cara estava muito ocupado fazendo algo... pondo uma luva na mão de...

Seu paciente. Seu paciente estava nessa cama, com os lençóis pela cintura, o torso nu coberto de bandagens. Cristo, o que tinha acontecido? Lembrou havê-lo operado... e encontrar uma incrível anomalia em seu coração. Então houve um conversa com Manello na UTIC, e depois... merda, tinha sido seqüestrada pelo homem que estava junto à cama, um deus do sexo e alguém que usava um boné do Rede Sox.

O pânico ardeu junto com uma boa dose de aborrecimento, mas suas emoções não pareciam poder conectar-se com seu corpo, a rajada de sentimento diminuindo até que a invadiu a letargia. Piscou e tentou concentrar-se sem chamar a atenção sobre si mesma...

Suas pálpebras se abriram muito.

O homem com o boné do Rede Sox entrou com uma loira incrivelmente linda a seu lado. Estava perto dela, e embora não se tocassem, era claro que eram um casal. Simplesmente se pertenciam.

O paciente falou com voz áspera.

—Não.

— Tem que fazê-lo — disse Rede Sox.

— Disse... que me mataria se alguma vez...

— Circunstâncias atenuantes.

— Layla...

— Alimentou Rhage esta tarde, e não podemos ter outra Escolhida aqui sem dançar com a Directrix. O que tomaria um tempo que não temos.

A mulher loira se aproximou da cama do paciente e se sentou lentamente. Vestida com uma calça negra sob medida, parecia uma advogada ou uma mulher de negócios, e ainda assim era grosseiramente feminina com seu longo e lustroso cabelo.

— Me use — estendeu o pulso sobre a boca do paciente, fazendo-a flutuar por cima de seus lábios — Embora seja apenas porque o precisamos forte para que possa fazer ajudá-lo.

Não havia dúvida de quem era “ele”. Rede Sox parecia mais doente que quando Jane o tinha visto pela primeira vez, e o médico de seu interior se perguntou exatamente no que consistia “ajudá-lo”.

Enquanto isso, Rede Sox se afastou até bater na parede oposta. Rodeando o torso com os braços, segurou a si mesmo.

Com voz suave, a loira disse:

— Ele e eu falamos sobre isto. Fez tanto por nós...

— Não... não por você.

— Estou viva graças a você. Então isso é suficiente. — A loira estirou a mão como se fosse alisar o cabelo ao paciente, mas logo a retirou quando ele se encolheu — Deixa que cuidemos de você. Só desta vez.

O paciente olhou do outro lado do quarto, para o Rede Sox. Quando este assentiu, o paciente amaldiçoou e fechou os olhos. Então abriu a boca...

Merda. Seus pronunciados caninos se alargaram. Antes eram agudamente afiados, agora eram positivamente presas.

Certo, claramente isto era um sonho. Sim. Porque isso não acontecia com os dentes cosméticamente ressaltados. Nunca.

Quando o paciente descobriu as “presas”, o homem com o cabelo multicolorido ficou diante de Rede Sox, apoiou ambas as mãos na parede e se inclinou até que ambos os peitos quase se tocassem.

Mas então o paciente sacudiu a cabeça e se separou do pulso.

— Não posso.

— Preciso de você — sussurrou Rede Sox — Estou doente pelo que faço. Preciso de você.

O paciente fixou o olhar em Rede Sox e um poderoso desejo brilhou em seus olhos diamantinos.

— Só por... você... não por mim.

— Por ambos.

— Por todos nós — interveio a mulher loira.

O paciente inspirou profundamente, então — Cristo! — mordeu o pulso da loira. O ataque foi rápido e resolvido como o de uma cobra, e quando firmou, a mulher saltou, e logo exalou o que pareceu ser alívio. Do outro lado do quarto, Rede Sox tremeu por completo, com aspecto desamparado e desesperado enquanto o do cabelo multicolorido bloqueava seu caminho sem entrar em contato com ele.

A cabeça do paciente começou a mover-se seguindo um ritmo, como se fosse um bebê mamando de um peito. Mas não podia estar bebendo daí, certo?

Sim, demônios se não podia.

Sonho. Isto era todo um sonho. Um sonho de hospital psiquiátrico. Certo? OH, Deus, esperava que fosse isso. Se não, estava metida em uma espécie de pesadelo gótico.

Quando finalizou, seu paciente se deixou cair de volta nos travesseiros, e a mulher lambeu onde tinha estado sua boca.

—Descanse agora —disse, antes de voltar-se para Rede Sox— Está tudo bem?

Sacudiu a cabeça de um lado a outro.

—Quero tocar você, mas não posso. Quero entrar em você, mas... não posso.

O paciente falou.

—Se deite comigo. Agora.

—Não pode agüentá-lo. —disse Rede Sox, com voz aguda e rouca.

—Precisa-o agora. Estou preparado.

—Demônios se o está. E tenho que me deitar. Voltarei depois de descansar...

A porta voltou a abrir-se, a luz se derramou do que parecia ser um vestíbulo, e um enorme homem com cabelo negro até a cintura e envoltos óculos de sol entrou irado. Isto significava problemas. Seu rosto cruel sugeria que talvez se excitasse torturando às pessoas, e o brilho perigoso de seus olhos a fez perguntar-se se queria começar com algum agora mesmo. Esperando evitar que a notasse, fechou as pálpebras de repente e tentou não respirar.

A voz era tão dura como o resto de seu corpo.

—Se não estivesse já sobre seu traseiro, poria-te eu mesmo no chão. Em que merda estava pensando, trazendo-a aqui?

—Com permissão —disse Rede Sox. Houve um arrastar de pés e a porta se fechou.

—Fiz uma pergunta a você.

—Supunha-se que tinha que vir —disse o paciente.

—Supunha-se? Supunha-se? Está fodidamente louco?

—Sim... mas não a respeito dela.

Jane abriu um olho e observou através das pestanas enquanto o tipo gigantesco olhava o do cabelo fabuloso.

—Quero a todos em meu escritório em meia hora. Precisamos decidir que demônios faremos com ela.

—Não... sem mim... —disse o paciente, seu tom cobrando mais força.

—Não tem voto.

O paciente apoiou as palmas no colchão e se sentou, embora isto fizessem que seus braços tremessem.

—Tenho todos os votos no que concerne a ela.

O homem alto apontou ao paciente com um dedo.

—Que se foda.

De nenhuma parte, a adrenalina de Jane se elevou.

Sonho ou não sonho, deveria contar nesta feliz conversação. Ficando mais reta no assento, esclareceu a garganta.

Todos os olhos se centraram de repente nela.

—Quero sair daqui —disse, em uma voz que desejava que fosse menos entrecortada e mais contundente— Agora.

O homem grande colocou uma mão na ponte do nariz, tirou os óculos e esfregou os olhos.

—Graças a ele, essa não é uma opção imediata. Phury, volta a se ocupar dela, ok?

—Vai me matar? —perguntou apuradamente.

—Não —disse o paciente— Vai estar bem. Tem minha palavra.

Durante uma fração de segundo acreditou nele. O que era uma loucura. Não sabia onde estava, e esses homens eram claramente valentões...

O que tinha o cabelo lindo parou diante dela.

— Simplesmente vai descansar um poquinho mais.

Olhos amarelos encontraram os seus, e de repente foi uma televisão desconectada, o cabo arrancado da parede, a tela em branco.

Vishous observou sua cirurgia enquanto se afundava de novo na cadeira do outro lado do quarto.

— Está bem? — disse ao Phury — Não a fritou, certo?

— Não, mas tem uma mente forte. Devemos tirá-la daqui o quanto antes for possível.

A voz do Wrath cortou o ar.

— Nunca deveria ter sido trazida aqui.

Vishous se deixou cair com cautela na cama, sentindo-se como se tivesse sido golpeado no peito com um bloco de cimento. Não estava particularmente preocupado por que Wrath estivesse irritado. Sua cirurgia tinha que estar aqui, e isso era tudo. Mas pelo menos podia considerar uma base lógica.

— Pode ajudar em minha recuperação. Havers é complicado devido ao assunto de Butch.

O olhar de Wrath era desapaixonada atrás dos óculos.

— Crê que querará ajudar você depois de que a seqüestrassem? O Juramento Hipocrático só chega até certo ponto.

— Sou dela. — V franziu o cenho — Quero dizer, cuidara de mim porque me operou.

— Está dando um fraco motivo para justificar...

— É mesmo? Acabo de fazer uma operação no coração porque me atiraram no peito. Não me sinto como grande atleta no momento. Quer se arriscar a que haja complicações?

Wrath olhou à cirurgia, logo voltou a esfregar os olhos.

— Merda. Quanto tempo?

— Até que esteja melhor.

Os óculos de sol do Rei voltaram para seu nariz.

— Sare rápido, irmão. Quero-a apagada e fora daqui.

Wrath deixou o quarto, fechando a porta com um golpe.

— Isto foi bom. — disse V ao Phury.

Phury, com sua forma de ser pacífica, murmurou algo a respeito de como todo mundo estava sob muito estresse, bla, bla, bla, e logo foi até a mesa para mudar de assunto. Voltou ao lado da cama com um par de cigarros na mão, um dos acendedores de V e um cinzeiro.

— Sei que quer isso. Que tipo de medicamentos vai precisar para tratar você?

V tirou uma ponta da cabeça. Com o sangue de Marissa nele, ia estar de pé logo, já que sua linhagem era quase pura. Acabava de pôr gasolina de muitos octanos em seu depósito.

Entretanto, o assunto era que, deu-se conta que não queria curar-se tão rápido.

— Ela também precisa de mais roupa — disse — E comida.

— Ocuparei-me disso — Phury se dirigiu à porta — Quer algo para comer?

— Não. — quando o irmão estava saindo para o corredor, V disse — Checará como está Butch?

— É obvio.

Depois que Phury partiu, V olhou fixamente à mulher humana. Seu aspecto, decidiu, não era tão lindo como irresistível. Seu rosto era quadrado, as feições quase masculinas. Os lábios não

eram sedutores. Nem tinha pestanas longas. E não tinha grandes seios empurrando contra o jaleco branco de médico que usava. Nada de curvas selvagens, por isso podia ver.

Desejava-a como se fosse uma bela deusa nua rogando que a servissem.

Minha. Os quadris de V giraram, um rubor se estendeu sob sua pele embora não houvesse maneira de que tivesse a energia para excitar-se.

Deus, a verdade era que não sentia remorso por havê-la seqüestrado. De fato, estava destinado. Bem quando Butch e Rhage tinham aparecido no quarto de hospital tinha tido sua primeira visão em semanas. Tinha visto sua cirurgiaã parada na soleira de uma porta, emoldurada em uma gloriosa luz branca. Tinha-o chamado por gestos com amor em seu rosto, guiando-o para frente por uma sala. A bondade que lhe tinha devotado tinha sido tão cálida e suave como sua pele, tão calmante como água quieta, tão substanciosa como a luz do sol que já não conhecia.

Ainda assim, embora não sentisse remorsos, culpava-se pelo medo e a ira no rosto dela quando tinha despertado. Graças a sua mãe, tinha tido uma desagradável visão do que era ser obrigado a algo, e acabava de fazer o mesmo à mulher que lhe tinha salvado a vida.

Merda. Perguntou-se o que teria feito se não tivesse tido essa visão, se não tivesse essa maldição de ver o futuro fazendo-se ouvir. A teria deixado lá? Sim. Claro que o teria feito. Mesmo com minha palavra lhe percorrendo a mente, a teria deixado ficar em seu mundo.

Mas a fodida visão tinha selado o destino da mulher.

Voltou a pensar no passado. Na primeira de suas visões...

A literatura não era um bem de valor no acampamento guerreiro, já que não podia matar com ela.

Vishous tinha aprendido a ler na Antiga Língua só porque um dos soldados tinha tido um pouco de educação e se encarregava de manter registros rudimentares do acampamento. Era descuidado com isso e o trabalho o aborrecia, assim V se ofereceu voluntário para fazer seus deveres se o macho o ensinasse a ler e escrever. Era a troca perfeita. V sempre tinha estado fascinado pela idéia de que se podia reduzir um sucesso a uma página e fazê-lo não algo transitivo, a não ser fixo. Eterno.

Tinha aprendido rápido e logo andou pelo acampamento procurando livros, encontrando alguns em lugares ocultos e esquecidos, como debaixo de velhas armas rotas ou em lojas abandonadas. Tinha colecionado os danificados tesouros encadernados com couro e os tinha escondido no limite mais longínquo do acampamento, onde se guardavam as peles dos animais. Nenhum soldado nunca ia lá, já que era território feminino, e se as fêmeas o faziam, era só para pegar uma pele ou duas para fabricar objetos de vestir ou roupas de cama. Além disso, não só era seguro para os livros, era o lugar perfeito para ler, já que o teto da cova descia até uma baixa altura e o muro ao redor era de pedra. Se alguém se aproximava, se ouvia imediatamente, já que tinham que arrastar-se para aproximar-se dele.

Entretanto, havia um livro para o que nem sequer este lugar oculto era suficientemente seguro.

O mais valioso de sua exígua coleção era um diário escrito por um macho que tinha chegado ao acampamento uns trinta anos antes. Tinha sido um aristocrata por nascimento, mas tinha terminado no acampamento para ser treinado devido a uma tragédia familiar. O diário estava escrito em uma bela letra, com grandes palavras das quais V só podia adivinhar o significado, e abrangia três anos da vida do macho. O contraste entre as duas partes, uma detalhando sucessos antes de vir aqui e a outra cobrindo a época posterior, era cru. No início, a vida do macho tinha estado marcada pelo glorioso passado do calendário social da glymera, cheio de bailes e encantadoras fêmeas e maneiras educadas. Depois tudo terminou. Desespero,

exatamente o mesmo com o qual V vivia, era o que tinha as páginas depois que a vida do macho mudasse para sempre, logo depois de sua transição.

Vishous lia e relia o diário, sentindo afinidade com a tristeza do autor. E depois de cada leitura, fechava a tampa e passava os dedos pelo nome em relevo no couro.

DARIUS, FILHO DO MARKLON

Freqüentemente V se perguntava o que tinha acontecido com o macho. As anotações terminavam em um dia onde nada particularmente significativo tinha ocorrido, por isso era difícil saber se tinha morrido em um acidente ou se foi por capricho. V esperava inteirar-se em algum momento que destino tinha encontrado o guerreiro, assumindo que ele mesmo vivesse o suficiente para sair do acampamento.

Como perder o diário o faria sentir-se desamparado, guardava-o em um lugar onde nem uma alma se detinha. Antes de que o acampamento se instalasse aqui, a cova tinha sido habitada por algum tipo de antigo humano, e os anteriores habitantes tinham deixado desenhos primitivos nas paredes. As vagas representações de bisões e cavalos, e rastros de mãos e de um único olho eram consideradas maldições pelos soldados, e todo mundo as evitava. Uma divisão tinha sido erguida em frente dessa porção de parede, e embora estivesse pintada com mestria em toda parte, Vishous sabia porquê seu pai não as eliminava. O Bloodletter queria o acampamento desequilibrado e nervoso, e se mofava dos soldados e as fêmeas por igual, com ameaças de que os espíritos desses animais os possuiriam, ou que as imagens do olho e os rastros de mãos voltariam para a vida com fogo e ira.

V não tinha medo dos desenhos. Adorava. O desenho simples dos animais tinha poder e elegância, e gostava de pôr as mãos contra os rastros de palmas. De fato, era um consolo saber que tinha havido gente vivendo ali antes. Talvez tivessem vivido melhor.

V escondia o diário entre as duas das representações maiores de bisões, em uma greta que proporcionava um alojamento suficientemente amplo e profundo. Durante o dia, quando todos descansavam, deslizava por trás da divisão e o brilho se apoderava de seus olhos, e lia até que sua solidão se aliviava.

Foi só um ano depois de encontrá-los, que os livros de Vishous foram destruídos. Suas únicas alegrias foram queimadas, como sempre tinha temido que seriam. E não foi uma surpresa quem o fez.

Estava a semanas sentindo-se doente, aproximando-se de sua transição, embora não soubesse nada disso naquele momento. Incapaz de dormir, levantou-se e deslizou como um fantasma até a pilha escondida, acomodando-se com um tiro de contos de fadas. Dormiu com o livro no colo.

Quando despertou, um pretrans estava de pé sobre ele. O menino era um dos mais agressivos, de olhos duros e corpo forte.

—Como vagueia enquanto outros trabalham —disse o jovem depreciativamente— E tem um livro nas mãos? Talvez devesse ser entregue, já que evita que faça suas tarefas. Posso levar mais comida ao meu estômago fazendo isso.

Vishous pôs a pilha mais profundamente no esconderijo e ficou de pé, sem dizer nada. Lutaria por seus livros, da mesma maneira que lutava pelas sobras de comida para encher o estômago ou a roupa velha que lhe cobria a pele. E o pretrans que tinha diante lutaria pelo privilégio de descobrir os livros. Sempre era assim.

O moço se aproximou com rapidez, empurrando a V contra a parede da cova. Embora sua cabeça batesse com força e ficasse sem ar de repente, respondeu, golpeando seu oponente no rosto

com o livro. Enquanto os outros pretrans se aproximavam rapidamente para olhar, V bateu em seu oponente uma e outra vez. Tinham-lhe ensinado a usar qualquer arma ao seu dispor, mas enquanto obrigava o outro macho a ficar no chão, queria chorar por estar usando sua posse mais apreciada para fazer mal a alguém. Entretanto, tinha que continuar. Se perdia a vantagem, pode ser que o outro ganhasse, e que perdesse os livros antes de poder movê-los a outro lugar seguro.

Por fim, o outro moço ficou quieto, com a rosto torcido em mal estado, seu fôlego saindo em jorros enquanto V o segurava pela garganta. O volume de contos de fadas jorrava sangue, e a cobertura de couro estava solta em uma ponta do livro.

Foi nos descuidados momentos posteriores quando aconteceu. Um estranho formigamento percorreu o braço de V e se dirigiu à mão que sujeitava o oponente contra o chão da cova. Então uma sombra horripilante apareceu de repente, criada por um brilho que partia da palma de V. Imediatamente, o pretrans abaixo dele começou a sacudir-se, suas mãos e pernas batendo contra o chão de pedra como se lhe doesse todo o corpo.

V o soltou e olhou sua mão horrorizado.

Quando voltou a olhar o macho, uma visão o bateu como um punho, deixando V aturdido e com o olhar perdido. Em uma miragem nebulosa, viu a rosto do jovem em um vento severo, o cabelo jogado para trás, e os olhos fixos em um ponto distante. Depois dele havia rochas do tipo que se encontravam na montanha, e a luz do sol brilhava sobre ambos e o corpo imóvel do pretrans.

Morto. O moço estava morto.

De repente o pretrans sussurrou: —Seu olho... seu olho... o que aconteceu?

As palavras saíram da boca de V antes de que pudesse as deter.

—A morte o encontrará na montanha e quando o vento venha sobre você, será miserável.

Um ofego fez com que V levantasse a cabeça. Uma das fêmeas estava perto, e tinha o rosto horrorizado, como se tivesse falado com ela.

—O que acontece aqui? —disse uma voz ensurdecadora.

V se separou do pretrans de um salto para poder permanecer afastado de seu pai e manter o macho à vista. O Bloodletter estava parado com as calças desabotoadas, claramente estava a tomar uma das fêmeas da cozinha. O que explicava porquê estava nesta parte do acampamento.

—O que tem na mão? —exigiu o Bloodletter, dando um passo em volta de V—Me dê isso agora mesmo.

Enfrentado à ira de seu pai, V não teve mais opção que lhe oferecer o livro. Foi pegado com uma maldição.

—Usou isto inteligentemente só quando bateu nele com ele. —Perspicazes olhos escuros se estreitaram na depressão entre as peles onde V apoiava as costas— Esteve vadiando contra estas peles, não é verdade? Passando tempo aqui.

Quando V não respondeu, seu pai se aproximou outro passo.

—O que faz aqui atrás? Lê outros livros? Acredito que sim, e acredito que me vai dar. Talvez eu goste de ler em vez de me dedicar a meus úteis assuntos.

V duvidou... e recebeu uma bofetada tão forte que o lançou contra as peles. Depois de deslizar e rodar até o final do monte, caiu sobre os joelhos em frente de seus três outros livros. O sangue gotejou de seu nariz sobre uma das capas.

—Devo te bater outra vez? Ou me dará o que pedi? —o tom do Bloodletter era aborrecido, como se ambos os resultados fossem aceitáveis, já que ambos feririam V, e portanto lhe trariam satisfação.

V tirou uma mão e acariciou uma suave capa de couro. Seu peito rugiu de dor ante a despedida, mas a emoção era um grande desperdício, certo? Essas coisas que lhe importavam

estavam a ponto de ser destruídas de algum jeito, e ia passar agora, apesar do que fizesse. Era quase como se já não estivessem aqui mais.

V olhou por cima de seu ombro para Bloodletter, e viu uma verdade que mudou sua vida. Seu pai destruiria qualquer coisa ou pessoa que V procurasse para consolar-se. O macho o tinha feito incontáveis vezes e de inúmeras maneiras com antecedência, e continuaria rapidamente. Estes livros e este episódio eram simplesmente o rastro de um pé em um caminho interminável que seria muito transitado.

O dar-se conta disso fez que a dor de V se desvanecesse. Simplesmente assim. Para ele, agora não havia nada útil em uma conexão emocional, só uma agonia final quando foi esmagada. Assim não voltaria a sentir.

Vishous pegou os livros que tinha embalado em mãos gentis durante horas e horas e encarou a seu pai. Deu-lhe o que tinha sido sua corda de salvamento sem nenhuma preocupação ou afinidade pelos livros. Era como se nunca antes tivesse visto os livros.

O Bloodletter não tomou o que lhe era apresentado.

—Dá-me isso, meu filho?

—Faço-o.

—Sim... hmm. Sabe, talvez depois de tudo eu não goste de ler. Talvez prefira lutar como faz um macho. Por minha espécie e minha honra. —Seu enorme braço se estirou, e apontou a um dos fogões da cozinha— Leve-os ali. Queime-os ali. Como é inverno, o calor será apreciado.

Os olhos do Bloodletter se estreitaram quando V se aproximou tranquilamente e lançou os livros às chamas. Quando se virou e voltou a olhar a seu pai, o macho o estava estudando cuidadosamente.

—O que disse o menino sobre seu olho? —murmurou o Bloodletter— Me pareceu escutar uma alusão a ele.

—Disse: “Seu olho... seu olho... o que lhe aconteceu” —respondeu V sem emoção.

No silêncio que seguiu, o sangue deslizava do nariz de V, correndo cálida e lenta por seus lábios e queixo. Seu braço estava dolorido pelos golpes que tinha dado, e lhe doía a cabeça. Entretanto, nada disso o importava. Uma força mais estranha estava sobre ele.

—Sabe por que o menino disse semelhante coisa?

—Não.

Ele e seu pai se olharam enquanto uma multidão de curiosos se reunia.

O Bloodletter disse, a ninguém em particular.

—Parece que meu filho gosta de ler. Como desejo estar bem versado nos interesses de meu menino, eu gostaria de ser informado se alguém o vê fazendo isso. Considerarei um favor pessoal, ao que lhe acrescentará uma vantajosa nota. —O pai de V se virou, pegou uma fêmea pela cintura e a arrastou por volta do fosso principal das fogueiras— E agora teremos um pouco de diversão, meus soldados! Ao fosso!

Um clamor entusiasmado se elevou do grupo de machos e a multidão se dispersou.

Enquanto V os via partir, deu-se conta que não sentia ódio. Normalmente, quando seu pai lhe voltava as costas, Vishous lhe dava rédea solta ao desprezo que sentia pelo macho. Agora não havia nada. Foi como quando tinha olhado os livros antes de oferecer-lhe. Havia sentido... nada.

V baixou o olhar para o macho que tinha golpeado.

—Se alguma vez voltar a aproximar de mim, quebrarei suas pernas e os braços, e me certificarei de que não volte a ver com claridade. Está entendido?

O macho sorriu embora sua boca estava inchando-se como se lhe tivesse picado uma abelha.

—E o primeiro passo a transição?

V fincou as mãos nos joelhos e se inclinou.

—Sou o filho de meu pai. portanto sou capaz de qualquer coisa. Sem importar meu tamanho.

Os olhos do menino aumentaram, como se a verdade fosse sem dúvida óbvia. Desligado como Vishous estava agora, não havia nada que não pudesse agüentar, nenhum ato que não pudesse realizar, nenhum recurso que não empregasse para obter um resultado.

Era como seu pai sempre tinha sido, nada mais que especulação desalmada coberta de pele. O filho tinha aprendido a lição.

CAPÍTULO 12

Quando Jane despertou outra vez, fez-o de um sonho terrorífico, um nos que algo que não existia estava vivo e bem, e no mesmo quarto que ela. Viu os afiados caninos de seu paciente e sua boca no pulso de uma mulher, e ele bebendo de uma veia.

As imagens brumosas e desfocadas se perduraram e a assustaram como uma lona que se movia porque tinha algo debaixo. Algo que faria mal a você.

Algo que morderia você.

Vampiro.

Não sentia medo muito freqüentemente, mas enquanto se sentava lentamente estava assustada. Percorrendo com o olhar o espartano dormitório, deu-se conta com temor que a parte do seqüestro não tinha sido um sonho. Mas, o que acontecia ao resto? Não estava segura do que era real e o que não, porque sua memória tinha muitos buracos. Lembrava operar o paciente. Lembrava admiti-lo na UTIC. Lembrava os homens seqüestrando-a. Mas depois disso? Tudo era vago.

Enquanto aspirava profundamente, cheirou comida e viu que havia uma bandeja preparada ao lado de sua cadeira. Levantando uma tampa de prata da... Jesus, realmente era um bom prato. Imari¹⁵, como os tinham sido os de sua mãe. Franzindo o cenho, notou que a comida era de um gourmet: cordeiro com pequenas batatas e abobrinha. Um pedaço de bolo de chocolate e havia uma jarra e um copo a um lado.

Tinham seqüestrado também ao Wolfgang Puck¹⁶, por diversão?

Voltou a olhar o seu paciente.

Sob a luz de um abajur na mesinha de noite, jazia quieto sobre lençóis negros, com os olhos fechados, o cabelo negro contra o travesseiro, pesados ombros aparecendo bem acima dos lençóis. Sua respiração era lenta e regular, o rosto tinha cor e não o cobria um brilho de suor febril. Embora as sobrancelhas estivessem franzidas e a boca não era mais que uma linha, parecia... revivido.

O que era impossível, a menos que ela tivesse passado toda uma semana inconsciente.

Jane se levantou com rigidez, estirou os braços por cima da cabeça e se arqueou para recolocar a coluna com um rangido. Movendo-se silenciosamente, foi até a cama e tomou o pulso do homem. Regular. Forte.

¹⁵ Imari é um tipo de porcelana japonesa, da zona da Arita. conhece-se como “Cerâmica Imari”, devido a que na antigüidade era embarcada no próximo porto do Imari.

¹⁶ Wolfgang Puck é um cozinheiro famoso austriaco-americano, restaurador, e homem de negócios de Los Anjos. É dono de uma cadeia de restaurantes diversos.

Merda. Nada disso era lógico. Nada disso. Pacientes aos quais tinham levado tiros e sido apunhalados, e que tinham quase morrido duas vezes, e que depois sofriam uma operação no coração, não se recuperavam assim. Nunca.

Vampiro.

OH, pare já com isso.

Olhou o relógio digital na mesinha de cabeceira e viu a data. Sexta-feira. Sexta-feira? Cristo, era sexta-feira, as dez da manhã. Tinha-o operado fazia só oito horas, e parecia como se tivesse passado meses recuperando-se.

Talvez tudo isto fosse um sonho. Talvez tenha ficado dormindo no trem a caminho de Manhattan e despertaria quando chegasse à estação de Perm. Soltaria uma risada envergonhada, tomaria uma xícara de café e iria para sua entrevista em Columbia como tinha planejado, jogando toda a culpa à comida das máquinas.

Esperou. Esperou que um movimento brusco no percurso a sacudisse para despertá-la.

Em lugar disso, o relógio digital seguiu passando os minutos.

Bem. De volta à idéia disto foda-é-a-realidade. Sentindo-se completamente só e mortalmente assustada, Jane caminhou até a porta, testou a maçaneta e a encontrou fechada. Surpresa, surpresa. Teve a tentação de golpeá-la. Mas, por que incomodar-se? Ninguém do outro lado a deixaria partir, e além disso, não queria que nenhum deles soubesse que estava acordada.

Percorrer o lugar era uma prioridade. As janelas estavam cobertas por algum tipo de barreira no lado mais longínquo do vidro, o painel tão grosso que nem sequer entrava o resplendor do dia. A porta evidentemente era também impossível de se abrir. As paredes eram sólidas. Não havia telefone. Nem computador.

O armário não tinha mais que roupas negras, botas grandes e um compartimento a prova de fogo. Com fechadura.

O banheiro não oferecia nenhuma saída. Não tinha janela nem duto de ventilação suficientemente amplo pelo que se pudesse fugir.

Voltou para o quarto. Homem, isto não era um quarto. Era uma cela com um colchão.

E isto não era um sonho.

Suas glândulas suprarrenais começaram a bater, o coração enlouqueceu no peito. Disse-se que a polícia devia estar procurando-a. Tinham que estar fazendo isso. Com todas as câmeras de segurança e pessoal do hospital, alguém tinha que ter visto como a tiravam dali. Além disso, se perdia a entrevista, as perguntas começariam a aparecer.

Tentando controlar-se, Jane se fechou no banheiro, cuja fechadura tinha sido retirada. Naturalmente. Depois de usá-lo, lavou o rosto e pegou uma toalha que estava pendurava da parte de trás da porta. Quando pôs o nariz nas dobras, captou uma incrível fragrância que a fez parar. Era o aroma do paciente. Devia havê-la usado, provavelmente antes de sair e receber o tiro.

Fechou os olhos e aspirou com força. Sexo foi o primeiro e o único pensamento que lhe veio à mente. Deus, se pudessem engarrafar isto, estes caras podiam pagar suas dívidas de jogo e drogas patenteando-o.

Desgostosa consigo mesma, deixou cair a toalha como se fosse lixo e captou um brilho atrás da pia. Inclinando-se sobre os azulejos de mármore, encontrou uma navalha de barbear, dessas antigas que a faziam pensar em filmes do oeste. Quando a pegou, ficou olhando a brilhante lâmina.

Certo, esta era uma boa arma, pensou. Uma arma condenadamente boa.

Deslizou-a para dentro do jaleco branco quando escutou abrirem a porta do dormitório.

Deixando o banheiro, manteve a mão no bolso e os olhos alerta. Rede Sox estava de volta, e carregava um par de malas. A carga não parecia substancial, pelo menos não para alguém tão grande como ele, mas a levava com dificuldade.

— Isto deveria ser um início bastante bom — disse em uma voz rouca e cansada, a palavra início pronunciada phincipio, no clássico estilo de Boston.

— Início do que?

— Do tratamento dele.

— Perdão?

Rede Sox se agachou e abriu uma das malas. Dentro havia caixas de ataduras e gazes. Luvas de látex. Seringas de plástico. Potes de pastilhas.

— Disse-nos o que precisava.

— Sim? — Maldição. Não a interessava brincar de ser doutora. Já era suficiente trabalho ser a vítima seqüestrada, muito obrigada.

O tipo se endireitou com cuidado, como se estivesse enjoado.

— Vai cuidar dele.

— Sêrio?

— Sim. E antes que pergunte, sim, vai sair disto com vida.

— Assumindo que faça o trabalho de médico, não?

— Exato. Mas não estou preocupado. Faria de toda forma, não?

Jane olhou fixamente esse cara. Não se via muito de seu rosto sob o boné de beisebol, mas sua mandíbula tinha uma curva que reconhecia. E tinha esse acento de Boston.

— Conheço você? — perguntou.

— Não.

No silêncio que seguiu, repassou-o com olho clínico. Sua pele estava cinza e pastosa, as bochechas fundas, suas mãos tremiam. Parecia que tinha passado duas semanas de farra, cambaleando, com a respiração irregular. E o que era esse aroma? Deus, Lembrava a sua avó. Todo perfume desnaturado e pó para o rosto. Ou... talvez fosse algo mais, algo que a levava de volta à faculdade de Medicina... Sim, isso era o mais provável. Emprestava ao formaldeído na aula de anatomia do corpo humano.

Certamente tinha a palidez de um cadáver. E doente como estava, perguntou-se se seria capaz de derrubá-lo.

Apalpando a navalha em seu bolso, mediu a distância entre eles e decidiu esperar um momento. Embora estivesse fraco, a porta estava fechada, bem fechada. Se o atacasse, arriscaria-se a que a machucasse ou matasse, e não estaria mais perto de escapar. Sua melhor aposta era ficar perto do marco da porta e esperar até que um deles entrasse. Ia precisar o elemento surpresa, porque estava condenadamente segura de que de outra maneira, dobrariam-na.

Exceto que, o que faria uma vez que estivesse do outro lado? Estava em uma casa grande? Uma pequena? Tinha o pressentimento de que a rotina do Fort Knox¹⁷, das janelas era algo normal e corrente no resto da casa.

— Quero sair — disse.

Rede Sox exalou como se estivesse esgotado.

— Em alguns dias voltará para sua vida sem se lembrar de nada disto.

— Sim, claro. O fato de ser seqüestrada tende a desaparecer da memória de uma pessoa.

¹⁷ Fort Knox foi uma das fortalezas militares mais segura dos EUA, construída em 1861 durante a Guerra Civil. Na atualidade é uma base militar.

—Verá. Ou não, depende de como se apresente o caso. —Enquanto Rede Sox se dirigia a mesinha de cabeceira, usou a mesa e logo a parede para estabilizar-se— Tem um melhor aspecto.

Queria gritar que se afastasse de seu paciente.

—V? —Rede Sox se sentou cuidadosamente na cama— V?

Os olhos do paciente se abriram depois de um momento, e a comissura de sua boca tremeu.

—Poli.

Os dois homens procuraram a mão do outro no mesmo momento, e enquanto os via, Jane decidiu que tinham que ser irmãos... exceto que seus traços eram muito diferentes. Talvez simplesmente fossem amigos íntimos? Ou amantes?

Os olhos do paciente deslizaram sobre ela e percorreram seu corpo de cima a baixo como se estivesse comprovando que estivesse ilesa. Então olhou a comida que não havia tocado e franziu o cenho, como se o desaprovasse.

—Não fizemos isto recentemente? —murmurou Rede Sox ao paciente— Exceto que era eu o que estava na cama? O que parece a você se ficamos empatados e não voltamos a passar nunca mais por esta merda de estar feridos.

Esses gelados e brilhantes olhos a abandonaram e passaram a seu amigo. O cenho não deixou seu rosto.

—Tem aspecto muito ruim.

—E você é a Miss América.

O paciente tirou sua outra mão dos lençóis como se pesasse tanto como um piano.

—Me ajude a tirar a luva de...

—Esquece. Não está preparado.

—Está ficando pior.

—Amanhã...

—Agora. Faremos agora. —A voz do paciente baixou até transformar-se em um suspiro— Se passar outro dia não será capaz de ficar de pé. Sabe o que acontece.

Rede Sox baixou a cabeça até que pendurou de seu pescoço como um saco de farinha. Depois amaldiçoou em voz baixa e estirou a mão para pegar a enluvada do paciente.

Jane se afastou até bater na cadeira em que desmaiou. Essa mão tinha provocado um ataque a sua enfermeira, e ainda assim os dois homens foram ao seu como se o contato com essa mão não tivesse importância.

Rede Sox tirou o couro negro com gentileza, descobrindo uma mão coberta com tatuagens. Santo Deus, a pele parecia brilhar.

—Vêem aqui —disse o paciente, abrindo amplamente os braços para o outro homem—Se deite comigo.

A respiração da Jane se deteve em seus pulmões.

Cormia percorreu as salas do adytum¹⁸, os silenciosos pés descalços, a túnica branca sem fazer nem um ruído, o ar entrando e saindo de seus pulmões sem sequer um suspiro que denotasse o movimento. Era assim como perambulava, como devia fazê-lo uma Escolhida, sem causar sombras nos olhos nem sussurros nos ouvidos.

Exceto que tinha um propósito pessoal, e isso era incorreto. Como uma Escolhida, tinha que servir à Virgem Escriba em todo momento, suas intenções sempre para com Ela.

¹⁸ O adytum, palavra latina, era uma zona restringida na parte interior de um templo grego ou romano. Seu nome significa "inacessível" ou "não passar".

Entretanto, a necessidade própria da Cormia era tal que não podia ser negada.

O Templo dos Livros estava no final de uma larga série de colunas, e suas portas estavam sempre abertas. De todos os edifícios do santuário, incluindo os que continham as jóias, este guardava o conjunto mais prezado. Aqui descansavam os registros da raça da Virgem Escriba, um diário de incompreensível alcance, que abrangia milhares de anos. Ditado por Sua Santidade a Escolhidas especialmente treinadas, o trabalho de amor era um testamento de história assim como de fé.

Dentro da parede de marfim, sob o brilho das velas brancas, Cormia se moveu pelo chão de mármore, passando incontáveis pilhas, caminhando com mais rapidez à medida que se inquietava mais. Os volumes do livros estavam ordenados cronologicamente, e dentro de cada ano pela classe social, mas o que procurava não estaria nesta seção geral.

Olhando por cima do ombro para assegurar-se de que não havia ninguém ao redor, deslizou por um corredor e acessou uma porta de cor vermelha brilhante. No meio dos painéis havia uma representação de duas adagas negras cruzadas na lâmina, com as mangas para baixo, ao redor dos punhos, em relevo de ouro, havia um lema sagrado na Antiga Língua.

A Irmandade da Adaga Negra
Para Defender e Proteger
Nossa Mãe; Nossa Raça; Nossos Irmãos

Sua mão tremeu quando a pôs no atirador dourado. Esta zona estava restringida, e se a pegavam seria castigada, mas não se importava. Embora temesse a busca que estava realizando, já não podia suportar a falta de conhecimento.

O quarto tinha um tamanho e proporção majestoso, seu alto teto de sustento de ouro, os montes não brancos, mas sim de cor negra brilhante. Os livros que enchiam as prateleiras estavam encadernadas em couro negro, seus lombos marcados em ouro que refletia a luz de velas na cor das sombras. O tapete era de cor vermelha sangue, e suave como a pele.

O ar tinha um aroma que não era habitual, e o aroma lembrava a determinadas especiarias. Teve o pressentimento de que era porque em alguma ocasião os irmãos tinham estado fisicamente nesse quarto e tinham permanecido ali em meio de sua história, tirando livros, talvez sobre si mesmos, talvez sobre seus ancestrais. Tentou imaginar e não pôde, porque nunca tinha visto nenhum. Na realidade, nunca tinha visto um macho em pessoa.

Cormia trabalhou com rapidez para descobrir a ordem dos volumes. Parecia que estavam ordenados por ano... OH, espera. Também havia uma seção de biografias.

Ajoelhou-se. Cada coleção de volumes estava marcada com um número e o nome do irmão, junto com sua linhagem paterna. O primeiro deles era um antigo livro com símbolos que tinham uma arcaica variação, que lembrava a alguma das partes mais antigas os livros da Virgem Escriba. Este primeiro guerreiro tinha vários livros com seu nome e número, e os dois irmãos seguintes o tinham como seu progenitor.

Mais longe na fila, tirou um livro ao azar e o abriu. A capa era resplandecente, um retrato pintado do irmão rodeado de escritura que detalhava seu nome, data de nascimento e de introdução à Irmandade, assim como seu progresso no campo de batalha com armas e táticas. A página seguinte era a linhagem do guerreiro durante gerações, seguido por uma pronta das fêmeas com as quais se emparelhou e os filhos que tinha tido. Depois, detalhava sua vida capítulo a capítulo, tanto no campo de batalha como fora dele.

Este irmão, Tohrture, evidentemente tinha vivido muito e lutado bem. Havia três livros sobre ele, e uma das últimas notas era a alegria do macho quando o único filho que sobreviveu, Rhage, entrou na Irmandade.

Cormia colocou o livro em seu lugar e seguiu adiante, passando o dedo indicador pelas encadernações, tocando os nomes. Estes machos tinham lutado para mantê-la a salvo; eram os que tinham acudido quando as Escolhidas tinham sido atacadas décadas atrás. Também eram os que mantinham os civis protegidos dos lessers. Talvez este arranjo com o Primale fosse bom, depois de tudo. Sem dúvida alguém cuja missão era proteger os inocentes não faria mal, não é?

Como não tinha nem idéia da idade de seu prometido ou quando se uniu à Irmandade, olhou cada livro. Havia tantos, pilhas inteiras...

Seu dedo se deteve no lombo de um grosso volume, um de quatro.

O Bloodletter

356

O nome do pai do Primale a deixou fria. Tinha lido sobre ele como parte da história da raça, e Virgem querida, talvez estivesse equivocada. Se as histórias sobre esse macho eram verdadeiras, mesmo aqueles que lutavam nobremente podiam ser cruéis.

Estranho que sua linha paterna não estivesse indicada.

Continuou avançando, riscando mais lombos e mais nomes.

VISHOUS

Filho do Bloodletter

428

Havia um único volume, e era mais magro que um dedo. Enquanto o abria, deslizou a mão pela tampa, com o coração palpitando com força. A encadernação estava rígida quando o abriu, como se o livro tivesse sido alterado. O que de fato tinha acontecido. Não havia retrato, nem tributo cuidadosamente escrito para suas habilidades de combate, só uma data de nascimento que indicava que logo teria trezentos e três anos, e uma anotação de quando tinha entrado na Irmandade. Passou a página. Não havia menção de sua linhagem, exceto pelo Bloodletter, e o resto do livro estava em branco.

Voltando a colocá-lo em seu lugar, retornou aos volumes do pai e tirou o terceiro da coleção. Leu sobre o pai com a esperança de aprender algo sobre o filho, algo que pudesse acabar com seus medos, mas o que encontrou foi um nível de crueldade que a fez rogar que o Primale se parecesse com sua mãe, quem quer que fosse. O Bloodletter era realmente o nome adequado para o guerreiro, já que era cruel com vampiros e lessers por igual.

Passando ao final, encontrou na última página um registro da data de sua morte, embora não se mencionasse a maneira. Tirou o primeiro volume e o abriu para ver o retrato. O pai tinha o cabelo de cor negra azeviche, barba completa e olhos que a faziam querer afastar o livro e não voltar a abri-lo.

Depois de voltar a colocar o livro, sentou-se no chão. Como resultado do requerimento da Virgem Escriba, o filho do Bloodletter viria por Cormia, e tomaria seu corpo como sua legítima posse. Não se podia imaginar no que consistia o ato e o que fazia o macho, e temia as lições sexuais.

Pelo menos como Primale deitaria com outras, disse-se. Muitas outras, alguma das quais tinham sido treinadas para agradar aos machos. Sem dúvida as preferiria a ela. Se tivesse um pouco de sorte, mal seria visitada.

CAPÍTULO 13

Enquanto Butch se estirava sobre a cama de Vishous, e a V envergonhava admiti-lo, tinha passado muitos dias perguntando-se como seria. Como se sentiria. Como cheiraria. Agora que era uma realidade, estava contente de ter que concentrar-se em curar Butch. De outra forma tinha a sensação de que teria sido muito intenso e teria tido que afastar-se.

Quando seu peito roçou o de Butch, tratou de dizer-se que não precisava disto. Quis fingir que não precisava sentir a alguém do seu lado, que não se sentia reconfortado por estar pego dos pés a cabeça com outra pessoa, que o tinha sem cuidado a calidez e a pressão contra seu corpo.

Que o curar o poli não curava a ele.

Mas isso era, é obvio, pura merda. Quando V colocou os braços ao redor do Butch e se abriu para tomar o mal do Omega, precisava de tudo isso. Com a visita de sua mãe e o tiroteio, ansiava a cercania de outro, precisava sentir braços que lhe devolviam o abraço. Ter o pulsar de um coração contra o próprio.

Passava tanto tempo mantendo sua mão afastada dos outros, mantendo a si mesmo afastado de outros, que baixar a guarda com a única pessoa na qual realmente confiava.

Era bom que nunca chorasse ou teria as bochechas tão molhadas como as rochas em um rio.

Quando Butch estremeceu de alívio, Vishous sentiu o tremor dos ombros e os quadris do macho. Sabendo que era incorreto, mas incapaz de deter-se, V enterrou profundamente a mão tatuada dentro do arbusto de cabelo de Butch. Enquanto o poli emitia outro gemido e se aproximava, V desvio os olhos para sua cirurgiaã.

Estava sobre uma cadeira, olhando-os, os olhos grandes, a boca ligeiramente aberta.

A única razão pela qual V não se sentia envergonhado como o inferno era que sabia que quando se fosse não teria nenhuma lembrança deste momento de intimidade. De outra maneira não poderia havê-lo suportado. Merdas como essa não aconteciam direto em sua vida... em grande parte porque não o permitia. E que o condenassem se permitia que uma completa estranha tivesse lembranças de seus assuntos particulares.

Exceto... que na realidade não a sentia como uma completa estranha.

Sua cirurgiaã levou a mão à garganta, e se afundou mais na cadeira. Enquanto o tempo passava lentamente, desenroscando-se como um cão preguiçoso em uma brumosa noite do verão, seus olhos nunca se separaram dos dele, e ele tampouco afastou a vista.

Retornou-lhe essa palavra. Minha.

Salvo que, em quem estava pensando? Em Butch ou nela?

Nela, deu-se conta. Era a fêmea do outro lado do quarto quem fazia surgir essa palavra nele.

Butch moveu as pernas roçando-se contra as de V através das mantas. Com uma pontada de culpa, V rememorou as vezes em que imaginou a si mesmo com Butch. imaginou ambos deitados como estavam nesse momento, imaginando-se... bom, a cura não era nem a metade disso. Embora fosse estranho. Agora que estava acontecendo, V não estava pensando em nada sexual com Butch. Não... o impulso sexual e a palavra vinculado se dirigiam para a silenciosa mulher humana que estava ao outro lado do quarto, que estava claramente surpresa.

Possivelmente não podia dirigir a dois homens juntos? Não era que ele e Butch fossem estar assim.

Por alguma ridícula e maldita razão, V lhe disse:

— É meu melhor amigo.

Pareceu surpresa de que lhe oferecesse qualquer explicação. Bem, então eram dois.

Jane não podia tirar os olhos da cama. Seu paciente e Rede Sox estavam resplandecendo juntos, uma suave luz emanando de seus corpos, e algo estava passando entre eles, algum tipo de troca. Jesus, esse aroma doce estava se desvanecendo, certo?

E bons amigos? Olhou a mão de seu paciente enterrada no cabelo de Rede Sox e a maneira com que esses fortes braços sustentavam o homem perto dele. Seguro que eram amigos, mas até onde chegava isso?

Depois de só Deus sabe quanto tempo, Rede Sox deixou sair um longo suspiro e elevou a cabeça. Com seus rostos separados por somente umas poucas polegadas, Jane abraçou a si mesma. Não tinha problemas com que homens estivessem juntos, mas por alguma louca razão não queria ver seu paciente beijando seu amigo. Nem a ninguém mais.

— Está bem? — perguntou Rede Sox.

A voz do paciente foi baixa e suave.

— Sim. Cansado.

— Imagino. — Rede Sox saiu da cama com um ágil movimento. Demônios, via-se como se tivesse passado um mês em um spa. A cor tinha voltado para a normalidade, e seus olhos estavam limpos e alertas. E esse ar de malevolência se foi.

O paciente se recolocou sobre as costas. Logo se enrolou de lado fazendo uma careta de dor. Depois voltou a ficar de costas de novo. As pernas se moviam sob as mantas todo o tempo, como se tratasse de deixar atrás qualquer dor que tivesse no corpo.

— Sente dor? — perguntou Rede Sox. Quando não houve resposta, o homem a olhou por sobre o ombro — Pode ajudá-lo, Doc?

Queria dizer que não. Queria lançar um par de palavrões e exigir ser liberada uma vez mais. E queria chutar a este membro da Nação Rede Sox nas bolas por fazer que seu paciente se sentisse pior com o que fosse que acabasse de acontecer.

O Juramento Hipocrático fez com que ficasse de pé e fosse até a mala.

— Depende do que me trouxe.

Procurou dentro e encontrou um carregamento do Walgreens com todos os analgésicos existentes. E tudo vinha diretamente nos pacotes de uma grande rede farmacêutica, por isso claramente tinham fontes dentro do hospital. As drogas estavam fechadas hermeticamente de maneira que não tinham estado muito tempo no mercado negro. Demônios, estes homens provavelmente eram o mercado negro.

Para assegurar-se de que não perdeu nenhuma alternativa, olhou na segunda mala... e encontrou suas calças de ioga favoritos... e o resto das coisas que tinha empacotado para ir a Manhattan para a entrevista em Columbia.

Tinham estado em sua casa. Estes bastardos tinham estado em sua casa.

— Tínhamos que levar seu carro de volta — explicou Rede Sox — E pensei que apreciaria um pouco de roupa limpa. Isso estava preparado.

Tinham dirigido seu Audi, caminhado através de seus quartos, revistados suas coisas.

Jane se levantou e chutou a bolsa através da quarto. Quando suas roupas se pulverizaram pelo chão, colocou a mão dentro do bolso e pegou a navalha de barbear, pronta para ir até a garganta de Rede Sox.

A voz do paciente soou forte.

—Se desculpe.

Voltou-se e olhou fixo para a cama.

—Por que? Trouxeram-me contra mim vol...

—Você não. Ele.

A voz de Rede Sox foi contrita quando falou apressadamente.

—Sinto que tenhamos invadido sua casa. Somente tentávamos fazer isto mais fácil para você.

—Fácil? Sem ofender, mas vai a merda com sua desculpa. Sabe, as pessoas vão sentir minha falta. A polícia me procurará.

—Nos encarregamos de tudo isso, mesmo da entrevista em Manhattan. Encontramos os bilhetes de trem e o itinerário da entrevista. Já não a esperam.

A ira a fez perder a voz por um momento.

—Como se atrevem.

—Quando souberam que estava doente, estiveram de acordo em marcar outra data. — Como se isso consertasse tudo.

Jane abriu a boca, pronta para lançar-se contra ele, quando se deu conta de que estava em seu poder. Por isso contrariar seus captores provavelmente não era um movimento inteligente.

Com uma maldição, olhou para o paciente.

—Quando me deixarão ir?

—Logo que esteja em pé.

Estudou seu rosto, do cavanhaque até os diamantinos olhos e as tatuagens na têmpora. Por instinto disse:

—Me dê sua palavra. Jure pela vida que devolvi que me deixará ir ilesa.

Não duvidou. Nem sequer para tomar uma pausa.

—Por minha honra e o sangue em minhas veias, será livre logo que esteja bem.

Amaldiçoando-se e a eles, tirou a mão do bolso, inclinou-se, e pegou um frasco de Demerol da grande mala.

—Não há seringas.

—Tenho algumas. — Rede Sox se aproximou tirando um pacote esterilizado. Quando tratou de agarrá-lo, apertou-o— Sei que o usará sabiamente.

—Sabiamente? — tirou-lhe a seringa da mão— Não, vou cravar o olho dele com ela. Porque isso foi o que me ensinaram na faculdade de Medicina.

Inclinando-se de novo, mergulhou na mala e encontrou um par de luvas de látex, um pacote de toalhinhos empapadas em álcool, um pouco de gaze e esparadrapo para mudar o curativo do peito.

Embora tivesse dado ao paciente antibióticos profiláticos por via intravenosa antes da cirurgia para que o risco de infecção fosse baixo, perguntou:

—Também pode conseguir antibióticos?

—Qualquer coisa que necessite.

Sim. Definitivamente estavam enganchados com um hospital.

—Pode ser que necessite de um pouco de ciprofloxacino ou pode ser amoxicilina. Depende do que esteja acontecendo sob a bandagem cirúrgica.

Colocou a agulha, o frasco e os outros fornecimentos médicos na mesinha de noite, ficou as luvas, e rasgou o pacote de alumínio.

—Espera um momento, Doc — disse Rede Sox.

—Desculpe?

Os olhos de Rede Sox se fixaram nela como um par de miras de arma.

—Com todo respeito, preciso reforçar que se o machucar intencionalmente, matarei-a com minhas próprias mãos. Sem importar o fato de que seja mulher.

Enquanto um golpe de medo lhe subia pela coluna, um grunhido encheu o quarto, do tipo que um mastim faria antes de atacar.

Ambos baixaram o olhar para o paciente, surpresos.

Tinha o lábio superior contraído e aqueles afiados dentes dianteiros se tornaram do dobro do tamanho do que tinham sido antes.

—Ninguém a tocará. Não importa o que faça ou a quem.

Rede Sox franziu o cenho como se seu amigo tivesse perdido a cabeça.

—Conhece nosso trato, companheiro. Mantenho você a salvo até que possa fazê-lo por você mesmo. Você não gosta? Mantém seu traseiro são e logo pode preocupar-se por ela.

—Ninguém.

Houve um momento de silêncio, logo Rede Sox olhou a Jane e o paciente alternativamente como se estivesse recalibrando as leis da física... e tendo problemas com os cálculos.

Jane interveio, sentindo a necessidade de acalmar os ânimos.

—Está bem, está bem. Acabem com essa pose de machão, sim? —ambos a olharam com surpresa e pareceram ainda mais pasmos quando deu uma cotovelada em Rede Sox para afastá-lo— Se for ficar aqui, pare de irritá-lo. Não está ajudando. —Olhou fixamente ao paciente—. E você... só relaxe.

Depois de um momento de silêncio mortal, Rede Sox esclareceu a garganta, e o paciente , colocou a luva e fechou os olhos.

—Obrigado —murmurou.

—Agora, meninos, importam-se se eu fizer meu trabalho para poder sair daqui?

Deu ao paciente uma injeção de Demerol, e depois de um momento as franzidas sobrancelhas cederam como se lhes tivessem afrouxado os parafusos. Quando a tensão abandonou seu corpo, tirou-lhe a bandagem do peito, levantando a gaze e o esparadrapo.

—Meu Deus —ofegou.

Rede Sox olhou sobre o ombro dela.

—O que aconteceu? Esta sarando perfeitamente.

Cuidadosamente deu um golpezinho à fila de grampos metálicos e à rosada sutura abaixo delas.

—Posso tirá-las agora.

—Precisa de ajuda?

—Isto simplesmente não está certo.

Os olhos do paciente se abriram, e foi óbvio que sabia perfeitamente o que esta pensando: Vampiro.

Sem olhar a Rede Sox, disse:

—Traria-me as tesouras cirúrgicas e as pinças da mala? OH, e me traga o spray antibiótico.

Quando ouviu que trabalhava energicamente do outro lado do quarto, sussurrou:

—O que é?

—Vivo —replicou o paciente—Graças a você.

—Aqui está.

Jane saltou como uma boneco. Rede Sox sustentava dois instrumentos de aço inoxidável, mas por sua vida que não podia lembrar para que os tinha pedido.

—Os grampos —murmurou.

—O que?

— Vou tirar os grampos — tomou as tesouras e as pinças e orvalhou o peito do paciente com antibiótico.

A pesar do fato de que seu cérebro estava dançando o twist dentro de seu crânio, as arrumou para cortar e tirar cada uma dos vinte grampos, as deixando cair no cesto de papéis que havia ao lado da cama. Quando terminou limpou as gotas de sangue que brotavam de cada buraco de entrada e saída, logo lhe jogou no peito mais do spray antibiótico.

Quando se encontrou com os brilhantes olhos, teve consciência de que não era humano. Tinha visto o interior de suficientes corpos e sido testemunha da luta por curar muitas vezes para pensar de outra forma. Pelo que não estava segura era de onde deixava isto a ela ou ao resto da raça humana.

Como era possível? Que houvesse outra espécie com tantas características humanas? Não obstante, provavelmente fosse assim como permaneciam ocultos.

Jane lhe cobriu o centro do peito com uma ligeira capa de gaze, a qual fixou em seu lugar. Quando terminou o paciente fez uma careta, e subiu a mão, enluvada, para o estomago.

— Está bem? — perguntou Jane quando ficou pálido.

— Enjoado. — Uma linha de suor lhe brotou sobre o lábio superior.

Olhou a Rede Sox.

— Acredito que deveria ir.

— Porquê?

— Esta a ponto de vomitar.

— Estou bem — murmurou o paciente, fechando os olhos.

Jane se dirigiu para a bolsa por uma vasilha e disse a Rede Sox.

— Vai, agora. Me deixe cuidar dele. Não precisamos de audiência para isto.

Maldito Demerol. Funcionava maravilhosamente contra a dor, mas às vezes os efeitos colaterais eram um verdadeiro problema para o paciente.

Rede Sox duvidou até que o paciente gemeu e começou a tragar convulsivamente.

— Hummm, esta bem. Escuta, antes de ir, quer que traga algo fresco para você comer? Alguma coisa em particular que queira?

— Estas brincando, não é? Como se fosse me esquecer do seqüestro e a ameaça de morte e lhe fosse fazer um pedido de comida para me trazer?

— Não há razão para não comer enquanto esteja aqui — levantou a bandeja.

Deus, essa voz... essa áspera e rouca voz com acento de Boston.

— Conheço você. Definitivamente conheço você de alguma parte. Tira o boné. Quero ver seu rosto.

O homem cruzou o quarto com a comida antiga.

— Trarei algo de comer mais tarde.

Quando a porta se fechou e travou teve a infantil urgência de correr para ela e golpeá-la.

Mas o paciente gemeu e a olhou.

— Deixará de brigar contra a vontade de vomitar agora?

— Não me... encha... — encurvando-se para um lado, o paciente começou a fazer arcadas.

A vasilha não foi necessária, porque não tinha nada no estômago, por isso Jane foi ao banheiro, trouxe uma toalha, e a pôs na boca. Enquanto a mordida miseravelmente, sustentava-se o centro do peito como se não quisesse que a ferida se abrisse.

— Esta bem — disse enquanto colocava a mão na tensa costas—. Se curou o suficiente. A cicatriz não vai se abrir.

— Sinto... como se... eu... Merda...

Deus, estava sofrendo, o rosto tenso e avermelhado, coberto de suor, o corpo arqueado.

—Esta bem, deixa-o passar através de você. Quanto menos brigue contra isso, mais fácil será. Sim... assim... respira entre elas. Bem, agora...

Acariciou-lhe a coluna, segurou a toalha e não pôde evitar continuar murmurando. Quando terminou, o paciente caiu imóvel, respirando pela boca, a mão enluvada apertada fortemente sobre o lençol.

—Isso não foi divertido —disse com voz áspera.

—Encontraremos outro analgésico —murmurou, lhe tirando o cabelo dos olhos— Não mais Dem para você. Escuta, quero olhar suas feridas, OK?

Assentiu e se voltou sobre as costas, a superfície do peito parecia tão ampla como a maldita cama. Foi cuidadosa com o esparadrapo, gentil quando levantou a gaze. Bom Deus... a pele que tinha estado perfurada pelos grampos fazia só quinze minutos estava completamente curada. Tudo o que ficava era uma pequena linha rosada que descia pelo esterno.

—O que é? —balbuciou.

O paciente rodou para ela.

—Cansado.

Sem sequer pensar nisso começou a acariciá-lo novamente, o ruído da mão passando de acima para baixo pela pele fazia um pacífico som. Não passou muito tempo antes de que notasse que os ombros eram puro músculo... e que o que estava tocando era calido e muito masculino.

Levantou a palma da mão.

—Por favor —tomou o pulso com a mão sem marcas... ainda quando seus olhos continuavam fechados—, me toque ou... merda, me agarre, estou... à deriva. Como se fosse sair flutuando. Não sinto nada. Nem a cama... nem meu corpo.

Olhou para onde a segurava, lhe mediu os bíceps e a envergadura do peito. Teve o fugaz pensamento de que poderia quebrar seu braço em dois, mas sabia que não o faria. Uma meia hora antes tinha estado preparado para rasgar a garganta de um de seus mais próximos e queridos amigos para protegê-la...

Pare.

Não se sinta segura com ele. A síndrome de Estocolmo não é seu amigo.

—Por favor —disse com uma respiração trêmula, a vergonha lhe constrangendo a voz.

Deus, nunca tinha entendido como as vitima de seqüestro desenvolviam relações com seus seqüestradores. Ia contra a lógica tanto como das leis de auto conservação. Seu inimigo não podia ser seu amigo.

Mas lhe negar afeto era inconcebível.

—Precisarei de minha mão de volta.

—Tem duas. Usa a outra. —Dizendo isto se apertou ao redor da palma que o sustentava, provocando que os lençóis descessem mais por seu torso.

Tinha a pele da cor dourada escuro de um bronzeado de verão e firme... homem, era firme e flexível. Seguindo a curva da coluna subiu até a nuca, e antes de saber que estava fazendo estava acariciando o seu lustroso cabelo. Curto na parte de atrás, longo ao redor do rosto... se perguntava se o usava assim para esconder as tatuagens da têmpora. Salvo que deviam ser para ensiná-los... por que então as faria em um lugar tão visível?

O fez um ruído com a parte de atrás da garganta, um ronrono que lhe percorreu o peito e a parte superior das costas; logo se afastou, o movimento atirou de seu braço. Claramente queria que se estendesse contra ele, mas quando resistiu, deixou de insistir.

Olhando fixamente seu braço entre o apertado aperto pelos bíceps, pensou a respeito da última vez que tinha estado entrelaçada com um homem. Muito tempo. E não tinha sido muito bom, francamente.

Os escuros olhos de Manello lhe vieram à mente...

— Não pense nele.

Jane se moveu bruscamente.

— Como sabe o que há em minha mente?

O paciente soltou o aperto e lentamente se voltou de forma que ficou olhando para o outro lado.

— Perdoe-me. Não é de minha conta.

— Como soube?

— Vou tentar dormir agora, certo?

— Certo.

Jane se levantou e retornou a sua cadeira, pensando em seu coração de seis cavidades. Em seu sangue não classificável. Nessas presas sobre o pulso da loira. Deu um olhar para a janela, perguntando-se se o que cobria os vidros era apenas por segurança ou também para evitar a luz do dia.

Onde a deixava tudo isto? Encerrada em um quarto com um... vampiro?

A parte racional rechaçava a idéia como impossível, mas em seu interior era conduzida pela lógica. Sacudindo a cabeça, lembrou seu livro favorita do Sherlock Holmes, parafraseando-a: Se eliminar todas as explicações lógicas, então o impossível é a resposta. A lógica e a biologia não mentiam, não é? Era uma das razões pelas quais tinha decidido transformar-se em médica em primeiro lugar.

Olhou o paciente, perdendo-se nas implicações. A mente retrocedeu ante as possibilidades evolutivas, mas também considerou assuntos mais práticos. Pensou a respeito das drogas que havia nessa mala e no fato de que o paciente tinha estado fora em um lugar perigoso da cidade quando atiraram nele. E hei, tinham-na seqüestrado.

Como demônios podia confiar nele ou em sua palavra?

Jane pôs a mão no bolso e procurou a navalha de barbear. Perguntou-se se isso era fácil. Não podia.

CAPITULO 14

Acima em seu quarto na casa grande, Phury se sentou com as costas contra a cabeceira e o edredom azul de veludo sobre as pernas. Tirou a prótese e um néscio ardia em um pesado cinzeiro de cristal perto dele. Mozart emergia dos alto-falantes ocultos da equipe estereo.

O livro de armas de fogo diante dele estava sendo usado como cavalete sobre o colo em vez de como material de leitura. Uma grossa folha de papel branco estava colocada em cima, mas desde fazia muito tempo que não riscava nada sobre ela com seu lápis nº 2. O retrato estava completo. Tinha-o acabado fazia uma hora e tratava de reunir coragem para enrugá-lo e atirá-lo no lixo.

Embora nunca estivesse satisfeito com seus desenhos, deste quase gostava. Da profunda brancura do papel, o rosto, o pescoço e o cabelo de uma fêmea tinham sido revelados em traços de grafite. Bela estava olhando fixamente para a esquerda, com um ligeiro sorriso nos lábios e uma mecha de escuro cabelo lhe atravessando o rosto. Tinha vislumbrado a postura na última refeição dessa tarde. Ela tinha estado olhando para o Zsadist, o que explicava a secreta sublevação da boca.

Em todas as outras que a tinha desenhado, Phury sempre a riscava com seus olhos em outra parte. Se estivesse olhando para fora da página, para ele, pareceria inapropriado. Infernos, simplesmente desenhá-la era inapropriado.

Esmagou a mão sobre o rosto, preparado para enrugar o papel.

Em vez disso, no último momento pegou o néscio, desejando alguma calma artificial para seu coração que pulsava muito forte. Ultimamente estava fumando muito. Mais que nunca. E embora depender da calma química o fazia se sentir sujo, a idéia de deter-se nunca cruzou sua mente. Não podia imaginar-se suportar um dia sem ajuda.

Enquanto dava outra imersão e retinha a fumaça nos pulmões, pensou em seu contato com a heroína. O último mês de dezembro tinha evitado o salto pelo limite do precipício da heroína não devido a que tivesse feito uma boa escolha mas sim porque aconteceu a casualidade de que John Matthew escolheu o momento oportuno para interromper.

Phury exalou e olhou fixamente a ponta do néscio. A tentação de tentar com algo um pouco mais forte tinha retornado. Podia sentir a urgência de ir onde estava Rehv e pedir ao macho outra bolsinha cheia de droga. Possivelmente então obteria um pouco de paz.

Soou um golpe em sua porta e a voz do Zsadist disse:

—Posso entrar?

Phury colocou o desenho no interior do livro de armas.

—Sim.

Z entrou e não disse uma só palavra. Com as mãos nos quadris, andou de um lado para outro, adiante e atrás, aos pés da cama. Phury esperava, acendendo outro néscio e olhando o andar a seu gêmeo idêntico enquanto Z desgastava o tapete.

Não apressava o Z para que falasse mais do que tentaria forçar um peixe a se acalmar no final do anzol com um monte de falatório. O silêncio era a única ceva que funcionaria.

Finalmente o irmão se deteve.

—Está sangrando.

O coração do Phury saltou e estendeu a mão sobre a capa do livro.

—Quanto e durante quanto tempo?

—Me esteve ocultando isso, assim não o sei.

—Como soube?

—Encontrei uma coisa do Tampax guardada no fundo do armário que está junto ao lavabo.

—Possivelmente sejam velhas.

—A última vez que tirei meu barbeador elétrico, não estavam lá.

Merda.

—Então tem que ir ver Havers.

—Sua próxima consulta não é até dentro de uma semana. —Z começou a caminhar outra vez— Sei que não me está contando isso porque tem medo de que enlouqueça.

—Possivelmente o que encontrou está sendo usado por outra razão.

Z se deteve.

—OH, sei. Certo. Porque essas coisas são multifuncionais. Como os cotonetes ou alguma merda. Olhe, falaria com ela?

—O que? —Phury rapidamente deu um pulo. — É particular. Entre você e ela.

Z esfregou a cabeça barbeada.

—Você é melhor que eu com esta merda toda. A última coisa que precisa é que me derrube diante dela, ou pior, que grite porque estou morto de medo e não sou razoável.

Phury tratou de respirar fundo, mas logo que pôde conseguir que o ar descesse por sua traquéia. Queria tanto envolver-se. Queria ir pelo corredor de estátuas até a quarto do casal e fazer que Bela se sentasse e lhe surrupiar a história. Queria ser um herói. Mas não era seu lugar.

—Você é seu hellren. Você deve falar com ela. —Phury apagou a última meia polegada do néscio, enrolou um novo e abriu a tampa do acendedor. A pedra de pederneira fez um ruído áspero quando saltou a chama— Pode fazê-lo.

Zsadist amaldiçoou, passeando um pouco mais, então finalmente se dirigiu para a porta.

—Falar a respeito desta coisa de gravidez me lembra que se a perder, estou fodido. Sinto-me tão malditamente impotente.

Depois que seu gêmeo saísse, Phury deixou que sua cabeça caísse para trás. Enquanto fumava, olhava a ponta acesa do néscio e se perguntava ociosamente se para o enrolado à mão era como um orgasmo.

Jesus. Se perdiam a Bela, ambos ele e Z iriam cair em um poço de uma maneira da qual os machos não saíam.

Quando pensou nisso, sentiu-se culpado. Não deveria preocupar-se tanto pela fêmea de seu irmão.

Quando a ansiedade lhe fez sentir-se como se bebesse um ninho de vespas, abriu caminho fumando através da emoção até que deu uma olhada no relógio. Merda. Tinha que dar uma aula de armas de fogo em uma hora. Melhor tomar banho e tentar ficar sóbrio.

John despertou confuso, vagamente consciente de que lhe doía o rosto e de que fazia algum tipo de ruído em seu quarto.

Levantou a cabeça do caderno e esfregou a ponta do nariz. A espiral tinha deixado um desenho de marca de dentes que o fazia pensar no Warf da série do Star Trek. E o ruído era o despertador.

Três e cinquenta da tarde. As aulas começavam às quatro.

Levantou-se da mesa, cambaleou até o banheiro e se junto ao lavabo. Quando isso pareceu muito trabalhoso, deu-se a volta e se sentou.

Deus, estava exausto. Tinha passado os últimos meses dormindo na cadeira de Tohr no escritório do centro de treinamento, mas depois que Wrath entrevistasse e o transferisse para à casa grande, tinha voltado para uma verdadeira cama. Qualquer um pensaria que se sentiria bem com todo esse espaço para as pernas. Em vez disso, estava destruído.

Depois de lavar-se, acendeu as luzes e pulou pelo resplendor. Maldição. Má idéia perder a escuridão, e não só porque os olhos estavam o matando. Estando sob as luzes indiretas seu pequeno corpo se via horrível, nada exceto pálida pele sobre ossos. Com uma careta, cobriu seu sexo do tamanho de um polegar com a mão para não ter que olhá-lo e apagou as luzes.

Não havia tempo para uma ducha. Um rápido escovar os dentes, uma salpicada de água sobre o rosto, e não se preocupou com o cabelo.

De volta ao quarto só queria voltar a meter-se sob os lençóis, mas se enfiou nos jeans que eram tamanho de menino e franziu a sombrancelha enquanto subia o zíper. As coisas estavam frouxas nos quadris, ficavam folgados embora estivesse tratando de comer.

Genial. Em vez de passar a transição, estava encolhendo.

Enquanto outra ronda de “O-que-vai-acontecer-se-eu-não-passar-poi-isso?” se apoderava dele, suas sobrancelhas começaram a franzir-se. Merda. Sentia-se como se houvesse um homenzinho com um martelo em cada uma de suas pálpebras, esmagando a golpes os nervos ópticos.

Pegando os livros da mesa, empurrou-os dentro da mochila e saiu. No instante em que pisou no vestibulo pôs um braço sobre seu rosto. A visão do vestibulo iluminado fez rugir sua cabeça de dor, e tropeçou para trás, chocando-se contra uma estátua grega. A qual o fez dar-se conta de que não havia posto a camisa.

Amaldiçoando como o inferno, voltou para o quarto, ficou ali e de algum jeito conseguiu baixar sem tropeçar em seus próprios pés. Homem, tudo a deixava nervoso. O som de seus Nike através do vestibulo era como uma banda de ratos gritões o seguindo. O estalar da porta secreta do túnel soou forte como um tiro. A viagem através da rota subterrânea para o centro de treinamento foi interminável.

Este não ia ser um grande dia. Seu gênio já estava flamejando, e guiando-se pelo último mês ou assim, sabia que quanto mais tarde se manifestasse, mais duro seria contê-lo.

E logo que entrou na classe, soube que estava propenso a estalar.

Sentado na fila de atrás na mesa solitária que John tinha chamado sua até que se tornasse amigo dos rapazes estava... Lash.

Quem agora vinha no pacote econômico de idiota. O cara era grande e maciço, constituído como um lutador. E tinha passado através de uma transformação ao estilo G.I Joe. Antes usava ostentosa roupa de alta costura e jóias de valor da caixa forte do Jacob e CIA; agora estava vestido com calças militares negras e uma gasta camisa de nylon negro. Seu cabelo loiro, o qual tinha sido o bastante comprido para fazer um rabo-de-cavalo tinha agora um corte miliar.

Era como se toda essa pretensão tivesse sido apagada porque sabia que tinha todo o bom por dentro.

Uma coisa não tinha mudado: seus olhos eram ainda da cor cinza da pele de um tubarão e estavam focados em John... que soube sem lugar a dúvidas que se esse tipo o pegava a sós ia experimentar um mundo de dor. Poderia ter derrubdo Lash na última vez, mas isso não aconteceria outra vez, e mais que isso, John ia apanhar . A promessa de vingança estava no conjunto desses ombros grandes e o meio sorriso que tinha escrito fode-se.

John tomou assento junto ao Blay, sentindo o tipo de terror que se dava em um beco escuro.

—Hei, colega —disse seu amigo brandamente—Não se preocupe por esse bastardo, OK?

John não queria parecer tão fraco como se sentia, assim simplesmente encolheu os ombros e abriu o zíper de sua mochila. Deus, a dor de cabeça era mortal. Mas bom, a resposta voar -o-lutar no vazio e revolto estomago dificilmente seria uma dose do Excedrin.

Qhuinn se inclinou e deixou cair uma nota diante do John. Temo-os, era tudo o que dizia.

John piscou rapidamente com gratidão enquanto pegava o livro de armas e pensava sobre o que iriam ver hoje na aula. Que apropriado que fossem armas, sentia-se como se alguém lhe apertasse à parte posterior de seu crânio.

Olhou à parte traseira da sala. Como se Lash tivesse estado esperando o contato visual, o tipo se inclinou e pôs os antebraços sobre a mesa. Suas mãos se fecharam lentamente em dois punhos que pareciam tão grandes como a cabeça do John, e quando sorriu, suas novas presas se viam afiados como facas e brancas como a vida depois da morte.

Merda. John era homem morto se a transição não chegasse logo.

CAPÍTULO 15

Vishous despertou e a primeira coisa que viu foi a sua cirurgiã na cadeira que estava do outro lado do quarto. Aparentemente, mesmo em sonhos tinha estado seguindo sua pista.

Ela também o estava olhando.

—Como esta?

Sua voz era baixa e regular. Calidez profissional, pensou.

—Estou melhor.

Embora fosse difícil imaginar-se sentindo-se pior que quando tinha estado vomitando.

—Dói alguma coisa?

—Sim, mas não me incomoda. É mais, bem um incômodo, na realidade.

Seus olhos o examinaram, mas outra vez com intenção profissional.

—Tem uma cor boa.

Não sabia que dizer daquilo. Porque quanto mais tempo se visse como uma merda, mais tempo poderia ficar com ela. Nesse momento a saúde não era seu amiga.

—Lembrou algo? —perguntou— Sobre o tiroteio.

—Realmente não.

O que era apenas uma mentira parcial. Tudo o que lembrava eram chispadas de acontecimentos, recortes parciais dos artigos em lugar das colunas completas: Lembrava o beco. Uma briga com um lesser. Uma pistola disparando. E depois disso ter terminado em sua mesa e ser evacuado do hospital por seus irmãos.

—Por que alguém quereria atirar em você? —perguntou.

—Estou faminto. Há comida por aqui?

—É traficante de drogas? Ou cafetão de putas?

Esfregou o rosto.

—Por que pensa que sou um outro?

—Atiraram em você em um beco na altura do Trade. Os paramédicos disseram que usava armas.

—Não te ocorreu que poderia ser um policial disfarçado?

—Os policiais de Caldwell não usam adagas de artes marciais. E os de sua espécie não tomariam esse caminho.

V entrecerrou os olhos.

—Os de minha espécie?

—Muita exposição, certo? Além disso, não se incomodaria muito em vigiar outra raça.

Homem, não tinha a energia para abordar a discussão de espécies com ela. Além disso, havia uma parte dele que não queria que pensasse nele como diferente.

—Comida —disse, olhando para a bandeja que estava disposta na cômoda—Posso comer algo?

Ela ficou de pé e plantou as mãos sobre os quadris. Teve a impressão de que ia dizer algo na linha de Faze-o você mesmo, bastardo miserável.

Em vez disso cruzou o quarto.

—Se tiver fome, pode comer. Não provei o que me trouxe o Rede Sox e não tem sentido jogar fora.

Franziu o cenho.

—Não pegarei a comida que se supõe é para você.

—Não vou comer isso. Ser seqüestrada matou meu apetite.

V amaldiçoou baixo, odiando a situação em que a tinha colocado.

—Sinto muito.

—Em vez de ir ao assunto da “desculpa”, o que parece se simplesmente me permite ir ?

—Ainda não.

Nem nunca, murmurou uma louca voz.

OH Cristo, não, outra vez com o...

Minha.

O artigo seguido da palavra, uma grande necessidade de marcá-la o acendeu. Queria tê-la nua e debaixo dele e cobri-la com sua essência enquanto bombeava em seu corpo. Viu-o ocorrer,

viu-os pele com pele na cama, ele sobre ela com as pernas muito abertas para acomodar seus quadris e seu pênis.

Enquanto ela ia procurar a bandeja de comida sua temperatura disparou, e o que tinha entre as pernas palpitou como um filho da puta. Rapidamente amontoou as mantas em cima dele para que não se notasse nada.

Ela colocou a bandeja e levantou a chapeada tampa do prato.

—Quanto melhor tem que estar para que eu vá?

Enfocou os olhos em seu peito, uma absoluta análise médica, como se estivesse avaliando o que havia sob as ataduras.

Ah, infernos. Desejava que o olhasse como a um macho. Desejava aqueles olhos dirigindo-se a sua pele não para comprovar uma ferida cirúrgica, se não devido a que estava pensando em lhe pôr as mãos em cima e se perguntava por onde começar.

V fechou os olhos e se afastou rodando, grunhindo pela dor no peito. Disse a si mesmo que a dor era pela cirurgia. Suspeitava que era mais pela cirurgia.

—Passarei a comida. Da próxima vez que venham pedirei algo.

—Precisa disto mais que eu. Estou preocupada com seu consumo de líquidos.

Efetivamente estava bem porque se alimentou. Com suficiente sangue os vampiros podiam sobreviver certa quantidade de dias sem alimento.

O que era estupendo. Reduzia as viagens ao banheiro.

—Quero que coma isto —disse, o olhando fixamente— Como sua médica...

—Não comerei de seu prato.

Por Deus, nenhum macho de valor roubaria a comida de sua fêmea, nem sequer se estivesse passando fome até o ponto de enjoar. As necessidades dela sempre tinham prioridade...

V se sentiu como se tivesse posto a cabeça na porta de um carro e tivesse estado dando-se portadas com ela uma dúzias de vezes. De onde demônios lhe vinha este manual de comportamento de emparelhado? Era como se alguém o tivesse carregado um novo software no cérebro.

—Certo —disse, afastando-se— Bem.

A seguinte coisa que escutou um bater. Estava esmurrando a porta.

V se incorporou.

—Que demonios está fazendo?

Butch entrou voando no quarto, quase derrubando à cirurgia de V.

—O que está errado?

V interrompeu o drama com um:

—Nada...

A cirurgia falou por cima de ambos, toda ela tranqüila e autoridade.

—Precisa se alimentar, e não quer comer o que há na bandeja. Lhe traga algo simples e fácil de digerir. Arroz. Frango. Água. Bolachas salgadas.

—De acordo.

Butch se inclinou de um lado e olhou para V. Houve uma longa pausa.

—Como esta?

Fodidamente mal da cabeça, obrigado.

—Bem.

Mas no fim uma coisa estava indo bem. O poli voltava para a normalidade, tinha os olhos limpos, a postura firme, seu aroma era uma combinação do aroma de oceano de Marissa e sua marca de vinculação. Obviamente tinha estado mantendo-se ocupado.

Interessante .Geralmente quando V pensava naqueles dois juntos, sentia o peito como se estivesse envolto em arame de espinheiro. Agora? Somente se alegrava de que seu amigo estivesse são.

— Parece ótimo, poli.

Butch alisou a camisa de seda de forma diplomática.

— Gucci pode transformar qualquer um em uma estrela do rock.

— Sabe ao que me refiro.

Aqueles familiares olhos de cor avelã ficaram sérios.

— Sim. Obrigado... como sempre —no incômodo momento, as palavras flutuaram no ar entre eles, havia coisas que não podiam ser ditas ante nenhuma classe de audiência—. Então... retornarei com um pouco de comida.

Quando a porta se fechou Jane olhou sobre o ombro.

— Quanto tempo faz que são amantes?

Os olhos se encontraram, e não houve escapatória à pergunta.

— Não somos.

— Está certo disso?

— Confie em mim. — Por nenhuma razão em particular olhou seu jaleco branco — Doutora Jane Whitcomb — leu — Emergência. — Teria sentido. Tinha aquela aura de confiança.

— Assim estava ruim quando cheguei?

— Sim, mas salvei seu traseiro, de verdade.

Uma quebra de onda de assombro o invadiu. Era sua rhalman, sua salvadora. Estavam vinculados...

Sim, certo. Justo nesse momento sua salvadora estava se afastando pouco a pouco dele, retrocedendo até que se chocou com a parede mais longínqua. Fechou as pálpebras, sabendo que seus olhos resplandeciam. O retraimento e o horror no rosto dela, atormentaram-no como o inferno.

— Seus olhos — disse com voz aguda.

— Não se preocupe por isso.

— Que demônios é você? — seu tom insinuava que facilmente poderia ser descrito como monstro, e Deus, acaso não tinha razão a respeito disso?

— O que é você? — repetiu.

Era tentador enfrentá-la, mas não havia forma de que o tragasse. Além disso, mentir-lhe o fazia sentir-se sujo.

Fixando o olhar nela, disse em voz baixa:

— Sabe o que sou, é bastante inteligente para adivinhar.

Houve um longo silencio. Logo:

— Não posso acreditar.

— É muito inteligente para não fazê-lo. Infernos, já mencionou a isso.

— Os vampiros não existem.

Seu gênio estalou embora ela não merecesse.

— Não? Então me explique por que esta na porra de meu maravilhoso país.

Sem respirar lhe devolveu o golpe.

— Me diga algo... Os direitos civis significam algo para os de sua raça?

— A sobrevivência significa mais — espetou — Por outro lado, fomos caçados durante gerações.

— E o fim justifica qualquer meio para vocês. Que nobre — sua voz era tão afiada como a dele — Sempre usa essa razão para seqüestrar humanos?

—Não, eu não gosto.

—OH, salvo que precisa de mim, assim me utilizará. Olhe se não sou a afortunada exceção.

Bom, merda. Esta era uma boa. Quanto mais se mostrava em seu rosto a sua agressividade, mais duro ficava seu corpo. Até em seu debilitado estado, a excitação era um exigente batimento do coração entre as coxas, e em sua mente a estava imaginando inclinada sobre a cama sem nada exceto aquele jaleco branco... e ele cravando-se nela por trás.

Talvez deveria sentir-se agradecido de que o rechaçasse. Como se precisasse enredar-se com uma fêmea...

De repente a noite do tiroteio lhe perfurou o cérebro com total nitidez. Lembrou a curta e feliz visita de sua mãe e o fabuloso presente de aniversário. O Primale. Tinha sido selecionado para ser o Primale.

V fez uma careta e se cobriu o rosto com as mãos.

—OH... merda.

Com tom reticente, perguntou:

—O que aconteceu?

—Meu fodido destino.

—OH a sério? Eu estou encerrada neste quarto. Ao menos você é livre para ir onde queira.

—E uma merda o sou.

Fez um ruído desdenhoso, e depois nenhum deles disse outra palavra até que aproximadamente meia hora depois, Butch trouxe outra bandeja. O poli teve a presença de ânimo para não dizer muito e mover-se rapidamente... e também a precaução de conservar a porta fechada todo o tempo enquanto fazia a entrega. O que era inteligente.

A cirurgiã de V estava planejando à fuga. Vigiou ao poli como se medisse um alvo e manteve a mão direita no bolso do jaleco.

Tinha algum tipo de arma ali. Maldição.

Enquanto Butch deixava a bandeja na mesinha de noite, V observou Jane atentamente, rogando como um demônio para que não fizesse nada estúpido. Quando viu que esticava o corpo e que deslocava o peso para frente, incorporou-se, preparado para arremeter porque não queria que ninguém exceto ele mesmo a tocassem. Nunca.

Entretanto, nada ocorreu. Ela captou a mudança de posição pela extremidade do olho, e a distração foi suficiente para que Butch saísse do quarto e voltasse a trancar a porta.

V se acomodou para trás contra os travesseiros e percorreu a dura linha de seu queixo.

— Tire o jaleco.

—Perdão?

—Tire isso

—Não.

—Quero-o fora.

—Então sugiro que contenha a respiração. Não me afetará em nada, mas ao menos a asfixia te ajudará a passar o tempo.

Sua excitação palpitava. OH, merda precisava lhe ensinar que a desobediência tinha um preço, e que sessão poderia ser essa. Brigaria com dentes e unhas antes de render-se. Se é que se submetia alguma vez.

A coluna do Vishous se arqueou sozinha, girando os quadris enquanto sua ereção golpeava sob as cobertas. Jesus... Estava tão total e completamente excitado que estava a ponto de gozar.

Mas antes tinha que desarmá-la.

—Quero que me alimente.

Lhe saíram os olhos das órbitas.

—É perfeitamente capaz de...

—Me alimente. Por favor.

Enquanto se aproximava da cama era toda responsabilidade e maus modos. Desenrolou o guardanapo e...

V entrou em ação. Pegou-a pelos braços e a arrastou sobre seu corpo, o elemento surpresa a sobressaltou provocando uma rendição que estava malditamente seguro que era temporário... assim trabalhou rápido. Arrancou-lhe o jaleco, tocando-a com tanto cuidado como podia enquanto seu corpo se retorcia para liberar-se.

Merda, não podia evitá-lo, e o impulso de submetê-la-o dominou. De repente estava tocando-a não para lhe afastar as mãos do que fosse que houvesse naquele bolso, mas sim porque desejava sujeitá-la na cama e lhe fazer sentir seu poder e força. Pegou-lhe os pulsos com uma mão lhe estirando os braços sobre a cabeça, e lhe apanhou as coxas com seus quadris.

—Deixe-me ir! —mostrou os dentes e havia uma fúria iridescente nos olhos verde escuro.

Completamente excitado, arqueou-se contra ela e aspirou... somente para ficar gelado. O aroma não desprendia a sensual fragrância de uma fêmea que queria sexo. Não se sentia atraída por ele no absoluto. Estava irritada.

V a deixou ir imediatamente, rodando para afastar-se, embora se assegurou de ficar com o jaleco. No instante em que se liberou saiu disparada da cama como se o colchão se estivesse incendiando e o enfrentou. Tinha as curtas pontas do cabelo emaranhadas, a camisa torcida e uma perna da calça levantada sobre o joelho. Estava resfolegando pelo esforço e olhando fixamente o jaleco.

Quando a revistou, encontrou uma de suas afiadas navalhas.

— Não posso permitir que vá armada.

Dobrou o jaleco com cuidado e a pôs aos pés da cama, sabendo que não se aproximaria nem que lhe pagassem por isso.

—Se atacar a mim ou a algum de meus irmãos com algo como isto, poderia sair ferida.

Soltou uma maldição com um forte bufo. Então o surpreendeu.

—O que o fez suspeitar?

—Sua mão indo pegá-la enquanto Butch trazia a bandeja.

Abraçou a si mesma.

—Merda. Acreditei que tinha sido mais discreta.

—Tenho alguma experiência com armas ocultas.

Estirou-se e abriu a gaveta da mesinha de cabeceira. A navalha fez um ruído surdo quando a deixou cair em seu interior. Depois de fechá-lo, correu o ferrolho com sua mente.

Quando voltou a elevar a vista estava limpando rapidamente seus olhos. Como se estivesse chorando. Com um rápido giro, deu-lhe as costas e ficou de rosto para a parede, encolhendo os ombros. Não emitiu nem um som. Seu corpo não se moveu. Sua dignidade permanecia intacta.

Ele deslocou as pernas e pôs os pés no chão.

—Se se aproximar de mim —disse com voz rouca— encontrarei alguma forma de ferir você. Provavelmente não seja muito, mas arrancarei um pedaço seu de uma forma ou outra. Está claro? Me deixe malditamente em paz.

Ele apoiou os braços na cama e afundou a cabeça entre eles. Parecia pó enquanto escutava o inexistente som de suas lágrimas. Preferiria que o tivessem golpeado com um martelo.

Ele tinha ocasionado isto.

De repente virou sobre seus pés para ele e fez uma profunda inspiração. Exceto pelos olhos avermelhados, nunca teria adivinhado que se alterou.

—Certo. Comerá sozinho ou realmente precisa de ajuda com esse garfo e essa faca?

V piscou.

Estou apaixonado pensou enquanto a olhava. Estou tão, mas tão apaixonado.

Enquanto a aula progredia, John se sentia como o sagrado inferno que foi espancado por uma pá. Dolorido. Nauseabundo. Exausto e agitado. E lhe doía tanto a cabeça que teria jurado que o cabelo estava ardendo.

Entortando os olhos como se dentro deles houvesse milhares de pedrinhas, engoliu saliva através da garganta seca. Fazia um tempo que não anotava nada na caderneta e não estava seguro a respeito do que estava dando aula Phury. Ainda se tratava de armas de fogo?

—Ouça John? —sussurrou Blay— Esta tudo bem, cara?

John assentiu, porque isso era o que fazia quando alguém lhe fazia uma pergunta.

—Quer ir deitar?

John negou com a cabeça, calculando que era outra resposta apropriada, e queria diversificar um pouco as coisas. Não havia razão para limitar-se à rotina de somente assentir.

Deus, que demônios lhe acontecia. Seu cérebro era como algodão de açúcar, um matagal que ocupava espaço, mas que principalmente não era nada.

Na frente da sala, Phury fechou o livro de texto com o qual estava dando aula.

—E agora vão provar algumas arma de verdade. Esta noite Zsadist estará no campo de tiro para lhes dar uma mão e eu os verei amanhã.

Conforme a conversa se passava como um impetuoso vento, John arrastou a mochila até a mesa. Ao menos não iriam fazer nenhum treinamento físico. Como estavam as coisas, tirar seu lamentável traseiro da cadeira e baixar ao campo já ia ser bastante trabalhoso.

O campo de tiro estava situado atrás do ginásio, e no caminho ali foi impossível não notar como Qhuinn e Blay o flanqueavam como se fossem guarda-costas. O ego de John odiava isso, mas seu lado prático se sentia agradecido. A cada passo do caminho pôde sentir o olhar fixo de Lash, e era como ter um cartucho de dinamite aceso no bolso traseiro.

Zsadist estava esperando junto à porta de aço do campo, e enquanto a abria lhes disse:

— Ponham-se contra a parede, senhoritas.

John seguiu os outros e apoiou as costas contra o caiado concreto. O lugar estava construído na linha de uma caixa de sapatos, todo longo e estreito, e tinha mais de uma dúzia de cabines de tiro voltadas para o exterior. Os alvos tinham a forma de cabeças e torsos e penduravam desde vias que corriam sob o teto. Do posto de comando cada uma podia ser manipulada para modificar a distância ou dar as de movimento.

Lash foi o ultimo recruta a entrar, e partiu para ao final da linha com a cabeça bem alta, como se soubesse que ia chutar traseiros com a pistola. Não olhou a nenhum aos olhos. Exceto ao John.

Zsadist fechou a porta, logo franziu o cenho e pegou o celular que tinha no quadril.

—Desculpem —foi para um canto e falou pelo Razr, logo retornou, parecendo pálido— Mudança de instrutor. Wrath vai dar as intruções esta noite.

Uma fração de segundo mais tarde, como se o Rei houvesse se desmaterializado para a porta, entrou Wrath.

Era ainda maior que Zsadist e vestia calça de couro negro e uma camisa negra com as mangas enroladas. Ele e Z falaram um momento, logo o Rei pegou o ombro do irmão e apertou como se estivesse oferecendo consolo.

Bela, pensou John. Tinha que ser por Bela e sua gravidez. Merda, esperava que tudo desse certo.

Wrath fechou a porta depois que Z se foi, logo se colocou à frente da classe, cruzando seus tatuados antebraços sobre o peito, estendendo sua postura. Enquanto inspecionava os onze recrutas, parecia tão inescrutável como a parede sobre a qual John estava apoiado.

—A arma desta noite é a nove milímetros com carregador automático. O término semiautomática para esta pistola é inapropriado. Para usarem uma Glock —levou a mão depois da região lombar e tirou uma letal peça de metal negro— Vocês tem que saber que a segurança destas armas está no gatilho.

Repasseu as especificações da pistola e das balas enquanto dois doggen avançavam empurrando um carro do tamanho de uma maca de hospital. Com onze pistolas de, exatamente, mesma marca e modelo dispostas em cima, e perto de cada uma havia um carregador.

—Esta noite trabalharemos com postura e pontaria.

John olhou fixamente as armas. Estava disposto a apostar que ia ser um fracasso na aula de tiro, tanto como o era em qualquer outro aspecto do treinamento. A ira o atravessou, fazendo que o martírio em sua cabeça piorasse.

Só por uma vez gostaria de encontrar algo no que fora bom. Apenas. Uma. Vez.

CAPÍTULO 16

Quando o paciente a olhou de forma estranha, Jane comprovou rapidamente suas roupas, perguntando-se se algo estava deslocado.

—O que —balbuciou enquanto dava um pisão com o pé e a perna da calça da calça deslizava para baixo.

Embora realmente não tinha que perguntar. Os tipos maus como ele normalmente não apreciavam que as mulheres chorassem, mas assumindo que esse fosse o caso, ia ter que agüentar. Qualquer uma teria problemas em sua situação. Qualquer uma.

Salvo que em vez de dizer algo sobre a debilidade das choronas em geral ou dela em particular, o vampiro pegou o prato de frango da bandeja e começou a comer.

Desgostosa com ele e com a situação inteira, voltou para sua cadeira. Perder a navalha tinha desanimado sua patente rebelião, e apesar do fato que ser uma lutadora por natureza, resignou-se a esperar. Se fossem matá-la abertamente, já o teriam feito; o assunto agora era a saída. Rezou para que alguém viesse logo. E que isso não envolvesse o diretor de uma funerária e um pote de café cheio de suas cinzas.

Enquanto o paciente pegava uma coxa, pensou ausentemente que suas mãos eram lindas.

Certo, agora estava desgostosa consigo mesma, também. Demônios, tinha-as usado para sujeitá-la e lhe tirar o jaleco como se não fosse mais que um pulso. E só porque depois o tivesse dobrado cuidadosamente não o fazia um herói.

O silêncio se prolongou, e os sons do faqueiro de prata tocando brandamente o prato lembraram os jantares horivelmente silenciosos com seus pais.

Deus, essas refeições celebradas no carregado jantar estilo georgiano tinham sido dolorosas. Seu pai se sentou à cabeceira da mesa como um rei desaprovador, controlando a maneira em que a comida se salgava e consumia. Para o doutor William Rosdale Whitcomb, só se salgava a carne, nunca as verduras, e como essa era sua posição no assunto, todos os outros na casa tinham que seguir seu exemplo. Em teoria Jane tinha violado freqüentemente a regra do não-sal, aprendendo a mover o pulso de forma que pudesse polvilhar seu brócolis ao vapor, ou os feijões fervidos, ou a abobrinha à churrasqueira.

Sacudiu a cabeça. Depois de todo esse tempo, e estando morto, já não deveria zangar-se, porque isso era um esbanjamento de emoção. Além disso, neste momento tinha outras coisas com as quais preocupar-se, certo?

— Me pergunte — disse abruptamente o paciente.

— Sobre o que?

— Me pergunte o que quer saber. — limpou a boca, o guardanapo damasco esfregando-se contra seu cavanhaque e o indício de barba — Fará meu trabalho mais complicado no final, mas pelo menos não estaremos aqui sentados escutando o som da baixela de prata.

— Em definitivo, que trabalho tem, exatamente? — Por favor, que não seja comprar bolsas de lixo Hefty para colocar partes de meu corpo.

— Não a interessa o que sou?

— Sabe que o que digo, deixe-me ir, e farei um montão de perguntas sobre sua raça. Até então, estou ligeiramente distraída pensando em como estas pequenas e felizes férias no bom navio santa merda serão um êxito para mim.

— Dei a você minha palavra...

— Sim, sim. Mas também acaba de me maltratar. E se disser que foi para o meu próprio bem, não me faço responsável pela réplica. — Jane baixou a vista a suas unhas lisas e pressionou as cutículas. Depois de terminar com a esquerda, levantou o olhar — Assim que este “seu trabalho... vai precisar de uma pá para realizá-lo?

Os olhos do paciente baixaram a seu prato, e removeu o arroz com o garfo, reflexos de prata deslizando-se entre os grãos, penetrando-os.

— Meu trabalho... por chamá-lo assim... é me assegurar que não lembrará nada disto.

— É a segunda vez que ouço isso, e tenho que ser franca... acredito que é uma sandice. É um pouco complicado imaginar respirando e não, como dizê-lo, lembrar com calidez e comichões como fui pendurada sobre o ombro de um cara, tirada de meu hospital e recrutada como sua médica pessoal. Como imagina que vou esquecer tudo isso?

Sua brilhantes íris diamantinas se elevaram.

— Vou tirar essas lembranças de você. Apagá-las por completo. Será como se eu nunca tivesse existido e você nunca tivesse estado aqui.

Pôs os olhos em branco.

— Uh-huh, cla...

Começou arder sua cabeça, e com uma careta apoiou as pontas dos dedos contra as têmporas. Quando deixou cair as mãos, olhou a seu paciente e franziu o cenho. Que demônios? Estava comendo em seu colo, mas não da bandeja que tinha estado antes. Quem havia trazido a nova comida?

— Meu amigo com o boné dos Sox — disse o paciente enquanto limpava a boca — Lembra?

Em uma rajada ardente, tudo voltou. Rede Sox entrando, o paciente pegando a navalha, ela fazendo-se em pedaços.

— Bom... Deus — sussurrou Jane.

O paciente simplesmente continuou comendo, como se erradicar lembranças não fosse mais exótico que o frango assado que estava comendo.

— Como?

— Manipulação neuropática. Um trabalho de remendo, de fato.

— Como?

— O que quer dizer, como?

— Como encontra as lembranças? Como as diferencia? Faz...?

— Minha vontade. Seu cérebro. Isso é suficientemente específico.

Ela estreitou os olhos.

— Pergunta rápida. Esta habilidade mágica com a matéria cinza vem com uma falta total de remorso para os de sua espécie, ou é só você o que nasceu sem uma consciência?

Ele baixou o talher de prata.

— O que foi que disse?

Não se importou nada que ele se sentisse ofendido.

— Primeiro me seqüestra, e agora vai limpar minha memória, e não está nada arrependido, não é? Sou como um abajur que lhe emprestaram...

— Estou tentando proteger você — lhe espetou — Temos inimigos, doutora Whitcomb. Do tipo que se interessaria se soubesse sobre nós, que iriam atrás de você, que a levariam a um lugar oculto e a matariam... depois de um momento. Não deixarei que isso aconteça.

Jane ficou de pé.

— Escute, Príncipe Encantado, toda essa retórica sobre amparo é bom e elegante, mas não seria importante se não houvesse me trazido aqui em primeiro lugar.

Deixou cair o talher de prata na comida e ela se preparou para que começasse a gritar. Em vez disso, disse com calma:

— Olhe... se supunha que tinha que vir comigo, certo?

— OH. Sério? Assim tinha um sinal de “me agarre agora” colocado no traseiro que só você pôde ver?

Vishous pôs o prato na mesinha de cabeceira, afastando-o como se sentisse repugnância pela comida.

— Tenho visões — balbuciou.

— Visões. — Quando não disse nada mais, pensou no truque que o senhor rascunho tinha usado em sua cabeça. Se podia fazer isso... Jesus, estava falando de ver no futuro?

Jane engoliu com força.

— Essas visões, não são do tipo conto de fadas feliz, não é?

— Não.

— Merda.

Acariciou o cavanhaque, como se estivesse tentando decidir exatamente quanto lhe contar.

— Estava acostumado às ter todo o tempo, e então simplesmente se foram. Não tive uma... bom, tive uma do Butch faz um par de meses, e devido ao fato de que a segui, salvei-lhe a vida. Assim quando meus irmãos entraram no quarto do hospital eu tive uma visão sobre você, disse-lhes que a levassem. Fala sobre consciência? Se não tivesse uma a teria deixado lá.

Jane voltou a pensar em quanto ficou agressivo com seu amigo mais próximo e querido, por ela. E o fato de que mesmo ao lhe tirar a navalha tinha sido cuidadoso. E depois estava o fato de que se aproximado contra ela, procurando consolo.

Era possível que pensasse estar fazendo o correto. Não queria dizer que o perdoasse mas... bom, era melhor que fazer um Patty Hearst¹⁹, sem nenhum remorso.

Depois de um momento incômodo, disse:

— Deveria acabar a refeição.

— Já acabei.

— Não, não o fez — fez um gesto com a cabeça para o prato — Continue comendo.

¹⁹ Patricia Hearst, também conhecida como Patty Hearst foi seqüestrada em seu apartamento por um pequeno grupo de esquerdas. Pouco depois foi fotografada com um rifle de assalto durante o ataque de um dos ramos do banco Hibernia. Mais tarde se soube que tinha trocado seu nome pelo da Tania e se comprometeu com as idéias do grupo. Foi presa, acusada de roubo e condenada.

—Não tenho fome.

—Não perguntei se você tinha fome. E se acredita que não apertarei seu nariz e o forçarei a comer se tiver que fazê-lo, está muito enganado.

Houve uma curta pausa e depois... Jesus... sorriu. No meio de seu cavanhaque, a boca se elevou nos cantos, e seus olhos se enrugaram.

O fôlego da Jane se deteve em sua garganta. Era tão lindo assim, pensou, com a tênue luz do abajur caindo sobre o duro queixo e o lustroso cabelo negro. Mesmo que seus longos caninos fossem um pouco estranhos, parecia mais... humano. Acessível. Desejável...

OH, não. Nada de ir por aí. Não.

Jane ignorou o fato de que estava ruborizando um pouco.

—O que aconteceu para você mostrar todos esses dentes brilhantes como pérolas? Acredita que estou brincando com relação a comida?

—Não, é só que ninguém me fala dessa maneira.

—Bom, eu o faço. Tem algum problema com isso? Pode me deixar partir. Agora, come ou o alimentarei como um bebê, e não posso imaginar seu ego tentando de recuperar-se disso.

O ligeiro sorriso ainda estava em seu rosto quando pôs o prato de volta em seu colo e comeu lentamente a comida. Quando terminou, aproximou-se e pegou o copo de água que ele tinha bebido.

Voltou-o a encher no banheiro e o levou de volta.

—Bebe mais.

Fez-o, terminando o copo inteiro. Quando o voltou a pôr na mesinha de cabeceira, centrou-se em sua boca e no que haveria de descobertas em seu interior ficou fascinada por ele.

Depois de um momento, ele curvou o lábio mostrando os dentes dianteiros. Suas presas sem dúvida brilhavam sob a luz do abajur. Brancos e afiados.

—Alongam-se, não é? —perguntou enquanto se inclinava para ele—Quando se alimenta, ficam mais compridos.

—Sim. —Fechou a boca— Ou quando estou agressivo.

—E então se encolhem quando isso acaba. Abre a boca outra vez para mim.

Quando o fez, pôs o dedo na ponta afiada de um... só para que o corpo dele se sacudisse.

—Sinto muito. —Franziu o cenho e retirou a mão—Estão doloridos por causa da intubação?

—Não. —Quando suas pálpebras se fecharam, imaginou que era porque estava cansado...

Deus, o que era essa fragrância? Aspirou-a profundamente e reconheceu a mescla de especiarias escuras que tinha cheirado na toalha do banheiro.

O sexo veio a sua mente. Do tipo que tinha quando perdia todas as inibições. Do tipo que depois, ainda o sentia durante dias.

Pare já.

—Cada oito semanas mais ou menos.—disse ele.

—Como disse? OH, essa é a frequência com que se...

—Alimento. Depende do estresse. Também do nível de atividade.

Certo, isso matava totalmente o sexo. Em uma espantosa seqüência de cenas do Bram Stoker, imaginou seguindo e caçando humanos, deixando-os secos a dentadas em becos.

Claramente mostrou repulsão, porque sua voz se endureceu.

—É natural para nós. Não desagradável.

—Os mata? Às pessoas que caça? —preparou-se para a resposta.

—Pessoas? Mentiras sobre vampiros. Alimentamo-nos de membros do sexo oposto. De nossa raça, não da sua. E não há assassinato.

Ela elevou as sobrancelhas.

—OH.

—O mito do Drácula é um fodida merda.

Sua mente virou com perguntas.

—Como é? O que sabe?

Seus olhos se estreitaram, e depois se dirigiram do rosto a seu pescoço. Jane rapidamente colocou a mão na garganta.

—Não se preocupe —disse bruscamente— Já me alimentei. E além disso, o sangue humano não me serve. Muito fraco para que me interesse.

Certo. Bom. Ótimo.

Exceto, que demônios? Como se não fosse evolutivamente boa?

Sim, certo, estava perdendo totalmente a cabeça, e este assunto em particular não estava ajudando.

—Ah, escuta... quero checar as bandagens. Pergunto-me se as poderemos tirar por completo depois de tudo.

—Faz o que quiser.

O paciente se endireitou sobre os travesseiros, os enormes braços flexionando-se sob a suave pele. Quando os cobertores caíram de seus ombros, ela se deteve um momento. Parecia fazer-se maior à medida que recuperava a força. maior e... mais sexual.

Sua mente se separou do lugar aonde se estava dirigindo com esse pensamento e se aferrou aos assuntos médicos que ela tinha diante de si, como se fosse um bote salva-vidas. Com mãos firmes e profissionais, Jane afastou os cobertores totalmente de seu peito e tirou o esparadrapo da gaze entre seu peito. Levantou a bandagem e sacudiu a cabeça. Incrível. A única coisa danificava a pele era a cicatriz com forma de estrela que tinha estado aí antes. As marcas residuais da operação se reduziram a uma ligeira descoloração, e se extrapolasse, poderia assumir que seu interior estava igualmente bem curado.

—E isto é típico? —perguntou— Este ritmo de recuperação?

—Na Irmandade, sim.

OH, cara. Se pudesse estudar a maneira com que suas células se regeneravam, poderia ser capaz de desentranhar algum dos segredos do processo de envelhecimento em humanos.

—Esquece-o. —Apertou a mandíbula enquanto movia as pernas para o lado mais afastado da cama— Não vamos ser usados como ratos de laboratório para sua espécie. Agora, se não se importar, vou tomar um banho e fumar um cigarro. —Abriu a boca e ele a cortou— Não temos câncer, assim me economize o sermão, ok?

—Não têm câncer?Por que? Como funciona...?

—Mais tarde. Preciso de água quente e nicotina.

Ela franziu o cenho.

—Não quero que fume ao meu redor.

—Por isso o vou fazer no banheiro. Tem exaustor.

Quando se levantou e o lençol caiu de seu corpo, ela desviou o olhar. Um homem nu não era algo novo para ela, mas por alguma razão ele parecia diferente.

Bem, óbvio. Media um metro e noventa, e tinha a estrutura de uma casa.

Enquanto se dirigia de volta a sua cadeira, escutou um som de arraste, logo um golpe surdo. Levantou o olhar alarmado. O paciente estava tão instável que tinha perdido o equilíbrio, e tinha se chocado contra a parede.

—Precisa de ajuda? —Por favor diga que não. Por favor diga...

—Não.

Obrigada, Deus.

Pegou um acendedor e o que parecia um cigarro embalado à mão da mesinha de cabeceira e se moveu a tombos ao outro lado da quarto. Desde sua vantajosa posição no canto, Jane esperou e observou, preparada para agarrá-lo como um bombeiro se fosse necessário.

Sim, e bom, talvez o estava olhando por outra razão distinta a querer evitar que caísse de cabeça contra o tapete. Suas costas era incríveis, os músculos fortes mas elegantes, abrangiam seus ombros e roçavam a coluna. E seu traseiro era...

Jane cobriu os olhos e não deixou cair a mão até que a porta se fechou. depois de muitos anos na medicina e cirurgia, tinha bastante clara a parte de “Não Deverá Seduzir a Seus Pacientes” do Juramento Hipocrático.

Especialmente se o paciente em questão a tinha seqüestrado. Cristo. Realmente estava vivendo isso?

Momentos depois, Jane ouviu que atirava da cadeia, e esperou escutar o som da ducha. Quando não chegou, imaginou que provavelmente estava fumando primeiro...

A porta se abriu e o paciente saiu, balançando-se como uma bóia no oceano. segurou-se ao batente da porta com a mão enluvada, esticando o antebraço.

—Merda... estou enjoado.

Jane mudou o modo total de doutora e se aproximou apurada, deixando de lado o fato de que estava nu e tinha duas vezes seu tamanho, e que fazia dois minutos, tinha olhado seu traseiro como se estivesse à venda. Deslizou um braço por sua dura cintura e se apertou contra seu corpo, preparando o quadril para a avalanche. Quando se apoiou nela, o peso foi tremendo, uma carga que conseguiu levar para cama.

Enquanto se estirava com uma maldição, estendeu a mão por cima dele para alcançar os cobertores, e captou uma olhada das cicatrizes que tinha entre as pernas. Dada a maneira com que se curou da operação sem uma marca, perguntou-se porquê essas tinham permanecido em seu corpo.

Vishous lhe tirou os cobertores com um rápido puxão do edredom, e o colocou em cima como uma nuvem negra. Então colocou o braço sobre os olhos, e a parte inferior de seu queixo com cavanhaque foi a única coisa viu de seu rosto

Estava envergonhado.

No silêncio entre eles estava... envergonhado.

—Quer que o lave?

Sua respiração se deteve, e como esteve calado durante muito tempo, esperou que não aceitasse. Mas então sua boca apenas se moveu.

—Faria isso?

Por um momento esteve a ponto de responder ardentemente. Salvo que então teve a sensação de que isso o incomodaria mais.

—Sim, bom, o que posso dizer, estou a caminho da santidade. É meu novo propósito na vida.

Ele sorriu ligeiramente.

—Lembra ao Bu... meu melhor amigo.

—Quer dizer Rede Sox?

—Sim, sempre tem uma resposta.

—Sabia que o engenho é um sinal de inteligência?

O paciente deixou cair o braço.

—Nunca duvidei da sua. Nem por um instante.

Jane teve que conter o fôlego. Havia tanto respeito brilhando em seus olhos, que tudo o que pôde fazer ao assumi-lo foi amaldiçoar-se. Para ela não havia nada mais atraente que um homem que gostasse das mulheres fortes.

Merda.

Estocolmo. Estocolmo. Estocolmo...

—Eu adoraria um banho —disse . Logo acrescentou —Por favor.

Jane esclareceu a garganta.

—OK. Muito bem.

Rebuscou entre a mala de fornecimentos médicos, encontrou uma vazilha grande e se dirigiu ao banheiro. Depois de encher a bacia de água quente, pegou uma toalinha, saiu e dispôs tudo na mesinha de cabeceira que estava à esquerda. Quando empapou a pequena toalha e escorreu o excesso, a água soou através do silencioso quarto.

Duvidou. Molhou de novo a toalhina. Escorreu.

Venha, vamos, abriu-lhe o peito e trabalhar nele. Podia fazer isto. Nenhum problema.

Simplesmente pense nele como o capô de um carro, nada salvo a área superficial.

—OK. —Jane estirou a mão, pô-lhe a toalha quente na parte superior do braço e o paciente estremeceu. Por todo o corpo— Muito quente?

—Não.

—Então por que a careta?

—Nada.

Em diferentes circunstâncias, Jane o teria pressionado, mas nesse momento tinha seus próprios problemas. Seus bíceps era condenadamente impressionantes, a pele bronzeada revelava as mesmas cordas do músculo. O mesmo acontecia com os fortes ombros e descia pelo seu peito. Estava em uma condição física sublime, sem um grama de gordura no corpo, magro como um puro sangue, musculoso como um leão.

Quando passou pelos músculos de seu peito, deteve-se na cicatriz do lado esquerdo. A marca circular estava incrustada na carne, como se tivesse sido esmagada ali.

—Por que não curou adequadamente? —perguntou.

—Sal. —Vishous se moveu nervosamente como se a animasse a continuar com o banho— Fecha a ferida.

—Então foi deliberado?

—Sim.

Molhou a toalha na água, espremeu-a e torpemente se inclinou sobre ele para alcançar o outro braço. Quando deslizou o pano para baixo, afastou-se.

—Não a quero ver perto dessa mão. Nem que esteja usando uma luva.

—Por que...

—Não vou falar sobre isso. Assim nem sequer pergunte.

Ceeeeeeerto.

—Quase matou uma de minhas enfermeiras, sabe.

—Não me surpreende —fulminou com o olhar a luva—Cortaria isso se tivesse a oportunidade.

—Não o aconselharia a fazer isso.

—Claro que não o faria. Não sabe o que é viver com este pesadelo no final de seu braço...

—Não, quero dizer que faria que outro cortasse a mão, se fosse você. É mais provável que conseguisse dessa maneira.

Houve um curto silêncio; então o paciente soltou uma risada.

—Pronta.

Jane ocultou o sorriso que apareceu em seu rosto fazendo outro vez o ritual de molhar/escorrer.

—Simplesmente estou dando uma opinião médica.

Quando deslizou a toalhinha por seu estômago, a risada percorreu o peito e estômago de Vishous, seus músculos ficaram rígidos como rochas, logo depois relaxaram. Através do tecido pôde sentir a calidez de seu corpo e sentir a potência de seu sangue.

E de repente já não estava rindo. Jane escutou o que pareceu um vaio saindo de sua boca, seu tablete de chocolate se flexionou, e a parte inferior de seu corpo se moveu sob o edredom.

—Essa ferida de faca o está incomodando? —perguntou.

Quando emitiu um som que pareceu pouco convincente Sim, sentia-se mal. Tinha estado tão preocupada com o torso, que não tinha prestado muita atenção ao assunto da punhalada. Levantando a vendagem do flanco, viu que estava completamente curado, sem nada salvo uma tênue linha facada que mostrava onde tinha sido ferido.

—Eu vou tirar isto. —Soltou a gaze branca, dobrou-a na metade e a atirou no cesto de papéis— É incrível, sabe? A cura que você pode ter é simplesmente... incrível.

Enquanto voltava a encharcar a toalhinha, debateu se queria ir mais para o sul. Mais ao sul. Como... tudo para o sul. A última coisa que precisava era mais conhecimento íntimo sobre quão perfeito era seu corpo, mas queria terminar o trabalho... embora só fosse para provar a si mesma que ele não era diferente de nenhum de seus outros pacientes.

Podia fazer isto.

Salvo que quando foi descer os cobertores, ele pegou o edredom e o manteve em seu lugar.

—Não acredito que queira ir adiante.

—Não é nada que não tenha visto antes. —Quando fechou as pálpebras e não respondeu, disse com voz suave —Operei você, por isso sou muito consciente de que foi parcialmente castrado. Não sou um encontro, sou médica. Prometo a você que não tenho nenhuma opinião sobre seu corpo, salvo o que representa clinicamente para mim.

Ele fez uma careta antes de poder esconder a reação.

—Nenhuma opinião?

—Simplesmente deixa que o lave. Não é para tanto.

—Bem. —Esse olhar diamantino se entrecerrou— Faz o que queira.

Ela afastou os lençóis para um lado.

—Não há nada pelo que...

Merda...! O paciente estava completamente ereto. Tremendamente ereto. Jazendo diretamente sobre a parte inferior de seu ventre, estirando-se do meio das pernas até mais acima do umbigo, era uma ereção espetacular.

—Não é para tanto, Lembra? —disse Vishous arrastando a voz.

—Ah... —ela esclareceu a garganta— Bem... simplesmente vou continuar.

—Por mim, tudo bem.

O problema era que não podia lembrar exatamente o que tinha que fazer com a toalhinha. E estava olhando. Realmente olhando.

Que era que fazia uma mulher quando tinha à vista um homem tão dotado como um Louisville Slugger.²⁰

OH, Deus, realmente acabava de pensar isso?

²⁰ Louisville Slugger é um dos melhores batedores de beisebol que existem.

—Como já viu o que me fizeram — disse Vishous com voz lacônica — só posso imaginar que está checando meu umbigo em busca de pêlos.

Sim. Claro.

Jane voltou para a rotina, passando o pano por suas costelas.

—Então, como aconteceu?

Como não respondeu, levantou o olhar para seu rosto. Seus olhos estavam focados no outro lado do quarto, e estavam apagados, sem vida. Tinha visto esse olhar antes, em pacientes que tinham sido atacados, e soube que estava lembrando o horror.

—Michael — murmurou — Quem fez mal a você?

Ele franziu o cenho.

—Michael?

—Não é seu nome? — voltou a pôr a toalhinhã na bacia — Por que não me surpreende?

—V.

—Perdão?

—me chame de V. Por favor.

Voltou a passar o pano pelo seu flanco.

—V, então.

Jane inclinou a cabeça e observou sua mão subir pelo torso masculino, e logo voltar a baixar. Ficou presa, sem descer mais. Porque apesar da distração dele por seu desagradável passado, ainda estava ereto. Totalmente ereto.

Bem, momento de mover-se para baixo. Hei, era uma adulta. Uma médica. Tinha tido dois de amantes. O que estava presenciando era simplesmente uma função biológica que tinha como resultado uma concentração de sangue em seu incrivelmente longo...

Isso não era o lugar para onde tinham que se dirigir seus pensamentos.

Quando Jane baixou a toalha por seu quadril, tentou ignorar o fato de que se movia enquanto o percorria, as costas se arqueavam, essa pesada ereção em seu ventre empurrava para frente, e logo voltava a colocar-se em seu lugar.

Da ponta surgiu uma gota brilhante e tentadora.

Levantou a vista para olhá-lo e... se congelou. Os olhos de Vishous estavam em seu pescoço, e ardiam com uma luxúria que não era só sexual.

Qualquer atração que pudesse sentir por ele desapareceu. Era um macho de outra espécie, não um homem. E era perigoso.

Seu olhar baixou ao pano nas mãos da Jane.

—Não a morderei.

—Bem, porque não quero que o faça. — Isso deixava tudo claro. Demônios, alegrava-se de que a tivesse cuidado dessa forma, porque a havia devolvido de repente à realidade — Escuta, não é que queira saber disso pessoalmente, mas dói?

—Não sei. Nunca me morderam.

—Acreditei que disse...

—Alimento-me de fêmeas. Mas nunca ninguém bebeu que mim.

—Por que? — quando fechou a boca com força, ela encolheu de ombros — Bem poderia me dizer isso. Não vou lembrar nada, não é? Assim, o que custaria falar?

Quando o silêncio se estendeu, perdeu a coragem com sua região pélvica e decidiu começar a percorrê-lo pelos pés. No extremo da cama, passou a toalha pela plantas de seus pés, logo pelos dedos, e ele saltou um pouco, como se tivesse cócegas. Moveu para os seus tornozelos.

—Meu pai não queria que me reproduzisse. — disse o paciente abruptamente.

Os olhos dela o olharam de repente.

—O que?

Levantou a mão enluvada, e logo tocou com o dedo a têmpora que tinha as tatuagens.

—Não estou bem. Já sabe, normal. Assim meu pai tentou me arrumar como um cão. É obvio, também estava a feliz correlação de que também era um condenado castigo. —Quando ela soltou ar em um suspiro compassivo, apontou-a com o dedo indicador— Se me mostrar um pouco de compaixão, vou pensar duas vezes sobre a promessa de não morder você que acabo de fazer.

—Nada de compaixão, prometo. —mentiu brandamente— Mas o que isso tem que ver com os bebês de...?

—Simplesmente eu não gosto de compartilhar.

A si mesmo, pensou. Com ninguém... exceto talvez com Rede Sox.

Subiu gentilmente a toalha até sua tibia.

—Por que foi castigado?

—Posso chamar você de Jane?

—Sim. —Voltou a umedecer a toalhinha e a deslizou por sua pantorrilha. Quando voltou a ficar silencioso, Jane deixou que tivesse privacidade. No momento.

Sob sua mão, o joelho dele se flexionou, a coxa que estava em cima se contraiu e se soltou em um movimento sensual. Seus olhos olharam rapidamente a ereção, e Jane engoliu com força.

—Então seu sistema reprodutivo funciona como o nosso? —perguntou.

—Sim, de maneira muito parecida.

—Teve amantes humanas?

—Não vou aos humanos.

Ela sorriu torpemente.

—Não perguntarei o que está pensando agora, então.

—Bem. Não acredito que se sinta confortável com a resposta.

Pensou na maneira com que tinha cuidado do Rede Sox.

—É gay?

Seus olhos se estreitaram.

—Por que pergunta?

—Parece bastante apegado a seu amigo, o tipo de boné de beisebol.

—Conhece-o, não é verdade? De antes.

—Sim, me é familiar, mas não sei de onde o conheço.

—Incomodaria-se?

Percorreu com a toalha sua coxa até chegar à junta de seus quadris, e logo a bordeou.

—Que fosse gay? Em nada.

—Porque a faria se sentir mais segura, não é verdade?

—E porque não tenho preconceitos. Como médica, compreendo bastante bem que sem importar nossas preferências, todos somos iguais por dentro.

Bom, pelo menos os humanos. Jane se sentou no limite da cama e voltou a pôr a mão na sua perna. Quando foi se aproximando de sua ereção, Vishous conteve o fôlego e sua longa longitude se moveu. Enquanto seus quadris giravam, ela levantou a vista, mordeu seu lábio inferior, e as presas se cravavam na suave carne.

OK, isso era realmente...

Em nada assunto dela. Mas homem, nesse momento devia estar tendo uma ardente fantasia sobre Rede Sox.

Dizendo a si mesma que isto era uma situação normal de banho com esponja, e sem acreditar na mentira nem por um instante, levou a mão a seu abdômen, passando pela torcida cabeça e descendo pelo outro lado. Quando a ponta da toalhinha roçou seu sexo, Vishous vaiou.

Que Deus a ajudasse, fez outra vez, subindo lentamente e girando ao redor, e deixando que a ereção fosse acariciada ligeiramente.

As mãos de Vishous se apertaram contra os lençóis, e com um tom áspero disse:

—Se seguir com isso, vai descobrir o muito que tenho em comum com um homem humano.

Santo Cristo, queria vê-lo... Não, não o fazia.

Sim, queria.

Sua voz se fez mais profunda.

—Quer que tenha um orgasmo?

Ela se esclareceu a garganta.

—É obvio que não. Isso seria...

—Inapropriado? Quem vai saber? Só estamos você e eu aqui. E sinceramente, viria-me bem um pouco de prazer agora.

Jane fechou os olhos. Sabia que para ele nada disto era por ela. Além disso, não é como se fosse saltar na cama para aproveitar-se dele. Mas realmente queria saber se parecia quando...

—Jane? Olhe para mim. —Como se controlasse seus olhos, este se levantaram lentamente para encontrar os dele — Não meu rosto, Jane. Vai olhar minha mão. Agora.

Asentiu, porque não lhe ocorreu não fazê-lo. E logo que o fez, a mão enluvada soltou seu forte aperto sobre os lençóis e envolveu a grossa ereção. Em uma rajada, o paciente expulsou todo o ar, e moveu a mão de cima a baixo por seu membro, o couro negro em contraste com o profundo rosa de seu sexo.

OH... meu Deus.

—Quer fazer isto, não é? —disse com rudeza— Não porque me deseje. Mas sim porque se pergunta como se sentirá, e o aspecto que terei quando gozar.

Quando continuou as carícias, ela se aturdiu por completo.

—Não é, Jane? —sua respiração começou a acelerar— Quer saber o que sinto. Que tipo de ruídos faço. Como cheiro.

Não estava assentindo com a cabeça, não? Merda. Estava-o fazendo.

—Me dê sua mão, Jane. Deixe que a coloque sobre mim. Embora seja apenas por curiosidade clínica, quero que me faça gozar.

—Pensei... pensei que você não gostava dos humanos.

—Eu não gosto.

—E o que acredita que sou eu então?

—Quero sua mão, Jane. Agora.

Não gostava que ninguém lhe dissesse o que fazer. Homens, mulheres, não importava. Mas quando era uma ordem como essa com voz rouca, que saía de um animal magnífico como ele... especialmente enquanto estava estirado diante dela, completamente ereto... estava condenadamente perto de ser impossível de negar.

Mais tarde se ofenderia por essa ordem. Mas agora a seguiria.

Jane pôs a toalhinha na bacia e não podia acreditar que estivesse estendendo a mão para ele. Vishous tomou o que oferecia, tomou o que tinha exigido que lhe desse, e a levou a sua boca. Em um lento e saboroso movimento, lambeu o centro de sua palma, a língua uma cálida e úmida passada. Depois tomou a carne feminina e a pôs sobre sua ereção.

Ambos ofegaram. Estava duro como uma rocha, e quente como uma fogueira, e era mais largo que seu pulso. Enquanto se sacudia dentro de seu punho, uma parte da Jane se perguntou que demônios estava fazendo, e a outra, a parte sexual, voltou para a vida. O que lhe provocou pânico. Esmagou esses sentimentos, usando o afastamento que tinha aperfeiçoado anos atrás antes de exercer a medicina... e manteve a mão direita onde estava.

Acariciou-o, sentindo a fina e suave pele movendo-se por cima do rígido centro. A boca masculina se abriu enquanto ondulava na cama, e seu corpo arqueado deu a seus olhos um incrível repasse. Merda... V era puro sexo, totalmente, sem inibições ou desconfortos, nada salvo um orgasmo como uma tormenta crescente.

Jane baixou a vista aonde o estava tocando. Sua mão enluvada era tão condenadamente erótica jazendo justo debaixo de onde ela o tocava, os dedos roçando ligeiramente a base e cobrindo as zonas de pele com cicatrizes.

— Como me sente, Jane? — disse com voz rouca — Me sente diferente de um homem?

Sim. Melhor.

— Não. É igual. — Seus olhos se desviaram às presas que se cravavam no lábio inferior. Seus dentes pareciam haver-se alongado, e teve o pressentimento de que sexo e alimentação eram unidos — Bom, não tem o mesmo aspecto que eles, é óbvio.

Algo piscou no rosto dele, uma espécie de sombra, e deslizou a mão mais abaixo entre suas pernas. No início Jane assumiu que estava esfregando o que estava mais abaixo, mas se deu conta de que estava se cobrindo ante seus olhos.

Uma faísca de dor lhe percorreu o peito como um fósforo aceso, mas então gemeu profundamente em sua garganta e sua cabeça bateu para trás, o cabelo negro azulado roçou o travesseiro negro. Quando seus quadris se flexionaram para cima, os músculos do estômago se apertaram em uma rajada seqüencial, as tatuagens de seu sexo se estiraram e voltaram para sua posição.

— Mais rápido, Jane. Agora vai fazer mais rápido para mim.

Uma de suas pernas se elevou e suas costelas começaram a bombear com força. Em sua pele lustrosa e fluída, começou a brilhar uma capa de suor sob a tênue luz do abajur. V estava se aproximando... e quanto mais o fazia, mais se dava conta de que estava fazendo isto porque queria. A curiosidade clínica era uma mentira. Fascinava-a de diferentes maneiras.

Continuou acariciando-o com força, centrando a fricção na grossa cabeça.

— Não pare... de foder... — arrastou a palavra, os ombros e o pescoço tensos, o peito apertando-se enquanto começava os afiados movimentos.

De repente, seus olhos se abriram totalmente e resplandeceram brilhantes como estrelas.

Então mostrou umas das presas que se alongaram por completo e gritou sua liberação. Enquanto gozava, olhou o pescoço feminino, e o orgasmo se prolongou até que se perguntou se tinha tido dois. Ou mais. Deus... era espetacular, e em meio de seu prazer, essa gloriosa fragrância de especiarias escuras encheu o quarto até que ela a respirou, em vez do ar.

Quando ficou quieto, soltou-o, e usou a toalha de mão para lhe limpar o ventre e o torso. Não se demorou nele. Em lugar disso ficou de pé e desejou poder ter um pouco de tempo para si mesma.

Olhou-a através de pálpebras quase fechadas.

— Vê — disse com voz áspera — iguais.

Absolutamente.

— Sim.

Vishous pôs o edredom sobre seus quadris e fechou os olhos.

— Usa o banheiro se quiser.

Com um movimento rápido e descoordenado, Jane levou a bacia e a toalhinha ao banheiro. Apoiando as mãos contra o lavabo, pensou que talvez a água quente e algo mais que esfregar as costas lhe esclareceriam a cabeça... porque agora mesmo tudo o que podia ver era o aspecto que V tinha enquanto gozava sobre sua mão e sobre si mesmo.

Afligida, voltou para o quarto, pegou algumas de suas coisas da mala menor e se lembrou que esta situação não era real, não era parte de sua realidade. Era um contratempo, um enredo no fio de sua vida, como se seu destino tivesse uma gripe.

Isto não era real.

Depois de terminar com a aula, Phury voltou para seu quarto e trocou as roupas com as quais dava aulas, por uma camisa negra de seda e calça de cachemira cor nata, por seus objetos de combate de couro. Tecnicamente se supunha que tivesse a noite livre, mas com V de cama, precisavam de uma equipe extra de mãos.

O que estava bom para ele. Melhor estar nas ruas caçando que ver-se envolto no assunto de Z e Bela e a gravidez.

Atou a pistolera ao torso, colocou duas adagas com o cabo para baixo, e colocou uma SIG Sauer de cada lado do quadril. No caminho para a porta colocou o casaco de couro e apalpou o bolso interno, assegurando-se de ter um par de nêscios e um acendedor consigo.

Quando chegou a passo rápido a enorme escada, rezou para que ninguém o visse... e foi descoberto antes de conseguir sair de casa. Bela disse seu nome quando entrou no vestibulo, e o som de seus sapatos cruzando o chão de mosaico do saguão significava que tinha que deter-se.

— Não estive na primeira refeição — disse.

— Estava dando aula. — Olhou-a por cima do ombro e se sentiu aliviado ao ver que tinha bom aspecto, seu colorido limpo, os olhos claros.

— Comeu algo?

— Sim — disse, mentindo.

— OK... bom... não deveria esperar o Rhage?

— Encontraremos-nos mais tarde.

— Phury, está tudo bem?

Disse a si mesmo que não era sua tarefa dizer nada. Já tinha fechado essa porta na conversa com Z. Isto não era em nada seu...

Como sempre com ela, não tinha autocontrole.

— Acredito que tem que falar com Z.

Ela inclinou a cabeça para um lado, o cabelo caindo mais abaixo do ombro. Deus, era encantador. Muito escuro, mas não negro. Lembrava o elegante mogno cuidadosamente envernizado, brilhando com vermelhos e profundos marrons.

— Sobre o que?

Merda, não deveria estar fazendo isso.

— Se está ocultando algo de Z, o que seja... tem que dizer a ele.

Ela entreceitou os olhos, logo deslizou para um lado, mudou sua postura, o peso passando de um pé para o outro, os braços cruzados sobre o peito.

— Eu... ah, não perguntarei como sabe, mas posso supor que é porque ele o faz. OH... maldição. Ia falar com ele depois de ver o Havers esta noite. Pedi uma consulta.

— O que está errado? A perda de sangue?

— Não é muito ruim. Por isso não ia dizer nada a ele até ver o Havers. Deus, Phury, já conhece Z. Já está condenadamente nervoso por mim, tão preocupado que me aterroriza que se distraia no campo de batalha e saia ferido.

— Sei, mas olhe, é pior agora, porque não sabe o que está acontecendo. Fale com ele. Tem que fazê-lo. Será forte. Por você, será forte.

— Estava zangado?

—Talvez um pouco. Mas mais que isso, está simplesmente preocupado. Não é estúpido. Sabe porquê não quer dizer a ele que algo está errado. Olhe, leve-o com você esta noite, OK? Deixa que esteja lá.

Os olhos dela começaram a umedecer-se.

—Tem razão. Sei que tem razão. É só que quero protegê-lo.

—Que é exatamente o que ele sente por você. Leve-o com você.

No silêncio que se seguiu, soube que a indecisão nos olhos de Bela tinha que ser confrontada por ela mesma. Ele já fez sua parte.

—Que esteja bem, Bela.

Enquanto dava a volta, ela pegou sua mão.

—Obrigada. Por não estar zangado comigo.

Durante um momento Phury fingiu que era seu bebê que estava dentro dela, e que podia aproximá-la dele, e ir com ela ao médico, e segurá-la depois.

Com gentileza Phury tomou o pulso e a separou dele, e sua mão se deslizou por sua pele com um suave roçar que o espetou como uma agulha.

—É a amada de meu gêmeo. Nunca poderia estar zangado com você.

Enquanto atravessava o vestíbulo e saía pela noite fria e ventosa, pensou quanto certo era que nunca poderia se zangar com ela. Consigo mesmo, por outro lado? Sem nenhum problema.

Desmaterializou-se ao centro da cidade, soube que estava se dirigindo a uma colisão de algum tipo. Não sabia onde estava o muro ou do que parecia, ou se ia conduzir direto a ele, ou ser arrojado por alguém ou algo.

Mas o muro o estava esperando na amarga escuridão. E uma parte dele se perguntou se não teria um “I” de inferno, grande e grossa desenhada nele.

CAPÍTULO 17

V observou Jane entrar em seu banheiro. Quando se virou para deixar a muda de roupa no aparador, o perfil de seu corpo era uma elegante curva em S na qual precisava pôr as mãos. A boca. Colocar o corpo.

A porta se fechou e a ducha começou, e ele amaldiçoou. Deus... sua mão o havia feito sentir tão bem, levando-o mais alto que qualquer sexo total praticado recentemente. Mas tinha sido unilateral. Não tinha havido aroma de excitação nela absolutamente. Para ela tinha sido uma função biológica a explorar. Nada mais.

Se fosse honesto consigo mesmo, tinha pensado que talvez o ver ter um orgasmo a excitaria... o que era uma loucura, dado o que havia na parte debaixo de sua cintura. Ninguém em seu são julgamento perfeito pensaria, Ah, sim, olhe a maravilha de um só testículo.Um.

Que era pelo que sempre deixava as calças postas quando tinha sexo.

Enquanto escutava correr a água da ducha, sua excitação se abrandou e suas presas se retraíram de volta em sua mandíbula. Era lindo, quando o tinha estado tocando, surpreendeu a si mesmo. Tinha querido mordê-la... não alimentar-se porque tivesse fome, mas sim porque queria seu sabor na boca e lhe deixar a marca de seus dentes no pescoço. O que não era, foddidamente, típico nele. Normalmente mordia fêmeas só porque tinha que fazê-lo, e quando o fazia, nunca gostava especialmente.

Com ela? Não podia esperar para perfurar uma veia e chupar o que atravessava seu coração para que baixasse diretamente para seu próprio estômago.

Quando a ducha parou, tudo o que podia pensar era em estar nesse banheiro com ela. Podia imaginar-lhe toda nua, molhada e rosada pelo calor. Homem, queria saber que aspecto tinha a parte de atrás de seu pescoço. E o lance de pele entre suas omoplatas. E o espaço na base de suas costas. Queria percorrê-la com a boca da clavícula ao umbigo... e depois meter-se entre suas coxas.

Merda, estava ficando duro de novo. E isso era, condenadamente, bastante inútil. Tinha satisfeito a curiosidade para seu corpo, assim não estaria disposta a ter compaixão dele e aliviá-lo de novo. E mesmo se se sentisse atraída por ele, já tinha a alguém, não? Com um grunhido desagradável imaginou a esse doutor de cabelo escuro que a estava esperando na vida real. O tipo era de sua classe e sem dúvida também absolutamente masculino.

A mera idéia desse bastardo a tratando com atenção conveniente, não simplesmente durante o dia a não ser entre os lençóis a noite, fez com que lhe ardesse o peito.

Merda.

V colocou o braço sobre os olhos e se perguntou exatamente quando tinha sofrido um transplante de personalidade. Teoricamente Jane lhe tinha operado o coração, não a cabeça, mas não tinha estado bem desde que tinha estado em sua mesa. O problema era, que simplesmente não podia evitar querer que o visse como um companheiro... embora isso fosse impossível por um sem-fim de motivos. Era um vampiro que era um inseto estranho... e ia se transformar no Primale em questão de dias.

Pensou no que lhe esperava do Outro Lado, e mesmo não querendo remontar ao passado, não pôde deter-se. Retornou ao que lhe tinham feito, lembrando o que tinha posto as coisas em marcha para o mau trato que o tinha deixado como meio macho.

Foi possivelmente uma semana depois que seu pai queimasse os livros que Vishous foi pilhado saindo de trás da divisão que escondia as pinturas rupestres. Sua perdição foi o diário do guerreiro Darius. Tinha evitado sua preciosa posse durante dias e dias, mas finalmente se rendeu. Suas mãos tinham desejado o peso da encadernação, seus olhos a vista das palavras, sua mente as imagens que lhe dava, seu coração a conexão que sentia com o escritor.

Estava muito só para resistir.

Foi uma puta da cozinha que o viu, e os dois congelaram quando o fez. Não sabia seu nome, mas tinha o mesmo rosto que todas as fêmeas apresentavam no acampamento: olhos duros, pele enrugada, e um talho por boca. Havia marcas de mordidas cobrindo seu pescoço, dos machos que se alimentavam dela, e sua roupa estava suja e desfiada na prega. Em uma mão usava uma rústica pá, e atrás dela arrastava um carrinho de mão com uma roda rota. Obviamente tinha tirado o palito curto e tinha sido obrigada a atender os fossas particulares.

Seus olhos desceram para a mão de V como se medisse uma arma.

V fez deliberadamente um punho com a coisa.

—Seria uma lástima que dissesse algo, não é verdade?

Ela empalideceu e escapuliu, deixando cair a pá ao correr.

As notícias do que tinha acontecido entre ele e o outro pretrans tinham percorrido todo o acampamento, e se isso fez com que o temessem, tudo tinha sido para o bem. Para proteger seu único livro não estava por cima de ameaçar a ninguém, mesmo a fêmeas, e não se envergonhava disso. A lei de seu pai sustentava que ninguém estava a salvo no acampamento. V estava bastante seguro que essa fêmea utilizaria o que tinha visto em seu próprio benefício se pudesse. Assim eram as coisas.

Vishous deixou a cova através de um dos túneis que tinham sido escavados na montanha, e emergiu em um matagal de sarças. O inverno os estava alcançando rapidamente, o frio fazia o ar

tão denso como os ossos. Acima mais adiante, escutou a rápida corrente de água e quis beber, mas permaneceu escondido enquanto subia pela costa coberta de pinheiros. Sempre se afastava da água durante um lance depois de sair, não simplesmente porque era o que o tinham ensinado a fazer sob pena de castigo, mas sim porque em seu estado de pretrans não era oponente para o que possivelmente caísse sobre ele, fosse vampiro, humano, ou animal.

No início de cada noite, os pretrans tentavam encher seus ventres vazios na corrente, e seus ouvidos recolheram os sons dos outros pretrans que estavam pescando. Os meninos se congregaram na parte funda do arroio, onde a água formava uma profunda poça a um lado. V os evitou, escolhendo um lugar mais afastado rio acima.

De uma bolsa de couro tirou com supremo cuidado um longo fio que tinha um primitivo anzol e um peso brilhante de prata ao final. Lançou seu exíguo arranjo na rápida correnteza e sentiu a corda esticar-se. Quando se sentou em uma pedra, enroscou a corda ao redor de uma parte de madeira e sustentou a coisa entre suas mãos.

A espera o trazia sem cuidado, não era uma carga nem um prazer, e quando ouviu uma discussão rio abaixo, não mostrou interesse. As brigas também eram habituais no acampamento, e sabia sobre o que tratava a briga entre os outros pretrans. Simplesmente porque tirasse um peixe da água não significava que pudesse ficar com ele.

Estava olhando fixamente a rápida corrente quando a mais estranha sensação lhe percorreu a parte de atrás do pescoço, como se o houvessem batido na nuca com os dedos.

Levantou-se, deixando cair a linha ao chão, mas não havia ninguém atrás dele. Cheirou o ar, revisou as árvores com o olhar. Nada.

Quando se agachou para recuperar o linha, o pau saltou pelo ar longe de seu alcance e do banco, um peixe tinha mordido a ceva. V se lançou para ele, mas só pôde ver como a rudimentar manga saltava na corrente. Equilibrando-se, correu atrás dele, saltando de rocha em rocha, rastreando-o cada vez mais longe rio abaixo.

Depois do qual se encontrou com outro.

O pretrans que tinha golpeado com o livro subia pelo rio com uma truta na mão, uma que, dada sua satisfação, estava seguro que tinha roubado de outro. Quando viu V se deteve, o pau com o linha com a pesca de V presa passou a seu lado. Com um grito de triunfo, guardou o peixe que se agitava no bolso e foi depois do que era de V... ainda que isso o levasse em direção a seus perseguidores.

Talvez devido à reputação de V, os outros meninos se afastaram de seu caminho quando perseguiu o pretrans, e o grupo abandonou a perseguição e se converteu em espectador ao meio galope.

O pretrans era mais rápido que V, movia-se descuidadamente de pedra em pedra, enquanto que V era mais cuidadoso. Revestidas de couro suas toscas botas estavam molhadas, e o musgo que crescia na parte de atrás das rochas estava escorregadio como gordura de porco. Embora sua presa estivesse lhe tirando vantagem, V se conteve para assegurar seus passos.

Justo onde a corrente se alongava formando a poça em que tinham estado pescando os outros, o pretrans saltou à rosto plaina de uma rocha e conseguiu dar alcance ao peixe enganchado de V. Salvo que quando se estirou para pagar o pau, seu equilíbrio falhou... e seu pé escorreu debaixo dele.

Com a queda lenta e elegante de uma pluma, caiu de cabeça na rápida corrente. O rangido de sua têmpora contra a rocha que estava umas polegadas por baixo da superfície foi tão forte como uma tocha golpeando madeira nobre, e enquanto seu corpo ficava murcho, o pau e a linha continuaram seu caminho rio abaixo.

Quando V chegou até o menino, lembrou a visão que tinha tido. Claramente tinha estado equivocado. O pretrans não morria no topo de uma montanha com o sol sobre o rosto e o vento em seu cabelo. Morriam aqui e agora, nos braços do rio.

Foi um pequeno alívio.

Vishous observou como a corrente arrastou o corpo à escura e tranqüila poça. Antes de afundar-se sob a superfície, deu-se a volta, ficando de barriga para cima.

Enquanto as borbulhas atravessavam os imóveis lábios e subiam à superfície para captar a luz da lua, V se maravilhou com a morte. Tudo ficava tão calmo depois que chegava. Qualquer chiado ou grito ou ação que causava a liberação da alma para o Fade, o que seguia era como a densa calma da neve caindo.

Sem pensar, estendeu a mão direita e a meteu na água gelada.

De repente um resplendor se difundiu pela poça, emanando de sua palma... e o rosto do pretrans ficou iluminado tão certamente como se o sol brilhasse sobre ele. V ofegou. Era a visão feita realidade, exatamente como o tinha previsto: a neblina que tinha turvado a claridade era de fato a água, e o cabelo do menino ondeado daqui para lá não era pelo vento, mas sim pelas profundas correntes da poça.

—O que lhe está fazendo na água? —disse uma voz.

V levantou a vista. Os outros meninos estavam alinhados na curvada ribeira do rio, o olhando.

V tirou a mão da água de um puxão e a colocou atrás de suas costas para que ninguém a visse. Quando a retirou, o resplendor na poça diminuiu, e o pretrans morto ficou nas negras profundidades como se tivesse sido enterrado.

V ficou de pé e olhou fixamente aos que agora sabia que não só eram seus competidores pelo escasso alimento e comodidades, mas também seus inimigos. A coesão entre os meninos reunidos que permaneciam ombro com ombro lhe disse que, sem importar quão beligerantes fossem dentro da seca matriz do acampamento, estavam vinculados como se fossem uma mente.

Ele era um paria.

V piscou e pensou no que tinha vindo depois. Engraçado, o giro que previa no caminho nunca era o que tinha o gelo negro. Tinha assumido que os outros pretrans o jogariam do acampamento, que um por um passariam a mudança e depois se confabulariam contra ele. Mas o destino gostava de surpresas, certo?

Rodou sobre seu flanco e decidiu resolutamente dormir um pouco. Exceto que quando a porta do banheiro se abriu, teve que abrir uma pálpebra. Jane tinha posto uma camisa branca e uma folgada calça negra de ioga. Seu rosto estava ruborizado pelo calor da ducha, o cabelo úmido. Tinha um aspecto assombroso.

Jane lhe deu uma olhada breve, uma revisão rápida que lhe disse que tinha assumido que estaria dormindo; então se afastou e se sentou na cadeira do canto. Quando Jane levantou as pernas, envolveu os braços ao redor dos joelhos e baixou o queixo. Parecia tão frágil assim, apenas um revoltado de carne e osso dentro do abraço da cadeira.

V fechou o olho e se sentiu desprezível. Sua consciência, que tinha estado quase apagada durante séculos, estava acordada e lhe doía: não podia fingir que não ia estar completamente curado em umas seis horas. O que significava que seu propósito tinha acabado e que ia ter que permiti-la ir quando o sol ficasse esta noite.

Exceto que, o que acontecia a visão que tinha tido dela? Na qual permanecia em uma porta de luz? Ah, demônios, talvez simplesmente tivesse uma alucinação...

V franziu o cenho quando captou um aroma no quarto. Que demônios?

Inalando profundamente, ficou duro em um instante, seu pênis se engrossou, crescendo violentamente contra seu ventre. Olhou Jane através da quarto. Tinha os olhos fechados, a boca um pouco aberta, as sobrancelhas franzidas... e estava excitada. Talvez não se sentisse inteiramente confortável com isso, mas estava definitivamente excitada. Pensava nele? Ou no macho humano?

V estendeu sua mente sem nenhuma esperança real de entrar na cabeça da Jane. Quando suas visões se foram, também o tinha feito a leitura que fazia dos pensamentos de outras pessoas, os que podiam ser forçados sobre ele ou captada a sua vontade...

A imagem em sua mente era dele.

OH, merda, sim. Era totalmente dela: estava arqueando-se na cama, os músculos do estômago apertados, os quadris levantando-se enquanto ela trabalhava seu sexo com a palma da mão. Isso foi antes de que gozasse, quando tinha tirado a mão enluvada de debaixo de seu pênis e puxou o edredom.

Sua cirurgia o desejava mesmo sabendo que estava parcialmente arruinado, não fosse de sua espécie e a prendera contra sua vontade. E estava dolorida. Estava dolorida por ele.

V sorriu enquanto as presas lhe cravavam o interior da boca. Bem, este era o momento de ser humanitário. E aliviar alguns de seus sofrimentos...

Com as botas militares amplamente separadas e os punhos apertados nos flancos, Phury permaneceu de pé sobre o lesser que acabava de deixar inconsciente com um feio golpe na têmpora. O bastardo jazia de barriga para baixo sobre um sujo monte de neve meio derretida, os braços e pernas caídos pesadamente de um lado, a jaqueta de couro despedaçada nas costas devido à luta.

Phury respirou fundo. Havia uma maneira cavalheiresca de matar seu inimigo. Em meio da guerra, havia uma maneira honorável de trazer a morte mesmo a aqueles que odiava.

Olhou acima e abaixo pelo beco e cheirou o ar. Nem humanos. Nem outros lessers. E nenhum de seus irmãos.

Agachou-se sobre o assassino. Sim, quando matava seus inimigos, havia um certo padrão de conduta que devia observar.

Isso não ia acontecer.

Phury levantou o lesser pelo cinturão de couro e o pálido cabelo e lançou a coisa de cabeça contra um edifício de tijolo como se fosse um boneco. Um amortecido e carnudo crunch soou quando o lóbulo frontal se rompeu e a coluna vertebral atravessou a parte traseira do crânio.

Mas a coisa não estava morta. Para matar a um assassino devia se apunhalar seu peito. Se deixava como estava agora, o bastardo simplesmente estaria em um estado perpétuo de putrefação até que eventualmente o Omega viesse em busca de seu corpo.

Phury arrastou a coisa por um braço até detrás de um contêiner e tirou uma adaga. Não utilizou a arma para apunhalar ao assassino e mandá-lo com seu professor. Sua ira, essa emoção que não gostava de sentir, essa força que não se permitia vincular nem a pessoas nem a acontecimentos, tinha começado a rugir. E seu ímpeto era inegável.

A crueldade de suas ações lhe manchou a consciência. Embora sua vítima fosse um assassino amoral que vinte minutos antes tinha estado a ponto de matar a dois vampiros civis, o que Phury estava fazendo seguia sendo incorreto. Os civis tinham sido salvos. O inimigo estava incapacitado. O fim deveria chegar limpamente.

Não se deteve.

Enquanto o lesser uivava de dor, Phury ficou com o que lhe estava fazendo à coisa, as mãos e a lâmina movendo-se rapidamente pela pele e os órgãos vitais que cheiravam como talco. O

sangue negro e brilhante corria pelo pavimento, cobria os braços de Phury, engordurava suas botas e salpicava sua roupa de couro.

Enquanto continuava, o assassino se converteu em um StairMaster²¹, para sua fúria e o ódio que sentia para si mesmo, um objeto no que descarregar seus sentimentos. Naturalmente, suas ações lhe fizeram pensar ainda pior de si mesmo, mas não se deteve. Não podia parar. O sangue era propano e suas emoções eram a chama, e agora que tinha sido acesa a combustão era inevitável.

Centrado em seu terrível projeto, não escutou o outro lesser vindo de trás. Captou o aroma de talco de bebê antes de que a coisa golpeasse, e logo que pôde virar-se de um lado para escapar do golpe do taco de beisebol dirigido a seu crânio.

Sua fúria mudou do assassino incapacitado ao que estava de pé, e com o DNA de guerreiro gritando em suas veias, atacou. Dirigindo a adaga negra, agachou-se e procurou o abdômen.

Não o conseguiu. O lesser o segurou pelo ombro com o taco de beisebol, e logo dirigiu um sólido backswing²² à perna boa de Phury, lhe alcançando a lateral do joelho. Enquanto se encolhia, concentrou-se em manter o cabo da adaga, mas o assassino era todo um José Consecó²³ com esse número de alumínio. Outro balanço e a lâmina saiu voando, a ponta girando sobre seu eixo, deslizando depois através de um lance do pavimento molhado.

O lesser saltou sobre o peito de Phury e o segurou pela garganta, apertando-o com um punho que era tão forte como um cabo de aço. Phury apertou a palma de sua mão sobre o pulso grosso da coisa que lhe comprimia a traquéia, mas então, repentinamente teve outras coisas com as quais preocupar-se além da hipoxia. O assassino mudou a forma com que segurava o taco de beisebol, estrangulando-o para cima até que o sustentou pelo centro. Com mortal concentração levantou o braço para o alto e baixou a parte inferior do taco de beisebol diretamente sobre o rosto do Phury.

A dor foi como uma bomba lhe estalando no rosto e o olho, a candente metralha ricocheteando através de todo seu corpo.

E curiosamente... foi algo bom. Anulou todo o resto. Tudo o que soube foi o impacto que lhe congelou o coração e a elétrica dor que veio depois.

Gostou.

Pelo único olho que ainda funcionava bem, viu o lesser levantar o taco de beisebol outra vez, ao estilo êmbolo. Phury nem sequer se preparou. Simplesmente observou como funcionava a cinética, sabendo que os músculos que se coordenavam para elevar esse pedaço de metal gentil iriam esticar e baixar de novo essa coisa para seu rosto.

Hora do golpe mortal, pensou fracamente. Provavelmente seu osso orbital já estivesse destroçado ou no mínimo fraturado. Outro golpe e já não estaria protegendo sua matéria cinza.

Veio-lhe uma imagem do desenho que tinha feito de Bela, e viu o que tinha posto no papel. Ela sentada na mesa de jantar virada para seu gêmeo, o amor entre eles tão evidente e lindo como um pano de seda, tão forte e firme como aço temperado.

Rezou uma antiga oração para eles e seu bebê na Antiga Língua, uma em que lhes desejava que tudo fora bem até que os encontrasse no Fade em um longínquo, longínquo futuro. Até que vivamos de novo, era a forma em que acabava.

²¹ Marca comercial de um stepper.

²² Jogada de golfe

²³ Famoso jogador de beisebol

Phury soltou o pulso do assassino e repetiu a frase uma e outra vez, perguntando-se fracamente qual das quatro palavras seria a última.

Exceto não houve impacto. O lesser desapareceu de cima dele, simplesmente arrojado longe de seu peito como uma boneco cujas cordas tinham sido cortadas.

Phury jazia ali, logo que respirando, enquanto uma série de grunhidos ressonavam no beco, e logo houve um brilho brilhante de luz. Com suas endorfinas golpeando, teve um agradável e elevado momento de euforia que o fez resplandecer com se estivesse saudável, mas que na realidade era evidência de que estava fundo na merda.

Já tinha tido levado o golpe mortal? Tinha sido suficiente o primeiro para deixar seu cérebro com uma hemorragia?

Não importava. Sentia-se bem. A coisa inteira se sentia bem, e se perguntou se assim era o sexo. Quer dizer, os momentos posteriores. Nada exceto uma relaxação pacífica.

Pensou em Zsadist vindo por volta dele no meio daquela festa fazia meses, com uma bolsa de lona na mão e uma demanda infernal nos olhos. Phury havia se sentido doente ante o fato de que seu gêmeo tinha precisado, mas entretanto tinha ido com Z ao ginásio e tinha golpeado o macho uma e outra vez.

Essa não tinha sido a primeira vez que Zsadist tinha precisado desse tipo de alívio.

Phury sempre tinha odiado dar em seu gêmeo as surras que lhe tinha pedido, nunca tinha entendido a razão dessa conduta masoquista, mas agora o fazia. Isto era fantástico. Nada importava. Era como se a vida real fosse uma tormenta longínqua que nunca o alcançaria porque ele se afastou de seu caminho.

A voz profunda de Rhage também lhe chegou de longe.

—Phury? Pedi a caminhonete. Precisa ir onde Havers está.

Quando Phury tratou de falar, sua mandíbula se negou a fazer o trabalho, fixa como se alguém a tivesse pregado em seu lugar. Claramente, já estava inchando, e decidiu negar com a cabeça.

O rosto do Rhage apareceu frente a sua visão inclinada.

—Havers poderá...

Phury negou com a cabeça outra vez. Bela estaria esta noite na clínica tratando o assunto do bebê. Se estava no limite para um aborto, não queria levá-la ao limite aparecendo como um caso de emergência.

—Havers... Não... —disse asperamente.

—Irmão, o que tem é mais do que os primeiros socorros podem arrumar. —O perfeito rosto de modelo do Rhage era uma máscara deliberada de calma. O qual queria dizer que ele estava realmente preocupado.

—Casa.

Rhage amaldiçoou, mas antes de que pudesse voltar a pressionar para levá-lo até Havers, um carro virou no beco, com os faróis cintilando.

—Merda. —Rhage se lançou à ação, levantando Phury do pavimento e apressando-se a colocá-lo atrás do contêiner.

O que os levou justo junto ao profanado lesser.

—Que merda é isto? —resmungou Rhage enquanto um Lexus com aros cromados passava, com o rap a todo volume.

Quando passou, Rhage entreceerrou os brilhantes olhos verde azulados.

—Fez isto?

—Sim... Isso é apenas uma briga —sussurrou Phury—Me leve para casa.

Enquanto fechava o olho, deu-se conta de que tinha aprendido algo esta noite. A dor era boa, e colhido sob circunstâncias adequadas, era menos vergonhoso que a heroína. Mais fácil de conseguir, também, já que podia ser uma legítima consequência de seu trabalho.

Que perfeito.

Quando Jane se sentou na cadeira frente à cama do paciente, baixou a cabeça e fechou os olhos. Não podia deixar de pensar no que tinha feito... e no que ele tinha feito como resultado. Viu-o bem quando teve o clímax, a cabeça arremessada para trás, as presas brilhando, a ereção sacudindo-se em seu punho, enquanto seu fôlego entrava em um ofego e saía em um gemido.

Jane se moveu, sentindo-se quente. E não porque tivessem ligado o aquecedor.

Deus, não podia evitar reviver a cena uma e outra vez, e ficou tão mal, que teve que abrir a boca para respirar. Em um ponto durante o contínuo circuito fechado sentiu uma aguda espetada na cabeça, como se seu pescoço tivesse adotado uma postura ruim, mas depois ficou meio adormecida.

Naturalmente, seu subconsciente tomou o controle onde sua memória o tinha deixado.

O sono começou quando algo lhe tocou o ombro, algo quente e pesado. Sentiu-se tranqüilizada por como se sentia, pela forma em que baixava lentamente pelo braço, sobre o pulso e a mão. Tinha os dedos fechados em um punho, e então foram abertos para que um beijo fosse colocado no centro da palma. Jane sentiu uns lábios suaves, um quente fôlego, e o roçar aveludado de... um cavanhaque.

Houve uma pausa, como se lhe pedissem permissão.

Soube exatamente com quem estava sonhando. E sabia exatamente o que ia acontecer no sonho se permitisse que as coisas continuassem.

—Sim — sussurrou em seu sonho.

As mãos de seu paciente foram até suas pantorrilhas e lhe separaram as pernas da cadeira. Logo algo largo e morno se moveu entre elas, metendo-se entre suas coxas, abrindo-os amplamente. Quadris masculinos e... ah, Deus, sentiu uma ereção em seu centro, a longitude rígida pressionando sobre as suaves calças que tinha posto. O pescoço de sua camisa foi afastado para um lado e sua boca encontrou seu pescoço, seus lábios se pegaram à pele e chuparam enquanto sua ereção começava um rítmico avanço e retrocesso. Uma mão lhe encontrou o seio e logo o bordeou descendo para o estômago. Descendo para o quadril. Baixando mais, substituindo a ereção.

Quando Jane gritou e se arqueou, dois pontos agudos lhe percorreram a coluna do pescoço para a base da mandíbula. Presas.

O temor alagou suas veias. E também uma explosão de sexo.

Antes de que pudesse ordenar os dois extremos, a boca de V deixou seu pescoço e encontrou seu seio através da camisa. Enquanto chupava, foi em busca de seu centro, esfregando-o até que esteve preparado para ele, faminto por ele. Abriu a boca para ofegar, e algo foi empurrado dentro... um polegar. Aferrou-se a ele desesperadamente, chupando-o enquanto imaginava o que outra parte dele poderia estar entre seus lábios.

Ele era o professor de tudo isto, o condutor, que dirigia a maquinaria. Sabia exatamente o que o fazia enquanto seus dedos utilizavam suas suaves calças e suas calcinhas molhadas para levá-la diretamente ao limite.

Uma voz em sua cabeça —a dele—, disse:

—Goza para mim, Jane.

De lugar nenhum uma luz brilhante bateu em seu rosto, e saltou para cima, levantando os braços para afastar o seu paciente de um empurrão.

Salvo que não estava em nenhuma parte perto dela. Estava na cama. Dormindo.

E quanto à luz, vinha do vestíbulo. Rede Sox tinha aberto a porta do quarto.

—Sinto acordá-los meninos —disse— Temos um problema.

Quando o paciente se incorporou, olhou para Jane. No momento em que seus olhos se encontraram, ela ruborizou e afastou o olhar.

—Quem? —perguntou o paciente.

—Phury. —Rede Sox fez um gesto com a cabeça para a cadeira— Precisamos de um médico. Assim como, agora, neste mesmo instante.

Jane clareou a garganta.

—Por que me olham...?

—Precisamo dela.

Seu primeiro pensamento foi, que nem louca ia se envolver mais profundamente com eles. Mas então o médico que havia nela falou mais alto.

—O que aconteceu?

—Algo realmente desagradável. Uma briga com um taco de beisebol. Pode vir comigo?

A voz de seu paciente chegou primeiro, o grunhido mortal desenhando uma tremenda linha na prudência:

—Em qualquer lugar que ela vá, eu também vou. E quão ruim ele está?

—Bateram-lhe no rosto. Ruim. Nega-se a ir até o Havers. Diz que Bela está ali por causa do bebê, e não quer transtorná-la aparecendo feito um asco.

—Maldito irmão, tinha que ser um herói. —V olhou para Jane— Ajudará?

Depois de um momento, ela —esfregou o rosto. Maldita seja.

—Sim. Farei-o.

Enquanto baixava o canhão da Glock que lhe tinham dado, John olhou fixamente o objetivo do campo de tiro que estava a uma distância de dezesseis metros. Voltando a colocar em seu lugar seguro, ficou totalmente boquiaberto.

—Jesus —disse Blay.

Com total incredulidade, John pulsou o botão amarelo a sua esquerda e a lâmina de papel de oito e meio por onze zumbiu até ele como um cão sendo chamado para casa. No centro, agrupados como uma margarida, havia seis disparos perfeitos. Santa merda. Depois de ter sido um desastre em tudo o que lhe tinham ensinado até agora no que concerne a lutar, finalmente se sobressaía em algo.

Bem, não fazia isto que se esquecesse da dor de cabeça?

Uma mão pesada aterrisou em seu ombro, e a voz de Wrath estava cheia de orgulho.

—Tem-no feito bem, filho. Verdadeiramente bem.

John estirou a mão e desenganchou o objetivo.

—Bom —disse Wrath.— É tudo por hoje. Verifiquem as armas, meninos.

—Hei, Qhuinn —chamou Blay— Viu isto?

Qhuinn deu sua arma a um dos doggen e se aproximou.

—Uau. Aí tem uma verdadeira merda do Harry o Sujo.

John dobrou o papel e o pôs na parte de atrás de seu jeans. Quando devolveu a arma ao carrinho, tratou de imaginar como identificá-la outra vez para poder utilizar na próxima prática. Ah... embora os números de série tenham sido apagados, havia uma marca débil no carregador, um arranhão. Realmente podia encontrar sua arma outra vez.

—Se movam —disse Wrath enquanto apoiava seu imenso corpo contra a porta— O ônibus espera.

Quando John levantou a vista depois de devolver a arma, Lash estava bem detrás dele, todo ameaça e perigo. Em um movimento fluido o tipo se inclinou e baixou sua Glock com o canhão apontando para o peito de John. Para deixar claro, manteve o dedo no gatilho durante um momento.

Blay e Qhuinn se juntaram, bloqueando o caminho. O movimento foi feito de forma verdadeiramente casual, como se simplesmente estivessem ali por azar, mas a mensagem foi clara. Com um encolhimento de ombros, Lash levantou a mão da Glock e em seu caminho para a porta bateu o ombro do Blay com o seu.

—Bode —murmurou Qhuinn.

Os três amigos saíram para o vestiário, onde recolheram seus livros e se dirigiram fora juntos. Já que John ia utilizar o túnel para voltar para a mansão, detiveram-se frente à porta do velho escritório de Tohr.

Enquanto os outros estudantes passavam, Qhuinn manteve a voz baixa.

—Temos que sair esta noite. Não posso esperar. —Fez uma careta e mudou sua postura como se tivesse papel de lixa nas calças—Estou meio louco por uma mulher, sabe o que quero dizer?

Blay ruborizou um pouco.

—Eu... ah, sim, posso lidar com um pouco de ação. John?

Arrojado por seu êxito no campo de tiro, John assentiu.

—Bem. —Blay subiu os jeans— Devem ir ao ZeroSum.

Qhuinn franziu o cenho.

—Que tal ao Screamer?

—Não, quero o ZeroSum.

—Bem. E podemos ir em meu carro. —Qhuinn deu uma olhada— John, por que não pega o ônibus e vai a casa de Blay?

Deveria me mudar?

—Pode emprestar um pouco de roupa. Tem que estar bem arrumado para o ZeroSum.

Lash apareceu de nenhum lugar, como um golpe imprevisto no estômago.

—Assim via descer à cidade, John? Possivelmente o veja lá, colega.

Com uma careta desagradável e perigosa, partiu tranqüilamente, seu corpo a ponto de esticar-se, seus musculosos ombros movendo-se como se esperasse uma briga. Ou quisesse uma.

—Soa como se quisesse um encontro, Lash —grunhiu Qhuinn— Boa jogada, porque se mantiver essa merda, vai conseguir que o fodam, colega.

Lash se deteve e olhou para trás, as luzes do teto se vertiam sobre ele.

—Ouça, Qhuinn, Diga olá a seu pai por mim. Sempre gostou mais de você. Por outro lado, eu sim encaixo.

Lash tocou no lado do olho com o dedo do meio e seguiu seu caminho.

Depois dele, o rosto do Qhuinn se fechou, se convertendo em uma estátua.

Blay pôs a mão na parte de atrás do pescoço dele.

—Escuta, nos dê quarenta e cinco minutos em minha casa, OK? Então nos pegue.

Qhuinn não respondeu em seguida, e quando finalmente o fez sua voz foi baixa.

—Sim. Nenhum problema. Perdoem-me um segundo?

Qhuinn deixou cair os livros e voltou para o vestiário. Quando a porta se fechou com suavidade, John gesticulou:

As famílias de Lash e Qhuinn estão unidas?

—Ambos são primos irmãos. Seus pais são irmãos.

John franziu o cenho.

O que quis dizer Lash apontando o seu olho?

— Não se preocupe por...

John pegou o antebraço dele.

Diga-me isso. Blay esfregou seu cabelo vermelho como se tentasse conseguir uma resposta.

— Bom... é como... o pai do Qhuinn é um homem importante na glymera, sabe? E sua mãe também. E na glymera não se aceitam defeitos.

Isto foi dito como se o explicasse tudo.

Não o safado. O que está errado com seu olho?

— Um azul. Outro verde. Como não são da mesma cor, Qhuinn nunca vai poder emparelhar-se... e, já sabe, seu pai se envergonhará dele toda a vida. Não é uma boa merda, e por isso estamos sempre em minha casa. Precisa escapar de seus pais. — Blay olhou a porta do vestuário como se pudesse ver seu amigo através dela — A única razão pela qual não o jogaram é porque esperavam que a transição possivelmente o desencardisse. É por isso que acabou utilizando alguém como Marna. Tem sangue muito bom, e acredito que o plano era que pudesse ajudar.

Não o fez.

— Não. Provavelmente lhe pedirão que parta em algum momento. Eu já tenho um quarto preparado para ele, mas duvido que o utilize. Muito orgulho. E está em todo seu direito.

John teve um horrível pensamento.

Como se fez o machucado? A que tinha no rosto depois da transição?

Nesse momento a porta do vestuário se abriu e Qhuinn saiu com um sólido sorriso em seu lugar.

— Vamos, cavalheiros? — quando recolheu os livros, sua arrogância tinha retornado — Vamos antes de que as tias boas estejam todas tomadas no clube.

Blay bateu no ombro dele.

— Seguiremos você, maestro.

Quando se dirigiram ao estacionamento subterrâneo, Qhuinn ia na frente, Blay atrás, John no meio.

Quando Qhuinn desapareceu pelos degraus do ônibus, John pegou Blay pelo ombro.

Foi seu pai, não?

Blay vacilou. Logo assentiu uma vez.

CAPÍTULO 18

Certo, isto podia considerar-se genial como o inferno ou terrível como a merda. Enquanto Jane caminhava, era como se estivesse atravessando um túnel subterrâneo em um filme de Jerry Bruckheimer. Este cenário parecia diretamente tirado de um filme de alto custo realizado em Hollywood: de aço, tenuemente iluminado por luzes fluorescentes embutidas, imensamente largo. Em qualquer momento um Bruce Willis saído do ano 1980 ia aparecer correndo com os pés descalços, vestindo uma andrajosa camiseta de suspensórios e conduzindo uma metralhadora.

Olhou os painéis fluorescentes do teto, logo o gentil chão de metal. Estava disposta a apostar que se perfurasse as paredes esas teriam um metro de espessura. Homem, estes caras tinham dinheiro. Muito dinheiro. Mais do que poderia conseguir se estivesse vendendo drogas controladas no mercado negro ou subministrando cocaína, crack e demais vícios alucinógenos. Este era dinheiro em escala governamental, sugerindo que os vampiros não eram só outra espécie; eram outra civilização.

Enquanto os três avançavam, surpreendeu-se de que a deixassem solta. Mas bom, o paciente e seu amigo estavam armados com pistolas...

— Não — o paciente negou com a cabeça — Não está algemada porque não tentará fugir. Jane ficou boquiaberta.

— Não leia a minha mente.

— Sinto muito. Não tinha intenção de fazê-lo, só aconteceu.

Esclareceu a garganta, tratando de não apreciar quão magnífico parecia de pé. Vestido com uma calça de pijama de tecido escocês Black Watch²⁴ e uma camiseta de regata negra, movia-se devagar, mas com uma confiança letal que era irresistível.

Do que tinham estado falando?

— Como sabe que não sairei correndo?

— Não falhará com alguém que precisa de atenção médica. Não está em sua natureza, não é?

Bom... merda. Conhecia-a bastante bem.

— Sim, esta certo. — disse.

— Termine com isso.

Rede Sox olhou para Jane e o paciente.

— Sua habilidade para ler a mente está retornando?

— Com ela? Às vezes.

— Huh. Está captando algo de alguém mais?

— Não.

Rede Sox acomodou o boné.

— Bom, ah... me deixe saber se captar alguma merda de minha parte, OK? Há algumas coisas que preferiria manter em particular, entende?

— Entendido. Embora algumas vezes não posso evitá-lo.

— É pelo que vou começar a pensar em beisebol quando estiver pelos arredores.

— Dou obrigado de que não seja admirador dos Yankees.

— Não use a palavra Y. Temos companhia feminina.

Nada mais foi dito enquanto continuavam avançando através do túnel, e Jane teve que perguntar-se se estava perdendo a razão. Deveria haver se sentido aterrorizada neste escuro lugar subterrâneo com dois enormes homens como escolta de natureza vampírica. Mas não o estava. Estranhamente se sentia a salvo... como se o paciente fosse protegê-la pela promessa que lhe tinha feito e Rede Sox iria fazer o mesmo devido a seu vínculo com o paciente.

Onde demônios estava a lógica nisso? Perguntou-se.

Me dê um E! Um S! Uma T! Um O! Um U! Seguidas de C-A-L-M-A! O que se formava? PROLEMA NA CABEÇA.

O paciente se inclinou para seu ouvido.

— Não posso ver você no papel de animadora. Mas tem razão, ambos mataríamos qualquer que se atrevesse sequer a sobresaltar você. — O paciente voltou a endireitar-se, uma gigantesca massa de testosterona a meio-fio com botas militares.

Jane bateu em seu antebraço e lhe fez gestos com o dedo indicador para que voltasse a inclinar-se. Quando o fez, sussurrou:

²⁴ Black Watch, terceiro Batalhão do Regimento Real de Escócia é um batalhão de infantaria. É um regimento do Highlanders, e o nome foi dado devido ao escuro tartán que usavam e por sua atribuição de vigiar as Highlands.

— Assustam-me os ratos e as aranhas. Mas não precisa usar essa pistola que leva no quadril para abrir uma fossa na parede se alguém me cruzar o caminho, entende? As armadilhas Havahart ou um jornal enrolado funcionam da mesma maneira. E têm a vantagem de que, dessa forma, não precisa uma placa de pladur e um trabalho de gessa depois. Só é uma sugestão.

Deu tapinhas em seu braço, despedindo-o, e voltou a se concentrar no túnel que tinha na frente.

V começou a rir, torpemente no início, logo mais profundamente, e Jane sentiu que Rede Sox a observava. Encontrou seus olhos sem titubear, esperando encontrar alguma espécie de recriminação neles. Em troca, ali só havia alívio. Alívio e aprovação enquanto o homem... macho... Cristo, o que fosse... a observava e logo a seu amigo.

Jane ruborizou e afastou a vista. O fato de que ele evidentemente não estivesse irritado, por estar ocupando um lugar ao lado de seu melhor-amigo, com ela a respeito de V não deveria ter sido um ganho. De nenhuma forma.

Uns cinquenta metros depois chegaram a umas escadas baixas que levavam a uma porta com um mecanismo de fechadura apoiado em um sistema de barras do tamanho de sua cabeça. Quando o paciente se adiantou e introduziu um código, imaginou que iriam entrar em uma espécie de ambiente ao estilo 007...

Bom, apenas. Era um armário com prateleiras cheias de cadernetas legais de artigos amarelos, cartuchos para impressoras e caixas com cliques para documentos. Talvez do outro lado...

Não. Era só um escritório. Um escritório comum do tipo de posto de comando médio com uma mesa e uma cadeira giratória, arquivos e um computador.

Certo, nada do filme Duro de Matar, de Jerry Bruckheimer, aqui. Mais parecia um anúncio de Seguros Allstate. Ou uma companhia de hipotecas.

— Por aqui — disse V.

Saíram por uma porta de vidro para um corredor branco sem marcas que levava a uma porta dupla de aço inoxidável. Atrás delas havia um ginásio de qualidade profissional, um suficientemente grande para acolher uma partida entre equipes profissionais de basquete, um torneio de luta, e uma exibição de voleibol ao mesmo tempo. Havia colchonetes azuis dispostos pelo lustroso chão cor mel, e sacos de areia pendurando debaixo da fila inferior dos degraus.

Muito dinheiro. Muitíssimo. E como tinham construído tudo isto sem que alguém do lado humano se inteirasse? Devia haver muitíssimos vampiros. Certamente.

Operários e arquitetos e artesãos... todos capazes de passar por humanos se o quisessem.

A geneticista nela pegou um sério caso de tensão cerebral. Se os chimpanzés compartilhavam noventa e oito por cento de DNA com os humanos, quão perto estavam os vampiros? E falando de um ponto de vista evolutivo, quanto tinha se desviado este ramo desta outra espécie afastando-se dos símios e os Homo Sapiens? Sim... uau... daria o que fosse para dar uma olhada a sua dupla hélice. Se na verdade fossem limpar sua mente antes de deixá-la ir, a ciência médica estava perdendo muitas coisas. Especialmente dado que não contraíam câncer e se curavam tão rapidamente.

Que oportunidade.

No lado mais longínquo do ginásio se detiveram frente a uma porta de aço que dizia EQUIPAMIENTO/SALA DE FISIOTERAPIA. Dentro havia mesas e montes de armas. Um arsenal de espadas e shurikens de artes marciais. Adagas que estavam encerradas em armários, pistolas e estrelas pontiagudas.

— Deus... querido.

— Isto é só com propósitos de treinamento — disse.

—Então que demônios usam para lutar? —Enquanto todo tipo de cenários da Guerra dos Mundos desfilassem por sua cabeça, percebeu o familiar aroma de sangue. Bom, meio-familiar. Havia uma matiz diferente no aroma, algo picante, e lembrou a mesma fragrância parecida com o vinho de quando tinha tido o seu paciente na sala de cirurgia.

Do outro lado uma porta que dizia fisioterapia, abriu-se de repente. O lindo vampiro loiro que a tinha transportado tirando-a do hospital apareceu pelos umbrais da porta.

—Graças a Deus que está aqui.

Todos os instintos médicos de Jane foram despertados enquanto entrava em uma sala ladrilhada e via os pés revestidos por um par de botas pendurando-se de uma maca. Adiantou-se aos homens, afastando-os aos empurrões de seu caminho para poder chegar ao homem que estava estendido na mesa.

Era o que a tinha hipnotizado, que tinha os olhos amarelos e o cabelo espetacular. E realmente precisava de atenção. A região orbital esquerda de seu rosto estava esmagada para dentro, a pálpebra tão inchada que não podia abri-lo, essa metade de seu rosto tinha o dobro do tamanho normal. Pressentia que o osso sobre o olho afundou, do mesmo modo que a maçã do rosto.

Pô-lhe a mão no ombro e encontrou seu olhar no olho que tinha aberto.

—Parece um saco de batatas.

Ele esboçou um débil sorriso.

—Não me diga.

—Mas vou consertar você.

—Acredita que pode fazê-lo?

—Não —sacudiu a cabeça de um lado para o outro— Sei que posso.

Não era cirurgia plástica, mas dada a capacidade de cicatrização que tinha o vampiro, sentia-se confiante de que poderia encarregar-se dos problemas que tinha sem danificar sua aparência. Assumindo que tivesse os medicamentos adequados.

A porta voltou a se abrir amplamente, e Jane congelou. OH, Deus, era o gigante com o cabelo negro azeviche e os óculos de sol envolventes. Perguntou-se se não teria sido um sonho, mas evidentemente era real. Totalmente real. E no comando. Andava como se fosse dono de tudo e de todos na sala e pudesse dispor de tudo com um só movimento da mão.

Deu uma olhada em sua direção perto da maca do enfermo e disse:

—Me digam que isto não está acontecendo.

Instintivamente Jane deu um passo para trás em direção a V, e exatamente enquanto o fazia, sentiu que ele se aproximava por trás. Embora não a tocasse, soube que estava perto. E preparado para defendê-la.

O de cabelo negro sacudiu a cabeça em direção ao homem ferido.

—Phury... pelo amor do demônio, temos que levar você até o Havers.

Phury? Que tipo de maldito nome era esse?

—Não —foi a débil resposta.

—Por que demônios não?

—Bela está lá. Se me vir neste estado... vai se assustar... Já está sangrando.

—Ah... merda.

—E temos alguém aqui capaz de ajudar. —disse ele ofegando. Seu único olho se moveu para Jane—Não é verdade?

Quando todos olharam em sua direção, o de cabelo negro pareceu crescer. Por isso foi uma surpresa quando disse:

—Tratará de nosso irmão?

A solicitude não foi intimidatória, e foi formulada respeitosamente. Evidentemente tinha estado aborrecido principalmente porque seu amigo tinha se machucado e não estava recebendo cuidados.

Esclareceu a garganta.

— Sim, farei-o. Mas, o que tenho para trabalhar? Vou ter que colocá-lo para dormir...

— Não se preocupe com isso — disse Phury.

Dirigiu-lhe um olhar enviesado.

— Quer que trate de seu rosto sem utilizar anestesia geral?

— Sim.

Talvez tivessem uma tolerância à dor diferente...

— Está louco? — murmurou Rede Sox.

OK, talvez não.

Mas basta de conversa. Assumindo que este homem com o rosto do Rocky Balboa se curasse tão rapidamente como seu paciente, devia operá-lo agora, antes que seus ossos se colassem novamente de maneira errada e tivesse que voltar a quebrá-los.

Olhando a sala a seu redor, viu armários com portas de vidro cheios de medicamentos, e confiou em que pudesse reunir uma equipe cirúrgica com o que havia ali.

— Suponho que nenhum de vocês tem experiência médica, não?

V falou, bem em seu ouvido, quase tão perto como sua própria roupa.

— Sim, eu posso te assistir. Fui treinado como paramédico.

Olhou-o por cima do ombro, uma baforada de calor atravessando-a.

Volte para o jogo, Whitcomb.

— Bem. Tem anestesia local de qualquer tipo?

— Lidocaína.

— E sedativos? E talvez um pouco de morfina. Se se mover no momento equivocado, poderia deixá-lo cego.

— Sim. — Quando V avançou para os armários de aço inoxidável, Jane notou que ele cambaleava. Essa caminhada pelo túnel tinha sido longa, e embora na superfície parecesse curado, apenas fazia uns dias que tinha saído de uma cirurgia do coração.

O segurou pelo braço e o puxou.

— Vai se sentar. — Olhou para Rede Sox — Lhe Traga uma cadeira. Agora. — Quando o paciente abriu a boca para discutir, interrompeu-o ao dirigir-se ao outro lado da sala — Não me interessa. Necessito que ponha as pilhas enquanto opero, e isso pode levar um tempo. Está melhor, mas não tão forte como quer acreditar estar, assim senta seu traseiro e me diga onde posso conseguir o que necessito.

Fez-se um silêncio que durou o batimento de um coração, logo alguém ladrou uma risada enquanto seu paciente amaldiçoava como cortina ao fundo, parecia que o rei começou a lhe sorrir.

Rede Sox arrastou uma cadeira da banheira de hidromassage e a empurrou diretamente contra a parte de atrás das pernas de V.

— Estacione, grandão. Ordens de sua doutora.

Quando o paciente se sentou, ela disse:

— Agora, isto é o que vou precisar.

Enumerou: escalpo padrão, fórceps, material de sucção, logo pediu arame cirúrgico e fio, betadine, solução salina para enxaguar, pedaços de gaze, luvas de látex...

Surpreendeu-se por quão rápido reuniu tudo, mas bom, ela e seu paciente estavam na mesma onda. Dirigia-a através da quarto sucintamente, antecipando o que pudesse querer, e não desperdiçava palavras. O perfeito enfermeiro, se isso existia.

Deixou sair um enorme suspiro de alívio ao ver que tinham uma furadeira cirúrgica.

— E suponho que não terão um equipamento de lupa que se ajuste à cabeça?

— O armário que está junto ao carro de paradas cardíacas — disse V — Na gaveta de abaixo. À esquerda. Quer que lave bem as minhas mãos?

— Sim. — Foi e localizou o equipamento — Temos aparelho de raios X?

— Não.

— Merda. — Pôs as mãos nos quadris —. Não importa. Irei às cegas.

Enquanto colocava a lupa na cabeça, V se levantou e foi lavar as mãos e os antebraços na pia que havia no canto mais afastado. Quando terminou tomou seu lugar, logo colocou as luvas.

Retornou ao lado do Phury, olhando seu olho bom.

— Provavelmente, isto doerá mesmo com a anestesia local e um pouco de morfina. Provavelmente desmaie, e espero que isso aconteça o mais breve possível.

Foi procurar uma seringa e sentiu a familiar sensação de poder envolvê-la enquanto se preparava para arrumar o que precisava ser reparado...

— Espera — disse ele — Nada de drogas.

— O que?

— Só faze-o. — Havia uma repugnante antecipação em seu olho, uma que não era correta em muitos níveis. Desejava que o machucassem.

Entrecerrou os olhos. E se perguntou se ele tinha permitido que lhe ocorresse isto.

— Sinto muito. — Jane cravou o plugue de borracha da lidocaína com a agulha. Enquanto tirava o que precisava, disse — Não há uma maldita forma de que proceda sem o anestesiá-lo. Se realmente estiver contra isso, procure outro cirurgião.

Deixou a pequena garrafa de vidro sobre uma bandeja de aço com rodas e se inclinou sobre seu rosto, com a seringa apontando ao ar.

— Assim, o que decide? A mim e este líquido anestésico ou... sim, ninguém?

O olhar amarelo flamejou com fúria, como se o estivesse prendendo em armadilhas.

Mas então o homem que parecia um rei tomou a palavra.

— Phury, não seja idiota. Estamos falando de sua vista. Se cale e deixa-a fazer seu trabalho.

O olho amarelo se fechou.

— Está bem — murmurou ele.

Foi duas horas depois que Vishous decidiu que tinha problemas. Grandes problemas. Enquanto olhava as fileiras de pulcros e pequenos pontos negros no rosto de Phury, sentiu-se afligido até o ponto de ficar mudo.

Sim. Tinha mega problemas.

Jane Whitcomb, doutora em medicina, era uma perfeita cirurgiã. Uma absoluta artista. Suas mãos eram instrumentos elegantes, seus olhos agudos como o escalpelo que usava, sua concentração tão feroz e concentrada como a de um guerreiro em plena batalha. Em ocasiões trabalhava a uma velocidade avassaladora, e em outras baixava o ritmo até que parecia que não estar se movendo. O osso orbital do Phury se quebrou em vários lugares, e Jane os tinha unido passo a passo, removendo lascas que eram brancas como ostras, brocando o crânio e passando arame entre os fragmentos, pondo um pequeno parafuso em sua maçã do rosto.

V podia dar-se conta de que não estava completamente feliz com o resultado pelo duro olhar que tinha no rosto quando fechou a ferida. E quando lhe perguntou qual era o problema, disse-lhe que teria preferido pôr uma placa na maçã do rosto de Phury, mas como não tinham esse tipo de equipamento à mão, só restava esperar que o osso se soldasse rapidamente.

Do início ao fim tinha tido o controle absoluto. Até o ponto que o tinha excitado, o que era tão absurdo como vergonhoso. O que ocorria era que nunca tinha conhecido uma fêmea —uma mulher— como ela antes. Acabava de fazer cargo de seu irmão de uma forma magnífica, com uma habilidade que V não podia esperar igualar.

OH... Deus... Tinha grandes problemas.

—Como está sua pressão arterial?

—Estável —respondeu ela. Phury tinha estado desacordado passados uns dez minutos do início, embora sua respiração continuasse forte, do mesmo jeito que sua pressão arterial.

Enquanto Jane limpava a área ao redor do olho e o maçã do rosto e começava a enfaixá-la com gaze, Wrath esclareceu a garganta da porta de entrada.

—O que acontecerá com sua vista?

—Não saberemos até que ele nos diga —disse Jane— Não tenho forma de determinar se o nervo óptico sofreu danos ou se tiver algum machucado na córnea ou na retina. De ter ocorrido qualquer uma dessas coisas, vai ter que mudar-se para outro lugar para que o curem, e não só pelos limitados recursos que há aqui. Não sou cirurgiã oftálmica, e nem sequer tentaria praticar esse tipo de operação.

O Rei subiu um pouco os óculos sobre o reto nariz. Como se estivesse pensando em seus fracos olhos e esperando que Phury não tivesse que lutar com esse tipo de problemas.

Depois que Jane cobriu o lado do rosto do Phury com gaze, passou uma boa quantidade de ataduras ao redor de sua cabeça formando um turbante, logo pôs os instrumentos que tinha usado em um recipiente. Para evitar olhá-la obsessivamente, V se ocupou de atirar as seringas usadas, as partes de gaze, e as agulhas junto com o tubo descartável do aparelho de sucção.

Jane tirou as luvas cirúrgicas.

—Falemos de infecção. Quão suscetível é sua espécie?

—Não muito. —V desceu para sentar-se na cadeira. Odiava admiti-lo, mas estava cansado. Se não o tivesse obrigado a descansar, a estas alturas já estaria morto sobre seus pés— Nosso sistema imunológico é muito forte.

—Seu médico lhe receitaria antibióticos como medida contra infecções?

—Não.

Foi até o Phury e o olhou fixamente como se estivesse lendo seus sinais vitais sem utilizar um estetoscópio ou um bracelete para medir a pressão sangüínea. Logo estirou a mão e alisou o extravagante cabelo para trás. O sentido de posse em seu olhar e o gesto chatearam V, embora não devesse fazê-lo. É obvio que Jane tinha um interesse especial em seu irmão. Acabava de pôr em seu lugar um lado de seu rosto.

Mas ainda assim.

Merda, os machos vinculados eram um chute no traseiro, não é mesmo?

Jane se inclinou para o ouvido de Phury.

—Se comportou muito bem. Tudo vai ficar bem. Só descansa e deixa que essa fantástica cicatrização que tem fique a trabalhar, OK? —depois de dar tapinhas no ombro, apagou o potente abajur que havia sobre a maca—. Deus, eu adoraria estudar a sua espécie.

Uma rajada de frio chegou do canto, enquanto Wrath dizia:

—Não tem a menor possibilidade, Doc. Não seremos feitos de coelhinhos da índia para os entusiastas da raça humana.

—Não tinha esperanças de que acontecesse. —Olhou a todos— Não quero que fique sozinho, assim ou eu fico com ele ou alguém mais o faz. E se eu for , vou querer controlá-lo em aproximadamente umas duas horas para ver como está evoluindo.

—Ficaremos aqui —disse V.

— Parece como se estivesse a ponto de cair.

— Isso não acontecerá.

— Só porque está sentado.

A idéia de ser fraco frente a ela agravou sua voz.

— Não se preocupe por mim, mulher.

Ela franziu o cenho.

— Certo, isso foi a declaração de um fato, não preocupação. Faz o que quiser com isso.

Ouch. Sim... simplesmente ouch.

— Como é. Estarei aqui fora. — V se levantou e saiu rapidamente.

Na sala de equipamento pegou uma garrafa da Aquafina do refrigerador, logo se estirou sobre um dos bancos. Enquanto abria tampa, foi levemente consciente de que Wrath e Rhage entravam e lhe diziam algo, mas não estava seguindo o fio.

Que quisesse que Jane se preocupasse com ele o voltava louco. Sentir-se mal porque não o fazia era ainda pior que um problema de ego.

Fechou os olhos e tratou de ser lógico. Não tinha dormido em semanas. O pesadelo o tinha atormentado. Quase tinha morrido.

Tinha conhecido a sua monstruosa mãe.

V sorveu a maior parte da água. Estava pior que em mal estado, e devia ser por isso que captava sentimentos. Não se tratava de Jane. Era a situação. Sua vida era uma salada de frutas de confusões de merda, e essa era a razão pela qual estava se comportando de maneira tão possessiva com ela. Porque seguro como a merda que não lhe estava dando nada em que apoiar-se. Tratava-o como a um paciente e com uma curiosidade científica. E sobre o orgasmo que quase lhe deu? Estava condenadamente certo de que se tivesse estado completamente acordada nunca teria acontecido. Essas imagens que tinha tido dele eram as fantasias de uma mulher a respeito de estar com um monstro perigoso. Não se deviam ao fato de que estivesse interessada nele na vida real.

— Hei.

V abriu os olhos e olhou para Butch.

— Hei. — O poli empurrou os pés de V para um lado e se sentou no banco — Homem, fez um excelente trabalho com o Phury, não acredita?

— Sim. — V olhou a porta aberta que dava à sala de fisioterapia — O que está fazendo lá dentro?

— Revisando todos os armários. Disse que queria ver o inventário, mas realmente penso que quer permanecer junto ao Phury e está tratando de que pareça algo casual.

— Não tem que observá-lo todo o tempo — murmurou V.

Quando a frase abandonou sua boca, não podia acreditar que estivesse ciumento de seu irmão ferido.

— O que quero dizer é...

— Não. Não se preocupe. Entendo você.

Quando Butch começou a fazer soar seus nódulos, V amaldiçoou em seu interior e pensou em ir embora dali. Esses sons de estalos tendiam a ser o prelúdio de uma conversa importante.

— O que?

Butch flexionou os braços, sua camisa Gucci estreitando-se firmemente sobre seus ombros.

— Nada. Bom nada mais que... quero que saiba que aprovo.

— O que?

— Ela. Você e ela. — Butch o olhou, e logo afastou o olhar — É uma boa combinação.

No silêncio que se seguiu, V examinou o perfil de seu melhor amigo, do cabelo escuro que lhe caía sobre a inteligente frente do nariz quebrado e a sobressalente mandíbula. Pela primeira

vez em muito tempo não ansiou por Butch. O que deveria ter sido qualificado como uma melhoria. Em vez disso, sentiu-se pior por uma razão diferente.

— Não há ela e eu, amigo.

— Mentira. Vi você após ter me curado. E a conexão se está fazendo mais forte com cada hora que passa.

— Não está acontecendo nada. Estou dizendo a verdade a você.

— Bom, certo... Como está essa água?

— Desculpe?

— Está quente o Nilo nesta época do ano?

Enquanto V ignorava o sarcasmo, encontrou-se concentrando-se nos lábios de Butch. Em uma voz muito fraca disse:

— Sabe... Queria ter relações sexuais com você.

— Sei. — Butch virou a cabeça, e seus olhos se encontraram — Isso passou agora, não?

— Acredito que sim.

Butch indicou com a cabeça para a sala de fisioterapia.

— Por causa dela.

— Talvez. — V olhou através da sala de equipamento e captou uma vista de Jane enquanto percorria os armários. A resposta de seu corpo quando se dobrou pela cintura foi imediata, e teve que mover os quadris para evitar que a cabeça de sua ereção fosse espremida como uma laranja. Quando a dor minguou, pensou a respeito do que tinha sentido por seu companheiro de quarto.

— Devo dizer, que me surpreendeu que ficasse tão tranquilo com todo o assunto. Pensei que teria calafrios ou alguma merda assim.

— Não pode evitar o que sente. — Butch olhou as mãos fixamente, examinando-as unhas. O pulseira de seu Piaget. A colocação da cadeia de platina em seu pulso.

— Além disso...

— O que?

O poli negou com a cabeça.

— Nada.

— Diga-o.

— Não. — Butch se levantou e se estirou, arqueando seu grande corpo — Vou retorno ao Pit...

— Você me desejava. Talvez um pouco.

Butch se assentou sobre sua espinha dorsal, os braços caindo aos flancos, sua cabeça ficando em seu lugar. Franziu o cenho, enrugando todo o rosto.

— Entretanto, não sou gay.

V deixou cair a mandíbula um quarto e sacudiu a cabeça para frente e para trás.

— Não me diga? Isso é uma tremenda surpresa. Estava certo que toda essa merda de sou-um-bom-menino-irlandês-católico-do-sul era uma fachada.

Butch lhe mostrou dedo do meio.

— Como é. Aceito o homossexuais. No que diz respeito a mim, as pessoas deveriam deitar-se com quem quisessem de qualquer forma que os excitasse sempre e quando todos os envoltos fossem maiores de dezoito anos e ninguém saísse ferido. É só que eu prefiro mulheres.

— Se tranquilize. Só estou brincando.

— Melhor que assim seja. Sabe que não sou “homofóbico”.

— Sim, sei.

— Então, é?

— Um “homofóbico”?

—Gay ou bissexual.

Quando V exalou, desejou que fosse porque tinha um cigarro entre os lábios, e por reflexo verificou o bolso, reconfortado pelo fato de que havia trazido alguns néscios com ele.

—Olhe, V, sei que se atira as fêmeas, mas a forma em que o faz é só pelo caminho do couro-e-cera. É diferente quando faz com caras?

V acariciou o cavanhaque com a mão enluvada. Sempre havia sentido como se não houvesse nada que ele e Butch não pudessem dizer um ao outro. Mas isto... isto era difícil. Em grande parte porque não queria que nada mudasse entre eles e sempre tinha temido que se seus entendimentos sexuais fossem discutidos muito abertamente, as coisas ficariam muito estranhas. A verdade era que Butch era heterossexual por natureza, não só por nascimento. E se sentia algo um pouco distinto aqui e lá por V? Era uma aberração que provavelmente o fizesse se sentir incômodo.

V fez rodar a garrafa de Aquafina entre as palmas de suas mãos.

—Faz quanto que quer me fazer essa pergunta? Sobre o assunto de ser gay.

—Há um tempo.

—Tinhas medo de qual seria a resposta?

—Não, porque não me importa que seja de uma forma ou outra. Estou com você já seja que você goste dos machos ou das fêmeas, ou os dois.

V olhou seu amigo nos olhos e se deu conta que... Sim, Butch não ia julgá-lo. Estariam bem sem importar nada.

Com uma maldição, V esfregou o centro do peito e piscou. Nunca tinha chorado mas sentiu que poderia fazê-lo nesse momento.

Butch assentiu como se soubesse exatamente o que lhe estava passando.

—Como disse, amigo, seja o que for. Você e eu? Será o mesmo sempre, sem importar a quem você foda. Embora... se você gostasse das ovelhas, seria duro. Não sei se poderia suportá-lo.

V teve que sorrir.

—Não me atiro aos animais de granja.

—Não pode suportar o feno em suas calças de couro?

—Nem a lâ entre os dentes.

—Ah. —Butch voltou a olhar para trás— Então que qual é a resposta, V?

—Qual pensa que é?

—Acredito que o tem feito com machos.

—Sim. Tenho-o feito.

—Mas imagino... —Butch moveu o dedo—. Imagino que você não gosta muito mais que as mulheres com as quais faz o papel de Dom. A longo prazo ambos os sexos são irrelevantes para você porque nunca apreciou a ninguém verdadeiramente. Salvo a mim. E... a sua cirurgiaã.

V baixou os olhos, odiando ser tão transparente, mas sem sentir-se realmente surpreso pela rotina de escassa dissimulação que estava mostrando. Ele e Butch eram assim. Não havia segredos. E com esse estado de ânimo...

—Provavelmente deveria dizer algo a você, poli.

—O que?

—Uma vez violentei um macho.

Homem, poderia ter ouvido os grilos cantarem no silêncio que se seguiu.

Depois de um momento, Butch se afundou no banco.

—Fez isso?

—No acampamento guerreiro, se derrotasse a alguém enquanto treinava, você o fodia ante o resto dos soldados. E ganhei a primeira briga que tive depois de minha transição. O macho...

acredito que de certa forma consentiu. Quero dizer, submeteu-se, mas não estava certo. Eu... sim, não queria fazer-lhe mas não me detive. —V tirou um cigarro do bolso e olhou fixamente para baixo ao fino rolo branco— Foi a noite anterior a que deixasse o acampamento. Justo antes de que outras coisas me acontecessem.

—Essa foi sua primeira vez?

V tirou o acendedor mas não acendeu a luz.

—Maldita forma de começar, não.

—Jesus...

—De toda forma, depois de andar um tempo pelo mundo, experimentei com um monte de merda. Estava realmente zangado e... sim, simplesmente de saco cheio—olhou para Butch— Não há muito que não tenha feito, poli. E a maior parte disso foi perverso, se entende o que quero dizer. Sempre houve consentimento, mas foi —ainda é— uma conduta marginal. —V riu tensamente— Curiosamente igual esquece.

Butch ficou calado um momento. Logo disse:

—Acredito que por isso eu gosto de Jane.

—Huh?

—Quando a olha? Realmente a vê, e, quando foi a última vez que ocorreu isso a você?

V se impulsionou para cima, logo olhou constantemente para Butch nos olhos.

—Vi a você. Embora estivesse mau. Vi a você.

Merda, soava triste. Triste e... solitário. O que provocou nele uma necessidade de mudar de assunto.

Butch deu uma palmada na coxa de V, logo se levantou, como se soubesse exatamente o que V estava pensando.

—Escuta, não quero que se sinta mau. É meu magnetismo animal. Sou irresistível.

—Sabichão. —O sorriso de V não durou muito— Não deixe que seu lado romântico dispare a respeito de mim e Jane, amigo. É humana.

A mandíbula do Butch caiu e este lhe respondeu com uma graça.

—Não, sério? Isso é tão incrível! E eu pensando que era uma ovelha.

V lançou a Butch um olhar de “vai a merda”.

—Não tem esse tipo de sentimentos para mim. Não verdadeiramente.

—Esta seguro?

—Sim.

—Huh. Bom, se fosse você provaria essa teoria antes de deixá-la ir. —Butch passou uma mão pelo cabelo— Escuta, eu... merda.

—O que?

—Alegra-me que me dissesse isso. O assunto do sexo.

—Não disse a você nada novo.

—É certo. Mas imagino que me disse isso porque confia em mim.

—Faço-o. Agora vai para o Pit. Marissa deve estar a ponto de chegar em casa.

—Sim, é verdade. —Butch se dirigiu para a porta mas fez uma pausa e olhou por cima do ombro— V?

Vishous levantou a vista.

—Sim?

—Acredito que deveria sabê-lo depois desta conversa tão profunda... —Butch sacudiu a cabeça solenemente— Ainda assim não sairei com você.

Ambos romperam em gargalhadas, e o poli ainda estava rindo quando desapareceu dentro do ginásio.

—O que é tão engraçado? —perguntou Jane.

V abraçou a si mesmo antes de olhá-la, esperando como o inferno que não soubesse quanto lhe custava aparentar calma.

—Meu amigo se estava fazendo de engraçado. É o trabalho de sua vida.

—Todo mundo precisa de um propósito.

—Verdade.

Sentou-se no banco frente a ele, e V a comeu com os olhos como se tivesse estado na escuridão durante séculos e ela fosse uma vela.

—Precisará se alimentar outra vez? —perguntou-lhe.

—Duvido-o. Por que?

—Sua cor se foi.

Bom, ter o peito tão contraído o fazia isso a um macho.

—Estou bem.

Houve um longo silencio. Logo disse:

—Preocupe-me lá dentro.

O cansaço de sua voz fez que visse além da atração que sentia por ela e notasse o fato de que tinha os ombros cansados, que havia escuros círculos sob seus olhos e que suas pálpebras estavam baixas. Estava claramente apenas o pó.

Deve deixá-la ir, pensou. Logo.

—Por que estava preocupada? —perguntou.

—É uma área muito delicada para recompô-la em uma situação de campo como esta — esfregou o rosto—. Diga-se de passagem, esteve genial.

Ele arqueou as sobrancelhas.

—Obrigado.

Com um gemido, Jane colocou os pés sob o traseiro, como tinha feito no quarto sobre aquela cadeira.

—Preocupa-me sua vista.

Homem, como gostaria de poder lhe massagear as costas.

—Sim, não precisa outro impedimento.

—Já tem um?

—Uma prótese em uma perna...

—V? Incomodaria-se se eu trocasse umas palavras com você?

V virou a cabeça rapidamente para a porta do ginásio. Rhage tinha retornado, ainda usando a roupa de luta de couro.

—Hei, Hollywood. O que aconteceu?

Jane se desenroscou.

—Posso ir à outra...

—Fica —disse V. Nada disto seria permanente para ela, assim não importava o que escutasse. E além disso... havia uma parte dele —uma parte melosa que o fazia desejar bater em si mesmo com uma garrafa de licor na cabeça— que desejava lhe tirar o suco a cada segundo que tivesse com ela.

Quando se acomodou novamente em seu lugar, V assentiu para seu irmão.

—Fale.

Rhage olhou de um para o outro, a V e a Jane, com seus olhos verde azulados muitos sagazes para o gosto do V. Logo ele encolheu os ombros.

—Encontrei um lesser incapacitado esta noite.

—Incapacitado de que forma?

—Estripado.

—Por um dos seus?

Rhage olhou para a porta da sala de fisioterapia.

—Não.

V olhou nessa direção e franziu o cenho.

—Phury? OH, vamos, nunca sairia com uma merda do Clive Barker. Deve ter sido uma briga descomunal.

—Estamos falando de talhado a tiras, V. Corte cirúrgicos. E não é como se a coisa tentasse pegar as chaves do carro do irmão e ele estivesse tentando recuperá-las. Acredito que o fez porque quis, sem uma boa razão.

Bom... merda. De toda a Irmandade, Phury era o cavalheiro, o nobre guerreiro, o boy scout... correto em tudo. Tinha toda tipo de regras para si mesmo, e a honra no campo de combate era uma delas, embora seus inimigos não merecessem o favor.

—Não posso acreditar —murmurou V— Quero dizer... merda.

Rhage tirou um pirulito do bolso, tirou-o do pacote e a meteu na boca.

—Não me importa uma merda se quer cortar em tirinha a esses filhos da puta como se fossem devoluções de impostos. O que não me convence é o que está provocando este comportamento. Se está esfaqueando dessa forma, há uma frustração muito grande correndo dentro dele. Além disso, se a razão de que lhe partissem a rosto esta noite se deveu a que estava ocupado jogando a Moto serra II, então é um problema de segurança.

—O disse o Wrath?

—Ainda não falei com ele, ia falar com Z primeiro. Assumindo que tudo saia bem na consulta que teve Bela com o Havers esta noite.

—Ah... então esse é o por que do Phury, não? Se algo chegasse a ocorrer a essa fêmea ou ao filho que leva dentro, teremos que lutar com ambos, como se o estivesse vendo. —V amaldiçoou para si mesmo, pensando súbitamente em todos as gravidezes que haveria em seu futuro. Caralho. Essa merda de Primale ia matá-lo.

Rhage mordeu a piruleta, o rangido amortecido por suas perfeitas bochechas.

—Phury tem que deixar de lado a obsessão que sente por ela.

V olhou para o chão.

—Não me cabe dúvida de que o faria se pudesse.

—Escuta, vou procurar Z. —Rhage tirou o palito branco da boca e o envolveu no papel púrpura— Vocês dois precisam de algo?

V olhou para Jane. Seus olhos estavam sobre o Rhage e estava apreciando-o como o faria um médico, tomando nota da composição de seu corpo, fazendo cálculos no interior de sua mente. Ou, ao menos, V esperava que fosse isso o que estava passando. Hollywood era um bastardo muito atraente.

Quando as presas de V palpitarão a modo de advertência, perguntou-se se alguma vez recuperaria sua calma e tranqüilidade. Parecia como se estando com o Jane se tornasse ciumento de tudo o que usasse calças.

—Não, estamos bem —disse ao irmão— Obrigado, homem.

Depois que Rhage se foi e fechou a porta, Jane se moveu sobre o banco, estirando as pernas. Com uma rajada de satisfação, V se deu conta de que estavam sentados exatamente na mesma posição.

—O que é um lesser? —perguntou.

Chamou-se a si mesmo de perdedor quando a olhou.

—Um assassino não morto que trata de caçar a minha raça até levá-la a à extinção.

—Não morto? —sua frente se enrugou, como se seu cérebro rechaçasse o que acabava de ouvir. Como se fosse um aparelho que não tivesse passado pelo controle de qualidade.

—Não morto como?

—Longo história.

—Temos tempo.

—Nem tanto. Não muito.

—Foi isso que atirou em você?

—Sim.

—E o que atacou ao Phury?

—Sim.

Houve um longo silêncio.

—Então estou contente de que cortasse ele.

As sobancelhas de V dançaram no início de seu cabelo.

—Está?

—A geneticista que há em mim se aborrece com a extinção. O genocídio é... absolutamente imperdoável. —ficou de pé e foi para a porta olhar para o Phury— Os matas? Aos... lessers?

—Para isso estamos aqui. Meu irmão e eu fomos concebidos para lutar.

—Concebidos? —Seus olhos verde escuro se transladaram para os dele— O que quer dizer?

—A geneticista em você sabe exatamente o que quero dizer. —Quando a palavra Primale ricocheteou agudamente em seu crânio como uma bala perdida, esclareceu a garganta. Merda, verdadeiramente não tinha nenhuma pressa por falar de seu futuro como o garanhão das Escolhidas com a mulher com a que realmente desejava estar. Que iria embora. Como o entardecer.

—E este é um estabelecimento para treinar a mais como vocês?

—Bom, soldados que nos apóiem. Meus irmãos e eu somos um pouco diferentes.

—Como é isso?

—Como disse, fomos especificamente concebidos para que fôssemos fortes, resistentes e sarássemos rapidamente.

—Por quem?

—Outra longo história.

—Me ponha a prova. —Quando não respondeu, pressionou-lhe— Vamos. Bem podemos falar, e realmente estou interessada em sua raça.

Não nele. Em sua raça.

V engoliu uma maldição. Homem, se ficasse um pouco mais teno com ela estaria usando esmalte para unhas.

Realmente queria acender o cigarro que tinha na mão, mas não ia fazê-lo em sua presença.

—As coisas habituais. Os machos mais fortes se emparelham com as fêmeas mais sagazes. O que dá como resultado tipos como eu, que são a melhor aposta para o amparo da raça.

—E as fêmeas nascidas destas uniões?

—Eram a base da vida espiritual da raça.

—Eram? Assim que essa espécie de emparelhamento seletivo já não se realiza?

—Na realidade... está começando outra vez. —Demônios, realmente precisava de um cigarro— Me desculpe?

—Aonde vai?

—Ao ginásio, fumar. —Deslizou o néscio entre os lábios, ficou de pé, e saiu ficando justo detrás da porta da sala de equipamento. Apoiando-se contra a parede de cimento do ginásio,

deixou a garrafa da Aquafina entre os pés e fez uso de seu acendedor. Enquanto pensava em sua mãe, exalou um defumado porra.

— A bala era estranha.

V virou a cabeça bruscamente. Jane estava na porta, com os braços cruzados sobre o peito, o cabelo loiro desordenado como se se esteve passando a mão através dele.

— Desculpe?

— A bala que o acertou. Usam armas diferentes?

Soprou sua seguinte torrente de fumaça em direção contrária, longe dela.

— Em que sentido era estranha?

— Habitualmente as balas têm forma cônica, a parte de acima termina em um ângulo agudo se for um rifle ou um pouco mais se for uma pistola. A que tem dentro é redonda.

V deu outra imersão a seu cigarro embalado à mão.

— Viu isso nos raios X?

— Sim, via-se como chumbo normal, ao menos foi o que pude apreciar. A bala era levemente irregular em seus bordos, mas isso provavelmente foi causado ao bater contra suas costelas.

— Bom... só Deus sabe que novo tipo de tecnologia estão usando os lessers. Como nós, têm seus brinquedos. — Olhou a ponta do cigarro — Falando disso, deveria agradecer você.

— Por que?

— Por me salvar.

— De nada. — riu um pouco — Fiquei tão surpresa quando vi seu coração.

— Sério?

— Nunca tinha visto algo assim antes. — Indicou a sala de fisioterapia com a cabeça —. Quero ficar com vocês até que seu irmão esteja completamente curado, está bem? Tenho um mau pressentimento a respeito dele. Não posso definir se parece estar bem, mas meus instintos estão gritando, e quando disparam assim sempre me arrependo se não prestar atenção. Além disso, de toda forma, não estou obrigada a retornar à vida real até na segunda-feira pela manhã.

V ficou congelado com o cigarro embalado a mão no meio do caminho para seus lábios.

— O que? — disse — Há algum problema com isso?

— Ah... não. Nenhum problema. Em nada.

Ficaria um pouco mais.

V sorriu para si mesmo. Então isto era o que se sentia quando se ganhava na loteria.

CAPÍTULO 19

Enquanto John estava parado na fila em frente do ZeroSum com Blay e Qhuinn, não estava feliz nem tampouco cômodo. Estavam esperando para entrar no clube durante mais ou menos hora e meia, e a única coisa boa era que a noite não era muito fria, fazendo com que suas bolas não se congelassem.

— Não estou me sentindo nada jovem aqui. — Qhuinn bateu os pés contra o chão — E não me arrumei tanto para ficar de vaso nesta fila.

John teve que admitir que o cara parecia elegante esta noite, camisa negra com o pescoço aberto, calças negras, botas negras, jaqueta negra de couro. Com seu cabelo escuro e olhos inquietos, estava atraindo muita de atenção por parte das fêmeas humanas. Por exemplo, agora mesmo duas morenas e uma ruiva estavam avançando pela fila, e quem o houvesse dito, as três giraram a cabeça quando passaram ao lado do Qhuinn. Este foi tipicamente descarado ao lhes corresponder as olhadas.

Blay amaldiçoou.

— Aqui meu colega vai ser um perigo público, não?

— Pode acreditar. — Qhuinn subiu as calças — Estou morto de fome.

Blay sacudiu a cabeça, e logo checkou a rua. Fazia isso muitas vezes, com olhos agudos, o braço esquerdo no bolso da jaqueta. John sabia o que estava nessa palma, a arma de uma nove milímetros. Blay estava armado.

Disse que tinha obtido a pistola de um primo dele, e que tudo era confidencial. Mas claro, tinha que sê-lo. Uma das regras do programa de treinamento era que supostamente não devia levar armas quando saía. Era uma boa regra, apoiada na teoria de que ter pouco conhecimento era algo perigoso, e no que referia a lutar, os estudantes não deveriam mostrar-se audazes como se tivessem meio cérebro. Ainda assim, Blay havia dito que não ia descer ao centro sem um pouco de metal, e John tinha decidido fingir que não sabia o que era esse vulto.

Havia uma pequena parte dele que pensava que se se encontrassem com o Lash pode que não fora tão má idéia tê-la.

— Bem, senhoritas — disse Qhuinn — Aonde vão?

John olhou para elas. Um par de loiras estavam diante de Qhuinn, olhando-o como se seu corpo fosse uma loja de doces em um cinema e estivessem se perguntando se começavam com as barras de chocolate ou as gominhas.

A da direita, que tinha o cabelo longo até o traseiro e uma saia tão grande como um guardanapo de papel, sorriu. Seus dentes eram tão brancos que brilhavam como pérolas.

— Vamos ao Screamer mas... se vão entrar aqui, pode ser que mudemos nossos planos.

— Faze-o fácil para todos e se una a nós na fila. — Qhuinn se inclinou em uma reverência, movendo a mão diante dele.

A loira olhou sua amiga, logo fez uma manobra Betty Boop, movendo o cabelo e os quadris. Parecia muito ensaiado.

— Simplesmente adoro um cavalheiro.

— Sou-o até a medula. — Estirou a mão, e quando Betty a pegou, colocou-a na fila. Dois caras franziram o cenho, mas um olhar de Qhuinn e pararam de fazê-lo, o que era compreensível. Era mais alto e largo que eles, um trailer frente a suas caminhonetes.

— Estes são Blay e John.

As moças sorriram abertamente para Blay, que ruborizou até ficar da cor de seu cabelo, e logo fizeram uma passada superficial sobre John. Este recebeu um rápido par de saudações com a cabeça e então a atenção delas voltou para seus amigos.

Pondo as mãos na jaqueta que lhe tinham emprestado, afastou-se para que a amiga da Betty pudesse apertar-se ao lado de Blay.

— John? Está bem aí? — perguntou Blay.

Assentiu e olhou a seu amigo, assinalando rapidamente:

Só distraído.

— OH, Meu Deus — disse Betty.

Voltou a colocar as mãos nos bolsos. Merda, sem dúvida tinha notado que tinha usado a linguagem de sinais, e agora aconteceria uma destas duas coisas: ou pensaria que era bonito, ou lhe daria pena.

— Seu relógio é muito lindo!

—Obrigado neném —disse Blay— Acabo de comprar na Urban Outfitters²⁵.

OH, claro. Não tinha notado nada em John.

Vinte minutos depois finalmente chegaram à entrada do clube, e foi um milagre que John passasse. Os gorilas da porta inspecionaram sua identificação quase com um microscópio de prótons, e estavam começando a negar com a cabeça quando veio um terceiro, deu uma olhada em Blay e Qhuinn, e os deixou passar a todos.

Depois de avançar dois passos pela porta, decidiu que esse não era seu estilo. Havia gente por toda parte, mostrando tanta pele que bem poderiam estar na praia. E esse casal que estava ali... merda, estava a mão desse cara sob sua saia?

Não, era a mão do cara que estava atrás. O que não estava beijando.

Por todo o lugar, a música tecno soava muito forte, os estridentes golpes ressonando através de um ar que estava viciado com suor e perfume, e algo almiscarado que suspeitava era sexo. Os lasers atravessavam a tênue luz, evidentemente apontando aos olhos, porque a qualquer lado que olhava, lhe cravavam com força.

Oxalá tivesse óculos de sol e tampões para os ouvidos.

Voltou a olhar ao casal... er, ao trio. Não estava certo, mas a mulher parecia ter as mãos nas calças de ambos.

Que tal uma atadura nos olhos pensou.

Com o Qhuinn à cabeça, os cinco se moveram a uma zona separada por meio de cordas, que estava vigiada por valentões do tamanho de carros. No outro lado da barricada de idiotas musculosos, separada da gentinha por uma parede de água caindo, havia gente elegante sentada em reservados de couro, do tipo que usava trajes de grife e sem dúvida bebiam algum licor que John não podia pronunciar.

Qhuinn se dirigiu à parte traseira do clube como uma pomba mensageira, escolhendo um lugar contra a parede com uma boa vista dos movimentos sobre a pista e acesso fácil ao bar. Recebeu os pedidos de bebida das garotas e Blay, mas John simplesmente negou com a cabeça. Este não era um bom ambiente para soltar-se sequer um pouco.

Tudo o lembrava do tempo antes de que fosse viver com a Irmandade. Quando tinha estado sozinho no mundo, acostumado a ser o menor de todos, e homem, isso era certo aqui. Todo mundo era mais alto que ele, a multidão o ultrapassava, mesmo as mulheres. E isso disparou todos os seus instintos, se tinha poucos recursos físicos com os quais se proteger, tinha que contar com seus crispados sentidos, dois pés e arrastar o traseiro era a estratégia que sempre o tinha salvado.

Bom, salvo exceto por aquela única vez.

—Deus... é tão genial. —Com ausência de Qhuinn, as garotas estavam sobre Blay, especialmente Betty, que parecia acreditar que era um poste para acariciar.

Evidentemente, Blay não tinha soltura com o sexo oposto, porque não teve uma resposta rápida. Mas definitivamente não a estava afastando, deixava que as mãos da Betty fossem onde quisessem.

Qhuinn veio passeando tranqüilamente do bar com um som metálico de bolas de latão. Jesus, estava em seu ambiente, duas cervejas em cada mão, os olhos fixos nas garotas, movia-se como se já estivesse tendo sexo, movendo os quadris ao avançar, seus ombros girando como os de um cara com suas partes em funcionamento e preparadas para serem usadas.

²⁵ Loja de roupas em Manhattan, uma espécie da Zara nova-iorquina, quer dizer, com preços baixos, roupa que imita as últimas tendências, mas mais louca, matizada e moderna que a cadeia espanhola. É uma loja com música muito alta, roupa revolta e muita diversão.

As garotas estavam tragando essa merda, e seus olhos ardiam enquanto avançava entre a multidão.

— Senhoritas, necessito uma gorjeta por meus esforços. — Deslizou para Blay uma das cervejas, tomou um gole de outra e sustentou o outro par por cima de sua cabeça — Me dêem um pouco do que quero.

Betty se tinha colocado erguida, apoiando ambas as mãos em seu peito e estirando-se. Qhuinn inclinou a cabeça um pouco, mas não a ajudou muito. Só fez que tivesse que esforçar-se mais. Quando seus lábios se encontraram, os do Qhuinn formaram um sorriso... e este estirou a mão para aproximar-se da outra garota. A Betty não pareceu importar em nada, e ajudou a aproximar-se de seu amiga.

— Vamos ao serviço — disse Betty de uma parte.

Qhuinn se inclinou passando por Betty e deu um beijo francês em seu amiga.

— Blay? Quer se unir?

Blay deu para trás com sua cerveja, engolindo com força.

— Não, vou ficar por aqui. Só quero ficar tranqüilo.

Seus olhos mostraram que mentia quando deslizaram sobre John durante uma fração de segundo.

Algo que irritou John.

Não necessito de uma babá.

— Sei, colega.

As garotas franziram o cenho enquanto penduravam dos ombros do Qhuinn como um par de cortinas, como se John estivesse sendo um menino caprichoso arruinando a diversão. E pareceram absolutamente zangadas quando Qhuinn começou a separar-se delas.

John atravessou a seu colega com olhos duros.

Merda, nem pense em dar para trás. Não voltarei a falar com você.

Betty inclinou a cabeça, seu cabelo loiro caindo sobre o antebraço de Qhuinn.

— O que acontece?

John indicou:

Diga-lhe que não acontece nada, e vai brincar um pouco. Caralho, falo sério, Qhuinn.

Qhuinn lhe indicou respondendo:

Não me sinto bem deixando você.

— Acontece alguma coisa? — gorjeou Betty.

Se não ir, eu vou. Sairei deste clube, Qhuinn. Sério.

Os olhos de Qhuinn se fecharam brevemente. Logo, antes de que Betty voltasse a perguntar se acontecia algo, disse:

— Vamos, senhoritas. Voltaremos daqui a pouco.

Enquanto Qhuinn girava e as garotas iam com ele, indicou:

Blay, vai brincar também. Esperarei aqui. Quando seu amigo não respondeu, indicou:

Blay? Move o traseiro e vai!

Houve um momento de indecisão.

— Não posso.

Por que?

— Porque... é, prometi que não deixaria você.

John esfriou.

Prometeu a quem?

As bochechas de Blaylock se acenderam tão brilhantes como um semáforo.

—Zsadist. Logo depois de passar a mudança, levou-me a um canto na classe e me disse que se alguma vez saíssemos com você... já sabe.

A ira deslizou na cabeça de John e fez que seu crânio zumbisse.

—Só até que mude, John.

John sacudiu a cabeça, porque isso é o que fazia quando não tinha voz e queria gritar. De repente, a dor latente atrás de seus olhos voltou.

Sabe que lhe digo , se está preocupado por mim, me dê sua pistola.

Nesse momento uma morena espantosa passou com um espartilho e um par de calças que pareciam como se tivessem sido postos sobre ela com uma paleta para massa. Os olhos do Blay se centraram nela e o ar mudou ao seu redor, seu corpo soltando calor.

Blay, o que me vai acontecer aqui? Mesmo se Lash aparecer...

—Proibiram sua entrada neste clube. Por isso quis vir aqui.

Como...? me deixe adivinhar... Zsadist. Disse que só podíamos vir aqui?

—Talvez.

Me dê a pistola e vai.

A morena se colocou no bar e olhou por cima do ombro. Diretamente para Blay.

Não está me abandonando. Ambos estamos no clube. E realmente estou me irritando.

Houve uma pausa. Depois a pistola mudou de mãos e Blay bebeu a cerveja como se estivesse condenadamente nervoso.

Boa sorte, indicou John.

—Merda, não tenho nem idéia do que estou fazendo. Nem sequer estou seguro de que queira fazer isto.

Quer. E já lhe agradara isso. Agora vai antes que ela encontre outro.

Quando esteve finalmente sozinho, apoiou-se contra a parede e cruzou seus pequenos tornozelos. Olhando à multidão, teve inveja.

Não muito depois, uma sacudida de reconhecimento o percorreu, como se alguém houvesse dito seu nome. Olhou ao seu redor, se perguntando se Blay ou Qhuinn tinham gritado chamando-o. Não. Qhuinn e as loiras não se viam por nenhuma parte, e Blay estava se inclinando com cautela para a morena na barra.

Exceto que estava certo que alguém o estava chamando.

Ficou a olhar a sério, centrando-se na multidão que tinha diante. Havia gente por toda parte, mas ninguém em particular ao seu redor, e estava a ponto de decidir que estava louco quando viu uma estranha que conhecia completamente.

A fêmea estava parada entre as sombras no final do bar, o brilho rosa e azul das garrafas de licor que tinha atrás apenas a iluminavam. Alta e com a corpulência de um homem, tinha cabelo negro muito curto e rosto de não-me-foda que anunciava alto e claro que se acaso se metesse com ela seria por sua conta e risco. Seus olhos eram letalmente inteligentes, sérios para a luta E... fixos nele.

Seu corpo se voltou instantaneamente louco, como se alguém estivesse esfregando sua pele para lhe dar maior brilho enquanto o açoitava com algo de cinco por dez centímetros, imediatamente estava sem fôlego, enjoado e ruborizado, mas pelo menos se esqueceu da dor de cabeça.

Doce Jesus, estava vindo para ele.

Seu andar era poderoso e seguro, como se estivesse espreitando uma presa, e homens mais corpulentos que ela se separaram de seu caminho tão rápidos como ratos. Enquanto se aproximava, arrumou torpemente sua jaqueta, tentando ter aspecto mais masculino. O que era muito gracioso.

Sua voz era profunda.

—Sou a chefe de segurança deste clube, e vou ter que pedir a você que venha comigo.

Pegou-lhe o braço sem esperar sua resposta e o levou a um escuro corredor. antes que soubesse o que estava acontecendo, empurrou-o no que era obviamente uma sala de interrogatórios e o esmagou contra a parede como um pôster do Elvis.

Quando lhe apertou a traquéia com o antebraço, ele ofegou, revistou-o. Sua mão era rápida e impessoal enquanto passava por seu peito e baixava até seus quadris.

John fechou os olhos e tremeu. Santa merda, isto era excitante. Se tivesse sido capaz de ter uma ereção, estava bastante certo que agora mesmo estaria duro como um martelo.

E então lembrou que a pistola sem identificação de Blay estava no grande bolso negro das calças que lhe tinham emprestado.

Merda.

Na sala de equipamento do Complexo, Jane se sentou no banco que lhe permitia ver o homem que tinha operado. Estava esperando que V terminasse seu cigarro, e o fraco odor de seu exótico tabaco fez que lhe picasse o nariz.

Deus, aquele sonho sobre ele. A maneira em que a mão de V se moveu entre seus...

Quando começou a sentir desejo, cruzou as pernas e as apertou com força.

—Jane?

Esclareceu a garganta.

—Sim?

Sua voz era baixa e deslizava pela porta aberta, arrastando as palavras de forma sensual e imaterial.

—No que está pensando?

OH, claro, sim, como se o fosse dizer que estava fantasiando...

Espera um minuto.

—Já sabe, não é? —como se manteve em silêncio, franziu o cenho— Foi um sonho? Ou fez...

Não houve resposta.

Inclinou-se para frente até ser capaz de vê-lo através do batente da porta. V estava exalando enquanto colocava a bituca em uma garrafa de água.

—O que me fez? —exigiu.

V fechou a tampa com força, provocando que os músculos de seus antebraços se flexionassem.

—Nada que não quisesse que eu fizesse.

Embora não a estivesse olhando, apontou-o com o dedo como se fosse uma pistola.

—Disse-lhe isso. Fique fora de minha cabeça.

Seus olhos se abriram e olharam os da Jane. OH... Deus... estavam ardendo, brancos como estrelas, quentes como o sol. No instante que bateram seu rosto, seu sexo floresceu para ele, uma boca abrindo-se amplamente, esperando que a alimentassem.

—Não —disse Jane, embora não soubesse por que se incomodava. Seu corpo falava por si mesmo, e ele sabia condenadamente bem.

Os lábios de V se torceram em um duro sorriso, e aspirou profundamente.

—Adoro seu aroma agora mesmo. Faz-me desejar fazer algo mais que simplesmente me colocar em sua cabeça.

Ceeeeerto, evidentemente gostava das mulheres, além dos homens.

Abruptamente a expressão de V se desvaneceu.

—Mas não se preocupe. Não farei isso.

— Por que não? — enquanto a pergunta saía, Jane se amaldiçoou. Se dizia a um homem que não o desejava, e logo ele dizia que não teria sexo com você, geralmente a reação que queria ter não era algo que soasse como um protesto.

V se inclinou através da porta e lançou a garrafa ao outro lado da sala. Esta caiu em um cesto de papéis com um resolvido brilho, como se estivesse voltando para casa depois de uma viagem de trabalho, e estivesse condenadamente aliviada de estar de volta.

— Você não gostaria de mim. Realmente não.

Estava tão equivocado.

Se cale.

— Por que?

Merda! Pelo amor de Deus, o que estava dizendo?

— Simplesmente você não gostaria do que realmente sou. Mas me alegrei pelo que passou enquanto dormia. Senti você perfeita, Jane.

Desejava que deixasse de usar seu nome. Cada vez que saía de seus lábios, sentia como se a estivesse enroscando, arrastando-a por águas que não entendia até uma rede em que só podia debater-se até que se machucasse.

— Por que eu não gostaria?

Quando o torso de V se expandiu, soube que estava cheirando sua excitação.

— Porque eu gosto de controle, Jane. Entende o que digo?

— Não, não entendo.

Virou-se para ela, enchendo o batente da porta, e os olhos de Jane foram diretos a seus quadris, traidores como eram. Santa merda, estava ereto. Totalmente excitado. Podia ver o grosso contorno pulsando contra os botões do pijama de flanela que tinha posto.

Jane cambaleou, embora estivesse sentada.

— Sabe o que é um Dom? — disse em voz baixa.

— Dom... como um... — Opa — Dominante sexual?

Assentiu com a cabeça.

— Assim é o sexo comigo.

Os lábios de Jane se abriram e teve que olhar para o outro lado. Ou fazia isso ou ia arder. Não tinha experiência com todo esse modo alternativo de vida. Demônios, não tinha muito tempo para sexo normal, muito menos para ver-se envolta nesses extremos.

Maldita fosse, mas agora mesmo, perigoso e selvagem com ele parecia condenadamente atraente. Embora talvez isso fosse porque, para todos os efeitos, esta não era a vida real, embora estivesse acordada.

— O que faz? — perguntou — Quero dizer, as... ata?

— Sim.

Esperou que V continuasse. Quando não o fez, sussurrou.

— Algo mais?

— Sim.

— Me diga.

— Não.

Então havia dor, pensou. Ele as machucava antes de fode-las. Provavelmente também fazendo-o. E ainda assim... lembrou quando segurou a Red Sox em seus braços tão gentilmente. Talvez com homens fosse diferente para ele?

Genial. Um vampiro bissexual dominante com perícia de seqüestrador. Homem, não deveria sentir-se assim por ele, por muitas razões.

Jane cobriu a rosto com as mãos, mas infelizmente isso só impediu que o olhasse. Não havia escapamento do que acontecia em sua cabeça. O... desejava.

— Maldita seja — resmungou.

— O que aconteceu?

— Nada. — Deus, que mentirosa era.

— Mentirosa.

— Sim.

Genial, também sabia isso.

— Não quero me sentir como o faço agora mesmo, ok?

Houve uma longo pausa.

— E como se sente, Jane? — quando não disse nada, V murmurou — Você não gosta de me desejar, certo? É porque sou um perverso?

— Sim.

A palavra simplesmente saiu disparada de sua boca, embora realmente não fosse a verdade. Se fosse franca consigo mesma, o problema era mais que isso... sempre havia se sentido orgulhosa de sua inteligência. A mente por cima da emoção e a tira de decisões governadas pela lógica eram as coisas que nunca a tinham decepcionado. E ainda assim, aqui estava, cobijando algo, com seus instintos lhe dizendo que estaria muito, muito melhor sem isso.

Quando se fez um longo silêncio, deixou cair uma mão e olhou à porta. Ele já não estava entre os batentes, mas Jane sentiu que não foi muito longe. Inclinou-se de novo para frente e o viu. Estava apoiado contra a parede, com o olhar além dos colchonetes azuis do ginásio como se estivesse olhando por cima do mar.

— Sinto muito — disse — Não o dizia nesse sentido.

— Sim, dizia-o. Mas não importa. Sou o que sou. — Sua mão enluvada se flexionou, e sentiu que o fazia de forma inconsciente.

— A verdade é... — quando não completou a frase, uma das sobrancelhas de V se arqueou, embora não a olhasse. Jane esclareceu a garganta — A verdade é, a sobrevivência é algo bom, e deveria ditar minhas reações.

— E não o faz?

— Não... sempre. Com você, não sempre.

Seus lábios se curvaram um pouco.

— Então, por uma vez na vida, me alegro de ser diferente.

— Estou assustada.

Ficou sério imediatamente, seus brilhantes olhos diamantinos encontrando os da Jane.

— Não esteja. Não farei mal a você. E tampouco deixarei que ninguém faça isso.

Por uma fração de segundo as defesas da Jane caíram.

— Promete? — disse com a voz rouca.

V pôs sua mão enluvada sobre o coração que ela tinha concertado e pronunciou uma formosa corrente de palavras que não entendeu. Depois as traduziu.

— Por minha honra e o sangue em minhas veias, juro.

Os olhos da Jane se afastaram e infelizmente caíram em uma prateleira com adagas. As armas se penduravam de pregos, seus cabos negros jazendo como braços de ombros com cadeias, preparados para fazer um dano mortal.

— Nunca em minha vida estive tão assustada.

— Porra... sinto muito, Jane. Sinto tudo isto. E a deixarei partir. De fato, agora é livre para ir quando quiser. Simplesmente diga e a levarei para casa.

Voltou a olhá-lo e observou seu rosto. Sua barba tinha crescido ao redor do cavanhaque, obscurecendo seu queixo e seu rosto, lhe dando um aspecto ainda mais sinistro. Com essas tatuagens ao redor do olho e seu enorme tamanho, se tivesse encontrado com ele em um beco, teria fugido aterrorizada mesmo sem saber que era um vampiro.

E ainda assim, aí estava, confiando em que a manteria a salvo.

Eram seus sentimentos reais? Ou o fato é que estava até o pescoço com o síndrome de Estocolmo?

Examinou o amplo peito, seus apertados quadris e suas longas pernas. Deus, fosse o que fosse, desejava-o como nenhuma outra coisa.

Soltou um suave grunhido.

—Jane...

—Merda.

Ele também amaldiçoou e depois acendeu o seguinte cigarro. Enquanto exalava, disse:

—Há outra razão pela que não posso estar com você.

—Qual é?

—Mordo, Jane. E não serei capaz de me deter. Não com você.

Lembrou do sonho a sensação das presas percorrendo seu pescoço com um suave arranhão. Seu corpo se alagou de calor mesmo enquanto se perguntava como poderia querer semelhante coisa.

V retrocedeu até o marco da porta, com o cigarro em sua mão enluvada. Esteiras de fumaça se elevaram da ponta do charuto encalacrado, magras e elegantes como o cabelo de uma mulher.

Olhando-a fixamente nos olhos, levantou sua mão livre e a passou por seu peito, descendo por seu ventre, até a pesada ereção atrás da magra calça do pijama de flanela. Quando pegou a si mesmo, Jane bebeu com força, pura luxúria esmagando-a ao estilo linebacker²⁶, golpeando-a com tanta força que quase caiu do assento.

—Se me deixar —disse V em voz baixa— encontrarei você de novo em seu sonho. Encontrarei você e terminarei o que comecei. Você gostaria disso, Jane? Você gostaria de gozar para mim?

De fora da sala de fisioterapia, soou um gemido.

Jane tropeçou ao levantar do banco e se dirigir para checar o estado de seu novo paciente. A fuga era óbvia, mas não importava... tinha perdido a cabeça, assim a esta altura o orgulho não era uma preocupação.

Na maca, Phury estava se retorcendo de dor, dando golpes na atadura que tinha em um lado do rosto.

—Hei... calma. —Pôs a mão em seu braço, detendo-o—. Calma. Está tudo bem.

Acariciou-lhe o ombro e falou com ele até que se tranqüilizou com um tremor.

—Bela... —disse.

Muito consciente de que V estava parado na esquina, perguntou-lhe.

—É sua mulher?

—A mulher de seu gêmeo.

—OH.

—Sim.

Jane pegou um estetoscópio e o medidor de pressão sanguínea, e comprovou rapidamente seus sinais vitais.

²⁶ Os linebackers são os jogadores que se colocam detrás da linha defensiva no futebol Americano.

— Sua espécie normalmente tem baixa pressão sanguínea?

— Sim. Também o ritmo cardíaco.

Pôs a mão sobre a frente do Phury.

— Está quente. Mas sua temperatura interior é mais alta que a nossa, não é?

— Sim é.

Deixou que seus dedos se deslizassem no cabelo multicolorido de Phury, percorrendo as grossas ondas, desfazendo os enredos. Havia uma espécie de substância negra oleosa nele...

— Não toque nisso — disse V.

Afastou a mão de repente.

— Por que? O que é?

— O sangue de meus inimigos. Não o quero sobre você. — dirigiu-se a ela a passos largos, pegou-a pelo pulso e a levou a uma pia.

Embora fosse contra sua natureza, Jane ficou quieta e obediente como uma menina enquanto lhe ensaboava as mãos e as lavava. Sentir sua palma nua e sua luva de couro deslizando entre seus dedos... a espuma do sabão lubrificando a fricção... seu calor filtrando-se nela e percorrendo sua mão, tornou-a imprudente.

— Sim — disse Jane enquanto olhava o que V estava fazendo.

— Sim, o que?

— Vêem para mim novamente quando dormir.

CAPÍTULO 20

Como chefe de segurança do ZeroSum, Xhex não queria nenhum tipo de arma em seu local, mas especialmente não queria mucosos insignificantes com fetiches de metal correndo daqui para lá armados até suas bolas do tamanho de moedas de dez centavos.

Assim era como ocorriam as chamadas para o 911. E odiava tratar com o departamento de polícia de Caldwell.

Assim com isso em mente, não pensava em desculpar-se enquanto maltratava ao atual merdinha em questão e encontrava a arma que tinha tirado do ruivo que tinha estado parado junto a ele. Tirando a nove milímetros das calças do menino, abriu o carregador e atirou a capa da Glock sobre a mesa, guardou o carregador de balas em suas calças de couro e o revistou procurando a identificação. Enquanto lhe apalpava o corpo inteiro, pôde sentir que era um de sua raça, e de algum modo isso fez que lhe custasse menos esforço fazê-lo.

Embora não houvesse razão para isso, já que os humanos não tinham a exclusividade para ser estúpidos.

Deu-lhe a volta e o empurrou para uma cadeira, sujeitando-o pelo ombro enquanto abria sua carteira. Na carteira de motorista leu John Matthew, e a data de nascimento o situava na casa dos vinte e três anos. O endereço era de uma zona da cidade de casas de família de classe média em que estava disposta a apostar que nunca tinha posto os olhos.

— Sei o que diz sua identificação, mas quem é realmente? Quem é sua família?

Ele abriu a boca um par de vezes, mas não saiu nada porque estava claramente assustado como a merda. O que tinha sentido. Despojado de sua ostentação, não era mais que um anão pretrans, com os brilhantes olhos azuis abertos como bolas de basquete no pálido rosto.

Sim, era dos duros, muito bem. Clique, clique, Bang, Bang, e toda essa merda de mafioso. Cristo, estava aborrecida de esmagar um inseto como esse. Possivelmente era hora de imperdigar-

se um pouco, de voltar a fazer o que melhor fazia. Ao fim de contas, sempre havia demanda de assassinos nos círculos corretos. E como era meio symphath, a satisfação trabalhista era um fato.

—Fala —disse enquanto lançava a carteira sobre a mesa— Sei o que é. Quem são seus pais?

Agora parecia estar realmente surpreso, embora isso não ajudasse as suas cordas vocais. Quando se recuperou do susto inicial, tudo o que fez foi agitar as mãos frente ao peito.

—Não brinque comigo. Se for suficientemente homem para levá-la, não há razão para ser covarde agora. Ou será que é o metal que o faz um homem?

Como a câmara lenta, sua boca se fechou e deixou cair as mãos no colo. Como se desinflasse, baixando os olhos e afundando os ombros.

O silêncio se prolongou, e ela cruzou os braços sobre o peito.

—Olhe, guri, tenho toda a noite e verdadeira capacidade de concentração. Assim pode manter este silêncio de merda durante tanto tempo quanto quiser. Não vou a nenhum lugar e você tampouco.

O auricular do Xhex cobrou vida, e quando o gorila da área do bar deixou de falar lhe disse:

—Bem, traze-o.

Um décimo de segundo depois houve uma chamada à porta; quando respondeu, seu subordinado estava diante com o vampiro ruivo que tinha dado a pistola ao menino.

—Obrigado, MAC.

—Sem problema, chefe. Volto para o bar.

Fechou a porta e olhou o ruivo. Tinha passado por sua transição, mas não fazia muito. Ainda andava como se ainda não fosse consciente de seu tamanho.

Quando levou a mão ao bolso interno da jaqueta, disse-lhe:

—Saca algo que não seja uma identificação e eu pessoalmente o porei em uma maca.

Deteve-se.

—É sua identidade.

—Já me mostrou isso.

—Não a real. —O cara estendeu.— Esta é a verdadeira.

Xhex tomou o cartão plastificado e esquadrinhou as letras escritas na Antiga Língua que estavam sob uma foto recente. Então olhou o menino. Ele se negou a encontrar seu olhar; simplesmente ficou ali encerrado em si mesmo, vendo-se como se desejasse ser tragado totalmente pela cadeira em que estava sentado.

—Merda.

—Me disse que mostrasse isto também —disse o ruivo. Entregou-lhe um grosso papel dobrado em um quadrado e selado com cera negra. Quando deu uma olhada no emblema, quis amaldiçoar outra vez.

O selo real.

Leu a maldita carta. Duas vezes.

—Importa-se guardar isto, ruivo?

—Não. Por favor, faça-o.

Quando a dobrou de novo perguntou:

—Tem identidade?

—Sim.

Chegou-lhe outro cartão plastificado.

Comprovou-a, depois lhe devolveu ambos os cartões.

—A próxima vez que venham, não esperem na fila. Vão até o gorila e lhe digam meu nome. Irei at vocês.—Recolheu a arma.

—É dele ou sua?

—Minha. Mas acredito que prefiro que a ele tenha. É melhor atirador.

Colocou de novo o carregador pela parte traseira da Glock e a estendeu para o menino silencioso, com o canhão para baixo. Sua mão não tremeu enquanto tomava, mas a coisa parecia muito grande para que a controlasse.

—Não a utilize aqui dentro a menos que seja em defesa própria. Ficou claro?

O menino assentiu uma vez, levantou o traseiro do assento, e fez desaparecer a semi-automática no bolso do qual ela a tinha tirado.

Deus... maldição. Não era um simples pretrans. De acordo com sua identidade era Tehrror, filho do guerreiro da Adaga Negra Darius. O qual queria dizer que tinha que se certificar que nada ocorresse ele sob sua vigilância. A última coisa que ela e Rehv precisavam era que o menino fosse ferido dentro do ZeroSum.

Maravilhoso. Isso era como ter um vaso de cristal em um vestuário repleto de jogadores de rugby.

E ainda por cima, era mudo.

Sacudiu a cabeça.

—Bom, Blaylock, filho de Roche, cuide dele. Nós também faremos.

Enquanto o ruivo assentia, o menino finalmente levantou o rosto para ela, e por alguma razão seu brilhante olhar azul a fez sentir incômoda. Jesus... era velho. Seus olhos eram os de um ancião, e ficou momentaneamente desconcertada.

Esclarecendo a garganta, virou-se e foi para a porta. Enquanto a abria, o ruivo disse:

—Espera, como se chama?

—Xhex. Diga a qualquer um no clube e o encontrarei em um batimento de coração. É meu trabalho.

Enquanto a porta se fechava, John decidiu que a humilhação era como o sorvete, vinha em um monte de sabores, fazia-o estremecer, e querer tossir.

Falando de caminhos complicados. Justo agora estava afogando-se na merda.

Covarde. Deus, era tão óbvio? Nem sequer lhe conhecia e já lhe tinha julgado bem. Era um absoluto covarde. Um fraco covarde cuja morte não tinha sido vingada, que não tinha voz e cujo corpo não era nem sequer algo que um menino de dez anos pudesse invejar.

Blay arrastou seus grandes pés, as botas faziam um som suave que na pequena sala parecia tão forte como se alguém estivesse dando alaridos.

—John? Quer ir para casa?

OH, tremendo. Como se fosse um menino de cinco anos que ficasse sonolento na festa dos adultos.

A fúria o atravessou como um relâmpago, sentiu o familiar peso lhe oprimindo, lhe dando energia. Ah, homem, conhecia-a bem. Esta era o tipo de fúria que tinha deixado Lash estendido sobre suas costas. Era o tipo de maldade que tinha feito que golpeasse o rosto do menino até que os azulejos se tornassem vermelhos como o ketchup.

Por algum milagre, os dois neurônios em sua cabeça que ainda funcionavam racionalmente lhe assinalaram que o melhor era ir para casa. Se ficasse aí, nesse clube, simplesmente repetiria o que a mulher havia dito uma e outra vez, até que estivesse tão fora de seu cabo que fizesse algo realmente estúpido.

—John? Vamos para casa.

Merda. Esta se supunha que ia ser a grande noite de Blay. Em vez disso, estava perdendo sua oportunidade de ter sexo bom e duro.

Chamarei o Fritz. Fique com o Qhuinn.

—Não. Vamos juntos.

Repentinamente John teve vontade de gritar.
Que demônios havia nesse papel? O que lhe deu?
Blay ruborizou.

—Zsadist me deu isso. Disse que se alguma vez nos metessemos em uma confusão o mostrasse.

Mas, o que é?

—Z disse que era do Wrath como Rei. Algo sobre o fato de que é seu ghardião.

Porquê não me disse isso?

—Zsadist disse que o mostrasse só se tivesse que tinha que fazê-lo. E isso incluía a você.

John se levantou da cadeira e alisou as enrugadas roupas.

Olhe, quero que fique e que passe um bom momento.

—Viemos juntos. Vamos juntos.

John olhou a seu amigo com fúria.

Só porque Z disse que me faça de babá...

Pela primeira vez desde que o conhecia, o rosto do Blay endureceu.

—Foda-se. Teria-o feito de toda forma. E antes que de que ponha em plano UFC²⁷, eu gostaria de apontar que se nossos papéis fossem inversos, faria malditamente o mesmo. Admite-o. Porra, também o faria. Somos amigos. Apoiamo-nos. Já é suficiente. Pare já com essa merda.

John queria chutar a cadeira em que tinha estado sentado. E quase o fez.

Em vez disso, usou as mãos para gesticular:

Merda.

Blay tirou uma BlackBerry e marcou.

—Simplesmente vou dizer ao Qhuinn que voltarei e o pegarei quando quiser.

John esperou e imaginou brevemente o que Qhuinn estava fazendo em algum lugar escuro e semi particular com uma ou duas dessas humanas. Pelo menos ele estava tendo uma boa noite.

—Hei, Qhuinn? Sei, John e eu vamos para casa. Que... não, tudo está bem. Só tivemos uma topada com um dos segurança... Não, não tem que... Não, tudo está acertado. Não, de verdade. Qhuinn, não tem que parar... olá?

Blay olhou seu telefone.

—Encontrará-se conosco na porta principal.

Abandonaram a pequena sala e foram se esquivando dos acalorados e suarentos humanos até que John se sentiu violentamente claustrofóbico... como se o tivessem enterrado vivo e estivesse respirando terra.

Quando finalmente chegaram à porta principal, Qhuinn estava parado à esquerda encostado contra a parede negra. Seu cabelo estava despenteado, as abas de sua camisa se penduravam para fora, tinha os lábios avermelhados e um pouco inchados. De perto cheirava a perfume.

A dois tipos diferentes de perfume.

—Está bem? —perguntou ao John.

John não respondeu. Não podia suportar haver arruinado a noite de todos e simplesmente seguiu caminhando para a porta. Até que sentiu a estranho chamado outra vez.

Deteve-se com as mãos na barra de impulso e olhou sobre seu ombro. A chefe de segurança estava ali o olhando com seus inteligentes olhos. Estava, uma vez mais, entre as sombras, um lugar que suspeitava preferia.

Um lugar que suspeitava que usava a sua conveniência.

²⁷ UFC te Ultimate Fighting Championship é um torneio de luta de artes marciais.

Enquanto seu corpo sentia um formigamento de pés a cabeça, quis dar um murro na parede, atravessar a porta, e arrebentar o lábio superior de alguém. Mas soube que com isso não conseguiria a satisfação que desejava. Duvidava que tivesse a suficiente força na parte superior de seu corpo para atravessar de um murro a seção de esportes de um jornal.

A compreensão naturalmente o chateou ainda mais.

Deu-lhe as costas e saiu para a fria noite. logo Blay e Qhuinn se uniram a ele na calçada, gesticulou.

Vou andar durante um momento. Podem vir comigo se quiserem, mas não me vão dissuadir. Não há uma maldita forma de que suba em um carro e vá a casa agora. Entendido?

Seus amigos assentiram e o deixaram marcar o caminho, permanecendo um par de passos atrás dele. Claramente, sabiam que estavam a um fio de perder os estribos e que precisava espaço.

Quando desciam pela Décima, ouviu-os falando em voz baixa, cochichando sobre ele, mas não o importava uma merda. Era um saco de fúria. Nada mais.

Fiel a sua natureza fraca, sua marcha de independência não durou muito. Malditamente rápido, o vento de março atravessou as roupas que Blay lhe tinha emprestado, e sua dor de cabeça se voltou tão horrível que chiou os dentes. Imaginou que levaria seus amigos até a ponte de Caldwell e ainda mais à frente, que sua ira era tão forte que os esgotaria, até que pouco antes de alvorada lhe suplicassem que deixasse de caminhar.

Exceto, é obvio, que seu desempenho estava brutalmente abaixo das expectativas.

Deteve-se.

Vamos voltar.

—O que você diga, John—Os olhos de diferentes cor do Qhuinn eram impossivelmente amáveis— O que você quiser.

Dirigiram-se de volta ao carro, que estava estacionado em um terreno ao ar livre como a duas quadras do clube. Quando viraram a esquina, advertiu que o edifício junto ao terreno estava em obras, a zona de construção fechada de noite, as lonas agitando-se ao vento, o pesado equipamento dormindo profundamente. A John, pareceu-lhe desolado.

Por outro lado, poderia ter estado banhado pelo sol em um campo de margaridas e tudo o que tivesse visto tivessem sido sombras. Não havia maneira de que a noite pudesse ter sido pior. Não. Não havia forma.

Estavam a uns bons vinte metros do carro quando o doce aroma de talco de bebê flutuou gasto pela brisa. E um lesser saiu de detrás de uma pá escavadora.

CAPÍTULO 21

Phury voltou a si mas não se moveu. O que tinha sentido, dado que um lado de seu rosto se sentia como se o tivesse queimado. Depois de um par de profundas inspirações, elevou uma mão para a palpitante dor. As ataduras o cobriam da frente ao queixo. Provavelmente parecia um extra da equipe de Urgências.

Sentou-se lentamente e toda sua cabeça pulsou, como se o tivessem metido um inflador pelo nariz e alguém o estivesse fazendo funcionar com um forte braço.

Sentia-se bem.

Deslizando os pés da maca, deliberou sobre a lei da gravidade e considerou se tinha ou não força para lidar com ela. Decidiu tentá-lo, e quem o houvesse dito, conseguiu caminhar ziguezagueando até a porta.

Dois pares de olhos se voltaram para ele, um diamante brilhante, o outro verde bosque.

—Olá —disse.

A mulher de V se aproximou dele, e seu olhar era toda análise clínica.

—Deus, não posso acreditar quão rápido se curam. Não deveria estar consciente, e muito menos de pé.

—Quer checar o trabalho que fez? —quando assentiu, sentou-se em um banco e com cuidado, Jane tirou o esparadrapo. Ao fazer uma careta de dor, olhou a seu redor, a Vishous.

—Já contou isto a Z?

O irmão negou com a cabeça.

—Não o vi, e Rhage tentou com o celular, mas estava desligado.

—Assim, não há notícias de Havers?

—Não que eu saiba. Embora falte mais ou menos uma hora para o amanhecer, assim vão voltar logo.

A doutora assobiou em voz baixa.

—É como se pudesse ver a pele juntando-se de novo diante de meus olhos. Importa-se se lhe ponho outras gazes?

—Como quiser.

Quando ela voltou para a sala de fisioterapia, V disse:

—Tenho que falar com você, meu amigo.

—A respeito de?

—Acredito que sabe.

Merda. O lesser. E não funcionaria se fazer de idiota com um irmão como V. Mentir, entretanto, seguia sendo uma opção.

—A briga ficou dura.

—E uma merda. Não pode fazer jogadas como essas.

Phury pensou em um par de meses antes, quando se tinha convertido em seu gêmeo durante um tempo. Literalmente.

—trabalharam sobre mim em uma de suas mesas, V. E posso assegurar que não estão preocupados com o protocolo de guerra.

—Mas esta noite o bateram porque tinha usado toda Ginsu contra esse assassino. Não é verdade?

Jane retornou com os fornecimentos. Graças a Deus.

Quando terminou de enfaixá-lo, Phury ficou em pé.

—Agora vou a meu quarto.

—Quer ajuda? —perguntou V em tom duro. Como se estivesse contendo um monte de necessito-competir.

—Não. Conheço o caminho.

—Bom, já que de toda forma temos que voltar, façamos disto uma excursão de trabalho de campo. E aja com calma.

O que era uma idéia condenadamente boa. A cabeça o estava matando.

Estavam na metade de caminho pelo túnel quando Phury se deu conta de que a doutora não estava sendo observada ou vigiada. Mas, demônios, de toda forma, não é como se tivesse aspecto de querer escapar. De fato, ela e V estavam caminhando um ao lado do outro.

Perguntou-se se algum deles era consciente do quanto se pareciam com um casal.

Quando Phury chegou à porta que usava na mansão, despediu-se sem olhar V nos olhos e subiu os degraus pouco profundos que saíam do túnel e levavam ao vestíbulo da mansão. Seu dormitório parecia estar ao outro lado da cidade, em lugar de estar bem acima da grande escada, e o cansaço que sentia lhe disse o muito que precisava alimentar-se. O que era uma peso.

Em seu quarto, tomou banho e se estirou em sua majestosa cama. Sabia que deveria estar chamando uma das fêmeas que usava para obter sangue, mas tinha tão pouco interesse. Em lugar de pegar o telefone, fechou os olhos e deixou que seus braços caíssem aos lados. Sua mão aterrissou no livro de armas de fogo, que tinha usado para dar a aula essa noite. que continha o desenho.

A porta se abriu sem que o chamassem. O que queria dizer que era Zsadist. Com notícias.

Phury se sentou tão rápido que seu cérebro se voltou num aquário no crânio, chapinhando por toda parte, ameaçando derramar-se pelas orelhas. Quando a dor o atravessou, pôs a mão sobre a bandagem.

—O que aconteceu Bela?

Os olhos de Z eram buracos negros em seu rosto com cicatrizes.

—Em que merda estava pensando?

—Como?

—Ser atacado porque... —ante a careta de dor de Phury, Z baixou o volume de seu habitual boom-box²⁸ e fechou a porta. O relativo silêncio não melhorou seu humor. Em voz muito baixa, soltou—Porra, não posso acreditar que desse uma de Jack o Destripador e o sacudissem...

—Por favor, me diga como está Bela.

Z apontou o dedo diretamente ao peito do Phury.

—Precisa passar menos tempo preocupando-se por minha shellan e um pouco mais por seu próprio condenado traseiro, entendeu?

Alagado de dor, Phury fechou o olho bom com dificuldade. Seu irmão, é obvio, tinha acertado em cheio.

—Merda —cuspiu Z no silêncio— Só... merda.

—Tem toda a razão. —Phury se deu conta de que sua mão estava apertando o livro de armas de fogo, e se obrigou a soltá-lo.

Quando começou a soar um estalo, Phury levantou a vista. Z estava raspando a parte de acima de seu celular Razr uma e outra vez com o polegar.

—Poderiam o ter matado.

—Não aconteceu.

—Frio consolo. Ao menos para um de nós. O que acontecerá a seu olho? A doutora de V o salvou?

—Não se sabe.

Z caminhou até uma das janelas. Afastando para um lado a pesada cortina de veludo, observou o outro lado do terraço e a piscina. A tensão em seu rosto arruinado era óbvia, tinha a mandíbula apertada, as sobrancelhas franzidas sobre os olhos. Sinto saudades... antes sempre tinha sido Z o que estava no limite do esquecimento. Agora Phury estava nesse magro e escorregadio fio. Que estava assim o converteu em causa de preocupação.

—Estarei bem —mentiu, inclinando-se para um lado para pegar a bolsa de tabaco vermelho e os papéis de prender.Preparou um grosso com rapidez, acendeu-o e a falsa calma veio imediatamente, como se seu corpo estivesse bem treinado.

—Só tive uma noite estranha.

Z riu, embora fosse mais uma maldição que divertimento.

—Tinham razão.

—Quais?

²⁸ Sistema de som portátil com uma relativa potência.

—A vingança é uma puta. —Zsadist aspirou profundamente— Fará que o matem aí fora e eu...

—Não o farei. —Inalou outra vez, não disposto a levar a promessa além disso— Agora por favor, me conte de Bela.

—Vai precisar de repouso na cama.

—OH, Deus.

—Não, está tudo bem. —Z se esfregou a raspada cabeça— Quero dizer, ainda não perdeu o bebê, e se permanecer quieta, pode ser que não o faça.

—Está em seu quarto?

—Sim, vou levar- lhe algo de comer. Tem permissão de levantar uma hora por dia, mas não quero lhe dar desculpas para que fique em pé.

—Me alegro de que...

—Porra, irmão. Foi assim para você?

Phury franziu o cenho e pressionou o nésio contra o cinzeiro.

—Como diz?

—Tenho a cabeça fodida todo o tempo. É como se o que seja que estou fazendo em um momento, fora só real pela metade, devido a toda a merda pela qual estou preocupado.

—Bela...

—Não é só por ela. —Os olhos de Z, agora de novo amarelos, porque não estava tão zangado, foram à deriva pela quarto— É você.

Phury converteu em um elaborado processo levar o nésio a sua boca e inalar. Enquanto deixava sair a fumaça, procurou em sua mente palavras para reconfortar seu gêmeo.

Não apareceram muitas.

—Wrath quer que nos reunamos ao anoitecer —disse Z, voltando a olhar para fora através da janela, como se soubesse condenadamente bem que não haveria consolo significativo— Todos nós.

—OK.

Depois que Z partisse, Phury abriu o livro de armas de fogo e tirou o desenho que tinha feito de Bela. Passou o polegar de cima abaixo pela representação de sua bochecha, olhando-a fixamente com o único olho que funcionava. O silêncio o oprimiu, encolhendo seu peito.

Considerando todas as coisas, era possível que já estivesse cansado ao limite, que estivesse deslizando pela montanha da destruição, golpeando-se contra pedras brutas e árvores, ricocheteando e rompendo membros, e que o esperasse um golpe mortal.

Apagou o nésio. Cair na perdição era um pouco como cair apaixonado. Ambas as quedas o despiam e o deixavam como se ficasse sem seu coração.

E em sua limitada experiência, ambos os finais eram igualmente dolorosos.

Quando John viu aparecer o lesser de nenhuma parte, não pôde se mover. Nunca antes tinha sofrido um acidente de carro, mas teve o pressentimento de que assim é como eram esses. Apareceu no caminho e de repente tudo em que estava pensando antes da intercessão era deixado de lado, substituído por uma colisão que se convertia em sua primeira e única prioridade.

Maldição, realmente cheiravam como talco para bebês.

E felizmente, este não tinha cabelo pálido, por isso era um novo recruta. O que podia ser a única razão pela qual ele e seus companheiros poderiam sair vivos disto.

Qhuinn e Blay foram para frente de John, bloqueando o caminho. Mas então um segundo lesser saiu das sombras, uma peça de xadrez colocada em posição por uma mão invisível. Também tinha cabelo escuro.

Deus, eram grandes.

O primeiro olhou para John.

—É melhor que saia correndo, filho. Este não é lugar para você.

Merda, não sabiam que era um pretrans. Pensavam que era um simples humano.

—Sim —disse Qhuinn, empurrando o ombro de John— Já tem sua carteira. Agora sai daqui, idiota.

Salvo que não podia deixar a seus...

—Hei disse que vá de uma maldita vez. —Qhuinn lhe deu um forte empurrão e John tropeçou contra um monte de cilindros de papel de alcatrão tão grandes como sofás.

Merda, se escapasse seria um covarde. Mas se ficasse, seria pior que uma ajuda. Odiando-se, correu a toda velocidade, dirigindo-se diretamente ao ZeroSum. Como um idiota, deixou a mochila na casa de Blay, por isso não podia ligar para casa. E não era como se ele pudesse perder tempo procurando um dos irmãos, no remoto caso de que estivessem caçando nas cercanias. Só podia pensar em uma pessoa que os pudesse ajudar.

Na entrada do clube, dirigiu-se diretamente ao gorila de cabeça raspada.

Xhex. Tenho que ver Xhex. Me deixe...

—Que demônios está fazendo, menino? —disse o gorila.

John esboçou a palavra Xhex com a boca, uma e outra vez enquanto falava por gestos.

—Certo, está me irritando. —O gorila se voltou sobre o John—. Sai de uma condenada vez, ou eu chamarei a seu papai e sua mamãe.

As risadas dissimuladas do gorila fizeram que John se desesperasse ainda mais.

Por favor! Preciso ver Xhex...

John escutou um som distante, que ou era um carro acelerando bruscamente ou um grito, e quando se virou para ele, o ligeiro peso da Glock de Blay bateu contra sua coxa.

Não tinha telefone para mandar uma mensagem. Nenhuma maneira de comunicar-se.

Mas tinha um pacote de seis balas no bolso traseiro.

John correu de volta ao lugar, esquivando-se dos carros estacionados em paralelo, respirando com força, as pernas voando o mais rápido que podiam. A cabeça martelando, e o esforço fazia que a dor fosse tão forte que sentiu náuseas. Dobrou a esquina, patinando no cascalho solto.

Merda! Blay estava no chão com um lesser sentado sobre seu peito, e os dois estavam lutando pelo controle do que parecia ser uma navalha automática. Qhuinn estava defendendo-se bem contra o outro assassino, mas o casal estava muito empatado para o gosto de John, cedo ou tarde um deles ia ...

Qhuinn recebeu um murro direto no rosto e se dobrou, sua cabeça girando sobre sua coluna como uma peão levando seu corpo a fazer uma pirueta.

Nesse momento algo chegou em John, pela porta traseira, entrando tão seguro como se um fantasma se colocasse em sua pele. Um antigo conhecimento, do tipo que vinha com a experiência ganha com anos que ainda não tinha, fez que levasse a mão e a afundasse profundamente no bolso traseiro. Tocou a Glock, tirou-a e a segurou com ambas as mãos.

Em uma piscada teve a arma pronta. Em um segundo a boca apontou para o lesser que lutava com Blay pela posse da lâmina. No terceiro John apertou o gatilho... e abriu uma porta de estábulo na cabeça desse lesser. No quarto se virou sobre sua posição para o assassino situado sobre o Qhuinn, que estava recolocando o punho americano na mão.

Pop!

John derrubou o lesser com um tiro na têmpora, e uma poça de sangue negro formou uma fina nuvem. A coisa se derrubou de joelhos e caiu de cabeça sobre Qhuinn... que estava tão aturdido que só pôde empurrar o corpo para um lado.

John olhou para Blay. O cara o estava observando assombrado.

—Jesus Cristo... John.

O lesser ao lado do Qhuinn soltou um gorgoteante fôlego, como uma cafeteira que acabasse de filtrar café.

Metal, pensou John. Precisava de um pouco de metal. A faca pelo que Blay tinha estado brigando não se via por nenhuma parte. Onde podia encontrar...?

Havia uma caixa aberta de pregos para tetos junto a uma pá escavadora.

John se inclinou, pegou um do monte e se aproximou do lesser que estava ao lado do Qhuinn. Levantando muito as mãos, John lançou todo seu peso e sua ira no golpe descendente, e em um instante, a realidade mudou como a areia. Estava segurando uma adaga, não uma parte de aço... e era grande, maior que Blay e Qhuinn... e tinha feito isto muitas, muitas vezes.

O prego atravessou o peito do lesser, e o brilho de luz foi mais brilhante do que John tinha esperado, lhe golpeando os olhos e percorrendo seu corpo como uma onda ardente. Mas seu trabalho não tinha terminado. Passou por cima do Qhuinn, movendo-se pelo asfalto sem sentir o chão sob os pés.

Blay olhou, boquiaberto e sem mover-se, John levantar de novo o prego. Desta vez, quando o baixou, John abriu a boca e gritou sem fazer nem um som, um grito de guerra não menos assustador pelo fato de não ser escutado.

Depois do estalo de luz, foi vagamente consciente das sireness. Sem dúvida algum humano tinha chamado à polícia ao escutar os tiros.

John deixou que seu braço caísse ao seu lado, e o prego deslizou de sua mão e bateu no chão com um estrépito.

Não sou um covarde. Sou um guerreiro.

O ataque lhe sobreveio rápido e com dureza, atirando-o ao chão, sujeitando-o com mãos invisíveis, fazendo que ricocheteasse dentro de sua própria pele até que desmaiou, o rugido do esquecimento apoderando-se dele.

CAPÍTULO 22

Quando Jane e V retornaram ao quarto, tomou assento no que começava a considerar como sua cadeira, e V se estirou na cama. Amigo, esta ia ser uma longo noite... isto é, dia. Estava cansada e nervosa e não era uma boa combinação.

—Precisa de comida? —perguntou.

—Sabe o que eu gostaria de ter? —bocejou— Chocolate quente.

V pegou o telefone, apertou três botões e esperou.

—Está me pedindo um pouco? —disse.

—Sim. E também... ouça, Fritz. Isto é o que preciso...

Depois que V desligasse, teve que sorrir.

—Isso é quase um banquete.

—Não comeu desde... —deteve-se, como se não quisesse trazer para a conversa a parte do seqüestro.

—Está bem —murmurou, sentindo-se triste sem causa alguma.

Não, havia uma boa causa. Partiria logo.

—Não se preocupe, não se lembrará —lhe disse—Não sentirá nada depois que parta.

Ruborizou-se.

— Ah... Exatamente, como as mentes?

— É como perceber uma frequência de rádio. Costumava acontecer todo o tempo, eu quisesse ou não.

— Costumava?

— Suponho que a antena quebrou. — Uma expressão amarga aflorou em seu rosto, nos olhos — Entretanto, ouvi de boa fonte que se resolverá sozinho.

— Por que parou?

— Por que é sua pergunta favorita, não?

— Sou cientista.

— Sei. — As palavras foram como um ronrono, como se lhe estivesse dizendo que usava lingerie sexy — Eu gosto de sua mente.

Jane sentiu uma quebra de onda de prazer, logo tudo se emaranhou em seu interior.

Como intuíra seu conflito, deu fim ao assunto com...

— Também estava acostumado a ver o futuro.

Esclareceu a garganta.

— Fazia-o? Como?

— A maior parte com sonhos fugazes. Sem seguir uma seqüência, só acontecimentos sem nenhuma ordem. Especializei-me em mortes.

Mortes?

— Mortes?

— Sim, sei exatamente como morrerão meus irmãos. Mas não quando.

— Jesus... Cristo. Isso deve ser...

— Também tenho outras habilidades. — V levantou a mão enluvada — Esta coisa.

— Queria perguntar a você sobre isso. Deixou fora de combate a uma de minhas enfermeiras quando estive na sala de emergências. Tirou a luva, e foi como se a tivesse golpeado um raio.

— Estava inconsciente quando aconteceu, não?

— Estava completamente inconsciente.

— Então essa é provavelmente a razão pela qual sobreviveu. Este pequeno legado de minha mãe é malditamente mortal. — Enquanto usava um punho fechado, a voz endureceu, as palavras cortaram seu lugar — E também reclamou meu futuro.

— Como pode ser isso? — quando não respondeu, algum instintivo a fez dizer — Me deixe adivinhar, um casamento arranjado?

— Casamentos. Por assim dizê-lo.

Jane estremeceu. Embora seu futuro não significasse nada no grande esquema de sua vida, por alguma razão a idéia dele sendo o marido de alguém, o marido de muitas, revolveu-lhe o estômago.

— Isto é... como quantas esposas?

— Não quero falar disso, OK?

— OK.

Uns dez minutos mais tarde um homem mais velho com uniforme de mordomo inglês chegou com uma bandeja cheia de comida. O banquete foi como o menu do serviço de quarto do Four Seasons. Havia gofres belgas com morangos, croissants, ovos mexidos, chocolate quente, fruta fresca.

Sua chegada foi verdadeiramente maravilhosa.

O estômago da Jane deixou escapar um rugido, e antes de saber o que estava fazendo, comia com apetite de um loja de comestíveis cujo prato se não houvesse visto comida em uma

semana. A metade da segunda porção e o terceiro chocolate, ficou gelada com o garfo na boca. Deus, o que pensaria V dela. Estava se comportando como uma porca...

—Eu adoro —disse.

—Sim? Realmente parece ótimo que engula a comida como um universitário?

Assentiu, com os olhos brilhantes.

—Eu gosto de ver você comer. Fascina-me. Quero que continue até que esteja tão cheia que caia adormecida na cadeira.

Cativada por seus olhos diamantinos, disse:

—E... então o que aconteceria?

—Levaria você até a cama sem despertar e a velaria com uma adaga na mão.

Certo, essas coisas de cavernícola não deveriam ser tão atraentes, depois de tudo, podia cuidar de si mesma. Mas homem, a idéia de que alguém cuidasse dela era... muito bonita.

—Acabe de comer —disse assinalando o prato— E há mais chocolate no recipiente térmico.

Maldita seja, mas fez o que lhe disse. Incluindo tomar a quarta taça de chocolate quente.

Enquanto se recostava na cadeira com a tigela na mão, estava felizmente repleta.

Sem nenhuma razão em particular, disse:

—Sei algo sobre legados. Meu pai era cirurgião.

—Ah. Então deve estar muito contente com você. É esplêndida.

Jane baixou o queixo.

—Acredito que teria achado minha carreira satisfatória. Especialmente se terminar ensinando em Columbia.

—Haveria?

—Ele e minha mãe estão mortos —e acrescentou, porque sentia que tinha que fazê-lo— Foi em um acidente de avião faz uns dez anos. Foram para uma convenção médica.

—Merda... realmente sinto muito. Sente falta deles?

—Isto vai soar horrível... mas o certo é que não. Eram estranhos com os quais tinha que viver quando não estava na escola. Mas sempre senti falta da minha irmã.

—Deus, também morreu?

—Um defeito congênito no coração que não foi diagnosticado. Foi rapidamente em uma noite. Meu pai sempre pensou que entrei na faculdade de medicina porque ele me inspirou, mas o fiz porque estava irritada com o que havia acontecido a Hannah. Ainda estou. —Tomou um gole da xícara— De toda forma, meu pai sempre pensou que a medicina era a maior e a melhor maneira de utilizar minha vida. Posso me lembrar dele me olhando quando tinha quinze anos e me disse que tinha sorte de ser tão inteligente.

—Então, sabia que podia fazer a diferença.

—Não por causa disso. Disse que dado meu aspecto, não seria como se pudesse me casar particularmente bem. —Com a súbita inalação de V, sorriu— Meu pai era um victoriano (conservador) vivendo nos anos setenta e oitenta. Possivelmente era por sua origem inglesa, quem sabe. Mas pensava que as mulheres deviam casar-se e ocupar-se de uma grande casa.

—Isso é uma coisa de merda para dizer a uma juvenzinha.

—Ele o teria chamado sinceridade. Acreditava na sinceridade. Sempre dizia que Hannah era a bonita. É obvio, pensava que fosse frívola. —Deus, por que demônios estava falando assim?— De toda forma, os pais podem ser um problema.

—Sim. Entendo-o. Não sabe quão foddidamente bem o entendo.

Quando ficaram em silêncio, teve o pressentimento que também estava folheando mentalmente o álbum familiar.

Depois de um momento, indicou com a cabeça a tela de plasma que havia na parede.

—Quer ver um filme?

Voltou-se na cadeira e começou a sorrir.

—Deus, sim. Não posso lembrar a última vez que vi um. O que tem?

—Conectei o cabo assim temos de tudo. —Sem demonstrar interesse, inclinou a cabeça para os travesseiros a seu lado—Por que não se senta aqui? Não poderá ver bem de onde está sentada.

Merda. Desejava estar a seu lado. Desejava estar... perto.

Mesmo enquanto o cérebro entorpecia a situação, foi para a cama e se acomodou a seu lado, cruzando os braços sobre o peito e as pernas pelos tornozelos. Deus, estava nervosa da mesma forma que estaria se es tivesse em uma entrevista. Mariposas no estômago. Palmas suarentas.

Olá, glândulas suprarrenais.

—De que tipo prefere ver? —perguntou enquanto sustentava na mão um controle remoto com suficientes botões para lançar um onibus espacial.

—Hoje estou interessado em algo um pouco aborrecido.

—De verdade? Por que?

Seus olhos diamantinos pousaram nela, as pálpebras tão fechadas que era difícil ler seu olhar.

—OH, por nenhuma razão. Parece cansada, isso é tudo.

No Outro Lado, Cormia estava sentada no cama de armar. Esperando. Outra vez.

Estendeu as mãos no colo, as cruzando de novo. Desejava ter um livro no colo para distrair-se. Enquanto estava sentada em silêncio, considerou brevemente como seria ter um livro dele. Possivelmente poderia pôr seu nome na capa assim os outros saberiam que era dele. Sim, gostaria disso. Cormia. Ou mesmo melhor, o livro de Cormia.

É obvio, emprestaria-o se suas irmãs pedissem emprestado. Mas saberia, enquanto se encontrava sustenido em outras mãos e lida sua impressão por outros olhos, que a encadernação, as páginas e as histórias nele eram delas. E o livro também saberia.

Pensou na biblioteca das Escolhidas, com o bosque de pilhas de livros e o delicioso e doce aroma de couro e o luxo entristecedor de palavras. O tempo ali era realmente seu refúgio e sua feliz reclusão. Havia muitas histórias para aprender, muitos lugares que seus olhos nunca esperariam contemplar, e amava aprender. Esperando com anseio por isso. Faminta por isso.

Geralmente.

Neste momento era diferente. Enquanto estava sentada no cama de armar e esperava, não queria a lição por vir: As coisas que estava a ponto de saber não eram o que queria aprender.

—Saudações, irmã.

Cormia elevou o olhar. A escolhida retirou o véu branco da porta era um modelo de desinteresse e serviço, uma fêmea honrada de verdade. E a expressão de satisfação acalmada de Layla e sua paz interior era algo que Cormia invejava.

O que não era permitido. A inveja significava que estava separada de tudo, que foi errada e mesquinha.

—Saudações. —Cormia se levantou, os joelhos frouxos pelo temor por não saber aonde iriam. Entretanto freqüentemente tinha querido ver o que havia dentro do Templo do Primale, agora desejava não pôr nunca seus pés dentro dos marmóres limites.

Ambas se reverenciaram mutuamente e mantiveram a pose.

—É uma honra ser de ajuda.

Em voz baixa, Cormia respondeu:

—Estou... estou agradecida pela instrução. Vai diante, se o desejar.

Quando a cabeça da Layla se elevou, seus pálidos olhos verdes sabiam.

—Pensei que possivelmente poderíamos falar um poquinho em vez de ir diretamente ao Templo.

Cormia engoliu saliva.

—Estaria a favor disso.

—Posso me pôr a vontade, irmã? —quando Cormia assentiu, Layla foi para o cama de armar e se sentou, a branca túnica deslizou abrindo-se no meio das coxas— Se reúna comigo.

Cormia se sentou, o colchão baixo dela parecia mais duro que uma pedra. Não podia respirar, não podia mover-se, logo que podia piscar.

—Irmã minha, tratarei de acalmar seus medos —disse Layla— Verdadeiramente, gozará de seu tempo com o Primale.

—Claro. — Cormia fechou as lapelas da túnica— Mas visitará outras, não?

—Você será sua prioridade. Como sua primeira companheira, será uma figura especial para ele. Para o Primale existe uma estranha hierarquia dentro de tudo, e será a primeira entre todas.

—Mas quanto tempo passará antes que vá até as demais?

Layla franziu o cenho.

—Depende dele, entretanto pode opinar. Se o agradar, estará só com você durante um tempo. É sabido que aconteceu com antecedência.

—Entretanto, posso lhe dizer que procure a outras?

A perfeita cabeça da Layla se inclinou.

—Na verdade, irmã, você vai gostar do que acontecer.

—Sabe quem é? Sabe a identidade do Primale?

—De fato, vi-o.

—Sério?

—Claro. —Enquanto a mão da Layla ia fazendo um coque no cabelo loiro, gesto que Cormia tomou como um sinal de que a fêmea estava escolhendo as palavras com cuidado—. Ele é... como um guerreiro tem que ser. Forte. Inteligente.

Cormia entreceitou os olhos.

— Posterga a resposta para apaziguar meus medos, não?

Antes que Layla pudesse responder, a Directrix afastou a cortina para um lado. Sem mediar palavra com a Cormia, foi para a Layla e lhe sussurrou algo.

Layla se levantou, com um rubor florescendo nas bochechas.

—Irei em seguida. —virou-se para a Cormia, com uma estranha excitação iluminado seus olhos— Irmã, deixo você em agradável companhia até minha volta.

Como era costume, Cormia se levantou e se inclinou, aliviada de ter um adiamento para a lição fosse qual fosse a razão.

—Que esteja bem.

A Directrix, entretanto, não partiu com a Layla.

—Levarei você ao Templo e procederemos com sua instrução.

Cormia se rodeou com os braços.

—Não deveria esperar Layla...

—Está me questionando? —disse a Directrix— Claro que o faz. Possivelmente logo deseje confeccionar também a agenda para as lições, sabendo tanto sobre a história e o significado do posto para o qual foi escolhida. Para falar a verdade, estarei encantada de aprender com você.

—Desculpe-me, Directrix —respondeu Cormia completamente envergonhada.

—O que terá que perdoar? Como primeira companheira do Primale, será livre para me dar ordens, assim possivelmente deveria me familiarizar com sua liderança agora. Me diga, prefere que caminhe uns passos atrás de você enquanto vamos para o Templo?

Brotaram as lágrimas.

— Por favor, não, Directrix.

— Por favor não, o que?

— Quero segui-la — sussurrou Cormia com a cabeça inclinada — Não guiá-la.

Ishtar foi a escolha perfeita, pensou V. Aborrecida a morrer. Larguíssima. Tão visualmente chamativa como um saleiro.

— É o pior monte de merda que vi alguma vez — disse Jane enquanto bocejava de novo.

Deus, tinha uma bonita garganta.

Enquanto V despia as presas e se imaginava praticando uma dentada clássica da Drácula, elevando-se sobre o corpo prostrado, obrigou-se a voltar o olhar para o Dustin Hoffman e Warren Beatty que caminhavam penosamente pela areia. Tinha escolhido essa gororoba esperando deixá-la fora de combate... assim poderia fazer um túnel em sua mente e saber o tudo sobre ela.

Tinha uma forte necessidade de tê-la contra sua boca, embora fosse penas no éter de um sonho.

Enquanto esperava que caísse dentro do sonho REM, encontrou-se com o olhar cravado na fuga e perversamente pensando no inverno... o inverno e sua transição.

Foi algumas semanas depois de que o pretrans caiu e morreu no rio que V passou pela mudança. Tinha sido consciente das diferenças em seu corpo um pouco antes de que o golpeasse. Atormentado por dores de cabeça. Constantemente faminto embora sentindo náuseas se comesse. Incapaz de dormir, entretanto exausto. A única coisa permanecia a mesma era sua agressividade. As exigências do acampamento significavam que sempre tinha que estar preparado para a batalha, assim seu temperamento arisco não caracterizava qualquer mudança manifesta em seu comportamento.

Foi na metade de uma cruel e temprana tormenta de neve que nasceu a sua vida de macho adulto.

Como resultado do descida das temperaturas, as paredes de pedra da cova estavam geladas, estava acostumado a temperaturas baixas para congelar os pés ainda usando botas forradas de pele, o ar era tão frio que o fôlego da boca era uma nuvem sem céu. Enquanto o arremesso prevalecia, os soldados e as fêmeas da cozinha dormiam com os corpos amontoados, não para o sexo, se não para compartilhar o calor.

V sabia que a mudança se abatia sobre ele, pois despertou ardendo. No início a comodidade do calor foi de grande ajuda, mas logo a febre se propagou por seu corpo como uma fome atroz estendendo-se através dele. Retorceu-se no chão, esperando alívio, sem encontrar nenhum.

Depois de um tempo que pareceu eterno, a voz do Bloodletter penetrou através da dor.

— As fêmeas não o alimentarão.

Em meio a seu estupor, V abriu os olhos.

O Bloodletter se ajoelhou.

— Certamente sabe por que.

V bebeu saliva através do punho que era sua garganta.

— Não sei.

— Dizem que as pinturas da cova o possuirão. Que sua mão foi possuída pelos espíritos presos nas paredes. Que seu olho já não é seu.

Quando V não respondeu, o Bloodletter disse:

— Não o nega?

Através do labirinto em sua cabeça, Vishous tratou de calcular o efeito de suas duas respostas imagináveis. Decantou-se pela verdade, não por fazer honra à verdade em si, se não pelo instinto de auto conservação.

— Eu... nego-o.

— Nega o que descuidadamente comentam os outros?

— O que... dizem...?

— Que matou seu companheiro no rio com a palma da mão.

Era mentira, e os outros meninos que estavam ali sabiam, assim como viram o pretrans cair por si mesmo. As fêmeas deviam ter assumido isso pelo fato de que a morte tinha ocorrido e V tinha estado nos arredores. Já que porquê os outros varões estariam desejosos de difundir evidências da força de V?

Ou possivelmente era para seu benefício? Se V não tinha fêmea para se alimentar, morreria. O que não era uma coisa ruim para os outros pretrans.

— O que diz? — exigiu seu pai.

Como V precisava aparentar fortaleza, falou entre dentes.

— Matei-o.

O Bloodletter sorriu de orelha a orelha através da barba.

— Suspeitava-o. E por seu esforço trarei para você uma fêmea.

De fato, trouxeram-lhe uma e se alimentou. A transição foi brutal, longa e exaustiva, e quando acabou, seu corpo se transbordava fora da palha, os braços e pernas gelando-se no frio chão da caverna como a carne fresca da matança.

Embora seu sexo despertasse como consequência, a fêmea a que tinham forçado a alimentá-lo não quis saber nada com ele. Deu-lhe o sangue apenas para a mudança; logo o deixou com os ossos rangendo e os músculos alongando-se até que se rasgaram. Ninguém o atendeu, e enquanto sofria chamava a sua mãe mentalmente a que lhe tinha dado a luz. imaginava sua chegada até ele radiante e com amor, acariciando seu cabelo e lhe dizendo que tudo estava bem. Em sua patética visão, chamou-lhe seu amado lewlhen.

Presente.

Teria gostado de ter sido o presente de alguém. Os presentes eram apreciados, cuidados e protegidos. O diário do guerreiro Darius tinha sido um presente para V, ainda assim, o doador possivelmente não sabia que ao esquecê-lo tinha feito um favor.

Presente.

Quando o corpo de V acabou com a mudança, ficou dormindo, logo despertou faminto. Suas roupas se rasgaram durante a transição, assim se envolveu em uma pele de animal e caminhou com os pés descalços para a cozinha. Havia pouco para comer: Roeu uma coxa, encontrou alguns mendrugos, comeu um punhado de farinha.

Lambia o resíduo branco da palma da mão quando seu pai lhe disse detrás dele:

— Tempo de brigar.

— O que está pensando? — perguntou Jane —. Está completamente tenso.

V retornou ao presente. E por alguma razão não mentiu.

— Estou pensando a respeito das tatuagens.

— Quando você fez isso?

— Faz quase três séculos.

Assobiou.

— Deus, quanto tempo vive?

—Muito. Caso não seja derrotado em uma briga e vocês tolos humanos não façam explodir o planeta, respirarei durante outros setecentos anos.

—Uau. Dá um conceito completamente novo a expressão terceira idade. —sentou-se inclinando-se para frente— Volte a cabeça. Quero ver a tinta de seu rosto.

Aturdido pelas lembranças, fez o que lhe pediu porque não tinha a coerência suficiente para pensar por que não deveria. Ainda assim, quando elevou sua mão, estremeceu.

Deixou cair o braço sem tocá-lo.

—Eles o fizeram isso, não? Provavelmente ao mesmo tempo que a castração, não?

V retrocedeu interiormente, mas não se moveu. Sentia-se completamente incômodado com a rotineira compaixão feminina, mas o assunto era, que a voz da Jane era objetiva. Direta. Assim podia responder objetiva e diretamente.

—Sim. Ao mesmo tempo.

—Vou supor que são advertências, como as que tem na mão, na têmpora, nas coxas e na virilha. Vou supor que se trata da energia na palma de sua mão, a clarividência, e o assunto da procriação.

Como se devesse sentir-se surpreso por seu super poder de dedução?

—Certo.

Sua voz se agravou.

—Por isso o aterrorizou quando disse que o reteria. Lá no hospital na UTIC. Ataram-no, não?

Esclareceu a garganta.

—Fizeram-no, V?

Recolheu o controle da televisão.

—Quer ver algo mais?

Quando começou a fazer zapping pelos canais de filmes, fez-se um completo silêncio.

—Vomitei no funeral de minha irmã.

O polegar de V ficou quieto sobre o controle, detendo-se no silêncio dos inocentes. Olhou-a.

—Fez-o?

—O momento mais abafado e vergonhoso de minha vida. E não só por quando aconteceu. Fiz isso sobre meu pai.

Enquanto Clarice Starling se sentava em uma dura cadeira frente à cela do Lecter, V desejou ardentemente informação a respeito de Jane. Quis saber o curso inteiro de sua vida do nascimento até o presente, e queria sabê-lo tudo agora.

—Me conte o que aconteceu.

Jane esclareceu a voz como dando-se ânimos, e não pôde ignorar o paralelismo com o filme, com ele mesmo como o monstro enjaulado e Jane como a fonte do bem, dando de presente pedacinhos de si mesma para o consumo da besta.

Mas precisava saber, tanto quanto precisava de sangue para sobreviver.

—O que ocorreu, Jane?

—Bom, vejamos... meu pai era um grande partidário de aveia.

—Aveia? —como não prosseguiu, disse-lhe— Conte-me.

Jane cruzou os braços sobre o peito e olhou o chão. Logo seus olhos se encontraram.

—Para que fique claro, a razão pela qual falo disto é para que me fale do que ocorreu a você. Olho por olho. É como compartilhar cicatrizes. Sabe, como a vez em que caiu do beliche no acampamento de verão. Ou, como quando se cortou com o bordo metálico de uma caixa do Reynolds Wrap ou quando bateu a cabeça com um... —franziu o cenho—. Certo... possivelmente nada disto seja um bom exemplo, considerando a maneira como cicatriza, mas funciona comigo.

V teve que sorrir.

—O safado.

—Suponho que agora me entenda . Ou seja que se eu me abrir, você também. Está de acordo?

Merda... Salvo que tinha que saber sobre ela.

—Suponho que sim.

—Certo, assim meu pai e a aveia. Ele...

—Jane?

—O que?

—Eu gosto. Muito. Tinha que dizê-lo.

Piscou um par de vezes. Logo esclareceu a garganta outra vez. Amigo, esse rubor lhe senta bem.

—Estava falando da aveia.

—Bem... sim... como ia dizendo, meu pai era um grande partidário da aveia. Nos fazia todos comê-la pela manhã, mesmo no verão. Minha mãe, minha irmã e eu tínhamos que engolir essa asquerosidade por ele, e esperava que você acabasse tudo o que havia na tigela. Estava acostumado a nos observar comer, como se estivéssemos jogando golfe e corrêssemos perigo de fazer mal o balanço. Juro-o, media o ângulo entre a coluna vertebral e o aperto pela colher. No jantar estava acostumado a... —deteve-se— Estou me desviando.

—Eu poderia ouvir você falar durante horas, assim por mim não se centre em nada.

—Sim, certo... centrar-se é importante.

—Só se for um microscópio.

Sorriu um pouco.

—Retornando à aveia. Minha irmã morreu no dia de meu aniversário, uma sexta-feira a noite. O funeral foi preparado rapidamente, porque meu pai partiria para apresentar um artigo no Canadá na quarta-feira seguinte. Inteirei-me depois que tinha programado essa apresentação no dia em que Hannah foi encontrada morta em sua cama, sem dúvida porque queria que as coisas seguissem adiante. De toda forma... o dia do funeral, levantei-me e me senti terrivelmente mal. Simplesmente miserável. Nada menos que enjoada. Hannah... Hannah era a única coisa real em uma casa cheia de coisas bonitas e agradáveis. Era desordenada, escandalosa, feliz e... a amava muito, e não pude suportar que a enterrássemos. Teria odiado ser enjaulada assim. Sim... de todas formas, para o enterro, minha mãe saiu e me comprou um desses vestidos de casaco negros. O problema foi, a manhã do funeral, quando fui colocá-lo não estava bem. Era muito pequeno, e me sentia como se não pudesse respirar.

—Naturalmente piorou o estômago.

—Sim, mas descí à mesa do café da manhã somente com arcadas secas. Jesus, ainda posso lembrar o que pareciam sentados um de cada lado da mesa, um frente ao outro sem fazer contato visual. Minha mãe era como uma boneca de porcelana que tinha passado por um mau controle de qualidade... estava maquiada, tinha o cabelo em seu lugar, mas tudo um pouco desarrumado. O batom era da cor equivocada, não usava ruge, viam-se as forquilha do coque. Meu pai estava lendo o periódico, e o som dessas páginas agitando-se era tão alto como o disparo de uma escopeta. Nenhum deles me disse uma palavra.

—Assim, me sentei na cadeira e não podia afastar a vista da cadeira vazia ao outro lado da mesa. A tigela de aveia aterrissou na mesa. Enjoe, nossa faxineira, pôs a mão sobre meu ombro enquanto o punha frente a mim, e por um momento quase sofri um colapso. Mas logo meu pai estalou esse periódico como se eu fosse um cachorrinho mijando no tapete, e agarrei a colher e comecei a comer. Obriguei descer a aveia até ter arcadas. E logo fomos ao funeral.

V quis tocá-la, e quase a alcançou com a mão. Em lugar disso perguntou:

—Quantos anos tinha?

—Treze. De toda forma, chegamos à igreja e estava abarrotada, porque todo mundo em Greenwich conhecia meus pais. Minha mãe era desesperadamente cortês, e meu pai estava estoicamente frio, isso era uma situação mais ou menos normal. Lembrança... sim, pensei que os dois estavam como sempre a não ser pelo mau trabalho de maquiagem e o fato que meu pai estivesse a todo o momento mudando a mão de seu bolso. O que não era normal. Odiava o ruído ambiental de qualquer tipo, e estava surpresa que o inquieto tinido das moedas não o incomodasse. Suponho que estava bem porque tinha o controle do som. Quero dizer, que podia detê-lo sempre que quisesse.

Quando fez uma pausa e olhou através do quarto, V quis tratar de penetrar em sua mente e ver exatamente o que estava revivendo. Não pôde... e não porque não estivesse seguro que podia fazê-lo. As revelações que livremente escolhia compartilhar com ele eram mais preciosas que algo que ele pudesse tirar dela.

—Primeira fila —murmurou—. Na igreja, estávamos sentados na primeira fila, à direita na frente do altar. O ataúde fechado, graças a Deus, embora suponha que Hannah estivesse perfeitamente formosa. Tinha o cabelo de uma cor loira avermelhada, minha irmã. Tinha-o luxuoso e ondulado do tipo que se via nas Barbies. O meu era murcho como um pau. De toda forma...

V teve o fugaz pensamento de que usava as palavras de toda forma como um rascunho sobre uma piçarra lotada. Dizia-o cada vez que precisava limpar as coisas que acabava de compartilhar e fazer um lugar para mais.

—Sim, primeira fila. O serviço começou. Quantidade de música de órgão... e o assunto era, que esses tubos vibravam para cima através do chão. Esteve alguma vez em uma igreja? Provavelmente não... De toda forma, pode sentir os baixos quando na verdade começa a soar. Naturalmente, o serviço foi em um lugar cerimonioso com um órgão que tinha mais tubos que o sistema de rede de esgoto da cidade de Caldwell. Deus, quando isso começou a soar, foi como se estivesse em um avião que estivesse decolando.

Quando se deteve tomar fôlego, V soube que a história a estava curvando, levando-a a um lugar ao qual não ia de boa vontade ou freqüentemente.

Sua voz era rouca quando continuou.

—Assim é que... estamos na metade da missa, o vestido é muito apertado, o estômago está me matando e essa fodida aveia de meu pai deu vis raízes e estão se inserindo no interior do intestino. E o sacerdote sobe ao suporte de livro para fazer o discurso mortuário. Havia saído diretamente de uma seleção de atores para o personagem principal, cabelo grisalho, voz grave, vestido com uma túnica marfim e dourado. Era o Bispo Episcopal para todo Connecticut, acredito. De todo modo... começou a falar sobre o estado de graça que aguarda no céu, e todas essas tolices sobre Deus, Jesus e a Igreja. Parecia mais propaganda do cristianismo que algo para Hannah.

—Estava sentada ali, sem seguir o fio, quando olhei por cima e vi as mãos de minha mãe. Estavam apertadas no colo, com os nódulos completamente brancos... como se estivesse em uma montanha russa, entretanto não se movia. Girei para a esquerda e olhei as de meu pai. Tinha as palmas nos joelhos e todos os dedos cravados nelas exceto o mindinho direito, o qual estava movendo-se um pouco. Esse estava repicando contra a fina lã da calça com um tremor tipo Parkinson.

V sabia para onde ia.

—E as suas —disse brandamente— Onde estavam a suas?

Jane exalou um pequeno soluço.

—As minhas... as minhas estavam completamente quietas, completamente relaxadas. Não sentia nada à exceção da aveia no estômago. OH... Deus, minha irmã estava morta e meus pais, os quais eram tão pouco emocionais como pode imaginar, estavam afetados. Eu? Nada. Lembro do pensar que Hannah teria chorado se eu estivesse descansando raso em um ataúde. Eu? Não podia.

—Assim quando o sacerdote acabou o filme de quão grande era Deus, e quanta sorte tinha Hannah de estar com Ele, bla, bla, bla, o órgão começou a soar. A vibração dos baixos desses tubos se elevou desde revisto através de meu assento, e bateu justo na seqüência correta. Ou na equivocada, suponho. Vomitei toda essa aveia sobre meu pai.

Merda, pensou V. Alargou a mão e tomou a dela.

—Maldita...

—Sim. Minha mãe se levantou para me levar para fora, mas meu pai lhe disse que ficasse. Levou-me para uma paroquiana, pediu-lhe que me levasse ao banheiro, logo entrou no serviço de cavalheiros. Deixaram-me sozinha em uma cadeira do coro durante dez minutos, logo a paroquiana retornou, meteu-me em seu carro e me levou para casa. Perdi o enterro. —Inspirou— Quando meus pais retornaram para casa, nenhum deles veio para ver-me. Estive esperando que viesse algum deles. Podia ouvi-los mover-se pela casa até que tudo ficou em silêncio. Finalmente, desci, para pegar algo na geladeira, e comer de pé na escada, porque não tínhamos permissão para subir com comida. Então tampouco chorei, embora fosse uma noite de muito vento, o qual me assustava, a casa estava em sua maior parte às escuras e me sentia como se tivesse arruinado o funeral de minha irmã.

—Estou seguro que estava assustada.

—Sim. Que engraçado... estava preocupada se por acaso sentiria frio. Sabe, a fria noite de outono. O chão frio. —Jane sacudiu a mão nas suas — No fim de toda forma, na manhã seguinte meu pai se foi antes que eu me levantasse, e não voltou para casa durante duas semanas. Continuou chamando e dizia a minha mãe que ia consultar sobre outro caso complexo em algum lugar do país. Enquanto isso, minha mãe se levantava cada dia, vestia-se e me levava a escola, mas na realidade não estava presente. Transformou-se em um jornal. As únicas coisas das quais falava eram o tempo e o que tinha ido mal com a casa ou o pessoal enquanto estava na escola. No final meu pai retornou, e sabe como me inteirei de sua iminente chegada? O quarto de Hannah. Cada noite ia ao quarto de Hannah e me sentava com suas coisas. O que não podia entender era como suas roupas, livros e desenhos ainda estavam lá, mas ela não. Não podia processá-lo. O quarto era como um carro sem motor, tudo estava onde devia, ao menos de uma forma potencial. Nada ia ser usado outra vez.

—A noite antes que meu pai voltasse, abri a porta do quarto e... tudo tinha desaparecido. Minha mãe tinha limpado tudo e tinha mudado a colcha e as cortinas. Deixou de ser o quarto da Hannah e passou a ser um quarto de hóspedes. Assim foi como soube que meu pai voltava para casa.

V esfregou o reverso de sua mão com o polegar.

—Jesus... Jane...

—Assim que essa é minha revelação. Vomitei a aveia em vez de chorar.

Podia ver que estava nervosa e que desejava ter se calado, e sabia como se sentia, porque ele fazia o mesmo naquelas poucas ocasiões em que tinha falado de seus assuntos pessoais. Continuou lhe acariciando a mão até que se virou para ele. Enquanto o silêncio se prolongava, soube o que estava esperando.

—Sim —murmurou— Me ataram.

—E estive consciente durante todo o processo, não?

Sua voz se afundou.

—Sim.

Tocou-lhe o rosto, percorrendo com a palma seu rosto agora com barba.

—Matou-os por isso?

Levantou sua palma enluvada.

—Isto tomou o controle. O resplendor se acendeu por todo o corpo. Ambos tinham as mãos sobre mim, assim caíram como pedras.

—Bom.

Merda... realmente a amava.

—Teria sido uma boa guerreira, sabe?

—Sou uma guerreira. A morte é minha inimizada.

—Sim, é-o, na verdade. —Deus, tinha tanto sentido que se vinculasse a ela. Era uma guerreira... como ele— O bisturi é sua adaga.

—Sim.

Foram assim, com as mãos e os olhos entrelaçados. Até, que sem aviso, lhe roçou o lábio inferior com o polegar.

Quando ele inspirou com um vaio sussurrou:

—Sabe, não tenho que estar adormecida.

CAPÍTULO 23

Quando John recuperou o conhecimento, tinha uma ardente febre. Sua pele estava em chamas, seu sangue era um rio de lava, a medula e seus ossos eram o forno que produzia tudo. Desesperado por refrescar-se, rodou para um lado e quis tirar a roupa, exceto não tinha camisa posta, nem calças. Estava nu enquanto se retorcia.

—Tome meu pulso —a voz feminina veio de um ponto por cima e à esquerda dele, e John inclinou a cabeça para o som, o suor correndo por seu rosto como lágrimas. Ou talvez estivesse chorando?

Dói, indicou com a boca.

—Sua Graça, tome meu pulso. O processo esta feito.

Algo empurrou contra seus lábios e os umedeceu com vinho, rico vinho. O instinto se elevou como uma besta. O fogo era, de fato, uma fome, e o que lhe estava oferecendo era o sustento que precisava. Pegou o que resultou ser um braço, abriu amplamente a boca e bebeu com fortes goles.

Deus... O sabor era da terra e da vida, embriagador, potente e aditivo. O mundo começou a girar, a dançar em descontrolado, uma montanha russa, um redemoinho sem fim. No meio do redemoinho, bebeu com desespero, sabendo sem que o dissessem que o que estava descendo por sua garganta era o único antídoto contra a morte.

A alimentação durou dias e noites, passaram semanas inteiras. Ou foi um abrir e fechar de olhos? Surpreendeu-se de que depois de tudo tivesse um final... não o teria surpreendido inteirar-se de que o resto de sua vida o passaria no pulso que lhe tinha sido dado.

Relaxou seu aperto sugador e abriu os olhos.

Layla, a loira Escolhida, estava sentada a seu lado na cama, sua túnica branca era como um raio de sol para seus sensíveis olhos. No canto, Wrath estava parado junto a Beth, os dois abraçados, com aspecto preocupado.

A mudança. Sua mudança.

Elevou as mãos e indicou como um bêbado.

É isto?

Wrath negou com a cabeça.

— Ainda não, está vindo.

Vindo?

— Faz algumas inspirações profundas — disse o Rei — Vai precisar. E escuta, estamos aqui mesmo, OK? Não o vamos deixar.

Merda, isso era certo. A transição tinha duas partes, não é? E a parte dura ainda tinha que chegar. Para combater o medo, lembrou-se do que Blay tinha passado. Assim como Qhuinn.

E todos os irmãos.

E sua irmã.

Encontrou os olhos azul escuro de Beth, e de nenhuma parte lhe veio uma visão imprecisa. Estava em um clube... em um clube gótico... Tohrment. Não, estava vendo o Tohr com alguém, um macho grande, um macho do tamanho de um irmão, cujo rosto John não podia ver.

John franziu o cenho, perguntando-se porquê demônios seu cérebro lhe mostraria algo como isso. E então escutou o estranho falar.

— É minha filha, Tohr.

— É mestiça, D. Já sabe o que pensa dos humanos. — Tohrment moveu a cabeça — Meu tataravô o era e não me vê precisamente alardeando disso ante ele.

Estavam falando sobre Beth, não?... o que queria dizer que o estranho com as feições imprecisas era o pai de John. Darius.

John se esforçou por focar a visão para poder olhar uma vez o rosto de seu pai, rogando ter clareza quando Darius levantou a mão para captar a atenção de uma garçonete antes de indicar a sua garrafa vazia de cerveja e o copo quase vazio do Tohrment.

— Não deixarei que morra outro de meus filhos — disse — E menos se houver uma possibilidade de salvá-la. De qualquer modo, nem sequer estamos seguros de que vá mudar. Poderia acabar vivendo uma vida feliz, sem inteirar-se jamais de minha condição. Não seria a primeira vez que acontece.

Seu pai tinha sabido alguma vez dele? Perguntou-se John. Provavelmente não, já que John tinha nascido no lavabo de uma parada de ônibus, e o tinham deixado para que morresse. Um macho que se importava tanto com sua filha, também teria se importado com seu filho.

A visão começou a desvanecer-se, e quanto mais tentava John ater-se a ela, mais rápido se desintegrava. Justo antes de desaparecer, olhou o rosto de Tohr. O corte de cabelo militar, os fortes ossos e os perspicazes olhos fizeram que John sentisse uma dor no peito. Também o fez a forma com que Tohr olhava o macho que se sentava com ele do outro lado da mesa. Estavam unidos. Eram melhores amigos, parecia.

Que maravilhoso teria sido, pensou John, ter a ambos em sua vida...

A dor que o abateu foi cósmica, um big Bang que cindiu a John e enviou suas moléculas girando sobre o núcleo. Todo pensamento, todo raciocínio se perdeu, e não teve mais opção que submeter-se. Abrindo a boca, gritou sem emitir nenhum som.

Jane não podia acreditar que estivesse olhando um vampiro no rosto e lhe rogando que se deitasse com ela. E ainda assim, ao mesmo tempo, nunca tinha estado mais segura de nada em sua vida.

— Feche os olhos — disse V.

— Porque? Vai me beijar de verdade? — Por favor, Deus, permite que esse seja o caso.

V estirou a mão enluvada e percorreu com ela o rosto da Jane. Sua palma era cálida e grande, e cheirava a especiarias escuras.

—Dorme, Jane.

Franziu o cenho.

—Quero fazê-lo acordada.

—Não.

—Por que?

—É mais seguro dessa forma.

—Espera, quer dizer que pode me deixar grávida? —E o que acontecia com as DST²⁹?

—Sabe-se que aconteceu com humanos em alguma ocasião, mas não está ovulando. Cheiraria-o. E em relação às enfermidades que se pudessem transmitir, não as tenho, e você não me poderia passar nenhuma, mas nada disso é o que importa. É mais fácil para mim tomá-la quando não está acordada.

—Quem disse?

Moveu-se na cama, impaciente, inquieto. Com vontade de sexo.

—Em sonhos é a única maneira em que pode acontecer.

Homem, que sorte que estivesse decidido a ser um cavalheiro. Bastardo.

Jane se afastou e ficou em pé.

—As fantasias não me interessam. Se não quer que estejamos juntos verdadeiramente, então não vamos chegar a isso.

Colocou parte do edredom sobre os quadris, cobrindo uma ereção que empurrava contra o pijama de flanela.

—Não quero fazer mal a você.

Lançou-lhe um olhar de aborrecimento que era parte frustração sexual, parte Gertrude Stein³⁰.

—Sou mais forte do que pareço. E para ser franca, toda essa merda de macho-controlador, estou-fazendo-o-melhor-para-você me dá alergia.

Deu a volta com o queixo erguido, mas então se deu conta de que realmente não tinha nenhum lugar para onde partir. Que maneira de fazer uma saída.

Dando de frente com uma falta total de alternativas, foi ao banheiro. Enquanto caminhava entre a ducha e o lavabo, sentiu-se como um cavalo em um estábulo...

Sem nenhuma advertência, foi derrubada para trás, empurrada de cabeça contra a parede e sustentada assim por um corpo duro como uma rocha, que a dobrava em tamanho. Seu grito sufocado foi primeiro de surpresa, depois de sexo, quando sentiu V esfregar-se contra seu traseiro.

—Tentei dizer que não —rugiu enquanto enterrava a mão em seu cabelo e o aferrava, lhe puxando a cabeça para trás. Enquanto lançava um grito, umedeceu-se entre as pernas— Tentei ser decente.

—OH... Deus....

—Rezar não vai ajudar você. Muito tarde para isso, Jane. —Havia pesar em sua voz... e também algo inevitável e erótico— Te dei a oportunidade de ser a sua maneira. Agora o faremos à minha.

Desejava isto. Desejava a maneira dele.

—Por favor...

²⁹ Doença Sexualmente Transmissível

³⁰ Escritora e poetisa americana vanguardista, uma figura chave do ambiente artístico e literário de sua época. Além disso, tinha uma forte personalidade, e era feminista e lésbica.

—Shh. —Com um giro de pulso, inclinou-lhe a cabeça dela para um lado, lhe descobrindo a garganta— Quando quiser que suplique, direi-lhe isso. —Sua língua se fazia sentir cálida e úmida ao lhe percorrer o pescoço— Agora me pergunte o que vou fazer.

Abriu a boca, mas só pôde ofegar.

Vishous lhe pegou o cabelo com mais força.

—Me pergunte. Diga: “O que vai me fazer?”

Ela bebeu.

—O que... o que vai me fazer?

Virou-a para um lado, em todo momento pressionando os quadris contra seu traseiro.

—Vê esse lavabo, Jane?

—Sim... —Merda, ia ter um orgasmo...

—Vou inclinar você sobre esse lavabo e vais segurar nas laterais. Depois vou tirar suas calças.

OH, Jesus...

—Me pergunte o que vem depois, Jane. —Voltou a lambar sua garganta, e logo pressionou o que ela reconheceu como uma presa contra o lóbulo de sua orelha. Houve uma deliciosa pontada de dor, seguida de outra rajada de calor entre as pernas.

—O que há... depois? —sussurrou.

—Vou me pôr de joelhos. —Baixou a cabeça e lhe mordiscou a clavícula—Me diga agora: “E logo o que, V.”

Quase soluçou, tão excitada que lhe começaram a falhar as pernas.

—E logo o que?

Lhe puxou o cabelo.

—Se esqueceu da última parte.

Qual era a última parte... qual era a última...?

—V.

—Não, agora comece de novo. Desde o começo. —Empurrou sua ereção contra ela, uma rígida dureza que claramente queria estar em seu interior agora— Comece de novo, e desta vez faça-o direito.

De lugar nenhum, um orgasmo começou a percorrê-la, o impulso miserável por sua voz rouca sobre ela...

—OH, não, não o terá. —separou-se de seu corpo— Não gozara agora. Quando disser que você pode, irá gozar. Não antes.

Desorientada e dolorida, ficou frouxa quando a necessidade de alcançar a liberação se afastou.

—Agora diga as palavras que quero escutar.

Quais eram?

—E logo o que... V?

—Vou me pôr de joelhos, passarei as mãos pela parte interior de suas coxas, e abrirei você para minha língua.

O orgasmo lhe voltou como uma quebra de onda, fazendo com que lhe tremessem as pernas.

—Não —disse com um grunhido—. Agora não. Só quando eu diga.

Colocou-a no lavabo e fez exatamente o que havia dito que faria. Inclinou-se, pô-lhe as mãos em cada lado do lavabo, e lhe ordenou:

—Segure-se.

Ela apertou as mãos com força.

Usou ambas as palmas nela, lhe percorrendo a pele sob a camisa, lhe embalando os seios. Depois estiveram em seu estômago e lhe rodearam os quadris.

Baixou-lhe as calças com um brusco puxão.

—OH... merda. Isto é o que quero. —Sua mão coberta de couro lhe apertou o traseiro e o massageou — Levanta esta perna.

Fez o que mandou e as calças de ioga desapareceram de seu pé. Separou-lhe as coxas e... sim, suas mãos, uma com luva, a outra não, começaram a subir. Seu centro estava quente e precisado enquanto se sentia descoberta ante ele.

—Jane — sussurrou de forma reverente.

Não houve prelúdio, nem suavidade no que fez. Foi sua boca. O centro dela. Dois pares de lábios encontrando-se. Os dedos dele se cravaram em suas nádegas e a mantiveram quieta enquanto trabalhava, e ela perdeu totalmente a noção do que era sua língua, ou seu cavanhaque, ou sua boca. Sentiu-se penetrada entre lentas lambidas, escutou os sons de carne contra carne, soube o domínio que tinha sobre ela.

—Goza para mim — lhe exigiu contra seu centro — Agora mesmo.

O orgasmo chegou em uma devastadora explosão que a fez sacudir-se contra o lavabo até que uma das mãos lhe escorreu. Não caiu só porque o braço de V saiu disparado e lhe deu algo ao que segurar-se.

A boca dele a soltou, e lhe beijou ambas as nádegas. Depois deslizou a palma pela coluna enquanto ela se deixava cair contra seus braços.

—Agora vou entrar dentro de você.

O som de seu pijama sendo descido de um puxão foi mais ruidoso que sua própria respiração, e o primeiro roçar de sua ereção contra a parte superior de seus quadris quase a voltou louca outra vez.

—Isto é o que desejo — disse com voz gutural — Deus... desejo isto.

Entrou nela com um duro impulso que levou seus quadris contra o traseiro feminino, e embora Jane era a que absorvia o tremendo contorno de Vishous, foi ele que gritou. Sem nenhuma pausa, começou a bombear nela, apoiando-se na cintura da mulher, movendo-a para frente e para trás para que seguisse seus impulsos. Com a boca aberta, os olhos abertos, e os ouvidos saboreando os deliciosos sons do sexo, Jane se segurou contra o lavabo e outro orgasmo a invadiu. Enquanto voltava a gozar, o cabelo lhe caía sobre o rosto, sua cabeça se sacudia, seus corpos golpeavam um contra o outro.

Era algo que nunca tinha conhecido. Era sexo à milionésima potência.

E então sentiu que sua palma enluvada lhe segurava o ombro. Enquanto a endireitava, continuava penetrando-a, dentro e fora, dentro e fora. A mão do Vishous se moveu para sua garganta, colocou-se em seu queixo, e lhe inclinou a cabeça para trás.

—Minha — grunhiu, bombeando dentro dela.

E então a mordeu.

CAPITULO 24

Quando John despertou, o primeiro pensamento que atravessou sua mente foi que queria um sorvete com banho de chocolate quente com pedaços de bacon em cima. O que era, desagradável, realmente.

Exceto, maldição... chocolate e bacon seriam o céu agora.

Abriu os olhos e se sentiu aliviado de estar olhando fixamente o teto familiar do quarto onde dormia, mas estava confuso quanto ao que lhe tinha acontecido. Era algo traumático. Algo de grande importância. Mas, o que?

Levantou uma mão para esfregar os olhos... e deixou de respirar.

A coisa unida a seu braço era enorme. Como a palma de um gigante.

Levantou a cabeça e olhou para baixo, para seu corpo... ou ao corpo de alguém. Em algum momento durante o dia tinha sido um doador de cabeça? Porque estava certo como o inferno que seu cérebro não tinha estado conectado a um corpo parecido com esse antes.

A transição.

—Como se sente, John?

Olhou para onde tinha divulgado a voz de Wrath. O Rei e Beth estavam ao lado da cama, luzindo absolutamente esgotados.

Tinha que concentrar-se para formar as palavras com as mãos.

Atravessei-a?

—Sim. Sim, filho, fez-o. —Wrath esclareceu a garganta, e Beth acariciou seu antebraço tatuado como se soubesse que lutava com as emoções— Felicitações.

John piscou rapidamente, seu peito apertando-se.

Ainda sou... eu?

—Sim. Sempre.

—Vou? —disse uma voz feminina.

John virou a cabeça. Layla estava de pé em um canto escuro, seu rosto perfeitamente lindo e seu corpo perfeitamente lindo nas sombras

Ereção. Foto instantânea.

Como se alguém tivesse injetado aço em seu membro.

Gesticulou para assegurar-se de que estava coberto, e agradeceu a Deus quando se deu conta que tinha uma manta por cima. Enquanto se recostava no travesseiro, escutou Wrath falando, mas a atenção de John estava no batimento do coração entre suas pernas... e na mulher do outro lado do quarto.

—Seria um prazer para mim ficar —disse Layla fazendo uma profunda reverência.

Ficar estava bem, pensou John. Sua permanência era...

Espera, e um inferno era bom. Não ia ter sexo com ela, pelo amor de Deus.

Ela deu um passo adiante, ao halo de luz derramado pelo abajur ao lado da mesinha de noite. Sua pele era branca como a luz da lua, suave como um lençol de cetim. Devia ser suave, também... sob suas mãos, sob sua boca... sob seu corpo. Abruptamente a mandíbula superior de John formigou em ambos os lados, justo diante, então algo se sobressaiu da boca. Uma rápida carícia de sua língua e sentiu as afiadas pontas de suas presas.

O sexo rugiu por seu corpo até que teve que afastar o olhar dela.

Wrath riu entre dentes, como se soubesse pelo que John estava passando.

—Deixaremos-os. John, estaremos no outro extremo do corredor se por acaso precisar de alguma coisa.

Beth se inclinou e apenas lhe roçou a mão com a sua, como se soubesse exatamente quão sensível estava sua pele.

—Estou muito orgulhosa de você.

Enquanto seus olhos se encontravam, o que lhe veio à mente foi: E eu de você.

O qual não tinha absolutamente nenhum sentido. Assim em vez disso, indicou torpemente:

Obrigado.

Um momento depois se foram, a porta os encerrando a ele e a Layla juntos. OH, isto não era bom. Sentiu-se como se estivesse sobre um potro selvagem corcoveando, pelo controle que tinha sobre seu corpo.

Como não era seguro olhar à Escolhida, deu uma olhada em volta do banheiro. Através da porta, viu a ducha de mármore e teve um caso grave de saudade.

—Queria lavar-se, Sua Graça? —disse Layla— Quer que deixe correr a água para você?

Assentiu para conseguir mantê-la ocupada com algo enquanto tratava de averiguar que fazer consigo mesmo.

Tome-a. Foda-a. Tome-a de doze maneiras diferentes.

Bem, se, isso não era o que deveria estar fazendo.

A ducha se abriu e Layla retornou, e antes de que soubesse o que estava fazendo, a manta se separou de seu corpo. Suas mãos se dispararam para cobrir-se mas os olhos dela chegaram primeiro a ereção.

—Posso ajudar com o banho? —sua voz era rouca, e olhava fixamente seus quadris como se o analisasse.

O qual fez crescer esse imenso peso que tinha sob as palmas ainda mais.

—Sua Graça?

Como se supunha que poderia fazer gestos nessa condição?

Não importa. Não o entenderia de todo modo.

John sacudiu a cabeça, logo se sentou, mantendo uma mão sobre si mesmo e plantando a outra no colchão para estabilizar-se. Merda, sentia-se como uma mesa cujos parafusos tivessem sido afrouxados em sua totalidade, então os componentes que o constituíam já não encaixavam juntos adequadamente. E a viagem ao banheiro parecia com uma corrida de obstáculos, embora não houvesse nada em seu caminho.

Ao menos já não estava concentrado unicamente em Layla.

Mantendo-se coberto, permaneceu cambaleando-se dentro do banheiro, tratando de não pensar em como estava mostrando o traseiro para Layla. Enquanto andava, imagens de potros recém-nascidos passeavam em sua cabeça, particularmente um onde as patas longas se dobravam como galhos enquanto lutavam por levantar-se. Como os entendia. Parecia que a qualquer momento seus joelhos sairiam de férias e ele ia organizar uma venda de garagem como um idiota.

Bem. Estava no banheiro. Bom trabalho.

Agora se só pudesse evitar cair sobre o mármore. Embora, Deus, conseguir lavar-se valeria as contusões. Exceto que, mesmo a ducha que tanto desejava era um problema. Meter-se sob o suave toque de água quente, foi como ser açoitado com um chicote, e saltou para trás... só para captar pela extremidade do olho como Layla se despia.

Santa merda... Era formosa.

Quando se uniu a ele ficou mudo, e não porque não tivesse uma caixa de ressonância. Seus seios eram cheios, os mamilos rosas apertados no meio de seu exuberante peso. A cintura parecia o bastante pequena como para que pudesse rodeá-la com suas mãos. Os quadris eram um equilíbrio perfeito a seus ombros estreitos. E seu sexo... seu sexo aparecia descoberto ante seus olhos, a pele Lisa e sem pêlo, a pequena abertura formada por duas dobras que estava desesperado por separar.

Segurou a si mesmo com ambas as mãos, como se seu pênis fosse capaz de liberar-se saltando o cerco que sustentava sobre sua pélvis.

—Posso lavá-lo, Sua Graça? —disse enquanto o vapor formava redemoinhos entre eles como um fino tecido em uma suave brisa.

A ereção atrás de suas mãos deu um puxão.

—Sua Graça?

Sua cabeça assentiu. Seu corpo pulsou. O pensamento de Qhuinn falando a respeito do que tinha feito com a fêmea que tinha tido. OH, Jesus... E agora estava acontecendo a John.

Ela pegou o sabão e o massageou entre suas palmas, fazendo rodar a barra uma e outra vez, formando espuma branca que gotejava no mosaico. imaginou seu membro entre essas mãos e teve que respirar pela boca.

Olhe o vaivém de seus seios, pensou enquanto lambia seus lábios. Perguntou-se se ela o deixaria beijá-la ali. Como seria? Deixaria-lhe ir entre seus...

Seu membro saltou, e deixou sair um gemido lastimoso.

Layla devolveu o sabão ao pequeno espaço que havia na parede de mármore.

—Serei suave, já que agora está sensível.

Engoliu forte e rezou para não perder o controle enquanto as mãos espumosas vinham para ele e se posavam em seus ombros. Desgraçadamente a antecipação era muito mais agradável que a realidade. Seu ligeiro toque foi como papel de lixa sobre uma queimadura de sol... e ainda assim desejava o contato

Desejava-a. Com o aroma do sabão francês flutuando no ar úmido, as palmas desceram por seus braços, logo voltaram a subir por volta de seu agora tremendo peito. A espuma correu por seu ventre até chegar a suas mãos, enredando-se entre seus dedos antes de gotejar por seu sexo em suaves montões.

Olhou-a fixamente no rosto enquanto se atrasava em seu peito, encontrando além de quão erótico seus olhos verde pálido vagassem por seu novo, grande corpo.

Estava faminta, pensou. Faminta do que ele estava sustentando entre as mãos. Faminta do que ele queria lhe dar.

Pegou o sabão do espaço novamente e se ajoelhou ante ele, os joelhos sobre o mármore. Seu cabelo ainda estava recolhido em um coque, e ele queria soltá-lo, queria ver como se via molhado e esmagado contra seus seios.

Quando pôs as mãos na parte de debaixo de sua perna e começou a subir, levantou a vista. Em um instante a viu tomando a cabeça de sua ereção, estirando a boca amplamente, as bochechas chupando-se para dentro enquanto se trabalhava em excesso sobre ele.

John gemeu e cambaleou, golpeando o ombro.

—Deixe cair os braços, Sua Graça.

Embora estivesse aterrorizado pelo que ia acontecer a seguir, queria obedecê-la. Exceto... e se ficasse ridículo? O que aconteceria gozava sobre seu rosto porque não podia conter-se? Que acontecia...

—Sua Graça, deixe cair os braços.

Lentamente deixou cair as mãos, e a ereção se sobressaiu erguida de seus quadris, nem tanto desafiando a gravidade como estando totalmente fora de seu alcance.

OH, Jesus. OH, Jesus... Ela levantava a mão para...

No instante em que tocou seu membro, a ereção se desinflou: de um nada se viu a si mesmo em um espaço de escada sarnento. Retido pela ponta de uma faca. Violado enquanto chorava silenciosamente.

John se soltou de um puxão e tropeçou para fora da ducha, molhado os pés e os frouxos joelhos fazendo que escorregasse no chão. Para evitar cair, plantou o traseiro no vaso.

Nada digno. Nada varonil. Que tipicamente fodido. Finalmente tinha um corpo grande, mas não era mais macho que quando tinha tido um pequeno.

A água parou e ouviu Layla cobrindo-se com uma toalha. Sua voz tremente.

—Gostaria que me fosse?

Assentiu, muito envergonhado para olhá-la.

Quando muito depois, levantou o olhar, estava sozinho no banheiro. Só e frio, perdido o calor da ducha, todo esse glorioso vapor indo como se nunca tivesse estado aí.

Sua primeira vez com uma fêmea... e tinha perdido a ereção. Deus, queria vomitar.

V rasgou a pele da Jane com as presas, penetrando em sua garganta, cravando sua veia, aferrando-se a ela com os lábios. Como era humana, a quebra de onda de poder ao beber não provinha da composição de seu sangue, mas sim do fato de que era ela. Seu sabor era o que tinha procurado. Seu sabor... e o consumo de uma parte dela.

Quando gritou, soube que não era de dor. Seu corpo estava bêbado devido à excitação, e esse aroma se fez ainda mais forte quando tomou o que queria dela, tomava seu sexo com o membro, tomava seu sangue com a boca.

—Goza comigo —disse com voz rouca, liberando sua garganta e deixando-a apoiada contra o lavabo outra vez—. Goza... comigo.

—OH, Deus...

V se apertou contra seus quadris enquanto gozava, e ela saltou o limite com ele, seu corpo sugando sua ereção justo como ele tinha feito em seu pescoço. A troca era justa e satisfatória; ela estava agora nele, e ele nela. Era correto. Era bom.

Minha.

Depois que terminou, ambos respiravam com dificuldade.

—Está tudo bem? —perguntou com um suspiro, muito consciente de que essa pergunta nunca antes tinha saído de sua boca depois do sexo.

Quando não respondeu, afastou-se um pouco dela. Em sua pálida pele podia ver as marcas que tinha deixado nela, vermelhas por seu trato rude. Quase todas com as quais se deitou alguma vez tinham acabado com elas, porque gostava de ser rude, precisava ser rude. E nunca se preocupou pelo que deixava atrás no corpo das outras pessoas.

As marcas o incomodavam agora. Incomodavam-lhe mesmo mais enquanto se limpava a boca com a mão e saía com uma mancha de seu sangue.

OH, Jesus... a tinha usado muito violentamente. Tinha sido muito duro.

—Jane, o sin...

—Assombroso. —Sacudiu a cabeça, o cabelo loiro balançando-se contra suas bochechas.—Foi... assombroso.

—Está segura que não te fiz...

—Simplesmente assombroso. Embora tenha medo de abandonar este lavabo porque cairei. O alívio invadiu sua cabeça, como um zumbido bêbado.

—Não queria machucar você.

—Enrolou-me... mas da maneira que se tivesse uma amiga íntima ligaria para ela e diria algo, "OH, Meu Deus tive o sexo de minha vida".

—Bem. Isso é... bom.

Não queria sair de seu interior, especialmente se continuasse falando dessa maneira. Mas moveu os quadris para trás e a liberou de sua ereção para que tivesse um descanso.

Pelas costas era deliciosa. Tão formosa que lhe fazia pulsar as têmporas. Totalmente comestível. Sua excitação pulsou como um coração enquanto subia a calça do pijama e se cubria com a flanela.

V endireitou Jane lentamente e a olhou no rosto através do espelho. Seus olhos estavam frágeis, a boca aberta, as bochechas ruborizadas. No pescoço as marcas da dentada estavam exatamente onde as queria; justo onde todos pudessem vê-las.

Virou-a para encará-lo e percorreu com seu indicador enluvado sua garganta, pegando o fino rastro de sangue das perfurações. Lambeu o couro negro, saboreando seu sabor, querendo mais.

— Vou selar isto, OK?

Assentiu, e ele baixou a cabeça. Enquanto percorria os buracos delicadamente com a língua, fechou os olhos e se perdeu acariciando-a com o nariz. A próxima vez queria ir entre suas pernas e tomar a veia que pulsava na união de seus quadris, perfurá-la ali assim poderia alternar entre chupar seu sangue e lamber seu sexo.

Inclinou-se para um lado e abriu a ducha, então lhe tirou a camisa que usava. Seus seios estavam cobertos com um sutiã branco, as pontas rosas eram visíveis através do encantador desenho. Inclinando-se, sugou um de seus mamilos através da fina malha e foi recompensado com sua mão metendo-se brandamente entre seu cabelo e com um gemido que borbulhou em sua garganta.

Grunhiu e deslizou a palma entre suas pernas.

O que tinha deixado antes estava na parte interna de suas coxas e embora lhe fizesse ser um estúpido bastardo, queria que ficasse ali. Queria deixar aquela substância onde estava e pôr mais dentro dela.

Ah, os instintos de um macho vinculado. Queria que o levasse como se fosse sua própria pele, por toda parte.

Tirou-lhe o sutiã e a colocou com cuidado na ducha, sustentando-a pelos ombros, colocando-a sob o jorro. Deu um passo para dentro, molhando a calça do pijama, seus pés sentindo o suave chão de mármore. Passando suas mãos por seu cabelo e afastando as curtas ondas loiras de seu rosto, olhou-a aos olhos.

Minha.

— Ainda não beijei você. — disse.

Arqueou-se contra ele e usou seu peito para equilibrar-se, justo como ele a queria.

— Não, na boca não.

— Posso?

— Por favor.

Merda, ficou nervoso enquanto olhava seus lábios. O que era estranho. Tinha tido muito sexo ao longo de sua vida, de todo tipo e combinações diferentes, mas a perspectiva de beijá-la decorosamente varreu com tudo isso. Era a virgem que nunca tinha sido, avoado e tímido.

— Então, vai fazê-lo? — perguntou enquanto ele se paralisava.

OH... merda.

Com um sorriso como o de Mona Lisa, pô-lhe as mãos sobre o rosto.

— Vêem aqui.

Baixou até ela, lhe inclinando a cabeça, e lhe roçou os lábios com os seus. O corpo de Vishous estremeceu. Havia sentido o poder antes, nos seus músculos, o de sua maldita mãe em seu destino, o do Rei em sua vida, o de seus irmãos no trabalho, mas nunca tinha permitido que nenhum deles o dominasse.

Jane o dominou agora. Tinha absoluto poder sobre ele enquanto embalava seu rosto entre as palmas das mãos.

Aproximou-a e pressionou os lábios mais forte contra os seus, a comunhão uma doçura que nunca teria acreditado que queria, muito menos que reverenciaria. Quando se separaram

ensaboou suas suaves curvas e a enxaguou. Colocou-lhe xampu no cabelo. Limpou-a entre as pernas.

Tratá-la com cuidado era como respirar... uma função automática de seu corpo e mente sobre o que nem sequer tinha que pensar.

Fechou a água, e a secou com a toalha, então a levantou em seus braços e a levou de volta para cama. Estirou-se sobre o edredom negro, pôs os braços sobre a cabeça, separou ligeiramente as pernas, nada exceto a ruborizada pele feminina e músculos.

Olhou-o fixamente por debaixo das pálpebras cansadas.

— Seu pijama está molhado.

— Sim.

— Está duro.

— Estou.

Ela se arqueou na cama, o ondulação percorrendo seu torso dos quadris até os seios.

— Vai fazer algo a respeito?

Descobriu as presas e vaiou.

— Se me deixar.

Moveu uma das pernas a um lado e as córneas dele quase começam a sangrar. Seu centro brilhava, e não devido à ducha.

— Acaso a você isto parece um não? — disse

Arrancou as calças e esteve sobre ela em um batimento do coração, beijando-a profunda e longamente, levantando os quadris, posicionando-se, penetrando-a. Era muito melhor assim, na realidade, não em um estado de sonho. Enquanto gozava por ele uma vez, duas... mais... lhe quebrou o coração.

Pela primeira vez tinha relações sexuais com alguém a quem amava.

Sentiu um momentâneo pânico cego por sua exposição. Como demônios tinha acontecido isto?

Mas, então, este era seu último — bom, seu único — intento na coisa do amor, verdade. E ela não ia lembrar nada, assim era seguro. O coração dela não ia se quebrar ao final.

Além... bom, sua falta de cor o faria mais seguro para ele também, verdade. De certo modo era como a noite em que ele e Wrath tinham tirado sua merda, e V tinha falado sobre sua mãe.

Quantas menos pessoas soubessem sobre ele, melhor.

Salvo que, maldição, por que infernos o pensamento de limpar a mente da Jane fazia que lhe doesse o peito?

Deus, iria tão cedo.

CAPÍTULO 25

No Outro Lado, Cormia saiu do Templo do Primale e esperou que a Directrix fechasse as enormes portas douradas. O Templo estava no topo de um monte, uma coroa dourada na parte superior de uma pequena colina, e de lá era completamente visível o recinto das Escolhidas: os brancos edifícios e os templos, o anfiteatro, as passarelas cobertas. Os espaços entre os pontos de referência estavam atapetados com grama branca recortada que nunca crescia, nunca mudava, e como sempre, a vista oferecia pouco para o horizonte, só a mancha difusa do limite do longínquo bosque branco. A única cor na composição era o azul claro do céu, e mesmo esse se esfumava nos cantos.

— Assim termina sua lição — disse a Directrix enquanto tirava de seu pescoço uma elegante cadeia de chaves e fechava as portas — De acordo com a tradição, deverá se apresentar para o

primeiro dos rituais purificadores quando forem buscar você. Até então, deverá ponderar a graça que foi dada a você e o serviço que proverá para o benefício de todas nós.

A Directrix disse as palavras com o mesmo tom duro empregado para descrever o que o Primale faria ao corpo da Cormia. Uma e outra vez. Quando quisesse.

Os olhos da Directrix tinham um brilho calculado enquanto voltava a pôr o colar, e um som de tilintar se elevou quando as chaves se assentaram contra seus seios.

—Que esteja bem, irmã.

Enquanto a Directrix caminhava descendo a colina, sua túnica branca não se distinguia do chão nem dos edifícios, outra mancha branca que se diferenciava unicamente porque estava em movimento.

Cormia levou as mãos ao rosto. A Directrix havia dito, não, tinha-lhe jurado, que o que aconteceria sob o Primale seria doloroso, e Cormia acreditava. Os detalhes gráficos tinham sido assombrosos, e temia que de maneira nenhuma poderia passar a cerimônia de emparelhamento sem quebrar-se... para desgraça de todas as Escolhidas. Como a representante de todas elas, Cormia tinha que proceder como se esperava e com dignidade, ou mancharia a venerável tradição a que servia, poluindo-a por inteiro.

Olhou por cima do ombro para o Templo e colocou a mão na parte inferior do ventre. Estava fértil, como todas as Escolhidas estavam em todo momento neste lado. Poderia gerar um bebê do Primale desde a primeira vez que estivesse com ele.

Querida Virgem no Fade, por que tinha sido escolhida?

Quando voltou a dar a volta, a Directrix estava na base da colina, tão pequena em comparação com os elevados edifícios, tão perfeita em tudo. Mais que ninguém, ela definia a paisagem: todas serviam à Virgem Escriba, mas era a Directrix a que dirigia suas vidas. Pelo menos até que chegasse o Primale.

A Directrix não queria esse macho em seu mundo, pensou Cormia.

E essa era a razão pela qual Cormia tinha sido nomeada para que a Virgem Escriba escolhesse. De todas as fêmeas que poderiam ter sido escolhidas e que ficariam encantadas, ela era a menos afável, a menos complacente. Uma declaração passiva-agressiva contra a mudança da supremacia.

Cormia começou a descer o monte, a textura da erva branca sem temperatura sob seus pés descalços. Nada, salvo a comida e bebida, possuíam calor ou frieza.

Por um momento pensou em escapar. Melhor partir agora que conhecia do que suportar a cena que a Directrix tinha pintado. Exceto não tinha conhecimento de como ir ao longínquo Outro Lado. Sabia que tinha que passar a zona privada da Virgem Escriba, mas depois, o que? E se Sua Santidade a pegasse?

Impensável. Mais a atemorizava estar com o Primale.

Profundamente perdida em seus particulares e pecaminosos pensamentos, Cormia perambulou sem propósito pela paisagem que tinha conhecido toda sua vida. Era tão fácil perder-se aí, no recinto, porque tudo tinha o mesmo aspecto, sentia-se igual e cheirava igual. Sem contraste, cantos da realidade eram muito suaves para prender-se em busca de estabilidade, tão mental como física. Nunca estava conectada à terra. Era o ar.

Ao passar ao lado da Tesouraria, deteve-se em suas régias escadas e pensou nas paredes de seu interior, a única cor verdadeira que tinha visto, além das portas fechadas havia cestas cheias de pedras preciosas, e embora só as tivesse visto uma ou duas vezes, lembrava as cores com muita clareza. Seus olhos foram assombrados pelo vívido azul das safiras, o denso verde das esmeraldas e a força do sangue dos rubis vermelhos. As aguamarinas tinham sido da cor do céu, por isso a tinham fascinado menos.

Suas favoritas tinham sido os citrinos, os adoráveis citrinos amarelos. Havia-os tocado furtivamente. Tinha sido só uma suave passada de sua mão na cesta quando ninguém a olhava, mas OH, que glorioso tinha sido ver a luz em seus alegres rostos. Ao sentir a pedra movendo-se contra sua mão tinha sido um vívido toque de grande satisfação para sua mão, um contato sonhador, muito mais excitante por sua natureza ilícita.

Tinham-na deixado com um sentimento quente, embora de fato não eram mais cálidas que todo o resto.

E as gemas não eram a única razão pela que a entrada à Tesouraria era um convite extraordinário. Havia objetos do outro lado mantidos em estojos de cristal, coisas que tinham sido colecionadas porque tinham tido um papel crucial na história da raça ou porque tinham acabado sob o cuidado das Escolhidas. Mesmo se Cormia nem sempre tinha sabido o que estava olhando, tinha sido uma enorme revelação. Cores. Texturas. Coisas estrangeiras de um lugar estrangeiro.

Embora, ironicamente, o objeto pelo que havia se sentido mais atraída tinha sido um velho livro. Na danificada capa, em gastas letras em relevo, lia-se:

DARIUS, FILHO DO MARKLON

Cormia franziu o cenho e se deu conta de que tinha visto esse nome antes... na sala da Irmandade da Adaga Negra, na biblioteca.

O diário de um irmão. Então por isso tinha sido conservado.

Enquanto observava as portas fechadas, desejou ter estado ali nos dias antigos, quando o edifício tinha permanecido aberto e alguém podia entrar em seu interior com tanta liberdade como entrava na biblioteca. Mas isso tinha sido antes do ataque.

O ataque tinha mudado tudo. Parecia inconcebível que membros renegados da raça passassem para o outro lado empunhando armas e tivessem intenção de saquear. Mas tinham entrado por um portal que agora estava fechado, e tinham assaltado a Tesouraria. O anterior Primale tinha morrido protegendo às fêmeas, derrotando três civis mas morrendo depois disso.

Supunha que tinha sido seu pai, não?

Depois desse horrível interlúdio, a Virgem Escriba tinha fechado esse portal de entrada e aqueles que desejavam passar entravam por seu jardim particular. E como precaução, a Tesouraria sempre tinha permanecido fechada, exceto quando se precisavam das jóias a requerimento da Virgem Escriba ou para determinadas cerimônias. A Directrix possuía a chave.

Escutou um som de arraste e olhou para a passarela com colunas. Uma figura completamente coberta caminhava coxeando, arrastando uma perna debaixo de uma túnica negra, as mãos cobertas sujeitavam uma pilha de tecidos de toalha.

Cormia desviou o olhar rapidamente e continuou com rapidez, querendo distanciar-se tanto dessa fêmea em particular como do Templo do Primale. Foi para o mais longe que alguém podia ir, no lago da reflexão.

A água era clara e estava perfeitamente quieta, um espelho que mostrava o céu. Queria colocar o pé nela, mas isso não era permitido...

Seus ouvidos captaram algo.

No início não esteve certa do que ouviu, ou se mesmo, tinha escutado algo. Não podia ver ninguém nas cercanias, nada, salvo a Tumba dos Bebês, e os bosques de árvores brancas que marcavam o limite do santuário. Esperou. Quando o som não voltou a acontecer, rechaçou-o como parte de sua imaginação e continuou.

Embora não tivesse medo, viu-se atraída para a tumba onde as crianças que não sobreviviam ao nascimento eram reverenciadas.

A ansiedade lhe percorreu a coluna. Este era o único lugar que nunca visitava, e o mesmo acontecia com o resto das Escolhidas. Todas evitavam este solitário edifício quadrado com sua branca cerca. A pena pendia na zona, tão segura como os laços negros de cetim que estavam nas maçanetas das portas.

Querida Virgem no Fade, pensou, seu destino logo estaria nestas tumbas, porque mesmo as Escolhidas tinham um alto índice de morte súbita. Verdadeiramente, partes dela descansariam aqui, pequenas lascas de seu ser seriam depositadas até que não ficasse nada exceto uma casca. O fato de que não pudesse escolher sua gravidez, que não fosse permitido uma palavra ou mesmo um pensamento, que sua descendência estaria apanhada no mesmo papel que ela, fez-a visualizar-se nesta solitária tumba, encerrada entre os mortos menores.

Juntou mais as lapelas de sua túnica em torno de seu pescoço e tremeu ao olhar através das grades. Antes desse momento, este lugar lhe tinha sido desconcertante, havia se sentido como se os sensíveis pequenos estivessem solitários, apesar de estarem no Fade e deversem ser alegres e estar em paz.

Agora o Templo era um horror.

O som que tinha escutado voltou outra vez, e Cormia saltou para trás, pronta para escapar dos afligidos espíritos que habitavam ali.

Exceto não, isso não era um bebê espectral. Alguém continha o fôlego. E não fantasmalmente, a não ser muito real.

Silenciosamente, deu volta até uma das pontas.

Layla estava sentada na erva com os joelhos apertados contra o peito, rodeando-se com os braços. Tinha a cabeça entre elas, seus ombros tremiam, sua túnica e cabelo estavam molhados.

—Irmã? —sussurrou Cormia— O que aconteceu?

Layla levantou a cabeça abruptamente, e esfregou rapidamente as bochechas até que as lágrimas desapareceram.

—Vá. Por favor.

Cormia se aproximou dela e ficou de joelhos.

—Me diga. O que aconteceu?

—Nada sobre o que tenha que...

—Layla, fala comigo. —Queria esticar a mão, mas o contato não era permitido, e não queria transtorná-la mais. Em vez de tocá-la, usou palavras e um tom amável— Irmã, aliviarei você. Por favor, fale comigo. Por favor.

A cabeça loira da Escolhida se moveu de um lado para o outro, seu arruinado coque desfazendo-se ainda mais.

—Falhei.

—Como?

—Eu... falhei. Esta noite falhei em agradecer. Rechaçaram-me.

—Por que?

—O macho ao que assisti em sua transição. Estava preparado para aparear-se, e o toquei e perdi meu impulso —o fôlego da Layla saiu em um soluço—. E ... terei que informar o Rei do que aconteceu, como manda a tradição. Deveria havê-lo feito antes de partir, mas estava tão horrorizada. Como direi a Sua Majestade? E a Directrix? —Sua cabeça voltou a baixar, como se não tivesse vontade para mantê-la erguida— Fui treinada pelas mais velhas para dar prazer. E falhei.

Cormia se arriscou e apoiou a mão no ombro da Layla, pensando que sempre era assim. A carga de todas as Escolhidas recaía em cada fêmea quando esta atuava em um assunto oficial. Portanto, não havia desgraça privada ou pessoal, só o enorme peso do monumental fracasso.

—Irmã...

—Devo ir a reflexão depois de falar com o Rei e a Directrix.

OH, não... A reflexão eram sete ciclos sem comida, nem luz, nem contato com as outras, com a intenção de expiar as infrações do grau mais alto. O pior disso, segundo o que Cormia tinha escutado, era a falta de iluminação, já que as Escolhidas ansiavam a luz.

—Irmã, está certa de que não desejava você?

—Os corpos dos machos não mentem nesse aspecto. Misericordiosa Virgem... talvez isto seja para melhor. Pode ser que não o tivesse agradado. —Desvio os pálidos olhos verdes— foi muito melhor que não fosse sua instrutora. Estou treinada na teoria, não na prática, assim não poderia ter repartido conhecimento visceral.

—Teria preferido que fosse você.

—Então é imprudente. —A rosto da Escolhida envelheceu de repente, tornou-se uma anciã— E aprendi minha lição. Tirarei-me do lago de ehros, já que claramente sou incapaz de manter sua sensual tradição.

Cormia não gostou das sombras mortíferas que havia nos olhos de Layla.

—Talvez fosse ele o problema?

—Não houve nenhuma falta por sua parte. Não estava agradado de mim. É minha carga, não a sua —limpou uma lágrima— Devo dizer, não há um fracasso maior que o sexual. Nada dói tão fundo como a negação de sua nudez e seu instinto de comunhão por parte do macho com o que se deseja aparear... ser rechaçada em sua pele é o pior tipo de rechaço. Por isso devo deixar o ehros, não só por sua fina tradição, mas também por mim. Não poderia passar outra vez por isso. Nunca. Agora por favor, vai, e não diga nada. Devo recuperar a calma.

Cormia queria ficar, mas discutir não parecia ser o correto. Levantou-se e tirou a túnica exterior, envolvendo com ela à irmã.

Layla levantou o olhar com surpresa.

—Realmente, não tenho frio.

Isso foi dito enquanto apertava o tecido com mais força contra o pescoço.

—Que esteja bem, irmã. —Cormia se virou e partiu do lago da reflexão.

Ao olhar o céu leitoso e azul, quis gritar.

Vishous rodou o corpo de Jane e a colocou de maneira que se apertasse contra seu torso. Gostava de tê-la perto, em seu lado esquerdo, com a mão de lutar livre para matar por ela. Jazendo ali agora, nunca havia se sentido mais centrado, nunca o propósito de sua vida tinha estado tão claro: sua única prioridade era mantê-la viva, saudável e a salvo, e a força com a que defendia esse direito o fez sentir-se completo.

Era quem era graças a ela.

No pouco tempo que se conheciam, Jane tinha entrado em empurrões nessa câmara secreta de seu peito, afastando Butch de um empurrão e se encerrou no interior com força. E se sentia bem. O ajuste se fazia correto.

Ela soltou um pequeno murmúrio e se chegou mais perto. Enquanto Vishous lhe acariciava as costas, encontrou-se pensando, sem nenhuma razão, na primeira briga que tinha tido, uma confrontação seguida de perto pela primeira vez que teve sexo.

No acampamento guerreiro, aos machos que acabavam de passar a transição lhes era dado uma limitada quantidade de tempo para recuperar a força. Mas ainda assim, quando o pai de Vishous se elevou sobre ele e declarou que ia lutar, V se surpreendeu. Sem dúvida deveria ter tido um dia para recuperar-se.

O Bloodletter sorriu, mostrando presas que sempre estavam alongadas.

—E deverá fazê-lo com o Grodht.

O soldado do qual V tinha roubado a perna de veado. O gordo que era destro com o martelo.

Com o cansaço pesando sobre ele, e seu orgulho que era tudo o que o mantinha em pé, V procedeu ao campo de combate que estava situado na parte de trás de onde dormiam os soldados. O campo era um alo circular e irregular no chão da cova, como se um gigante tivesse esmagado o punho sobre a terra por frustração. Profundo como a cintura de um homem, tinha os laterais e o fundo de cor marrom escura pelo sangue que tinha sido derramado, esperava-se que lutasse até que não pudesse se manter em pé. Nenhuma conduta estava proibida, e a única regra que havia era para o perdedor, que tinha que apresentar-se para responder por sua deficiência em combate.

Vishous sabia que não estava preparado para lutar. Virgem do Fade, mal podia descer ao campo sem cair. Mas claro, esse era o propósito, não? Seu pai tinha posto em marcha a perfeita manobra de poder. Só havia uma maneira com a qual V podia esperar ganhar, e se usasse a mão, todos no acampamento veriam por si mesmos o que só tinham ouvido como um rumor, e fugiriam por completo. E se perdesse? Então não seria percebido como uma ameaça para o domínio de seu pai. Então de qualquer maneira a supremacia de Bloodletter permaneceria intacta e sem se desafiar pela nova maturidade de seu filho.

Quando o gordo soldado saltou para o interior com um grito vigoroso e um giro de martelo, o Bloodletter se moveu ao limite do fossa.

—Que arma deverei dar a meu filho? —perguntou à multidão reunida— Acredito que talvez... —olhou para uma das fêmeas da cozinha, que se apoiava sobre uma vassoura—Me dê.

A fêmea se moveu torpemente para obedecer e a deixou cair aos pés de Bloodletter. Ao inclinar-se para agarrá-la, ele chutou à mulher para um lado como faria com um ramo quebrado que está obstruindo o caminho.

—Pegue isto, meu filho. E roga a virgem que isto não seja usado em você quando perder.

Enquanto a multidão de espectadores ria, V pegou o cabo de madeira.

—Adiante! —rugiu o Bloodletter.

O público aclamou e alguém lançou as latas de sua cerveja em Vishous, a cálida salpicadura bateu suas costas nuas e escorreu por seu traseiro descoberto. O soldado gordo que tinha diante sorriu, mostrando presas que se estenderam até sua mandíbula inferior. O macho começou a mover-se em círculos ao redor de V, balançando o martelo ao final de seu braço, e um sob assobio se elevou.

V se movia com estupidez seguindo seu oponente, lhe resultando difícil controlar as pernas. concentrou-se acima de tudo no ombro esquerdo do macho, que se esticava antes de lançar o martelo, enquanto com sua visão periférica vigiava a multidão. Cereja era o mínimo que lhe podiam jogar.

Acabou nem sendo tanto uma luta como um concurso de se esquivar, com V em uma defesa incompetente e seu inimigo em um ataque fanfarrão. Enquanto o soldado desdobrava sua habilidade com a notável arma, V aprendeu quão previsível eram as ações do macho assim como o ritmo do martelo. Mesmo forte como era o soldado, tinha que quadrar os pés antes de lançar a bola com pontas agudas do tamanho de uma cabeça que tinha o martelo. V esperou uma das pausas na ação e então atacou, girando a vassoura e golpeando com o pau diretamente na sexo do bulboso soldado.

O macho rugiu, perdeu o agarre do martelo e juntou as pernas de repente, segurando seu sexo. V não perdeu nem um momento. Elevou a vassoura por cima de seu ombro e a fez girar com tudo o que tinha, golpeando seu oponente nas têmporas e lhe fazendo perder o sentido.

Os gritos se apagaram até que tudo o que se escutou foi o som do barulho do fogo e o som da respiração entrecortada de V. Deixou cair a vassoura e passou por cima de seu oponente, preparado para sair.

As botas de seu pai se plantaram no limite do círculo, lhe bloqueando o caminho.

Os olhos do Bloodletter estavam entrecerrados como lâminas de faca.

— Não terminou.

— Não se levantará.

— Isso não importa. — Bloodletter indicou com a cabeça ao soldado — Termina.

Enquanto seu oponente gemia, Vishous avaliou seu pai. Se V dizia que não, o jogo que seu pai estava jogando seria satisfeito, a alienação que o Bloodletter procurava completar, embora não da maneira que o macho provavelmente esperava. V se transformaria em um alvo pelo simples fato de que seria visto como fraco por não castigar seu oponente. Se o rematava, entretanto, sua posição no acampamento seria tão estável como fosse possível... até a seguinte prova.

O cansaço o ultrapassou. Sua vida sempre estaria apoiada em semelhante balança, crua e imperdoável?

Bloodletter sorriu.

— Este bastardo que se faz chamar meu filho não tem caráter, ou isso parece. Possivelmente a semente que o útero que sua mãe tomou era de outro?

A risada se estendeu pela multidão, e alguém gritou:

— Nenhum filho seu duvidaria em semelhante momento!

— E durante uma luta nenhum verdadeiro filho meu seria tão covarde para atacar a parte vulnerável de um macho. — O Bloodletter olhou nos olhos de seus homens — Os fracos devem ser matreiros, já que não dispõem de força.

A sensação de ser estrangulado se instalou na garganta de Vishous, tão segura como se as mãos de seu pai tivessem rodeado seu pescoço. Enquanto sua respiração se acelerava de novo, a ira crescia em seu peito e seu coração palpitava. Baixou a vista ao soldado gordo que o tinha golpeado... depois pensou nos livros que seu pai o tinha feito destruir... e o menino que se lançou contra ele... e os milhares de atos cruéis e descortesias que lhe tinham feito ao longo de sua vida.

O corpo de V se acelerou pela cólera que ardia nele, e antes de saber o que estava fazendo, estava-lhe dando a volta ao soldado, deixando-o ajoelhado sobre sua gorda barriga.

Tomou o macho. Em frente de seu pai. Em frente do acampamento.

E o fez de forma brutal.

Quando terminou, separou-se e tropeçou para trás.

O soldado estava cheio com o sangue de V, seu suor e os restos de sua veemência.

Subindo como uma cabra, saiu da fossa, e embora não soubesse que parte do dia era, correu pelo acampamento à entrada principal da cova. Quando saiu violentamente, a fria noite estava justo tomando posse do terreno, e o tênue brilho no leste lhe queimou o rosto.

Inclinou-se de joelhos e vomitou. Uma e outra vez.

— É tão fraco — a voz do Bloodletter era aborrecida... mas só na superfície. Havia uma profundidade de satisfação em suas palavras, causada pela missão completada: embora Vishous fazia o que devesse com o soldado, sua retirada depois tinha sido precisamente o tipo de covardia que seu pai tinha procurado.

Os olhos do Bloodletter se estreitaram.

— Nunca me vencerá, menino. Assim como nunca se libertará de mim. Dirigirei sua vida...

Agitado por uma rajada de ódio, V se levantou de sua posição agachada e atacou seu pai frontalmente, com a mão brilhante na frente. Bloodletter ficou rígido quando a sacudida elétrica

lhe percorreu o corpo, e ambos caíram no chão, com Vishous em cima dele. Atuando por instinto, V colocou sua brilhante palma branca em torno da grossa garganta de seu pai e apertou.

Enquanto a rosto do Bloodletter se voltava de um vermelho brilhante, o olho de V lhe piscou brevemente e uma visão substituiu o que tinha na frente.

Viu a morte de seu pai. Com tanta clareza como se estivesse acontecendo diante dele.

As palavras saíram de sua boca, embora não fosse consciente de as pronunciar:

—Terá seu fim em uma parede de fogo causada por uma dor que conhece. Arderá até não ser nada, salvo fumaça, e o vento disporá de ti.

A expressão de seu pai mudou para uma de absoluto horror.

V foi separado por outro soldado e segurado pelas axilas, com os pés pendurando sobre a neve.

Bloodletter se levantou de um salto, com o rosto aceso, uma linha de suor gotejando por cima de seu lábio superior. Respirava como um cavalo montado duramente, e nuvens brancas saíam de sua boca e nariz.

V esperava totalmente ser golpeado até a morte.

—Me tragam minha adaga. —grunhiu seu pai.

Vishous esfregou o rosto. Para evitar pensar no que aconteceu depois, pensou que essa primeira vez com o soldado nunca o tinha feito se sentir bem. Trezentos anos depois ainda a sentia como uma violação para o outro macho, embora essa tenha sido a forma de comportamento no acampamento.

Olhou Jane apertada ao seu lado e decidiu que, por isso no que se referia a ele, esta noite tinha sido quando finalmente tinha perdido a virgindade. Embora seu corpo tenha feito o ato de muitas formas diferentes a muitas pessoas distintas, o sexo sempre tinha sido um troca de poder... poder que fluía em sua direção, poder do que se alimentava para assegurar-se de que nunca mais ninguém o ia derrubar e amarrar, e impedir que lutasse enquanto lhe faziam as merdas que queriam.

Esta noite não tinha encaixado com seu padrão. Com Jane tinha havido uma troca: tinha dado algo a ele, e ele em troca tinha cedido uma parte de si mesmo.

V franziu o cenho. Uma parte, mas não tudo.

Para fazer isso teriam que ir a seu outro lugar. E... merda, iriam lá. Embora só pensar nisso lhe desse um frio pavor, jurou que antes de que ela abandonasse sua vida, daria-lhe a única coisa que nunca tinha permitido que ninguém tivesse.

E que nunca mais daria a ninguém.

Queria devolver a confiança que Jane lhe tinha dado. Era tão forte como pessoa, como mulher, e ainda assim se pôs a seu cuidado sexual... mesmo sabendo que tinha duras tendências dominadoras e que não estava a sua altura fisicamente.

Sua confiança o punha de joelhos. E antes de que se fosse era preciso lhe devolver a fé.

Os olhos de Jane foram abrindo-se e encontraram os seus, e os dois falaram ao mesmo tempo:

—Não quero que vá.

—Não quero deixar você.

CAPÍTULO 26

Quando John despertou na tarde seguinte, teve medo de mover-se. Diabos, tinha medo de abrir os olhos. E se tinha sido um sonho? Reafirmando-se levantou o braço, separou os dedos e...

ah sim, ali estava. A palma da mão era tão grande como sua cabeça. O braço era mais longo do que o osso da coxa tinha sido antes. O pulso tão grosso como uma vez foi a pantorrilha.

Tinha conseguido.

Esticou a mão para seu celular e enviou mensagens a Qhuinn e Blay, que as devolveram imediatamente. Estavam absolutamente orgulhosos dele, sorriu abertamente... até que se deu conta de que tinha que usar o banheiro e deu uma olhada à porta aberta. Olhando através do marco, viu a ducha.

OH, Deus. Realmente na noite passada tinha estragado tudo com a Layla?

Atirou o telefone sobre o edredom, ainda enquanto a coisa soava anunciando que tinha novas mensagens esperando. Esfregando o peito estranhamente amplo com a nova mão do Shaquille Ou'Neal, se sentiu como no inferno. Deveria desculpar-se com Layla, mas para que? Por ser um macho patético que se voltou frouxo? Sim, essa era uma conversa que morria por ter, sobre tudo quando sem dúvida não estava nada impressionada por ele e sua atuação.

Era melhor deixar passar? Provavelmente. Era tão linda, sensual e perfeita em todos os sentido que não havia nenhuma possibilidade de que pensasse que o ocorrido tinha sido culpa dela. Tudo o que conseguiria seria envergonhar-se até padecer de um aneurisma enquanto escrevia o que lhe diria se tivesse uma laringe.

Entretanto, ainda se sentia como no inferno.

Seu despertador disparou, e foi fodidamente estranho esticar esse braço de homem e fazê-lo calar. Quando ficou de pé foi mesmo mais estranho. Sua posição de superioridade era totalmente diferente e tudo parecia menor; o mobiliário, as portas, o quarto. Mesmo o teto era mais baixo.

Exatamente de que tamanho era?

Quando tratou de dar uns poucos passos, sentiu-se como uma daquelas pessoas do circo que andam com pernas de pau; desengonçado, frouxo, em perigo de cair. Sim... um pernilongo de circo que tinha tido um derrame cerebral, porque as ordens que dava a seu cérebro não eram recebidas corretamente pelos músculos e ossos. Em seu caminho de volta do banheiro deu tombos por toda parte, segurando-se nas cortinas, no marco das janelas, de uma cômoda, do batente da porta...

Sem nenhuma razão em particular pensou em quando cruzava o rio em seus passeios com Zsadist. Enquanto caminhava agora, os objetos fixos que usava como apoio eram como as pedras que saltavam de uma para a outra para evitar a corrente de água, pequenas ajudas de grande importância.

O banheiro estava escuro como a boca de um lobo, pois as persianas estavam fechadas pelo dia e tinha apagado todas as luzes depois de Layla o deixasse. Com a mão no interruptor respirou fundo, logo acendeu as lampadas.

Piscou com força, seus olhos estavam hipersensíveis e muito mais agudos do que o tinham sido antes. Depois de um momento, seu reflexo entrou em sua linha visual como uma aparição, surgindo à luz, como um fantasma de si mesmo. Era...

Não queria sabê-lo. Ainda não.

John apagou as luzes e foi à ducha. Enquanto esperava que corresse a água quente, apoiou as costas contra o frio mármore, abraçando a si mesmo. Nesse momento tinha a absurda necessidade de que o abraçassem, assim era bom que estivesse sozinho. Embora tivesse esperado que a mudança o fizesse mais forte, parecia que o havia tornado ainda mais fraco, parecia um bebê chorão.

Lembrou a matança daqueles lessers. Justo depois que os apunhalou tinha conseguido tanta lucidez no que se referia a quem era e ao tipo de poder que tinha. Mas tudo isso se desvaneceu, até tal ponto que realmente não estava seguro de que alguma vez houvesse se sentido dessa maneira.

Empurro a porta da ducha e entrou.

Cristo, Oh! A fina chuva parecia agulhas se cravando em sua pele e quando tentou ensaboar o braço com aquela substância moída francesa que Fritz tinha comprado, picou-lhe como o ácido de bateria. Teve que forçar a si mesmo a lavar o rosto, e embora fosse excitante ter uma incipiente barba no queixo pela primeira vez na história documentada, a idéia de passar um barbeador elétrico pelo rosto era absolutamente repulsiva. Como passar um ralador de queijo pela bochechas.

Estava lavando-se, tão brandamente como podia, quando chegou as genitálias. Sem pensar muito nisso, fez o que tinha feito toda sua vida, uma passada rápida sob seu testículo e depois sobre sua coisa...

Desta vez o efeito foi diferente. Ficou duro. Seu... pênis ficou duro.

Deus, pareceu-lhe estranho usar essa palavra, mas... bom, essa coisa era definitivamente um pênis agora, algo que um homem tinha, algo que um homem usava...

A ereção sofreu um frenazo. Simplesmente o inchaço e o alongamento pararam. O desejo que se enroscava na parte inferior de seu ventre também desapareceu.

Enxaguou o sabão, determinado a não abrir a caixa de Pandora a respeito dele e do sexo. Tinha suficientes problemas. Seu corpo era um carro de controle remoto cuja antena estava torta; ia a aula, onde todo mundo o olharia fixamente, e de repente caiu em conta de que Wrath devia saber sobre a arma que tinha usado no centro da cidade. Depois de tudo, haviam o trazido de volta aqui de algum jeito e Blay e Qhuinn teriam tido que explicar o que estava acontecendo na cena. Conhecendo Blay, o cara trataria de proteger John pelo uso da nove milímetros e admitiria que era dele, mas e se chegassem a lhe tirar do programa? Supunha-se que ninguém usava armas quando estavam fora e a passeio. Ninguém.

Quando John saiu da ducha, secar-se com a toalha não era uma opção. Ainda que estivesse frio como o demônio se deixou secar ao ar enquanto escovava os dentes e cortava as unhas. Seus olhos eram muito penetrantes na escuridão, assim encontrar o que procurava nas gavetas não foi um problema. Embora, evitar o espelho era, por isso foi para seu quarto.

Abrindo o armário, tirou uma bolsa do Abercrombie & Fitch. Fritz tinha aparecido com ela em frente a sua porta umas semanas atrás e quando John tinha dado uma olhada à roupa, pensou que o mordomo tinha perdido a razão. Dentro havia um novo par de jeans desgastados, uma sueter do tamanho de um saco de dormir, uma camiseta tamanho XXXL, e em uma brilhante caixa nova, um Nike Air Shox tamanho 44.

No fim Fritz, como de costume, tinha tido razão. Tudo servia. Mesmo os tênis tamanho navio.

Quando John cravou os olhos em seus pés, pensou que aqueles Nike teriam que vir com colete salva-vidas e uma fodida âncora de tão grandes que eram.

Deixou o quarto, suas pernas andavam de um modo torpe, os braços balançavam livremente, o equilíbrio completamente perdido.

Quando chegou ao alto da magnífica escada levantou os olhos para teto observando os retratos dos grandes guerreiros.

Rezou por chegar a ser um. Mas simplesmente não podia entender como demônios poderia consegui-lo.

Phury despertou com a imagem da fêmea de seus sonhos. Ou talvez estivesse sonhando?

—Olá. —disse Bela.

Pigarreou, e ainda assim sua voz soou aguda quando respondeu:

— Está realmente aqui?

—Sim. —Tomou sua mão e se sentou no limite da cama— Aqui mesmo. Como se sente?

Merda, tinha-a preocupado e isso não era bom para o bebê.

Com a pouca energia que tinha fez uma rápida limpeza mental, um OxyClean³¹ de seu cérebro, varrendo os resíduos dos néscios vermelhos que fumou, assim como a letargia que lhe davam a ferida e o sonho.

—Estou bem —disse, elevando a mão para poder esfregar o olho bom. Não foi uma boa idéia. No punho tinha seu desenho, enrugado por havê-lo estado abraçando enquanto dormia. Empurrou o pedaço de papel sob o lençol antes que pudesse perguntar o que era— Deveria estar na cama.

—Deixam-me me levantar um pouco cada dia.

—De todo modo, deveria...

—Quando tiram as ataduras?

—OH, agora, suponho.

—Quer que o ajude?

—Não. —A última coisa que precisava era que averiguasse que ficou cego no mesmo momento em que ele o fazia.

— Mas obrigado.

—Quer que traga algo de comer?

A gentileza de sua parte era mais dura que uma banda de ferro envolvendo suas costelas.

—Obrigado, mas chamarei Fritz daqui a pouco. Deveria voltar e se deitar.

—Ficam quarenta e quatro minutos —olhou seu relógio— Quarenta e três.

Apoiou-se nos braços para endireitar-se, atirando os lençóis para cima para cobrir parte de seu peito.

—Como se sente?

—Bem. Assustada mas bem...

A porta se abriu sem que ninguém batesse. Quando Zsadist entrou, seus olhos se fixaram em Bela como se tratasse de ler seus sinais vitais no rosto.

—Pensei que a encontraria aqui. —inclinou-se e a beijou na boca, logo ambos os lados do pescoço, sobre as veias.

Phury afastou o olhar durante a saudação... e se deu conta de que sua mão havia se enterrado sob a colcha e encontrado o desenho. Obrigou-se a soltá-lo.

Toda a atitude de Z era muito mais relaxada.

—Então como está, irmão?

—Bem —embora se ouvisse essa pergunta mais uma vez de qualquer um deles, ia montar uma cena saída do filme Scanners³², porque sua cabeça ia explodir—Bastante bem para sair esta noite.

Seu gêmeo franziu o cenho.

—Tem alta da doutora de V?

—Só me incumbe.

—Wrath poderia ter uma opinião diferente.

³¹ Produto de limpeza muito forte que tira manchas.

³² Scanners, filme de ficção científica do ano 1981, onde um grupo de gente ao que chamam Scanners tem fortes poderes telepáticos e telequineticos. Em uma cena o Scanner "mau" lhe faz estalar a cabeça a um dos bons.

—Muito bem, mas se não estiver de acordo, vai ter que me prender para me manter aqui. — Phury se tranqüilizou, não queria ficar tenso estando Bela ao seu redor— Vai dar aula durante a primeira metade desta noite?

—Sim, acredito que adiantarei algo mais sobre as armas de fogo. —Z percorreu o cabelo cor mogno de Bela com a mão, acariciando-o ao mesmo tempo que suas costas. Fez-o aparentemente sem dar-se conta, e ela aceitou o roçar com o mesmo afetuoso abandono.

A Phury doeu o peito até o ponto de ter que abrir a boca para respirar.

—Por que não me encontro com vocês lá embaixo para a primeira refeição, o que lhes parece? Vou tomar banho ,e tirar as ataduras e me vestir.

Bela se levantou e a mão de Z se moveu para sua cintura e a aproximou dele.

Deus, eram uma família, não é verdade? Eles junto à criatura que ela levava no ventre. E em pouco mais de um ano, se a Virgem Escriba o achasse adequado, permaneceriam assim com seu bebê nos braços. Mais adiante, anos depois, seu menino estaria a seu lado. E logo seu filho ou filha se aparearia, e outra geração da raça levaria seu sangue. Uma família, não uma fantasia.

Para apressá-los, Phury se moveu como se estivesse se preparando para levantar.

—Vejo você lá embaixo na sala de jantar —disse Z, sua palma deslizando-se em torno da parte inferior do ventre de sua shellan— Bela vai voltar para a cama, não é, nalla?

Ela olhou seu relógio.

—Vinte e dois minutos. Mais é mais provável que e usó vá até o banheiro.

Trocaram várias palavras de despedida, mas Phury não prestou muita atenção porque morria para que partissem. Quando a porta finalmente se fechou, alargou a mão para o bastão, saiu da cama e foi diretamente para o espelho que havia sobre a cômoda. Tirou o esparadrapo e logo se desprende das capas de gaze. Debaixo as pestanas estavam tão pegadas e emaranhadas que entrou no banheiro, fez correr um pouco a água e lavou o rosto várias vezes antes de ser capaz de as separar.

Abriu o olho.

E viu perfeitamente.

A falta total de alívio ante sua perfeita e estupenda visão era arrepiante. Deveria o haver preocupado. Precisava preocupar-se. Tanto respeito a seu corpo como se fosse um templo. Só que não fazia isso agora.

Agitado, tomou uma ducha e se barbeou, logo colocou a prótese e se vestiu com a roupa de couro. Estava saindo com os equipamentos para levar as adagas e pistolas na mão quando fez uma pausa perto da cama. Aquele desenho que tinha feito ainda estava espremido sob os lençóis; podia ver as brancas e enrugadas bordas, entre as dobras de cetim azul.

Visualizou a mão de seu gêmeo no cabelo de Bela. Depois na parte baixa de seu ventre.

Phury se aproximou, recolheu o desenho e o alisou na mesinha de cabeceira. Deu-lhe um último olhar, logo o rasgou em pequenas partes, pôs o monte em um cinzeiro e acendeu um fósforo com o polegar. Com a chama ardendo, inclinou-a sobre o papel.

Quando somente restou cinza, levantou-se e deixou o quarto.

Era o momento de abandonar esses pensamentos, e sabia como fazê-lo.

CAPÍTULO 27

V estava realmente feliz. Totalmente e absolutamente. Um cubo de Rubik resolvido. Os braços estavam ao redor de sua fêmea, seu corpo apertado junto ao dela, seu perfume no nariz. Apesar de ser noite, era como se o sol brilhasse sobre ele.

Então ouviu o tiro.

Estava dentro do sonho. Estava dormindo e dentro do sonho.

O horror do pesadelo se desdobrou como sempre fazia, e ainda assim era como se fosse a primeira vez que o houvesse sentido. Sangue em sua camisa. A dor lhe rasgando o peito. Um descida até ficar de joelhos, sua vida terminada...

V se sentou de repente na cama, gritando.

Jane se lançou sobre ele para acalmá-lo enquanto a porta se abria violentamente e Butch se precipitava para dentro empunhando uma arma. Suas vozes se mesclaram, uma salada de frutas de palavras ditas rapidamente.

—Que grito...!

—Está bem?

V se moveu entre os lençóis, arrancando-o do torso para assim poder ver o peito. A pele estava em perfeito estado, mas ainda assim passou a mão sobre si mesmo.

—Jesus Cristo...

—Foi uma lembrança do tiroteio? —perguntou Jane enquanto insistia em recostar-se em seus braços.

—Sim, merda...

Butch baixou o canhão da arma e levantou sua cueca.

—A Marissa e a mim deu um susto de morte. Quer um Goose para se acalmar?

—Sim.

—Jane? Algo para você?

Estava negando com a cabeça quando V a interrompeu dizendo:

—Chocolate quente. Gostaria de uma xícara de chocolate quente. Disse a Fritz que comprasse um pouco. Está na cozinha.

Quando Butch os deixou, V esfregou o rosto.

—Lamento por isso.

—Deus, não se desculpe. —Passou-lhe a mão de cima a baixo pelo peito— Está bem?

Assentiu. Então, como um bobo total, beijou-a e disse:

—Me alegro de que esteja aqui.

—Eu também. —Rodeou-o e o apertou em seus braços como se fosse algo precioso.

Ambos guardaram silêncio até que Butch retornou um pouco mais tarde com um copo em uma mão e uma xícara na outra.

—Quero uma boa gorjeta. Queimei o dedo mindinho na cozinha.

—Quer que olhe isso? —Jane acomodou o lençol debaixo dos braços e esticou a mão para o chocolate.

—Acredito que viverei, mas obrigado, doutora Jane. —Butch estendeu o Goose a V— E você, grande homem? Está calmo agora?

Não. Não depois do sonho. Não com Jane partindo.

—Sim.

Butch negou com a cabeça.

—É um péssimo mentiroso.

—Que o chutem pelo traseiro. —Não havia nenhum calor nas palavras de V absolutamente. E nenhuma convicção quando acrescentou— Estou calmo agora.

O poli se dirigiu para a porta.

—Ah, falando de calma, sabem? Phury apareceu na primeira refeição, completamente disposto a sair e lutar esta noite. Z se deteve brevemente aqui faz uma meia hora a caminho da aula, para agradecer a você, doutora Jane, por tudo o que fez. O rosto de Phury tem um bom aspecto e o olho do irmão está funcionando perfeitamente bem.

Jane soprou por cima da xícara.

— Sentiria-me melhor se fosse ver um oftalmologista para estar seguro.

— Z disse que insistiu nisso e não fez conta. Mesmo Wrath tentou.

— Me alegro de que nosso moço esteja bem — disse V, e realmente o sentia. O problema era, que a única desculpa para que Jane ficasse acabava de evaporar-se.

— Sim, eu também. Deixarei-os sozinhos. Vemo-nos depois.

Quando a porta se fechou, V escutou o som que fazia Jane soprando seu chocolate quente outra vez.

— Vou levar você para casa esta noite — disse.

Deixou de soprar. Fez uma longa pausa e então bebeu um gole suspirando.

— Sim. Já é hora.

Ele bebeu a metade do copo do Goose.

— Mas antes de que o faça, eu gostaria de levar você a um lugar primeiro

— Onde?

Não estava seguro de como lhe dizer o que queria que ocorresse antes de deixá-la ir. Não queria que fugisse, especialmente quando considerava os anos e anos e todo o sexo desonesto e apático que ia ter que tolerar.

Terminou seu Goose.

— A um lugar particular.

Enquanto bebia da xícara, suas sobrancelhas desceram.

— Então realmente vai me deixar ir, né?

Contemplou seu perfil e desejou que se conhecessem em outras circunstâncias. Salvo que como era teria acontecido isso alguma vez?

— Sim — disse tranqüilamente — O farei.

Três horas mais tarde estando em frente a seu armário, John desejava que Quinn fechasse o maldito bico. Ainda quando o vestuário era ruidoso, devido aos sons de golpes de portas metálicas ao fechar-se, o esvoaçar das roupa e o ruído dos sapatos ao cair, parecia-lhe que seu companheiro tinha um megafone grampeado ao lábio superior.

— É realmente enorme, J. M. Sério. Como... um “ginorme”³³.

Essa não é uma palavra. John colocou a mochila de um empurrão como estava acostumado a fazer e se deu conta de que nenhuma dos objetos que estava colocando voltaria a ficar bem.

— O inferno que não o é. Me apóie, Blay.

Blay assentiu enquanto colocava seu ji.

— Sim, deu-se conta? Vais chegar a ser do tamanho de um irmão.

— Gigante.

Bem, tampouco é uma palavra, idiota.

— Está bem, realmente, realmente, realmente grande. O que você acha disso?

John sacudiu a cabeça enquanto punha os livros no chão e embutia profundamente os pequenos objetos no cubo de lixo mais próximo.

Quando voltou a levantar-se, mediu seus amigos e se precaveu de que era maior que ambos por uns bons dez centímetros. Demônios, era tão alto quanto Z.

Olhou para o corredor, para Lash. Sim, também ultrapassava Lash em altura.

O bastardo lhe deu uma olhada enquanto tirava a camisa, como se percebesse o olhar fixo de John. Com um suave movimento, o tipo deliberadamente flexionou os ombros, os músculos se

³³ União de gigante e enorme.

avultaram tensos sob a pele. Tinha uma tatuagem que lhe atravessava o estômago que não tinha estado ali dois dias antes, uma palavra na Antiga Língua que John não reconheceu.

—John, traz seu traseiro até o corredor em um segundo.

Todo o lugar ficou em silêncio, John sacudiu a cabeça bruscamente de um lado para o outro. Zsadist estava de pé na porta do vestiário, todo sua atitude dizendo vamos ao ponto.

—Merda — sussurrou Qhuinn.

John guardou a mochila, fechou o armário e puxou a camisa para pô-la em seu lugar. Caminhou para o irmão tão rapidamente como pôde, andando ao redor dos outros caras enquanto estes fingiam seguir com o que estavam fazendo.

Z sustentou a porta aberta enquanto John saía para o corredor. Depois de fechá-la, disse:

—Esta noite, você e eu nos encontraremos antes da alvorada, como sempre. Apenas vamos saltar nosso passeio. Virá até à sala de pesos enquanto eu me exercito. Temos que conversar.

Merda, era direto. John disse por gestos:

À mesma hora?

—Às 4 a.m. Quanto ao treinamento desta noite, espero que permaneça sentado no ginásio, mas que participe da prática no campo de tiro. Entendeu-me?

John inclinou a cabeça, logo, quando o macho se virou para afastar-se, pegou o braço de Z.

É sobre a noite passada?

—Sim.

O irmão se afastou, abrindo de um murro as portas duplas do ginásio. Quando as duas metades se fecharam fizeram um seco som metálico.

Blaylock e Qhuinn apareceram atrás de John.

—O que está acontecendo? — perguntou Blay.

Me vão cobrir de merda por fulminar aquele lesser, disse John por gestos.

Blay passou a mão pelo cabelo vermelho.

—Deveria haver encoberto melhor você.

Qhuinn sacudiu a cabeça.

—John, o apoiaremos, amigo. Quero dizer, ir ao clube foi minha idéia.

—E a arma era minha.

John cruzou os braços sobre o peito.

Tudo está bem.

Ou ao menos esperava. Como as coisas indicavam que estava no limite de ser chutado para fora do programa.

—A propósito... — Qhuinn pôs a mão sobre o ombro do John — Não tive oportunidade de agradecer a você.

Blay assentiu com a cabeça.

—Eu tampouco. Foi honrado ontem à noite. Totalmente honrado. Você nos salvou.

—Merda, sabia exatamente o que estava fazendo.

John sentiu que seu rosto ficava avermelhado.

—Mas isto não é agradável? — disse Lash arrastando as palavras — Me digam algo, fazem o jogo do pau mais curto dos três para decidir quem ficará por baixo? Ou é sempre John?

Qhuinn sorriu, expondo suas presas.

—Alguma vez mostrou alguém a você a diferença entre um bom toque e um mau toque? Porque estaria encantado de lhe demonstrar isso Poderíamos começar agora mesmo.

John se colocou diante de seu amigo, plantando-se cara a cara com Lash. Não disse nada, só olhou para baixo, ao tipo.

Lash sorriu.

—Tem algo a me dizer? Não? Espera, ainda está sem voz? Deus... que dó.

John podia sentir Qhuinn preparando-se para equilibrar-se, o calor e o impulso emanando de seu amigo. Para deter a briga que ocorreria, John levou uma mão para trás e a pôs sobre os abdominais de seu companheiro para mantê-lo no lugar.

Se alguém ia brigar com Lash, esse alguém era ele.

Lash riu e apertou o cinturão de seu ji.

—Não me faça frente como se tivesse valor John-boy. A transição não o muda no interior nem acerta seus defeitos físicos. Não é mesmo, Qhuinn? Enquanto girava para afastar-se disse em voz baixa— Fodido defeituoso.

Antes que Qhuinn pudesse saltar sobre ele, John se voltou e o pegou pela cintura enquanto Blay o sujeitava com força de um dos braços. Mesmo combinando seus pesos, era como conter um touro.

—Se acalme —grunhiu Blay— Só relaxe.

—Um dia destes vou mata-lo —vaiou Qhuinn—Jjuro por Deus.

John deu um olhar enquanto Lash caminhava até o ginásio.

Fazendo uma promessa a si mesmo, marcou o cara para lhe dar uma surra, embora depois disso o chutassem para fora do programade treinamento para sempre.

Sempre pensou que se mexia com seus amigos, estava pedindo por briga. Fim da história.

O assunto era, que agora tinha a equipe para cumprir com o trabalho.

CAPÍTULO 28

Ao redor da meia-noite Jane se encontrou na parte de trás de um Mercedes negro a caminho de casa. Na parte dianteira, do outro lado da divisão que estava colocada, o condutor uniformizado, era esse mordomo mais velho que Deus e tão alegre como um terrier. A seu lado, V estava vestido de couro negro, tão silencioso e sombrio como uma lápide.

Não havia dito muito. Mas não lhe soltava a mão.

Os vidros do carro estavam obscurecidas até tal ponto que se sentia como se estivesse em um túnel, e em um esforço por se localizar, apertou um botão na porta que tinha ao lado. Quando sua porção de vidro baixou, uma assombrosa rajada fria entrou e substituiu a calidez, como um valentão dispersando os meninos bons em um pátio na hora do recreio.

Afastou a cabeça à brisa e olhou o atoleiro de luz que arrojavam os faróis. A paisagem estava imprecisa, como uma fotografia desfocada. Pelo ângulo descendente da estrada, sabia que estavam descendo uma montanha. A coisa era que não podia captar nenhuma sensação de aonde se dirigiam nem de onde vinham.

De uma estranha maneira, a desorientação era apropriada. Este era o interlúdio entre o mundo no que tinha estado e ao que estava retornando, e os lances entre um e outro deveriam ser brumosos.

—Não posso ver onde estamos —murmurou ao subir o vidro.

—Chama-se mhis —disse V— Pensa nisso como uma ilusão protetora.

—Seu truque?

—Sim. Importa-se que acenda um cigarro, quando deixar entrar um pouco de ar fresco?

—Está bem. —Não é como se fosse estar a seu redor por muito tempo.

Merda.

V lhe apertou a mão e desceu o vidro meio centímetro, o suave zumbido do vento se propagava por cima do silencioso murmúrio do sedan. Sua jaqueta de couro rangeu quando tirou um cigarro embalado à mão e um acendedor de ouro. A pedra fez um pequeno estalo, e então o aroma do tabaco turco provocou em Jane um formigamento no nariz.

— Esse aroma vai me... — se deteve.

— O que?

— Ia dizer “me lembrar tanto a você”. Mas não o fará, certo?

— Talvez em sonhos.

Pôs as pontas de seus dedos na janela. O vidro estava frio. Assim como o seu peito.

Como não podia suportar o silêncio, disse:

— Este seus inimigos, o que são exatamente?

— Começam como humanos. Depois se convertem em algo diferente.

Enquanto inalava, viu seu rosto banhado de luz laranja. Barbeou-se antes de sair, usando a navalha que uma vez tinha querido usar voltar contra ele, e seu rosto era impossivelmente lindo e arrogante, masculino, duro como sua vontade. As tatuagens em sua têmpora ainda estavam belamente feitas, mas agora as odiava, reconhecendo-as como a violação que eram.

Esclareceu a garganta.

— Bem, me diga mais.

— A Sociedade Lessening, nossa inimiga, escolhe seus membros mediante um processo cuidadosamente analisado. Procuram sociópatas, assassinos, gente amoral do tipo Jeffrey Dahmer³⁴. Então o Omega se mete...

— O Omega?

Baixou a vista até a ponta de seu cigarro.

— Suponho que o equivalente cristão é o demônio. De todas as maneiras, o Omega coloca as mãos neles... além de outras coisas... e abracadabra, despertam mortos e movendo-se. São fortes, virtualmente indestrutíveis e só se podem matar com uma punhalada no peito, com algo que tenha aço.

— Por que são seus inimigos?

Inalou, e de novo suas sobrancelhas voltaram a descer.

— Suspeito que tem algo que ver com minha mãe.

— Sua mãe?

O sorriso duro que lhe estirava os lábios era mais uma curva.

— Sou o filho do que você provavelmente consideraria um deus — elevou sua mão enluvada — Isto vem dela. Pessoalmente, quanto a presentes para bebês, teria preferido um desses chocalhos de prata, ou talvez alguns potinhos para comer. Mas a gente não escolhe nossos pais.

Jane olhou o couro negro que se estendia sobre sua palma.

— Jesus...

— Não segundo nosso léxico ou minha natureza. Não sou do tipo salvador — pôs o cigarro entre seus lábios e tirou a luva. Na tênue luz do assento traseiro, sua mão brilhava com a suave beleza da luz da lua refletindo-se em neve recém caída.

Inalou uma última vez, pegou o cigarro e pressionou a ponta acesa no centro de sua palma.

— Não — vaiou ela — Espera...

³⁴ Jeffrey Dahmer, apelidado "O Açougueiro do Milwaukee", foi um assassino em série responsável pela morte de 17 homens entre 1978 e 1991. É conhecido não só pela quantidade de pessoas que assassinou, mas também por praticar a necrofilia e o canibalismo.

A bituca se converteu em cinzas em um brilho de luz, e soprou o resíduo, um pó fino que se dispersou no ar.

—Daria o que fosse para me liberar desta merda. Embora tenha que dizê-lo, é condenadamente prática quando não tenho um cinzeiro.

Jane se sentiu enjoada por uma grande quantidade de razões, especialmente quando pensou no futuro dele.

—Está sua mãe obrigando você a se casar?

—Sim. Merda, nem pelo inferno me apresentaria como voluntário para isso. —Os olhos de V voltaram a olhá-la, e por uma fração de segundo, Jane pôde jurar que ia dizer que ela seria a exceção a essa regra. Mas então desviou o olhar.

Deus, pensar nele com outra pessoa, embora não lembrasse, era como ser golpeada no estômago.

—Quantas? —disse Jane com voz rouca.

—Não quer sabê-lo.

—Diga-me

—Não pense nisso. Eu, seguro como o inferno que trato de não fazê-lo. —Voltou a olhar para ela— Não vão significar nada para mim. Quero que saiba disso. Embora você e eu não possamos... Sim, bom, de toda forma, não significarão uma merda.

Era horrível por sua parte alegrar-se por isso.

Vishous voltou a pôr a luva, e guardaram silêncio enquanto o sedan deslizava como um fantasma atravessando a noite. Finalmente se detiveram. Moveram-se outra vez. Pararam. Moveram-se de novo.

—Devemos estar no centro, não? —disse— Porque parece estarnos parando em um monte de semáforos.

—Sim. —inclinou-se para frente, pressionou um botão e a divisão baixou, para que pudesse ver através do pára-brisa.

Sím, era o centro da cidade. Estava de volta.

Quando as lágrimas queimaram seus olhos, separou-as de uma piscada e baixou a vista a suas mãos.

Um pouco depois o condutor deteve o Mercedes diante do que parecia a entrada de serviço de um edifício de tijolos: havia uma robusta porta metálica que trazia escrita particular em tinta branca, e uma rampa de cimento que subia a um lugar de carga. O lugar estava limpo na maneira em que os lugares urbanos bem cuidados estavam. O que queria dizer que estava sujo, mas não havia lixo solto à vista.

V abriu sua porta.

—Não saia ainda.

Pôs a mão na bolsa que continha suas roupas. Possivelmente tinha decidido levá-la de volta ao hospital? Exceto que esta não era uma entrada que conhecesse do St. Francis.

Momentos depois V abriu a porta e estirou sua mão descoberta para dentro.

—Deixa suas coisas. Fritz, voltaremos dentro de um momento.

—É um prazer esperar —disse o ancião com um sorriso.

Jane saiu do carro e seguiu V para um grupo de escadas de cimento ao lado da rampa. Todo o tempo estava sobre ela como um forro, apertado contra suas costas, protegendo-a. De algum jeito abriu a robusta porta de metal sem chaves; simplesmente pôs sua mão na barra de abertura e a olhou.

Extranhamente, uma vez que estiveram dentro não relaxou em nada. Guiou-a com rapidez por um corredor até um elevador de carga, olhando para a direita e a esquerda enquanto

avançavam. Não tinha nem idéia de que estavam no luxuoso edifício Commodore até que leu um letreiro dos encarregados do imóvel que estava colocado nas paredes de cimento.

— Tem um andar aqui? — perguntou, embora fosse evidente.

— O andar superior é meu. Bom, a metade. — Entraram em um elevador de serviço com chão de linóleo gasto sob as luzes embutidas — Desejaria poder levar você pela entrada principal, mas é muito pública.

Houve uma sacudida quando o elevador entrou em marcha, e ela estirou a mão para apoiar-se nas paredes. V lhe pegou a parte superior do braço, mantendo-a estável, e não a soltou. Não queria que o fizesse.

V seguia tenso quando pararam bruscamente e o elevador se abriu. O singelo vestíbulo não era nada especial, simplesmente com duas portas e uma saída para uma escada para dar em um propósito. O teto era alto, mas não ornamentado, e o chão atapetado era de tonalidade suave e multicolorido que reconhecia das salas de espera do hospital.

— É por aqui.

Seguiu-o até o final do corredor e se surpreendeu ao vê-lo tirar uma chave de ouro para abrir uma porta.

O que havia do outro lado estava escuro como a boca de um lobo, mas entrou com V no interior sem sentir medo. Demônios, sentia-se como se pudesse caminhar para um pelotão de fuzilamento com ele a seu lado, e sair sã e salva. Além disso, o lugar cheirava bem, como limão, como se o tivessem limpado recentemente.

V não acendeu nenhuma luz. Só tomou sua mão e insistiu que o seguisse adiante com um puxão.

— Não posso ver nada.

— Não se preocupe. Nada a machucará, e conheço o caminho.

Pegou sua mão e pulso e a arrastou atrás dele até que V se deteve. Pela forma com que seus passos retumbavam, tinha a sensação de que era um espaço grande, mas não tinha nem idéia dos contornos do apartamento de cobertura.

V lhe virou o rosto para a direita e logo se afastou.

— Aonde vai? — engoliu em seco com força.

Uma vela brilhava no canto mais afastado, a uns cem metros dela. Entretanto, não iluminava muito. As paredes... as paredes e o teto e... o chão... eram negras. Todo negro. Como à vela.

V se colocou no refúgio da luz, nada mais que uma sombra ameaçadora.

O coração da Jane palpitou.

— Perguntou-me pelas cicatrizes entre minhas pernas — disse — Como aconteceram.

— Sim — sussurrou. Assim por isso queria tudo escuro como a noite. Não queria que lhe visse o rosto.

Outra vela se acendeu, esta no lado oposto do que viu que era um enorme quarto.

— Meu pai mandou que o fizessem. Depois de que quase o matasse.

Jane aspirou bruscamente.

— OH... Deus.

Vishous olhou fixamente para Jane, mas só via o passado e o que tinha acontecido depois que atirou seu pai no chão.

— Me tragam minha adaga — disse o Bloodletter.

V lutou contra o soldado que segurava seus braços, mas não chegou a nenhuma parte. Enquanto se retorcia, dois machos mais apareceram. Depois outro par. Logo outros três.

Bloodletter cuspiu no chão quando alguém lhe pôs uma adaga negra na mão, e V se preparou para a punhalada que ia vir... exceto que Bloodletter só passou com rapidez a lâmina por sua palma e logo a embainhou em seu cinturão. Juntando ambas as mãos, esfregou-as uma contra a outra, e logo bateu com força sua direita no centro do peito do V.

V baixou o olhar ao rastro em sua pele. Expulsão. Não morte. Por que?

A voz do Bloodletter era dura.

—Será desconhecido para sempre para aqueles que habitam aqui. E a morte virá a qualquer um que o ajude.

Os soldados começaram a soltar Vishous.

—Ainda não. Levem-no ao acampamento. —Bloodletter se virou— E que venha o ferreiro. É de nossa incumbência advertir os outros da natureza malvada deste macho.

V se retorceu grosseiramente quando outro soldado levantou suas pernas e foi levado como um cadáver à cova.

—Depois da tela —disse Bloodletter ao ferreiro— Faremos isto diante da parede desenhada.

O macho empalideceu, mas levou sua caixa de áspera madeira com ferramentas ao outro lado da divisão. Enquanto isso, V foi colocado sobre suas costas com um soldado ao final de cada uma de suas extremidades e outro o segurando pelos quadris.

O Bloodletter se situou sobre V, com as mãos jorrando um brilhante vermelho.

—Marquem.

O ferreiro levantou o olhar.

—De que maneira, grande senhor?

O Bloodletter soletrou as advertências na Antiga Língua, e os soldados sujeitaram V enquanto suas têmporas, seu sexo e suas coxas eram tatuadas. Lutou durante todo o processo, mas a tinta se afundou em sua pele, os caracteres permanentes. Quando terminaram, estava totalmente esgotado, mais cansado que quando tinha saído da transição.

—Sua mão. Faze-o na mão também. —O ferreiro começou a negar com a cabeça— O fará ou trarei outro ferreiro ao acampamento, porque você estará morto.

O ferreiro tremeu por todo o corpo, mas tomou cuidado de não tocar a pele de V, de maneira que as marcas se completaram sem incidentes.

Quando terminou, o Bloodletter baixou o olhar para V.

—Há outra tarefa necessária, acredito eu. Lhe abram muito as pernas. Farei um favor à raça e me assegurarei de que nunca se reproduza.

V sentiu que os olhos lhe saíam das órbitas quando seus tornozelos e coxas foram separadas de um puxão.

—Não, precisa de algo distinto.

Ordenou ao ferreiro que fizesse a tarefa com um par de tenazes.

V gritou ao sentir o metal fechando-se sobre sua pele mais sensível. Houve uma dor ardente e um rasgo, e então...

—Doce Jesus —disse Jane.

V se sacudiu retornando ao presente. perguntou-se quanto havia dito em voz alta, e decidiu que, a julgar pelo olhar de horror em seu rosto, tinha sido mais ou menos tudo.

Observou a luz das velas cintilando em seus escuros olhos verdes.

—Não foram capazes de terminar.

—Não por decência —disse brandamente.

Negou com a cabeça e elevou sua mão enluvada.

—Embora estivesse a ponto de desmaiar, todo meu corpo se acendeu. Os soldados que estavam me segurando morreram imediatamente. Como o ferreiro... que estava usando uma ferramenta de metal, e esta conduziu a energia diretamente a ele.

Fechou os olhos brevemente.

—O que aconteceu depois?

—Virei-me, levantei-me um pouco e me arrastei até a saída. Todo o acampamento me viu partir em silêncio. Nem sequer meu pai se interpôs em meu caminho nem me disse nada. —V se pegou ligeiramente, lembrando a dor paralisante—. E, ... o chão da cova estava coberto com um tipo de terra solta, poeirenta, que continha vários minerais, um dos quais devia ser sal. A ferida se fechou, de modo que não sangrei, mas assim é como obtive as cicatrizes.

—Sinto-o... tanto —levantou a mão como se quisesse alcançá-lo, mas logo deixou cair o braço— É um milagre que sobrevivesse.

—Logo que consegui sobreviver essa primeira noite. Tinha tanto frio. Acabei usando um ramo para que me ajudasse a caminhar, e fui o mais longe que pude sem rumo fixo. No final me desabei. A vontade de seguir caminhando estava lá, mas meu corpo não podia mais. Tinha perdido sangue, e a dor era exaustiva.

Uns civis de minha raça me encontraram antes do amanhecer. Acolheram-me, mas só por um dia. As advertências... —tocou a têmpora— As advertências em meu rosto e corpo fizeram o que meu pai queria que fizessem. Transformaram-me em um monstro a ser temido. Ao cair da noite fui. Perambulei sozinho durante anos, me mantendo nas sombras, me afastando do caminho das pessoas. Alimentei-me de humanos por um tempo, mas isso não me sustentou o suficiente. Um século depois acabei na Itália, trabalhando como valentão contratado para um comerciante que tratava com humanos. Em Veneza havia putas de minha espécie, que deixavam eu me alimentar, e as usei.

—Tão sozinho. —Jane colocou a mão na garganta— Devia estar tão sozinho.

—Sozinho. Não queria que me vissem com ninguém. Trabalhei para o comerciante mais ou menos uma década, e depois em uma noite, em Roma, encontrei-me com um lesser que estava no processo de matar uma fêmea. Matei o bastardo, mas não porque a fêmea me importasse particularmente. Foi... sabe, foi seu filho. Seu filho estava olhando nas sombras da escura rua, agachado ao lado de um carro. Era como... merda, definitivamente era um pretrans, e um jovem. Vi ele primeiro, na realidade, quando captei a ação do outro lado. Pensei em minha própria mãe, ou pelo menos a imagem que tinha imaginado dela, e foi como... demônios, de maneira nenhuma este menino ia ver a fêmea que o tinha dado a luz morrer.

—A mãe viveu?

Ele fez uma careta de dor.

—Quando pude chegar a ela, já tinha morrido. Sangrou muito de uma ferida na garganta. Mas lhe prometo isso, esse lesser terminou feito pedaços. Depois disso, não soube o que fazer com o menino. Terminei indo até o comerciante para o qual tinha matado, e ele me pôs em contato com uns caras que acolheram ao menino. —V soltou uma curta risada—. Resultou ser que a mãe que morreu era uma Escolhida, e esse pretrans? Bom, terminou sendo o pai de meu irmão Tohrment. Temos um mundo pequeno, não é?

Assim como salvei um menino de sangue guerreiro, estendeu-se a história e meu irmão Darius terminou me encontrando e me apresentando ao Wrath. D... D e eu tínhamos uma conexão particular, e era provavelmente o único que poderia ter chamado minha atenção nesse ponto. Quando conheci Wrath, não estava interessado em ser Rei, e não estava mais interessado que eu em ter vínculos. O que quer dizer que nós dois nos conectamos. Finalmente fui introduzido na Irmandade. E bom... merda, isso é tudo.

No silêncio que seguiu, só pôde adivinhar o que acontecia a mente da Jane, e a idéia de que o compadecesse o fez querer fazer algo para demonstrar que era forte.

Como esmagar um carro.

Salvo que em vez de voltar-se toda suave com ele e lhe fazer sentir ainda mais nervoso, Jane simplesmente olhou ao redor, embora soubesse que não podia ver mais que as duas velas acesas.

—E este lugar... o que significa este lugar para você?

—Nada. Não significa mais que qualquer outro.

—Então por que estamos aqui?

O ritmo do coração de V se acelerou.

Merda... Vendo-se ali com ela, depois de soltar tudo, não estava certo de poder seguir com o que tinha planejado.

CAPÍTULO 29

Enquanto Jane esperava que V falasse, queria rodeá-lo com os braços. Queria lhe dizer um monte de palavras muito sinceras e essencialmente bastante tolas. Queria saber se seu pai, verdadeiramente, tinha morrido em chamas, e esperava que o bastardo o tivesse feito.

Quando o silêncio continuou, disse:

—Não sei se isto ajudará... provavelmente não, mas tenho que dizer algo. Não suporto a aveia. Até hoje, põe-me doente. —Rezou por não estar dizendo algo incorreto— Está tudo bem que ainda esteja lutando com tudo o que lhe fizeram. Qualquer um faria. Não o faz fraco. Foi violentamente mutilado por alguém que deveria ter protegido e entendido você. O fato de que ainda esteja em pé é um milagre. Respeito você por isso.

O rosto de V ruborizou.

—Eu, ... realmente não vejo dessa maneira.

—Bom. Mas eu sim. —Para dar uma pausa, esclareceu a garganta e acrescentou—Vai me dizer por que estamos aqui?

Esfregou o rosto como se estivesse tentando esclarecer a mente.

—Merda, quero estar com você. Aqui.

Jane soltou o ar com alívio e tristeza. Também queria uma despedida com ele. Uma despedida que fosse sexual e privada, e não no quarto em que tinham estado encerrados juntos.

—Eu também quero estar com você.

Outra vela saltou à vida ao lado de um grupo de cortinas. Depois uma quarta junto a um bar. Uma quinta perto de uma grande cama com lençóis de cetim negro.

Começou a sorrir, até que a sexta se acendeu. Havia algo pendurando da parede... algo que pareciam... algemas?

Mais velas flamejaram. Máscaras. Chicotes. Varas. Mordanças.

Uma mesa negra com ataduras que chegavam até o chão.

Rodeou-se com os braços, gelada.

—Então, é aqui onde faz o negócio de atar.

—Sim.

OH, Jesus... não queria esse tipo de adeus. Tentando manter-se calma, disse:

—Sabe, tem sentido, dado o que aconteceu. Que você goste disto. —Merda, não podia dirigi-lo—. Assim... são homens ou mulheres? Ou, digamos, uma combinação?

Escutou o rangido do couro e se virou para ele. Estava tirando a jaqueta, e depois um conjunto de armas que não tinha visto. Seguidas de duas facas negras que também tinham estado ocultas. Cristo, tinha estado totalmente armado.

Jane se abraçou com mais força. Queria estar com ele, mas não atada e coberta com uma máscara, enquanto ele punha um nove semanas e meia em sua cabeça e lhe tirava merda do corpo a chicotadas.

—Escuta, V, não acredito...

Tirou a camisa, os músculos das costas flexionando-se sobre a coluna, o peito se sobressaía por completo, logo relaxaram. Tirou as botas de um chute.

Santa... merda, pensou, quando se deu conta do que era tudo isto.

As meias três-quartos e calças de couro foram depois, e, como não usava roupa íntima, não havia cueca para tirar. Em total silêncio, V caminhou descalço pelo lustroso chão de mármore e subiu à mesa com um coordenado e repentino movimento. Estendido, era realmente magnífico, seu corpo carregado de músculos, os movimentos elegantes e masculinos. Aspirou profundamente, sua caixa torácica elevando-se e baixando.

Ligeiros tremores percorriam sua pele... ou talvez fosse a luz das velas?

V engoliu com força.

Não, era medo o que estava fazendo que se movesse nervosamente.

—Pegue uma máscara para mim —disse em voz baixa.

—V... não.

—Uma máscara e uma mordança de bola. —Virou a cabeça para ela— Faze-o. Depois me ponha as algemas. —Quando não se moveu, fez um gesto com a cabeça para o que se pendurava na parede— Por favor.

—Por que? —perguntou, vendo o suor que começava a percorrer seu corpo.

V fechou os olhos, e seus lábios apenas se moveram.

—Deu-me tanto... e não só um fim de semana de sua vida. Tentei pensar no que dar em troca, já sabe, a merda da troca justa, vomitar aveia por detalhes sobre minhas cicatrizes. A única coisa que tenho sou eu e isto... —bateu a dura madeira da mesa com os nódulos é o mais exposto que jamais poderei estar, e é o que quero dar a você.

—Não quero machucar você.

—Sei —abriu as pálpebras de repente— Mas quero que me tenha como ninguém nunca o tem feito ou fará. Assim pegue a máscara.

Quando engoliu em seco, ela observou seu nó rodando pela coluna de seu largo pescoço.

—Este não é o tipo de presente que quero. Nem o tipo de despedida.

Houve um longo silêncio. Depois V disse:

—Lembra que disse a você sobre o casamento arrumado?

—Sim.

—Vai acontecer em questão de dias.

OH, agora de verdade não queria isto. Pensar que estava comprometido com outra...

—Não conheci à fêmea. Ela tampouco a mim. —Olhou ao Jane— E é primeira de umas quarenta.

—Quarenta?

—Supõe-se que tenho que gerar todos os seus filhos.

—OH, Deus.

—Assim estão as coisas. O sexo vai ser apenas uma função biológica a partir de agora. E sabe, realmente alguma vez me estive descoberto, de verdade? Quero fazer isto com você porque... Bom, não importa, só o faça.

Olhou-o. O custo de se deitar dessa maneira estava em seus grandes e exagerados olhos, seu pálido rosto e o suor que cobria seu peito. Dizer que não seria degradar sua valentia.

—Que...? —Santa merda— O que é exatamente que quer que faça?

Quando V terminou de dizer-lhe virou-se e ficou a olhar fixamente o teto. A luz das velas jogava em sua ampla e negra extensão, fazendo que parecesse um lago de azeite. Enquanto esperava pela resposta de Jane, foi golpeado pela vertigem, sentindo-se como se o quarto girasse e ele estivesse pendurado em cima do teto, a ponto de ser arrojado a ele e tragado pelo melhor Quaker State³⁵.

Jane não dizia uma palavra.

Jesus... Nada como oferecer anós mesmosem estado vulnerável e que o rechassem.

Por outro lado, talvez não gostasse de sushi de vampiro.

Quando apoiou a mão em seu pé, deu um salto. E então escutou o som de metal contra metal de uma fivela sendo levantada. Baixou a vista por seu corpo nu para ver como uma cinta de couro de dez centímetros rodeava seu tornozelo. Ao ver as mãos pálidas da Jane ocupadas em sujeitá-lo, seu pênis saltou formando uma ereção.

O rosto de Jane era toda concentração enquanto passava o extremo de uma lingüeta de couro através da fivela e atirava para a esquerda.

— Está bem?

— Mais apertado.

Sem levantar a vista, deu-lhe um sólido puxão. Quando a correia lhe mordeu a pele, a cabeça de V caiu para trás sobre a madeira e este gemeu.

— Muito apertada?

— Não... — V tremeu por completo quando segurou sua outra perna, de uma vez aterrorizado a realmente excitado. Os sentimentos se intensificaram quando Jane fez o mesmo com um pulso, logo com o outro.

— Agora a mordaca e a máscara. — Sua voz era rouca porque seu sangue corria quente e frio, e sua garganta estava tão apertada como as ataduras.

Olhou-o.

— Está certo?

— Sim. Uma das máscaras é do tipo que simplesmente cobre os olhos, e isso me serviria bem.

Quando voltou, tinha uma bola vermelha de borracha com um corda para a cabeça e a máscara nas mãos.

— Primeiro a mordaca — disse V, abrindo muito a boca. Os olhos dela se fecharam por um momento, e se perguntou se se deteria, mas então Jane se inclinou para frente. A bola tinha sabor de látex, um bocado picante e amargo em sua língua. Quando V levantou a cabeça para que pudesse atar-lhe sua respiração saiu assobiando pelo nariz.

Jane negou com a cabeça.

— Não posso pôr a máscara. Preciso ver seus olhos. Não posso... Sim, não farei isto sem contato visual. De acordo?

Provavelmente era uma boa idéia. A mordaca estava fazendo o que devia, fazendo-o sentir-se asfixiado... e as ataduras estavam fazendo o que deviam, fazendo-o sentir-se preso. Se não pudesse ver e saber que era ela, provavelmente se voltaria fodidamente louco.

Quando assentiu com a cabeça, deixou cair a máscara no chão e tirou o casaco. Logo se inclinou e pegou uma das velas negras.

V sentiu arderam os pulmões quando se aproximou dele.

³⁵ Empresa americana fabricante de óleos para carros.

Jane aspirou profundamente.

— Está seguro?

Voltou a assentir, embora suas coxas tremessem e seus olhos saíam das órbitas. Com temor e excitação, V viu como estendia o braço sobre seu peito... e inclinava a vela.

Cera negra se derramou sobre seu mamilo, e V apertou os dentes na mordaca de bola, esticando-se contra o que o segurava à mesa até que o couro rangeu. Seu pênis saltou contra seu ventre, e teve que conter um orgasmo.

Jane fez exatamente o que lhe havia dito que queria, baixando cada vez mais por seu torso, depois saltando suas partes íntimas para começar nos joelhos e seguir subindo. A dor tinha um efeito acumulativo, primeiro não mais que picadas de abelha, mais tarde voltando-se intensas. O suor desceu por suas têmporas e costelas, e V ofegou pelo nariz, até que todo seu corpo esteve arqueando-se sobre a mesa.

Gozou pela primeira vez quando Jane afastou a vela, pegou uma vara... e tocou a cabeça de sua ereção com a ponta. Rugiu contra a mordaca e ejaculou sobre a endurecida cera negra de seu estômago.

Jane congelou, como se a reação a tivesse surpreendido. Depois passou a vara pela confusão que V tinha feito, banhando seu peito com o que tinha saído dele. A essência de emparelhamento alagou o apartamento de cobertura, assim como fizeram seus grunhidos de submissão enquanto lhe acariciava o torso acima e abaixo, e logo os quadris.

Gozou uma segunda vez quando deslizou a vara entre suas pernas e acariciou a parte interior de suas coxas com ela. Medo, sexo e amor encheram a pele de V, transformando-se nos músculos e ossos que o compunham; não era nada mais que emoção e necessidade, e ela conduzia tudo.

E então Jane baixou a vara sobre suas coxas com um puxão do braço.

Jane não podia acreditar que estivesse se pondo quente, tendo em conta o que estava fazendo. Mas com V estirado e sujeito e tendo orgasmos para ela, era difícil não saltar sobre ele.

Usou a vara ligeiramente sobre ele, sem dúvida menos do que V queria, mas com a suficiente força para deixar marcas em suas coxas, ventre e peito. Não podia acreditar que gostasse dessa maneira, considerando o que tinha suportado, mas de fato V adorava. Tinha os olhos centrados nela, e cintilavam brilhantes como lâmpadas, projetando sombras brancas sobre a luz gordurosa das velas. Quando gozou outra vez, o aroma de especiarias que associava com ele voltou a elevar-se.

Deus, envergonhava-a e fascinava uma vez querer ir mais longe com o que tinha disponível... o estar olhando a caixa de cliques metálicos e os chicotes nas paredes já não como aberrações, mas sim como representantes de uma grande quantidade de possibilidades eróticas. Não era que quisesse fazer mal a V. Simplesmente queria que sentisse tão intensamente como agora. Tratava-se de levá-lo a seu limite sexual.

Finalmente esteve tão excitada que tirou as calças e a roupa interior.

— Vou foder você. — disse.

V gemeu desesperadamente, seus quadris girando e empurrando para cima. Sua ereção ainda estava dura como uma rocha, apesar das vezes que tinha ejaculado, e pulsava como se fosse repetir outra vez.

Quando Jane subiu sobre a mesa e abriu as pernas sobre sua pélvis, V respirou pelo nariz com tanta força que ela se alarmou. Vendo que as janelas de seu nariz aspiravam dentro e fora, Jane se inclinou para lhe tirar a mordaca, mas ele afastou a cabeça de um puxão e a sacudiu, negando.

— Está certo? — perguntou Jane.

Quando assentiu ferozmente, desceu sobre seus quadris cobertos de sêmen e se colocou sobre a dura ponta de sua ereção, seu centro abrindo-se sobre ele, pegando-o. V pôs os olhos em branco e suas pálpebras se agitaram como se fosse perder os sentidos, enquanto se balançava contra ela o mais que podia.

Enquanto Jane cavalgava para frente e atrás sobre ele, tirou-se a camiseta e pôs as taças do sutiã de lado, de maneira que a modelavam para cima e para fora. Houve um rangido quando V se esticou contra as ataduras. Se estivesse livre, estava bastante certa de que a teria tombado de costas em um momento.

— Olhe-me o tomando — disse Jane, passando uma mão pelo pescoço. Quando seus dedos se aproximaram da remanescente marca da mordida, os lábios de V se saíram da mordida de bola e suas presas se alongaram, cravando-se no látex vermelho enquanto rugia.

Continuou tocando-se onde a tinha mordido enquanto ficava de joelhos e se colocava sobre sua ereção. sentou-se sobre ele com força, e V teve um orgasmo assim que entrou nela, golpeando-a profundamente, alagando-a. Depois, ainda seguia totalmente ereto, mesmo quando deixou de estremecer.

Jane nunca havia se sentido mais sexual em toda sua vida como quando começou a esfregar-se contra ele. Adorava que V estivesse manchado com a cera e o resultado de seus orgasmos, que sua pele brilhasse de suor e de um brilhante vermelho em alguns lugares, e que houvesse uma confusão para depois limpar. Lhe tinha feito tudo isso, e V a adorava pelo que tinha acontecido. Essa era a razão pelo que isso se fazia correto.

Quando sua própria liberação chegou a grande velocidade, Jane olhou os olhos enormes e selvagens de V.

Desejou não ter que abandoná-lo jamais.

CAPÍTULO 30

Quando Fritz colocou o Mercedes na curta entrada para carros do condomínio e o estacionou, V olhou através do pára-brisa dianteiro.

— Bonito lugar — disse a Jane.

— Obrigada.

Ficou em silêncio, perdendo-se nas lembranças do que tinha acontecido no apartamento de cobertura durante as duas últimas horas. As coisas que lhe tinha feito... Cristo, nunca nada tinha sido tão erótico. E nada tinha sido tão doce como o desenlace. Quando a sessão terminou, tinha-o liberado e o tinha levado para ducha. Debaixo do orvalho de água o sêmen se limpou e a cera se desprende, mas realmente a limpeza tinha ocorrido em seu interior.

Desejava que as marcas vermelhas que tinha deixado em seu corpo perdurassem. Desejava-as em sua pele de forma permanente.

Deus, não podia suportar deixá-la ir.

— Então, quanto tempo faz que mora aqui? — perguntou.

— Desde que comecei a residência. Assim, temos dez anos.

— É uma bom lugar para você. Perto do hospital. Como são seus vizinhos? — era uma agradável conversação como a que manteria em uma reunião, bla-bla. No entanto a casa em que ficaria no fim da reunião estava se incendiando.

— A metade das pessoas são jovens profissionais e a outra metade são anciões. O engraçado é que seja porque se casa ou vai a uma residência de anciões. — Indicou o apartamento ao lado

esquerdo do seu — O senhor Hancock se mudou faz duas semanas para uma casa. O novo vizinho, quem quer-que-seja, provavelmente seja como ele, porque os apartamentos de um só piso tendem a ser ocupadas por gente mais velha. A propósito, estou tagarelando.

E ele estava entretido.

— Como disse, amo sua voz, assim sinta-se livre para fazê-lo.

— Só o faço quando estou com você.

— Pelo que me sinto afortunado. — Olhou seu relógio. Merda, o tempo escorria como a água de uma banheira, deixando muitíssimo frio com sua ausência — Então, me mostre?

— Claro.

Saiu do carro antes dela e examinou a área antes de ir para um lado para deixá-la sair. Disse a Fritz que se fosse, já que ele se desmaterializaria de volta para casa, e enquanto o doggen saía da entrada para carros, V a deixou ir na frente no caminho pela calçada.

Jane abriu a porta só com uma chave e um giro da maçaneta. Não tinha sistema de segurança. Somente um ferrolho. E no interior não havia passador nem corrente. Embora não tivesse inimigos como ele, isto não era o suficientemente seguro. Ia ...

Não, não ia remediar. Porque em uns poucos minutos ia ser um estranho.

Para evitar perder a prudência, olhou ao seu redor. O mobiliário não tinha nenhum sentido. Contra as paredes do apartamento, toda de mogno e as pinturas a óleo faziam o lugar parecer um museu. Da época do Eisenhower.

— Os móveis...

— Eram de meus pais — disse enquanto deixava o casaco e a bolsa — Depois que morreram, mudei tudo o que pudesse caber aqui da casa de Greenwich. Foi um engano... sinto como se vivesse em um museu.

— Um... posso entender.

Caminhou pela sala de estar, observando coisas que pareciam pertencentes à casa colonial de um doutor na parte da cidade onde viveria Bruce Wayne³⁶. A merda diminuía as linhas do apartamento lotando as salas que de outra forma teriam sido alegres.

— Realmente, não sei porque conservo tudo isto. Eu não gostava de viver assim enquanto crescia. — Deu um pequeno giro e logo parou.

Merda, ele tampouco sabia o que dizer.

Entretanto sabia o que devia fazer.

— Então... a cozinha é por ali, não?

Ela caminhou para a direita.

— Não é muito grande.

Mas era agradável, pensou V, quando entrou. Como o resto do apartamento, a cozinha era da cor branca e nata, mas ao menos ali não se sentia como se precisasse de um guia de museu. A mesa e as cadeiras do canto de café da manhã eram de pinheiro claro e do tamanho adequado para o espaço. Os balcões de granito eram lustrosos. Os eletrodomésticos eram de aço inoxidável.

— Reformei-a no ano passado.

Houve mais conversação de sala entretanto os dois ignoravam o fato que o “game over” estava brilhando em sua tela.

V se aproximou da cozinha e tratando de adivinhar, abriu o armário superior esquerdo. Bingo. A mistura para chocolate quente estava bem ali.

Pegou, colocou-a sobre o balcão, logo foi para a geladeira.

³⁶ Bruce Wayne é o nome real do Batman. Alude à parte da cidade aonde o viveria no sentido de que é milionário.

—O que está fazendo? —perguntou-lhe.

—Tem uma xícara? Caneca? —Pegou um litro de leite da geladeira, abriu-o, e o cheirou.

Enquanto retornava para a cozinha, em voz baixa lhe disse onde estava tudo, como se repentinamente estivesse tendo problemas para manter-se inteira. Envergonhava-lhe admiti-lo, mas se alegrava de que estivesse triste. O fazia sentir menos patético e solitário em meio deste infernal adeus.

Homem, era um filho da puta.

Tirou uma caneca esmaltada e uma grossa xícara, logo acendeu uma chama baixa na cozinha. Enquanto o leite esquentava, olhou fixamente a merda reunida sobre o balcão e sentiu que seu cérebro tomava umas pequenas férias. A disposição das coisas pareciam um anúncio da Nestlé, o tipo de coisa onde a mãe de subúrbios cuidavam do forte enquanto os filhos brincavam na neve até que o nariz ficasse vermelho e as mãos frias. Podia imaginar-lhe. A gelada equipe chegaria correndo exatamente quando a mãe dedicada expusesse o tipo de comida que fortalece, capaz de dobrar ao Norman Rockwell³⁷, até submetê-lo a um estado de submissão por excesso de sentimentalismo.

Até podia ouvir a voz em off: Nestlé serve o melhor do melhor.

Sim, bom, não havia filhos nem mães aqui. Tampouco um lar feliz, embora o apartamento fosse suficientemente bonito. Este era um chocolate da vida real. Do tipo que dá a alguém a quem ama porque não pode pensar em outra coisa que fazer e ambos estão destruídos. Era do tipo que servia enquanto suas vísceras estavam atadas, sua boca estava seca e estava pensando seriamente em se pôr a chorar, mas fosse muito macho para fazer esse tipo de cena.

Era do tipo que fazia com todo o amor que não tinha expresso e muito bem poderia não ter a voz ou a oportunidade de expressar.

—Não lembrarei nada? —perguntou-lhe com voz rouca.

Acrescentou um pouco mais da mescla e o mexeu com a colher observando como o redemoinho de chocolate era absorvido pelo leite. Não podia lhe responder, simplesmente não podia dizê-lo em voz alta.

—Nada? —incitou-o.

—Por isso tenho entendido, pode ter algum sentimento de vez em quando que é desencadeado por um objeto ou um aroma, mas não será capaz de reconhecê-lo. —Colocou o dedo indicador para checar a temperatura, o chupou para limpá-lo, e continuou mexendo—. Embora, como sua mente é muito forte, é muito provável que tenha sonhos confusos.

—E o que acontece com o fim de semana perdido?

—Não sentirá como se o tivesse perdido.

—Como isso é possível?

—Porque vou dar outro fim de semana para substituí-lo.

Quando não disse nada mais, olhou por cima do ombro. Estava de pé junto à geladeira, abraçando-se a si mesma. Tinha os olhos brilhantes.

Merda. Certo, tinha mudado de opinião. Não queria que se sentisse tão mal como ele se sentia. Faria qualquer coisa para que não se sentisse assim triste.

E, na verdade, tinha o poder de arrumá-lo.

³⁷ Norman Rockwell Ilustrador, fotógrafo e pintor norte-americano. As primeiras obras têm um profundo sentido anedótico; proliferam, durante inícios de século e os primeiros anos vinte e trinta, as obras que representam a meninos em diferentes atitudes, sempre enfatizando os detalhes próprios do caráter dos meninos: correndo, burlando-se de outros, tomando o café da manhã, indo à escola ou jogando beisebol.

Provou o que estava esquentando, aprovou a temperatura, e apagou a chama. Enquanto enchia a xícara, a suave mistura tinha a promessa da calma e satisfação que desejava para sua fêmea. Levou-lhe a xícara, e quando não tomou, o desenganchou um de seus antebraços. Tomou o chocolate quente na mão só porque a obrigou, e não o bebeu. Dobrando o pulso para dentro, embalou-o contra sua clavícula, torcendo o braço ao redor da coisa.

—Não quero que vá — sussurrou, soando de causar pena, quase ao ponto das lágrimas.

Pô-lhe a mão descoberta no rosto e apreciou a suavidade e a calidez de seu rosto. Sabia que quando se fosse dali, estaria deixando seu estúpido e o maldito coração com ela. Certo, algo pulsaria atrás de suas costelas e manteria o sangue em movimento, mas de agora em diante, somente seria uma função mecânica.

OH, espera. Já antes tinha sido dessa forma. Ela apenas lhe tinha dado à coisa da humanidade e vida por um breve espaço de tempo.

Atraiu-a a seus braços e descansou o rosto sobre a parte superior de sua cabeça. Maldito inferno, nunca mais poderia cheirar chocolate sem pensar nela, sem desfalecer por ela.

No momento em que fechou os olhos um formigamento lhe percorreu a espinha dorsal, estremecendo-o ao longo da nuca e disparando-se para sua mandíbula. Estava saindo o sol, e esse era seu corpo lhe dizendo que o momento de ir já não era algo no futuro, a não ser algo de agora... de um premente agora.

Afastou-se e pressionou os lábios contra os dela.

— Amo você. E vou seguir amando, mesmo depois que você já não seja consciente de minha existência.

Suas pestanas bateram asas, contendo as lágrimas, até que houve muitas para poder detê-las. Secou seu rosto com os polegares.

— V... eu...

Aguardou um instante. Quando não terminou a frase, tomou seu queixo na palma da mão e a olhou aos olhos.

— OH, Deus, vais fazer o — disse — Vai a...

CAPÍTULO 31

Jane piscou e olhou o chocolate quente que estava segurando. Algo estava gotejando sobre ele.

Jesus... Havia lágrimas correndo por seu rosto, caindo dentro da xícara, lhe molhando a camisa. Seu corpo inteiro estava tremendo, tinha os joelhos frouxos, seu peito gritava de dor. Por alguma louca razão desejava atirar-se no chão e ficar a gemer.

Limpendo-as, deu uma olhada através da cozinha. Havia leite, mescla para preparar chocolate e uma colher sobre balcão. Da caneca que estava sobre a cozinha ainda se via um pouco de vapor. O armário da esquerda não estava fechado de tudo. Não podia lembrar ter tirado todas essas coisas nem ter preparado o que tinha dentro da xícara, mas bom, geralmente isso acontecia com as ações repetitivas e habituais. Fazia-as sem pensar...

Que demônios? Através das janelas do outro lado do canto do café da manhã, viu alguém de pé em frente a seu apartamento. Um homem. Um homem enorme. Estava embaixo da brilhante luz que derramava uma das luzes da rua, assim não podia ver seu rosto, mas sabia que a estava olhando.

Sem nenhuma razão aparente as lágrimas correram por seu rosto mais forte e rapidamente. E a confusão se fez pior quando o estranho se virou e foi caminhando rua abaixo.

Jane virtualmente atirou a taça sobre a o balcão e saiu correndo da cozinha. Tinha de alcançá-lo. Tinha que detê-lo.

Quando chegou à porta principal, uma tremenda enxaqueca a fez cair no chão como se a tivessem dado uma rasteira. Caiu esparramada sobre o frio chão de azulejos brancos do vestíbulo, logo se virou sobre um lado, apertando os dedos contra as têmporas e ofegando.

Ficou ali por só Deus sabe quanto tempo, somente respirando e rezando para que a dor retrocedesse. Quando finalmente cedeu levantou a parte superior do corpo do chão e se reclinou contra a porta de entrada. Perguntava-se se tinha tido uma embolia, mas não tinha havido interrupção cognitiva nem alterações visuais. Somente um assalto repentino de uma tremenda dor de cabeça.

Devia ser um remanescente da gripe que tinha padecido todo o fim de semana. Esse vírus que tinha rondado o hospital por semanas a tinha deixado fora de combate como uma roseira morta. O que tinha sentido. Fazia muito tempo que não adoecia, assim já era hora.

Falando de atrasos... Merda, acaso tinha ligado para agendar uma nova data para a entrevista que tinha em Columbia? Não tinha nem ideia... o que significava que provavelmente não o tivesse feito. Demônios, nem sequer lembrava ter saído do hospital na noite de quinta-feira.

Não estava certa de quanto tempo esteve atuando como batente de porta mas em determinado momento o relógio que estava sobre o suporte começou a soar. Era o que tinha estado no estudio de seu pai em Greenwich, um antigo Hamilton feito de bronze sólido que, teria jurado, anunciava as horas com acento britânico. Sempre tinha odiado à maldita coisa, mas sempre estava na hora.

As seis da manhã. Hora de ir trabalhar.

Bom plano, mas quando colocou de pé, soube sem dúvida nenhuma que não ia ao hospital. Estava enjoada, fraca e exausta. Não havia forma que pudesse proporcionar cuidados na condição em que se encontrava; ainda estava doente como um cão.

Maldita seja... devia ligar para o hospital. Onde estava o page, o telefone...?

Franziu o cenho. Seu casaco e a bolsa que tinha preparado para ir a Manhattan estavam perto do armário do vestíbulo.

Entretanto, o celular não estava. O page tampouco.

Levou seu lastimoso traseiro ao segundo andar e procurou ao lado da cama, mas o par não estava ali. De volta ao andar de baixo, revistou a cozinha. Nada. E a bolsa de mão, que sempre usava a trabalho, também tinha desaparecido. Poderia havê-lo deixado no carro durante todo o fim de semana?

Abriu a porta que dava à garagem e a luz automática se acendeu.

Era estranho. O carro estava estacionado de frente. Geralmente entrava de ré.

O que provava quão fora de si tinha estado.

Certamente a bolsa estava no assento dianteiro, e se amaldiçoou enquanto retornava ao apartamento e ligava. Como podia ter estado tanto tempo sem ligar? Embora fosse coberta por outro médico, nunca permanecia sem contatar por mais de cinco horas.

Sua caixa de recado tinha um monte de mensagens, mas por sorte nenhum era urgente. Quão importantes concerniam ao tratamento de pacientes tinham sido transferidos a quem quer que estivesse de plantão, e o resto, eram coisas das quais podia encarregar-se mais tarde.

Estava saindo da cozinha, em linha reta para o quarto, quando olhou a xícara de chocolate. Não tinha que tocá-la para saber que esfriou, assim perfeitamente podia jogá-la fora. Foi e a levantou, logo fez uma pausa sobre a pia. Por alguma razão não podia suportar jogá-la fora. Deixou-a exatamente onde tinha estado sobre o balcão, embora guardasse o leite na geladeira.

Já no andar de cima, no quarto tirou a roupa, deixando que aterrissasse em qualquer lugar, colocou uma camiseta, e se meteu na cama.

Estava acomodando-se entre os lençóis quando se deu conta que seu corpo estava rígido, especialmente a parte interior de suas coxas e a parte baixa das costas. Sob outras circunstâncias teria pensado que tinha tido um monte de sexo incrível... ou era isso ou tinha escalado uma montanha. Mas em vez disso simplesmente era a gripe.

Merda. Columbia. A entrevista.

Ligaria para Ken Falcheck mais tarde nessa mesma manhã, desculparia-se pelo que esperava fosse a segunda vez, e reprogramaria a entrevista. Estavam desejosos de que se unisse à equipe, mas não ir a uma entrevista com o chefe do departamento era insultante como o inferno. Mesmo estando doente.

Recolocando-se contra os travesseiros, não podia ficar cômoda. Sentia o pescoço tenso, e levantou a mão para fazer uma massagem, apenas para terminar franzindo o cenho. Tinha um lugar dolorido no lado direito, na parte da frente, realmente... que demônios? Tinha uma coisa estampada ali, duas protuberâncias avultadas.

O que fosse. As erupções não eram de sentir saudades quando tinha gripe. Ou talvez a tivesse picado uma aranha.

Fechou os olhos e disse a si mesma que devia descansar. Descansar era bom. Descansar a liberaria dessa moléstia mais rapidamente. Descansar a devolveria a seu estado normal, reviveria seu corpo.

Bem quando começava a ficar adormecida, uma imagem lhe veio à mente, a imagem de um homem com uma cavanhaque e olhos diamantinos. Sua boca estava se movendo enquanto a olhava. Articulando as palavras... amo você.

Jane lutou por aferrar-se ao que estava vendo, mas estava se deslizando rapidamente para os escuros braços do sono. Lutou para manter a imagem e perdeu a batalha. A última coisa da que foi consciente foi das lágrimas derramando-se sobre o travesseiro enquanto a escuridão a reclamava.

Bom, não era tão mau.

John se sentou sobre o banco de imprensa na sala de pesos e observou Zsadist fazer flexões com os bíceps. As enormes cargas de ferro faziam um sutil som de tinido enquanto subiam e baixavam, e era o único ruído que se escutava. até agora não tinham falado; era como uma das caminhadas que realizavam, apenas que, sem os bosques. Entretanto o comboio estava se aproximando. John podia pressenti-lo.

Z deixou os pesos sobre os colchonetes e secou o rosto. Seu peito descoberto brilhava, os aros que tinha nos mamilos se balaçavam e caíam com a respiração.

Seus olhos amarelos o focaram.

Aqui vamos nós, pensou John.

—A respeito da transição...

Certo... então iriam entrar pouco a pouco no assunto do lesser.

O que acontece com ela? disse por gestos.

—Como se sente?

Bem. Vacilante. Diferente. Encolheu os ombros. Já sabe, é como quando corta a unhas e a pontas dos dedos se sentem estranhas por todo um dia, todas supersensíveis. É essa sensação por todo o corpo.

OH, que demônios estava falando? Z tinha passado pela mudança. Sabia como se sentia depois.

Zsadist deixou a toalha e levantou os pesos para uma segunda volta de levantamentos.

— Tem algum tipo de problema físico?

Não que eu saiba.

Os olhos de Z se cravaram nos colchonetes enquanto alternava levantando o antebraço esquerdo e logo o direito. Esquerdo. Direito. Esquerdo. Parecia estranho que pesos tão sobrecarregados pudessem fazer um som tão suave.

— Sabe que Layla nos informou.

OH... merda.

O que foi que disse?

— Disse que não tiveram sexo. Mesmo embora parecesse que em certo momento você o desejava.

Enquanto o cérebro do John se fechava, seguiu distraidamente os levantamentos do Z. Direita. Esquerda. Direita. Esquerda.

Quem sabe?

— Wrath e eu. Isso é tudo. E não é assunto de ninguém mais. Mas temos que saber caso algo físico esteja errado e precise ser examinado.

John ficou de pé e passou pelos arredores de forma desajeitada, com braços e pernas torpes e o sentido de equilíbrio de um bêbado.

— Por que parou, John?

Olhou o irmão, a ponto de lhe dar algum tipo de resposta evasiva, lhe tirando importância, quando, para seu horror, deu-se conta que não seria capaz de fazê-lo.

Os olhos amarelos de Z brilhavam com conhecimento.

Santa merda. Havers tinha contado, na verdade. Essa sessão com o terapeuta na clínica quando John tinha falado a respeito do que tinha acontecido nas escadas se divulgou.

Sabe, disse por gestos John furioso. Sabe, não é assim?

— Sim, sei.

Esse fodido terapeuta me disse que era confidencial...

— Uma cópia de seu histórico médico foi enviada aqui quando começou o programa. É o procedimento habitual para todos os estudantes em caso de que algo ocorra no ginásio, ou em caso de que comecem a transição enquanto estejam aqui.

Quem leu meu histórico?

— Só eu. E ninguém mais o fará, nem sequer Wrath. Guardei-o sob chave, e sou o único que sabe onde está.

John se afrouxou. Ao menos isso era um consolo.

Quando o leu?

— Faz uma semana, quando me dei conta que sua mudança ia ocorrer em qualquer momento.

O... que dizia?

— Virtualmente tudo.

Merda.

— É por isso que não quer ir ao Havers, não? — Z deixou os pesos outra vez — Pensa que o hoeme vai pegá-lo e o levar arrastado para passar outra hora com o terapeuta.

Eu não gosto de falar disso.

— Não o culpo. E não estou pedindo que o faça.

John esboçou um pequeno sorriso.

Não vai me bombardear com todo tipo de “falar-é-bom-para-sua-situação”?

—Não. Eu mesmo não sou muito locaz. Portanto, não posso recomendar a outros. —Z apoiou os cotovelos em seus joelhos e se inclinou para frente— Façamos um trato, John. Quero que tenha absoluta confiança em que essa merda não irá a nenhuma parte, OK? Se alguém quer ver seu histórico, arrumarei-o para que não o façam, embora tenha que queimá-lo até transformá-lo em cinzas.

John bebeu através de um súbito nó na garganta. Com mãos rígidas, indicou:

Obrigado.

—Wrath queria que falasse sobre o assunto da Layla devido ao fato de que estava preocupado porque pensou que podia haver algum problema em seus encanamentos depois da transição. Direi-lhe que estava nervoso e que essa foi a razão, está de acordo?

John assentiu.

—Já se masturbou?

John ruborizou das sobrancelhas até os tornozelos e considerou desmaiar. Enquanto media a distância até o chão, que pareciam uns dois metros de distância, imaginou que não seria um lugar ruim onde cair. Havia muitos colchonetes sobre os quais aterrissar.

—Já fez?

Negou lentamente com a cabeça.

—Faze-o uma vez para nos assegurar que não há nada de errado. —Z se levantou, secou o torso, e colocou a camiseta— Vou assumir que resolverá isso nas próximas vinte e quatro horas. Não perguntarei o que ocorreu. Se não me disser nada, tomarei que tudo está bem. Se não o estiver, diz-me isso e nós resolveremos isso. Temos um trato?

Um, não realmente. O que acontecia não pudesse fazê-lo?

Suponho.

—Uma última coisa. Sobre o arma e os lessers?

Merda, sua cabeça já estava dando voltas, e agora tinha que fazer frente à merda a respeito da nove milímetros? Levantou as mãos para justificar-se...

—Não me importa que estivesse armado. De fato, quero você armado se for ao ZeroSum.

John olhou fixamente ao irmão, aturdido.

Isso vai contra as regras.

—Pareço-me como o tipo de pessoa que se preocupa com essa merda?

John sorriu um pouco.

Não realmente.

—Se o encontrar na mira de um desses assassinos outra vez, faz exatamente o que fez. Por isso tenho entendido, sua atuação foi uma merda impressionante, e estou orgulhoso de você por cuidar de seus amigos.

John ruborizou, seu coração cantava no peito: Nada sobre a face da terra, exceto a volta a salvo de Tohrment poderia havê-lo feito mais feliz.

—A esta altura suponho que saberá a missão que dei ao Blaylock. A respeito de seus papéis, a identificação e de que somente fossem ao ZeroSum.

John assentiu.

—Quero que continue indo a esse clube se for ao centro da cidade, ao menos pelo próximo mês ou assim, até que esteja forte. E embora esteja disposto a o felicitar pelo que aconteceu na outra noite, não o quero aí fora caçando lessers. Se me inteirar que o está fazendo, vou chutar seu traseiro como o de um menino de doze anos. Ainda tem muito treinamento pela frente, e não tem nem idéia de como comandar esse seu corpo. Se for de festa por aí e faz que o matem, vou estar muito irritado. Quero que me dê sua palavra, John. Agora mesmo. Não irá atrás desses bastardos até que eu diga que está preparado. Entendemo-nos?

John respirou profundamente e tratou de pensar no voto mais veraz que poderia oferecer. Tudo lhe parecia fraco assim somente indicou:

Juro, que não os caçarei.

—Bem. Certo, por esta noite terminamos. Vá se deitar. —Quando Z se virou, John assobiou para captar sua atenção. O irmão olhou sobre o ombro.

—Sim?

John teve que forçar suas mãos para expressar por gestos o que tinha em mente... porque duvidava que tivesse a coragem para voltar a fazê-lo.

Pensa menos de mim? Por isso que ocorreu então... já sabe, nas escadas? Seja sincero.

Z piscou uma vez. Duas vezes. Uma terceira vez. E logo em um tom de voz que soou curiosamente suave, disse:

—Nunca. Não foi sua culpa, e não merecia isso. Ouviu-me? Não foi sua culpa.

John se encolheu enquanto as lágrimas lhe ardiam nos olhos, e teve que afastar o olhar, baixando a vista para seu corpo e os colchonetes. Por alguma razão, embora estivesse longe do chão, sentiu-se mais baixo que nunca.

—John —insistiu Z—Ouviu? Não foi sua culpa. Não merecia isso.

Realmente John não tinha uma resposta, assim encolheu os ombros. Logo disse por gestos:

Obrigado outra vez por não contar nada. E por não me fazer falar disso.

Quando Z não disse nada, levantou o olhar. Somente para ter que dar um passo atrás.

Todo o rosto do Zsadist tinha mudado, e não só porque seus olhos se haviam tornado negros. Seus ossos pareciam mais proeminentes, a pele mais tensa, a cicatriz chocantemente evidente. Uma fria rajada emanava de seu corpo, esfriando o ar, tornando a sala um congelador.

—Ninguém merece que lhe roubem a inocência. Mas se algo assim acontece? Cada um tem direito a escolher como vão lutar com isso, porque não é assunto de ninguém mais. Se não quiser dizer uma puta palavra mais sobre o assunto, eu não direi nada.

Z se foi caminhando a passos largos. Quando a porta se fechou atrás dele, a queda de temperatura se deteve.

John respirou profundamente. Nunca teria imaginado que Z terminaria sendo o irmão ao qual se sentiria mais unido. Depois de tudo, eles dois não tinham nada em comum.

Mas seguro como o inferno que ia aceitar amigos ali onde os encontrasse.

CAPÍTULO 32

Algumas horas depois, Phury se reclinou no sofá do delicado escritório de Wrath e cruzou as pernas à altura do joelho. Era a primeira reunião da Irmandade desde que tinham atirado em V, e até agora tudo tinha sido forçado. Mas bom, havia um grande e monstruoso elefante rosa na sala que ainda não tinha sido tratado.

Olhou para Vishous. O irmão estava recostado contra as portas duplas olhando fixamente à frente, sua expressão em branco, do tipo que capta no rosto de alguém quando olha velhos filmes de faroeste na TV. Ou um filme clássico.

O efeito morto-vivente era fácil de reconhecer porque já tinha feito uma aparição antes nesta sala. Rhage tinha convertido em esporte essa rotina de cadáver respirando quando pensou que tinha perdido Mary para sempre. Também o fez Z quando tinha estado determinado a deixar que Bela se fosse.

Sim...os machos vampiros vinculados sem suas companheiras eram recipientes vazios, nada exceto músculos e ossos contidos por uma magra pele. E ainda quando tinha que sentir lástima

por alguém nesse estado, considerando a carga de merda que usava V com isso do Primale, a perda de Jane parecia especialmente cruel. Exceto como merda teria a possibilidade de funcionar algo a longo prazo entre eles? Doutora humana. Guerreiro vampiro. Sem nada em comum.

A voz de Wrath ressoou

— V? Hey, Vishous?

V sacudiu a cabeça.

— O que?

— Vai até a Virgem Escriba esta tarde, não?

A boca de V apenas se moveu.

— Sim.

— Vai precisar de um representante da Irmandade com você. Assumo que irá Butch. Certo?

V olhou ao poli, que estava sentado em uma cadeira azul claro.

— Importaria-se?

Butch, que estava claramente preocupado por V, imediatamente saltou.

— Claro que não. O que precisa que faça?

Quando V não disse nada, Wrath encheu o vazio.

— O equivalente humano seria provavelmente o de padrinho de bodas. Irá para a inspeção hoje e logo à cerimônia, que será amanhã.

— Inspeção? Como, essa mulher é uma pintura ou alguma merda? — Butch fez uma careta — Não me desce toda esta coisa das Escolhidas, tenho que ser honesto.

— Antigas regras. Antigas tradições. — Wrath esfregou seus olhos debaixo dos óculos — Muitas coisas deveriam mudar, mas é território da Virgem Escriba, não meu. Esta bem... então... rotação. Phury, fica fora esta noite. Sim, sei que descansou depois de ter sido ferido, mas notei que saltou seus dois últimos descansos.

Quando Phury só assentiu, Wrath sorriu com suficiência.

— Não vais brigar por isso?

— Não.

De fato, tinha algo o que fazer. Assim era perfeito.

Do Outro Lado, na sagrada câmara de banho de mármore, Cormia lamentava não poder deixar sua própria pele. O que era um pouco irônico, quando tinha sido tão cuidadosamente preparada para o Primale. As pessoas pensariam que desejaria ficar dentro dela agora que estava tão desencardida. Tinha sido encharcada em uma dúzia de banhos rituais diferentes... tinham limpo e relimpado seu cabelo... lhe tinham posto máscaras que cheiravam a rosas no rosto, depois outras que cheiravam a lavanda, e ainda outras de salvia e jacinto. Tinha-lhe esfregado azeite por toda parte, enquanto se queimava incenso em honra ao Primale e se entoavam orações. O processo a tinha feito sentir como parte de um banquete cerimonioso. Um pedaço de carne, amadurecida e pronta para consumir.

— Estará aqui em uma hora — disse a Directrix — Não há tempo a perder.

O coração da Cormia parou. Logo esmurrou em seu peito. O estado de intumescimento induzido por todo o vapor e as águas quentes se retirou, deixando-a dolorosa e horrivelmente consciente que os últimos momentos da vida que sempre tinha conhecido, estavam a ponto de terminar.

— Ah, aqui esta a túnica! — disse uma das Escolhidas com emoção.

Cormia olhou sobre seu ombro. Do outro lado do enorme chão de mármore um par de Escolhidas entraram pelas portas de ouro com um traje branco com capuz pendurando entre elas.

O adorno estava bordado com diamantes e ouro, e brilhou sob a luz das velas, cobrando vida com a luz. Atrás delas outra Escolhida sustentava uma extensão de tecido translúcido em seus braços.

— Traga o véu — ordenou a Directrix — e coloque-o. — Resplandecente.

A diáfana coberta foi posta sobre a cabeça de Cormia, e caiu sobre ela com o peso de mil pedras. Quando caiu ante seus olhos, o mundo a seu redor se empanou.

— A levante — lhe disseram.

Ficou de pé e teve que estabilizar-se; seu coração golpeando com força atrás das costelas, as palmas ficando suarentas. O pânico se incrementou quando a pesada túnica foi colocada pelas duas Escolhidas. Quando o vestido cerimonioso foi colocado por trás, segurou-lhe os ombros como braçadeiras, nem tanto colocando-se sobre sua figura a não ser encerrando seu corpo. Sentiu como se algum gigante estivesse de pé a suas costas pressionando-a com suas grandes mãos, parecidas com garras.

O capuz foi levantada sobre sua cabeça e tudo ficou negro.

A frente do traje foi fechado até o início do capuz, e Cormia tratou de não pensar em quando e de que maneira aqueles broches iriam ser liberados outra vez. Tratou de tomar lentos e profundos fôlegos. Entrava-lhe ar fresco através de algumas aberturas que tinha à altura do pescoço, mas não era suficiente. Não por uma medida e meia.

Sob seu adorno todo o som se ouvia amortecido, e seria difícil para alguém ouvi-la falar. Mas bom, não tinha nenhum papel pessoal nem na cerimônia de apresentação nem no ritual de emparelhamento que o seguiria. Era um símbolo, não uma mulher, por isso sua resposta individual não seria requerida ou animada. As tradições eram o governo supremo.

— Perfeita — disse uma das Escolhidas.

— Resplandecente.

— Digna de nós.

Cormia abriu a boca e sussurrou para si mesmo:

— Sou eu, sou eu, sou eu...

As lágrimas brotaram e caíram, mas não podia alcançar seu rosto para as enxugar, por isso desceram por suas bochechas e sua garganta, perdendo-se na túnica.

Sem advertência, o pânico repentinamente foi das mãos, como um animal selvagem solto. Virou ao redor, entorpecida pela pesada túnica, mas conduzida por uma necessidade de fugir que não podia reprimir. Saiu na direção que pensou estava a porta, arrastando o peso com ela. Fracamente ouviu chiados de surpresa que ressoaram na câmara de banhos, junto com sons de garrafas, taças e jarras que se rompiam em pedaços.

Sacudiu-se, tratando de tirar a túnica, desesperada por aliviar-se.

Desesperada por ser liberta de seu destino.

CAPÍTULO 33

No centro da cidade de Caldwell, na esquina nordeste do complexo do St. Francis, o doutor Manuel Manello, pendurou o telefone em seu escritório sem ter marcado nenhum número e sem ter respondido nenhuma chamada que tivesse chegado. Contemplou o console Nec. A coisa estava recoberta de botões, como tirada do sonho úmido de um viciado em Cidade Circuito com todas essas campainhas e assobios.

Queria lançá-la através da sala.

Queria fazê-lo, mas não o fez. Tinha deixado de lançar as raquetes de tênis, os controles remotos da TV, os escalpelos e os livros quando decidiu transformar-se no chefe mais jovem de

cirurgia da história do St. Francis. Após, seus lançamentos só implicavam garrafas vazias e pacotes da máquina vendedora atirados para os cestos de papéis. E isso era apenas para praticar a pontaria.

Acomodando-se para trás na cadeira de couro, virou ao seu redor e olhou fixamente através da janela de seu escritório. Era um escritório agradável. Grande, elegante como a merda, todo revestido de painéis de mogno e de tapetes orientais, o Quarto do Trono, como era conhecido, tinha servido como colchão de aterrissagem do cirurgião chefe durante cinquenta anos. Tinha estado nesta vantajosa posição durante aproximadamente três anos e se alguma vez conseguisse ter um descanso ia dar ao lugar um novo ar. Todo o brilho da Instituição lhe dava alergia.

Pensou no maldito telefone e soube que ia fazer uma ligação que não deveria. Era simplesmente uma fodida amostra de fraqueza, que logo o ia engasgar, embora nela desdobrasse toda sua habitual arrogância de macho.

Ainda assim, ia terminar por deixar que seus dedos percorressem o caminho.

Para postergar o inevitável, fez um pouco de tempo olhando fixamente através da janela. Desde sua vantajosa posição podia ver a frente da panorâmica entrada do St. Francis, assim como a cidade que estava mais abaixo. Facilmente esta era a melhor vista de todo o hospital. Na primavera as cerejeiras e as tulipas floresciam na frente do caminho de entrada. E no verão, ambos os lados das duas vias, os frondosos arcos brotavam folhas verdes como esmeraldas até que se mudavam para o pêssego e o amarelo do outono.

No geral não passava muito tempo desfrutando da paisagem, mas realmente apreciava saber que estava ali. Às vezes um homem precisava centrar seus pensamentos.

Agora se encontrava em um desses momentos.

Passada a noite que tinha ligado ao telefone celular de Jane, calculando que estaria em casa depois da maldita entrevista. Nenhuma resposta. Tinha ligado esta manhã. Nenhuma resposta.

Bem. Se não quisesse revelar nada sobre a fodida entrevista em Columbia, ia diretamente à fonte. Ligaria ao chefe de cirurgia de lá ele mesmo. Os egos seguiam sendo o que eram, e seu antigo mentor não vacilaria em compartilhar alguns detalhes, mas, homem, isto ia ser como se o pintassem com grafiti no traseiro durante uma expedição de pesca.

Manny virou ao seu redor, teclou dez dígitos e esperou, dando golpezinhos com uma caneta Montblanc sobre o mata-borrão.

Quando responderam à ligação, não esperou um olá.

—Falcheck, assaltante cara de pau.

Ken Falcheck riu.

—Manello, segue tendo uma incrível facilidade de palavra. E eu sendo seu mentor, estou especialmente impressionado.

—Então, como é a vida na via lenta, velho?

—Boa, boa. Agora me conte, pequenino, deixam você comer comida sólida ou ainda come as de potinhos?

—Estou à altura das papinhas de aveia. O que significa que estarei bem forte para substituir seu osso do quadril quando se aborrecer de usar o andador.

Tudo isto era uma completa sandice, é obvio. Aos sessenta e dois ans, Ken Falcheck estava em plena forma e era um pé no saco na mesma linha que Manny. O dois se entenderam desde que Manny tinha estado no programa de graduação do cara há quinze anos.

—Então, com toda a deferência para as pessoas de idade —disse Manny arrastando as palavras—Por que está seduzindo a minha cirurgiã de emergências? E o que pareceu ela a você?

Houve uma leve pausa.

—Do que está falando? Na quinta-feira me chegou uma mensagem de um cara que disse que tinha que mudar a data da entrevista. Pensei que me ligava por isso. Para desfrutar de que tinha me rechaçado e de que tinha conseguido conservá-la.

Uma desagradável sensação se envolveu ao redor da nuca de Manello, como se alguém o tivesse dado uma colher com barro frio.

Manteve a voz calma.

—Vamos, eu faria isso?

—Sim, faria. Treinei você, lembra? Obteve todos os seus maus hábitos de mim.

—Só os profissionais. Ouça, o cara que ligou... conseguiu seu nome?

—Não. Deduzi que era seu ajudante ou algo assim. Obviamente não foi você. Conheço sua voz, e mais, o cara era educado.

Manny engoliu com força. Bem, precisava terminar a ligação em seguida. Jesus Cristo, onde demônios estava Jane?

—Então, Manello, posso assumir que a conservou?

—Confronta os dados, tenho muitas coisas que oferecer. —Ele mesmo era uma delas.

—Só que não a chefia de um departamento.

Deus, neste momento, toda esta frescura de política médica não importava. Na opinião do Manny, Jane estava desaparecida em ação, e tinha que encontrá-la.

Com um perfeito sentido da oportunidade, seu assistente apareceu na porta.

—OH, sinto muito...

—Não, espera. Ouça, Falcheck, tenho que ir.

Desligou enquanto Ken ainda lhe dizia adeus e imediatamente começou a discar o número da casa de Jane.

—Escuta, tenho que fazer uma chamada telefônica...

—A doutora Whitcomb acaba de ligar para dizer que esta doente.

Manny levantou a vista do telefone.

—Falou com ela? Foi ela quem ligou?

Seu assistente o olhou um pouco divertido.

—É obvio. Esteve todo o fim de semana com gripe. Goldberg vai cobrir seus casos. Escute, está bem?

Manny deixou o receptor e assentiu com a cabeça embora se sentisse infernalmente enjoado. Merda, a idéia de que algo tivesse acontecido a Jane diluía seu sangue transformando-o em água.

—Está tudo bem, doutor Manello?

—Sim, estou bem. Obrigado pela informação a respeito de Whitcomb. —Quando se levantou, o chão serpenteou um pouco— Me esperam na sala de cirurgia em uma hora, agora vou comer. Tem algo mais para mim?

Seu assistente tratou de um par de questões com ele e depois o deixou.

Quando a porta se fechou Manny se afundou de novo na cadeira. Homem, precisava tomar as rédeas de sua cabeça. Jane Whitcomb sempre tinha sido uma distração, mas este tremendo alívio ao saber que estava bem o surpreendia.

Certo. Precisava ir comer.

Dando uma chute mental no traseiro, ficou de pé novamente e levantou uma pilha de solicitudes de aspirantes a residente para ler durante a refeição. No processo de agarrá-los com a mão, algo caiu da mesa. Inclinou-se e o pegou, depois franziu o cenho. Era a cópia impressa da fotografia de um coração... que tinha seis cavidades.

Algo piscou na parte posterior da mente de Manny, uma espécie de sombra se moveu ao seu redor, um pensamento a ponto de manifestar-se, uma lembrança a ponto de cristalizar. Mas

então apareceu uma aguda dor nas têmporas. Enquanto amaldiçoava, perguntou-se de onde infernos tinha saído a fotografia, e olhou a data e hora na parte de abaixo. Tinha sido feita aqui, em seu hospital, em sua sala de cirurgia, e o trabalho de impressão tinha sido feito em seu escritório. A máquina tinha um problema já que deixava um ponto de tinta no canto inferior esquerdo e o sinal estava ali.

Voltou-se para o computador e fez uma busca em seus arquivos. Não existia tal fotografia. Que merda era essa?

Olhou o relógio. Não havia tempo para seguir procurando, por que realmente tinha que comer antes de ir operar.

Enquanto abandonava o escritório, decidiu que ia ser um médico à antiga por esta tarde.

Esta noite ia fazer uma visita domiciliár, a primeira de sua carreira profissional.

V colocou um par de calças soltas de seda negra e uma camisa combinando, a qual se parecia com uma jaqueta de smoking dos anos quarenta.

Depois de colocar o triste medalhão do Primale ao redor do pescoço, deixou o quarto e acendeu um néscio. Enquanto caminhava pelo corredor escutou Butch amaldiçoar na sala de estar, a letania em voz baixa continha muitos palavrões e uma interessante acepção de traseiro que V ia ter que lembrar.

V encontrou o cara no sofá, franzindo o cenho sobre o computador portátil de Marissa.

—O que está fazendo, poli?

—Acredito que este disco rígido mordeu o pó. —Butch levantou a vista— Jesus Cristo... se parece com o Hugh Hefner, o fundador da revista playboy.

—Não tem graça.

Butch fez uma careta.

—Sinto muito. Merda...V, o sint...

—Se cale e me deixe olhar o computador. —V pegou a coisa de cima de Butch e fez uma rápida exploração de manutenção— Morta.

—Deveria ter sabido. Lugar Seguro forma parte do fodido grupo de tecnologia da informação de merda. Seu servidor caiu. Agora isto. Enquanto isso Marissa está na mansão com a Mary tratando de calcular como contratar mais pessoal. Cara, não precisa disto.

—Pus quatro novos DELL no armário de fornecimentos que esta fora do escritório do Wrath. Lhe diga que pegue um, OK? Prepararia-o para ela agora, mas tenho que ir.

—Obrigado, cara. E sim, está tudo pronto para eu ir com você...

—Não tem que estar lá.

Butch franziu o cenho.

—Merda. Precisa de mim.

—Alguém mais pode substituir você.

—Não o abandonarei...

—Não seria abandono. —Vishous olhou para o pimpolim e fez girar uma das barras. Quando a fila de pequenos homens virou ao contrário, exalou.

—É algo assim como...não sei, se estiver lá, tudo se volta muito fodidamente real.

—Então quer que alguém mais o respalde?

V fez girar a barra outra vez, o som de um zumbido se elevou da mesa. Tinha escolhido ao Butch em um ato reflexo, mas a verdade era que o macho era uma complicação. V estava tão condenadamente unido ao tipo que faria que fosse mais difícil lhe fazer frente à apresentação e ao ritual.

V o olhou através da sala de estar.

—Sim. Sim, acredito que prefiro que seja outra pessoa.

No curto silêncio que seguiu, Butch adotou a aparência de alguém sustentando um prato de comida que estava muito quente: inquieto e inseguro.

—Bem... enquanto saiba que estaria ali por você, sem importar o que fosse acontecer.

—Sei que é de confiança. —V foi para o telefone, meditando suas opções.

—Está segur...

—Sim —disse, discando. Quando Phury respondeu à chamada, V lhe disse— Se importaria de ir comigo esta noite? Butch vai se atrasar. Sim. Uh-huh. Obrigado, homem. —Desligou. Esta poderia ser uma estranha opção, já que eles dois nunca tinham estado particularmente unidos. Mas bom, essa era a idéia.

—Phury o fará, nenhum problema. Vou passar por seu quarto agora.

—V...

—Deixa, poli. Retornarei em algumas horas.

—Desejaria como o inferno que não tivesse que...

—Não importa. Isto não vai mudar as coisas. —depois de tudo, Jane ainda teria ido. Continuaria sendo um macho vinculado sem sua companheira. Por isso sim, nada mudava, nada importava.

—Está absolutamente seguro de que não quer que eu vá?

—Só esteja aqui com o Goose para quando retornar. Vou precisar de um gole.

V deixou o Pit através do túnel subterrâneo e enquanto caminhava para a mansão, tratou de dar-se um pouco de perspectiva.

Esta Escolhida com a que ia se emparelhar era apenas um corpo. Como ele. Ambos fariam o que era necessário fazer, quando fosse necessário. Eram simplesmente partes masculinas encontrando-se com partes femininas, depois empurrar e repetir até que o macho ejaculasse. E quanto à carência completa e total de excitação? Não era um problema. Escolhidas tinham bálsamos que asseguravam uma ereção e incensos que provocavam que gozasse. Por isso mesmo embora não tivesse absolutamente nenhum interesse no sexo, seu corpo faria o que tinha nascido e tinha sido criado para fazer: assegurar que as melhores linhagens da espécie sobrevivessem.

Merda, gostaria que pudesse ser clínico, todo copo-e-seringa de injeção. Mas os vampiros tinham tentado a fecundação in vitro no passado, sem nenhum êxito. Bebês deviam ser concebidos à maneira clássica.

Homem, não queria pensar com quantas fêmeas ia ter que estar. Não podia ir lá. Se o fizesse, ia a...

Vishous se deteve no meio do túnel.

Abriu a boca.

E gritou até que esgotou sua voz.

CAPÍTULO 34

Quando Vishous e Phury cruzaram juntos para o Outro Lado, tomaram forma em um branco jardim rodeado de brancas arcadas de colunas coríntias. No centro havia uma fonte de mármore branco que salpicava água clara e cristalina dentro de uma profunda cisterna branca. No canto mais afastado, em uma árvore branca com flores brancas, um bando de pássaros cantores das cores do arco íris estavam reunidos como se fossem o polvilhado de uma madalena. Os doces

chamados dos pinzones e os carboneros³⁸ harmonizavam com o repico da fonte, como se ambas as cadências tivessem o mesmo tipo de alegria.

—Guerreiros. —A voz da Virgem Escriba chegou detrás de V e provocou que a pele se esticasse como plástico sobre os ossos—Se ajoelhem e os saudarei.

V ordenou a seus joelhos que se dobrassem, e depois de um momento se articularam como as patas oxidadas de uma mesa de jogo. Phury, por outro lado, não parecia estar sofrendo um caso de rigidez e desceu brandamente.

Por outro lado, não estava prostrando-se frente a uma mãe que desprezava.

—Phury, filho de Ahgony, como vai?

Com uma voz perfeitamente fluída, o irmão respondeu na Antiga Língua.

—Estou indo bem, pois estou ante você com profunda devoção e o coração puro.

A Virgem Escriba riu longamente.

—Uma saudação correta na forma adequada. Encantador de sua parte. E certamente mais do que conseguirei de meu filho.

V sentiu mais que viu a cabeça de Phury virar-se rapidamente para ele. OH, sinto muito, pensou V. Suponho que esqueci de mencionar esse pequeno e feliz detalhe, irmão.

A Virgem Escriba se aproximou lentamente.

—Ah, então meu filho não contou sobre sua linhagem materna? Pergunto-me se por decoro. Preocupado por fazer naufragar o princípio geralmente aceito de minha então chamada virginal existência? Sim, essa é a razão, não é assim, Vishous, filho de Bloodletter?

V levantou o olhar, embora não tivesse sido convidado a fazê-lo.

—Ou possivelmente apenas me recuse a reconhecer você.

Isso era exatamente o que ela esperava que dissesse, podia detectá-lo não só por ler seus pensamentos, mas também porque em algum nível ambos eram um e o mesmo, indivisíveis apesar do ar e o espaço entre eles.

Pegue já.

—Sua reticência em reconhecer minha maternidade não muda nada —disse em tom duro— Um livro sem abrir não altera a tinta de suas páginas. O que aí está aí e segue.

Sem permissão, V se levantou e se encontrou com o rosto encapuzado de sua mãe, cara a cara, fortaleza contra fortaleza.

Phury estava sem dúvida empalidecendo como a farinha, ou o que fosse. Dessa forma não se via em decacordo com a decoração. Além disso, a Virgem Escriba não ia torrar seu futuro Primale ou a seu precioso filho. De maneira nenhuma. Então não se importava uma merda.

—Vamos acabar com isto, mãe. Quero retornar à vida real...

V se encontrou em um piscar, dobrado de costas e sem poder respirar. Entretanto não havia nada em cima de seu corpo e não parecia estar comprimido, sentia-se como se tivesse um grande piano sobre o peito.

Enquanto os olhos saíam de suas órbitas e lutava para arrastar algum ar aos pulmões, a Virgem Escriba flutuou por cima dele. O capuz se elevou sobre seu rosto por própria vontade, e o olhou fixamente com expressão aborrecida em seu fantasmal e resplandecente rosto.

—Quero sua palavra de que se comportara com respeito para comigo enquanto estejamos ante a reunião das Escolhidas. Admito que tem certas liberdades por definição, mas não duvidarei em decidir um futuro pior para você ao que quer renunciar se o revela em público. Estamos de acordo?

³⁸ São pássaros americanos.

De acordo? De acordo? Sim, certo, esse tipo de merda pressupõe livre-arbítrio, e por tudo o que tinha aprendido no curso de sua vida, estava claro que não tinha.

Que se foda. Ela.

Vishous exalou lentamente. Relaxando os músculos. E aceitou a asfixia.

Manteve o olhar fixo nela... enquanto começava a morrer.

Depois de mais ou menos um minuto em seu autol imposto sufoco, o sistema nervoso autônomo começou a funcionar, os pulmões pressionaram contra as paredes do peito, tratando de conseguir algum de oxigênio. Apertou os molares, pressionou juntos os lábios, e estreitou a garganta para que esse ato reflexo fosse impotente.

—OH, Jesus. —disse Phury com voz trêmula.

O ardor nos pulmões de V se difundiu com o passar do torso e sua visão começou a tornar-se imprecisa enquanto o corpo se sacudia na batalha entre a vontade mental e o imperativo biológico de respirar. Finalmente a batalha se converteu menos em um foda-se mãe e mais uma luta para conseguir o que queria: paz. Sem Jane em sua vida, a morte era realmente a única opção.

Começou a perder os sentidos.

De repente o inexistente peso foi levantado; logo o ar irrompeu em seu nariz e em seus pulmões como se fosse uma sólida e invisível mão que empurrasse a merda nele.

Seu corpo tomou o comando, amassando seu autocontrole. Contra sua vontade aspirou o oxigênio como se fosse água, virando de lado, respirando a grandes goles, a visão clariou gradualmente até que pôde focar a prega da túnica de sua mãe.

Quando por fim separou o rosto do chão branco e levantou o olhar para ela, não era a brilhante forma a que estava acostumado. Estava apagada, como se o resplendor tivesse um regulador de luz e alguém tivesse tratado de desligar o interruptor.

Entretanto, seu rosto era o mesmo. Translúcida, bela e dura como um diamante.

— Procederemos à apresentação? —disse— Ou possivelmente quer receber seu casal prostrado sobre meu mármore?

V se sentou, aturdido mas sem preocupar-se se por acaso perdia o fodido conhecimento. Supunha que devia sentir alguma espécie de sensação de triunfo ao ganhar a batalha contra ela, mas não era assim.

Percorreu com o olhar o Phury. O homem estava assustado, os olhos amarelos nus como uvas, a pele cítrica e pálida. Parecia que estivesse de pé em meio de uma piscina de jacarés usando bifes por sapatos.

Colega, vendo como o irmão dirigia esta pequena disputa familiar, V não podia imaginar à Escolhida agüentando muito melhor o aberto conflito entre ele e seu Joan Crawford mãe-pesadelo. E V podia não ter nenhuma simpatia por esse conjunto de fêmeas, mas isso não era razão para as irritar.

Ficou de pé, e Phury caminhou para ele ao mesmo tempo. Quando V tombou para um lado, o irmão o segurou sob a axila e o estabilizou.

—Agora me seguirão. —A Virgem Escriba encabeçou o caminho para a arcada, flutuando sobre o mármore, sem fazer um ruído ou movimento em particular, uma diminuta aparição de forma sólida.

Os três seguiram pela galeria para um par de portas douradas que V nunca tinha visto antes. Eram maciças e com sinais de uma versão anterior da Antiga Língua, uma que conservava bastante relação com a simbologia escrita atual que V podia traduzir:

Contemplem o santuário das Escolhidas, sagrado domínio do passado, presente e futuro da Raça.

As portas se abriram sem que as tocassem, revelando um esplendor pastoral que sob outras circunstâncias poderia ter acalmado muito, inclusive a V. Exceto pelo fato que tudo era branco, podia ter sido algum tipo de colégio universitário da Ivy League, com formais edifícios georgianos estendidos amplamente entre uma ondulada e esbranquiçada erva, e carvalhos e olmos albinos.

Um tapete de branca seda tinha sido estendido, e ele e Phury caminhavam sobre ele enquanto a Virgem Escriba flutuava como um fantasma aproximadamente a um metro e meio por cima dele. O ar tinha a temperatura perfeita e estava tão completamente calmo que não se notava, seu roçar sobre a pele exposta. Embora a gravidade ainda mantinha sujeito a V, sentia-se mais leve e um tanto otimista... como se, com uma corridinha, pudesse ir saltando através do pasto como essas fotos dos homens na lua.

Ou, merda, possivelmente esta sensação de passeio lunar era porque tinha o cérebro frito.

Quando alcançaram o topo da colina, revelou-se um anfiteatro mais abaixo. Ali estavam as Escolhidas.

OH, Jesus... As quarenta fêmeas mais ou menos estavam vestidas com túnicas brancas idênticas com o cabelo preso e as mãos enluvadas. A coloração variava do loiro ao castanho e ao ruivo, mas pareciam ser todas, a mesma pessoa por suas constituições altas, esbeltas e as túnicas combinando. Divididas em dois grupos, alinhavam-se de cada lado do anfiteatro, apresentando-se em três quartos de volta com o pé direito avançado ligeiramente. Lembraram-no as cariátides da arquitetura romana, essas esculturas de fêmeas que sustentavam os frontones dos tetos com suas régias cabeças.

As olhando fixamente, perguntava-se se tinham corações que palpitavam e pulmões que bombeavam. Porque estavam tão quietas como o ar.

Olhe, este era o problema com o Outro Lado, pensou. Nunca nada se movia ali. Havia vida... sem vida.

—Irá conhecê-las —ordenou a Virgem Escriba— As apresentações o aguardam.

OH... Deus... Outra vez não podia respirar.

A mão do Phury aterrissou em seu ombro.

—Precisa de um minuto?

Porra!Um minuto?Precisava de séculos... embora assumindo que tivesse esse tempo, não ia mudar em nada o resultado. Com um sentido de destino, imaginou esse vampiro civil que tinha encontrado no beco, que tinha topado na noite em que tinham atirado nele, que tinha se vingado matando o lesser.

Precisavam mais membros na Irmandade, pensou enquanto começava a caminhar de novo. E não era como se a cegonha fosse encontrar-se com o trabalho feito.

Abaixo frente a ele havia uma única cadeira na casa, uma espécie de trono fabricado em ouro que estava colocado perto do limite do cenário do anfiteatro. Desde esta posição vantajosa, deu-se conta que o que tinha suposto que era uma parede branca no fundo na realidade era uma vasta cortina de veludo que se pendurava imóvel como se estivesse grafitada sobre um mural.

—Você. Sente-se disse a Virgem Escriba, estou obviamente mais que farta de seu traseiro.

Engraçado, sentía o mesmo a respeito dela.

V se sentou enquanto Phury jogava raízes como uma árvore depois do trono.

A Virgem Escriba flutuou para a direita, adotando uma posição ao lado do cenário, um diretor shakesperiano, orquestrando todo o drama.

Colega, que não daria agora por um áspid.

—Procedamos —gritou em voz entrecortada.

A cortina se dividiu ao meio e se abriu, revelando uma fêmea coberta por túnicas fechadas da cabeça aos pés. Flanqueada por duas escolhidas, sua prometida parecia estar de pé em um estranho ângulo. Ou possivelmente não estava de pé. Jesus, parecia como se estivesse em algum tipo de tabela inclinada em posição vertical para olhar. Como uma mariposa presa.

Quando a moveram, ficou claro que realmente estava segura sobre alguma coisa. Havia bandas ao redor da parte superior de seus braços, umas que estavam camufladas com jóias para combinar com a túnica, outras que pareciam estar sustentando-a.

Deve ser parte da cerimônia. Porque a que estava debaixo dessa túnica não estava apenas preparada para esta apresentação e o ritual de emparelhamento que seguiria, a não ser sem dúvida que estava emocionada como o inferno por ser a fêmea numero um. A primeira Escolhida do Primale tinha direitos especiais, e só podia imaginar que ascensão tão boa seria para ela.

Embora podia não ser justo, estava ofendido como o inferno pelo que estava baixo desse esplendor.

A Virgem Escriba assentiu, e as Escolhidas a esquerda e a direita de sua prometida começaram a lhe desfazer a toga. Enquanto trabalhavam, uma corrente de energia ondeou através da quietude do anfiteatro, a culminação de décadas de Escolhidas esperando que os antigos costumes comessem de novo.

V olhava sem prestar atenção a nada enquanto as túnicas eram retiradas para revelar uma forma de fêmea surpreendentemente linda coberta com um delicado e fino envoltório. O rosto de sua prometida permanecia oculto, de acordo com a tradição, porque não era ela que estava sendo entregue e sim todas as Escolhidas.

—É de seu gosto? —perguntou a Virgem Escriba secamente, como se soubesse que esta fêmea era a perfeição absoluta.

—Não importa.

Um murmúrio de inquietação cruzou entre as Escolhidas, uma brisa fresca passou através dos rígidos juncos.

—Possivelmente queira escolher suas palavras de novo? —disse bruscamente a Virgem Escriba.

—Servirá.

Depois de uma embaraçosa pausa, uma Escolhida se adiantou com um queimador de incenso e uma pluma branca. Enquanto cantava, fazia flutuar a fumaça para a fêmea encapuzada na cabeça até os pés nus, girando ao seu redor uma vez pelo passado, uma pelo presente e uma pelo futuro.

Enquanto o ritual avançava, V franziu o cenho e se inclinou para frente. O fronte do delicado e fino envoltório de sua prometida estava úmido.

Provavelmente devido aos azeites que tinham utilizado ao prepará-la para ele.

Recostou-se no trono. Merda, odiava os costumes antigos. Odiava toda esta fodida coisa.

Debaixo do capuz, Cormia estava em um estado de desespero. O ar que respirava era quente, úmido e sufocante, pior nesse aspecto que não ter nada que inalar. Tinha os joelhos frouxos como fibras de erva, as palmas empapadas. Se não fosse pelas ataduras, cairia.

Depois de sua aterrada tentativa de fuga nos banheiros, e sua captura final, uma bebida amarga tinha sido obrigada a descer por sua garganta por ordem da Directrix. Tinha-a tranqüilizado durante um tempo, mas o elixir se enfraquecia, e o medo a aguilhoava outra vez.

Embora a degradação total acontecendo quando sentiu as mãos descendo pela frente da túnica para liberar os broches de ouro, tinha chorado pela violação do olhar de um estranho sobre sua pele íntima. Logo as duas pesadas metades de sua túnica tinham sido se separadas do corpo e

havia sentido o frescor sobre a pele, algo que não era um alívio ao peso que tinha envolto sobre ela.

Os olhos do Primale tinham estado sobre ela enquanto a voz da Virgem Escriba tinha gritado: “É de seu gosto?”

Cormia tinha esperado a resposta do irmão, rezando por alguma calidez nela.

Não houve absolutamente nenhuma: “Não importa”.

— Possivelmente queira escolher suas palavras de novo?

— Servirá.

Ao ouvir as palavras, o coração da Cormia deixou de palpitar, o medo substituído pelo terror. Vishous, filho de Bloodletter, tinha uma voz fria, uma que sugeria tendências muito piores mesmo das quais a fama de seu pai tinha detalhado.

Como poderia sobreviver ao emparelhamento, e muito menos representar bem às veneráveis Escolhidas durante o curso disso? No banheiro, a Directrix tinha sido brutal no resumo de tudo o que Cormia desonraria se não se comportasse com a dignidade apropriada. Se não se encarregasse de sua responsabilidade. Se não era a representante apropriada de todas.

Como poderia suportar tudo isto?

Cormia ouviu a Virgem Escriba falar de novo:

— Vishous, o olhar não foi depositado em seu nome. Phury filho de Ahgony, deve inspecionar a escolhida que foi oferecida, como testemunha do Primale.

Cormia tremeu, temerosa de ter outro par de desconhecidos olhos masculinos sobre ela. Sentia-se impura embora tenha sido tão cuidadosamente lavada; suja, embora nenhuma sujeira destilasse dela. Sob o capuz desejava ser pequena, tão pequena que envergonharia à cabeça de uma agulha.

Pois se fosse pequena, seus olhos não a encontrariam. Se fosse diminuta, poderia esconder-se entre coisas maiores... desaparecer de tudo isto.

Os olhos de Phury estavam cravados na parte posterior do dourado trono, e na realidade não os queria em nenhum outro lugar. Tudo isto estava errado. Tudo errado.

— Phury, filho de Ahgony? — a Virgem Escriba pronunciou o nome de seu pai como se o peso da linhagem completa da família descansasse nele, Phury seguiu com o programa.

Abriu as pálpebras olhando para a fêmea...

Cada um de seus processos mentais se deteve em seco.

Seu corpo foi o que respondeu. Imediatamente. Engrossou-se dentro das calças de seda, a ereção surgiu tão rápido como um suspiro, mesmo enquanto se sentia completamente envergonhado. Como podia ser tão cruel? Deixou cair as pálpebras, cruzou os braços sobre o peito, e tratou de averiguar como poderia chutar o próprio traseiro e permanecer de pé.

— Como lhe parece, guerreiro?

— Resplandecente. — A palavra saiu de sua boca de nenhuma parte. Logo acrescentou — Digna da mais bela tradição de Escolhidas.

— Ah, agora sim, essa é a resposta correta. Como a aceitação foi feita, declaro esta fêmea como a escolha do Primale. Terminem o banho de incenso.

Com a vista periférica, Phury se deu conta que apareciam duas Escolhidas com varas das quais emanavam fumegantes esteiras brancas. Quando começaram a cantar em altas e cristalinas vozes, respirou profundamente, peneirando através de um jardim em flor de essências femininas.

Encontrou a essência da prometida. Tinha que ser ela, porque era a única em todo o lugar que desprendia um puro terror...

— Parem a cerimônia — disse V com voz dura.

A Virgem Escriba virou a cabeça para ele.

—Terminarão logo.

—O inferno que o farão. —O irmão se levantou do trono e se dirigiu para o cenário, obviamente tendo captado também a essência. Enquanto ia para lá, as escolhida deixaram escapar gritos de alarme e romperam as filas. Enquanto as fêmeas se dispersavam e as brancas túnicas se agitavam pelos arredores, Phury pensou em uma pilha de guardanapos de papel em um picnic, saindo ao vôo quisessem ou não, saltando sobre a erva.

Exceto que, isto não era um domingo no parque.

Vishous fechou a túnica da prometida, logo rasgou as ataduras. Como fraquejou, pegou-a pelo braço e a segurou.

—Phury, encontraremos-nos em casa.

O vento começou a arremeter, procedendo da Virgem Escriba, mas V se manteve firme, de frente a seu... bem, sua mãe, aparentemente.

Mãe, Cristo, nunca teria imaginado.

V tinha um aperto mortal na pobre fêmea e o rosto cheio de ódio enquanto cravava o olhar na Virgem Escriba.

—Phury, parte daqui.

Embora Phury fosse no fundo um pacificador, tinha melhor juízo para interceder nesse tipo de brigas familiares. O melhor que podia fazer era rezar para que seu irmão não voltasse em uma urna.

Antes de ir-se, deu um último olhar à forma encapuzada da fêmea. V agora a segurava com ambas as mãos, já que parecia que desmaiou. Jesus Cristo... Que confusão.

Phury se voltou e se apressou a retornar andando pelo branco tapete de seda para o jardim da Virgem Escriba. Primeira parada? O escritório de Wrath. O Rei tinha que saber do acontecido. Embora evidentemente a maior parte da história ainda não tivesse sido interpretada.

CAPÍTULO 35

Quando Cormia recuperou a consciencia, estava deitada sobre as costas, a túnica ainda posta, o capuz em seu lugar. Embora pensasse que já não estava naquela tabela a que tinha sido atada. Não... não estava em...

Lembrou-se de tudo. O Primale interrompendo a cerimônia e liberando-a. Um imenso vento soprando através do anfiteatro. O irmão e a Virgem Escriba começando a discutir.

Cormia tinha desmaiado naquele momento, perdendo o que se seguiu. O que tinha ocorrido ao Primale? Certamente não tinha sobrevivido, já que ninguém desafiava à Virgem Escriba.

—Deseja tirar algo do que usa? —disse uma áspera voz masculina.

O medo disparou por sua coluna. Virgem misericordiosa, ele até estava lá.

Instintivamente se enroscou formando uma bola para proteger-se.

—Relaxe. Não vou fazer nada a você.

A julgar por seu duro tom de voz, não podia confiar em suas palavras: a ira marcava as sílabas que pronunciava, as tornando agudas, e embora não pudesse ver sua forma, podia sentir o formidável poder nele. Era verdadeiramente o filho do guerreiro Bloodletter.

—Olhe, vou tirar o capuz para que possa respirar, certo?

Tentou afastar-se, tentou arrastar-se de onde quer que estivesse, mas a túnica se enredou e a reteve.

—Pare, fêmea. Somente estou tentando fazê-lo mais fácil para você.

Ficou mortalmente quieta enquanto suas mãos caíam sobre ela, certa de que apanharia. Entretanto somente afrouxou os dois broches superiores e levantou o capuz.

O doce e limpo ar percorreu seu rosto através do magro véu, um luxo como a comida para o faminto, mas não podia aspirar muito. Estava toda tensa, os olhos fechados com força, a boca retraída em uma careta enquanto preparava a si mesma para só a Virgem sabia o que.

Mas, nada ocorreu. Ainda estava com ela... podia captar seu temível aroma... e entretanto não a tocou, nem pronunciou outras palavras.

Escutou um chiado e uma inalação. Depois cheirou algo picante e defumado. Como incenso.

—Abre os olhos. —Sua voz lhe chegou de trás e era uma ordem.

Levantou as pestanas e piscou várias vezes. Estava no cenário do anfiteatro, de frente a um trono dourado vazio e um tapete branco de seda que usava a levantada elevação.

Sentiu fortes pisadas aproximando-se.

E ali estava ele. Elevando-se imponente sobre ela, maior que qualquer coisa que tivesse visto que respirasse, seus pálidos olhos e severo rosto tão frio que retrocedeu.

Levou um magro e branco cilindro aos lábios e inalou. Enquanto falava, a fumaça saía de sua boca.

—Disse-lhe isso. Não vou fazer mal a você. Qual é seu nome?

Através de uma garganta oprimida, disse com voz áspera:

—Escolhida.

—Isso é o que é —disse bruscamente— Quero seu nome. Quero saber o seu nome.

Era-lhe permitido perguntar isso? Estava ele... O que estava pensando? Podia fazer tudo o que quisesse. Era o Primale.

—C-C-Cormia.

—Cormia.

Inalou do branco e magro cilindro de novo, a ponta laranja flamejou com intensidade.

—Me escute. Cormia, não fique assustada. Ok?

—É...? —lhe quebrou a voz. Não estava certa se podia lhe fazer perguntas, mas teria que saber— É um deus?

As negras sobranceiras desceram sobre os brancos olhos.

—Infernos, não.

—Mas então como fez...

—Fale alto. Não posso ouvir você.

Tentou que sua voz soasse mais forte.

—Então como intercedeu com a Virgem Escriba? —enquanto a olhava com o cenho franzido, apressou-se a desculpar-se— Por favor, não quis ofender...

—Não importa. Olhe, Cormia, não esta convencida deste emparelhamento comigo, não é? —quando não disse nada, apertou a boca com impaciência— Vamos, me fale.

Abriu a boca. Não saiu nada.

—OH, pelo amor de Deus.

Passou a mão enluvada através do escuro cabelo e começou a andar.

Sem dúvida era uma deidade de alguma classe. Parecia tão feroz que não se teria surpreendido se atraísse raios do céu.

Deteve-se sobressaindo sobre ela.

—Disse-lhe isso, não vou machucar você. Maldição, o que crê que sou? Um monstro?

—Nunca antes tinha visto um macho —deixou escapar— Não sei o que é.

Aquilo o deixou frio.

Jane despertou só porque escutou chinar a porta de uma garagem, o alto e agudo gemido chegou do apartamento que estava à esquerda do dela. Virando-se sobre si mesma, olhou o relógio. As cinco da tarde. Tinha dormido a maior parte do dia.

Bom, se podia chamar o que fez de dormir. A maior parte do tempo, tinha estado presa em uma estranha paisagem onírica, no qual imagens que estavam meio formadas e confusas, atormentavam-na. Um homem estava comprometido de algum jeito, um homem grande que sentia como parte dela e entretanto completamente alheio. Não tinha sido capaz de ver seu rosto, mas conhecia seu aroma: escuras especiarias, perto, em seu nariz, tudo a seu redor, sobre tudo seu corpo...

Aquela enxaqueca que parecia um triturador de ossos estalou, e soltou o que estava pensando como se fosse um atizador quente e estivesse sujeitando o extremo equivocado. Felizmente, a dor atrás de seus olhos cedeu.

Para ouvir o ruído do motor de um carro, levantou a cabeça do travesseiro. Através da janela próxima à cama viu uma minivan dando marcha ré na entrada para carros junto à sua. Alguém tinha mudado para o apartamento do lado, e Deus, esperava que não fosse uma família. As paredes entre as moradias não eram tão finas como em um edifício de apartamentos, mas nem por indício eram sólidas como as da caixa forte de um banco. E podia passar muito bem da presença de filhos gritalhões.

Endireitando-se, sentiu-se ainda mais miserável e dentro de uma nova categoria de lixo. Algo doía intensamente em seu peito, e não pensava que fosse muscular. Movendo-se de um lado para o outro, tendia a pensar que antes já havia sentido isso, mas não podia situar quando ou onde.

Tomar banho era um suplício. Infernos, somente chegar ao banheiro foi um esforço. A boa notícia foi que a rotina ensaboar-e-esclarecer a reviveu um pouco, e seu estomago pareceu abrir-se à idéia de um pouco de comida. Deixando que o cabelo secasse no ar, desceu e pôs-se a esquentar um pouco de café. O plano era colocar a cabeça na primeira velocidade, retornar algumas ligações telefônicas. Então viesse o inferno ou um maremoto, ia trabalhar amanhã, então queria preparar-se para a ação o melhor que pudesse antes de ir para o hospital.

Com a xícara na mão, dirigiu-se à sala de estar e se sentou no sofá, embalando o café entre as palmas, esperando que o Capitão Cafeína viesse a resgatá-la e a ajudasse a sentir-se humana. Quando olhou para baixo às almofadas de seda, estremeceu. Estes eram as que sua mãe tinha alisado tão freqüentemente, aquelas que tinham servido como um barômetro para medir se tudo estava bem ou não, e Jane se perguntou quando se sentou nas malditas coisas pela última vez. Deus, pensava que a resposta fosse nunca. Por isso sabia, o último traseiro que tinha depositado seu peso ali bem poderia ter sido o de um de seus pais.

Não, provavelmente o de um convidado. Seus pais só se sentavam nas poltronas gêmeas na biblioteca, seu pai na da direita com o cachimbo e o jornal, sua mãe à esquerda com um quadrado de petit point, seu tipo de bordado, no colo. Os dois tinham sido um pouco como tirado do museu de cera de Madame Trousseau, parte de uma exibição sobre ricos maridos e esposas que nunca dirigiam a palavra um ao outro.

Jane lembrou as festas que tinham dado, toda aquela gente formando redemoinhos naquela grande casa colonial, com garçons uniformizados oferecendo crepes e coisas cheias com massa de cogumelos. Sempre era a mesma multidão, a mesma conversação e o mesmo tipo de curtos vestidos negros e trajes do Brooks Brothers. A única diferença tinham sido as estações, e a única interrupção no ritmo ocorreu depois da morte de Hannah. Depois de seu enterro, as festas se interromperam durante aproximadamente seis meses por ordem de seu pai, mas depois voltaram

a subir no trem. Preparados ou não, aquelas festas começaram de novo, e embora sua mãe tivesse parecido bastante frágil para quebrar-se, aplicou sua maquiagem e seu curto vestido negro e se posicionou na porta principal, toda falsos sorrisos-e-afagos.

Deus, Hannah tinha adorado aquelas festas.

Jane franziu o cenho e colocou uma mão sobre o coração, dando-se conta de quando havia sentido antes esta espécie de dor no peito. O fato de não ter Hannah a seu lado, tinha causado o mesmo tipo de dolorosa pressão.

Era estranho que despertasse com esta tristeza e sensação de perda. Não tinha perdido ninguém.

Tomando um gole de café, desejou ter feito chocolate quente...

Sobreveio-lhe uma imprecisa imagem de um homem lhe oferecendo uma xícara. Havia chocolate quente nela, e o tinha feito para ela porque estava... estava deixando-a. OH... Deus, estava-a abandonando...

Uma aguda dor disparou através de sua cabeça, interrompendo a agitada visão... bem quando a campainha começou a soar. Enquanto esfregava a ponta do nariz, deu uma olhada furiosa para o vestibulo. Realmente não se estava sentindo muito sociável nesse momento.

A coisa voltou a soar.

Obrigando-se a ficar de pé, arrastou-se para a porta de entrada. Enquanto abria o ferrolho, pensou, homem, se fosse um missionário, ia dar a comunhão com...

—Manello?

O chefe de cirurgia estava de pé na porta principal com sua característica fanfarronice, como se o capacho de bem-vinda lhe pertencesse apenas porque ele o dizia. Vestido com o pijama cirúrgico e tamancos, também luzia um elegante casaco da mesma cor marrom de seus olhos. Seu Porsche ocupava a metade do caminho de entrada.

— Vim ver se estava morta.

Jane teve que sorrir.

— Jesus, Manello, não seja tão romântico.

— Parece como um pedaço de merda.

— E agora com os elogios. Pare. Esta me fazendo ruborizar.

— Agora vou entrar.

— É obvio que o fará — murmurou, pondo-se de lado.

Deu um olhar ao redor enquanto tirava o casaco.

— Sabe, cada vez que entro aqui, sempre penso que este lugar é muito pouco parecido com você.

— Então espera algo rosa e com babados? — fechou a porta. E o ferrolho.

— Não, quando vim a primeira vez, esperava que estivesse vazio. Como minha casa.

Manello vivia no Commodore, aqueles apartamentos de luxo no alto da colina, mas sua casa era apenas um custoso armário, verdadeiramente, decorado pela Nike. Tinha os equipamentos de esporte, uma cama e uma cafeteira.

— Certo — disse — Não serve precisamente de material da casa e decoração.

— Então me diga como é você, Whitcomb. — Enquanto Manello a olhava, seu rosto não mostrava emoção, mas os olhos ardiam, e lembrou a última conversa que tinha tido com ele, aquela onde lhe disse o que sentia algo por ela. Os detalhes do que tinha sido dito eram um pouco confusos e tinha a vaga impressão de que tinha sido segurada em um quarto da UTIC por cima de um paciente...

Começou-lhe a doer de novo a cabeça e como tremeu Manello disse:

— Sente-se. Agora.

Possivelmente fosse uma boa idéia. Encaminhou-se de volta ao sofá.

—Quer café?

—Na cozinha tem?

—Trare...

—Posso me servir. Tenho anos de experiência. Você, sente-se.

Jane se recostou no sofá e fechou as lapelas de seu robe enquanto esfregava as têmporas. Merda, alguma vez ia se sentir ela mesma outra vez?

Manello entrou exatamente quando se inclinava e punha a cabeça entre as mãos. O que naturalmente o colocou em modo médico absoluto. Deixou sua xícara sobre um dos livros de arquitetura da mãe de Jane e se ajoelhou no tapete oriental.

—Me fale. O que está acontecendo aqui?

—Cabeça — gemeu Jane.

—Me deixe ver seus olhos.

Tentou sentar-se direita outra vez.

—Está diminuindo...

—Se cale. —Brandamente Manello lhe pegou os pulsos com suas mãos e lhe separou os braços do rosto— Vou examinar suas pupilas. Incline a cabeça para trás.

Jane se rendeu, simplesmente se deixou levar e relaxou contra o sofá.

—Não me sentia tão horrível em anos.

O polegar e o indicador de Manny foram para o olho direito e cuidadosamente afastou a pálpebra enquanto levantava uma lanterninha. Estava tão perto que podia ver suas longas pestanas, a sombra de uma barba incipiente e os finos poros de sua pele. Cheirava bem. A colônia.

De que marca seria? Perguntou-se, divagando.

—Que bom que tenha vindo preparado —disse arrastando as palavras e acendendo o pequeno foco.

—Sim, está bem, é como um escoteiro... Hei, tome cuidado com essa coisa.

Tratou de piscar quando o brilho da lanterna lhe chegou no olho, mas não a deixou.

—Faz que a cabeça doa mais? —pergunta, indo para o lado esquerdo.

—OH, não. Isso me faz sentir ótima. Não posso esperar que você... Demônios, isso é muito brilhante.

Apagou a lanterna e voltou a colocar a coisa no bolso superior do pijama.

—As pupilas se dilatam adequadamente.

—Que alívio. Suponho que se quisesse ler sob a luz de um refletor poderia fazê-lo, certo?

Tomou o pulso, pôs o dedo indicador sobre o pulso e levantou seu Rolex.

—Com este exame médico obterei um desconto no seguro? —perguntou-lhe.

—Shh.

—Porque acredito que estou sem dinheiro...

—Shh.

Era estranho ser tratada como um paciente, e manter a boca fechada se fazia pior. Homem, quanto podia dizer-se a respeito de encobrir o desconforto através das palavras...

Um quarto escuro. Um homem na cama. Ela falando... falando a respeito... do funeral de Hannah.

Outro agudo disparo lhe cravou na cabeça e aspirou um pouco mais de ar.

—Merda.

Manello soltou seu pulso e lhe pôs a palma sobre a fronte.

—Não está quente —lhe pôs as mãos nos lados do pescoço, bem abaixo da mandíbula.

Enquanto franzia o cenho e apalpava, disse:

—Não tenho a garganta irritada.

—Bom, não tem as glândulas inflamadas. —Seus dedos foram à coluna à altura do pescoço até que deu um pulo e o inclinou sua cabeça para um lado.

—Merda... Que demônios?

—O que?

—Tem um hematoma aqui. Ou algo. Demônios. O que mordeu você?

Levantou a mão.

—OH, Sim, não sei o que é isso. Nem quando fiz isso.

—Parece que está curando bem. —Apalpou-lhe a base do pescoço, em cima das clavículas— Sim, por aqui tampouco há inflamação. Jane, odeio lhe dizer isso mas não tem gripe.

—Seguro que tenho.

—Não, não tem.

—É traumatóloista, não um czar das enfermidades infecciosas.

—Não está tendo uma resposta contra uma infecção, Whitcomb.

Apalpou sua própria garganta. Pensou no fato de que não estava espirrando, nem tossindo nem vomitando. Mas, demônios, onde a deixava isso?

—Quero que faça um TAC na cabeça.

—Garanto que lhe diz isso a todas as garotas.

—Às que apresentam seus sintomas? Absolutamente.

—E eu aqui pensando que era especial —lhe dirigiu um fraco sorriso e fechou os olhos— Estarei bem, Manello. Somente preciso voltar para o trabalho.

Fez-se um longo silêncio, durante o qual se deu conta de que ele tinha as mãos em seus joelhos. E ainda estava muito perto, inclinando-se sobre ela.

Levantou as pálpebras. Manuel Manello a estava olhando não como o faria um médico, mas sim como faria um homem que se preocupava com ela. Merda, era atraente, especialmente então... salvo que algo não estava bem. Não com ele... com ela.

Bom, óbvio. Tinha dor de cabeça.

Inclinou-se para frente e lhe acariciou o cabelo.

—Jane...

—O que?

—Deixaria-me arrumar uma consulta para que lhe façam um TAC? —quando começava a negar-se, interpôs— Considere-o como um favor para mim. Não poderia me perdoar se acontecesse algo ruim a você e eu não tivesse insistido.

Merda.

—Sim. OK. Está bem. Mas não necessito...

—Obrigado. —Houve uma pausa. E logo se inclinou para frente e a beijou na boca.

CAPÍTULO 36

No Outro Lado, Vishous olhou fixamente a Cormia e quis correr. Depois de sua alucinante revelação de que nunca tinha visto um macho antes, sentia-se horrível. Alguma vez lhe tinha ocorrido pensar que só tinha conhecido fêmeas, mas se tinha nascido pouco depois que o último Primale morrera, como poderia ter conhecido alguém do outro sexo?

É obvio que havia se sentido aterrorizada por ele.

—Jesus Cristo —murmurou, inalando profundamente de seu néscio e lhe dando uns golpezinhos depois. Estava atirando a cinza sobre o cenário de mármore, mas não se importou uma merda— Subestimei totalmente quão duro seria isto para você. Assumi...

Tinha assumido que estaria quente por trotar com ele ou por alguma merda. Em vez disso, não se encontrava melhor que ele.

—Sim, estou malditamente arrependido.

Quando as pálpebras se abriram pela surpresa, a cor jade de seus olhos brilhou.

Não esperava que acontecesse em um tom gentil, disse-lhe:

—Esta..... deseja... —moveu a mão em que tinha o cigarro daqui para lá entre eles— ...emparelhamento? —Quando permaneceu em silêncio, sacudiu a cabeça— Olhe, posso vê-lo em seus olhos. Quer fugir de mim, e não simplesmente porque esteja assustada. Quer fugir pelo que teremos que fazer, não?

Ela levou as mãos ao rosto, a pesada túnica foi se pregando e deslizando pelos magros braços até ficar estrangulado nas magras curvas dos cotovelos. Com um fio de voz disse:

—Não poderia suportar falhar às Escolhidas. Eu... farei o que deva ser feito pelo bem do conjunto.

Bem, essa era a mesma música para os dois.

—Como o farei eu —murmurou.

Nenhum dos dois disse outra palavra e não soube o que fazer. Para começar, não era bom com as fêmeas, e agora que era mercadoria avariada por ter deixado Jane ir era ainda pior.

Bruscamente virou a cabeça, consciente de que não estavam sozinhos.

—Você, atrás da coluna. Saia. Agora.

Uma Escolhida deu um passo à frente, com a cabeça inclinada, tinha o corpo tenso sob a tradicional capa branca.

—Senhor.

—O que está fazendo aqui?

Enquanto a Escolhida olhava fixa e submissamente o chão de mármore, pensou, que o Senhor me salve dos submissos. Era engraçado, durante o sexo tinha demandado isso. Agora essa merda o incomodava como o inferno.

—Será melhor que tenha vindo consolá-la —grunhiu— Se for para qualquer outra coisa, deve sair daqui como se fugisse dos infernos.

—É para consolá-la —disse a Escolhida brandamente— Me preocupo com ela.

—Qual é seu nome?

—Escolhida.

—Não me irrite! —quando ambas, ela e Cormia saltaram, forçou seu gênio a enterrar-se profundamente em suas vísceras— Qual é o seu nome?

—Amalya.

—Bem, Amalya. Quero que cuide dela até que eu volte. É uma ordem.

Quando a Escolhida fez algumas reverência e promessas, tomou uma última imersão de néscio, lambeu dois dedos e os apertou sobre a ponta. Quando pôs a bituca no bolso da bata, perguntou-se sem motivo algum por que demônios todos tinham que usar fodidos pijamas no Outro Lado.

Dirigiu um olhar a Cormia.

—Vejo você em dois dias.

V partiu sem olhar para trás, subindo pela grama branca da colina, evitando o tapete branco de seda que tinha sido estendido. Quando chegou ao pátio da Virgem Escriba, rezou como um demônio para não encontrar-se com ela, e deu graças a Deus de que não estivesse por perto. A

última coisa que precisava era um encontro com alguém da índole da Mamazilla. (mamãe + godzilla)

Sob o olhar atento de todos esses pássaros cantores, lançou-se de volta ao mundo real, mas não foi à mansão.

Foi exatamente aonde não devia ir. Tomou forma na rua em frente do apartamento de Jane. Era uma fodida má ideia do tamanho de um arranha-céu, mas estava meio morto de dor e não estava em seu são julgamento, e além disso, não dava uma merda por nada. Nem sequer pelas linhas que não podiam ser cruzadas entre os humanos e os de sua espécie.

A noite era fria e estava vestido com as roupas cerimoniais de fakata, mas não se importou. Estava tão aturdido e tão destruído mentalmente, que poderia encontrar-se nu em uma tempestade de neve e não perceber.

Que demônios.

Havia um carro no caminho de entrada. Um Porsche Carreira 4S. O mesmo que tinha Z, só que o de Z era cinza ferro e este era prateado.

V não tinha pretendido aproximar-se além da calçada da frente, mas esse plano foi apagado como por água quando inalou e captou o aroma de um macho que emanava do conversível. Era esse médico, que tinha tido aquela merda de conversa com ela no quarto de hospital.

V se materializou junto ao arce do jardim frontal e olhou pela janela da cozinha. A cafeteira estava ligada. O açúcar fora. Havia duas colheres na mesa.

OH, demônios, não. Fodida mãe dos infernos não.

V não podia ver muito do resto do apartamento, então correu rodeando-o, os pés descalços, chiavam enquanto fazia ranger os emplastros de neve gelada. Quando uma anciã do apartamento contíguo apareceu pela janela como se o tivesse visto, pulverizou um pouco de mhis ao redor como precaução... e porque imaginava que devia fazer algo que demonstrasse que tinha cérebro.

Esta rotina de perseguidor, seguro como a merda, que não o ia levar ao Leopardo!

Quando chegou às janelas traseiras e conseguiu dar uma olhada à sala de estar, viu a morte do outro tão claramente como se tivesse cometido o assassinato em tempo real.

Esse macho humano, esse médico, estava de joelhos e apertado perto de Jane, que estava sentada no sofá. O tipo tinha uma mão em seu rosto, a outra no pescoço, e estava centrado em sua boca.

V perdeu a concentração, deixou cair o mhis, e se moveu sem pensar. Sem raciocinar. Sem vacilar. Não havia nada mais que um grito, o instinto de macho vinculado, foi para as portas trilhos, preparado para matar...

Saído de um nada, Butch se interpôs frente a ele, descarrilando o ataque, Peguendo-o pela cintura e arrastando-o à força afastando-o do apartamento. Foi um movimento perigoso, mesmo entre bons amigos. A menos que seja um trailer de trinta toneladas, não queria se interpor entre um macho vinculado e o objetivo deste tipo de agressão. O instinto de ataque de V mudou de foco no momento. Descobriu as presas, separou-se de um puxão, e bateu no seu ser mais próximo e querido de um lado da cabeça.

O irlandês soltou V como se fosse uma colméia, jogando para trás o punho lhe lançou um murro ascendente, que deu a V na parte inferior do queixo. Quando a mandíbula se estrelou contra o crânio e os dentes cantaram como um coro de anjos, acendeu-se tão rápido como uma pradaria seca, entrou instantaneamente em combustão.

—Mhis, idiota — cuspiu Butch— Use o mhis sobre o lugar antes de que façamos isto.

V colocou o bloqueio visual e os dois foram então com todas suas forças. Tudo valia, o sangue brotava de narizes e bocas enquanto se davam murros, tirando a merda um do outro. Na metade do assunto, V se deu conta de que isto não era só por ter perdido Jane. Era porque estava

totalmente sozinho. Ainda com Butch perto, não seria o mesmo sem ela, então era como se V estivesse sem nada.

Quando tudo acabou, ele e o poli se estenderam sobre as costas um ao lado do outro, os peitos ofegantes, o suor nem tanto secando-se como congelando-se sobre eles. Merda, V já podia notar o inchaço. Os nódulos e o rosto estavam transformando-o no boneco do Michelín.

Tossiu um pouco.

—Necessito de um charuto.

—Eu necessito uma bolsa de gelo e um monte de tirinhas.

V rodou para um lado, cuspiu um pouco de sangue e depois retornou à posição em que tinha estado. Enxugou a boca com o dorso da mão.

—Obrigado. Precisava disso.

—Não há po... —grunhiu Butch— Não há problema. Maldição, tinha que me bater no fígado dessa forma? Como se o uísque não fosse o suficientemente mau para a coisa.

—Como soube onde estava?

—Onde mais podia estar? Phury voltou sozinho e mencionou que alguma merda estava ocorrendo, então imaginei que finalmente acabaria aqui. —Butch fez ranger o ombro e amaldiçoou— A verdade, é que o policial que há em mim é como uma antena de rádio para imbecis estúpidos. E não se ofenda, mas não ganharia nenhum prêmio na divisão dos espertos.

—Acredito que teria matado esse homem.

—Sei que o teria feito.

V levantou a cabeça. Quando não pôde ver através das janelas de Jane, levantou-se apoiando-se sobre os cotovelos para ter o campo espaçoso. O sofá estava vazio.

Deixou-se cair novamente sobre o chão. Estavam fazendo amor lá em cima na sua cama? Nesse momento? Enquanto ele jazia arruinado em seu fodido jardim traseiro?

—Merda. Não posso suportá-lo.

—Sinto muito, V. Sério. —Butch esclareceu a garganta— Escuta... poderia ser boa idéia que não voltasse aqui.

—Diz isso o idiota que passava de carro pela casa de Marissa durante quantos meses?

—É perigoso, V. Para ela.

V olhou enfurecido para seu melhor amigo.

—Se for insistir em ser razoável, deixarei de falar com você.

Butch deixou escapar um sorriso deformado... por causa da ferida que tinha no lábio superior.

—Sinto muito, colega, não poderia se liberar de mim nem que tentasse.

V piscou um par de vezes, horrorizado pelo que estava a ponto de dizer.

—Deus, vai para merda, sabe? Sempre estive aí para mim. Sempre. Mesmo quando eu...

—Mesmo quando você o que?

—Já sabe.

—O que?

—Porra. Mesmo quando estava apaixonado por você. Ou alguma merda assim.

Butch levou as mãos ao peito.

—Estava? Estava? Não posso acreditar que tenha perdido o interesse. —colocou um braço sobre os olhos, em modo Sarah Bernhardt— Meus sonhos sobre nosso futuro se quebraram...

—Pare, poli.

Butch o olhou por debaixo do braço.

—Está de brincadeira? O reality que tinha planejado era fantástico. Ia passar no VH1, Duas Dentadas são Melhor que Uma. Íamos fazer milhões.

—OH, pelo amor...

Butch rodou até ficar de lado e ficou sério.

—Este é o trato, V. Você e eu? Estamos nesta vida juntos, e não só por causa de minha maldição. Não sei se são todas essas providências e merdas divinas, mas há uma razão pela qual nos encontramos. E quanto ao fato de estar apaixonado por mim? Foi provavelmente mais algo do estilo de que sentisse carinho por alguém pela primeira vez.

—Bom, deixa aí. Está me dando urticária com essa merda do carinho/compartilhar.

—Sabe que tenho razão.

—Vá a merda, Doutor Phil.

—Bom, alegre-me que estejamos de acordo. —Butch franziu o cenho— Ouça, possivelmente poderia ter um programa de entrevistas, já que não vai mais ser meu June Cleaver. Poderia chamá-lo de a Hora de O'Neal. Soa importante, não?

—Acima de tudo, você iria ser June Cleaver...

—Foda-se. Não há forma de que me ponha debaixo de você.

—Não importa. E segundo, não acredito que haja muito mercado para sua marca particular de psicologia.

—Não é verdade.

—Butch, você e eu acabamos de nos tirar a merda a golpes.

—Começou você. E na realidade, seria perfeito para a Spike TV³⁹. UFC se encontra com Oprah. Deus, sou brilhante.

—Continua dizendo isso .A risada do Butch foi interrompida por uma rajada de vento que açoitou o jardim traseiro.

—Bom, grandalhão, embora desfrute muito disto, não acredito que meu bronzado esteja melhorando muito, considerando que está escuro como o alcatrão.

—Não está bronzado.

—Vê? Isto não está me levando a nenhum lugar. Então que tal se formos para casa? —houve uma longa pausa.

— Merda... não pensa vir comigo, certo?

—Já não me sinto com vontade de matar ninguém.

—Ah. Bem. A idéia de que possivelmente só o deixe paralítico, faz-me sentir foddidamente muitíssimo melhor a respeito de o deixar aqui. —Butch se incorporou com uma maldição— Se importa se, pelo menos, primeiro,olho se partiu?

—Deus, realmente quero sabê-lo?

—Voltarei em seguida. —Butch gemeu e se levantou como se tivesse tido um acidente, todo tenso e chiou— Homem, isto vai doer durante um bom momento.

—É um vampiro agora. Seu corpo estará bem e a pronto antes de que se dê conta.

—Esse não é o ponto. Marissa nos matará por brigar.

V deu um pulo.

—Merda. Isso vai deixar rastro, certo?

—Sim, Sim. —Butch coxeou— Vai nos quebrar a cabeça.

V olhou em volta do segundo andar do apartamento e não pôde decidir se era um bom ou um mau sinal que não houvesse luzes acesas. Fechando os olhos, rezou para que o Porsche houvesse partido... embora não tinha esperança de que então tivesse ido. Homem, Butch tinha razão. Ele rondando por aqui era uma situação dessas que terminava com a fita de polícia rodeando-a. Esta tinha que ser a última vez...

³⁹ Canal de televisão desenhado para o público masculino.

—Foi-se —disse Butch.

V exalou como se fosse uma roda que se desinflava, então se deu conta de que tinha conseguido um indulto só por esta noite. Cedo ou tarde ela ia estar com outro.

Provavelmente cedo ou tarde ia estar com esse outro médico.

V levantou a cabeça, logo a deixou cair de novo sobre ele.

—Não acredito que possa fazer isto. Não acredito que possa viver sem ela.

—Tem escolha?

Não, pensou. Nenhuma absolutamente.

Pensando bem, essa palavra não deveria ser aplicada ao destino das pessoas. Jamais. A palavra escolha devia ser relegada à televisão e às comidas. Pode escolher entre a NBC e a CBS ou entre vitela em vez de frango. Mas leva o conceito além da cozinha ou o comando a distância e a palavra simplesmente não pode aplicar-se.

—Vá para casa, Butch. Não vou fazer nenhuma estupidez.

—Uma estupidez maior, quer dizer.

—A semântica é uma merda.

—Como alguém que fala dezesseis idiomas, sabe que isso é mentira. —Butch respirou fundo e esperou— Intuo que o verei no Pit, então.

—Sim. —V ficou de pé— Voltarei em um momento.

Jane se virou na cama, seu instinto despertou.

Havia alguém no quarto. Incorporou-se, com o coração golpeando, e não viu nada. Por outro lado, as sombras lançadas pela luz do corredor ofereciam muitos esconderijos depois do escritório, a porta entreaberta e a abarrotada cadeira que havia junto à janela.

—Quem está aí?

Não obteve nenhuma resposta, mas definitivamente não estava sozinha.

Desejou não haver se deitado nua.

—Quem está aí?

Nada. Só o som de sua própria respiração.

Apertou as mãos contra o edredom e respirou fundo. Deus... havia um aroma maravilhoso no ar... rico e sensual, sexual e possessivo. Aspirou outra vez e seu cérebro bateu asas, reconhecendo-o. Era o aroma de um homem. Não... era mais que um homem.

—Conheço você. —Seu corpo se esquentou instantaneamente, florescendo... mas então a angústia veio por cima, uma dor tão grande que ofegou— Ah, Deus... você...

A dor de cabeça retornou, lhe esmagando o crânio, reforçando sua vontade de fazer esse TAC com a máxima urgência. Com um gemido pegou a cabeça, reforçando-se contra o que provavelmente fossem ser horas de angústia.

Exceto que, quase imediatamente a dor foi à deriva... e também o fez ela. Uma manta de sonho a aliviou, a recobriu, acalmou-a.

Justo depois de que a cobrisse, uma mão masculina tocou seu cabelo. Seu rosto. Sua boca.

Sua calidez e amor lhe curaram o buraco insondável que tinha no centro do peito: era como se sua vida tivesse estado em um acidente de carro, e agora suas partes houvessem retornado a ser unidas, o motor reparado, o pára-choque recolocado, o pára-brisa quebrado substituído.

Salvo que então a carícia a abandonou.

No sonho se estendeu cegamente.

—Fica comigo. Fica comigo, por favor.

Uma palma grande envolveu sua mão, mas a resposta ia ser não. Embora o homem não dissesse nada, soube que não ficaria.

—Por favor... —as lágrimas brotaram— Não vá.

Quando deixou cair a mão, gritou e se esticou para frente...

As mantas sussurraram e o ar frio a acariciou, então se fez presente um enorme corpo masculino. Em seu desespero se aferrou ao sólido calor e enterrou o rosto em um pescoço que cheirava a essas escuras especiarias. Grossos braços a rodearam e a apertaram.

Quando se aproximou ainda mais... sentiu uma ereção.

No sonho Jane se moveu rápida e decisivamente, como se tivesse todo o direito do mundo para fazer o que fez. Alargou a mão, colocando-a entre eles e aferrou a tensa longitude.

Quando o enorme corpo se sacudiu, disse:

—Me dê o que quero.

Homem, fez-o.

Foi lançada sobre as costas, logo suas pernas foram separadas e seu centro coberto com uma pesada mão, gozou imediatamente, contorcendo-se sobre o colchão, gritando. Antes que as sensações decaíssem, os lençóis foram retirados da cama e uma boca esteve sobre ela entre suas coxas. Aferrou-se ao cabelo denso e luxurioso e se entregou ao que ele fazia.

Enquanto tinha seu segundo orgasmo, ele se afastou. Houve um som de roupas sendo tiradas e depois...

Jane amaldiçoou quando foi cheia quase ao ponto da dor, mas adorou o que estava acontecendo...especialmente quando uma boca baixou sobre a sua e a ereção em seu interior começou a mover-se. Aferrou-se às ondulantes costas e seguiu o ritmo do sexo.

No meio do sonho, teve alguns pensamentos a respeito de que isto era pelo que tinha estado chorando. Este homem era a causa da dor no peito.

Ou melhor, era-o sua ausência.

Vishous sabia que o que fazia estava errado. Era como se estivesse roubando o sexo, porque Jane não sabia realmente quem era ele. Mas não podia parar.

Beijou-a mais forte, movendo-se dentro dela mais potentemente. Seu orgasmo o enrolou como uma tormenta de fogo, capturou-o em um estalo de calor, consumindo-o com um ardor que só foi aliviado quando seu pênis deu um puxão e se liberou dentro dela. Ela gozou ao mesmo tempo, espremendo-o, alongando as sensações até que estremeceu e caiu sobre ela.

Ergueu-se e baixou o olhar para seus olhos fechados, forçando-a com a mente a um sono mais profundo. Acreditaria que o que tinha acontecido não tinha sido mais que um sonho erótico, uma excitante e vívida fantasia. Entretanto não saberia quem era ele. Não poderia. Sua mente era forte, e poderia voltar-se louca se houvesse um tira frouxa entre as lembranças lhe tinha oculto e o que sentia quando ele estava perto.

V saiu fora de seu corpo e se desceu da cama. Quando reacomodou as mantas e subiu as calças de seda, sentiu como se arrancasse a própria pele.

Inclinando-se, pôs os lábios sobre sua fronte.

—Amo você. Para sempre.

Antes de ir deu um olhar ao redor do quarto, então vagou até seu banheiro. Não podia deter-se. Não tinha intenção de retornar outra vez e precisava das imagens de seus espaços pessoais.

O piso superior era mais "dela". Tudo era simples e espaçoso, os móveis discretos, as paredes livres de quadros fastidiosos. Entretanto havia só um esbanjamento selvagem e o adorou, o mesmo que tinha em seu quarto: livros. Havia livros por toda parte. No quarto, a estante ia do chão até o teto, com cada prateleira cheia de volumes de ciência, filosofia e matemática. No corredor havia mais, amontoados em um armário de quase dois metros com frente de vidro, havia obras de Shelley e Keats, Dickens, Hemingway, Marchand, Fitzgerald. Mesmo no banheiro havia

um pequeno monte deles junto à banheira, como se quando estivesse nela, quisesse ter alguns de seus livros favoritos por perto.

Ela gostava de Shakespeare também, evidentemente. O que aconteceu.

Vê?Esse era seu estilo de decoração. Uma mente ativa não precisava de distrações em seu entorno físico. Precisava de uma coleção de livros excelentes e um bom abajur. Possivelmente um pouco de queijo e bolachas.

V se virou para sair do banheiro e captou a vista de um espelho sobre os lavabos gêmeos. Imaginou frente a ele penteando-se. Passando o fio dental. Escovando os dentes. Lixando as curtas unhas.

Todas essas coisas normais que faziam todas as pessoas em todo o planeta todo dia, tanto os vampiros como os humanos. A prova de que, depois de tudo, em certas atividades prosaicas as duas espécies não eram tão diferentes.

Teria matado por vê-la as fazer uma única vez.

Melhor ainda, queria as fazer com ela. O lavabo dela e dele. Possivelmente discutissem sobre o fato de quem deixou cair o fio dental no bordo do cesto de papéis em vez de assegurar-se de havê-lo jogado dentro.

Vida. Juntos.

Inclinou-se, pôs a ponta dos dedos no espelho, e percorreu o vidro. Então se forçou a desmaterializar-se sem voltar ao lado de sua cama.

Quando desapareceu, e desta vez para sempre, soube que se tivesse sido um macho que chorasse, agora estaria mugindo. Em lugar disso pensou no Grei Goose que estaria esperando-o quando voltasse para o Pit. Tinha toda a intenção de permanecer completamente bêbado nos próximos dois dias.

Iam ter que colocá-lo de novo dentro desse objetos de seda a lá Hugh Hefner e mantê-lo erguido durante a fodida cerimônia do Primale.

CAPÍTULO 37

Por volta da meia noite John estava na cama, olhando fixamente para o teto que tinha acima. Era um teto de fantasia, com muitas molduras e materiais ao redor e nos bordos, assim havia coisas abundantes para se olhar. De fato, lembrava um bolo de aniversário. Não... um bolo de bodas. Sobre tudo porque no meio havia um acessório para a luz com um monte de cosinhas como arabescos a seu redor, parecia à base em que se colocavam os pequenos bonecos da noiva e o noivo.

Por alguma estranha razão gostava da combinação de tudo isso. Não sabia nem de arquitetura, mas se sentia atraído pelas coisas não tão suntuosas, a majestosa simetria, o equilíbrio entre o carregado e os singelos...

Bom, agora talvez estivesse fazendo rodeios.

Merda.

Fazia meia hora que havia despertado, tinha ido ao banheiro e logo havia voltado a meter-se entre os lençóis. Essa noite não tinha aulas e deveria estar ficando em dia com seus deveres antes de sair, mas todo esse assunto dos livros de texto na verdade não ia acontecer.

Tinha um assunto que resolver.

Que no momento jazia duro como uma rocha sobre seu ventre.

Tinha estado vagabundeando na cama refletindo a respeito de se poderia fazê-lo. Como o sentiria. Se chegaria a senti-lo. E se perdesse a ereção? Deus, aquela conversa com Z pesava sobre ele. Como que se não... tivesse êxito com isso, poderia ser que houvesse algo errado com ele.

OH, pelo amor de Deus, tinha que saltar da ponte já.

John moveu a mão e a pôs sobre seu peito, sentindo como se expandiam e se contraíam seus pulmões e como o coração palpitava com força. Com um estremecimento moveu a palma para baixo, dirigindo-se para aquele pulsado que literalmente lhe falava tão ruidosamente. Homem, a maldita coisa desejava sensações, estava desesperada por entrar em ação. E debaixo disso? Seus testículos estavam tão tensos que lhe parecia que estavam a ponto de rachar-se pela pressão. Na verdade tinha que fazê-lo e não só para checar que os encanamentos estavam bem. A necessidade de liberar-se ia além da etapa do desejo e se transformou diretamente em dor.

A mão alcançou seu ventre e a desceu mais abaixo. Sua pele era quente, suave e sem pêlo e se estendia sobre os duros músculos e os pesados ossos. Não terminava de compreender quão grande era agora. Seu estômago parecia estender-se tão amplamente como um campo de futebol.

Deteve-se antes de tocar-se. Então, com uma maldição, pegou a coisa e acariciou ela.

Um gemido retumbou em seu peito e saiu de sua boca quando a ereção lhe bateu a mão. OH, merda, sentia-se tão bem. Repetiu o lento movimento de ir e voltar, o suor escorregou através do peito, sentia-se como se alguém o tivesse posto debaixo de um abajur de calor... não, era mas bem como se o calor irradiasse desde seu interior.

Arqueou-se enquanto se acariciava, sentindo-se culpado, envergonhado e pecaminosamente erótico. OH,... tão bom... Estabelecendo um ritmo, empurrou os lençóis com o pé tirando-o de cima e olhou para baixo, para seu corpo. Com orgulho ilícito, olhou a si mesmo, gostando de sua grossa cabeça, o escandaloso tamanho, o modo em que sua mão a apertava com força.

OH...merda. Rápido. Mais rápido com a mão. Ouviu um pequeno som como um estalo, resultado do claro e escorregadio lubrificante que saiu da ponta e se estendeu por sua palma. A coisa desceu pelo eixo, fazendo que a ereção brilhasse.

OH.....merda.

Saída de nenhuma parte lhe chegou a imagem de uma fêmea... Merda, era a robusta guarda de segurança do ZeroSum, viu-a em alta definição com seu corte de cabelo de menino, os musculosos ombros, o rosto ardiloso e a poderosa presença. Em um atordoante momento de audácia, imaginou os dois no clube. Ela o tinha esmagado contra a parede, tinha a mão dentro de suas calças e o beijava com força, lhe colocando a língua na boca.

Jesus... Deus do céu... sua mão se moveu a uma velocidade deslumbrante, tinha o pênis duro como o mármore e a mente cheia de idéias de estar dentro daquela fêmea.

A sobrecarga crítica chegou quando a imaginou interrompendo o beijo e ficando de joelhos. Viu-a lhe desabotoar as calças, tirar-lhe e sugá-lo com a boca...

Merda!

John se virou, ficando de lado na cama, atirando o travesseiro ao chão, subindo os joelhos. Gritou sem fazer nenhum som e se sacudi enquanto os quentes jorros se dirigiam para todas partes, aterrissando sobre seu peito, a parte superior de suas coxas e derramando-se por sua mão. Seguiu acariciando-se, com os olhos fortemente fechados, as veias lhe sobressaindo no pescoço e os pulmões ardendo.

Quando não houve nada mais nele, bebeu com força, pegou fôlego e abriu os olhos. Não estava certo, mas pensava que gozou duas vezes. Talvez três.

Merda. Os lençóis. Tinha feito uma confusão.

Homem, entretanto, havia valido a pena. Tinha sido ótimo. Essa merda tinha sido.....ótima

Mas pelo que se se sentiu culpado foi pelo que tinha imaginado sua mente, morreria de vergonha se alguma vez ela se inteirasse...

Soou seu celular. Limpando a mão com os lençóis, recolheu a coisa. Era uma mensagem do Qhuinn, lhe dizendo que levasse seu traseiro à casa do Blay em meia hora então poderiam ir ao ZeroSum antes que terminasse a ação.

John endureceu outra vez pensando na chefe de segurança.

Bem, isto poderia se tornar uma moléstia, pensou, enquanto olhava a ereção. Sobre tudo se fosse ao clube e visse a fêmea e... sim certo, segue lançando um monte de loucuras.

Mas então, hey, deveria considerar o lado positivo. Ao menos suas partes estavam em bom estado de funcionamento.

John ficou sério. Sim, tudo funcionava e tinha desfrutado com isso... ao menos sozinho. Mas, a idéia de ter que fazê-lo com alguém mais?

Ainda o deixava frio.

Quando Phury entrou no ZeroSum era aproximadamente uma da manhã. Alegrou-se de não ter ido com seus irmãos. Precisava de um pouco de privacidade para o que ia fazer.

Com uma severa resolução foi à zona VIP, sentou-se na mesa da Irmandade e pediu um Martini, esperando como o inferno que ninguém da Irmandade decidisse dar uma volta. Teria preferido ir a outro lugar, mas o ZeroSum era o único lugar da cidade que oferecia o que procurava. Então estava enganchado.

O primeiro Martini foi bom. O segundo foi melhor.

Enquanto bebia, mulheres humanas se aproximavam de sua mesa. A primeira foi uma morena, assim isso não ia passar. Era muito parecida com Bela. A seguinte foi uma loira, o que era bom... mas era a de cabelo curto da qual Z se alimentou uma vez, então não achava correto. Logo veio outra loira que estava tão nervosa que o fazia se sentir culpado, seguiu-se outra de cabelo negro que se parecia com a Xena, a Princesa guerreira e o assustou um pouco.

Mas então... uma ruiva se deteve diante da mesa.

Era uma coisa diminuta, não mais de um metro e cinquenta e oito de altura mesmo com os altos salto agulha de stripper, mas seu cabelo era enorme. Vestida com um sutiã cor de rosa chiclete e uma micro saia, parecia um personagem de desenhos animados.

— Está procurando um pouco de ação, carinho?

Moveu-se no assento e disse que devia deixar de ser tão exigente e terminar com isto. Era apenas sexo, Por Deus.

— Talvez, quanto me custaria uma entrada sobre a linha das cinquenta jardas?

Ela levantou a mão e tocou os lábios com dois dedos.

— Por um jogo completo.

Duzentos dólares por desfazer-se de sua virgindade. O que se reduzia a menos de um dólar por ano. Que roubo.

Phury estava meio morto enquanto se levantava.

— Está bem.

Enquanto seguia à prostituta à zona posterior da área VIP, teve o vago pensamento de que em um universo paralelo estaria fazendo isto pela primeira vez com alguém que amasse. Ou com alguém a quem apreciasse. Ou ao menos conhecesse. Não seria por um par de centenas dólares e em um quarto público.

Infelizmente, estava onde estava.

A mulher abriu uma lustrosa porta negra e entrou atrás dela. Quando os encerrou dentro a música techno se atenuou um pouco.

Ao lhe oferecer o dinheiro se sentia nervoso como o inferno.

Ela sorriu quando o aceitou.

— Com você não vou lamentar isto em absoluto. Deus, que cabelo. São apliques?

Negou com a cabeça.

Quando alargou a mão para seu cinto foi para trás em um ato reflexo e tropeçou na maldita porta.

— Sinto muito — disse.

Lhe deu um olhar sentido.

— Nenhum problema. É sua primeira vez com alguém como eu?

Tenta com qualquer pessoa e acerta.

— Sim.

— Bem, vou cuidar muito bem de você. — aproximou-se e seus grandes seios se impuseram sobre seu ventre. Olhou para baixo, à cabeça dela. Na parte superior se notavam as raízes escuras.

— É muito grande — murmurou, colocando uma mão em sua cintura e puxando ele para frente.

Seguiu-a com a graça de um robô, completamente paralisado e incapaz de acreditar que ia fazer isto. Mas realmente, de que outra forma poderia acontecer?

Colocou-se contra o lavabo e com um ensaiado salto, rapidamente subiu sobre a bancada. Quando abriu as pernas, a saia se elevou. Tinha ligas negras adornadas com encaixe. Não usava meias.

— Nada de beijos, certamente — murmurou, lhe baixando o zíper — Na boca, quero dizer.

Sentiu o ar fresco deslizando para dentro. Logo, ela colocou a mão em suas bóxers, estremeceu quando pegou seu pênis.

Isto era para o que tinha vindo, lembrou-se. Isto era o que tinha comprado e pelo que tinha pago. Podia fazê-lo.

Era hora de seguir adiante. Longe de Bela. Longe do celibato.

— Relaxe, amor — disse a mulher com voz aguda — Sua esposa nunca saberá. Meu baton é a prova de manchas durante dezoito horas e não uso perfume. Então tão somente desfruta.

Phury engoliu em seco. Posso fazê-lo.

Quando John saiu do BMW azul escuro, vestia um notável par de calças negras novas, uma camisa de seda negra e uma jaqueta, com corte de blazer, cor nata. Não era sua roupa. Como o carro que os tinha conduzido, tanto a ele como a Qhuinn até o centro da cidade, eram de Blay.

— Estamos absolutamente preparados para isto — disse Qhuinn enquanto caminhavam através do estacionamento.

John deu uma olhada para o lugar onde tinha matado aqueles lessers. Lembrou o poder que havia sentido, a convicção de que era um lutador, um guerreiro... um irmão. Tudo tinha ido agora, como se nesse momento, algo mais tivesse estado funcionando dentro dele, como se tivesse estado posuído ou algo assim. Agora, enquanto caminhava com seus amigos, sentia-se como um monte de nada especial, envolto nos fantásticos enredos de seus amigos, seu corpo como uma bolsa de água que chapinhava a seu redor com cada passo que dava.

Quando chegaram ao ZeroSum, John se dirigiu para a parte de atrás da fila, mas Qhuinn o fez girar fazendo que se detivesse.

— Temos entrada livre, lembra?

Seguro como o inferno que a tinham. No instante em que Qhuinn deixou sair o nome de Xhex, o pedaço de montanha que estava na porta prestou toda sua atenção e falou pelo fone. Uma fração de segundo mais tarde foi para um lado.

— Quer vocês na parte de tras, na sala VIP. Sabem o caminho?

— Sim. Claro — disse Qhuinn enquanto dava um apertão nas mãos do tipo.

O gorila colocou algo no bolso.

—Se voltar por aqui outra vez, deixarei-lhe passar diretamente.

—Obrigado, homem. —Qhuinn deu tapinhas no ombro do sujeito e desapareceu dentro do clube, tranqüilo como se nada tivesse acontecido.

John o seguiu, sem sequer tentar imitar o reboado de Qhuinn ao caminhar. O que era algo bom. Enquanto se dirigia para a porta, pisou em falso, virou o tornozelo, e caiu para trás lutando por manter-se na posição vertical, bateu em um cara que estava na fila para entrar. O homem, que estava de costas para a porta por que estava seduzindo uma garota, virou-se irritado.

—Que car... —o homem congelou quando viu John, os olhos abrindo-se desmesuradamente—. Ah, sim... é minha culpa. Sinto muito.

John vacilou ante a reação até que sentiu a mão do Blay pousar em sua nuca.

—Venha, John. Vamos.

John deixou que o conduzisse para dentro, preparando-se para o ataque de vibração do clube, preparado para ser esmagado pelas pessoas. Era divertido, pensou. Enquanto olhava ao seu redor, tudo parecia menos entristecedor. Mas bom, estava olhando à multidão desde sua vantajosa posição de um metro e oitenta e sete de altura.

Qhuinn olhou ao seu redor.

—À parte de trás. Onde demônios está a parte de trás?

—Pensei que você sabia —disse Blay.

—Não. É que não queria ficar como cara de idiota... espera, acredito que temos um ganhador. —Fez um gesto com a cabeça para uma área separada por meio de uma corda que tinha dois homens enormes de pé diante dela— Isso grita VIP. Senhoras, vamos?

Qhuinn se aproximou como se soubesse exatamente o que estava fazendo, disse duas palavras ao gorila e que tal, a corda caiu e os três foram para dentro.

Bom, Blay e Qhuinn desfilaram. John tentava não chocar-se contra ninguém. Teve sorte de que o homem da porta fosse menor. Da próxima vez provavelmente as arrumaria por aterrissar sobre um capanga. Que estivesse armado.

A seção VIP tinha um balcão de bar privado e as garçonetes estavam vestidas como strippers de primeira classe, mostrando muita pele enquanto se moviam sobre saltos muito altos. Os clientes masculinos iam todos bem trajados, as mulheres com pedacinhos caros de não muito mais. Era uma multidão sólida e chamativa... que fazia com que John se sentisse como um idiota total.

Havia banquetas de ambos os lados da sala, três das quais estavam vazias e Qhuinn escolheu a que estava mais atrás, em um canto.

—Esta é o melhor —declarou— Ao lado da saída de emergência. Nas sombras.

Havia dois copos de Martini sobre a mesa, mas se sentaram de toda forma e uma garçoneite veio para limpar a mesa. Blay e Qhuinn pediram cerveja. John passou, pensando que tinha que permanecer calmo essa noite.

Tinham estado refrescando-se durante não mais de cinco minutos, Blay e Qhuinn logo que tinham começado a tomar suas cervejas, quando escutaram uma voz feminina dizer:

—Hey, meninos.

Os três olharam para a loira Mulher Maravilha que estava de pé diante deles. Era irresistível de uma forma muito ao estilo da Pam Anderson, mais carne que qualquer outra coisa.

—Hei, neném —disse Qhuinn arrastando as palavras— Como se chama?

—Sou Sweet Charity⁴⁰.

⁴⁰ Sweet Charity significa doce caridade...

. —Pôs ambas as mãos sobre a mesa e se inclinou, mostrando os perfeitos seios, a pele bronzeada artificialmente e os brilhantes e branqueados dentes— Quer saber por que?

—Tanto como quero seguir respirando.

Inclinou-se um pouco mais.

—Porque tenho um sabor delicioso e sou generosa.

O tenso sorriso do Qhuinn era totalmente sexual.

—Então vêem e sente-se junto a mim...

—Meninos —lhes chegou uma voz profunda.

OH, Jesus. Um tipo enorme se aproximou da mesa e John pensou que isso não era bom. Com um lindo traje negro, um par de olhos como duras ametistas e o cabelo cortado ao estilo mohawk, parecia um valentão e com um cavalheiro ao mesmo tempo.

Bem, era um vampiro, pensou John. Não estava certo de como sabia exatamente, mas estava certo disso e não só devido a seu grande tamanho. O homem emitia a mesma vibração que os irmãos. Poder controlado com um seguro tão fino como um cabelo.

—Charity, se não se importa em ir a outro lugar, compreende-me? —disse o macho.

A loira pareceu um pouco desiludida enquanto se separava de Qhuinn... que se via irritado. Exceto que, assim mesmo se afastou e... bom, merda, fez a mesma rotina duas mesas mais à frente.

Quando a expressão do Qhuinn perdeu um pouco a dureza, o macho com o mohawk se inclinou e lhe disse:

—Sim, não estava sozinho depois do prazer de sua companhia, grande homem. É uma profissional. A maior parte das mulheres que vê passeando pelos arredores desta seção o são. Por isso a não ser que queira pagar por isso, sai à área de acesso livre, pegue umas quantas e as traz aqui, o que parece? —o homem riu, mostrando um par enorme de presas— A propósito, sou o dono deste lugar, então enquanto estejam aqui, sou responsável por seus traseiros, deixem meu trabalho fácil e se mantenha em forma. —antes de se virar para partir, olhou para John— Zsadist disse que mandasse lembranças.

Dizendo isto partiu, examinando cada coisa e a todo mundo em seu caminho para uma porta sem letreiro que havia na parte de atrás.

John se perguntou como era que o homem conhecia Z e calculou que sem importar a conexão, esse tipo do mohawk de bolas de aço era definitivamente alguém que queria de seu lado.

De outra forma poderia querer ter um traje de kevlar.

Ou melhor ainda, abandonar o país.

—Bem —disse Qhuinn— Esse é um dado importante. Merda.

—Hum, sim. —Blay se mexeu no assento enquanto outra loira passeava por diante— Então... hum, quer ir à pista?

—Blay, pequena puta. —Qhuinn se apressou a levantar-se— Certamente que sim. John...

Ficarei aqui, disse por gestos. Já sabe, para guardar nossa mesa.

Qhuinn bateu em seu ombro.

—Bem. Traremos algo do bufê para você.

John negou freneticamente com a cabeça, mas seus amigos simplesmente se viraram e se foram. OH, Deus. Deveria haver ficado em casa. Realmente, desejava evitar isto.

Quando uma morena passou dançando baixou os olhos rapidamente, mas ela não se deteve, e tampouco o fez nenhuma das outras... como se o dono houvesse dito a todas as mulheres que os deixassem em paz. O que era um alívio. Por que essa morena? Parecia que podia comer um homem vivo e não necessariamente de um bom modo.

Cruzando os braços sobre o peito, John se reclinou sobre o assento de couro e manteve os olhos sobre as cervejas. Podia sentir às pessoas olhando-o fixamente... e sem dúvida se perguntavam que diabos estava fazendo ali. O que tinha sentido. Não era como Blay e Qhuinn e não podia aparentar sê-lo. Toda a música, a bebida e o sexo não o estimulavam; faziam que quisesse desaparecer.

Estava pensando seriamente em desistir quando uma rajada de calor o bateu, saída de nenhuma parte. Olhou para o teto, perguntando-se se estava sentado sob um ralo de ventilação e a calefação que acabasse de ligar.

Não.

Deu uma olhada ao seu redor...

OH, merda. A chefe de segurança estava atravessando o cordão aveludado da seção VIP.

Quando as tênues luzes que estavam sobre sua cabeça a iluminaram, John engoliu com força. Usava o mesmo traje de antes, uma camiseta regata que mostrava os músculos de seus poderosos braços e um par de calças de couro que se apertavam sobre seus quadris e longas coxas. cortou o cabelo desde a última vez que a tinha visto, o corte reluzindo em forma de escova.

No instante em que seus olhos se encontraram afastou o olhar, com o rosto da cor de um carro de bombeiros. Em um momento de pânico se convenceu de que fosse o que tinha feito, mais cedo essa tarde, enquanto pensava nela. Ele ... gozou enquanto a tinha em mente.

Maldita seja, sentia não ter uma bebida para brincar com ela. E um saco frio para as bochechas.

Pegou a cerveja de Blay e tomou um gole quando sentiu que vinha em sua direção. Homem, não podia decidir se seria pior que se detivesse. Ou que não se detivesse.

— Voltou, mas parecendo diferente. — Sua voz era baixa, como um fogo reprimido. E fez que seu rubor piorasse.

— Felicidades.

Esclareceu a garganta. O que era estúpido. Como se pudesse falar.

Sentindo um idiota, articulou a palavra:

Obrigado.

— Seus amigos foram a pesca?

Assentiu e tomou outro gole de cerveja.

— Entretanto, você não. Ou lhe trarão algo? — a assombrosa voz era sexo puro, fazia que lhe formigasse o corpo... e que seu pênis se endurecesse— Bem, em caso de não saber, os banheiros que estão ali atrás têm espaço de sobra e privacidade extra. — pôs-se a rir um pouco, como se soubesse que estava excitado— Divirta-se com as garotas, mas se mantem controlado. Assim não terá que tratar comigo.

Afastou-se e a seu caminho a multidão se abria para deixá-la passar, homens grandes como jogadores de futebol se separavam de seu caminho. Enquanto John a observava partir, sentiu uma aguda tensão na frente de sua calça e olhou para baixo. Estava duro como uma pedra. Grosso como seu condenado antebraço. E enquanto se removia no assento, a fricção fez que se mordesse o lábio inferior.

Pôs a mão debaixo da mesa com a intenção de mover um pouco as coisas ali em baixo para conseguir um pouco mais de espaço atrás do zíper... mas no instante em que entrou em contato com sua ereção, a imagem daquela segurança apareceu em sua mente e quase perdeu o controle. Afastou a palma tão rapidamente que bateu com a parte inferior da mesa.

John virou os quadris, procurando alívio, mas provocando que o ardor fosse pior. Estava inquieto e insatisfeito, seu humor rapidamente adotando um fio perigoso. Pensou na liberação que se deu a si mesmo na cama e decidiu que lhe viria bem outra. Nesse momento.

Como nesse preciso momento, antes que gozasse ali mesmo.

Merda, talvez poderia encarregar-se de si mesmo aqui. Com o cenho franzido, olhou para o corredor que desaparecia na parte posterior do lugar e que tinha portas dos dois lados.

Uma das quais se abriu.

Uma pequena mulher ruiva que parecia uma profissional saiu arrumando o cabelo e reorganizando seu vestido de cor rosa brilhante. Bem atrás dela vinha... Phury?

Sim, definitivamente era ele, e estava colocando a camisa dentro da cintura das calças. Nenhum dos dois dirigiu a palavra ao outro. A mulher foi para a esquerda e começou a falar com um grupo de homens, o irmão seguiu caminhando para frente, como se fosse para a saída.

Quando Phury elevou a vista, John travou o olhar com a dele, depois de um momento embaraçoso o guerreiro levantou a mão a modo de saudação e, depois se decidiu por uma das portas laterais, desaparecendo do lado de fora. John tomou um pouco mais de cerveja, completamente sobressaltado. Seguro como o inferno que a mulher não tinha estado no banheiro com o homem lhe dando uma massagem nas costas. Deus, supunha-se que era celi....

— E este é John.

John virou a cabeça. Uou. Blay e Qhuinn tinham encontrado ouro. As três mulheres humanas que estavam com eles eram todas muito bonitas e em sua maior parte estavam despidas.

Qhuinn apontou para cada uma delas.

— Esta é Brianna, CiCi e Liz. Moças, este é nosso homem, John. Usa a linguagem de sinais para falar, por isso nós faremos a tradução.

John terminou a cerveja de Blay, sentindo-se como um idiota quando a barreira da comunicação levantou sua feia cabeça outra vez. Estava pensando como expressar seu discurso de eu-me-vou-daqui quando uma das garotas se sentou junto a ele, apanhando-o na banqueta.

Aproximou-se uma garçonete e tomou os pedidos, depois que se foi começou todo o falatório e as risadinhas tolas, os tons agudos das garotas se mesclavam com a voz profunda de Qhuinn e a risada tímida e grave de Blay. John manteve os olhos baixos.

— Deus, é muito atraente — disse uma das moças — É modelo?

A conversação se deteve bruscamente.

Qhuinn bateu com os nódulos sobre a mesa diante de John.

— Hey, J. Esta está falando com você.

John levantou a cabeça confuso, encontrando os olhos de distinta cor de seu amigo. Qhuinn cabeceou de forma significativa para a moça que estava ao lado de John, logo aumentou os olhos, como dizendo: poderia se colocar no assunto aqui, colega?

John fez uma inspiração profunda e deu uma olhada para sua esquerda. A moça o estava olhando com... merda, absoluta devoção, como deslumbrada pelas estrelas.

— Porque é, então, tão bonito — disse.

Cristo santo, o que ia fazer com isto?

Enquanto o sangue lhe golpeava o rosto e lhe esticava o corpo, rapidamente fez gestos a Qhuinn.

Vou pedir ao Fritz que me pegue. Tenho que ir.

John desceu apressadamente da banqueta, meio pisoteando à moça que estava sentada a seu lado. Não podia esperar para chegar em casa.

CAPÍTULO 38

Quando o despertador de Jane soou às cinco da manhã, teve que bater o botão de repetição. Duas vezes. Geralmente estava fora da cama e na ducha antes de saber que estava em pé, como se o pip-pip-pip não servisse para despertá-la se não para lançá-la para fora da cama como uma torradeira. Hoje não. Hoje simplesmente permaneceu estendida sobre os travesseiros olhando fixamente o teto.

Deus, os sonhos que tinha tido durante a noite... sonhos daquele amante fantasma vindo e tomando-a, montando-a com dureza. Ainda podia senti-lo sobre ela, dentro dela.

Basta de pensar, quanto mais pensava em tudo isto, mais lhe doía o peito então com um esforço hercúleo desviou sua atenção ao trabalho. O que, é obvio, só conseguiu que se enredasse com o assunto de Manello. Não podia acreditar que a tivesse beijado, mas o tinha feito... lhe tinha dado um beijo bem na boca. E como, no fundo da mente, sempre tinha se perguntado como se sentiria, não o tinha afastado. Então ela a tinha beijado outra vez.

Foi bom, o que não era uma surpresa. O que foram notícias de último momento foi o fato de que havia se sentido mau. Como se estivesse sendo infiel a alguém.

O condenado alarme soou outra vez, e soltou uma maldição enquanto o desligava com a mão. Demônios, estava cansada, embora acreditasse que havia se deitado cedo. Pelo menos, assumia que tinha sido cedo, embora não estivesse exatamente segura de quando Manny se foi. Lembrava que a tinha ajudado a subir a seu quarto e que a tinha acomodado na cama, mas tinha a cabeça tão confusa que não podia lembrar a que hora tinha sido nem quanto tempo tinha demorado para dormir.

Não importava.

Afastando as mantas, dirigiu-se ao banheiro e acionou a ducha. Enquanto o vapor subia e empanava o ar, fechou a porta do banheiro, tirou a camiseta, e...

Jane franziu o cenho quando uma sensação de umidade deslizou entre suas pernas. Fazendo uma rápida recontagem dos dias, imaginou que seu período devia haver se adiantado...

Não era seu período. Tinha tido relações sexuais.

O frio da comoção substituiu o calor do vapor. Ah, Deus... o que tinha feito. O que tinha feito?

Jane se virou, mesmo embora não tinha lugar aonde ir... só se levou a mão à boca.

Escritas no espelho, reveladas pelo vapor, estavam as palavras: Amo você, Jane.

Cambaleou para trás até que se chocou com a porta.

Merda. Tinha dormido com o Manny Manello. E não Lembrava nada.

Phury tomou assento no escritório de Wrath, desta vez na delicada cadeira azul pálido que estava ao lado da chaminé. Ainda tinha o cabelo molhado pela ducha, e um café na mão.

Precisava de um néscio.

Enquanto o resto da Irmandade se acomodava, olhou ao Wrath.

—Importa-se se eu acender um cigarro?

O Rei sacudiu a cabeça.

—Consideraria um serviço à comunidade. Todos poderíamos utilizar o contato elevado hoje.

Deus, se isso não era verdade. Todos estavam fora de si. Zsadist se via nervoso apoiado nas estantes. Butch estava distraído com o computador no colo. Wrath parecia exausto depois de uma montanha de papelada. Rhage estava passeando, incapaz de sentar... um sinal claro de que não tinha encontrado briga durante as horas noturnas.

E Vishous... V era o pior de todos. Estava perto da porta, olhando fixamente o vazio. Se antes era frio, agora estava glacial, um ralo na sala. Merda, estava gravemente sério, mais ainda que a noite anterior.

Enquanto Phury acendia, pensou em Jane e V e ociosamente se perguntou como teria sido o sexo entre eles. imaginava que, embora fosse certo que tinham tido abundantes sessões violentas, também teriam havido encantadores momentos de comunhão.

Sim, nada parecido ao que ele tinha tido naquele banheiro. Com aquela prostituta.

Passou a mão livre pelo cabelo. Era ainda virgem mesmo tendo estado dentro de uma fêmea, mas sem haver gozado? Não estava certo. De qualquer maneira, não ia perguntar isso a ninguém. Tudo era simplesmente muito sórdido.

Homem, tinha tido esperanças que estar com alguém o ajudasse a continuar seu caminho, mas não tinha sido assim. sentia-se ainda mais preso, especialmente porque a primeira coisa que tinha feito quando entrou pela porta da mansão tinha sido pensar em Bela: tinha rezado para que não o pegasse a voltar e cheirando a essa humana.

Evidentemente, pôr distância ia requerer algo mais.

A menos que... maldição, possivelmente simplesmente requeria a si mesmo. Provavelmente devia mudar da casa.

—Começamos —disse Wrath, convocando a reunião. Em rápida sucessão revisou alguns assuntos concernentes a glymera; depois Rhage, Butch e Z informaram dos acontecimentos no campo. O que não foi muito. Ultimamente os assassinos tinham estado relativamente tranquilos, provavelmente porque o Fore-lesser tinha sido assassinado pelo poli fazia apenas duas semanas. Isto era típico. Qualquer mudanças na liderança da Lessening tinha geralmente como resultado algum tempo de inatividade na guerra, embora nunca durasse muito.

Enquanto Phury acendia seu segundo néscio, Wrath esclareceu a garganta.

—Agora... sobre a cerimônia do Primale.

Phury inalou forte quando V elevou os diamantinos olhos. Maldição... o macho parecia ter envelhecido cento e cinquenta anos na semana passada, tinha a pele cítrica, as sobrancelhas caídas, os lábios apertados. Nunca tinha sido a alma da festa para começar, mas agora tinha aspecto gasto como o toque de defuntos.

—O que aconteceu —disse V.

—Eu estarei lá. —Wrath olhou a seu redor— Phury, você também. Iremos esta noite a meia-noite, OK?

Phury assentiu, logo se animou, porque pareceu que Vishous ia dizer algo. O corpo do irmão se esticou, seus olhos se acenderam, a mandíbula se moveu... mas então nada saiu de sua boca.

Phury exalou uma baforada de fumaça e apagou o néscio em um cinzeiro de cristal. Era brutal ver seu irmão sangrar, saber que sofria enquanto você não podia fazer nada...

Ficou gelado, uma calma misteriosa se apoderou dele, uma que não tinha nada que ver com a fumaça vermelha.

—Cristo em uma muleta —disse Wrath, esfregando os olhos— Fora daqui, todos vocês. Vão relaxar . Todos estamos perdendo a perspectiva...

Phury disse em voz alta:

—Vishous, se não fosse pela merda do Primale, estaria com Jane, não?

Os olhos diamantinos de V se voltaram para ele e os entreceitou até formar frestas.

—Que merda tem isso que ver com tudo?

—Estaria com ela —Phury olhou ao Wrath— E você permitiria, correto? Quero dizer, sei que é humana, mas permitiu que Mary viesse...

V o cortou, com a voz tão dura como seus olhos, como se não pudesse acreditar que Phury fosse tão sem consideração.

—Não há forma de fazê-lo funcionar. Então simplesmente deixa estar. Foda-se.

—Mas... há.

Os olhos do Vishous cintilaram com uma violenta cor branca.

—Não se ofenda, mas estou no limite de meus nervos. Dar marcha ré seria um plano realmente bom para você neste instante.

Rhage se moveu imediatamente em volta de V, enquanto Zsadist foi colocar-se ao lado de Phury.

Wrath ficou de pé.

—Que tal se deixarmos o assunto.

—Não, me escutem —Phury se levantou da cadeira— A Virgem Escriba quer um macho da Irmandade, correto? Com fins de criação, correto? Por que tem que ser você?

—Quem mais poderia ser? —grunhiu V enquanto se inclinava assumindo uma posição de ataque.

—Por que não... eu?

No silêncio que seguiu, uma granada poderia ter deslizado sob o escritório do Wrath e ninguém teria notado: a Irmandade simplesmente o olhava como se lhe tivessem saído chifres.

—Bom, por que não posso ser eu? Ela só precisa do DNA, certo? Então qualquer que seja o irmão deveria poder fazê-lo. Minha linhagem é forte. Meu sangue é bom. Por que não posso ser eu?

Zsadist exalou:

—Jesus... Cristo.

—Não há razão para que não possa ser o Primale.

A agressividade de V desapareceu deixando-o com uma expressão como se alguém o tivesse batido com uma frigideira na parte de trás da cabeça.

—Por que faria isso?

—É meu irmão. Se posso arrumar o que está errado, por que não fazê-lo? Não há nenhuma fêmea que queira. —Quando lhe fechou a garganta, a massageou— É o filho da Virgem Escriba, correto? Então poderia lhe sugerir a mudança. A qualquer outro provavelmente mataria, mas não a você. Merda, possivelmente só teria que informá-la —deixou cair a mão— E poderia lhe assegurar que eu serei melhor para isso, porque não estou apaixonado por ninguém.

Os olhos de diamante de V não se separavam do rosto de Phury.

—Estaria errado.

—Todo o assunto está errado. Mas isso não é relevante, verdade? —Phury lançou um olhar para o delicado escritório francês, encontrando os olhos de seu Rei — Wrath, você o que diz?

—Porra. —foi a réplica.

—Uma escolha apropriada de palavras, Senhor, mas não é realmente uma resposta.

A voz de Wrath se voltou baixa, realmente baixa.

—Não pode falar sério...

—Tenho um par de séculos de celibato que compensar. Que melhor maneira de me desferrar? —foi dito como uma brincadeira, mas ninguém riu— Vamos, quem mais poderia fazê-lo? Todos estão tomados. O único outro possível candidato seria John Matthew, por ser da linha de Darius, mas John não é membro da Irmandade, e quem sabe se o será jamais.

—Não. —Zsadist sacudiu a cabeça— Não... isto o matará.

—Possivelmente se foder a morte, sim. Mas além disso, estarei bem.

—Nunca terá uma vida se fizer isto.

—É obvio que a terei. —Phury sabia exatamente o que Z estava insinuando então deliberadamente desviou sua atenção de volta ao Wrath— Permitirá que V tenha Jane, não é assim? Se fizer isto, permitirá que estejam juntos.

Isso não foi adequado, é obvio. Porque você não dava uma ordem ao Rei, tanto por tradição como por lei... e também porque chutaria seu traseiro através de todo o estado de Nova Iorque. Mas nesse momento Phury não estava muito preocupado com o protocolo.

Wrath colocou a mão sob os óculos de sol e esfregou os olhos cansativamente. Logo deixou sair um longo suspiro.

—Se alguém pode dirigir os riscos de segurança inerentes a uma relação com um humano, é V. Então... sim, que me pendurem, mas o permitiria.

—Então me permitirá o substituir. E ele ira a ver a Virgem Escriba.

O relógio de pé no canto do escritório começou a soar, as firmes badaladas eram como os batimentos do coração. Quando deixou de soar, todos olharam a Wrath.

Depois de um momento o Rei disse:

—Que assim seja.

Zsadist amaldiçoou. Butch assobiou baixo. Rhage mordeu um pirulito.

—Então tudo está bem —disse Phury.

Santa merda, o que acabo de fazer?

Aparentemente, todo mundo pensava o mesmo, porque ninguém se moveu nem disse uma palavra.

Vishous foi o que rompeu o ponto morto... atravessou o estudo em uma carreira mortal. Phury não soube o que o bateu. Um segundo estava a ponto de acender outro néscio; no seguinte, V cruzava o escritório, lançava um par de robustos braços ao redor dele, e lhe tirava a respiração de um apertão.

—Obrigado —disse Vishous roucamente— Obrigado. Mesmo que ela não o permita, obrigado, irmão.

CAPÍTULO 39

—Jane, está me evitando.

Jane levantou a vista do computador. Manello estava plantado diante de seu escritório como um muro, as mãos nos quadris, olhos entrecerrados, nada a não ser um completo não —vai-a-nenhum-lugar. Amigo, o escritório era de um tamanho bastante considerável, mas a fazia parecer estreita como uma carteira.

—Não o estou evitando. Estou me pondo em dia por ter estado fora todo o fim de semana.

—Estupidez. —Cruzou os braços sobre o peito— São quatro da tarde, e a esta hora normalmente teríamos feito juntos ao menos duas refeições. O que aconteceu?

Reclinou-se na cadeira. Mentir não era algo que alguma vez tivesse feito bem, mas era uma habilidade que estava sem dúvida tratando de desenvolver.

—Ainda me sinto mal, Manello, e estou até as sobrelhas de trabalho. —Certo, nada disso era mentira. Mas só o disse para camuflar a omissão que estava fazendo.

Houve uma longa pausa.

—É pelo que houve ontem à noite?

Com uma careta, deu um último suspiro.

—É, escuta, sobre isso. Manny... sinto muito. Não posso fazer nada assim com você outra vez. Acredito que é ótimo, realmente acredito. Mas eu... —deixou a frase sem acabar. Teve o

impulso de dizer algo então como que estava apaixonada por alguém mais, mas isso era absurdo. Não havia ninguém.

—É pelo departamento? —disse.

Não, é só que de alguma forma não lhe parecia correto.

—Sabe que não é apropriado, embora o mantenhamos em segredo.

—E se vai? Então o que?

Negou com a cabeça.

—Não. É só... não posso. Não deveria haver deitado com você ontem à noite.

Elevou as sobrancelhas de repente.

—Perdão?

—Só que não acredito...

—Espera um minuto. De onde demônios tirou a idéia de que dormimos juntos?

—Eu... eu era obvio que o fizemos.

—Beijei você. Foi embaraçoso. Parti. Sem sexo. O que a fez pensar que houve?

Jesus Cristo... Jane agitou uma mão trêmula.

—Os sonhos, acredito. Realmente sonhos muito vívidos. Humm... Quer me perdoar?

—Jane, que demônios está acontecendo? —deu a volta ao escritório— Parece aterrorizada.

Quando o olhou fixamente, soube que em seus olhos havia medo desesperado, mas não podia silenciá-lo.

—Acredito... acredito que dentro de que é possível tenha perdido o juízo. Falo sério, Manny. Estamos falando de esquizofrenia. Alucinações e realidade distorcida e... lapsos de memória.

Embora o fato de que tivesse tido relações sexuais durante a noite não era uma invenção de sua imaginação. Merda... ou o tinha sido?

Manny se inclinou pondo as mãos sobre seus ombros. Em voz baixa disse:

—Encontraremos a alguém para que a veja. Resolveremos isso.

—Estou assustada.

Manny tomou as mãos, levantando-a e estreitando-a fortemente contra ele.

—Estou aqui com você.

Quando o abraçou fortemente em resposta, disse:

—Seria um bom homem para amar, Manello. Realmente seria.

—Sei.

Riu um pouco, o afogado som se perdeu na curva de seu pescoço.

—Arrogante.

—Queria dizer sincero.

Afastou-a e pôs a mão no rosto, com uma expressão solene nos profundos olhos marrons.

—Mata-me dizer isto... mas não a quero no sala de cirurgia, Jane. Não enquanto não tenha a cabeça em seu lugar.

Seu primeiro instinto foi brigar, mas logo exalou:

—O que diremos às pessoas?

—Depende de quanto tempo dure, por agora, tem gripe. —Colocou-lhe uma mecha de cabelo detrás da orelha. Vai falar com um amigo meu que é psiquiatra. Está fora na Califórnia, então ninguém saberá, vou chamá-lo agora. Também vou programar você para um checkup completo. Faremos fora de seus horários no outro lado da cidade no Imaging Associates. Ninguém saberá.

Quando Manello se virou para ir havia angustia em seus olhos, e enquanto pensava sobre a situação, uma estranha lembrança lhe passou pela cabeça.

Três ou quatro invernos atrás uma noite tinha saído tarde do hospital, sentindo-se inquieta. Algo, algum tipo de instinto visceral, disse-lhe de ficasse e dormisse no sofá do escritório, mas o atribuiu ao feito de que o tempo estava feio. Graças a uma cortante e gélida chuva que tinha caído durante horas, Caldwell estava mais ou menos como uma pista de patinação. por que queria alguém sair com esse tempo?

Entretanto, a persistente sensação não se deteve. Todo o caminho para o estacionamento, esteve brigando contra a voz em sua cabeça até que finalmente, quando pôs a chave no direção, teve uma visão. A maldita coisa foi tão clara que era como se o acontecimento já tivesse ocorrido e estivesse em sua memória. Viu suas mãos segurando o volante enquanto um par de faróis dianteiros penetravam diretamente pelo pára-brisa. Sentiu a aguda dor do impacto, o desagradável efeito da cambalhota enquanto seu carro se sacudia daqui para lá, o ardor em seus pulmões enquanto gritava.

Devagar mas decidida, incorporou-se lentamente na gélida chuva. Falando de condução defensiva. Considerava os outros carros como uma ameaça em potencial, e teria usado as calçadas em vez das estradas se tivesse podido.

A meio caminho de casa se deteve em um semáforo, rezando por que ninguém batesse nela.

Entretanto, como se tivesse sido destinado, um carro se aproximou por trás, perdeu a tração, e começou uma grande derrapada. Pegou o volante e elevou o olhar para o espelho retrovisor... e viu como os faróis vinham para ela.

O carro a esquivou completamente.

Depois de assegurar-se de que ninguém estava ferido, Jane tinha rido interiormente, tinha respirado profundamente, e tinha dirigido até sua casa. Com o passar do caminho, tinha refletido como o cérebro extrapolava o entorno e tirava conclusões precipitadas, como os fortes pensamentos e medos podiam ser confundidos por algum tipo de habilidade profética, como as reportagens de notícias sobre más estradas podiam filtrar-se e conduzir a...

A caminhonete do encanador se estrelou frontalmente com ela a umas três milhas de sua casa. Enquanto tinha girado a esquina para encontrar esses faróis no caminho, seu único pensamento tinha sido, bom, merda, tinha tido razão depois de tudo. Tinha terminado com uma clavícula quebrada e um carro com sinistro total. O encanador e sua caminhonete estavam bem, graças a Deus, mas tinha estado fora da sala de cirurgia durante semanas.

Então... enquanto observava Manello sair de seu escritório, sabia o que ia ocorrer, e a claridade disso era pelo estilo dessa visão do acidente. Tão imutável como a cor de seus olhos. Tão inegável como o passado do tempo. Tão imparável como a caminhonete de um encanador patinando sobre o gelo do asfalto.

—Minha carreira está acabada — sussurrou com voz inerte — Estou acabada.

Vishous se ajoelhou na cama, colocou um colar de pérolas negras ao redor do pescoço, e fechou os olhos. Enquanto alcançava o Outro Lado com a mente, deliberadamente pensou em Jane. A Virgem Escriba podia muito bem saber desde o começo que demônios ia acontecer.

Passou um momento antes de obter uma resposta de sua mãe, mas logo estava viajando através da antimateria para o reino intemporal, tomando forma no branco jardim.

A Virgem Escriba estava de pé atrás de sua árvore de pássaros, e um deles, uma espécie de pinzón melocotonero, estava pousado em sua mão. Quando o capuz de sua túnica negra caiu, V pôde ver o rosto fantasmal, e se assombrou da adoração com a que olhava à pequena criatura em sua incandescente mão tanto amor, pensou.

Nunca teria suposto que o tivesse.

Ela falou primeiro.

—É obvio que amo a meus pássaros. São minha distração quando estou agitada, minha maior alegria quando estou de bom humor. O doce som de suas canções me levanta o ânimo como nada mais o faz. —Olhou sobre seu ombro— A humana cirurgiã, não?

—Sim —disse, dando de ombros.

Merda. Estava tão tranqüila. Tinha esperado cólera. Preparando-se para a batalha. Em lugar disso? Nada menos que calma.

O que era bom antes da tormenta, não?

A Virgem Escriba soprou sobre o pássaro, que lhe respondeu com um doce canto estendendo as asinhas, desfrutando.

—Posso assumir que se negar a substituição não levará a cabo a cerimônia?

Matou-lhe falar. Matou-lhe.

—Dei minha palavra. Então o farei.

—Sim? Surpreende-me.

A Virgem Escriba pôs em seu lugar o pássaro, assobiando um canto enquanto o fazia. Imaginou que se o som pudesse ser traduzido seria algo então como, amo você. O pássaro lhe respondeu do mesmo modo.

—Esses pássaros —disse sua mãe com uma estranha e distante voz— são verdadeiramente meu único prazer. Sabe por que?

—Não.

—Não pedem nada e dão muito.

Voltou-se para ele e com voz profunda lhe disse:

—Hoje é o dia de seu aniversário, Vishous, filho de Bloodletter. Seu sentido de oportunidade se cronometrou muito bem.

Humm, não realmente. Jesus, esqueceu-se que dia era.

—E em um dia como este faz trezentos e três anos o trazia para o mundo, encontro-me com humor para outorgar o favor que pede, então como o que até agora não foi formulado, e entretanto é tão evidente como uma lua que se eleva em um céu espaçoso.

A V brilharam os olhos. A esperança, uma emoção perigosa no melhor dos casos, acendeu-se no peito com uma pequena e cálida faísca. No entorno os pássaros gorjeavam e cantavam alegremente, como se antecipassem sua felicidade.

—Vishous, filho de Bloodletter, concederei a você as duas coisas que mais quer. Permitirei que seu irmão, Phury, substitua-o na cerimônia. Será um bom Primale, tenro e amável com as Escolhidas e ao mesmo tempo oferecerá uma boa linhagem à raça.

V fechou os olhos, o alívio o percorreu em uma onda tão grande que lhe agitou até os pés.

—Obrigado... —sussurrou, consciente de que lhe estava falando mais com mudança de curso que tinha tomado seu destino que a ela, embora ela fosse a condutora.

—Sua gratidão é apropriada. —A voz de sua mãe era completamente imparcial— E também estranha. Mas então, os presentes são como a beleza, não é então? Está no olho daquele que vê, não na mão de quem dá o presente. Aprendi isto agora.

V a olhou, tratando de não perder o eixo.

—Querera lutar. Meu irmão... querera lutar e viver no outro lado. —Porque de maneira nenhuma Phury seria capaz de dirigir o fato de não ver Bela de novo.

—E o permitirei. Ao menos até que as filas da Irmandade cresçam em numero.

A Virgem Escriba levantou as incandescentes mãos até o capuz da túnica e cobriu o rosto. Logo, silenciosamente, flutuou sobre o mármore por volta de uma pequena porta branca que sempre tinha pensado que era a entrada privada a seus quartos.

—Se não se ofender —lhe gritou— O segundo favor?

Deteve-se no pequeno portal. Sem olhá-lo no rosto, disse:

— Renuncio a você como meu filho. Está livre de mim e eu de você. Vive bem, guerreiro.

Atravessou a porta e o deixou de fora, fechando firmemente o painel, e logo pasando a chave. A sua partida os pássaros ficaram em silêncio, como se sua presença fosse o que lhes enfeitiçasse a cantar.

V permaneceu no pátio, ouvindo o suave tinido da cascata da fonte.

Tinha tido uma mãe durante seis dias.

Não podia dizer que teria saudades. Ou que estava contente por que lhe houvesse devolvido a vida. Depois de tudo, tinha sido a que tinha tentado tirar-lhe tudo.

Enquanto se desmaterializava para a mansão para informar os fatos, deu-se conta que embora sua mãe houvesse dito que não, teria escolhido Jane sobre a Virgem Escriba. Sem importar o que lhe custasse.

E a Virgem Escriba o tinha sabido todo o tempo. E era por isso pelo que tinha renunciado a ele.

De qualquer modo. Tudo o que lhe preocupava era chegar a Jane. As coisas estavam melhorando, mas ainda não estava fora de perigo. Podia, depois de tudo, dizer que não. Podia muito bem escolher a vida que conhecia em vez da perigosa meio existência com um vampiro.

Maldita seja, entretanto, queria que o escolhesse.

V estava tomando forma em seu quarto e pensando na forma que tinha estado com Jane a noite anterior... quando caiu na conta que tinha feito o imperdoável: Tinha gozdo dentro dela. Maldita seja. Tinha estado tão ensimesmado, que esqueceu que tinha deixado uma parte de si mesmo nela. Devia estar voltando-se louca neste momento.

Era um tremendo bastardo. Um bastardo irrefletido e egoísta.

E realmente pensava que tinha algo a lhe oferecer?

CAPÍTULO 40

Ao cair a noite, Phury colocou as sedas brancas para a cerimônia do Primale. Não as sentia sobre a pele, e não porque fossem feitas de tecidos tão delicados. Tinha estado fumando néscios durante as últimas duas horas, então estava bastante intumescido.

Embora nem tanto, como para que quando batessem na porta, não soubesse exatamente quem era.

— Entre — disse, sem voltar-se do espelho de seu vestidor — O que está fazendo fora da cama?

Bela soltou uma risada. Ou possivelmente era um soluço.

— Uma hora ao dia, lembra? Ficam cinquenta e dois minutos.

Ele pegou o medalhão de ouro do Primale e o pôs ao redor do pescoço. O peso se assentava no peito como se alguém tivesse uma palma entre seu peito e se inclinasse para ele. Duramente.

— Está certo a respeito disto? — disse brandamente.

— Sim.

— Suponho que Z vai com você?

— É minha testemunha. — Phury esmagou o cigarro embalado à mão. Pegou outro. Acendeu-o.

— Quando voltará?

Sacudiu a cabeça enquanto exalava.

— O Primale vive do Outro Lado.

— Vishous não ia.

— Um acerto especial. Continuarei lutando, mas quero estar lá.

Quando ela ofegou, olhou fixamente seu reflexo no vidro do antigo espelho. Seu cabelo estava úmido e enredado nas pontas, então pegou uma escova e começou a pentear.

— Phury, que está... Não pode ir à cerimônia careca... Pare. Deus, vais arrancar o cabelo. — aproximou-se por trás, tomou a escova de sua mão, e indicou a cadeira perto da janela — Sente-se. Me deixe fazê-lo.

— Não, obrigado. Posso...

— É muito duro consigo mesmo. Agora vamos. — Deu-lhe um pequeno empurrão para a esquerda — Me deixe fazê-lo.

Sem nenhuma boa razão, e com muitas más, foi e se sentou, cruzando os braços sobre o peito e abraçando a si mesmo. Bela começou pela parte de baixo da juba, desenredando com a escova primeiro as pontas, logo subindo até que o sentiu no alto de sua cabeça e arrastando-se lentamente por todo o comprimento. Com a mão livre seguia as passadas, suavizando, apaziguando. O som das cerdas através de seu cabelo e o puxão em sua fronte e seu aroma no nariz eram prazeres agriçados que o deixavam indefeso.

As lágrimas lhe enredaram nas pestanas. Parecia tão cruel havê-la conhecido, ver o que queria mas nunca ser capaz de ter. Embora isso fosse adequado, na realidade. Sempre tinha vivido a vida com coisas fora de seu alcance. Primeiro tinha passado décadas procurando seu gêmeo, pressentindo que Zsadist estava vivo no mundo mas sendo incapaz de lhe resgatar. Logo tinha liberado seu irmão, somente para averiguar que o macho estava ainda longe de sua mão. O século que tinha seguido à fuga da Ama de Z tinha sido um tipo diferente de inferno, com ele sempre esperando que Z se desenquadrasse, intercedendo quando seu irmão precisava e preocupando-se a respeito de quando voltaria a começar o próximo capítulo do drama.

Então tinha chegado Bela e ambos se apaixonaram por ela.

Na realidade, Bela era a antiga tortura com uma nova aparência. Porque o seu era um destino de desejar, de estar fora olhando para dentro, de ver o fogo mas sem ser capaz de se aproximar suficiente para ser esquentado por ele.

— Voltará alguma vez? — perguntou.

— Não sei.

A escova se deteve.

— Possivelmente você goste dela.

— Possivelmente. Não pare ainda. Por favor... ainda não.

Phury esfregou os olhos enquanto a escova reatava as passadas. Este tranqüilo tempo era seu adeus, e ela sabia. Estava chorando também. Podia cheirar o afresco e chuvoso sotaque no ar.

Exceto que, não chorava pela mesma razão que ele. Chorava porque se compadecia de seu futuro, não porque o amasse e seu coração estivesse se quebrando ante o pensamento de que nunca, jamais voltaria a vê-lo. Sentiria falta dele, sim. Preocuparia-se com ele, certo. Mas não teria saudades. Nunca tinha feito.

E tudo isto deveria ter quebrado a cadeia e provocado que cortasse com a rotina de efeminado, mas não podia. Estava submerso em sua tristeza.

No Outro Lado, é óbvio, que veria Zsadist. Mas a ela... não podia imaginar indo vê-lo. E na realidade não seria apropriado, já que seria o Primale, e não se pareceria certo se concedesse audiências privadas a uma fêmea do exterior, embora fosse a shellan de seu gêmeo. A monogamia com sua Escolhida estava no contrato, pensou, e a aparência era um compromisso para o Primale.

Então se deu conta. O bebê. Nunca veria o pequeno de Z e ela. Exceto em retratos.

A escova se introduziu sob seu cabelo e percorreu sua nuca. Fechando os olhos, entregou-se ao ritmo de puxa e afrouxa em sua cabeça.

—Quero que se apaixone —disse.

Estou apaixonado.

— Está bem.

Deteve-se e se colocou diante dele.

—Quero que se apaixone por alguém real. Não como pensa que me ama.

Ele franziu o sobrecenho.

—Não se ofenda. Mas não pode saber o que eu...

—Phury, não me ama realmente...

Ficou de pé e a olhou aos olhos.

—Por favor, me dê o direito de não acreditar que conhece minhas emoções melhor que eu.

—Nunca estive com uma fêmea.

—Estive a noite passada.

Isto a calou durante um momento. Logo disse:

—Não no clube. Por favor, não...

—No banheiro. Foi bom, também. Por outro lado, era uma profissional. —Certo, agora estava sendo um idiota.

—Phury... não.

—Posso recuperar a escova? Acredito que meu cabelo está bom agora.

—Phury...

—A escova. Por favor.

Depois de um momento que foi tão longo como um século, estendeu-lhe a escova. Quando a alcançou e a pegou, estiveram ligados pelo cabo de madeira durante um mero fôlego, logo ela deixou cair a mão.

—Merece algo melhor que isso —sussurrou— É melhor que isso.

—Não. Não o sou. —Ah, homem, tinha que fugir de sua expressão de dor— Não deixe que você me converta em um príncipe, Bela.

—Isto é autodestrutivo. Tudo isto.

—Apenas. —inclinou-se para a mesa, pegou o nêscio e lhe deu uma imersão— Quero isto.

—Quer? E é por isso que estive acendendo fumaça vermelha toda a tarde? A mansão inteira cheira a isso.

—Fumo porque sou um viciado. Sou um drogado sem força de vontade, Bela, que estive com uma puta a noite passada em um lugar público. Deveria me condenar, não se compadecer.

Negou com a cabeça.

—Não tente parecer desagradável a meus olhos. Não funcionará. É um macho de valor...

—Merda, pelo amor de Deus...

—... que sacrificou muito por seus irmãos. Provavelmente muito.

—Bela, não continueu.

—Um macho que renunciou a sua perna para salvar seu gêmeo. Que lutou corajosamente por sua raça. Que está renunciando a seu futuro pela felicidade de seu irmão. Não pode ser muito mais nobre que isso. —Seus olhos eram duros como pedras enquanto o olhava fixamente— Não me diga quem é. Vejo-o mais claramente que você mesmo.

Passeou ao redor do quarto até que encontrou a si mesmo novamente frente ao vestidor. Esperava que não houvesse espelhos no Outro Lado. Odiava seu reflexo. Sempre o tinha feito.

—Phury...

—Vai —disse roucamente— Por favor, somente vai. —Quando não o fez, virou-se— Pelo amor de Deus, não me faça cair diante de você. Neste momento necessito do meu orgulho. É a única coisa que me mantém de pé.

Ela colocou uma mão sobre a boca e piscou rapidamente. Então se ergueu e falou na Antiga Língua:

—Que tenha uma grande fortuna, Phury, filho de Ahgony. Que seus pés sigam um atalho plano e que a noite caia brandamente sobre seus ombros.

Ele fez uma reverência.

—Também para você, Bela, amada nalla de meu irmão de sangue, Zsadist.

Quando a porta se fechou atrás dela, Phury se afundou na cama e levou o néscio aos lábios. Enquanto olhava o quarto no qual tinha dormido desde que a Irmandade se mudou para o Complexo, deu-se conta que não era um lar para ele. Era apenas um quarto de hóspedes... um luxuoso, anônimo quarto de hóspedes... quatro paredes cobertas por agradáveis pinturas a óleo com bons tapetes e cortinas suntuosas como o traje de festa de uma fêmea.

Seria agradável ter um lar.

Nunca tinha tido um. Depois que Zsadist tivesse sido seqüestrado quando menino, seu mahmen se encerrou clandestinamente, e seu pai foi caçar à babá que levou Z. Ao crescer, Phury tinha vivido entre as cambiantes e susurrantes sombras da casa. Todos, mesmo os doggen, deixaram-se levar pelos vaivéns da vida. Não tinha havido risadas. Nenhuma felicidade. Nenhum calendário de cerimônias.

Nenhum abraço.

Phury tinha aprendido a permanecer calado e permanecer fora do caminho. Era, depois de tudo, a coisa mais amável que podia fazer. Tinha sido a réplica do que tinham perdido, a lembrança da dor que estava na mente de todos. Acostumou-se a usar chapéus para ocultar seu rosto, e tinha andado arrastando os pés, encurvando-se para parecer menor, menos notável.

Nem bem tinha passado pela transição, tinha partido para encontrar seu gêmeo. Ninguém tinha se despedido. Não tinha havido adeus. O desaparecimento de Z tinha esgotado toda a capacidade da casa de sentir saudades de alguém, então nada ficava para o Phury.

O que no final, tinha sido bom. Fez tudo mais fácil.

Mais ou menos dez anos depois se inteirou por um primo longínquo que sua mãe tinha morrido dormindo. Tinha voltado para casa imediatamente, mas tinham feito o funeral sem ele. Oito anos mais tarde seu pai tinha morrido lutando. Phury tinha chegado a esse funeral e tinha passado sua última noite na casa da família. Depois disso a propriedade foi vendida, os doggen se dispersaram, e foi como se seus pais nunca tivessem existido.

Sua falta de raízes agora não era nova. Tinha-a sentido desde o primeiro momento que teve consciência como menino. Sempre tinha sido um vagabundo, e o Outro Lado não ia lhe dar uma base. Não podia fazer um lar ali porque não podia ter um sem seu gêmeo. Ou seus irmãos. O...

Parou. Negava-se a permitir-se pensar em Bela.

Enquanto permanecia ali e sentindo como a prótese suportava seu peso, pensou que era irônico que um nômade como ele tivesse perdido um membro.

Recolheu seus néscios, deslizou vários no bolso, e estava quase fora da porta quando parou e se virou. Quatro passos o levaram até o guarda roupa, três cliques na fechadura abriram uma porta de metal, duas mãos se estiraram. Uma adaga negra saiu.

Tocou sua arma, sentindo o perfeito equilíbrio e o agarre preciso que somente se adaptava a suas características. Vishous a tinha feito para ele... Infernos, fazia quanto tempo? Setenta e cinco anos... sim, este verão fariam setenta e cinco anos desde que se uniu à Irmandade.

Examinou a lâmina à luz. Setenta e cinco anos de eliminar lessers, e nem um arranhão na lâmina. Pegou a outra que usava. O mesmo padrão. V era um artesão magistral, muito bom.

Olhando as armas, sentindo seu peso, imaginou Vishous de pé na porta do quarto como tinha estado essa tarde mais cedo, explicando que a Virgem Escriba ia permitir a substituição do Primale. Havia vida nos olhos do frio irmão. Vida e esperança, junto com um resplandecente propósito.

Phury meteu uma das adagas no cinturão de cetim que tinha ao redor da cintura e devolveu a outra à caixa de segurança. Então andou a passos largos até a porta com aço em sua espinha dorsal. Valia a pena sacrificar-se por amor, pensou enquanto saía do quarto. Mesmo se não fosse o seu.

Nesse momento Vishous se materializou do outro lado da rua em frente do apartamento de Jane. Não havia luzes dentro de sua casa, e esteve tentado a entrar, mas permaneceu nas sombras.

Maldição, sua cabeça estava revolta. Sentia-se culpado como o inferno pelo Phury. Assustado até a morte pelo que Jane ia dizer. Preocupado sobre como conseguir um futuro com uma humana. Infernos, estava mesmo preocupado pela pobre Escolhida que ia agüentar ter que ser forte pelo bem do resto de sua raça.

Verificou o relógio. As oito em ponto. Tinha que imaginar que Jane voltaria para casa logo...

A porta da garagem do apartamento junto ao de Jane se elevou lenta e ruidosamente emitindo um gemido e uma minivan verdadeiramente desgastada saiu de marcha ré. Os freios fizeram um pequeno chiado quando deram o último giro para tomar a rua, então o condutor a colocou em marcha.

V franziu o cenho, seus instintos cobrando vida sem motivo aparente. Cheirou o ar, mas estava contra o vento em relação ao veículo e não pôde captar nenhum aroma.

Genial, então além disso estava paranóico... o que, junto com sua ansiedade circunstancial e a conduta narcisista que tinha estado desdobrando recentemente, significava que tinha a maior parte do manual de enfermidades mentais cobertas esta noite.

Voltou a olhar o relógio só por hábito. Dois minutos mais tarde. Ótimo.

Quando soou o celular, respondeu com alívio, porque estava desejando passar o tempo.

— Me alegre de que seja você, poli.

A voz do Butch soava apagada.

— Estas em sua casa?

— Sim, mas ela não. O que acontece?

— Algo acontece com seus computadores.

— Como o que?

— Um dos rastreadores que deixou no hospital se desencadeou. Alguém entrou no arquivo médico do Michael Klosnick.

— Não acontece nada.

— Foi o chefe de cirurgia. Manello.

Homem, V odiava o som do nome desse cara.

— E?

— Hoje procurou em seu próprio computador as fotos de seu coração. Procurava o arquivo que Phury destruiu enquanto estávamos tirando você dali, sem dúvida.

— Interessante. — V se perguntava o que tinha chamado a atenção desse cara... Possivelmente, alguma impressão das fotografias que tivessem a data e o dia? Mesmo se não houvesse nenhuma anotação sobre o paciente, esse cara, Manello era provavelmente bastante

preparado para rastreá-la até o sala de cirurgia e averiguar quem tinha estado na mesa de Jane. A certo nível não era um grande problema, porque o histórico médico mostrava que Michael Klosnick depois da cirurgia tinha pedido alta voluntária. Mas ainda assim... — Acredito que deveria fazer uma visita ao bom doutor.

— Um, sim, imagino que possivelmente queiramos nos ocupar nós mesmos disso. Por que não me deixa dirigi-lo?

— Porque não sabe como apagar memórias, certo?

Houve uma pausa.

— Porra. Mas bom ponto.

— Está o cara conectado agora?

— Sim, está em seu escritório.

Era resistente a ter uma confrontação em um lugar público, mesmo se fosse depois do horário de trabalho, mas só Deus sabia que mais podia averiguar o doutor.

Merda, pensou V. Olhe o que tinha para oferecer a Jane. Segredos. Mentiras. Perigo. Era um bastardo muito, muito egoísta, e o que era pior, estava arruinando a vida de Phury somente para poder unir-se a ela.

Um carro virou na rua, e quando passou debaixo da luz viu que era seu Audi.

— Merda — disse.

— Voltou para casa, hã?

— Encarregarei-me de Manello. Depois.

Enquanto desligava, não estava certo de poder fazer isto a ela. Se fosse agora, ainda teria tempo de chegar ao Outro Lado antes que Phury tomasse o voto do Primale.

Merda.

CAPÍTULO 41

Jane deu marcha ré na garagem, estacionou o Audi, e permaneceu ali sentada com o motor ligado. No assento do passageiro, a seu lado, estavam os resultados do TAC que Manello e ela tinham feito furtivamente. Tudo limpo. Nenhuma evidência de tumor ou aneurisma ou nada fora do normal.

Deveria sentir-se aliviada, mas a falta de explicação a incomodou porque o processo dos pensamentos continuava lento e pesado. Era quase como se seus neurônios tivessem que se esquivar de algum tipo de obstáculo na cabeça. E o peito ainda doía como sua puta mãe...

Um homem entrou no feixe de luz de seus faróis... um homem enorme com cabelo escuro, uma cavanhaque e vestido de couro, atrás dele, a paisagem era imprecisa, como se tivesse saído da névoa.

Jane imediatamente estalou em lágrimas.

Este homem... esta aparição... era sua sombra, a coisa em sua mente, a persistente presença que conhecia mas não podia reconhecer, que lamentava mas ainda assim não podia localizar. Tudo tinha sentido...

Com seu próximo fôlego a dor atravessou as têmporas como uma lança, uma carga horrível a esmagando.

Mas em lugar de consumi-la, sumiu, simplesmente foi voando, sem deixar atrás nenhuma pontada. Em seu despertar vieram imagens, imagens dela operando esse homem, sendo raptada e presa em um quarto com ele... deles estando juntos... dela... apaixonando-se... logo sendo deixada para trás.

V.

O assalto de cor se retorceu e se transladou enquanto sua mente lutava para encontrar cabo em uma realidade escorregadia. Isto não podia estar acontecendo. Não podia estar de volta. Não ia voltar.

Devia estar sonhando.

—Jane —disse a aparição de seu amante. OH, Deus... Sua voz era a mesma, profunda e linda, deslizando em seu ouvido como a seda— Jane...

Lutando com o pânico, apagou as luzes e saiu do Audi.

O ar se sentia frio em suas úmidas bochechas, e o coração palpitava ao dizer:

—É real?

—Sim.

—Como posso sabê-lo? —lhe quebrou a voz e tocou as têmporas— Não sei nada. Não posso... pensar corretamente.

—Jane... —suspirou—Sinto tanto...

—Não funciona bem minha cabeça.

—É minha culpa. Tudo é por minha culpa. —A tensão e o pesar no orgulhoso rosto penetraram em sua confusão, lhe oferecendo um pouco de terreno sobre o qual avançar.

Respirou profundamente e pensou no Russell Crowe para o final de Uma Mente Brilhante. Animando-se, aproximou-se para o que parecia ser V, pô-lhe dois dedos no ombro e empurrou.

Era sólido como uma rocha. Cheirava às mesmas... escuras especiarias. E seus olhos —esses brilhantes olhos diamantinos— resplandeciam como sempre.

—Pensei que tinha ido para sempre —sussurrou—Por que...?

Nesse momento só esperava entender o que estava acontecendo e por que havia voltado.

—Não vou emparelhar me.

Ficou sem respiração.

—Não?

Negou com a cabeça.

—Não pude fazê-lo. Não posso estar com ninguém mais além de você. Não sei se me quer...

Antes de ter outro pensamento consciente, saltou e se apertou a ele, sem lhe importar uma merda as barreiras de espécies e circunstâncias. Só precisava dele. O resto era conversa para ser resolvida mais tarde.

—É obvio que o quero —lhe disse diretamente no ouvido—Eu o amo.

Deixou escapar algum tipo de palavra rouca, e seus braços a esmagaram contra ele. Quando se encontrou incapaz de respirar por causa que ele a apertava tão forte, pensou, Sim, realmente é ele. E desta vez não a ia deixar partir.

Obrigada. Deus.

Enquanto segurava Jane sobre o chão, Vishous era totalmente feliz. Completo de uma forma que não podia comparar-se a ter todos os dedos das mãos e os pés. Com um grito de triunfo, levou-a a seu apartamento, fazendo uma pausa apenas para baixar a porta da garagem.

—Pensava que estava me tornando louca —disse quando a sentou no balcão— Realmente o pensava.

O macho vinculado nele, morria por entrar dentro dela, mas conteve seus desejos mais primários. Por Cristo, deveria lhe deixar tempo para falar um pouco.

De verdade.

Merda, desejava-a.

—Sinto muito... merda, Jane, sinto muito tinha que apagar tudo, realmente tinha que fazê-lo. Posso imaginar que se desorientou como o inferno. E que também deve ter sido atemorizante.

As mãos foram para seu rosto como se ainda estivesse tratando de convencer-se completamente de que V fosse real.

—Como escapou dos casamentos?

—Um de meus irmãos tomou meu lugar. —V fechou os olhos enquanto lhe passava os dedos sobre o rosto e o nariz, o queixo e as têmporas.

—Sério?

—Phury, aquele que socorreu, foi o que o fez. Não sei como vou compensá-lo se de repente o macho vinculado nele dobra seu lóbulo frontal, abrindo passo entre as boas maneiras e o senso de juízo— Escuta, Jane, quero que viva comigo. Quero você comigo.

O sorriso resplandeceu na sua voz.

—Provavelmente o voltarei louco.

—Impossível. —Abriu a boca quando lhe passou o dedo sobre o lábio inferior.

—Bem, podemos tentar.

Olhou-a.

—O fato é, que se fica comigo, tem que abandonar este mundo. Tem que abandonar seu trabalho. Tem que... Sabe, é o tipo de coisa do tudo-ou-nada.

—OH... —franziu o cenho— Eu, ah, não estou segura...

—Sei. Nq realidade não posso pedir isso a você, e a verdade é, não quero que pare sua vida. —E isto era a verdade honesta de Deus. Apesar do assunto de macho vinculado—Assim resolveremos dia a dia. Virei a você, ou podemos comprar outra casa, em algum lugar remoto onde poderíamos passar os dias. Faremos com que funcione. —Olhou ao redor da cozinha— Entretanto vou proteger este lugar. Fazê-lo seguro. Controlá-lo.

—OK. —tirou o casaco— Faz o que tenha que fazer.

Mmm... Falando de fazer. Seus olhos desceram sobre o pijama médico. E tudo o que podia ver era ela nua.

—V —disse em voz baixa— O que está olhando?

—A minha fêmea.

Riu brandamente.

—Tem algo em mente?

—Talvez.

—Pergunto-me, o que poderia ser? —a úmida essência da excitação se desprende dela, provocando a necessidade de marcá-la tão efetivamente como se estivesse nua e aberta ante ele.

Pegou a mão e a pôs entre suas pernas.

—Adivinha.

—OH... sim... isso outra vez.

—Sempre.

Com um suave ondular despiu as presas com um vaio, mordeu o pescoço do pijama médico, rasgou o tecido diretamente ao meio. O sutiã era de algodão, branco e benzendo seu fanático coraçãozinho, tinha fechamento frontal. Liberou-o, pegou um de seus mamilos, e a arrastou para fora do balcão.

A viagem para seu quarto foi interessante, com muitas pausas que deram como resultado a completa nudez dela para quando a soltase sobre o colchão. Foi questão de um momento desfazer-se das calças de couro e a camisa, e enquanto a montava, sua boca estava aberta, suas presas completamente estendidas.

Sorriu-lhe.

—Sedento?

—Sim.

Com uma elegante inclinação do queixo lhe deu acesso a sua garganta, e com um grunhido a penetrou de duas maneiras, entre as coxas e no pescoço. Enquanto tomava duramente, lhe marcou as costas com suas unhas curtas e envolveu as pernas ao redor de seus quadris.

Passaram umas boas duas horas antes de que acabasse o sexo, e enquanto jazia a seu lado na escuridão, satisfeito e em paz, contou as bênçãos que tinha. Teve que rir um pouco.

—O que? —perguntou.

—Com todas as minhas visões do futuro, nunca haveria predito isto.

—Não?

—Isto... isto seria ter tido muita esperança. —A beijou na têmpora, fechou os olhos, e se permitiu começar a deslizar-se no sono.

Mas não foi possível. Uma sombra escura cruzou sobre ele no caminho do repouso, viajando através dos condutos psíquicos anunciando uma intrusão de medo e pânico, disse a si mesmo que tinha calafrios porque quase perdia a oportunidade de estar com a pessoa amada, requeria-se um pouco de tempo para tranquilizar-se.

A explicação não o convenceu. Sabia que havia algo mais... algo muito terrível para considerá-lo, uma bomba em seu celular.

Temia que o destino não tivesse terminado com eles ainda.

—Está bem? —disse Jane— Está tremendo.

—Estou bem. —aproximou-se ainda mais— Sempre que está comigo, estou bem.

CAPÍTULO 42

No Outro Lado, Phury desceu ao anfiteatro com Z e Wrath flanqueando-o. A Virgem Escriba e a Directrix estavam esperando-o no centro do cenário, ambas vestindo-se de negro. A Directrix não parecia emocionada, tinha os olhos entrecerrados, os lábios apertados, e com as mãos apertava um medalhão que pendurava de seu pescoço. Não havia forma de saber o estado de ânimo da Virgem Escriba. Seu rosto estava oculto debaixo de seu adorno, mas mesmo se tivesse estado à vista, Phury duvidava que tivesse sido capaz de discernir o que estava pensando.

Deteve-se frente ao trono dourado mas não se sentou. Embora, provavelmente tivesse sido uma boa idéia. Sentia como se estivesse flutuando, não caminhando, seu corpo à deriva, com a cabeça em outra parte, não sobre seus ombros. Pensou que o fardo poderia ser atribuído à fumaça vermelha que tinha inalado. Ou ao feito que ia se casar com mais de três dúzias de fêmeas.

Deus. Querido.

—Wrath, filho do Wrath —pronunciou a Virgem Escriba—Se Adiante e me saúde.

Wrath avançou para o limite do cenário e se ajoelhou. —Sua Graça.

—Tem algo que me pedir. Faze-o agora, com tal desejo expresso adequadamente.

—Sem intenção de ofender, queria solicitar que Phury estivesse sujeito ao mesmo acerto que outorgou ao Vishous com respeito a combater. Temos carência de guerreiros.

—Por esta vez me sinto inclinada a outorgar este desejo. Viverá do Outro Lado...

Phury interrompeu com um tom firme:

—Não. —Como todo mundo começou a mover-se bruscamente para ele, disse— Permanecerei aqui. Lutarei mas ficarei aqui —se lançou a fazer uma pequena reverência para compensar sua descortesia— Se não for motivo de ofensa.

Zsadist abriu a boca, com um monte de “em-que-merda-esta-pensando” em seu atemorizado rosto... mas a breve risada da Virgem Escriba o silenciou.

—Que então seja.As Escolhida prefeririam esse acerto, assim como eu. Agora se levante, Wrath, filho de Wrath, e comecemos.

Quando o Rei se elevou em sua completa estatura, a Virgem Escriba levantou o capuz de sua túnica.

—Phury, filho de Ahgony, pedirei a você que aceite o papel do Primale. Aceita isso?

—Sim, faço.

—Se adiante, sobe ao estrado e se ajoelhe frente a mim.

Não sentia os pés enquanto caminhava e subia o curto lance de escadas, não sentiu o mármore nos joelhos quando ajoelhou frente à Virgem Escriba. Quando lhe colocou a mão na cabeça, não tremeu, não pensou, não piscou. Sentia-se como se estivesse no assento de co-piloto de um carro, sujeito aos caprichos do condutor quanto à velocidade e o destino. Entregar-se era exatamente apropriado.

Era estranho, porque tinha escolhido isto, na verdade, ofereceu-se como voluntário.

Sim, mas só Deus sabia aonde o conduziria sua decisão.

As palavras que pronunciou a Virgem Escriba sobre sua forma inclinada repercutiam na Antiga Língua mas não podia seguir tudo o que estava dizendo.

—Se levante e abra os olhos —pronunciou a Virgem Escriba ao final— Se apresente a suas companheiras, sobre as que terá domínio, Seus corpos são seus tanto para mandar sobre eles como para servi-lo.

Enquanto ficava de pé, viu que a cortina tinha sido aberta e que todas as Escolhidas estavam alinhadas, suas túnicas eram de cor vermelha sangue, brilhantes como rubis rodeados de branco. Como se fossem uma, fizeram-lhe uma reverência.

Merda... O tinha feito.

Repentinamente Zsadist saltou ao estrado e pegou pelo braço. Que demon... OH, bem. Estava inclinando-se para um lado. Provavelmente teria caído. E isso se houvesse acontecido teria sido ruim.

A voz da Virgem Escriba ecoou, ressaltando com seu poder.

—Então segue. —Levantou a fantasmal mão, e apontou por volta do templo que estava na colina— Agora procede para a câmara e toma à primeira do conjunto, como faz um macho.

A mão de Zsadist apertou seu braço.

—Cristo... irmão...

—Pare —vaiou Phury— Tudo sairá bem.

Desembaraçou-se de seu gêmeo, fez uma reverência à Virgem Escriba e a Wrath, logo se cambaleou descendo as escadas e começou a subir a colina. A grama se fazia suave sob os pés, e a estranha luz ambiente do Outro Lado o rodeava. Não se sentiu confortado por nenhuma das duas. Podia sentir os olhos das Escolhidas em suas costas, e sua fome fez que ficasse frio apesar da confusão que lhe outorgava a fumaça vermelha.

O templo que estava no alto da colina tinha linhas romanas, com colunas brancas e uma galeria a sua altura. Em suas grandes portas duplas havia dois nós dourados que serviam de fecho. Virou o direito, empurrou, e entrou.

Seu corpo se endureceu instantaneamente devido à essência que havia no ar, a forte mescla de jasmim e doce e defumado incenso o seduzia, excitava-o sexualmente. Como se supunha que devia fazê-lo. Diante dele havia um cortina branca, e uma iluminação fulminante se derramava através das dobras, o brilho vinha do que deviam ser centenas de velas.

Afastou a cortina. E retrocedeu, perdendo parte de sua ereção.

A Escolhida com a qual devia aparear-se estava estendida sobre uma plataforma de mármore semeada de almofadas, uma cortina caía do teto e formava um atoleiro sobre sua garganta, impedindo que lhe visse o rosto. Suas pernas estavam estendidas e atadas com cintas de cetim branco, como seus braços. Uma capa fina como o tecido de uma aranha cobria seu corpo nu.

O fundamento do ritual era evidente. Era a vasilha do sacrifício, uma representante anônima das outras. Ele era o contêiner do vinho que encheria seu corpo. E embora fosse absolutamente imperdoável de sua parte, por um segundo e meio tudo o que pôde pensar foi tomá-la.

Minha, pensou. Por lei e costume e tudo o que era manifesto, ela era dele, tanto como o eram suas adagas, tanto como o era o cabelo que crescia em sua cabeça. E desejava entrar nela. Desejava gozar dentro dela.

Salvo que isso não ia ocorrer. Sua parte decente ultrapassou seus instintos, simplesmente os colocou de lado. Ela estava absolutamente aterrorizada, chorando em silêncio, como se estivesse tratando de esconder o som mordendo o lábio, tremendo tanto que suas extremidades eram terríveis metrônimos do medo.

—Se tranqüilize —disse com voz suave.

Ela sacudiu. Logo o tremor retornou pior que o de antes.

De repente se zangou. Era espantoso que esta pobre fêmea tivesse sido posta para seu uso como um animal, e embora ele estivesse sendo usado de uma forma similar, era sua livre escolha ficar nessa situação. Tinha sérias dúvidas de que isto fosse certo para ela, dado que tinha sido contida ambas as vezes.

Phury estirou a mão, tomou a cortina que escondia seu rosto, e a arrancou...

Merda. Os soluços da mulher não eram contidos porque estivesse mordendo o lábio; estava amordaçada e presa à cama pela frente. As lágrimas percorriam o avermelhado rosto, e os músculos de seu pescoço se sobressaíam realçados rigidamente... e estava gritando, embora fosse incapaz de emitir som, seus olhos estavam inchados pelo terror.

Fez-se cargo do que tinha na boca, afrouxando o nó, e tirando-lhe —se tranqüilize...

Ofegou, aparentemente incapaz de falar, e seguindo a teoria de que as ações eram mais efetivas que as palavras, tirou-lhe a ligadura da frente desenredando-se a de seu longo cabelo loiro.

Quando liberou os magros braços cobriu os seios e a união de suas coxas, e por impulso ele pegou a cortina que tinha arrancado e a cobriu antes de lhe tirar as ataduras dos pés. Logo se afastou dela, indo até o outro lado do Templo a apoiar-se contra a parede mais afastada. imaginou que poderia sentir-se mais segura dessa forma.

Baixando a vista ao chão, somente podia vê-la. A Escolhida era pálida e loira, seus olhos eram de cor verde jade. Suas feições eram elegantes, do tipo que o fazia pensar em bonecas de porcelana, e seu aroma se parecia muito ao jasmim. Deus, era muito delicada para ser torturada dessa forma. Muito valiosa para agüentar aparear-se com um estranho.

Cristo. Que enredo.

Phury deixou que o silêncio continuasse, esperando que se acostumasse a sua presença enquanto tratava de pensar no que faria a seguir.

O sexo estava fora de toda questão, disso estava certo.

Jane não era uma viciada na Noviça Rebelde, mas estava fazendo uma imitação do canto da Julie Andrews enquanto jazia na cama e observava como V tentava encontrar sua roupa. Homem, estar apaixonada realmente lhe fazia ter vontade de elevar os braços no ar e girar sobre si mesma

sob a luz do sol com um grande sorriso açucarado e feliz no rosto. Além disso até tinha o cabelo loiro e curto para representá-la. Embora riscasse as calças curtas com suspensórios.

Só havia um pequeno problema.

—Me diga que não vai machucá-lo —disse enquanto V subia as calças de couro pelas coxas—Me diga que meu chefe não vai terminar com um par de pernas quebradas.

—Não vai. —V colocou uma camisa negra que se ajustava a ele, delineando seu peito— Somente vou me assegurar que está bem e limpo e que a foto de meu coração está no congelador.

—Fará-me saber como foi?

A olhou por debaixo das sobrancelhas, com um pequeno e malvado sorriso desenhado no rosto.

—Não confia em mim quando se trata de seu galã?

—Nisto não confio em você para nada.

—Mulher inteligente. —V se aproximou e se sentou no limite da cama, seus diamantinos olhos ainda brilhantes pelo sexo— Quando se trata de você, esse cirurgião deveria aprender a comportar-se.

Tomou a mão que tinha descoberta, sabendo que odiava que se aproximasse da que tinha enluvada.

—Manny sabe qual é sua situação comigo.

—Sabe?

—Eu disse. Depois do fim de semana. Mesmo não podendo me lembrar, simplesmente me sentia... mal.

V se inclinou e a beijou.

—Voltarei depois de vê-lo, OK? Dessa forma pode me olhar nos olhos e saber que o homem ainda continua respirando. E, escuta, falemos a sério. Eu gostaria de enviar Fritz esta tarde com alguns materiais para que possa colocar um sistema de segurança neste lugar. Tem uma chave extra da garagem?

—Sim, na cozinha. Na gaveta que está debaixo do telefone.

—Bem. Vou levá-la. —Percorreu-lhe o pescoço com um dedo e delineou a nova marca de mordida—Cada noite quando retornar para casa estarei aqui. Cada manhã cedo antes de que tenha que voltar para o Complexo, estarei aqui. Cada noite que tenha livre, estarei aqui. Vamos roubar tempo quando e onde possamos, e quando não estivermos juntos, manteremo-nos em contato por telefone.

Como qualquer relação normal, pensou ela, e a idéia de que havia um lado prosaico era agradável. Tirava-os de uma espécie de grande superestrutura paranormal e os colocava decididamente no terreno da realidade. Eram duas pessoas que estavam seguras e prontas para envolver-se em uma relação. Que era tudo o que podia pedir à pessoa pela qual estava apaixonada.

—Qual é seu nome completo —murmurou— Acabo de me dar conta que somente o conheço como V.

—Vishous.

Jane lhe apertou a mão com a sua.

—Desculpe?

—Vishous. Sim, sei que para você soa estranho...

—Espera, espera, espera... Como se soletra?

—V-i-s-h-o-u-s.

—Deus... querido.

—Que?

Esclareceu a garganta.

— Ah, faz muito, muito tempo — uma vida — estava em meu quarto de infância com minha irmã. Havia um tabuleiro de Ouija entre nós e estávamos lhe fazendo perguntas. — Levantou a vista para ele — Você foi minha reposta.

— A que pergunta?

— Quem... Jesus, com quem eu ia casar.

V sorriu agradável e lentamente, da forma como faz um homem quando está se sentindo condenadamente satisfeito consigo mesmo.

— Então quer se casar comigo?

Pôs-se a rir.

— Sim seguro. Porque não me embutimos em um vestido branco e resolvemos esse assunto no altar...

A expressão dele perdeu a picardia.

— Digo a sério.

— OH... Deus.

— Suponho que isso não é um sim?

Jane se endireitou.

— Eu... eu nunca pensei que me fosse me casar alguma vez.

Ele se encolheu.

— Sim, bom, essa não era exatamente a resposta que estava procurando...

— Não... quero dizer, somente estou surpresa por... tão certo que me faz sentir.

— Certo?

— A idéia de ser sua esposa.

Ele começou a sorrir, mas logo perdeu essa expressão.

— Podemos fazer a cerimônia sob minhas tradições, mas não será oficial.

— Pelo fato de eu não ser de sua raça?

— Porque a que a Virgem Escriba odeia meu traseiro, então não pode haver uma apresentação ante ela. Mas podemos levar a cabo o resto da cerimônia. — Agora sorriu com intenção — Sobre tudo a parte da gravura.

— Gravura?

— Seu nome. Minhas costas. Maldição, quase não posso esperar.

Jane assobiou devagar.

— Me permite fazê-lo?

Ele ladrou uma risada.

— Não!

— Vamos. Sou uma cirurgiã, sou boa com as facas.

— Meus irmãos o farão... bom, na realidade, suponho que você também poderia fazer uma letra. Mmm, isso me excita — a beijou — Colega, é exatamente meu tipo de garota.

— A mim também marcarão?

— Demônios, não. Fazem os machos para que todo mundo saiba a quem pertencemos.

— Pertencem?

— Sim. Serei seu para que mande em mim. Me domine. Faça o que queira comigo. Pensa que pode administrar isso?

— Já o tenho feito, lembra?

As pálpebras de V caíram e deixou escapar um grunhido.

— Sim, cada puto minuto. Quando podemos voltar para apartamento de cobertura?

—Você diga quando e definitivamente estarei lá. —E a próxima vez poderia ser que encontrasse um pouco de couro para usar— Hei, me dará um anel?

—Se o desejar, comprarei um diamante do tamanho de sua cabeça.

—OH, certo. Como se fosse me pôr esplendida. Mas como saberão as pessoas que estou casada?

Inclinou-se e mordeu a garganta.

—Pode me cheirar?

—Deus... sim. Adoro seu cheiro.

Roçou-lhe a mandíbula com os lábios.

—Meu aroma está sobre todo seu corpo. Está dentro de você. Então é como as pessoas saberão quem é seu companheiro. Também é uma advertência.

—Uma advertência? —suspirou, a frouxidão difundindo-se por seu corpo.

—Para outros machos. Diz-lhes quem irá atrás deles com uma adaga se a tocarem.

Certo, isso não deveria ser erótico como o demônio. Mas era.

—Toma o assunto do emparelhamento muito a sério, não é assim?

—Os machos vinculados são perigosos. —Sua voz era um baixo ronrono junto ao ouvido— Matamos para defender a nossa fêmea. Assim são as coisas. —Tirou-lhe as mantas de cima, baixou o zíper das calças de couro, e lhe abriu as pernas com as palmas das mãos— Também marcamos o que é nosso. E como não vou ver você por um espaço de doze horas, acredito que deixarei um pouco mais de mim por todo seu corpo.

Avançou com os quadris e Jane gemeu. Tinha-o tido muitas vezes, mas seu tamanho sempre a sobressaltava. Afastou seu cabelo com a mão e puxou sua cabeça, disparando a língua dentro de sua boca enquanto se abatia sobre ela.

Salvo que nesse momento se deteve.

—Esta noite nos emparelharemos. Wrath presidirá. Butch e Marissa serão as testemunhas. Também quer o assunto da igreja?

Teve que rir. Ambos eram uns fenômenos de controle, realmente. Felizmente não se sentia inclinada a brigar com ele a respeito disto.

—Passarei a cerimônia. Na realidade não acredito em Deus.

—Deveria.

Afundou-lhe as unhas nos quadris e se arqueou para cima.

—Este não é o momento de sustentar um debate teológico.

—Deveria acreditar, Jane.

—O mundo não precisa outra demente religiosa.

Alisou-lhe o cabelo para trás. Enquanto sua ereção se crispava dentro dela, disse:

—Não tem que ser religiosa para acreditar.

—E pode viver uma vida muito agradável sendo atéia. Me acredite. —Colocou-lhe as mãos debaixo da camisa lhe percorrendo as costas, sentindo sua força— Crie que minha irmã está no céu, comendo seus sorvetes de casquinha favoritos sentada em uma nuvem? Não. Seu corpo foi enterrado faz muitos anos, e agora não fica muito dela. Vi a morte. Sei o que nos acontece vamos e não há nenhum Deus para nos salvar, Vishous. Não sei quem ou que é essa Virgem Escriba, mas estou malditamente segura que não é isso.

O menor indício de um sorriso apareceu em seus lábios.

—Eu adorarei provar que está equivocada.

—E como vai fazer isso? Vai me apresentar ao Criador?

—Vou te amar tão bem e por tanto tempo que vai se convencer de que nada terrestre poderia nos haver unido.

Ela tocou o rosto, imaginou seu futuro, e amaldiçoou.

— Vou envelhecer.

— Eu também.

— Não o mesmo grau. OH, Jesus, V, vou a...

Beijou-a.

— Não vai pensar nisso. Além disso... há uma forma de retardar. Embora, não estou certo se vai querer fazê-lo.

— OH, merda, me deixe pensar. Um... Sim, vou querer fazê-lo.

— Não sabe do que se trata.

— Não me importa. Se prolongar minha vida com você, comeria um animal atropelado atirado à beira do caminho.

Seus quadris se pressionaram contra ela e logo se retiraram.

— Vai contra as leis de minha raça.

— É um pouco perverso? — arqueou-se contra ele novamente.

— Para sua espécie? Sim.

Jane o compreendeu mesmo antes de que ele levasse seu pulso à boca. Quando se deteve, disse:

— Faz-o.

Mordeu-se e logo lhe pôs as punções as gema sobre os lábios. Jane fechou os olhos, abriu a boca e...

Merda.

Tinha gosto de vinho do porto e a bateu tão duro como dez garrafas dessa bebida, sua cabeça começou a dar voltas depois do primeiro gole. Não se deteve. Bebeu como se seu sangue os fosse manter juntos, era vagamente consciente, devido ao alvoroço de seu corpo, que estava bombeando dentro dela e emitindo selvagens grunhidos.

Agora V estava dentro dela de todas as formas possíveis: na mente com suas palavras, no corpo com sua ereção, na boca com seu sangue e no nariz com seu aroma. Estava completamente cativada.

E tinha razão. Era Divino.

CAPÍTULO 43

Com a branca cortina apertada contra os seios, Cormia olhou fixamente através do Templo do Primale, confusa. Quem quer que fosse este macho, não era Vishous, filho de Bloodletter.

Mas definitivamente era um guerreiro. Era enorme contra a parede de mármore, um absoluto gigante, com ombros que pareciam tão grandes como a cama em que estava. Seu tamanho a aterrorizou... até que lhe olhou as mãos. Tinha mãos elegantes. De dedos largos e largos dorsos. Fortes mas elegantes.

Essas elegantes mãos a tinham liberado. E não tinham feito nada mais.

Ainda então, esperou que gritasse. Logo, esperou que dissesse algo. Finalmente, esperou que a olhasse.

No silêncio pensou que tinha um lindo cabelo. Longo até os ombros e repleto de tantas cores, as mechas eram de um loiro dourado, de um vermelho intenso e castanho escuro. De que cor seriam seus olhos?

Mais silêncio.

Não estava segura de quão rápido passava o tempo. Soube que o fazia, tal e como passava mesmo aqui no Outro Lado. Mas, quanto tempo tinham permanecido assim? Querida Virgem, desejava que dissesse algo, a menos que possivelmente esse fosse o ponto. Possivelmente esperava por ela.

— Não é o que... — sua voz se evaporou quando ele levantou a vista.

Seus olhos eram amarelos, de um resplandecente, quente cor amarela que lembrou a suas gemas favoritas, os citrinos. Verdadeiramente, pôde sentir como seu corpo se esquentava quando sentiu seu olhar sobre ela.

— Não sou quem esperava? — OH... sua voz. Suave e baixa e... amável — Não lhe disseram isso?

Sacudiu a cabeça, repentinamente sem voz. E não porque estivesse assustada.

— As circunstâncias mudaram, e tomei o lugar de meu irmão. — colocou uma mão sobre o largo peito — Me chamo Phury.

— Phury. É nome de guerreiro.

— Sim.

— Tem o aspecto de um.

Estendeu ambas as mãos para ela.

— Mas não vou fazer mal a você. Nunca vou ferir você.

Ela inclinou a cabeça para um lado. Não, não o faria, de verdade. Era um completo estranho e tinha três vezes seu tamanho, mas ainda então sabia sem nenhum tipo de dúvida que não a machucaria.

Entretanto, ia a aparear-se com ela. Esse era o propósito de seu tempo juntos, e havia sentido a excitação nele quando entrou a primeira vez. Embora já não estivesse excitado.

Levantou a mão e tocou seu rosto. Possivelmente agora que tinha visto seu aspecto não queria chegar até o final? Não lhe parecia atraente?

Querida Virgem, porque se preocupava? Não queria aparear-se com ele. Com ninguém. Ia doer ; A Directrix o havia dito. E por mais lindo que fosse este irmão, era-lhe totalmente desconhecido.

— Não se preocupe — disse em um sussurro, como se estivesse lendo sua expressão — Não vamos a...

Apertou-se mais com a cortina.

— Não faremos?

— Não.

Cormia baixou o queixo.

— Mas então todos saberão que lhe falhei.

— Falhou... Jesus, não falhou com ninguém. — passou a mão pelo cabelo, as mechas captaram a luz e brilharam — Simplesmente não... Sim, não acredito que seja correto.

— Mas esse é meu propósito. Aparear-me com Sua Graça e o unir às Escolhidas. — Piscou rapidamente — Se não o fizermos, a cerimônia estará incompleta.

— E o que?

— Eu... não entendo.

— O que acontece se a cerimônia não se completa hoje? Temos tempo. — Franziu o cenho e olhou a seu redor

— Hei... quer sair daqui?

Ela arqueou as sobrancelhas.

— E ir aonde?

— Não sei. Andar. Ou algo assim.

—Me disse que não podia ir a menos que nós...

—Hei aí esta a questão. Sou o Primale, não? Então o que diga é o que vale. —Lançou-lhe um olhar equânime— Quero dizer, saberá melhor que eu. Estou equivocado?

—Não, é o que manda aqui. Só a Virgem Escriba está por cima de você.

Separou-se da parede.

—Então passemos. O menos que podemos fazer é chegar a nos conhecer, considerando a situação em que estamos.

—Eu... não tenho roupa.

—Use a cortina. Virarei enquanto se arruma.

Deu-lhe as costas, e depois de um momento se levantou e se envolveu nas dobras do tecido. Nunca teria previsto isto, pensou, nem a substituição nem sua bondade nem sua... beleza. Porque verdadeiramente era lindo a seus olhos.

—Eu... estou preparada.

Caminhou para a porta, e o seguiu. Era ainda maior de perto... mas cheirava de uma forma adorável. Às escuras especiarias que sentiu formigando no nariz.

Quando abriu as portas e viu a branca vista ante eles, vacilou.

—O que está errado?

Sua vergonha era muita para expressá-la com palavras. Sentia-se egoísta pelo alívio que sentia. E preocupada de que suas deficiências fossem conferidas à totalidade das Escolhidas.

Ela encolheu o estômago.

—Não cumpri com minha obrigação.

—Não falhaste. Simplesmente estamos propondo uma..., união. Ocorrerá em algum momento.

Salvo que não podia afastar as vozes de sua cabeça. Ou seus temores.

—Acaso não quer tirar esse peso de cima de uma vez?

Franziu o cenho.

—Deus... realmente tem medo de as desgostar.

—São tudo o que tenho. Tudo o que conheço. —E a Directrix a tinha ameaçado de ser expulsa se não cumprisse com a tradição— Estou sozinha sem elas.

Observou-a durante um longo momento.

—Qual é seu nome?

—Cormia.

—Bom... Cormia, já não está sozinha sem elas. Agora me tem . E sabe o que? Se esqueça do passeio. Tenho outra idéia.

Introduzir-se nas coisas era uma das especialidades de V. Era bom com as caixas fortes, os carros, as fechaduras, as casas... os escritórios. Era igualmente destro com as merdas de residências e comerciais. Estava tudo bem.

Então, forçar a porta do luxuoso conjunto de escritórios do departamento de Cirurgia do Centro Médico St. Francis não era a GPC.

Deslizando-se para dentro, manteve o mhis que desarmava as câmaras de segurança e se assegurou de ficar oculto para as poucas pessoas que ainda estavam nessa seção administrativa do complexo.

Estes homem, eram um alojamento realmente custoso. Grande zona de recepção, tudo majestoso e essa merda, com paredes de painéis de madeira e tapetes orientais. Um par de escritórios complementares marcados com...

O escritório da Jane estava bem aí.

V se aproximou e passou o dedo sobre o nome na placa de bronze que havia junto à porta. Gravado na brilhante superfície dizia: JANE WHITCOMB, DOUTORA EM MEDICINA, CHEFE DA DIVISÃO DE URGÊNCIAS.

Pôs a cabeça pela porta. Seu aroma permanecia no ar, e um de seus jalecos brancos estava dobrado sobre a mesa de reuniões. A mesa estava coberta com muitas notas, arquivos e post-it, a cadeira apartada como se tivesse saído depressa por alguma emergência. Na parede havia vários diplomas e certificados, testemunho de seu compromisso com a excelência.

Esfregou o peito.

Demônios, como ia funcionar isto entre eles? Ela trabalhava muitas horas. Ele estava limitado às visitas noturnas. O que acontecia se não fosse suficiente?

Salvo que tinha que sê-lo. Não ia pedir que deixasse uma vida de trabalho, disciplina e êxito por ele. Isso seria como se ela quisesse que ele deixasse a Irmandade.

Quando alguém murmurou algo, olhou através da área de recepção para onde uma luz brilhava no outro extremo do lugar.

Hora de ocupar-se de seus assuntos com o doutor Manello.

Não o mate, disse-se V enquanto entrava por uma porta entreaberta. Seria um fiasco total ter que chamar Jane para dizer que seu chefe se transformou em cadáver.

V se deteve e olhou através das portas para um imenso escritório que se estendia mais à frente. O humano estava sentado atrás de uma mesa de aspecto presidencial, revisando papéis apesar de serem duas da manhã.

O tipo franziu o cenho e levantou a vista.

—Quem está aí?

Não o mate. Essa merda provavelmente deprimiria totalmente a Jane.

OH, mas V queria fazê-lo. Tudo o que podia ver era ao tipo de joelhos, estendendo uma mão para o rosto de Jane, e a imagem não melhorava seu humor em absoluto. Quando se tratava de alguém que tentava seduzir a sua fêmea, os machos vinculados gostavam de conclusões definitivas. Do tipo com tampa de ataúde incluída.

Vishous abriu a porta, estendeu-se para a mente do doutor, e o congelou como se fosse uma parte de cabeça de gado.

—Obtive fotos de meu coração, Doc, e necessito que me devolva isso. Onde estão? —lançou uma sugestão à mente do homem.

O tipo piscou.

—Aqui... em minha mesa. Quem... é?

A pergunta foi uma surpresa. A maior parte das vezes os humanos não tinham independência de pensamento quando eram aturdidos desta forma.

V se aproximou e olhou o mar de papéis.

—Onde na mesa?

Os olhos do homem se dirigiram ao canto da esquerda.

—Pasta. Ali. Quem... é?

O putro companheiro de Jane, colega, quis dizer V.

Demônios, queria tatuar essa merda na frente do tipo para que Manello nunca se esquecesse de que estava totalmente tomada.

V encontrou a pasta e a abriu.

—Arquivos eletrônicos. Onde estão?

—Apagados. Quem... é...?

—Não importa quem sou. —Maldição, o filho da puta era tenaz. Por outro lado, não tinha conseguido ser o chefe de cirurgia por ser do tipo menino tranqüilo e floreiro — Quem mais sabe algo desta foto?

—Jane.

O som do nome deixando a boca do bastardo não pôs V em seu momento mais feliz, mas deixou passar.

—Quem mais?

—Ninguém mais que eu saiba. Tentei... as enviar a Columbia. Não... chegaram. Quem é você...?

—O coco. —V examinou a mente do cirurgião, no caso de..... realmente não havia nada ali. Hora de ir.

Exceto que, precisava saber de uma coisa.

—Me diga uma coisa, Doc. Se uma mulher for casada, tentaria seduzi-la?

O chefe de Jane franziu o cenho, então sacudiu a cabeça lentamente.

—Não.

—Bom, quem o teria imaginado. Essa era a resposta correta.

Enquanto V se dirigia à porta, desejou impor um campo de minas detonantes no cérebro do tipo, forjar todo tipo de conexões neuronais para que se o bastardo pensasse que Jane sexualmente sentisse terror ou náuseas ou possivelmente pusesse-se a chorar como um completo bebê. No fim de contas, a instrução adversa do impulso era uma bênção quando se tratava de desprogramar. Mas V não era symphath, então seria difícil fazê-lo sem uma perda grave de tempo, e além disso, essa classe de merda podia provavelmente levar alguém à loucura. Especialmente a alguém com uma vontade tão forte como a de Manello.

Lançou um último olhar a seu rival. O cirurgião o estava olhando confuso, mas sem medo, seus escuros olhos castanhos eram agressivos e inteligentes. Era duro de admitir, mas em ausência de V provavelmente o homem tivesse sido um bom companheiro para Jane.

O bastardo.

Vishous estava a ponto de dar a volta quando teve uma visão tão gráfica e tão clara como as que tinha antes de que suas premonições se esgotassem.

De fato, não foi uma visão. Foi uma palavra. E que pelo que sabia não tinha nenhum sentido.

Irmão.

Estranho.

V anulou o doutor para deixá-lo bem e limpo, e se desmaterializou.

Manny Manello pôs os cotovelos sobre a mesa, esfregou as têmporas, e gemeu. A dor de cabeça tinha o seu próprio batimento do coração, e seu crânio parecia haver se tornado uma câmara de ressonância. Igualmente desagradável, também o dial de sua cabeça estava girando. Pensamentos aleatórios expulsavam por toda parte, em uma salada revolta de assuntos de pouca importância. Tinha que levar o carro para que fizessem a manutenção, precisava terminar de revisar as solicitudes dos residentes, faltava-lhe a do Sam Adams, a partida de beisebol que tinha programado ver a noite na segunda-feira tinha sido mudada para quarta-feira.

Era divertido, se olhava mais à frente do enxame de nada em particular, tinha a sensação de que toda essa atividade estava... escondendo algo.

Por nenhuma razão em concreto lhe chegou uma imagem da manta malva de agulha de crochê que pendurava no respaldo do sofá malva do salão malva de sua mãe. A maldita coisa nunca era utilizada para dar calor, e que Deus o ajudasse se tratava de tirá-la. O único propósito

da coisa era esconder uma mancha de quando seu pai tinha derrubado um prato de espaguete franco-americano por toda parte. Ao fim das contas, somente podia chegar até certo ponto com um pote de spray de Resolve⁴¹, e essa merda enlatada tinha tinta vermelha número cinco em sua composição. O que não combinava com o tom malva do estofado.

Exatamente como essa mancha, seus pensamentos dispersos estavam obstruindo algum tipo de mancha em seu cérebro, embora maldito se soubesse o que era.

Esfregou os olhos e olhou seu Breitling. São 2 .a.m. da manhã.

Hora de ir para casa.

Enquanto recolhia suas coisas, teve a sensação de que tinha esquecido algo importante, e ficou olhando o canto da esquerda da mesa. Havia um lugar livre de papéis ali, a madeira granulada ressaltava no que por outra parte era um banco de neve de trabalho.

O espaço vazio era do tamanho de uma pasta.

Algo tinha sido tirado dali. Sabia. Somente não podia dar-se conta do que era, e quanto mais tentava mais pulsava sua cabeça.

Caminhou para a porta.

Ao passar frente a seu banheiro particular, entrou um momento, encontrou o fiel frasco de Aspirina de quinhentos miligramas e tomou dois.

Realmente precisava de umas férias.

CAPÍTULO 44

Possivelmente essa não era a melhor ideia, pensou Phury enquanto permanecia de pé na porta de quarto contígua ao seu na mansão da Irmandade. Pelo menos os habitantes da casa estavam ocupados com outros assuntos, então não teria que tratar com ninguém ainda. Mas homem, as coisas estavam ruins.

Merda.

Do outro lado, Cormia estava sentada sobre o canto da cama, com a cortina ajustada contra os seios, seus olhos eram como duas bolas de gude em uma grande jarra de cristal. Estava tão nervosa, que queria levá-la de volta ao Outro Lado, mas o que a esperava lá não era muito melhor. Não queria que tivesse que enfrentar o pelotão de fuzilamento da Directrix.

Não ia permitir essa merda.

—Se precisar de algo, estarei na porta do lado — se inclinou e indicou a porta da esquerda— Suponho que pode ficar aqui um dia ou mais, e descansar um pouco. Ter um pouco de tempo para você mesma. O que você acha?

Assentiu, e o cabelo loiro caiu sobre seu ombro.

Por nenhuma razão em particular notou que era de uma bonita cor, especialmente a tênue luz do abajur. Lembrava-lhe à madeira polida de pinheiro, de um rico e brilhante amarelo.

—Você gostaria de comer algo? —perguntou. Quando negou com a cabeça, dirigiu-se ao telefone e pôs a mão sobre ele— Se tiver fome, somente aperte asterisco, quatro e se porá em contato com a cozinha. Trarão-lhe qualquer coisa que peça.

Deu uma olhada ao telefone, e voltou a lhe olhar.

—Está a salvo aqui, Cormia. Nada ruim pode acontecer a você...

—Phury? Voltou? —através do vão da porta, a voz de Bela era uma combinação de surpresa e alívio.

⁴¹ Marca de tira manchas

Seu coração parou. Pego. E pela pessoa a que lhe dava mais medo explicar todo o assunto. Era pior que Wrath, pelo amor de Deus.

Recompôs-se antes de poder olhá-la.

— Sim, voltei por um momento.

— Pensei que estava... OH! Olá. — Bela o fustigou com o olhar antes de sorrir a Cormia — Ah... meu nome é Bela. E você é...?

Como não houve resposta, Phury disse:

— Esta é Cormia. É a Escolhida com a que... me emparelhei. Cormia, esta é Bela.

Cormia ficou de pé e fez uma profunda reverência, seu cabelo quase roçava o chão.

— Sua Graça.

A mão de Bela se dirigiu a seu ventre.

— Cormia, é um prazer conhecer você. E por favor, não somos tão formais nesta casa.

Então houve um momento de silêncio, tão longo como uma auto-estrada de seis paradas.

Phury esclareceu a garganta. Bom, se isto não fosse incômodo...

Enquanto Cormia olhava fixamente à outra mulher, entendeu toda a história sem necessidade de palavras. Então essa era a razão pela qual o Primale não havia se apareado. Esta era a mulher que realmente desejava: sua necessidade se percebia na forma que seus olhos se centravam e permaneciam sobre sua figura, na forma em que lhe agravava a voz e na forma com que seu corpo se esquentava.

E estava grávida. Cormia desvio o olhar para o Primale. Estava grávida mas não de seu filho. Sua expressão enquanto a olhava do outro lado do quarto, era de desejo, não de posse.

Ah, sim. Então esta era a razão pela qual tinha intervindo quando o filho do Bloodletter tinha mudado de idéia. O Primale queria separar-se desta mulher porque a desejava e não podia tê-la.

Mudava seu peso de um pé a outro enquanto a olhava fixamente através do quarto. Logo, sorriu um pouco.

— Quantos minutos ficam?

A fêmea... Bela... devolveu-lhe o sorriso.

— Onze.

— Tem uma longa viagem através da sala das estátuas. Deveria começar já.

— Não me vai levar tanto tempo.

Ambos sustentaram o olhar. O afeto e a tristeza iluminavam os olhos dela. E o leve rubor que tingia as bochechas dele sugeria que encontrava o que estava olhando muito mais que lindo.

Cormia puxou a cortina para seu queixo, cobrindo o pescoço.

— O que parece a você se a acompanho a seu quarto? — perguntou Phury, aproximando-se e lhe oferecendo o braço.

— De toda forma quero ver o Z.

A fêmea pôs os olhos em branco.

— Só está usando isso como desculpa para me colocar na cama.

Cormia fez uma careta de dor quando o Primale sorriu e murmurou.

— Sim, basicamente sim. Como estou me saindo?

A mulher riu e lhe pôs a mão na curva do cotovelo. Com a voz ligeiramente rouca disse:

— Está se saindo muito bem. Algo usual em você... fazer as coisas realmente bem. Estou muito contente de que esteja aqui... sem importar quanto tempo fique.

O rubor de seu rosto se fez um pouco mais brilhante. Então olhou para a Cormia.

—Vou acompanhá-la, depois estarei em meu quarto se por acaso precisar de algo, tudo bem?

Cormia assentiu e ficou olhando como se fechava a porta atrás deles.

Ao ficar sozinha, voltou a se sentar na cama.

Querida Virgem... sentia-se pequena. Pequena sobre o grande colchão. Pequena no grande quarto. Pequena frente ao elevado impacto de todas as cores e texturas que havia ao seu redor.

Que era o que tinha desejado, na verdade. Durante a cerimônia de apresentação era exatamente o que tinha desejado.

Exceto que ser invisível não era o bálsamo que tinha suposto.

Olhando ao redor do quarto era incapaz de compreender onde estava, e sentia saudades de seu pequeno, branco e seguro espaço no Outro Lado.

Quando haviam chegado do mais cedo, tinham estado no quarto ao lado, que ele havia dito que era dele. Seu primeiro pensamento foi que amava o aroma desse lugar. Cheirava ligeiramente a fumaça, com um escuro e picante aroma que tinha reconhecido como próprio dele. Seu próximo pensamento foi que a aglomeração de cor, textura e forma era entristecedora.

E isso foi antes de que a levasse ao vestíbulo, e ficasse completamente rendida. Na verdade, vivia em um palácio, o saguão era tão grande como os templos mais amplos do Outro Lado. O teto era quase tão alto como o céu, as pinturas de guerreiros em plena luta brilhavam como as gemas, que seus olhos tinham adorado. Quando pôs as mãos sobre o corrimão da galeria e se reclinou sobre ela, a queda até o chão de mosaicos que havia debaixo era atordoante e emocionante.

Tinha estado pasma enquanto a conduzia dentro do quarto em que agora se encontrava.

Já não sentia esse assombro. Agora estava assustada pela sobrecarga sensorial. O ar era estranho deste lado, cheio de estranhos aromas, e o sentia seco em seu nariz. Também se movia constantemente. Aqui havia correntes que roçavam seu rosto, seu cabelo e a cortina que envolvia seu corpo.

Olhou para a porta. Também aqui havia sons estranhos. A mansão rangia a seu redor, e ocasionalmente podia ouvir vozes.

Acomodou-se, pôs os pés debaixo do corpo e olhou para a elegante mesa que estava à direita da cama. Não tinha fome, mas se a tivesse não saberia o que pedir para comer. E tampouco tinha nem idéia de como usar esse objeto que ele tinha chamado telefone.

Através da janela, ouviu um rugido e se voltou rapidamente para o som. Haveria dragões neste lugar? Tinha lido a respeito deles, e embora confiasse em Phury quando disse que estava a salvo ali, preocupavam-na os perigos que não podia ver.

Possivelmente isso era só o vento? Também tinha lido a respeito disso antes, mas não podia estar segura.

Estendendo a mão, pegou um travesseiro raso que tinha pequenas borlas nos quatro cantos. Sustentando-o contra o peito, acariciou uma das sedosas tiras, tratando acalmar-se com a sensação dos fios escorregando por sua mão uma e outra vez.

Este era seu castigo, pensou enquanto sentia o quarto oprimindo-a e alagando seus olhos. Este era o resultado de querer sair do Outro Lado e encontrar seu caminho independentemente.

Estava agora onde tinha rezado por estar.

E tudo o que desejava era ir para casa.

CAPÍTULO 45

Jane estava sentada no canto da cozinha com uma xícara fria diante dela. Do outro lado da rua o sol estava aparecendo, seus raios piscavam através dos ramos das árvores. Vishous tinha saído por volta de uns vinte minutos, e antes de ir lhe tinha preparado o chocolate que acabava de terminar.

Sentia saudades com uma dor que não tinha nenhum sentido, considerando quanto tempo tinham estado juntos durante a noite. Depois que V falasse com Manny, tinha retornado e a tinha assegurado que seu chefe ainda estava vivo com todos seus membros unidos. Logo a tinha envolto em seus braços, abraçando-a... e lhe tinha feito o amor. Duas vezes.

Só fazia um momento que se foi, e o sol tinha que cair como uma pedra antes que pudesse voltar a vê-lo.

Claro, havia telefones, e-mail e mensagens de texto, e se encontrariam essa noite. Mas entretanto sentia que não era suficiente. Desejava dormir a seu lado, e não só por umas poucas horas antes que tivesse que ir lutar ou voltar para sua casa.

E falando de logística... o que devia fazer sobre a oportunidade em Columbia? Isto a afastaria até mais dele, mas importava? Ele podia viajar a qualquer parte sem prévio aviso. Ainda então, parecia uma má idéia estar muito longe, depois de tudo, já tinham atirado nele uma vez. E se precisasse dela? Ela não poderia simplesmente aparecer a seu lado.

Assim, o que ia fazer a respeito de ser sua própria chefe em sua profissão? A necessidade de mandar era parte de sua composição química, e ir para Columbia seguia sendo a melhor aposta, embora poderiam passar cinco anos ou mais antes de que a considerassem para uma chefia.

Assumindo que ainda queriam entrevistá-la. Assumindo que conseguisse o trabalho.

Jane olhou a xícara fria cheia de raías de chocolate.

A idéia que lhe ocorreu era uma loucura. Absolutamente uma loucura. Colocou-a de lado como prova de que sua cabeça não havia retornava à normalidade.

Levantando-se da mesa, pôs a xícara na máquina de lavar pratos, e foi tomar banho e trocar-se. Meia hora depois saiu da garagem, e enquanto ia, uma minivan estava chegando pela entrada de carros da casa do lado.

Uma família. Genial.

Por sorte, a viagem ao centro da cidade era uma viagem fácil. Havia pouco tráfico quando entrou na rua Trade, e encontrou todo semáforo verde até que chegasse do lado oposto aos escritórios do Caldwell Courier Journal.

Enquanto parava o celular começou a soar. Sem dúvida seu serviço de mensagens.

— Whitcomb.

— Olá, doutora. É seu homem.

Sorriu. Com uma enorme e ampla cara de satisfação.

— Olá.

— Olá. — Houve um som apagado de movimento de lençóis, como se V estivesse se acomodando sobre a cama.

— Onde está?

— A caminho do trabalho. Onde você está?

— Sobre minhas costas.

OH, Jesus, somente podia imaginar quão bem pareceria sobre seus lençóis negros.

— Então... Jane?

— Sim?

Sua voz desceu de tom.

— O que está usando?

— O uniforme do hospital.

—Mmmmm. Isso é sexy.

Ela riu.

—Está a um passo de levar um soco.

—Não sobre você, não é assim.

—O que você está usando?

—Nada... e adivinha onde está minha mão, doutora.

A luz mudou, e Jane teve que lembrar como conduzir. Com voz ofegante disse:

—Onde?

—Entre minhas pernas. Pode adivinhar o que estou fazendo?

OH...doce... Jesus. Enquanto apertava o acelerador, disse:

—O que?

Ele respondeu e quase bate contra um carro estacionado.

—Vishous...

—Me diga o que fazer, doutora. Me diga o que devo fazer com minha mão.

Jane engoliu com força, estacionou... e lhe deu instruções detalhadas.

Phury enrolou um pouco de tabaco vermelho, lambeu o papel, e torceu as pontas fechando-os. Enquanto o acendia, reclinou-se para trás nos travesseiros. Tirou a prótese e esta estava apoiada contra a mesinha de cabeceira, e usava um roupão de seda azul real e vermelho sangue. Seu favorito.

Ter acalmado um pouco a Bela o tinha tranqüilizado um pouco. Estar de volta o tinha tranqüilizado. Mais tabaco vermelho o tinha tranqüilizado.

Tirar a Directrix fora da casa não o tinha feito.

Essa fêmea tinha aparecido na mansão aproximadamente uma meia hora depois que Cormia e ele tivessem chegado do Outro Lado, e subia pelas paredes porque uma de suas Escolhidas se perdeu. Phury a tinha levado a biblioteca e em frente a Wrath tinha explicado que tudo estava bem: que só tinha mudado de opinião e tinha querido voltar aqui por um momento.

A Directrix não esteve encantada. Com uma voz altiva que não lhe tinha chegado bem, tinha-lhe informado que como a representante das Escolhidas, exigia ter uma conferência com a Cormia a respeito do que tinha passado no Templo... com o propósito de determinar se a cerimônia do Primale estava completa.

Nesse momento Phury tinha decidido que não gostava dela. Seus olhos sagazes lhe haviam dito que sabia que não tinha havido sexo, e tinha a clara impressão que só queria detalhes porque tinha toda a intenção de culpar Cormia.

Como se isso fosse acontecer. Com um sorriso no rosto, Phury tinha deixado cair a bomba P e tinha Lembrado à cadela que como Primale, não devia render contas a ela, e que Cormia e ele retornariam ao Outro Lado quando lhe desse a maldita vontade. E nem um momento antes.

Irritada nem sequer se aproximava de descrever sua reação, mas a tinha entre a espada e a parede e ela sabia. Seus olhos tinham estado cuspidando ódio enquanto fazia uma reverência e se desmaterializava.

Ao inferno com ela, era sua decisão, e estava pensado seriamente em conseguir desfazer-se de seu traseiro. Não estava seguro de que fazer para consegui-lo, mas não queria a alguém assim no cargo. Era má.

Phury inalou e conteve a fumaça vermelha. Não sabia quanto tempo iria manter aqui a Cormia. Cristo, por isso sabia, já desejava retornar. A única coisa que sabia com segurança era que quando voltasse seria sua decisão, não forçado por esse grupo de loucas das Escolhidas.

Em quanto a ele? Bom... uma parte dele ainda queria escapar da mansão, mas Cormia era um tipo de amortecedor. Além disso, em algum momento retornariam ao Outro Lado e ficariam lá.

Exalou e ausentemente esfregou a perna direita justo onde terminava, debaixo do joelho. Estava irritada, como geralmente o estava ao final de cada noite.

O golpe na porta o surpreendeu.

— Entre.

Supôs quem era pela forma com que abriu a porta, brandamente e só uma fresta.

— Cormia? É você? — sentou-se, atirando o edredom em cima de suas pernas.

Apareceu a cabeça loira pelo vão da porta, mantendo seu corpo fora no vestíbulo.

— Está tudo bem? — perguntou.

Ela sacudiu a cabeça. Na Antiga Língua disse:

— Se não o ofender, posso, por favor, entrar em seus aposentos, Sua Graça?

— Claro. E não tem que ser formal.

Deslizou para dentro e fechou a porta. Parecia tão frágil envolta em todo esse tecido branco, mas bem parecia uma menina, em vez de uma fêmea que tinha atravessado a mudança.

— O que está errado?

Em vez de lhe responder, permaneceu em silêncio, olhando para baixo, e abraçando a si mesma.

— Cormia, fala comigo. Me diga o que se passa.

Fez uma reverência e falou desta posição.

— Sua Graça, sou...

— Sem formalidades. Por favor. — Começou a sair da cama, mas então se deu conta de que não usava a prótese. Voltou para seu lugar, não estando seguro de como se sentiria ela sabendo que lhe faltava uma parte do corpo.

— Simplesmente fala comigo. O que precisa?

Esclareceu a garganta.

— Sou sua companheira, não é assim?

— Um... sim.

— Então, não deveria ficar com você, em seu quarto?

Arqueou as sobancelhas.

— Pensei que seria melhor para você, ter seu próprio quarto.

— OH.

Franziu o cenho. Certamente não queria ficar com ele.

Quando o silêncio se estendeu, pensou, bom, evidentemente se quisesse.

ado Sentia-se incômodo como o inferno quando lhe disse:

— Suponho, que se quiser... pode ficar aqui. Quero dizer, poderíamos conseguir que tragam outra cama.

— O que tem de errado com a que tem?

Queria dormir com ele? Porque... Ah, certo.

— Cormia, não tem que preocupar-se porque a Directrix ou qualquer das outras pensem que não está cumprindo com seu dever. Ninguém vai saber o que faz aqui.

Ou não fazia, como era o caso.

— Não é isso. O vento... pelo menos, acredito que deve ser o vento... golpeia a casa, não é assim?

— Bom, sim, neste momento esta um pouco tormentoso. Mas estamos rodeados por uma grande quantidade de pedra.

Esperou que continuasse e quando não o fez, entendeu-o. Homem, era um bastardo ignorante, certo? Tinha-a tirado do único ambiente que tinha conhecido alguma vez e a tinha deixado cair em um mundo completamente novo. Agitava-se por coisas que ele tomava como normais. Como poderia sentir-se segura quando não sabia quais sons eram perigosos e quais não?

— Escuta, quer ficar aqui? Isso está bom para mim. — Olhou ao seu redor, tentando deduzir onde colocar um cama de armar — Há bastante lugar no quarto para um cama de armar.

— A cama está bem para mim.

— Sim, eu dormirei na cama de armar.

— Por que?

— Porque preferiria não dormir no chão. — Havia um espaço entre duas das janelas. Poderia fazer que Fritz...

— Mas a cama é o bastante grande para ambos.

Lentamente Phury virou a cabeça para ela. Então piscou.

— Ah... sim.

— Devemos compartilhá-la. — Ainda tinha os olhos baixos, mas havia uma intrigante insinuação de força em sua voz.

— E então, pelo menos poderei lhes dizer que dormi a seu lado.

OH, então era isso.

— De acordo.

Ela assentiu e foi para o lado oposto. Depois de deslizar-se entre os lençóis, fez-se um novelo e o enfrentou. O que foi uma surpresa. Como foi o fato de que não apertasse os olhos e fingisse dormir.

Phury apagou o cigarro e calculou que faria a ambos um favor e dormiria em cima dos lençóis. Mas precisava ir ao banheiro antes de dormir.

Merda.

Bem, cedo ou tarde, ia ter que inteirar-se sobre sua perna.

Afastou o edredom a um lado, alcançou o fortificação, e ficou de pé. Quando escutou que sua respiração vaiava e sentiu sobre si seu olhar fixo, pensou: Deus, deve estar horrorizada. Como Escolhida estava acostumada à perfeição.

— Não tenho a parte baixa da perna. — Bom, óbvio — Embora não seja um problema.

Com tanto de que a prótese se ajustasse corretamente e funcionasse bem.

— Volto em seguida. — Foi um alívio fechar a porta do banheiro. Atrasou-se mais tempo do que normalmente empregava escovando seus dentes, usando o fio dental e a privada. Quando começou a reacomodar as tirinhas e os Motrin no estojo de primeiro socorros, soube que tinha que sair.

Abriu a porta.

Estava justo como a tinha deixado, no mesmo limite da cama, de frente a ele e com os olhos abertos.

Enquanto caminhava através da quarto, desejou que deixasse de olhá-lo. Sobre tudo quando se estirou em cima do edredom e o roupão não lhe cobriu a perna. Puxando do canto do edredom para ficar em cima, tratou de acomodar-se.

Isto não ia funcionar. Tinha frio se só se cobria a parte de abaixo.

Com um rápido olhar mediu o espaço de colchão entre eles. Grande como um campo do futebol. Com tanto espaço, bem poderia ter estado em outro quarto.

— Vou apagar a luz.

Quando ela elevou a cabeça sobre o travesseiro, apagou o abajur... e deslizou sob as mantas.

No negro vazio jazeu rigidamente a seu lado. Jesus... Nunca antes tinha dormido com ninguém. Bom exceto por aquela vez durante a necessidade de Bela, com V e Butch, mas isso tinha sido porque todos caíram desmaiados. Além disso, eram machos, enquanto que... bem, Cormia definitivamente não era um macho.

Fez uma profunda inspiração. Sim, sua essência de jasmim era uma tentação mortal.

Fechando os olhos, estava disposto a apostar que estava tão rígida e encolhida como ele mesmo. Homem, este ia ser um longo dia. Devia ter continuado com sua idéia de colocar um cama de armar.

CAPÍTULO 46

— Vishous, poderia deixar de sorrir dessa forma? Está começando a me enlouquecer.

V fez a Butch um gesto obsceno levantando o dedo do meio da mão através da mesa da cozinha da mansão e voltou para seu café. A noite chegaria logo, o que significava que em... vinte e oito minutos... seria livre.

No segundo em que saísse, ia a casa de Jane e montar alguma merda romântica. Não estava seguro do que, possivelmente flores ou algo assim. Bom, flores e instalaria o sistema de segurança. Porque nada dizia te amo como um monte de merda de detectores de movimento.

Deus, estava abalado. De verdade.

Havia-lhe dito que chegaria em casa por volta das nove, então se figurava que arrumaria o quarto um pouco e logo ficaria com ela até meia-noite.

Salvo que dessa forma só ficariam cinco horas para caçar.

Butch fez ranger a seção de esportes, agachou-se para beijar Marissa no ombro, e logo retornou ao Caldwell Courier Journal. Em resposta lhe deu uma olhada por cima dos documentos de Lugar Seguro, acariciou seu braço, e voltou para o que estava fazendo. Tinha uma marca fresca de mordida no pescoço e o resplendor de uma mulher muito satisfeita no rosto.

V fez uma careta de dor e baixou a vista para seu café, acariciando o cavanhaque. Jane e ele nunca teriam isso, pensou, porque nunca iriam viver juntos. Até se ele estivesse fora da Irmandade, não poderia ficar em sua casa durante as horas do dia, pelo fato do sol e que ela viesse para cá não era uma opção por diferentes razões de exposição: já era suficiente risco que soubesse da existência de sua raça. Mais contato, mais detalhe, mais tempo em contato com a Irmandade não era inteligente nem seguro.

Enquanto V embalava a xícara e se reclinava para trás na cadeira, preocupou-se com o futuro. Jane e ele estavam bem juntos, mas as separações forçadas iriam cobrar seu preço. Já podia sentir a tensão quando pensava no adeus que teria que ocorrer esta noite.

Desejava-a tão perto como a sua própria pele, as vinte e quatro horas, os sete dias da semana. Sua voz no telefone, era melhor que nada, mas não era suficiente para satisfazê-lo completamente. Mas quais eram suas outras opções?

Houve outro rangido de papel quando Butch manuseou o CCJ⁴². Cristo, dirigia o jornal horivelmente, sempre enrugava as páginas e enrugava as dobras. Era o mesmo com as revistas. Butch mais que as ler as destruía com as mãos.

Durante o processo de aterrorizar a um artigo sobre o treinamento da primavera, Butch voltou a olhar a Marissa, e V soube que os dois iam desaparecer logo... mas não porque tivessem terminado o café.

⁴² Caldwell Courier Journal

Era engraçado, sabia o que ia passar por extrapolação, não pela segunda visão ou porque pudesse ler suas mentes. Butch estava emanando o aroma da vinculação, e Marissa amava estar com seu macho. Não era como se V tivesse uma visão deles terminando encerrados na despensa ou de volta à cama no Pit.

Os pensamentos da Jane eram os únicos que poderia ler, mas só em algumas ocasiões.

Esfregou o centro do peito e pensou no que a Virgem Escriba lhe havia dito... que as visões e as habilidades de premonição estavam obscurecidas devido a uma encruzilhada em sua própria vida, e que quando a solucionasse estas retornariam. O fato era, que agora tinha Jane, de modo que não tinha passado já essa parte? Tinha encontrado a sua fêmea. Estava com ela. Fim da história.

Bebeu mais café. Seguiu esfregando o peito.

O pesadelo tinha retornado de novo esta manhã.

Como já não podia agüentar essa merda de seqüência de tiros ao estresse pos-traumático, decidiu que agora era uma alegoria, seu subconsciente agitando-se pelo fato de que até se sentia fora de controle em sua vida. Porque apaixonar-se provocava isso.

Isso tinha que ser o por que. Devia ser.

—Dez minutos —sussurrou Butch na orelha da Marissa— Posso ter dez minutos com você antes de que vá? Por favor, amor...

V pôs os olhos em branco e se sentiu aliviado de sentir-se aborrecido pela rotina de amantes carinhosos. Pelo menos não toda sua testosterona se evaporou.

—Por favor... amor?

V tomou um gole da xícara.

—Marissa, lhe atire ao idiota bastardo um osso, ok? O sorriso tolo me tira do sério.

—Bom, não podemos permiti-lo, não é? —Marissa juntou seus papéis com uma risada e lançou um olhar a Butch.

— Dez minutos. E será melhor que faça que valham a pena.

Butch esteve fora da cadeira como se a coisa estivesse em chamas.

—Não o faço sempre?

—Mmm... sim.

Quando juntaram seus lábios, V soprou.

—Divirtam-se crianças. Em alguma outra parte.

Acabavam de sair quando Zsadist entrou em uma carreira de morte.

—Merda. Merda... merda...

—O que acontece, irmão?

—Tenho aula e vou com atraso. —Zsadist pegou uma rodela de pão, uma perna de peru do geladeira e um quarto de galão de sorvete do congelador — Merda.

—Isso é seu café da manhã?

—Se cale. É só um sanduiche de peru.

—O sorvete Rocky Road não serve como maionese, irmão.

—Não importa. —disse indo diretamente para a porta— OH, a propósito, Phury esta aqui de novo, e trouxe essa Escolhida com ele. Imaginei que queria sabê-lo em caso de que veja uma fêmea desconhecida perambulando pelos arredores.

Whoa. Surpresa.

—Como vai?

Zsadist fez uma pausa.

—Não sei. É muito hermético sobre essa merda. Realmente não é muito comunicativo. O bastardo.

—OH, e você é um candidato para o The View?

—Depois de você, Bahbwa.

—Touché. —V sacudiu a cabeça— Homem, estou em dívida com ele.

—Sim, está. Todos o estamos.

—Espera, Z. —V lhe arrojou a colher que tinha usado para pôr açúcar no café através da sala—Vai precisar disto, certo.

Z pegou a coisa no voo.

—Ah, teria sentido sua falta. Obrigado. Homem, tenho Bela no cérebro todo o tempo, entende-me?

A porta de serviço se fechou.

No silêncio da cozinha V tomou outro gole de sua xícara. O café já não estava quente, sua calidez se dissipou. Em outros quinze minutos estaria gelado.

Imbebível.

Sim... sabia quão duro era estar pensando em sua fêmea todo o tempo.

Sabia de primeira mão.

Cormia sentiu a cama mover-se quando o Primale se virou. Uma vez mais.

Tinha sido assim por horas e horas. Não tinha dormido em todo o dia, e estava segura de que ele tampouco. A menos que se movesse muito quando estava em repouso.

Soltou um murmúrio e se moveu bruscamente, agitando suas pesadas extremidades. Era como se não pudesse ficar a vontade, e lhe preocupava que ela o incomodasse de alguma forma... embora não ficasse claro como. Ficou quieta desde que tinha entrado.

Entretanto, era estranho. sentia-se reconfortada com sua presença apesar de sua inquietação. Havia algo tranqüilizador em saber que estava do outro lado da cama. Sentia-se segura com ele, embora não o conhecesse.

O Primale se sacudiu de novo, gemeu e...

Cormia saltou quando a mão dele aterrisou sobre seu braço.

Como a ele. Em forma de grunhido baixo fez uma espécie de som inquisidor com a garganta, logo moveu a palma da mão de cima abaixo, como se tentasse deduzir quem estava na cama com ele.

Esperou que se afastasse.

Em vez disso a apertou.

Os lábios de Cormia se abriram pela comoção quando fez um ruído profundo com a garganta e se arrastou através dos lençóis, a mão passou de seu braço à cintura. Como se tivesse passado algum tipo de prova rodou para ela, uma pesado coxa se pressionou contra as suas, algo duro empurrou contra seu quadril. A mão começou a mover-se, e antes de que se desse conta sua roupa se afrouxou e logo se desprende de seu corpo.

Grunhiu com mais força e puxou seu corpo para ele, tanto que agora sua dura longitude repousava sobre suas coxas. Ofegou, mas não houve tempo para reagir ou pensar. Os lábios lhe encontraram a garganta e chuparam sua pele, fazendo com que seu corpo esquentasse. E logo o corpo dele começou a mover-se. O ondular para cima e para baixo provocou que algo agradável brotasse e vibrasse entre suas pernas, algo escuro e ofegante se desdobrou em seu ventre.

Sem prévio aviso, segurou-a com ambos os braços e a fez rodar sobre as costas, o lustroso cabelo caindo sobre o rosto. Colocou uma grossa coxa entre os seus, e ficou em cima dela, ia e vinha acariciando-a com o que sabia que era seu sexo. Via-se enorme sobre ela, mas não se sentia apanhada ou assustada. O que fosse que estivesse acontecendo entre eles era algo que desejava. Algo... que ansiava.

Pôs as mãos em suas costas. Os músculos ao longo de sua coluna eram enormes, e ondeavam sob o cetim do roupão com cada impulso e retirada. Grunhiu novamente quando o tocou, como se gostasse de suas mãos sobre ele, e justo quando se perguntava como se sentiria sua pele nua se elevou e se despiu.

Então se apoiou sobre um flanco, tomou sua palma na sua, e a pôs entre seus corpos. Sobre ele.

Ambos ofegaram quando entraram em contato, e ela teve um instante de puro assombro ante o calor, a dureza e o tamanho dele... também pela suavidade de sua pele... e o poder que parecia descansar nessa parte de sua carne. Pegou-o por reflexo quando um estremecedor raio de fogo lhe atravessou as coxas.

Exceto que, ele gritou e seus quadris empurraram para frente e o que estava em sua mão começou a sacudir-se. Cálidas explosões se dispararam desde alguma parte e cobriram seu ventre.

OH, querida Virgem, tinha-o ferido?

Phury despertou em cima de Cormia, com sua mão no pênis e um orgasmo em plena marcha. Tentou deter seu corpo, lutando para tomar as rédeas sobre as correntes eróticas que estalavam através dele, mas não pôde deter o impulso, mesmo consciente de que estava gozando em cima dela.

No instante que as sensações passaram, retirou-se. E então tudo ficou muito pior.

—Sinto muito —disse, olhando fixamente com horror.

—Por que? —merda, sua voz estava morta. E era o único que deveria estar desculpando-se.

—Feri você... até que sangrou.

OH, doce Jesus.

—Ah... não é sangue.

Afastou o edredom para um lado para poder levantar-se, dando-se conta de que estava totalmente nu, e teve que revolver a roupa de cama para encontrar o roupão. Colocou de um puxão a maldita coisa, tomou o bastão, e saiu da cama, dirigindo-se ao banheiro para por uma toalha.

Quando retornou junto a ela, só podia imaginar como desejaria tirar essa coisa. Tinha montado uma confusão tremenda.

—Me permita... —avistou a cortina no chão. OH, ótimo, também estava nua. Fantástico— De fato, talvez devesse se limpar.

Olhou para outro lado e lhe ofereceu a toalha.

—Toma isto. Use-a.

Pela extremidade do olho a olhou esfregar-se torpemente sob o edredom, e se viu alagado pelo ódio por si mesmo. Jesu Cristo... Era um libertino. Curvando a pobre fêmea.

Quando lhe devolveu a toalha, disse-lhe:

—Não pode ficar comigo. Não é correto. Durante o tempo que estejamos aqui, usara o outro quarto.

Houve uma ligeira pausa. Logo lhe disse:

—Sim, Sua Graça.

CAPÍTULO 47

Ao cair da noite, John estava clandestinamente, no ginásio, alinhado com o resto dos alunos, com uma adaga na mão direita, os pés plantados em posição de preparados. Quando Zsadist

assobiou entre dentes, John e outros começaram a executar o exercício. Golpe de arma através do peito, cortar atrás em ângulo, um passo adiante e punhalada acima sob as costelas.

—John, permanece atento!

Merda, estava fodendo tudo. Outra vez. Sentindo-se totalmente cego e em sua maior parte inútil, tratou de encontrar o ritmo das posições, mas seu equilíbrio estava como a merda e seus braços e pernas, simplesmente, não se comportavam.

—John... só pare. —Zsadist veio se colocou atrás dele e lhe moveu os braços. Outra vez — Vamos fazer outra vez. Senhoritas, de volta à posição de preparados.

John se situou, esperou o assobio... e estragou tudo. Outra vez.

Desta vez quando Zsadist se aproximou, John não pôde olhar ao irmão no rosto.

—Vamos tentar uma coisa. —Z tomou a lâmina e a pôs na mão esquerda de John.

John sacudiu a cabeça. Era destro.

—Só tenta-o. Senhoritas? Façamos novamente.

Outra posição de preparados. Outro assobio. Outra cagada...

OH, mas desta vez não. Milagrosamente, o corpo de John caiu na série de posições como um acorde de piano perfeito. Tudo estava sincronizado, seus braços e pernas foram onde deviam ir, a adaga controlada perfeitamente na mão, seus músculos unindo-se e trabalhando juntos.

Quando a instrução acabou, sorriu. Até que topou com os olhos de Z. O irmão o estava olhando fixamente com uma expressão de estranheza, mas então pareceu reagir.

—Melhor, John. Muito melhor.

John olhou à adaga que tinha na mão. Teve uma breve e dolorosa lembrança de acompanhar a Sarelle até seu carro uns dias antes de que fosse assassinada. Enquanto tinha estado a seu lado tinha desejado ter uma adaga, havia sentido como sua palma era muito ligeira sem uma. Nesse momento, tinha sido sua mão direita. Por que a mudança brusca depois da transição?

—Outra vez senhoritas — gritou Z.

Fizeram a sequência vinte e três vezes mais. Logo trabalharam em outro exercício, onde tinham que apoiar-se sobre um joelho e investir para cima. Z patrulhava a linha, corrigindo posições, ladrando ordens.

Não teve que dirigir-se ao John outra vez. Tudo tinha arrumado em seu lugar, explorada a nervura, extraído o ouro.

Quando a aula terminou John se dirigiu aos vestuários, mas Z o chamou e o guiou para a sala de equipamento, para o armário fechado onde se guardavam as adagas de treinamento.

—A partir de agora, usará esta —Z lhe entregou uma que tinha um punho azul — Calibrada para uma mão esquerda.

John a provou e se sentiu ainda mais forte. Estava por dar as graças ao irmão quando franziu o cenho. Z o estava olhando com a mesma expressão de estranheza que tinha tido no ginásio.

John meteu a lâmina no cinturão do ji e falou por gestos.

O que? Não estou em boa posição?

Z esfregou uma mão sobre seu raspado crânio.

—Me pergunte quantos lutadores são canhotos.

John deixou de respirar, lhe sobrevivendo um estranho sentimento.

Quantos?

—Só conheci um. Me pergunte quem era.

Quem era?

—Darius. D era canhoto.

John olhou fixamente a mão esquerda. Seu pai.

—E se move como ele —murmurou Z— É fodidamente misterioso, para ser honesto. É como se estivesse olhando para ele.

De verdade?

—Sim. Era fluido. Como você. Enfim. Não importa. —Z de tapinhas em seu ombro— Canhoto. Vai você saber.

John olhou sair o irmão, logo voltou a olhar sua palma.

Não pela primeira vez, perguntou-se qual seria a aparência de seu pai. Como seria. Como agia. Deus, o que não daria por um pouco de informação sobre o macho.

Possivelmente algum dia poderia perguntar ao Zsadist. Mas tinha medo de emocionar-se.

Se somente houvesse outra maneira.

Jane estacionou o carro na garagem e amaldiçoou mais uma vez antes de desligar o motor. Onze e trinta e quatro. Chegava duas horas e meia atrasada para encontrar-se com V em sua casa.

Deu-se um exemplo de situação de saída atrasada. Tinha o casaco posto e a bolsa preparada, mas no caminho à porta todo tipo de pessoal médico lhe tinha aproximado fazendo pergunta atrás de pergunta. Depois um dos pacientes tinha piorado no box, e tinha tido que examinar à mulher, logo falar com a família.

Tinha enviado uma mensagem de texto a Vishous lhe dizendo que se tinha complicado. E logo outro quando teve que ficar ainda mais tempo. Ele tinha respondido dizendo que estava tudo bem. Mas depois havia tornado a chamar quando estava presa em um desvio a caminho de casa, e tinha escutado a mensagem de voz.

Saiu do carro enquanto a porta da garagem se fechava brandamente. Estava emocionada por ver Vishous, mas também estava exausta. Tinham passado a noite anterior fazendo um monte de coisas que não implicavam em dormir, e tinha tido um longo dia.

Enquanto entrava pela cozinha disse:

—Sinto tanto, chegar tarde.

—Está tudo bem —disse da sala.

Apareceu no canto... e parou. Vishous estava sentado no sofá na escuridão, com as pernas cruzadas. Sua jaqueta de couro estava junto a ele, e também um ramo envolto de lírios de baía. Estava quieto como um lago congelado.

Merda.

—Olá —disse enquanto deixava o casaco e a bolsa sobre a mesa de seus pais.

—Hei. —Descruzou as coxas e plantou os cotovelos nos joelhos— Tudo vai bem no hospital?

—Sim. Somente ocupado. —sentou-se perto das flores— São encantadoras.

—Peguei-as para você.

—Sinto muito...

Deteve-a com a mão.

—Não tem que senti-lo. Posso imaginar como é.

Enquanto o analisava, sabia que não estava tentando culpá-la ou algo assim; somente estava decepcionado. O que a fazia sentir-se pior. Se tivesse sido irracional, seria outra coisa, mas esta tranqüila resignação de um homem tão poderoso como ele era difícil de suportar.

—Parece cansada —disse— Acredito que o que de mais amável posso fazer é pôr você na cama.

Ela se recostou e acariciou brandamente uma das flores com o indicador. Gostava que não fosse comum, como rosas ou mesmo a variedade branca de lírios. Estes eram de um profundo tom pêssego. Incomuns. Lindos.

—Pensei em você todo o dia. Muito.

—Feze-o? —embora não estivesse o olhando, sentiu o sorriso em sua voz— Em que pensava?

—Em tudo. Em nada. Em quanto desejaria dormir com você toda noite.

Não lhe disse que tinha rechaçado a oportunidade de Columbia. Deixá-la ir não lhe fez bem, mas bom, fazer uma prova para conseguir uma posição em Nova Iorque, onde teria mais responsabilidades, não parecia uma coisa inteligente que fazer se a meta era passar mais tempo, não menos, com V. Ainda queria estar no comando, mas teria que sacrificar coisas na vida para conseguir o que queria. E a idéia de que podia ter tudo era uma falácia.

Um bocejo surgiu por sua garganta e abriu a boca. Merda, estava cansada.

V ficou de pé e estirou a mão.

—Vêm para cima. Pode dormir ao meu lado durante um momento.

Permitiu-se ser guiada escada acima, despida e empurrada à ducha. Esperou que se unisse a ela, mas negou com a cabeça.

—Se começar com essa merda, vou manter você acordada durante as próximas duas horas.

—Seus olhos se pegaram a seus seios e cintilaram iluminando-se—. OH... Cristo... Eu apenas... Droga, esperarei você aqui fora.

Sorriu enquanto ele fechava a porta de vidro da ducha e sua grande forma negra se dirigia majestosamente para o quarto. Dez minutos depois saiu, esfregada, dente limpos, escovada e vestindo uma de suas camisolas.

Vishous tinha estirado o edredom, arrumado os travesseiros e afastado os lençóis.

—Dentro —ordenou.

—Odeio obedecer ordens —murmurou.

—Mas o fará por mim. Em determinadas ocasiões. —Bateu-lhe no traseiro ligeiramente enquanto deslizava para dentro—Fique confortável.

Ela arrumou tudo como queria enquanto ele dava a volta e tombava em cima da cama. Quando empurrou o braço debaixo de sua cabeça e se aproximou, pensou, Deus, cheira bem. E a tranqüilizadora mão que lhe percorria a cintura acima e abaixo se fazia divina.

Depois de um momento disse na escuridão.

—Hoje perdemos um paciente.

—Merda, sinto muito.

—Sim... não havia modo de salvá-la. Às vezes simplesmente sei, e com ela? Soube. Então fizemos tudo o que pudemos, mas todo o tempo... sim, todo o tempo sabia que não íamos salvá-la.

—Deve ser duro.

—Terrível. Fui eu quem disse à família que ela havia morrido, mas pelo menos conseguiram estar lá quando aconteceu, o que foi bom. Como minha irmã? Hannah morreu sozinha. Isso eu odeio. —Jane imaginou à moça cujo coração tinha falhado no box— A morte é estranha. A maioria das pessoas pensa que é um tipo de coisa de ascenso e apagado, mas mais freqüentemente é um processo, realmente como fechar uma loja ao final do dia. Em sua maior parte as coisas falham de uma maneira previsível, até que finalmente a última luz do lugar se apaga e a porta se fecha. Como médica posso saltar dentro e parar a progressão curando feridas ou dando mais sangue ou forçando o corpo a regular suas funções com drogas. Mas às vezes... às vezes o lojista só sai, e não pode detê-lo, não importa o que faça. —Riu envergonhada—Sinto muito, não queria me ficar morbida.

Acariciou-lhe o rosto com a mão.

—Não o é. É assombrosa.

— Está influenciado — disse, antes de bocejar tanto que sua mandíbula rangeu.

— Estou certo. — Beijou-lhe a fronte — Agora dorme.

Devia ter seguido suas ordens, porque algum tempo depois o sentiu mover-se.

— Não vá.

— Tenho que fazê-lo. Patrulho o centro.

Ficou de pé, um gigantesco homem... er, macho, seu escuro cabelo capturando a débil luz das luzes que havia na rua diante do apartamento.

Uma onda de tristeza a alagou, e fechou os olhos.

— Hei — disse, sentando-se a seu lado — Nada disso. Não estamos tristes. Você e eu? Não estamos tristes. Não praticamos a tristeza.

Riu com um som estrangulado.

— Como sabia o que estava sentindo? Ou pareço tão patética?

Deu-se tapinhas no nariz.

— Posso cheirá-lo. O aroma é como a chuva da primavera.

— Odeio esta merda de adeus.

— Eu também. — inclinou-se e lhe acariciou a fronte com os lábios — Aqui. — encolheu os ombros tirando a camisa de manga longa, fez uma bola e a pôs sob sua bochecha — Finge que sou eu.

Aspirou profundamente, captou o aroma da vinculação e se acalmou um pouco. Enquanto ficava de pé se via tão forte vestido com somente uma camiseta regata, invencível, como um super-herói. E ainda e assim respirava.

— Por favor... tome cuidado.

— Sempre. — inclinou-se e a beijou outra vez — Amo você.

Enquanto se afastava ela se estirou e lhe agarro pelo braço. As palavras falharam, mas o silêncio disse o bastante.

— Odeio a partida também — replicou bruscamente — Mas voltarei. Prometo.

Voltou a beijá-la e logo se dirigiu à porta. Enquanto o escutava descer as escadas para pegar o casaco, sustentou sua camisa contra o rosto e fechou os olhos.

Com um fodido mau sentido de oportunidade, a porta da garagem do apartamento do lado começou a retumbar enquanto se abria. A meio caminho, entupiu-se, o motor choramingando o suficientemente forte para fazer que a cabeceira vibrasse.

Deu um murro no travesseiro e se virou, preparada para chiar.

Vishous não era um excursionista feliz enquanto colocava o arnês onde embainhava as adagas. Estava distraído, vagamente zangado, excitado como a merda, sentia uma desesperada necessidade de fumar e recuperar a prudência antes de ir ao centro. Sentia-se totalmente desfocado, como se tivesse uma pesada mochila de excursionista pendurada em um só ombro.

— Vishous! Espera! — a voz da Jane veio de cima justo quando ia desmaterializar-se — Espera!

Baixou a saltos a escada e virou rapidamente na esquina, sua camisa a fazia parecer menor, as pontas lhe chegando quase até os joelhos.

— O que...

— Tenho uma idéia. É uma loucura. Mas também é inteligente. — Com as bochechas coloridas e os olhos acesos com um propósito, era a coisa mais linda que tinha visto em sua vida — Que tal se eu for morar com você?

Ele sacudiu a cabeça.

— Eu gostaria que o fizesse, mas...

—E funcionaria como a cirurgia particular da Irmandade.

Santa... merda.

—O que?

—Deveriam ter uma no lugar. Disse que havia complicações com esse tipo, Havers. Bem, eu poderia as solucionar. Posso contratar uma enfermeira para ajudar, melhorar as instalações, e estar no comando. Disse que há ao menos três ou quatro feridas por semana dentro da Irmandade, correto? Além disso, Bela está grávida e provavelmente haverá mais bebês no futuro.

—Jesus... Entretanto, estaria disposta a deixar o hospital?

—Sim, mas conseguiria algo em troca.

Ele ruborizou.

—A mim?

Ela riu.

—Bom, sim. É obvio. Mas há algo mais.

—O que?

—A oportunidade de estudar sistematicamente a sua raça. Meu outro grande amor é a genética. Se posso passar as seguintes duas décadas arrumando vocês meninos e catalogando as diferenças entre humanos e vampiros, diria que minha vida teria sido bem aproveitada. Quero saber de onde vêm e como funcionam seus corpos e por que não têm câncer. Há coisas importantes para aprender, Vishous. Coisas que poderiam beneficiar a ambas as raças. Não estou falando de vocês como cobaias... Bem, suponho que sim. Mas não de maneira cruel. Não na maneira desapegada em que pensava antes. Amo você e quero conhecê-lo.

Olhou-a fixamente e ficou muito tempo sem respirar.

Ela fez uma careta e disse:

—Por favor diga s...

Esmagou-a contra seu peito.

—Sim. Sim... se Wrath estiver de acordo e você está bem com isso... sim.

Rodeou-lhe a cintura com os braços e apertou fortemente.

Merda, sentia-se como se estivesse voando. Estava inteiro, pleno, completo em mente, coração e corpo, todas suas pequenas caixas dispostas apropriadamente, esse cubo de Rubik recém-saído-do-pacote, em perfeitas condições.

Estava a ponto de ficar meloso quando soou seu telefone. Com uma maldição o tirou do bolso e ladrou.

—O que. Não de Jane. Quer se encontrar comigo aqui? Justo agora? Sim. Droga. OK, vejo você em dois segundos, Hollywood. —Fechou o Razr— Rhage.

—Crê que seremos capazes de montar uma mudança para mim?

—Sim, acredito. Francamente, Wrath se sentiria muito mais confortável se estivesse em nosso mundo. —Percorreu-lhe a bochecha com os nódulos— E eu também o estaria. Nunca pensei que renunciaria a sua vida.

—Sim, bem. Não estou renunciando a ela. Vou vivê-la de maneira um pouco diferente, mas não renunciarei a ela. Quero dizer... realmente não tenho muitos amigos —exceto Manello— e não há nada que me ate... De toda forma estava pronta para abandonar Caldwell por Manhattan. Além disso... vou ser mais feliz com você.

Olhou-a no rosto, amando os fortes traços, o cabelo curto e os penetrantes olhos verde bosque.

—Nunca teria pedido isso, sabe... que se desfizesse de tudo o que tem aqui por mim.

—Essa é apenas outra das razões pelas quais te amo.

—Dirá-me as outras mais tarde?

—Possivelmente. —Deslizou uma mão entre suas pernas, sacudindo-o como a merda e fazendo-o ofegar.

— Possivelmente lhe mostre isso, também.

Cobriu-lhe a boca com a sua e colocou a língua dentro enquanto a apoiava contra a parede. Não lhe importava se Rhage esperava na grama dianteira, um extra...

Seu telefone soou. E seguiu soando.

V levantou a cabeça e olhou através da janela que estava junto à porta dianteira. Rhage estava na grama dianteira, o telefone na orelha, lhe devolvendo o olhar. O irmão fingiu checar seu relógio, então levantou o dedo do meio para V.

Vishous bateu com o punho no espaladar e se separou de Jane.

— Voltarei para o final da noite. Esteja nua.

— Não preferiria me despir você?

— Não, porque destroçaria essa camisa, e quero que durma com ela cada noite até que esteja em minha cama, junto a mim. Esteja. Nua.

— Veremos.

Seu corpo inteiro palpitou ante a insubordinação. E ela sabia, seu olhar era apaixonado e erótico.

— Deus, amo você — lhe disse.

— Eu sei. Agora corra e pegue algo. Estarei esperando você.

Sorriu-lhe.

— Não poderia te amar mais embora o tentasse.

— O mesmo digo eu.

Beijou-a e se desmaterializou para fora ao lado de Rhage, assegurando-se de que o mhis estivesse no lugar. OH, ótimo. Estava chovendo. Homem, preferiria muito mais estar quente com Jane dentro da casa do que fora com seu irmão, e não pôde evitar disparar um curto olhar enfurecido a Rhage.

— Como se outros cinco minutos fossem matar você?

— Por favor. Se começasse a andar por esse caminho com sua fêmea teria ficado aqui até o verão.

— Está dizem...

V franziu o cenho e olhou o apartamento junto ao de Jane. A porta da garagem estava presa na metade, deixando ver o resplendor das luzes de freio. Sentiu o golpe da porta do carro, então a brisa conduziu um muito leve aroma adocicado, como açúcar impalpável tivesse sido polvilhada no frio vento.

— OH... Deus, não.

Nesse mesmo momento Jane abriu a porta dianteira e saiu correndo, com sua jaqueta de couro na mão, sua camisa fluindo detrás dela.

— Esqueceu isto!

Foi um horroroso buraco surgiu, uma revelação de todas as peças das quais havia visto somente fragmentos. O sonho tinha entrado na vida real.

— Não! — gritou.

A seqüência se desenvolveu em uma série de segundos que duraram séculos. Rhage olhando-o como se estivesse louco. Jane correndo sobre a erva. Ele deixando cair o mhis enquanto o temor o alagava.

Um lesser agachando-se para passar sob a porta da garagem sustentando uma arma.

O disparo não fez nenhum som por causa do silenciador que tinha colocado. V se lançou para Jane, tentando defender seu corpo com o seu. Falhou. Foi ferida nas costas, e a bala saiu pelo

outro lado, rompendo o esterno, indo para seus braços. Pegou-a enquanto caía, seu próprio peito ardendo de dor.

Enquanto caíam esmagados contra o chão, Rhage saiu disparado atrás do assassino, sem que V se desse conta realmente. Tudo o que distinguia era seu pesadelo: Sangue em sua camisa. Seu coração gritando de agonia. A morte vindo... mas não por ele. Por Jane.

—Dois minutos —disse ela entre ofegos enquanto sua mão caía pesadamente sobre seu peito— Tenho menos de dois... minutos.

Devia ter sido ferida em uma artéria e sabia.

—Vou...

Sacudiu a cabeça e lhe pegou o braço.

—Fique. Merda... não vou... ..

Obtê-lo... eram as palavras que ia dizer.

—Droga!

—Vishous... —tinha os olhos úmidos, a cor se desvanecia rapidamente— Segura minha mão. Não me deixe. Não pode... Não me deixe ir sozinha.

—Vai ficar bem! —começou a levantá-la— Vou levar você ao Havers.

—Vishous. Não pode arrumar isto. Segura minha mão. Vou... OH, merda... —começou a chorar enquanto ofegava.

— Te amo.

—Não!

—Amo você...

—Não!

CAPÍTULO 48

A Virgem Escriba elevou a vista do pássaro que tinha na mão, sobressaltada por um súbito terror. Ah... desgraçada casualidade. Ah, horrível destino.

Tinha ocorrido. O que havia sentido e temido desde fazia tanto tempo, o colapso na estrutura de sua realidade, tinha chegado. Agora seu castigo se revelou.

Essa humana... a mulher humana que seu filho amava estava morrendo nesse mesmo momento. Estava em seus braços, sangrando sobre ele e morrendo.

Com um braço instável a Virgem Escriba pôs ao carbonero⁴³ sobre a branca árvore florescente e se cambaleou de retorno à fonte. Sentando-se sobre o limite de mármore, sentiu o ligeiro peso de seu adorno como se fossem pesadas cadeias fechadas a seu redor.

A culpa da perda de seu filho era dela. Verdadeiramente, tinha-lhe conduzido a esta ruína. Tinha quebrado as regras. Trezentos anos antes tinha quebrado as regras.

No início dos tempos lhe tinha concedido um ato de criação, e conforme isso, depois de ter alcançado a maturidade, tinha levado a cabo o ato de criação. Mas então havia retornado a fazer. Tinha criado o que não deveria, e ao fazê-lo tinha amaldiçoado a seu único filho. O destino de seu

⁴³ Pássaro norte-americano de pequenas dimensões de cor branca e negro do gênero *Parus*, ou mais usualmente *Parus atricapillus*. É mais ativo em tempos frescos, e poucas vezes é visto no verão exceto em bosques profundos. Frequentemente tem pouco medo de gente. Seu nome provém do som que emite Chick-a-dee-dee-dee. (N. da T.)

filho —em sua totalidade, do tratamento que lhe deu seu pai, fazendo-o maturar para transformar-se no duro e insensível macho Vishous, até esta, sua mortal agonia— era, de fato, seu castigo. Porque quando ele sofria, também sofria ela multiplicado por mil.

Desejava chamar a seu Pai a gritos, mas sabia que não podia. As escolhas que tinha feito não eram de sua incumbência e as conseqüências só ela devia suportar.

Quando se estendeu entre dimensões, viu o que estava acontecendo a seu filho, sentiu a agonia de Vishous como a sua própria, sentiu o frio intumescimento da comoção, a acalorada negação, o dilacerador torcido de seu horror. Sentiu, também, a morte de sua amada, o esfriamento gradual que se apoderava da humana enquanto seu sangue se filtrava dentro da cavidade de seu peito e seu coração começava a revoar. E então, sim, então, também ouviu as murmuradas palavras de amor de seu filho e cheirou o ofensivo e fétido temor que emanava dele.

Não havia nada que pudesse fazer. Ela, que tinha um poder desmesurado sobre tanto, estava neste momento impotente, porque o destino e as conseqüências do livre-arbítrio eram de exclusivo domínio de seu Pai. Somente ele conhecia o mapa absoluto da eternidade, o compêndio de todas as opções tomadas e não tomadas, de caminhos conhecidos e desconhecidos. Ele era o Livro, a Página e a Tinta indelével.

Ela não o era.

E por essa razão agora Ele não viria a ela. Esse era seu destino: sofrer porque um inocente nascido de um corpo que nunca deveria ter usurpado. Sempre sofreria, seu filho caminharia sobre a terra como um macho morto pelas escolhas que ela tinha feito.

Com um gemido a Virgem Escriba se permitiu perder sua forma e se deslizou por entre as roupas que usava, caindo as dobras negras ao chão de mármore. Entrou na água da fonte como uma ligeira onda, viajando entre, e ao redor do hidrogênio e as moléculas de oxigênio, estimulando-os com seu sofrimento, fazendo-os ferver, evaporando-os. Enquanto a transferência de energia continuava, o líquido se elevou como uma nuvem, uniu-se sobre o pátio, e caiu como as lágrimas que era incapaz de chorar.

Sobre a árvore branca, seus pássaros estiraram os pescoços para a queda de gotinhas de água como se estudassem este novo acontecimento. E logo em um bando, deixaram seu cabide pela primeira vez e voaram para a fonte. Alinhando-se no limite, deram-lhe as costas à luminosa e agitada água em que ela habitava.

Protegeram-na em sua dor e arrependimento, protegeram-na como se cada um fosse grande como uma águia e igualmente feroz.

Eram, como sempre, seu único consolo e amizade.

Jane era consciente de que estava morta.

Sabia porque estava em meio a uma névoa, e alguém parecida com sua irmã morta estava de pé diante dela.

Então estava malditamente segura de ter batido as botas. Exceto... não deveria alterar-se ou algo assim? Não deveria estar preocupada com Vishous? Não deveria estar emocionada por reunir-se com sua irmã menor?

—Hannah? —disse, porque queria estar segura que sabia o que estava vendo— É você?

—Mais ou menos. —A imagem de sua irmã se encolheu, seu lindo cabelo ruivo movendo-se sobre seus ombros— Sou somente uma mensageira.

—Bom, se parece com ela.

—Certamente que o faço. O que vê agora é o que está em sua mente quando pensa nela.

—Bem... isto é um pouco parecido ao Twilight Zone⁴⁴. Ou, espera, somente estou sonhando? —porque seriam umas fodidas excelentes notícias, considerando o que pensava que acabava de lhe passar.

—Não, morreu. Está bem no meio agora mesmo.

—No meio de onde?

—Está no meio. Nem aqui nem ali.

—Pode ser um pouco mais específica?

—Não realmente —a visão de Hannah esboçou seu precioso sorriso, esse que era tão angélico que até tinha chegado a conquistar mesmo Richard, o desagradável cozinheiro— Mas aqui está a mensagem. Vais ter que o deixar partir Jane. Se quer encontrar a paz, vai ter que o deixar partir.

Se ele era Vishous, isso simplesmente não ia acontecer.

—Não posso fazê-lo.

—Tem que fazê-lo. Do contrário estará perdida aqui. Só tem um tempo limitado no que pode estar nem aqui nem ali.

—E o que ocorre então?

—Estará perdida para sempre. —A visão da Hannah se voltou grave— Deixa-o partir Jane.

—Como?

—Você sabe como. E se o faz, poderá ver meu verdadeiro eu no outro lado. Deixe-o ir. —A mensageira ou o que fosse se evaporou.

Quando ficou sozinha, Jane olhou a seu redor. A névoa era penetrante, tão densa como uma nuvem de chuvas e tão infinita como o horizonte.

O medo avançou lentamente através dela. Não havia direito. Realmente não queria estar aqui.

Abruptamente, uma sensação de urgência cresceu em seu interior, como se o tempo estivesse esgotando-se, embora não entendesse como soubesse. Exceto que,então pensou em Vishous. Se deixá-lo partir significava deixar seu amor por ele, isso não era possível.

CAPÍTULO 49

Vishous estava conduzindo o Audi de Jane como um morcego saído do inferno através da chuva, quando a meio caminho do Havers, deu-se conta de que não estava no carro com ele.

Estava seu cadáver.

Seu pânico era a única energia no espaço fechado, seu coração o único que pulsava, seus olhos os únicos que piscavam.

O macho vinculado que havia nele confirmou o que seu cérebro tinha estado negando. Em seu sangue, soube que se foi.

Permitiu que seu pé se levantasse do acelerador, e o Audi deslizou pela costa durante um lance, desacelerando até deter-se. A rota 22 estava vazia, provavelmente por causa da prematura tormenta da primavera que soprava, mas teria permanecido em meio da estrada mesmo se tivesse havido o tráfico da hora do rush.

⁴⁴ Dimensão Desconhecida, série de televisão americana, especializada no gênero da ficção científica, a fantasia e o terror. Foi criada e freqüentemente escrita por seu narrador e anfitrião, Rod Serling (N. da T.)

Jane estava no assento do passageiro. Mantida em posição vertical, com o cinto de segurança sujeitando sua camiseta contra a ferida do peito como uma atadura.

Não virou a cabeça.

Não podia olhá-la.

Olhou fixamente reto para frente, a dupla linha amarela da estrada. Diante os limpadores de pára-brisas se batiam daqui para lá, seu rítmico tamborilar era como o som de um antigo relógio, tic... tac... tic... tac...

O passar do tempo já não era relevante, já não. Nem tampouco era sua pressa.

Tic... tac... tic...

Sentia-se como se estivesse morto também, considerando a dor em seu peito. Não tinha a menor ideia de como ainda estava vivo quando lhe doía tanto.

Tac... tic...

Mais acima havia uma curva no caminho, o bosque chegava à beira do asfalto. Sem nenhuma razão em particular advertiu que as árvores estavam apinhadas, seus ramos sem folhas se entrelaçavam, dando a impressão de negro encaixe.

Tac...

A visão lhe veio de forma escorregadia e tão sossegadamente, que ao início não soube que tinha havido uma mudança no que seus olhos registravam. Mas então viu uma parede, uma parede de sutil textura... iluminada por uma brilhante, brilhante luz. Justo enquanto se perguntava sobre a fonte de iluminação...

Deu-se conta de que eram os faróis de um carro.

O estrondo de uma buzina lhe devolveu rapidamente a atenção, e apertou o acelerador enquanto girava o volante à direita. O outro veículo derrapou pelo escorregadio pavimento, logo recuperou o curso, desaparecendo pela estrada.

V se centrou de novo no bosque e em rápida sucessão recebeu o resto da visão como um filme. Com intumescida indiferença, viu-se a si mesmo tomando medidas discutivelmente irracionais, presenciando o futuro enquanto se desdobrava ante ele, tomando apontamentos. Quando nada mais foi revelado, partiu com um desesperado propósito, afastando-se de Caldwell superando em duas vezes o limite de velocidade.

Quando o telefone celular soou, estendeu a mão para o assento traseiro, onde tinha atirado a jaqueta de couro, e o tirou. Desligou-o, deteve-se de um lado da estrada e rompeu a parte de atrás do Razr para abri-lo. Tirando o chip do GPS, colocou-o no espaldar do Audi e o esmagou com o punho.

—Onde ele está?

Phury se virou para trás enquanto Wrath passeava pelo escritório, os outros irmãos também permaneciam fora do caminho do macho. Quando o Rei se alterava desta forma, ou se separava de seu caminho ou o destruía no tapete.

Exceto aparentemente estava procurando uma resposta.

—Estou falando fodidamente sozinho mesmo aqui?Onde demônios está V?

Phury esclareceu a garganta.

—Realmente não sabemos. O GPS caiu faz uns dez minutos.

—Caiu?

—Simplesmente ficou em silêncio. Normalmente dá sinal quando leva o telefone com ele, mas... bem, nem sequer temos isso.

—Fantástico. Fodidamente genial. —Wrath subiu os envoltentes óculos de sol e esfregou os olhos enquanto fazia uma careta de dor. Tinha estado tendo dores de cabeça nos últimos dias,

provavelmente por tentar ler muito, e era óbvio que um irmão ausente sem ter ido, não ajudava à situação.

Em meio a marcha Rhage amaldiçoou e deligou seu telefone.

— Não apareceu no Havers ainda. Olhe, possivelmente foi enterrá-la em algum lugar? O solo está congelado, mas com essa mão sua não seria um problema.

— Realmente crê que está morta? — murmurou Wrath.

— Vi a acertaram bem no peito. Quando voltei, depois de matar o lesser, os dois se foram, e também seu carro. Mas... sim, não acredito que sobrevivesse.

Wrath olhou a Butch, que tinha estado totalmente em silêncio desde que tinha entrado no escritório.

— Sabe como encontrar alguma das fêmeas que usou para o sexo ou para alimentar-se?

O poli sacudiu a cabeça.

— Nem uma. Mantém essa parte de sua vida muito privada.

— Então não podemos rastreá-lo dessa forma. Mais boas notícias. Há alguma razão para pensar que foi a esse apartamento de cobertura dele?

— Passei por ali enquanto voltava — disse Butch — Não estava e honestamente não acredito que ficasse ali. Não, tendo em conta para o que usava o lugar.

— E só ficam duas horas para a saída do sol. — Wrath se sentou atrás de sua mesa Luis XVI, mas travou os braços contra a fraca cadeira, como se fosse se separar em qualquer momento.

O telefone de Butch soou, e lutou para responder a coisa.

— V? OH... Hei, neném. Não... nada ainda. Farei-o. Prometo-lhe isso. Amo você.

Quando o policial desligou, Wrath se virou para o fogo da chaminé e ficou quieto durante um momento, sem dúvida repassando, como todos os que estavam ali, que tipo de opções tinham. Que eram, como... nenhuma. Vishous podia estar em qualquer lugar neste momento, então se os irmãos se dispersavam nas quatro direções da bússola, estariam fazendo o rotineiro procurar “agulha-em-um-palheiro”. Além disso, era bastante óbvio que V tinha quebrado o chip do GPS. Não queria ser encontrado.

Eventualmente disse:

— A espoleta saiu da granada, cavalheiros. Agora só é questão de ver o que vai explodir.

V escolheu o lugar para o acidente com muito cuidado. Queria estar perto de seu destino, mas ainda então o suficientemente longe por discrição, e justo quando o tinha mais ou menos a seu alcance, uma curva no caminho se ofereceu para seu uso. Perfeito. Colocando o cinto de segurança, apertou o acelerador e se animou. O motor do Audi rugiu, e suas rodas giraram mais e mais rápido no escorregadio caminho. Malditamente logo deixou de ser um carro, transformando-se em nada mais que uma fodida carga de energia cinética.

Em vez de seguir a curva à esquerda da rota 22, dirigiu-se diretamente à linha de árvores. Como um menino educado sem instinto de sobrevivência, o carro voou sobre o borda e se manteve no ar por uma fração de segundo.

A aterrissagem o mandou para fora do assento do condutor, golpeando a cabeça contra o teto solar do carro, lançando-o para frente. Os airbag estalaram do volante, do painel e das portas enquanto o sedan dava golpes através dos matagais, das árvores jovens e...

O carvalho era imenso. Grande como uma casa. Tanto como firme.

O habitáculo do Audi foi tudo o que o salvou da aniquilação enquanto o focinho do carro se enrugava como um acordeão de metal e mecânica. A comoção do impacto fez que a cabeça de V estalasse sobre seu pescoço, golpeando seu rosto contra o airbag enquanto um ramo atravessava o pára-brisa.

Os ouvidos lhe zumbiam como se tivesse um alarme de incêndios soando neles, e seu corpo fez um auto exame procurando partes e pedaços quebrados. Aturdido, sangrando pelos cortes feitos com o ramo, desabotoou o cinto de segurança, forçou sua porta a abrir-se, e saiu tropeçando do carro. Enquanto tomava algumas profundas inspirações, ouviu o assobio do motor e a ofegante deflação dos airbag. A chuva caía com contínuo e elegante desinteresse, gotejando das árvores aos superficiais atoleiros no leito do bosque.

Logo que pôde rodeou o carro para onde estava Jane.

O impacto a tinha jogado para frente, e seu sangue marcava agora o pára-brisa, o painel e o assento. Que era o que queria. Inclinou-se e lhe tirou o cinto, então a pegou tão cuidadosamente como se ainda vivesse, embalando-a em seus braços para que pudesse estar confortável, antes de começar a atravessar as árvores, pegou sua jaqueta de couro e a cubriu para protegê-la do frio.

Começou o caminho como começam todas as caminhadas. Pôs um pé diante do outro. Depois o repetiu e o repetiu.

Avançou aos tropicões pelo bosque, molhando-se mais e mais até que se converteu no que as árvores eram, apenas outro objeto sobre o que a água caía. Deu um rodeio para seu destino, até que os braços e as costas lhe doeram de carregá-la.

Finalmente subiu até a entrada de uma cova. Não se incomodou em checar para certificar-se que não o seguiam. Sabia que estava sozinho.

Caminhou pelo barro que se formava, o som da chuva desvanecendo-se enquanto continuava afastando-se sobre o chão de lodo. Localizou de cor a tranca na parede de pedra e liberou a trava. Quando a laje de granito de quatro metros se deslocou, entrou em um vestibulo que colocou ao descoberto e se aproximou de um par de portas de ferro. Desativou o mecanismo de fechamento com a mente, e a barreira deslizou sem um som enquanto a pedra atrás dele voltava para seu lugar.

Dentro, estava muito mais que escuro, o ar era denso neste lugar subterrâneo, como se o espaço estivesse abarrotado. Com um rápido pensamento fez flamejar algumas das tochas da parede, então começou a descer para o lugar de cultos e rituais da Tumba. De ambos os lados do vestibulo, em suportes que alcançavam uns seis metros de altura, havia milhares de frascos de cerâmica que continham os corações dos lessers assassinados pela Irmandade. Não levantou a vista para eles, como geralmente o fazia. Olhava fixamente para frente enquanto levava sua amada apertada, suas botas molhadas deixavam rastros no chão de brilhante mármore negro.

Não muito depois entrou no ventre da Tumba, a cova vasta e subterrânea aberta nas vísceras da terra. A sua vontade, grosas velas negras se acenderam nos candelabros, iluminando as estalactites como adagas que penduravam então como as imponentes lajes de mármore negro que formavam a parede depois do altar.

As lajes eram o que tinha visto em sua visão. Quando tinha olhado fixamente as árvores por cima da rota 22, lhe tinha representado a parede comemorativa. Como os ramos entrelaçados dessas árvores, as inscrições no mármore, todos esses nomes de guerreiros que tinham servido na Irmandade durante gerações, formavam um desenho sutil e aprazível, parecendo encaixe visto de longe.

Situado frente à parede o altar era tosco, mas poderoso, um enorme bloco de pedra colocado sobre dois robustos pilares. No centro estava o antigo crânio do primeiro membro da Irmandade da Adaga Negra, a relíquia mais sagrada que os irmãos possuíam.

Afastou-o e colocou Jane. Tinha perdido a cor e quando a flácida mão branca caiu a um lado um tremor percorreu todo o corpo. Com cuidado restituiu, pondo-a sobre seu peito.

Afastou-se até que suas costas bateram contra a parede gravada. À luz das velas, e com sua jaqueta sobre o torso, quase podia imaginar que dormia.

Quase.

Rodeado pela vista subterrânea, pensou na cova do acampamento de guerreiros. Então se viu utilizando sua mão no pretrans que o tinha ameaçado, e em seu pai.

Tirou-se a luva e o deslizou sobre sua brilhante palma.

O que se propunha fazer agora era contra ambas as leis, as da natureza e as de sua espécie.

Reanimar os mortos não era uma linha de ação apropriada nem plausível em qualquer caso. E não simplesmente porque fosse domínio do Omega. As Crônicas da raça, esses volumes e volumes de história, proporcionavam só dois exemplos, e não tinham resultado nada mais que tragédias.

Mas ele era distinto. Isto era distinto. Jane era distinta. Estava-o fazendo por amor, enquanto que nos exemplos sobre os que leu foi feito por ódio. Tinha havido um assassino que alguém havia trazido de volta para usá-lo como uma arma, e uma fêmea volta à vida como ato de vingança.

Havia mais a seu favor. Curava Butch com regularidade, dragando o mal do policial quando tratava seus assuntos com os lessers. Poderia fazer o mesmo com Jane. Com certeza poderia.

Com férrea resolução, separou de sua mente os resultados dessas outras incursões nas escuras artes do reino do Omega. E se centrou no amor por sua fêmea.

O fato de que Jane fosse humana não era um problema, já que a reanimação era o ato de trazer o que estava morto de volta à vida, e a linha divisória era a mesma sem importar a espécie. Tinha o que precisava. O ritual requeria três coisas, algo do Omega, sangue fresco, e uma fonte de energia elétrica tal como um relâmpago aproveitado ao máximo.

Ou em seu caso, sua fodida maldição.

V retornou ao hall que continha os frascos e não perdeu tempo em escolher. Tomou uma ao azar da prateleira, a cerâmica estava marcada por finas gretas, era de uma cor um marrom escuro, o que queria dizer que era um dos primeiros.

Quando voltou para o altar, bateu o frasco contra a pedra, rompendo a coisa, revelando o que tinha albergado. O coração que havia dentro estava coberto de um brilho negro e gordurento, preservado pelo que fluía pelas veias do Omega. Embora a natureza exata da iniciação na Sociedade Lessening era desconhecida, estava claro que o “sangue” do Omega entrava antes de que o coração fosse extirpado.

Então tinha o que precisava de seu inimigo.

Olhou o crânio do primeiro irmão e não pensou duas vezes antes de utilizar a sagrada relíquia para o que era um propósito ilegal. Tirou uma de suas adagas, rasgou seu pulso, e sangrou na taça de prata esterlina que estava montada no topo do crânio. Então pegou o coração do lesser e o apertou com seu punho.

Negras gotas de destilada maldade emanavam e caíam, mesclando-se com o vermelho de seu sangue. O líquido pecaminoso tinha magia, do tipo que corria contra as regras do correto, de que convertia a tortura em esporte, de que gozava com a dor infligida a um inocente... mas tinha eternidade nela, também.

E isso era o que precisava para Jane.

—Não!

Virou-se.

A Virgem Escriba tinha aparecido atrás dele, com o capuz caído, seu rosto transparente era uma máscara de horror.

—Não deve fazê-lo.

Afastou-se e aproximou o crânio à cabeça da Jane. Em um fragmentado pensamento, encontrou um estranho e tranquilizador paralelismo em que ela soubesse o aspecto que tinha o interior de seu peito e ele estivesse a ponto de saber o mesmo dela.

— Não há equilíbrio nisto! Não se pagou um preço!

V afastou a jaqueta de sua fêmea. A mancha de sangue embaixo dela, em sua camisa, era como um olho de boi no meio do peito, entre os seios.

— Não voltará como você a conhecia — vaiou sua mãe — Voltará má. Esse será seu resultado.

— A amo. Posso cuidá-la, como cuido de Butch.

— Seu amor não mudará o resultado, nem sua habilidade com os restos do Omega. Isto é proibido!

Rodeou a sua mãe, odiando a ela e a sua estúpida e fodida merda do yin e o yang.

— Quer equilíbrio? Um trato? Quer me carregar isso antes de que possa fazê-lo? Bem! A que nos vai levar? Agüentou Rhage sua maldição para o resto de sua fodida vida, o que é que vais fazer para mim?

— A igualdade não é minha lei!

— Então de quem é! E o que é a merda que devo pagar!

A Virgem Escriba pareceu tomar um momento para serenar-se.

— Isto está além do que posso dar ou não. Foi-se. Não há volta uma vez que um corpo permaneceu inativo como o tem feito o seu.

— Tolices. — voltou a se inclinar sobre Jane, preparado para lhe abrir o peito.

— A condenará para sempre. Não terá outro lugar para ir que não seja o Omega, e terá que enviá-la para ele. Será má e terá que destruí-la.

Olhou o rosto inanimado de Jane. Lembrou seu sorriso. Tratou de encontrá-la em sua pastosa pele.

Não pôde.

— Equilíbrio... — sussurrou.

Estendeu a mão e lhe tocou a fria bochecha com a mão boa e tratou de pensar em tudo o que podia dar, tudo com o que podia comercializar.

— Isto não é só questão de equilíbrio — disse a Virgem Escriba — Algumas coisas estão proibidas.

Quando a solução se voltou clara para ele, não escutou nada mais de sua mãe.

Levantou sua preciosa e normal mão, com a que podia tocar as pessoas e as coisas, a que era como devia ser, não alguma maldita carga de destruição.

Sua mão boa.

Pô-la sobre o altar, estendendo os dedos e esmagando o pulso. Então tomou a lâmina de sua adaga e a colocou sobre sua pele. Quando a inclinou, o agudo fio da lâmina cortou através do osso.

— Não! — gritou a Virgem Escriba.

CAPÍTULO 50

Jane estava ficando sem tempo. E soube da mesma maneira que sabia quando um paciente estava piorando. Seu relógio interno soou, o alarme começou a apitar.

— Não quero deixá-lo partir — disse a ninguém.

Sua voz não se propagou muito longe, e notou que a névoa parecia mais densa... tão densa que estava começando a lhe obscurecer mesmo os pés. E então percebeu. Não estavam obscurecidos. Com frio pavor compreendeu que a menos que fizesse algo, ia dissolver-se e ocupar seu lugar no muro de um nada ambiental. Estaria sozinha para sempre e desolada, tendo saudades do amor que uma vez havia sentido.

Um triste e cambiante fantasma.

Agora finalmente a tinha alcançado a emoção, e era uma que levava lágrimas a seus olhos. A única maneira de salvar-se era deixar partir o desejo pelo Vishous; essa era a chave da porta. Mas se o fazia, sentiria-se como se o tivesse abandonado, deixando-o sozinho para enfrentar um futuro frio e amargo. Depois de tudo, podia imaginar como seria para ela se ele morresse.

Em uma quebra de onda, a névoa se tornou mais densa, e a temperatura desceu. Jane baixou a vista. Suas pernas estavam desaparecendo... primeiro os tornozelos, logo as pantorrilhas. Estava-se filtrando para um nada, desaparecendo.

Jane começou a chorar quando encontrou sua resolução e soluçou pelo egoísmo do que tinha que fazer.

Embora, como o deixaria partir?

Quando a névoa subiu até suas coxas, entrou-lhe o pânico. Não sabia como fazer o que devia...

A resposta, quando lhe veio, foi dolorosa e simples.

OH... Deus... Deixar partir significava que aceitava o que não se podia mudar. Não tentava se pegar à esperança para coagir uma mudança no futuro... nem tampouco lutava contra as forças superiores do destino nem tentava que capitulassem ante sua vontade... nem tampouco rogava pela salvação porque assumia que sabia mais que os outros. Deixar partir significava que olhava o que tinha diante com olhos claros, reconhecendo que a liberdade de escolha era a exceção e o destino a regra.

Não regatear. Não tentar controlar. Abandonava e via que ao que amava não era de fato seu futuro, e que não havia nada que pudesse fazer sobre isso.

As lágrimas caíram de seus olhos na névoa que se formava redemoinhos quando deixou de lado toda pretensão de força e abandonou a luta por manter vivo o vínculo com o Vishous. Quando o fez, não teve fé nem otimismo, estava vazia como a névoa que a rodeava: uma atéia em vida, encontrou que na morte era o mesmo. Acreditar em nada, agora era nada.

E então foi quando aconteceu o milagre.

Uma luz apareceu por cima de sua cabeça, cobrindo-a, esquentando-a, cobrindo-a com algo que era como o amor que tinha sentido por Vishous: uma bênção sacramental.

Enquanto era elevada como uma margarida pegada de um campo por uma mão gentil, deu-se conta de que ainda podia amar ao que amava, embora não estivesse com ele. De fato, seus caminhos divergentes não dissecaram nem profanavam o que sentia. Tampavam suas emoções com uma capa de saudade agridoce, mas não mudavam o que estava em seu coração. Podia amá-lo e esperar por ele no lado longínquo da vida. Porque o amor, depois de tudo, era eterno e não estava sujeito aos caprichos da morte.

Jane era livre... e flutuou para cima.

Phury estava a ponto de perder a cabeça.

Mas tinha que fazer fila se ia se voltar louco, porque todos os irmãos estavam sob uma grande tensão. Sobre tudo Butch, que passeava pelo estudo como um prisioneiro em isolamento.

Nenhum sinal de Vishous. Nem chamadas. Nem nada. E o amanhecer estava chegando como um trem de mercadorias.

Butch se deteve.

—Onde fariam um funeral para uma shellan?

Wrath franziu o cenho.

—A Tumba.

—Crê que talvez a tenha levado lá?

—Nunca estive muito entusiasmado com todo o assunto do ritual, e com sua mãe havendo-o abandonado... —Wrath negou com a cabeça— Não irá lá. Além disso, teria que saber que é um dos lugares onde o buscaríamos, e V é condenadamente reservado. Assumindo que a está enterrando, não quererá audiência.

—Sim.

Butch voltou a passear quando o relógio de parede soou marcando quatro e meia da madrugada.

—Sabem o que? —disse o poli— Vou checá-lo, se lhes parecer bem. Não posso estar aqui nem um segundo mais.

Wrath encolheu os ombros.

—Por que não? Não temos nada mais no que nos apoiar.

Phury se levantou, também incapaz de seguir esperando mais.

—Vou com você. Precisaré que alguém que te mostre onde está a entrada.

Devido a Butch não poder se desmaterializar, meteram-se no Escalade, e Phury arrancou o SUV passando a grama e entrando no bosque. Com o sol saindo dentro de tão pouco tempo, não se incomodou em dar uma volta, mas sim foi direto à Tumba.

Os dois guardaram um absoluto silêncio até que Phury os aproximou da entrada da cova e saíram.

—Cheiro sangue —disse Butch— Acredito que os temos.

Sim, havia um mínimo rastro de sangue humano no ar... sem dúvida de V levando Jane para dentro.

Merda. Entraram correndo na cova, e se dirigiram à parte de trás, deslizando pela entrada oculta e descendo para as grades de ferro. Um lado estava aberto, e havia um rastro de pegadas úmidas no centro do hall de jarras.

—Está aqui! —disse Butch, o alívio levando suas palavras muito mais que sua respiração.

Sim, exceto, por que V, que odiava a sua mãe, enterraria à mulher que amava seguindo as tradições da Virgem Escriba?

Não o faria.

Quando começaram a descer pelo vestíbulo, a sensação de fatalidade de Phury disparou... especialmente quando chegaram ao final e viram um oco vazio nas estantes, onde faltava a jarra de um lesser. OH, não. OH... Deus, não. Deveriam ter trazido mais armas. Se V tinha feito o que Phury temia, iriam precisar estar armados até os dentes.

—Espera! —deteve-se, pegou uma das tochas das paredes e a passou a Butch, depois de pegar uma para si mesmo, pegou o braço do Butch—Se prepare para lutar.

—Por que? Pode ser que V fique irritado porque tenhamos vindo, mas não vai se pôr violento.

—Vai ter que estar preparado é para Jane.

—De que merda está falando...?

—Acredito que pode ter tentado trazê-la a de volta...

Um brilho de luz explodiu mais adiante, transformando tudo em meio-dia.

—Merda! —grunhiu Butch depois que passou— Não me diga que o faria?

—Se Marissa morresse pudesse levá-lo a cabo, não o faria?

Os dois saíram disparados e entraram como uma rajada na cova. Somente para deter-se em seco.

—O que é isso? — sussurrou Butch.

—Não... não tenho nem idéia.

Com passos lentos e silenciosos, caminharam para o altar, paralisados pela cena que tinham diante. Sentada em meio da pedra do dintel, havia uma escultura, um busto... da cabeça e ombros de Jane. A composição estava feita em pedra cinza escura, o parecia tão exatamente como ela, que era como ver uma fotografia. Ou talvez um holograma. A luz das velas cintilava sobre suas feições, projetando sombras que pareciam lhe dar vida. À direita, ao final da laje, havia uma jarra de cerâmica feita pedaços, o crânio sagrado da Irmandade, e também o que parecia ser um coração destroçado e coberto de azeite.

Na lateral mais afastado do altar, V estava apoiado contra o muro de nomes, com os olhos fechados, as mãos em seu colo. Um de seus pulsos estava enfaixado fortemente com uma bandagem de tecido negro, e faltava uma de suas adagas. O lugar cheirava como a fumaça, mas não havia nada no ar.

—V? —Butch se aproximou e se ajoelhou ao lado de seu companheiro de quarto.

Phury deixou que o poli se encarregasse de V e se dirigiu ao altar. A escultura era perfeitamente semelhante a Jane, tão real que poderia ter sido ela quando respirava. Estirou a mão, obrigado a tocar o rosto, mas no instante que seu dedo indicador entrou em contato com ele, o busto perdeu toda a forma. Merda. Não era feita de pedra, mas sim de cinzas, e agora não era mais que um monte revolto do que deviam ser os últimos restos de Jane.

Phury olhou para Butch.

—Me diga que V está vivo.

—Bom, pelo menos respira.

—Vamos levá-lo para casa. —Phury olhou as cinzas— Vamos levar ambos para casa.

Precisava algo no que levar ao Jane, e certamente não ia usar uma jarra de lesser. Olhou ao seu redor. Não havia nada.

Phury tirou a camisa de seda e a estirou no altar. Era o melhor que podia fazer, e estavam ficando sem tempo.

A luz do dia estava se aproximando. E não se podia negociar com sua chegada.

CAPÍTULO 51

Dois dias depois, Phury decidiu ir ao Outro Lado. A Directrix tinha estado lhe dando a lata para ter uma reunião, e não queria postergá-la por mais tempo. Além disso, tinha que sair de casa.

A morte da Jane tinha posto um pano mortuário sobre o recinto, afetando a todos os machos emparelhados. A perda de uma shellan, que é o que Jane tinha sido embora ela e V não se emparelharam formalmente, era sempre o temor maior. Mas que a matasse o inimigo era quase insuportável. E pior, que acontecesse menos de um ano depois de que Wellsie fora deste modo assassinada... tudo era uma horrível lembrança do que cada um dos machos sabia: as companheiras da Irmandade confrontavam um perigo especial por parte dos lessers.

Tohrment o tinha aprendido em primeira mão. Agora havia tocado a Vishous.

Deus, alguém tinha que perguntar se V ia ficar por ali. Tohr tinha partido depois que um assassino matou Wellsie, e ninguém o tinha visto nem tido notícias dele após isso. Embora Wrath mantinha que podia sentir que o irmão ainda vivia, virtualmente tinham abandonado a idéia de que reapareceria nesta década ou na seguinte. Talvez em uma época futura voltaria. Ou talvez

morresse aí fora, sozinho, em alguma parte. Mas não o veriam em um tempo próximo, e demônios, o próximo lugar bem poderia ser o Fade.

Merda... Pobre Vishous.

Agora mesmo V estava em seu quarto no Pit, deitado ao lado de uma urna de cobre na qual Phury tinha posto finalmente as cinzas de Jane. O irmão não tinha falado nem comido nada, segundo Butch, embora aparentemente mantinha os olhos abertos.

Estava claro que não tinha intenção de explicar o que tinha acontecido na Tumba. A Jane. Ou a seu pulso.

Com uma maldição Phury se ajoelhou ao lado de sua cama e colocou o medalhão do Primale ao redor do pescoço. Fechando os olhos, viajou diretamente ao santuário das Escolhidas, pensando em Cormia durante o trajeto. Ela também estava em seu quarto, comendo pouco e dizendo menos. Chegava como estava com frequência, embora não soubesse o que fazer por ela... salvo lhe trazer livros, algo que parecia gostar. Sentia preferência por Jane Austen, embora não entendesse por completo como algo podia ser ficção ou, como ela dizia, uma mentira construída.

Phury cobrou forma no anfiteatro porque ainda não conhecia muito bem a distribuição, e pensou que seria um bom ponto de partida. Homem, era estranho estar parado em meio de tudo branco. Mais estranho ainda caminhar para a parte de trás do cenário e dar uma olhada aos distintos templos brancos. Maldita seja! O lugar era um anúncio do Neutrex. Nada de cor em nenhuma parte. E estava muito tranqüilo. Peculiarmente tranqüilo.

Quando escolheu uma direção e começou a caminhar, preocupou-se se por acaso o acossavam um grupo de Escolhidas, e além disso, não podia dizer que tivesse pressa, exatamente, por ter um cara a cara com a Directrix. Para matar um pouco de tempo, decidiu olhar o que havia dentro de um dos templos. Escolhendo um ao azar, subiu os pequenos degraus de mármore, mas se encontrou com portas duplas que estavam hermeticamente fechadas.

Franzindo o cenho, inclinou-se e olhou pelo olho da fechadura, grande e de forma estranha. Seguindo um impulso, tirou o medalhão do Primale e o introduziu na porta.

Bom, quem o haveria dito. A coisa era uma chave.

As portas duplas se abriram sem emitir um som, e Phury se surpreendeu ao ver o que havia no interior. Alinhados a ambos os lados do edifício, e afundados a quatro ou cinco metros de profundidade, havia cubos e cubos de pedras preciosas. Caminhou ao redor das riquezas, detendo-se de vez em quando para pôr as mãos nas cintilantes gemas.

Mas isso não era tudo o que havia no interior. Na parte de trás, no final de tudo, havia uma série de urnas de cristal como as que se encontravam nos museus, agachou-se e as examinou. Naturalmente não tinham pó, embora não porque as tivessem limpo. Simplesmente não podia imaginar que houvesse algum poluente no ar deste lugar, mesmo os da variedade microscópica.

Dentro das urnas, os objetos eram fascinantes, e claramente do mundo real. Havia um par de antiquados óculos, uma terrina de porcelana de origem oriental, uma garrafa de uísque com uma etiqueta da década de trinta, uma boquilha para cigarros de ébano, o leque de uma dama fabricado com plumas brancas.

Perguntou-se como tinham chegado ali. Algumas das coisas eram bastante antigas, embora estivessem em perfeito estado e, é óbvio, tudo estava reluzente de limpo.

Deteve-se sobre o que parecia um velho livro.

—Filho... da puta.

A coberta de couro estava desgastada, mas o título em relevo ainda era evidente:

DARIUS, FILHO DO MARKLON.

Phury se inclinou, estupefato. Era um livro de D... provavelmente um diário.

Abriu a urna, logo franziu o cenho ante o aroma do interior. Pólvora?

Observou os objetos reunidos. No canto mais longínquo havia um velho revólver; reconheceu o fabricante e o modelo de um livro de armas de fogo com o qual tinha estado ensinando aos aprendizes. Era um Colt Navy de 1890, calibre 36, revólver de seis cilindros. Que tinha sido usado recentemente.

Tirou-o, abriu a antecâmara e pegou na palma uma das balas. Eram esféricas... e irregulares, como se fossem fabricadas à mão.

Tinha visto a forma antes. Quando tinha estado apagando os resultados médicos de V do computador no St. Francis, tinha sido cuidadoso com a radiografia do tórax que foi tirada... e tinha visto uma parte de chumbo esférico e ligeiramente irregular no pulmão de seu irmão.

— Estava aqui para ver-me?

Phury olhou por cima de seu ombro a Directrix. A fêmea estava parada sob as portas duplas, vestida com essa túnica branca que usavam todas. Ao redor do pescoço, em uma cadeia, tinha um medalhão como o seu.

— Bonita coleção de artefatos a que tem aqui — disse arrastando a voz, virando-se.

Os olhos da fêmea se entrecerraram.

— Pensaria que as gemas lhe interessariam mais.

— Na realidade não. — Observou-a cuidadosamente quando levantou o livro que tinha nas mãos. — Parece o diário de meu irmão.

Quando seus ombros relaxaram, Phury quis matá-la.

— Sim, esse é o diário de Darius.

Phury lhe deu um golpezinho à capa do livro, logo ondeou a mão para as gemas.

— Me diga algo... este lugar se mantém fechado todo o tempo?

— Sim. Do ataque.

— Você e eu somos os únicos que temos as chaves, não é? Odiaria que acontecesse algo ao que há aqui.

— Sim. Só nós dois. Ninguém pode acessar aqui sem meu conhecimento ou presença.

— Ninguém.

Seus olhos flamejaram com irritação.

— A ordem é para ser mantida. Passei anos treinando às Escolhidas nas condutas próprias de sua fila.

— Sim... então que a aparição de um Primale seria uma irritação para você. Porque agora eu estou no comando, não?

Sua voz desceu de volume.

— É correto e próprio que você governe aqui.

— Sinto muito, pode voltar a dizer isso? Não a escutei muito bem.

Os olhos da fêmea ferveram com veneno durante uma fração de segundo... o que confirmou a Phury suas ações e motivo: a Directrix tinha atirado em Vishous. Com a pistola da urna. Queria continuar governando, e sabia condenadamente bem que se viesse um Primale, no melhor dos casos seria a segunda no comando sob um macho. Na pior, poderia perder todo seu poder simplesmente porque o macho não gostasse da cor de seus olhos.

Quando fracassou no intento de matar V, desistiu... até poder tentá-lo de novo. Sem dúvida, era o suficientemente inteligente e má para defender seu território até que se acabassem os irmãos ou o cargo do Primale começasse a parecer maldito.

— Iria dizer algo, não é verdade? — apontou Phury.

A Diretriz tocou o medalhão que pendurava de sua garganta.

— Você é o Primale. É o governante aqui.

— Bem. Me alegro de que ambos tenhamos isso claro. — Voltou a dar um golpezinho ao diário do Darius — Vou levar isso comigo.

— Não vamos nos reunir?

Phury caminhou para ela, pensando que se tivesse sido um macho, lhe teria partido o pescoço.

— Não, neste momento não. Tenho algo de que me ocupar com a Virgem Escriba. — inclinou-se, pondo a boca ao lado da orelha dela — Mas voltarei por você.

CAPÍTULO 52

Vishous nunca tinha chorado antes. Durante toda sua vida nunca, jamais tinha chorado. depois da merda pela que tinha atravessado, tinha chegado ao ponto em que tinha decidido que tinha nascido sem dutos lagrimais.

Os acontecimentos passados até agora não tinham mudado isso. Quando Jane tinha jazido morta entre seus braços não tinha chorado. Quando tentou cortar a mão na Tumba como um sacrifício e a dor tinha sido incrível, ali não houve nenhuma lágrima. Quando sua odiada mãe o tinha lembrado que o ato que esteve aponto de cometer, suas bochechas permaneceram secas.

Mesmo quando a Virgem Escriba pôs a mão sobre o corpo de Jane e tinha observado aturdido como sua amada era reduzida a cinzas, não tinha chorado.

O fazia agora.

Pela primeira vez desde seu nascimento, as lágrimas rodavam por seu rosto e empapavam o travesseiro.

Tinham começado quando uma visão de Butch e Marissa no sofá da sala do Pit chegou a ele. Clara... tão clara. V não só podia ouvir seus pensamentos na cabeça, mas sim sabia que Butch estava se imaginando com Marissa na cama com sutiã negro e jeans azuis. E Marissa estava imaginando-o lhe tirando os jeans azuis e pondo a cabeça entre suas coxas.

V sabia que em seis minutos Butch ia tomar o suco de laranja que Marissa tinha na mão e o poria na mesa de café. Ele ia derramar, porque o copo ia aterrissar no canto de um Sport Illustrated, e o suco ia cair nas calças de Marissa. O poli ia usar como desculpa para levá-la mais à frente do vestibulo e tê-la disposta e nua.

Exceto no caminho, deteriam-se frente à porta de V e perderiam os impulsos sexuais. Com olhos tristes, iriam à cama e se abraçariam um ao outro em silêncio.

V pôs um braço sobre seu rosto e chorou incontrolavelmente.

As visões haviam retornado, a maldição do futuro retornava a ele.

As encruzilhadas de sua vida estavam acabadas.

O que significava que esta seria sua existência de agora em diante: Não ia ser nada mais que uma casca vazia que jazia perto das cinzas de sua amada.

E totalmente seguro, em meio de seu pranto escutou ao Butch e Marissa cruzar pelo vestibulo, escutou-os deter-se frente a seu quarto, então os ouviu fechar sua porta. Não lhe chegou nenhum som de sexo amortecido pela parede que havia entre os quartos, nenhum golpe violento de cabeceira, nenhum som de gritos e gemidos.

Justo como tinha visto. No silêncio que seguiu, V limpou as bochechas, então se olhou as mãos. A direita ainda pulsava um pouco pelo dano que se fez. A esquerda brilhava como sempre o fazia...e as lágrimas eram brancas contra a cortina de fundo de sua iluminação interior, brancas como a íris de seus olhos.

Tomou um profundo fôlego e olhou o relógio.

A única coisa que o mantinha respirando era o anoitecer. Certamente teria matado a si mesmo a estas horas — teria pego a Glock, a teria colocado na boca e teria disparado nos miolos— Se não fosse pelo anoitecer.

Estava tomando-o como uma missão pessoal erradicar à Sociedade Lessening. Ia levar o resto de sua vida, mas isso estava malditamente bem, porque não havia nada mais ali fora para ele. E teria preferido deixar à Irmandade fazê-lo, mas Butch morreria sem ele, então ia ter que ficar.

Abruptamente, franziu o cenho e olhou para a porta.

Depois de um momento limpou o rosto e disse:

— Estou surpreso de que simplesmente não entrasse.

A porta se abriu sem a ajuda de uma mão. No outro lado, a Virgem Escriba permanecia erguida no corredor, a negra túnica cobrindo-a da cabeça até os pés.

— Não estava certa de ser bem-vinda — disse em voz baixa enquanto entrava no quarto.

Não levantou a cabeça do travesseiro. Não tinha nenhum interesse em honrá-la de nenhum modo.

— Sabe qual é sua boa-vinda.

— Efetivamente. Então irei diretamente ao propósito de minha visita. Tenho um presente para você.

— Não o quero.

— Sim. Sim o quer.

— Vai a merda. — Sob a túnica, sua cabeça pareceu cair. Não é que desse uma merda por não ferir seus preciosos sentimentos— Vai.

— Irá quere-lo...

Ergueu-se de forma brusca.

— Você tomou o que queria...

Uma forma transpassou a porta, uma forma fantasmal.

— V...?

— E a devolvo — disse isso a Virgem Escriba—De certo modo.

Vishous não escutou uma palavra do que dizia, porque não podia compreender o que estava contemplando. Era Jane...ou parecia. Era o rosto de Jane e o corpo de Jane, mas era... uma aparição transparente.

— Jane?

A Virgem Escriba falou enquanto se desmaterializava.

— Não precisa me agradecer. Somente deve saber que sua maldição é o modo em que poderá tocá-la. Adeus.

De acordo, no que se refere a reuniões românticas, esta era estranha e incômoda.

E não só porque Jane sentia que poderia ser classificada como fantasma.

Vishous se via como se fosse desmaiar. O que doía. Era inteiramente possível que não gostasse desta forma, e então onde ficaria ela? Quando a Virgem Escriba foi a ela no céu, ou o que queira que fosse esse lugar, e lhe tinha dado a oportunidade de retornar, a resposta tinha sido dada sem pensar. Mas agora que estava de pé frente a um macho completamente aturdido, não estava tão certa de ter feito o correto. Possivelmente havia sobre...

Levantou-se da cama, cruzou o quarto, e vacilando um pouco pôs a mão brilhante sobre seu rosto. Com um suspiro se inclinou contra sua mão e o calor de sua carne.

— Esta é você? — disse roucamente.

Assentiu e se estendeu para alcançar suas bochechas, as quais estavam um pouco vermelhas.

—Esteve chorando.

Capturou sua mão.

—Sinto você.

—Eu também.

Tocou-lhe o pescoço, o ombro, o esterno. Atraiu seu braço para diante e o olhou... bom, olhou através dele.

—Um... sei que posso me sentar sobre coisas —disse sem nenhuma razão em particular— Quero dizer... enquanto estava esperando fora no vestibulo me sentei no sofá. Também movi um quadro na parede, pus uma xícara de volta em seu pires , peguei uma revista. É um pouco estranho, mas tudo o que tenho que fazer é me concentrar. —Merda. Não tinha nem idéia do que estava falando— A, ah... Virgem Escriba disse que posso comer mas que não tenho porquê. Disse... que posso beber, também. Não estou muito segura de como funciona tudo, mas ela parece sabê-lo. Sim. Então. De qualquer modo, acredito que me vai levar algum tempo fazer à idéia, treinamento, mas...

O pôs as mãos em seu cabelo e se sentiu como havia se sentido antes. Seu corpo não existente registrava as sensações exatamente como o tinha feito antes.

V franziu o cenho, logo se viu francamente zangado.

—Disse que se requeria um sacrifício. Trazer alguém de volta. O que lhe deu? Com o que negociou?

—O que quer dizer?

—Não dá nada sem pedir algo em troca. O que tirou de você?

—Nada. Nunca me pediu nada.

Sacudiu a cabeça e pareceu como se fosse falar. Mas então envolveu seus grandes braços ao redor dela e a sustentou contra seu trêmulo corpo brilhante. Não era como em outros momentos quando tinha que concentrar-se para permanecer sólida, com V simplesmente acontecia. Contra ele, era corpórea sem nenhum esforço por sua parte.

Podia dizer que estava chorando pelo modo em que respirava e o fato que se apoiava nela, mas sabia que se fazia alguma menção disso, ou tentava lhe tranquilizar com palavras, deteria-se em um segundo. Então só o abraçou e o deixou fazer.

Mas então, teve que ocupar-se em manter-se ela mesma de uma peça.

—Pensei que nunca conseguiria fazer isto de novo —disse em com uma voz que se quebrava.

Jane fechou os olhos e o apertou, pensando nesse momento na névoa quando lhe deixou ir. Se não tivesse feito isso, não estariam aqui, não é?

A merda com o livre-arbítrio, pensou. Tinha acreditado no destino, sem importar quanto doesse a curto prazo. Porque o amor em suas diferentes formas sempre perdurava. Era o infinito. O eterno. Isso que sustentava. Não tinha nem idéia do que ou quem era a Virgem Escriba. Não tinha nem idéia de onde tinha estado ou como tinha retornado. Mas estava segura de uma coisa.

—Estava certo —disse contra o peito de V.

—Sobre o que?

—Sim. Acredito em Deus.

CAPÍTULO 53

Na noite seguinte John não tinha aula, então se sentou à primeira refeição com os irmãos e suas mulheres. O humor da casa era grandemente mais alegre do que tinha sido nas semanas anteriores. Mas certo como a merda, que ele não compartilhava essa frivolidade.

—Então em definitivo —estava dizendo Phury— fui ver a Virgem Escriba e lhe contei sobre a bala.

—Jesus Cristo. A Directrix. —Vishous se inclinou para frente, levando a mão da Jane com ele— Tinha assumido que tinha sido um lesser.

V não tinha solto a sua cirurgia desde que se sentaram juntos, como se tivesse medo de que fosse desaparecer. O que era bastante compreensível. John tratava de não olhá-la fixamente, mas era difícil não fazê-lo. Estava usando uma das camisas de V e um par de jeans, preenchendo-os como se fosse normal. Mas o que estava dentro era... bom, supunha, um fantasma.

—É obvio que o fez —disse Phury enquanto se voltava para Bela e lhe oferecia o prato de manteiga— Todos o fizemos. Mas essa fêmea tinha um tremendo motivo. Queria permanecer no comando, e sim, com o Primale em cena, isso não ia acontecer. Um cenário típico de luta pelo poder.

John olhou à silenciosa fêmea loira que se sentava do outro lado de Phury. Homem,a escolhida era linda... linda de forma etérea em que o eram os anjos, com um brilho sobrenatural emanando dela. Mas não era feliz. Bicava a comida e mantinha os olhos baixos.

Bom, salvo pelas ocasiões em que olhava para Phury. Que era geralmente quando ele falava ou olhava para Bela.

A voz de Wrath soou dura na cabeceira da mesa.

—A Directrix tem que morrer.

Phury esclareceu a garganta e tomou o prato de manteiga que Bela estava devolvendo.

—Pode considerar isso como... feito, meu Senhor.

Santa merda. Havia Phury...?

—Bem. —Wrath assentiu como se o entendesse perfeitamente e o aprovasse— Quem vai substitui-la?

—A Virgem Escriba perguntou a quem queria em seu lugar. Mas não conheço nenhuma...

—Amalya —disse a Escolhida loira.

Todas as cabeças giraram em sua direção.

—Desculpe? —perguntou Phury— O que foi o que disse?

Ao falar, a voz da Escolhida era adorável soava como campainhas ao vento, doce e melodiosa.

—Se não o ofender, posso sugerir à Escolhida Amalya? É cálida e amável e tem a categoria adequada.

Os olhos amarelos de Phury pousaram sobre a fêmea, mas seu rosto era reservado, como se não estivesse certo do que lhe dizer nem do que fazer com ela.

—Então é a ela a quem quero. Obrigado.

Seus olhos se elevaram para os dele por um instante, com as bochechas tingindo-se de um tom rosa. Mas então Phury afastou o olhar e também o fez ela.

—Todos teremos a noite livre —disse Wrath abruptamente— Precisamos um tempo para nos reagrupar.

No outro lado da mesa Rhage riu burlonamente.

—Não nos obrigará a jogar Monopoly outra vez verdade?

—Sim. —Um gemido coletivo se elevou da Irmandade, um que Wrath ignorou — Logo depois do jantar.

—Tenho algo que fazer —disse V— Voltarei o mais depressa que possa.

—Muito bem, mas então será o sapato ou o cão. Eles sempre jogam primeiro.

—Posso viver com isso.

Fritz entrou com um enorme Alaska assado.

—Gosta de sobremesa? —disse o doggen com um sorriso.

Quando um “sim, por favor” coletivo, encheu a sala, John dobrou o guardanapo e pediu desculpa. Quando Beth assentiu, saiu, dirigindo-se para o túnel que havia debaixo da grande escada principal. A caminhada até o centro de treinamento não levou muito tempo, especialmente agora que seu passo estava se nivelando e estava sentindo mais cômodo com seu corpo.

Quando chegou ao escritório de Tohr, endureceu a si mesmo enquanto olhava a seu redor. O lugar realmente não tinha mudado desde o desaparecimento do irmão. Salvo pelo fato de que a horrível cadeira verde agora estava no estudio de Wrath, todo o resto estava virtualmente igual.

John foi até atrás da mesa e se sentou. Pulverizados por toda a superfície havia papéis e arquivos, alguns marcados com post-it nos quais Z tinha escrito coisas a sua pausada maneira.

John pôs as mãos sobre os braços da cadeira de escritório, as deslizando para trás e para frente.

Odiava a forma em que se sentia nesse momento.

Odiava sentir-se zangado porque V tinha Jane de volta, quando Tohr tinha perdido Wellsie para sempre. Exceto que, não era justo. E não só pelo Tohr. John teria gostado de ter o fantasma de Wellsie em sua vida. Teria gostado que a única mãe que conheceu em sua vida estivesse ali.

Salvo que Vishous era o que tinha obtido a bênção.

E também Rhage. Com Mary.

Que merda os fazia tão especiais?

Pôs a cabeça entre as mãos, sentindo-se o pior tipo de pessoa. Invejar a felicidade e a sorte de alguém era algo horrível, especialmente se os amava. Mas era tão condenadamente difícil sentir saudades tão terrivelmente de Tohr e chorar por Wellsie e...

—Hei.

John levantou a vista. Z estava de pé no escritório, embora só Deus soubesse como as tinha arrumado para não fazer nem um som ao sair do armário.

—Em que está pensando John?

Nada.

—Quer tentá-lo de novo?

John negou com a cabeça e baixou a vista. Ociosamente notou que a pasta de Lash estava em cima de uma pilha, e pensou no tipo. Homem, ambos percorriam um rumo destinado a colidir. O único assunto por determinar era o momento.

—Sabe —disse Z— estava acostumado a me perguntar porque eu em vez de Phury.

John levantou a vista e franziu o cenho.

—Sim, perguntava-me por que tinham raptado a mim, acabando onde terminei. Não fui o único. Phury ainda se atormenta com o fato que fosse eu e não ele. —Z cruzou os braços sobre o peito— O problema é que, ficar preso em algo ocorre a uma pessoa e não a outra nunca leva a nenhuma parte.

Desejo Wellsie de volta.

—Imaginei que por isso tinha ido. —O irmão passou a mão sobre o corte de cabelo raspado— Embora as coisas sejam assim. Acredito que há uma mão que nos guia. Apenas que essa mão nem sempre é gentil. Ou parece justa em determinados momentos. Mas não sei, agora

trato de confiar nela. Quando me espanto, só trato de... merda, suponho que confiar nela. Porque ao final do dia, o que outra coisa se pode fazer? O livre-arbítrio só o leva até certo limite. O raciocínio e o planejamento também. O resto... depende de outra pessoa. Onde terminamos, a quem conheço, o que acontece com as pessoas que amamos... não temos muito controle sobre nada disso.

Mesmo Tohr.

—Todos o fazemos.

Sim, John não era o único que sofria. Devia lembrar isso.

—Então, tenho algo para você. —Z foi até um armário e o abriu— Phury me deu isso ontem. Iamos guardar o para lhe dar em seu aniversário, mas a merda com isso. Precisa-o esta noite.

Z voltou para escritório com um antigo e estragado livro forrado em couro nas mãos. Deixou-o sobre a pilha de papéis, com a grande palma apoiada na capa superior.

—Feliz aniversário, John.

Levantou o braço e John olhou para baixo.

De repente seu coração se deteve.

Estendeu a mão trêmula, e delineou as desgastadas letras que diziam:

DARIUS, FILHO DO MARKLON

Brandamente abriu a capa... Em uma linda e florida caligrafia havia palavras e símbolos além do imaginável, as reflexões de uma vida que tinha sido vivida fazia muito tempo. A escritura de seu pai na Antiga Língua.

Com brutalidade John tirou a mão e cobriu a boca com ela, temendo começar a chorar.

Salvo que quando levantou a vista envergonhado, deu-se conta que estava sozinho.

Z, com sua característica gentil, tinha-lhe permitido conservar o orgulho.

E agora... lhe havendo dado o diario de seu pai... também lhe tinha dado um pouco de alegria.

Depois da primeira refeição, Vishous se desmaterializou para o jardim da Virgem Escriba. Surpreendeu-se um pouco quando lhe concedeu a permissão, considerando como estavam as coisas, mas estava contente de que assim fosse.

Depois de tomar forma, franziu o cenho e deu uma olhada ao seu redor à fonte de mármore branca, a colunata e o portal que levava a área das Escolhidas. Havia algo diferente. Não estava certo do que, mas algo...

—Saudações, Senhor...

Voltou-se. Uma Escolhida estava de pé perto do que sempre tinha assumido que era a porta para os quartos privados da Virgem Escriba. Vestida com essa túnica branca com o cabelo recolhido no alto da cabeça, reconheceu-a como a que tinha ido ver como estava Cormia depois da cerimônia de apresentação.

—Amalya —disse.

Pareceu surpresa de que lembrasse seu nome.

—Sua Graça.

Então ela era a quem Cormia tinha recomendado como Directrix. Tinha sentido. A fêmea certamente parecia agradável.

—Vim para ver a Virgem Escriba —embora se supunha que já soubesse disso.

—Com todo o devido respeito, Senhor, ela não está recebendo no dia de hoje.

— Não recebe a mim ou a ninguém?

— A nenhum visitante. Há alguma mensagem que quisesse que lhe fizesse chegar?

— Voltarei amanhã.

A Escolhida fez uma profunda reverência.

— Com todo o devido respeito, Senhor, acredito que para isso então ainda se encontrará indisposta.

— Por que?

— Eu não pergunto o porque. — Seu tom era um tanto desaprovador. Como se ele tampouco devesse perguntar.

Bom, merda. Que demônios queria lhe dizer exatamente?

— Poderia lhe transmitir... que Vishous, veio lhe dizer...

Quando as palavras lhe falharam, os olhos da Escolhida se transformaram em poços de compaixão.

— Possivelmente, se não for muito atrevimento de minha parte, deveria lhe dizer que seu filho veio a lhe agradecer pelo generoso presente e pelo sacrifício que fez para sua felicidade.

Filho.

Não, não podia ir tão longe. Mesmo tendo recuperado Jane, a etiqueta parecia falsa.

— Somente Vishous. Diga que Vishous veio a lhe agradecer.

À Escolhida se entristeceu e fez outra reverência.

— Como desejar.

Observou a fêmea voltar-se e desaparecer pela pequena e recarregada porta.

Espere um minuto. Havia dito sacrifício? Que sacrifício?

Voltou a olhar a seu redor, concentrando-se na fonte. Abruptamente o som da água lhe pareceu estranho. Quando tinha vindo antes...

Lentamente V virou a cabeça.

A árvore branca, com flores brancas estava vazia. Todos os pássaros cantores se foram.

Isso era o que faltava. Os pássaros da Virgem Escriba já não estavam lá, os ramos das árvores estavam vazias de cor, o ar quieto desprovido das alegres canções.

No relativo silêncio, a solidão do lugar se afundou dentro dele, o som oco da água caindo amplificava o vazio.

OH, Deus. Esse verdadeiramente era um sacrifício.

Tinha renunciado a seu amor em benefício do dele.

Em seu quarto particular, a Virgem Escriba soube o momento exato em que V se foi. Podia sentir sua forma retornando ao mundo exterior.

A Escolhida Amalya, aproximou-se silenciosamente.

— Se não a ofender, desejaria falar.

— Não tem que fazê-lo. Sei o que disse. Me deixe e volte para o santuário.

— Sim, Sua Alteza.

— Obrigada.

A Virgem Escriba esperou até que a Escolhida se retirasse e logo se voltou e olhou através da branca expansão de seu aposento. Os quartos não serviam para nada mais que passear. Como não dormia nem comia, a área do quarto e de refeição eram apenas metros quadrados sobre os que caminhar.

Tudo estava tão silencioso agora.

Flutuou de quarto em quarto, inquieta. Tinha falhado a seu filho de tantas maneiras distintas, e não podia culpá-lo por recusar-se a chamá-la por seu nome. Ainda então sentia dor.

Que se associava com outro.

Com temor olhou para o canto mais afastado de seus aposentos, para o lugar ao que nunca acudia. Ou ao menos, que não tinha ido nos últimos dois séculos.

Tinha falhado a alguém mais, na realidade.

Com o coração oprimido, foi para o canto e desejou que o duplo ferrolho que tinha a porta se abrisse. Com um vaio o selo foi quebrado, e uma fina neblina se transladou flutuando do úmido lugar. Na verdade tinha passado tanto tempo?

A Virgem Escriba entreolhou a forma envolta em sombras que flutuava em suspensão animada sobre o chão.

Sua filha. A irmã gêmea de V. Payne.

Fazia muito tempo que a Virgem Escriba sustentava a idéia de que era melhor e mais seguro para sua filha permanecer repousando dessa forma. Mas agora se sentia insegura. As decisões que tinha tratado de tomar para seu filho tinham terminado de maneira ruim. Talvez acontecesse o mesmo com seu descendente do sexo feminino.

A Virgem Escriba olhou fixamente o rosto de sua filha. Payne não era como outras fêmeas, não o tinha sido desde seu nascimento. Tinha o instinto guerreiro de seu pai e a necessidade de lutar e não se sentia mais feliz passando a vida entretendo-se em jogos com as Escolhidas do que se sentiria satisfeito um leão se o enjaulassem com ratos.

Talvez tivesse chegado o momento de liberar sua filha, como tinha liberado seu filho. Parecia justo. O amparo sem dúvida tinha provado ser uma duvidosa virtude.

Ainda então, odiava deixá-la ir. Especialmente dado que não havia razões para esperar que sua filha lhe tivesse um amor maior do que lhe tinha demonstrado seu filho. Assim, perderia aos dois.

Enquanto lutava sob o peso de seus pensamentos, seu instinto lhe sugeriu que saísse ao pátio a ser consolada por seus pássaros. Entretanto não havia auxílio esperando-a ali. Não havia cantos alegres para acalmá-la.

Por isso a Virgem Escriba permaneceu nos quartos privados, flutuando através do estático e silencioso ar em um interminável passeio ao longo dos quartos vazios. Enquanto passava o tempo, a infinita natureza de sua não existência era como uma capa de agulhas que a cobria, um milhar de pequenas espetadas de dor e tristeza.

Não havia escapamento ou alívio à vista para ela, não havia paz nem bondade nem consolo. Estava como sempre tinha estado. Só no meio do mundo que tinha criado.

CAPÍTULO 54

Jane tinha estado no apartamento de Manny Manello uma ou duas vezes. Embora não muito freqüentemente, quando tinham compartilhado tempo juntos sempre tinha sido no hospital.

Homem, a sério este era um lugar masculino. Verdadeiramente masculino. Se houvesse mais equipamento esportivo pendurando por aí se transformaria em uma loja de artigos esportivos.

Lembrava-lhe um pouco o Pit.

Percorreu a sala de estar olhando os DVDs, os CDs e as revistas. Sim, indubitavelmente se daria bem com Butch e V. Evidentemente tinha uma assinatura por toda a vida da Sports

Illustrated, como eles. E conservava as edições antigas, como eles. E gostava de bebidas alcólicas, embora fosse partidário do Jack⁴⁵, não do Goose nem do Lag.

Enquanto se inclinava, concentrou sua energia para poder levantar o exemplar mais recente de 57 e se deu conta que fazia exatamente um dia que se transformou em fantasma. Tinham passado vinte e quatro horas desde que tinha aparecido junto com a Virgem Escriba no quarto de V.

As coisas estavam funcionando. O sexo como membro dos não mortos era tão bom como tinha sido enquanto estava viva. De fato, ela e V se encontrariam no apartamento de cobertura no final dessa tarde. Queria que “trabalhasse sobre ele”, conforme disse com os olhos brilhando de antecipação... e ela estava mais que disposta a consentir a seu homem.

Ab-sou-lu-ta-men-te.

Jane deixou a revista e passeou um pouco mais, logo ficou esperando junto a uma das janelas.

Isto ia ser difícil. Dizer adeus era duro.

Ela e V tinham falado de como conduzir sua partida do mundo humano. O acidente de carro que tinha encenado proveria uma explicação a seu desaparecimento. Certo, seu corpo nunca seria encontrado, mas a área onde tinha deixado o Audi era mastreada e montanhosa. Com sorte a polícia, depois de que se fizesse a investigação, simplesmente fecharia o expediente, já que não havia conseqüências materiais. Nunca ia retornar. Então não importava.

No que dizia respeito a seus pertences, o único objeto de valor que tinha no apartamento era a foto dela e Hannah. V tinha retornado e tinha recuperado a fotografia para ela. O resto de suas coisas eventualmente seriam vendidas pelo advogado que tinha nomeado executor de seu patrimônio em seu último testamento feito dois anos atrás. Os lucros seriam doadas ao St. Francis.

Lamentava pelos livros, mas V lhe havia dito que lhe compraria novos. E embora não fosse exatamente o mesmo, tinha fé que com o tempo se sentiria conectada a eles.

Manny era o único assunto sem terminar...

Ouviu o som da chave na fechadura, logo a porta se abriu.

Quando Manny entrou deixando cair uma bolsa Nike e dirigindo-se à cozinha, Jane deu um passo atrás entrando nas sombras.

Parecia exausto. E desolado.

Seu primeiro impulso foi aproximar-se dele, mas sabia que o melhor curso de ação era esperar que fosse dormir... que era o motivo pelo qual tinha vindo tão tarde, esperando que já estivesse na cama. Embora claramente, estivesse trabalhando até não se poder manter de pé.

Quando saiu ao vestíbulo tinha um copo com algo de água no interior. Fez uma pausa, olhou em sua direção com o cenho franzido... mas logo seguiu caminhando para seu quarto.

Ouviu a ducha. Pisadas. Logo uma maldição em voz baixa, como se se estivesse estirando na cama, mas estivesse contracturado.

Esperou e esperou... logo finalmente desceu pelo corredor.

Manny estava na cama, com uma toalha ao redor dos quadris e os olhos fixos no teto.

O homem não ia dormir logo.

Saiu à luz que projetava do abajur do vestidor.

—Hei.

Sua cabeça se virou bruscamente para ela, logo se sentou de um salto.

—O que...?

—Está sonhando.

⁴⁵ Jack Daniels marca de whisky

—Estou-o?

—Sim, quero dizer, os fantasmas não existem.

Esfregou o rosto.

—Isto parece real.

—É obvio que sim. Os sonhos parecem assim. —abraçou a si mesma— Queria que soubesse que estou bem. Realmente estou. Estou bem e feliz onde estou.

Não havia razão para mencionar que continuava estando em Caldwell.

—Jane... —sua voz se quebrou.

—Sei. Sentiria-me da mesma maneira se seu tivesse... sido afastado de você.

—Não posso acreditar que esteja morta. Não posso acreditar que você... —começou a piscar rapidamente.

—Escuta, está bem. Prometo-lhe isso. A vida... bom, termina bem, realmente faz isso. Quero dizer, vi minha irmã. A meus pais. Alguns pacientes que perdi. Ainda estão pelos arredores, somente não estão onde podemos vê-los... quero dizer, onde você pode vê-los. Mas está tudo bem, Manny. Não deveria temer à morte. É apenas uma transição, de verdade.

—Sim, mas já não está aqui. Tenho que viver sem você.

Doeu-lhe o peito pelo tom de sua voz e o fato de que não havia nada que pudesse fazer para aliviar seu sofrimento. E doía porque ela também o tinha perdido.

—Realmente vou sentir saudades —lhe disse.

—Eu também. —voltou a esfregar o rosto— Quero dizer... já sinto saudades. Estou doente por isso. Em algum nível... demônios, pensei que íamos terminar juntos, você e eu. Parecia ser o destino. Merda, foi a única mulher que conheci que era forte como eu. Mas sei... acho que não estava destinado. Os planos dos ratos e os homens e toda essa merda.

—Provavelmente ali fora haja alguém ainda melhor.

—A sim? Me dê seu número de telefone antes de voltar ao paraíso.

Jane sorriu um poquinho, logo ficou séria.

—Não fará nada estúpido, não é?

—Fala de suicídio? Não. Mas não posso prometer que não me embebedarei até ficar atordoado umas quantas vezes nos próximos meses.

—Só faze-o em particular. Tem uma reputação de filho da puta que manter.

Sorriu um pouco.

—Que pensará o departamento.

—Exato. —Houve um momento de silêncio— Será melhor que vá.

Olhou-a fixamente através do quarto.

—Deus, parece como se realmente estivesse aqui.

—Não estou. Isto é apenas um sonho. —deixou-se desvanecer lentamente enquanto as lágrimas lhe corriam pelo rosto— Adeus, Manny, meu querido amigo.

Ele levantou a mão e falou através do que obviamente era uma garganta estrangulada.

—Vêem ver-me alguma vez.

—Talvez.

—Por favor.

—Veremos.

Era engraçado, pensou, enquanto se evaporava, tinha a estranha sensação de que o veria outra vez.

Sim, era estranho. Como à visão do acidente de carro e o pressentimento que tinha tido de que já não ia retornar ao St. Francis, sabia que seu caminho e o do Manny Manello voltariam a cruzar-se.

O pensamento a aliviou. Odiava deixá-lo para trás. Realmente odiava.

EPÍLOGO

Uma semana depois...

Vishous pegou o chocolate quente da cozinha e apagou o fogo. Enquanto vertia o cacau em uma taça, escutou um uivo e um:

—OH, Meu Deus!

Do outro lado da cozinha da mansão viu Rhage parado em parte dentro de Jane, como se fosse uma piscina em que se queria colocar. Os dois se afastaram de repente bem quando Vishous despia os dentes e grunhia a seu irmão.

Rhage elevou as mãos.

— Não a vi! Juro-lhe isso!

Jane riu.

— Não é culpa dele. Não estava concentrada, então que me desvaneci...

V a interrompeu.

— Rhage vai ser mais cuidadoso, não é, irmão?

Implicando que ou macho o seria, ou terminaria em cadeira de rodas.

— Sim, absolutamente. Merda.

— Eu adoro que o veja da minha maneira. — Vishous elevou a xícara, a levou a Jane, e a ofereceu. Enquanto soprava a superfície, beijou-a no pescoço. Então mordiscou um pouco.

Para ele era como sempre a havia sentido, mas para outros era algo de uma espécie diferente. Usava roupas, mas se não se mantinha sólida e alguém se chocava contra ela, as roupas se comprimiam como se não houvesse nada dentro delas, e a pessoa que estava em seu caminho basicamente andava através dela.

Era um pouco estranho. Além disso, se ocorria que fosse um de seus irmãos, o territorialismo de V disparava. Embora, a questão fosse que esta era a nova realidade, então todo mundo tinha que dirigi-la. Ele e Jane estavam fazendo a transição a sua nova situação, e nem sempre era fácil.

Mas a quem importava? Tinham um ao outro.

— Então hoje vai a Lugar Seguro? — perguntou.

— Sim, é meu primeiro dia em meu novo trabalho. Não posso esperar! — brilharam os olhos de Jane — Depois voltarei aqui para fazer o pedido do equipamento para minha clínica. Decidi pegar dois doggen e adestrá-los como enfermeiras. Acredito que é o melhor que se pode fazer pela segurança...

Enquanto Jane falava sobre os planos para a clínica da Irmandade e o que ia fazer por Lugar Seguro, V começou a sorrir.

— O que? — disse. Olhou-se, esfregou o casaco branco, depois olhou atrás dela.

—Vêm aqui, mulher. —Aproximou-a contra ele e baixou a cabeça— mencionei ultimamente o quão sexy que é seu cérebro?

—Estava mais interessado em outra coisa esta tarde, então não.

Riu ante seu irônico sorriso.

—Estava um pouco preocupado, ou não?

—Mmm, sim.

—Vou passar por Lugar Seguro depois, OK?

—Bem. Acredito que Marissa tem um problema com a rede sobre o que quer falar contigo.

Sem sequer ser consciente de fazê-lo, atraiu-a para perto e simplesmente a abraçou. Isto era exatamente o que tinha querido, esta compenetração de vidas, esta proximidade, este propósito comum. Os dois, juntos.

—Está bem? —disse brandamente para que ninguém mais pudesse ouvi-la.

—Sim. Sim, estou bem. —Pôs a boca próxima a sua orelha—. É só que... não estou acostumado a isto.

—Acostumado a que?

—A sentir... merda, não sei. —afastou-se, sentindo saudades, de seu comportamento meloso— Não importa...

—Não pode se acostumar a se sentir como se as coisas estivessem bem?

Assentiu porque não confiava em sua voz.

Pôs a mão sobre seu rosto.

—Acostume-se. E eu também.

—Senhor? Desculpe?

V olhou para Fritz.

—Hei, homem, o que acontece?

O doggen fez uma reverência.

—Tenho o que pediu. Deixei-o no vestíbulo.

—Excelente. Obrigado. —Beijou Jane— Então vejo você depois?

—Absolutamente.

Pôde sentir seus olhos sobre ele enquanto ia, e gostou. Gostava de tudo. Ele...

Bom, merda. Estava simplesmente cheio da alegria da primavera, certo?

Ao entrar no vestíbulo, encontrou o que Fritz tinha deixado na mesa ao pé da grande escada. No início não estava muito seguro de como dirigir a coisa... não queria rompê-lo. No final o sustentou brandamente nas mãos e entrou na biblioteca. Fechou as portas com a mente e enviou uma solicitude ao Outro Lado.

Sim, de acordo, não estava seguindo a etiqueta com o traje, mas estava um pouco preocupado com o que tinha nas mãos.

Quando a permissão foi concedida, se desmaterializou para o jardim da Virgem Escriba e foi saudado pela mesma Escolhida da última vez que tinha estado lá. Amalya começou a inclinar-se mas olhou para cima quando um som de gorjeio saiu das mãos cuidadosamente cavadas.

—O que trouxeste? —sussurrou.

—Um pequeno presente. Não muito. —aproximou-se da árvore branca com pétalas brancas e abriu as mãos. O periquito saltou livre e aterrisou em um ramo como se soubesse que este era seu lar agora.

O pássaro amarelo brilhante caminhou de acima a abaixo pelo braço pálido da árvore, suas pequenas patas segurando-se e soltando-se. Bicou uma pétala, soltou um gorjeio... elevou uma pata e arranhou seu pescoço.

V colocou as mãos nos quadris e calculou quanto espaço havia entre todas as pétalas de tudo os ramos. Ia ter que trazer uma grande quantidade de pássaros.

A voz da Escolhida estava cheia de emoção.

— Renunciou a eles por você.

— Sim. E eu lhe trarei uns novos.

— Mas o sacrifício...

— Foi feito. O que acontece nesta árvore é um presente. — Olhou sobre o ombro — A vou encher goste ou não. É sua escolha o que faça com eles.

Os olhos da Escolhida brilharam com gratidão.

— Ficar. E impedirão que se sinta solitária.

V tomou um profundo fôlego.

— Sim. Bem. Porque...

Deixou que a palavra se perdesse e a Escolhida disse brandamente.

— Não tem que dizê-lo.

Esclareceu a garganta.

— Então lhe dirá que são meus?

— Não terei que fazê-lo. Quem mais salvo seu filho faria algo tão amável?

Vishous olhou novamente o solitário pássaro amarelo no meio da árvore branca. Imaginou os ramos cheios de novo.

— Certo — disse.

Sem outra palavra se desmaterializou de volta à vida que lhe tinha sido dada, a vida que estava começando... a vida em que agora, e pela primeira vez, estava agradecido de ter.

FIM

	Projeto Revisoras Traduções Grupo Romances Traduzidos http://br.groups.yahoo.com/group/romancestraduzidos/ Comunidade Romances S.A. http://www.orkut.com.br/Main?pli=1#Community.aspx?cmm=80221161
---	--